NO LONGER LIVE THE KING



THE PLATED PRISONER SERIES

RAVEN KENNEDY

GLOW

“Eu não era nada além de um caminho para Midas. Um meio de chegar aonde ele queria ir, e eu pavimentei esse caminho com ouro.”

Minha vida tem sido feita de mentiras douradas. Mas a morte foi moldada a partir da podridão.

Como uma fênix pegando fogo, precisarei me levantar das cinzas e aprender a exercer meu próprio poder. Porque minhas asas podem ter sido cortadas, mas eu não estou em uma gaiola, e finalmente estou livre para voar dos reinos congelados em que fui mantida.

Essa é a coisa quando você se volta contra um rei – todos os outros se voltam contra você.

Ainda bem que tenho um rei diferente ao meu lado.

Mas mesmo com a ameaça sombria de Slade Ravinger, os outros monarcas estão vindo para mim.

Então eu vou lutar por ele e ele vai matar por mim, e se precisarmos nos tornar os vilões, então que assim seja.

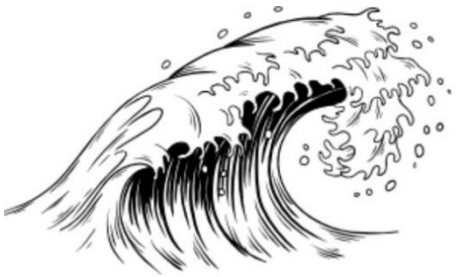
Porque enquanto eu viver neste mundo, eu não serei usada novamente.

SOBRE O LIVRO

Observação: este livro contém conteúdo explícito e elementos sombrios que podem ser desencadeantes para alguns. Inclui romance explícito, linguagem madura, violência, morte, abuso físico e emocional, trauma passado e o processo de recuperação da manipulação emocional e física. Não se destina a menores de 18 anos. Este é o quarto livro de uma série.

Para aqueles que andam com seus próprios pés, apesar de seus tropeços.

CAPÍTULO 1



Rainha Kaila

O ar está cheio de gritos.

Toda a frente do Castelo de Ranhold é uma praia de pessoas jogadas no pátio. Eles refluem e fluem, gritos espumosos fazendo ondas enquanto ondulam em uma multidão rasa.

Atrás de mim, os guardas de Ranhold estão tentando empurrar os súditos pelo portão, com um comando frenético que mal corta o caos. Metade das pessoas está tentando voltar para ver o que está acontecendo, a outra metade fugindo para salvar suas vidas.

Manu e meus guardas nos levaram para fora, mas por pouco. Meu batimento cardíaco é um martelo, e a respiração que estou sugando é tão rápida quanto a adrenalina bombeando em minhas veias. É o tipo de vulnerabilidade atormentada que faz com que eu não me sinta melhor do que um animal encurralado. Aquele que está congelado na neve, incapaz de se mover. E, no entanto, o que realmente me mantém imóvel são os sons vindos do castelo. Salteando. Gotejamento. Estrondo. Esmagador. Mais gritos.

Outro estalo agudo de gritos irrompe quando o ouro líquido de repente irrompe pelas portas da frente. Todos recuam, corpos ofegantes pegos na onda de pânico, empurrando a massa atrás deles enquanto tentam se afastar.

Manu e Keon estão na minha frente, de frente para o Castelo Ranhold, e ambos me empurram para trás protetoramente enquanto nossos guardas nos cercam. Nem todos os meus guardas conseguiram escapar, mas não quis olhar em volta para ver quantos perdi.

O ouro jorra da porta e se enrola nas paredes do castelo, jorrando pelos degraus da frente. Como mãos estendidas, quase agarra um homem, mas ele é puxado para fora do caminho por alguns guardas no último segundo.

O metal líquido cai de seu alcance malsucedido como uma criança petulante batendo os punhos contra o chão e enviando respingos voando. Cortes manchados de ouro riscam os degraus cobertos de neve, estragando a pedra. Mais pinga como sangue do peitoril da janela, manchando o vidro e espiando pelas molduras.

Estamos cercados pelas paredes externas iluminadas por lanternas do castelo, e mesmo que isso deva nos fazer sentir protegidos, isso apenas mantém todos presos aqui juntos. Estou prestes a sugerir ao meu irmão que fujamos caso o ouro continue vazando e fiquemos presos com a multidão, mas outro estrondo alto acontece em algum lugar lá dentro, me interrompendo.

Meus olhos se movem freneticamente entre as formas de meu irmão e de Keon, imaginando o que mais dentro foi destruído, quem mais foi morto. Mas então, como se aquele último barulho fosse um sinal para o fim, o ouro que está segurando as paredes da frente de repente para de brilhar, para de ondular.

Ele endurece no lugar enquanto o castelo fica subitamente quieto.

Os gritos da multidão também cessam, todos esperando com a respiração suspensa para ver se realmente acabou. Não tenho certeza de quanto tempo ficamos parados ali, observando e ouvindo, mas as manchas de ouro ao longo da pedra congelada e acinzentada não estão mais se movendo e, apesar das tochas apagando a luz do fogo, tudo parece mais escuro. Mais frio.

O movimento e os sons podem ter cessado, mas essas coisas ganham vida dentro de mim. Meu corpo começa a tremer, minha mente é um funil de pensamentos barulhentos girando.

O que no Divino acabou de acontecer?

Meus sapatos estão encharcados enquanto estou aqui na neve, minha pele endurecida pelo terrível ar gelado da noite. Eu não deveria estar aqui fora com este vestido. Eu deveria estar no salão agora. Eu deveria estar comemorando meu anúncio de noivado e fazendo planos para que meu controle agora se espalhe para o Sexto Reino.

No mínimo, eu deveria estar mais quente.

Quando olho para baixo, vejo manchas douradas salpicadas em meu vestido azul-escuro em uma mistura de pontos brilhantes. Não ouso passar o dedo sobre ele. Não depois do que vi naquele salão de baile.

“Parou?” Eu pergunto.

A questão é excessivamente simplificada para o que acabou de acontecer lá. Parou? O ouro frenético que acabou de subir com um motivo furioso. Eu já sei que minha mente vai ficar presa com a memória de hoje à noite por um longo tempo, que eu vou repetir isso de novo e de novo.

Não poderei apagar o modo como o ouro se moveu com violenta precisão. Como escorria pelas paredes. Como se acumulava no chão. Como espirrou, esfaqueou e consumiu.

“Parou?” Eu pergunto de novo, minha voz mais estridente do que eu já ouvi.

Nunca estive tão perto de um perigo mortal antes, e meu corpo sabe disso. É por isso que meu pulso ainda está acelerado, porque o ritmo está martelando em meus ouvidos.

Porque não consigo parar de tremer.

“Acho que sim,” Manu finalmente responde enquanto se vira.

Seu marido ainda vigia o castelo, como se não confiasse em tirar os olhos dele. Como se esperasse que a violência do metal líquido voltasse à vida.

"Maldito Divino," eu o ouço dizer baixinho.

Talvez sua maldição murmurada tenha puxado a rolha da multidão engarrafada, porque uma enxurrada de vozes começa a se espalhar pelo pátio. Automaticamente, meu poder se espalha, puxando suas palavras para mim. Minha magia desce, pegando o que eles estão dizendo e amarrando-os em minha mente.

"*O que aconteceu?*"

"*Este é o toque de ouro do Rei Midas.*"

"Onde está o Rei Midas? Onde está o Rei Podridão?"

"Nosso príncipe está morto."

"Midas fez isso de propósito?"

"Mas o que houve?"

As palavras fluem de suas bocas para meus ouvidos, onde se juntam como fios em uma teia para eu tecer. No entanto, logo, nem preciso do meu poder para ouvi-los, porque a multidão começa a gritar, exigindo respostas em gritos frenéticos altos o suficiente para todos.

"Merda," Manu sussurra, virando-se para mim. "Talvez você deva..."

Alguém de repente grita: "Eu sei o que aconteceu!"

Todos os olhos se voltam para a mulher, que cambaleia para a frente. Ela aponta um dedo trêmulo para as portas, ouro sangrando de suas profundezas como uma ferida aberta.

"Isso não foi obra do Rei Midas!" ela cospe, uma longa cortina de cabelo preto caindo em suas costas, seu vestido parecendo que parte dele derreteu. "Era seu animal de estimação tocada em ouro! Ela roubou a magia dele!"

Eu recuo em surpresa, suas palavras emaranhadas na minha cabeça.

“Quem é aquela?” Manu murmura.

Um homem da multidão avança. “Do que você está falando, mulher?”

Ela se endireita, lançando um olhar orgulhoso para a multidão. “Eu sou uma das selas reais do Rei Midas, e posso dizer a todos vocês agora que tudo isso foi por causa de Auren. Ela fez isso! A prostituta dourada roubou sua magia quando ele a tocou com ouro, e ela descobriu que poderia usar isso para si mesma. Ela mentiu para ele e agora o atacou. Eu vi com meus próprios olhos quando estava saindo!”

O choque corta como um remo na arrebentação.

“Que porra é essa?” Manu sibila baixinho quando se vira para mim.

Quando a mulher coloca a mão na barriga, me ocorre quem é exatamente.

Mist. A sela que Midas engravidou.

Conforme suas palavras afundam, eu começo a balançar minha cabeça em negação no início, e ainda assim, deve ser verdade, porque o que eu vi naquela sala... Era como se o ouro não estivesse sob o controle de Midas, como se outra pessoa estivesse fazendo isso...

Como não descobri esse segredo antes?

“Olha!” alguém grita. “Asa de madeiras! Alguém está fugindo com Asas de madeiras!”

“É ela! A assassina dourada!”

Minha cabeça se inclina na direção do homem que falou, meu olhar seguindo para onde ele está apontando. Eu só tenho uma fração de segundo antes que a visão seja engolida pela escuridão da noite, um flash de penas e garras desaparecendo nas nuvens.

Aquele era o Rei Podridão com Lady Auren?

“Eu te disse!” Mist clama. “Ela é uma enganadora. Uma fraude. Ela seduziu Midas e tomou seu poder, e agora ela vai fazer o mesmo com o Rei Podridão!”

Um crescente de vozes surge e, em instantes, o boato é apanhado em uma corrente forte demais para parar.

Como diabos eu poderia ter perdido algo assim? Como eu poderia não saber?

"Você está tremendo," diz meu irmão, arrancando-me dos meus pensamentos. Seu olhar lança sobre meu ombro. "Sua rainha está com frio. Encontre algo para ela."

Há um barulho atrás de mim e então o peso de uma capa sendo colocada sobre meus ombros. "Aqui está, Rainha Kaila."

Meus dedos seguram a frente da capa, puxando-a com força em volta do meu peito, embora não faça nada para afastar o frio, porque se infiltrou até os meus ossos. Preciso estar de volta no Terceiro, caminhando pela praia no auge do dia para sentir algum tipo de calor novamente depois de ficar presa aqui por tanto tempo.

No entanto, ainda não posso ir para casa. Não quando tudo pelo que trabalhei tanto está caindo por entre meus dedos. Posso sentir os olhos da multidão olhando para mim, esperando para ver o que farei.

"Manu, peça para alguém confirmar que Ravinger acabou de fugir com Lady Auren."

Meu irmão acena com a cabeça ao meu comando antes de sair da minha linha de visão, onde eu o ouço dando ordens a alguém. Eu olho ao redor do pátio, notando que apenas os guardas de Ranhold estão reunidos do lado de fora. Nem um único guarda de Midas. Nem um pouco de armadura folheada a ouro à vista.

"Keon," eu chamo, e ele imediatamente se vira para mim. "Faça com que alguns dos guardas de Ranhold entrem e confirmem que o perigo passou. Veja se eles podem encontrar Midas e se ele precisa de ajuda."

Ele se afasta com um aceno de cabeça, apontando para um par de guardas do Quinto parados ao redor de um respingo de ouro na neve, chutando a poça de solidificação cautelosamente.

Enquanto continuo olhando para o castelo, o vento aumenta, lama vitrificada começando a cuspir do céu, como se já não fosse miserável o suficiente aqui fora.

Três dos soldados de Ranhold se afastam, avançando com rostos sombrios enquanto se dirigem para a porta quebrada. O primeiro estende as mãos para os outros, depois se ajoelha ao primeiro respingo do ouro derramado que jaz imóvel nos degraus.

Ele pressiona o dedo contra ela, e quando não faz nada, ele se levanta novamente, acenando para os outros. Juntos, eles caminham até a porta, botas estalando sobre o ouro solidificado antes de desaparecerem lá dentro.

Nós esperamos.

A multidão ainda reunida no pátio voltou a ficar quieta, a ansiedade da espera parecendo entupir suas gargantas.

Apesar dos meus próprios pensamentos conflitantes, eu ando até a frente do castelo, parando para encarar todos enquanto coloco uma atitude calma, mas forte. O príncipe deles está morto, Rot fugiu e Midas não está aqui, então sou eu quem precisa cuidar deles, e é importante que eu cultive isso. Agora, eu preciso ser vista.

“Não temam,” eu anuncio. “O perigo acabou e eu vou descobrir se o que foi dito é verdade.”

As pessoas murmuram, meus poderes reunindo o alívio sussurrado, a admiração, o respeito que eles têm por mim.

“Muito bem, irmã,” Manu diz baixinho.

Quando um dos guardas reaparece, aceno para Keon ir buscar seu relatório. Meu cunhado se aproxima, com uma expressão estoica antes de dispensar o homem, mas meus olhos examinam a multidão, a magia captando seus murmúrios.

Eu quebro minha magia quando Keon se aproxima.

“Então?” Manu pergunta nervosamente.

“Todo o ouro parece ter parado de se mover e está solidificado,” diz ele baixinho, mantendo a voz baixa.

“E Midas?” Eu pressiono.

Seus olhos castanhos se concentram em mim. “Eles acreditam que ele está morto.”

Eu chupo uma respiração chocada. Ela fica preso na minha garganta, assim como as próprias palavras tecem na minha cabeça, envolvendo meu crânio em fios de armadilha.

Morto.

Meus lábios se apertam e sinto meus olhos esculpindo a face do castelo. Todo o meu trabalho duro... todo esse tempo que gastei em minhas maquinações, e agora isso.

O Rei Midas não fará nada por mim se estiver morto.

Eu vim aqui para negociar acordos, para exercer meus próprios desejos por meio de um príncipe impressionável e um rei rico. As coisas mudaram, mas foram para melhor. Eu tinha um plano. Eu seria a primeira monarca da história a unir dois reinos por meio do casamento, enquanto participava de um terceiro.

Porque o poder é tudo, e embora eu não tenha uma magia física como toque de ouro ou podridão, eu tenho palavras, e uma rainha pode fazer muito com uma teia cheia de segredos das pessoas.

Tenho trabalhado incessantemente desde que assumi meu trono para garantir que meu povo me veja como uma ameaça de poder tanto quanto qualquer outro monarca. Isso teria se solidificado ainda mais com essas alianças. Agora, tudo isso está desmoronando.

Tudo por causa de Lady Auren. Lady. Como se um animal de estimação justificasse o termo.

Raiva e medo se chocam dentro da minha cabeça, embora eu não deixe transparecer. Não quando tantas pessoas estão assistindo. Como uma mulher no poder, você nunca pode deixar as pessoas verem suas verdadeiras reações emocionais porque elas só as usariam contra você.

“Eu quero ver.”

Antes que qualquer um deles possa me impedir, caminho em direção ao castelo, os dedos dos pés congelados enquanto mais neve satura meus chinelos de seda.

“Irmã,” Manu chama, mas eu não paro. Eu ouço passos apressados quando ele e Keon me alcançam pouco antes de eu subir os degraus.

“Pelo menos deixe-me ir primeiro,” diz Keon enquanto corta abruptamente na frente para que ele possa andar antes de mim.

“Tenha cuidado,” adverte Manu.

Com um aceno rápido, Keon sobe os degraus e, assim que o faz, sigo atrás dele. “Kaila,” Manu sussurra ao meu lado. “Só porque está estável agora não significa que vai ficar assim. Não sabemos o quão volátil é.”

“Está solidificado,” eu digo, os sapatos raspando contra o ouro liso pouco antes de chegarmos ao degrau mais alto. As portas estão penduradas nas dobradiças como dentes soltos e tortos.

“Também estava solidificado antes,” ele retruca. “E veja o que aconteceu com isso.”

“Procurar para ver o que aconteceu é exatamente minha intenção.”

Eu o ouço suspirar enquanto ando pela porta, mas meus passos diminuem assim que entro. As chamas das arandelas de parede estão piscando erraticamente, como se também estivessem sobressaltadas, ainda se recuperando do ataque.

O hall de entrada ecoa com nossos passos enquanto Manu e eu seguimos alguns passos atrás de Keon até chegarmos ao salão de baile. Nós três paramos de repente quando passamos pela porta.

Eu pisco para a escuridão que se instalou na sala. Na escuridão e no ouro dentro que brilha em um aviso sombreado. Antes, as chamas dos lustres e arandelas iluminavam todo o espaço, rivalizando com a luz do dia. Mas agora, tudo foi lançado na sombra. A única luz vem dos fornos de ferro ainda queimando nos cantos, sua presença só agora visível porque o salão de baile está vazio. Esta sala nem

remotamente parece a mesma. É como se todo o espaço fosse feito de cera e alguém segurasse uma vela acesa.

As paredes parecem meio derretidas, ouro congelado em seu gotejamento. O teto também tem cordas lançadas como pingentes de gelo, pontas apontadas para nós com um propósito afiado. Os pilares folheados estão nus de seu dourado, cada pedacinho de adorno dourado derretido.

O chão é uma bagunça ondulada, irregular em algumas áreas, elevado com formas imóveis que me fazem estremecer. Uma mão visível estendendo-se, congelada no lugar. Uma protuberância dourada de um corpo enrolado ao lado da plataforma elevada. Uma onda congelada pegou abaixo do mezanino, como se a varanda tivesse derretido e espirrado no chão abaixo, onde posso ver a perna de alguém saindo.

“Deuses...”

A declaração sussurrada de Manu me estimula de volta ao movimento. Meus passos me levam pelo salão de baile, olhar cauteloso, saltando de um ponto de ouro para o outro. No entanto, à medida que me aproximo, um gemido horrível vem das paredes. O chão. O teto. Como uma velha casa com rachaduras e rangidos, só que isso é muito pior. É estranho. Como o ouro é um fantasma, lamentando nossa presença, ameaçando assombrar.

Eu fico imóvel, pulso disparando ainda mais do que antes. Ao meu lado, Manu segura meu braço. “Kaila, devemos sair daqui.”

O gemido diminui como um suspiro, a sala ficando silenciosa e imóvel mais uma vez.

Ignorando o toque do meu irmão, continuo em minha busca. “Eu quero ver.”

Keon aponta para a frente e diz: “Ali.”

Assim que coloco os olhos no que ele apontou, meus pés me levam para frente, até o outro lado. Para o ponto bulboso agora estragando o espaço da parede.

“Grande Divino...”

É ele.

Sua coroa está faltando em sua cabeça. Talvez derretida no ouro que agora o envolve. Ele parece estar sendo derretido na própria parede, como se estivesse tentando sugá-lo para suas profundezas e engoli-lo inteiro. Seu rosto agonizante está em exibição. Olhos arregalados com choque e medo.

O rei Midas agora não passa de um cadáver envolto em uma tumba de ouro.

O ouro geme novamente, como se reclamasse sua reivindicação.

“Não…”

Nós giramos ao ouvir a voz da mulher para encontrar Mist tropeçando para frente, olhando para Midas com horror. “Meu rei…” Ela cai de joelhos, segurando a barriga, o quarto tingido e demolido carregando o eco de seus gritos. “Ela fez isso. Ela fez isso com ele.”

“Mas como?” Keon murmura enquanto a vemos soluçar. “Como isso é possível?”

Eu penso em cada interação, em tudo que me contaram. Eu encaro o rosto de Midas enquanto penso. Como eu ouço. Folheando fios de velhas teias que coletei, palavras balançando para frente e para trás em minha mente.

Os monarcas guardam segredo sobre sua magia. É estratégico. Saber quando mostrar sua mão e saber quando escondê-la. Em alguns casos, é melhor fazer com que as pessoas o subestimem. Em outros, os monarcas são conhecidos por mostrar poder suficiente para fazer com que todos o reverenciem ou o temam. Às vezes, ambos.

Midas dourou a mesa de jantar, foi a primeira vez que a vi com meus próprios olhos. Ele também deu um toque de ouro a todo o salão de baile para a celebração desta noite. Dois óculos perfeitos.

No entanto, esta noite, seu ouro se comportou como se ele não estivesse no controle dele. Porque ele não estava.

O poder do toque de ouro era real, não há dúvida sobre isso. E ele nunca tocou em ouro outra pessoa viva, além de Auren.

Deve ser por isso.

Achei que seu maior segredo era que ela estava dormindo com um comandante do exército inimigo. Eu pensei que a favorita com toque de ouro era apenas isso, uma sela real favorita para ele montar.

Eu estava errada nas duas contas.

Eu detesto estar errada.

Midas a transformou em algo ostentoso, um prêmio berrante para ostentar. Os homens sempre têm suas fixações, especialmente quando se trata de mulheres. Seu entusiasmo por suas obsessões sempre cruza a linha entre a paixão e o ódio. Um movimento simples, e o mestre vai transformar seu lindo animal de estimação.

Mas talvez neste caso... o animal de estimação foi quem se voltou contra seu mestre.

O medo em minha mente cava em minha barriga. Se ela pode realmente roubar poderes, então e se ela tentar roubar os meus? E se ela conseguisse?

Meus dentes estalam e rangem. Em vez de entrar em pânico, preciso descobrir como posso tecer as coisas a meu favor. Porque se Lady Auren tentar roubar o que é meu, vou arruiná-la.

Ver o metal endurecido é o que solidifica meus próprios pensamentos giratórios. Midas está envolto em ouro como se tivesse sido fundido em um molde, pronto para ser arrancado e afiado por um ferreiro.

Achei que ele era inútil para mim morto, mas talvez não. Talvez tudo que eu tenha que fazer seja usar o que ele foi forjado.

Uma arma.

“Quando ele a tocou com ouro, um pouco de seu poder deve ter se transferido para ela,” eu digo baixinho. “Ele não gostaria que ninguém soubesse disso.”

Midas era reservado sobre tudo, mas isso? Esta é uma camada totalmente diferente de segredos perigosos. É por isso que ele a manteve por perto? Por que ele a treinou para assumir os poderes dos outros para usar a seu favor?

“Isso não é bom,” diz Keon.

“Kaila,” meu irmão começa. “E se não fosse um acaso? E se for a magia dela? Ser capaz de assumir a magia dos outros se eles a usarem nela? Você fez...?”

“Eu fiz,” eu digo com um aceno de cabeça afiado, uma nova raiva brotando através de mim.

“E se ela roubar seu poder?”

Não gosto de ouvir minha própria preocupação em voz alta. Meus joelhos travam juntos, a língua pressionando contra os dentes cerrados. Meu olhar em Midas muda para meu reflexo borrado brilhando em seu peito dourado.

Não era assim que esta noite deveria ser. Eu não deveria estar em perigo de alguém tomar meu poder e usá-lo contra mim.

“Como vamos usar isso?” Manu diz, porque, como eu, ele cresceu aprendendo a sempre girar todas as instâncias para nossa própria vantagem política. Esta noite não é diferente.

Eu olho ao redor do salão de baile, mas ainda estamos sozinhos além de uma Mist chorosa, que está soluçando em suas mãos. “Nós contamos a verdade às pessoas,” eu digo. “Aquela favorita de Midas virou-se contra ele. Que ela teve um caso com Rei Podridão para deixá-lo com ciúmes. Que ela estava com ciúmes do meu noivado com Midas.”

“Certifique-se de que todos saibam que ela é a vilã.”

Eu concordo. “Toda Orea vai odiá-la.”

“Mas e o Sexto Reino?” Manu pergunta. “Agora, obviamente não haverá casamento.”

“Mas anunciamos publicamente nosso noivado,” respondo. “Vai ser difícil, mas se eu jogar direito, ainda posso pressionar pelo controle.”

“As pessoas ainda estão se revoltando,” diz Keon. “Além disso, eles assassinaram sua antiga rainha. O que faz você pensar que eles vão aceitá-la com Midas morto e sem cerimônia de casamento?”

Eu atiro a ele um sorriso. “Porque eu não sou a Rainha Fria. Eu sou a calorosa, carismática e linda Kaila Ioana. Farei com que me amem como meu próprio povo no Terceiro Reino me ama.”

“Sabemos o quanto Kaila é amada por nosso povo. Ela pode vendê-lo,” meu irmão diz com um aceno de cabeça definitivo.

“Teremos que agir rápido,” diz Keon. “Assim que pudermos, precisaremos visitar o Sexto, fazer algum tipo de cerimônia para honrar a vida de Midas, fazer de você a noiva de luto para que eles simpatizem.”

Se tem uma coisa que eu sei fazer é fazer um reino me amar.

“Eu posso fazer isso.”

Mais gritos agudos e ofegantes atrás de nós me fazem querer cerrar os dentes, e lanço outro olhar para Mist.

Ela ainda terá que ser tratada.

Se vou tentar tomar o Sexto, certamente não posso deixar que seu herdeiro bastardo nasça de seu ventre. Mas isso será um problema para outro dia.

“Haverá muita coisa acontecendo agora,” eu continuo calmamente. “Assim que os outros monarcas descobrirem sobre a capacidade de Lady Auren de roubar o poder, eles vão querer se envolver. Além disso, há a questão do Quinto.”

“Na verdade, tenho uma ideia sobre isso,” diz Manu, e minha atenção se concentra imediatamente.

Meu irmão não é meu conselheiro à toa. Ele tem uma mente brilhante, sabe jogar na sala, sabe ler as pessoas e, acima de tudo, sempre será leal a mim.

“Já que nosso foco agora precisa ser em como proteger o Sexto, bem como cuidar de Lady Auren, a última coisa que queremos é perder todo o trabalho que fizemos para criar um ponto de apoio aqui no Quinto. Então, proponho que imediatamente procuremos os parentes mais próximos de Fulke, porque agora que o príncipe está morto, Ranhold precisa de um herdeiro. Vamos rastrear aqueles que têm poder e filtrar os melhores candidatos. Então escolheremos qual herdeiro ficará com o trono. Nós determinaremos quem assume o poder. E em troca de nosso apoio... eles vão nos apoiar, e somente a nós.”

Eu sorrio. “Você é perfeito, irmão.”

Ele me dá um sorriso combinando.

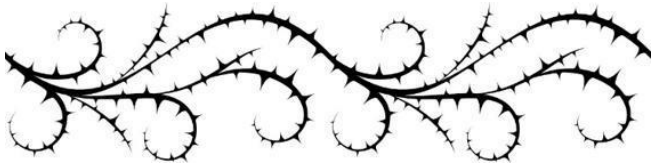
“E se alguém tentar se opor a nós em reivindicar o Sexto ou ter nossa mão na nomeação de um herdeiro do Quinto?” Keon questiona preocupado.

Meu sorriso fica afiado, torcido com crueldade. “Qualquer voz que fale contra mim não terá voz para usar depois disso.”

E se Lady Auren pensa que pode pegar pelo que eu trabalhei, ela vai perceber logo que ela não é a única que sabe como roubar o que ela quer.

Posso não ter toque de ouro e posso não ter podridão, mas as palavras são a arma mais poderosa de todas, e eu as manejarei.

CAPÍTULO 2



Slade

Há uma tempestade dragando o céu, enquanto seguro um corpo sem vida em meus braços.

A tempestade iminente está chegando com dentes arreganhados e congelados para raspar o ar com malícia, sua frigidez aguda batendo em meu rosto enquanto ruge.

Na minha cabeça, estou contando os segundos. Levou sessenta para que meu asa de madeira chegasse até mim, chamado pelo apito estourando entre os dentes cerrados. Mais quarenta para subir nas costas de Argo, para Lu me amarrar enquanto eu segurava Auren em meus braços.

Mais sessenta segundos nos trouxeram aqui, nas garras das nuvens que estão se aproximando. O clima da noite decidiu virar contra mim, os sinais de uma tempestade iminente obstruindo o horizonte como tufos de algodão em um ralo.

O gelo arranha minhas bochechas como unhas afiadas enquanto meu asa de madeira avança. Eu seguro Auren mais perto, mantendo minha capa sobre ela, inclinando seu rosto contra meu peito enquanto meus braços a prendem firmemente ao meu corpo.

Ela está muito fria, muito exposta, muito quieta.

Seu coração não bate, seu peito não sobe, sua pele está pálida. Tudo por minha causa. Por causa do que eu fiz.

Com um rápido olhar por cima do ombro, vejo o Castelo Ranhold abaixo, iluminado com tochas. A face agora foi manchada com um respingo de ouro solidificado e raivoso, irrompendo pela boca das portas e manchando a pedra cinza como magma dourado insípido que ficou inerte antes que pudesse causar mais danos.

Parece que o ouro estava tentando abrir caminho por todo o maldito castelo. Inalá-lo de uma boca implacável e devorá-lo com ira. Como uma barragem cedendo, é o que acontece quando o poder é suprimido por muito tempo, deixado para se acumular, subir, bater contra sua contenção até que as rachaduras se formem e ele possa finalmente se libertar.

Eu me viro e seguro Auren um pouco mais forte.

Eu tenho que me afastar do castelo – do ouro – mas quanto mais longe é a questão. Porque cada segundo que espero a coloca em ainda mais perigo.

Há uma faca de dois gumes, e a vida de Auren está se equilibrando na ponta dela.

Tenho que levá-la o mais longe possível, mas não posso arriscar deixá-la nesse êxtase podre por muito tempo. Sem saber até onde seu poder pode chegar, é um jogo de adivinhação até onde precisamos ir.

Tudo que eu quero fazer é tirar a podridão dela. Seu corpo não aguenta mais esgotamento. Preciso tê-la em terra também, estabelecida e segura, porque quando eu removo meu poder, há uma chance de que ela ainda possa invocar o dela, e não posso permitir que isso aconteça no ar.

Sua aura nada mais é do que uma mecha pálida, como uma névoa moribunda na luz. Se eu esperar muito, meu poder que a infestou causará mais dano do que posso reverter, e não posso deixar isso acontecer. Não posso deixar nenhuma dessas coisas acontecer. Portanto, isso será até o último segundo.

O tempo e a distância são meus inimigos e meus aliados.

Com uma preocupação ansiosa, meus calcanhares sobem para cutucar meu asa de madeira. Ele solta um chamado, seja para mostrar seu descontentamento ou para sinalizar ao resto do rebanho. Eu sei que os outros estão seguindo.

“Mais rápido, Argo,” eu exorto a besta emplumada, embora minha voz seja arrancada como mãos arrebatando bugigangas roubadas.

Embora o vento bata em nós, Argo avança em uma explosão de velocidade, e eu mantenho as rédeas soltas para dar-lhe a cabeça enquanto suas asas gigantes se estendem e cortam o céu noturno, iluminado apenas por uma lua velada. Sou puxado para trás e, se não fosse pela tira de couro da sela presa ao cinto com fivela em volta da minha cintura, há uma boa chance de eu ter caído imediatamente.

Não seria a primeira vez.

No entanto, agora, não estou pilotando por esporte ou para aferição. Isso é vida e morte.

Sua vida.

Voamos o mais rápido possível para longe de Ranhold, e os céus do Quinto Reino parecem nos punir por isso. Talvez o falecido rei Fulke e o príncipe Niven queiram alguém para culpar por sua morte.

Alguns dos cabelos de Auren escorregam por baixo do capuz da minha capa, suas mechas douradas balançando ao vento. Com uma das mãos, aperto mais a capa em volta de sua orelha, tentando evitar que o frio a toque, embora saiba que ela não pode senti-lo.

Mais trinta segundos se passaram.

O pavor está se acumulando em minhas entranhas como os tijolos pesados de uma parede intransponível. Parece que estou contando os incrementos da alma de Auren se esvaindo pouco a pouco.

Já vi o que acontece quando espero muito tempo para reverter a podridão e sei o quanto isso é prejudicial. Eu sei em quanto perigo eu a coloquei.

A culpa me assola pelo que fiz, pela magia que a mantém como refém, mas minha determinação de mantê-la segura se fortalece. Dou outra olhada para trás, mas Ranhold agora está fora de vista, as nuvens bloqueando o reino completamente.

Com o canto do olho, vejo uma sombra escura cortando as nuvens, e não estou nem um pouco surpreso com o asa de madeira e o cavaleiro que se aproximam. O tamanho da fera de alguma forma faz até mesmo Osrik parecer pequeno em comparação. Ele me observa sem dizer nada, as mãos apertadas nas rédeas, e eu aceno com a cabeça.

Espero ter ido longe o suficiente, porque não ouso esperar mais um segundo. Com um puxão nas rédeas, faço Argo mergulhar. Meu asa de madeira solta um chamado e eu me enrolo sobre Auren, preparando-me para nossa descida.

Quando Osrik vê que estou indo pousar, ele solta um assobio agudo e segue o exemplo. À distância, posso ouvir o chamado de mais Asas de Madeira respondendo.

Aonde eu vou, minha Ira segue.

Meus olhos ardem com a força do vento que sopra em mim enquanto continuamos a cair, cortando nuvens pesadas saturadas com a tempestade iminente.

As linhas de poder ao longo da minha mandíbula se contorcem e estalam enquanto eu monitoro o link da minha magia agora girando dentro de Auren. Podridão. Corrosão. Morte. Não pertence a nenhum lugar perto dela e, no entanto, eu coloquei lá.

Eu odeio isso.

Meus joelhos travam quando eu me inclino para frente e agarro a alça do meu asa de madeira. “Vamos...” Murmuro.

Talvez Argo possa sentir meu pânico, porque de alguma forma ele consegue mergulhar ainda mais rápido. A água congela nos cantos dos meus olhos semicerrados, e meu coração bate contra o peito alto o suficiente para competir com o vento forte.

“Quase,” eu digo contra seu cabelo. “Espere mais alguns segundos.”

Finalmente, cortamos a última névoa e nuvens, apenas para ser saudado pelo solo congelado abaixo, brandindo o mundo como uma folha de cinza. Quando parece que vamos bater nele, Argo levanta no último momento e faz um círculo ao lado do asa de madeira de Osrik antes de ambos pousarem em seus pés com garras, chutando um jato de neve como o mar batendo no casco de um navio.

Meus dedos congelados já estão abrindo a fivela que me prende no lugar. Eu escorrego, levando o impacto do salto com os joelhos para não sacudir muito Auren. Antes que eu possa dar um único passo à frente, Os está lá, arrancando sua capa e colocando-a no chão no momento em que vejo mais Asas de madeiras pousando como espectadores sombrios.

“Fiquem para trás,” Eu falo por cima do meu ombro.

Deito Auren sobre a capa, os traços mais fracos de linhas podres subindo pelas veias de seu pescoço. Seu cabelo está espalhado em uma auréola ao seu redor, de alguma forma brilhando mesmo na escuridão. Ela parece tão pequena com minha capa em volta dela, tão sem vida.

Eu me ajoelho sobre ela, focando imediatamente enquanto fecho meus olhos. Minha magia está lá, agarrada a sua forma caída como um veneno. A decadência não natural está correndo em suas veias e murchando o coração em seu peito. Está se esgueirando por sua garganta deteriorada, barrada por seus lábios imóveis.

A tensão rola através de mim. Instintivamente, quero arrancar a magia dela o mais rápido possível, mas descobri que retirá-la rápido demais é como arrancar uma lâmina de um ferimento. Não quero causar mais danos do que já fiz.

Cuidadosamente, eu chamo o poder de volta centímetro por centímetro para não chocar seu sistema. Atrás de mim, posso ouvir as palavras murmuradas do resto da minha Ira, passos incertos se movendo na neve, Asa de madeiras batendo umas nas outras e trovões das nuvens que acabamos de deixar sinalizando uma frente fria soprando.

Eu empurro tudo isso para longe e mantenho minha atenção na magia fluindo através dela. Como as raízes de uma erva daninha, eu a arrasto o mais suavemente que consigo. Os dedos cavam o solo, removendo a estase podre em que a enterrei, deixando seu corpo se readaptar. Sou meticuloso, levantando cada pedacinho de remendos corrompidos como argila secando, livrando-a pedaço por pedaço rachado.

Apesar do ar cortante, gotas de suor nas minhas têmporas. Meus dentes se apertam quando eu puxo o poder de volta para mim, de volta para os recessos esculpidos em minhas veias para ferver em meus próprios despojos. Tiro tudo dela, até sobrar apenas um único fragmento. Uma semente deixada enterrada no centro de seu peito.

No entanto, quando o chamo, tento desenterrá-lo de suas profundezas, encontro resistência. Em vez de se retirar como as outras, esta peça afunda-se nos espinhos como se tentasse ficar.

Como se estivesse tentando mantê-la em suas garras.

Minha testa franze e minhas mãos tremem, enquanto as raízes apodrecidas na minha pele se estendem ao longo dos meus braços. Ele desliza pelas palmas das minhas mãos e fica sob a ponta dos meus dedos, as linhas escuras me esfregando de dentro para fora, ameaçando perfurar minha própria pele.

Uma guerra de confusão e medo salta em minha mandíbula.

Nunca minha podridão foi tão relutante. Nunca foi tão persistente em ficar. Não luto para controlá-lo assim há anos, desde que era menino. Eu tive que aprender muito cedo como lidar com a magia malcheirosa antes que ela destruísse tudo, inclusive eu.

Então o que diabos está acontecendo?

Freneticamente, eu verifico o resto dela, mas não há nenhuma outra praga nela, nem uma única outra parte manchada. O resto da podridão se foi, deixando-a como era antes, então por que este último pedaço não sai?

“Solte.” Minha língua está pesada com o gosto de toxinas implacáveis. “Deixe-a ir.”

Ela se contorce em resposta, como arbustos se contorcendo em volta do peito dela, como se quisesse enraizar dentro dela. O pânico me corta como a lâmina mais afiada.

“*Dê o fora dela!”*

Magia e poder se desprendem de mim, mais fortes do que a torrente da tempestade tentando rasgar do céu. Com um estalo que corta o ar e bate meus dentes, dou um forte puxão.

A força do meu puxão violento me faz voar para trás, enquanto toda a coluna de Auren se curva do chão como uma onda em arco.

“Rip!”

Eu fico atordoado e sem fôlego, os olhos fixos no contorno sombreado das nuvens que cobrem o céu noturno acima de mim. A neve voa com o impacto dos joelhos de Lu quando ela atinge o chão ao meu lado, com os olhos arregalados de preocupação. “Você está bem?”

“O que diabos acabou de acontecer?” Osrik exige.

Ouço Judd soltar um assobio... “Suas raízes...”

Meus olhos caem, olhando para onde as veias em minhas mãos estão se contorcendo e estalando com raiva. Posso sentir o olhar de todos subindo para meu pescoço e rosto, mas não preciso que digam nada, porque posso sentir as raízes enrugadas sob minha pele. Fodendo em todos os lugares. Como se eu não usasse meu poder há meses, como se ele estivesse reprimido dentro de mim em uma magnitude instável.

Mas não importa, porque acabei de arrancar aquele último pedaço de podridão dela, então tudo ficará bem.

Lu tenta me ajudar a sentar, mas eu afasto suas mãos inquietas, um gemido de dor escapando de mim. Eu rapidamente me inclino sobre Auren novamente, mas no momento em que vejo seu rosto, percebo que ela ainda não está acordada.

Ela ainda não está se movendo.

Meu pânico aumenta e cresce.

A podridão sangra no chão, atirando-se para as profundezas da terra tão completa e violentamente quanto meu estômago cai direto em meus pés.

O que eu fiz?

Dedos cavam a neve, palha apodrecida se espalhando ao meu toque, corrompendo o solo com linhas pútridas. Eu não apenas sinto isso se espalhando na neve - eu sinto isso envolvendo meu coração, apertando, desmoronando, fazendo-o murchar bem aqui no meu peito.

Meus olhos se fecham e minhas raízes se cravam contra a pele do meu pescoço. Elas envolvem minhas veias como cobras furiosas, apertando e mordendo, fazendo-me doer por inteiro, mas não importa.

Porque eu a matei. Eu a matei, porra...

Seus lábios se separam de repente. O movimento faz meus olhos se abrirem assim que uma respiração trêmula sai dela. Fios de fumaça preta saem de sua boca, o ar envenenado evaporando entre nós.

Alívio bate em minhas têmporas. “Auren?”

Mas seus olhos não abrem, e o pavor aperta meu peito.

Eu fecho meus olhos para focar dentro dela novamente, e imediatamente, o sangue escorre do meu rosto. Porque aquele pedaço – aquele pedaço de podridão que eu deveria ter arrancado dela quando fui jogado para trás – ainda está lá.

Ainda está. Lá. Porra.

Atordoado, eu mentalmente tento agarrá-lo novamente e puxá-lo, de novo e de novo, mas ele não se move. Não vai embora.

Ela respira, outra exalação de névoa preta turva passando por seus lábios.

Meu coração bate como punhos contra minhas costelas, pronto para dar um soco e lutar. E mesmo assim, por mais que eu chame meu poder, aquele pedaço no peito dela não sai. Está afundado, como uma mancha de tinta em tecido dourado que não consigo tirar.

No entanto, seu peito está subindo e descendo. Seu coração começou a bater. Ela está viva.

Não consigo tirar aquela porra da última gota de podridão dela, mas ela está viva, e é isso que importa.

“Acorde, Auren.”

Os segundos passam. Cinco, dez, vinte. Eu conto todos eles.

“Ela está bem?”

Minhas costas ficam tensas com a pergunta áspera dita por Digby, sua voz refém de ferimentos e desuso. Eu não respondo a ele, e não sei se alguém mais tenta. Continuo a observá-la. Desejando que ela abrisse os olhos.

“Vamos lá, Canário...” murmuro, a urgência presa em meu pescoço como uma corda.

Há o som de passos arrastados, então Digby está abrindo caminho para se ajoelhar ao meu lado. “Ela está bem?” ele exige novamente.

Quando eu ainda não respondo, sua mão agarra a frente da minha camisa, e ele me puxa para encará-lo com uma força surpreendente, considerando o estado machucado dele. “O que você fez?” ele rosna por entre os lábios inchados divididos em sangue e gelo.

Osrik está lá em um instante, levantando Digby e puxando-o para longe. “O que você fez?” O grito de Digby é mutilado, rouco pela acusação, mas se mistura com a voz do meu próprio terror interior. Os dois trocam algumas palavras acaloradas, mas o medo está muito ocupado batendo em meus ouvidos para eu ouvir o que eles dizem.

O que eu fiz?

O pânico e o medo que estão presos a mim desde o momento em que usei meu poder sobre ela surgem na forma de um tremor em minhas mãos.

“Por que ela não está acordando?” Lu pergunta ao meu lado, mas eu não sei. Eu não sei, porra, então não posso dizer nada.

Eu aperto suas bochechas frias em minhas mãos, sibilando com a dor latejando em meus dedos. Mesmo agora, é como se meu poder quisesse sair da minha pele e voltar para ela.

Sua aura é opaca. Apenas mechas de ouro sombrio mal deslizando contra sua silhueta. Deveria estar brilhando intensamente apesar da noite, mas não é nada como o brilho de poder e vida potente que geralmente brilha dela.

Eu esperei muito tempo.

Eu deveria tê-la apodrecido antes, antes que ela quase se esgotasse. Eu deveria ter aterrissado mais rápido, arrancado minha magia dela antes.

“Não faça isso,” eu resmungo. Para ela, para os deuses.

Agora não.

Não depois de tudo. Não quando eu acabei de pegá-la.

“Eu preciso que você acorde,” eu ordeno, mas na verdade, é um apelo tirado do fundo da minha alma. E se ela nunca acordar? E se aquela semente de podridão pegajosa criar raízes dentro dela e não a deixar ir?

A única razão pela qual usei minha magia nela foi para impedi-la de se esgotar até a morte. Mas eu fiz isso piorar pra caralho. Eu tornei tudo pior, e agora meu próprio poder está atacando contra mim como mil serpentes prontas para morder, enquanto ela foi maculada com minha magia.

Minha cabeça cai, a testa pressionada contra a dela, minhas mãos ainda em suas bochechas frias. “Não faça isso,” eu imploro, olhos bem fechados. “Você é mais forte que isso, Canário. Você é. Então. Acorde. Agora.”

Ela não faz.

“Porra!” Erguendo-me bruscamente, meu punho esmurra a neve ao meu lado, a carne da minha mão se abrindo com o gelo afiado compactado no chão. “Porra, porra, porra!”

Eu posso ouvir Digby lutando como o inferno contra os outros, me xingando, ameaças e palavrões nas minhas costas como um chicote. Batendo-me com a realização...

“Eu fiz isso.” Três palavras cortadas da culpa mais aguda.

Os lábios de Lu se apertam com a minha declaração. “Então desfaça isso.”

“Eu tentei, porra!” Eu estalo, frustração trazendo minha mão para cima para passar pelo meu cabelo. “Eu estou tentando.”

Eu não consigo pensar direito. Meu pulso está martelando em minhas têmporas, o chão está tremendo sob meus pés, algo está rugindo em meus ouvidos. Minha magia geme dentro de mim, sangrando em minhas íris, fazendo-me ver linhas que não existem. Estou despejando podridão agora, muito, muito rápido, fazendo-a derreter no chão, enfraquecendo a terra, estragando sua superfície.

Eu ouço gritos, ou talvez seja o vento ou o poder que resiste em meus ossos.

“Rip, seu poder...”

Todo o meu corpo está tremendo, cada centímetro da minha pele sendo cutucada e esticada, querendo atacar, e minha podridão começa a inundar o chão, alcançando, sibilando, querendo se espalhar e explodir...

BAM!

Eu volto voando com a força de um soco no rosto, caindo na neve pela segunda vez em um minuto, mais uma vez atordoado.

“Se recomponha,” meu irmão se irrita sobre mim, ajoelhando-se enquanto me levanta de onde ele me deu um soco. Meus olhos furiosos se fixam em seu rosto. “Você

está vazando podridão por todo o maldito lugar. Sugue agora mesmo. Você não pode se dar ao luxo de perder o controle."

Eu pisco, as palavras bruscas de Ryatt de alguma forma me prendendo ao presente. Um olhar para baixo mostra que a neve aos nossos pés é marrom e doentia, veias como fios venenosos vêm para espalhar suas toxinas. Ela se estende em um círculo perfeito, estragando o solo e sugando a umidade da neve, transformando-a em escombros.

Eu respiro e fecho minhas mãos, conseguindo puxá-lo de volta antes que meu poder possa se espalhar ainda mais, conseguindo puxá-lo de volta e dentro e dentro...

"Você entendeu?" exige Ryatt.

"Eu entendi," eu rosno para ele.

"Bom." Ele me deixa ir, e em partes iguais eu quero bater meu próprio punho em seu rosto e agradecê-lo por me tirar da energia.

Afastando-me, encontro todos a minha Ira e Digby reunidos em torno de Auren. Judd me lança um olhar cauteloso. "Ela está respirando, isso é um bom sinal," ele diz, como se isso fosse me acalmar.

"Mas ela não está acordando."

"Você pegou tudo?" Lu pergunta, as mãos dançando nas mangas de Auren, sem tocá-la, só por precaução.

"Algo está errado. Não consegui tirar o último pedaço."

Os olhos de Lu se arregalam, e eu ouço alguém prender a respiração.

"Talvez eu tenha esperado demais."

"O que isso significa?" Digby pergunta.

Eu balanço minha cabeça em minha própria perda.

“Bem, precisamos de um plano,” Lu diz, levantando-se e tirando a poeira antes de olhar para o céu. “Esta tempestade está chegando, e chegando rápido. O que você quer fazer?”

Parando por um momento, eu rolo meus ombros para trás, subjugando a atração tirânica da magia enquanto flexiono e cerro meus dedos, forçando as raízes a cessarem seu enrolamento incessante. Assim que consigo lidar com eles, passo por todos e cuidadosamente pego Auren em meus braços, colocando-a contra meu peito, odiando o quão sem vida ela ainda parece.

Começo a me afastar, mas Digby manca na minha frente, com uma expressão assassina. “Eu disse a você para consertá-la.”

“Ela só precisa descansar,” eu respondo, mas até eu posso ouvir a incerteza em meu tom. “Eu preciso tirá-la do frio.”

Um ódio amotinado está estampado em seu rosto, mas antes que ele possa dizer qualquer outra coisa, volto-me para Osrik. “Vocês todos voem de volta para o exército. Quero que nossos soldados saiam de Ranhold esta noite. Não confio na Rainha Kaila. Leve-os de volta para o Quarto o mais rápido possível.” Minha boca se ajusta em uma linha sombria. “Vamos precisar deles.”

Osrik acena com a cabeça, mas Judd pergunta: “E você?”

Eu lancei um olhar furioso para o céu. “Eu vou voar como o inferno antes desta tempestade e levar Auren para algum lugar seguro.”

“Você não pode ir sozinho,” Lu argumenta. “E você não pode voar até o Quarto com ela inconsciente. É muito longe. E se ela acordar e dourar você até a morte?”

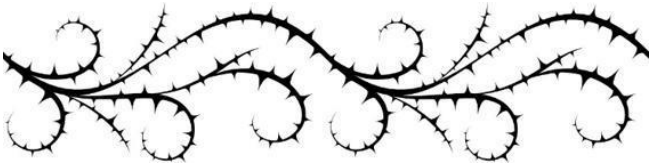
Argo dobra suas asas cor de casca de árvore e se ajoelha quando me aproximo dele, suas garras afundadas na neve profunda. “Eu não vou para o Quarto,” digo por cima do meu ombro.

“Para onde você está levando-a, então?” Digby exige.

Mas é Ryatt quem responde enquanto eu agarro a alça da sela e ponho a mim e Auren nas costas de Argo. Eu travo os olhos com o olhar zangado do meu irmão assim que ele responde por mim.

“Ele a está levando para Deadwell.”

CAPÍTULO 3



Slade

8 anos

“Slade!”

Meu nome gritado é mais alto que o canto dos pássaros, assustando alguns e fazendo-os levantar voo.

Eu me viro para olhar a propriedade através dos galhos da árvore e, quando me inclino para trás, um dos botões sob minha mão solta uma nuvem azul. À frente, o prédio de pedra preta está manchado com linhas brancas de todas as vezes que choveu, o topo dele plano, exceto pelas chaminés quadradas que se erguem como pilhas de blocos.

Meus olhos caem para a grama inclinada onde ela está subindo a colina em minha direção. Solto um suspiro e solto o galho, desta vez com mais cuidado para não ser atingido no rosto por outro sopro dos brotos da árvore. Eles cheiram bem, pelo menos, mas são terrivelmente bagunçados.

Volto-me para o alfinete pousado em meu dedo. Ela é apenas um filhote, tufos de penugem cobrindo seu corpo magro, mas seus olhos estão abertos e ela murmura baixo em sua garganta. “Está tudo bem. Você vai crescer suas verdadeiras penas em breve,” eu digo a ela. Em algumas semanas, ela terá uma pluma deles em seu rabo para exibir, cada um fino como um alfinete, com as pontas afiadas também. “Então você poderá voar com o resto deles.”

Meu nome é gritado novamente, então gentilmente coloco o pássaro de volta em seu ninho antes de passar minha perna por cima do galho e começar a descer.

Quando meus pés descalços pousam na grama, olho para minha mãe de pé sobre mim com as mãos nos quadris. Seu cabelo preto está preso em uma trança longa e solta, e ela está usando a mesma roupa vermelha que eu, exceto que está de vestido. "E o que você acha que estava fazendo naquela árvore?"

Eu dou de ombros. "Nada."

"Mm-hmm," ela diz enquanto limpa um pouco do pó azul que pousou no meu ombro. "Acho que você não estava subindo lá e brincando com os pássaros de novo."

Meu rosto está franzido quando eu viro de volta para ela. "Eu não estava brincando. Isso é coisa de bebê. Eu estava monitorando."

Os lábios de minha mãe se contorcem. "Claro," diz ela, olhos verdes piscando para baixo. "E seus sapatos?"

Outro encolher de ombros. "É mais difícil escalar com eles. Não coloquei porque não queria cair."

Ela balança a cabeça, mas toda a severidade deixou sua expressão quando ela se ajoelhou na minha frente. "Bem, eu certamente não posso deixar você cair. E como estão os pássaros esta manhã?"

"Eles estão bem," asseguro-lhe, sentindo-me animado novamente agora que posso dizer que ela não está com raiva. "Tem um filhote, mas acho que a mãe já saiu, então vou ajudar a ensiná-lo a voar."

A forma dos olhos verdes de minha mãe se enruga quando ela sorri. "Se alguém pode fazer isso, é você. Você sempre teve jeito com eles.

Sua mão levanta e ela passa os dedos sobre meu cabelo, mas eu afasto minha cabeça e pressiono-a. "Eu penteei antes."

Ela ri e ajeita minha gola levantada. "Vamos. É hora de comer."

Quando ela pega minha mão, eu a puxo. “Não preciso mais segurar as mãos. Eu tenho oito,” eu digo a ela.

“Oh, certo. Claro,” ela diz, embora o lado de sua boca tenha se levantado em um sorriso. “Acho que sinto falta de segurar a mão do meu filho.”

Não quero que ela se sinta mal. Não é que eu não queira segurar a mão dela, é só coisa de criança. “Você poderia segurar Ryatt,” digo a ela. “Ele tem apenas três anos, então está tudo bem.”

Ela gentilmente dá um tapinha na minha bochecha. “Essa é uma ideia muito boa.”

Juntos, nos afastamos do bosque de árvores, passando pelos bebedouros de pássaros e pela fileira de arbustos pontiagudos. Olho para a propriedade no sopé da encosta, mas não quero entrar. Prefiro ficar aqui com a grama e os pássaros.

Não há nada de errado com a casa, realmente. Temos quarenta e três quartos, um monte de coisas chiques e um monte de criados também. Nenhuma das outras famílias da cidade tem uma casa tão grande quanto a nossa com tantos cavalos quanto nós.

Mas eu odeio isso. Prefiro morar nas casas menores nas ruas da cidade. Porque assim eu não moraria aqui. Com ele.

Estamos quase na porta dos fundos, passando pelos jardins, quando uma figura aparece na porta, e eu imediatamente paro bruscamente, minha mãe parando ao meu lado. Meu pai está parado ali, com a camisa vermelha abotoada até o pescoço, sem uma ruga fora do lugar. Sua cabeça careca se abre em uma espessa barba castanha, e sua boca já está franzida de irritação. Geralmente é sempre que estou por perto.

Seus olhos negros saltam dela para mim, e eu me impeço de engolir. Ele me veria fazer isso, e eu sempre deveria ser algo chamado estoico. Acho que significa não sentir.

Minha mãe se abaixa e segura minha mão, e desta vez não a afasto. Minha palma suada está apertada na dela enquanto ela me dá os últimos passos até ficarmos na frente dele.

“Eu não sabia que você viria para casa esta noite, Stanton.”

“Consegui encurtar as coisas com o rei,” ele responde.

Sua atenção cai para os meus pés descalços, e isso me faz querer dobrar os dedos e tentar enterrá-los na grama. Meu batimento cardíaco acelera quando ele dá a eles um olhar fulminante antes de voltar os olhos para minha mãe.

“Vejo que você se esquivou de seus deveres de mãe enquanto estive fora, Elore.”

Minha cabeça cai instantaneamente, os olhos encontram meus pés sujos de terra enquanto a vergonha cai sobre meus ombros. Se eu soubesse que meu pai estava voltando para casa, nunca teria saído sem sapatos. Eu nunca teria sequer saído. A última semana em que ele partiu foi o melhor momento que tive em muito tempo. Minha mãe me deixa sair todos os dias, e até faltei às armas e à aula de história ontem. A última coisa que quero é que meu pai fique bravo com ela.

“Ele estava apenas correndo nos jardins,” ela diz a ele, sua voz calma e agradável. Ela sempre soa assim, mesmo quando Ryatt está tendo um ataque, e ele tem muitos ataques. “O ar fresco é bom para um menino em crescimento.”

“Seus estudos são bons para ele,” meu pai retruca. “Agora leve-o para dentro e limpe-o. Temos convidados e já ordenei que o jantar fosse servido nos próximos vinte minutos.”

Depois que ele se vira e vai embora, minha mãe me leva para dentro. Ela vai comigo para o meu quarto onde me ajuda a me arrumar. Não reclamo nenhuma vez, mesmo quando ela passa um pente molhado no meu cabelo. No momento em que estou vestido com roupas limpas e ela pegou Ryatt no berçário, nossos vinte minutos estão quase acabando.

Dentro da sala de jantar, o pai está sentado à cabeceira da mesa e há outras três pessoas sentadas à sua esquerda. Um deles é meu tio Iberik. A terra dele faz divisa com a nossa, e ele é mais velho que meu pai. Os dois fazem muitos negócios juntos, embora eu não saiba exatamente de que tipo. Sei que meu pai tem navios no porto e os ouço muito falando sobre ferreiros, mas fora isso, não sei. No entanto, ao contrário do meu pai, Iberik vive sozinho e nunca teve herdeiros.

As outras duas pessoas sentadas à mesa não são familiares. É um homem e uma mulher, ambos com o cabelo mais brilhante que já vi. A fêmea tem cabelos ruivos e olhos que parecem tijolos, quase da mesma cor da lareira vazia à esquerda da sala. O macho tem uma barba castanha como a do meu pai, mas com dentes ligeiramente salientes. Ambos têm piercings nas pontas das orelhas, joias escorrendo por eles como lágrimas e correntes.

Minha mãe se senta à direita de meu pai, enquanto ajudo Ryatt a se sentar em sua cadeira antes de tomar meu lugar entre eles. Há um conjunto de flores vermelhas em um centro de mesa à nossa frente, mas ele bloqueia parcialmente as pessoas, então fico feliz que um dos criados o tenha colocado ali. Isso me faz sentir um pouco mais escondido.

As conversas à mesa não param enquanto nos sentamos, e fico feliz com isso também, porque a última vez que tio Iberik veio jantar aqui, tudo o que ele fez foi falar sobre como eu já deveria estar saindo em viagens de caça por mim e que não era bom criar um filho mole.

Tio Iberik olha para mim e meu irmão com sua carranca habitual. Eu quero fazer uma carranca de volta, mas há uma sensação de formigamento entre minhas omoplatas que me distrai antes que eu possa ter problemas por ser desrespeitoso.

Assim que nos acomodamos, um criado se aproxima e coloca os pratos na nossa frente, e vejo Ryatt franzindo o rosto. Estendo a mão e coloco o guardanapo em seu colo para que eu possa chamar sua atenção. Quando ele vê o olhar no meu rosto, ele rapidamente perde sua carranca e pega o garfo. Ele é um comedor exigente e, quando o pai sai, a mãe nos deixa escolher o que comer. Mas ele não pode ser exigente agora.

Ryatt dá sua primeira mordida no espinafre cozido e não faz uma palavra de argumento, e deixo escapar um pequeno suspiro de alívio antes de pegar meu próprio garfo. Eu estava tão preocupado com meu irmão se metendo em encrenca que não prestei atenção ao que as pessoas diziam até que minha mãe ficou rígida ao meu lado.

"Eu entendo, é claro," diz o homem desconhecido, garfo e faca em ambas as mãos enquanto fala e come ao mesmo tempo. "É um argumento válido."

“Claro que é, Tobir,” Tio Iberik diz ao macho. “É o que os legalistas mantiveram por décadas e por que, no final das contas, vencemos a guerra. Eu, pelo menos, estou feliz por termos impedido a entrada e saída de oreans em Annwyn e pela campanha do velho rei para destruir a ponte. Isso precisava ser feito.”

Não posso deixar de olhar para minha mãe para ver como ela está reagindo a esta conversa. Seus olhos estão em seu prato, o aperto em seu garfo é forte.

Eu tive aulas de história sobre a guerra e a quebra da ponte, mas essas são muito chatas, e meu tutor sempre fala sobre como os oreans eram ruins. Ele fala sobre como eles estavam usando todos os recursos de Annwyn e iniciando brigas, e como eles queriam tomar terras aqui para si mesmos para que pudessem ter uma vida longa.

Eu prefiro muito mais quando minha mãe fala sobre Orea. Ela é de Orean, afinal. Ela foi uma das últimas a passar pela ponte. Às vezes, quando ela está colocando Ryatt e eu na cama, podemos fazer com que ela nos conte histórias sobre isso. Ela sempre parece diferente quando está falando sobre seu mundo. Mais suave e mais triste.

Eu sei que ela sente falta disso.

“Com certeza,” diz a ruiva. “E os oreans que ainda estão aqui têm muita sorte, na minha opinião. Eles foram dispensados da lei e têm permissão para ficar e vida longa no processo. Sem mencionar o fato de que alguns oreans têm magia porque se reproduziram conosco por centenas de anos. Eles deveriam estar agradecidos.”

“Muito bem, Netala,” Tobir diz ao lado dela antes de enfiar um pedaço grosso de carne na boca, o garfo batendo contra o dente.

Netala inclina a cabeça, olhos maldosos atravessando a mesa, e vejo como seu olhar se demora nas orelhas arredondadas de minha mãe. Ryatt herdou isso dela. Eu costumava ficar tão feliz que as minhas eram pontiagudas como as do meu pai. Era apenas uma coisa a menos para ele escolher.

“Você tem magia,” diz Netala.

Vejo minha mãe olhar para meu pai. Ele geralmente não gosta que ela fale sobre sua magia. Eu não sei por quê. A magia dela é a melhor.

“Ela tem,” meu pai responde, ajustando-se em sua cadeira. “Minha Elore é notável.”

“O que ela pode fazer?” Tobir pergunta, observando-a com curiosidade.

Meu pai olha. “Mostre a eles, Elore.”

Por baixo da mesa, vejo os joelhos de minha mãe travados. “Não tenho certeza se tenho o chamado para isso agora…”

A expressão no rosto de meu pai faz com que suas palavras sequem como orvalho no deserto. Ela lança seu olhar de volta para Tobir, e meu irmão e eu assistimos com admiração enquanto suas pálpebras se fecham. Quando ela os abre novamente, o verde de seus olhos se foi e, em seu lugar, íris pálidas se agitam com algum tipo de rabisco antigo, as letras tão minúsculas que são impossíveis de ler.

Do outro lado da mesa, Netala suspira. “Os olhos dela…”

“Elore é uma adivinha,” diz meu pai presunçosamente. “Ela adivinha as palavras dos deuses e deusas.”

Os olhos de Netala e Tobir se arregalam de surpresa. Pessoalmente, só vi mamãe fazer isso algumas dezenas de vezes ao longo dos anos, mas sei que meu pai a faz usar quando não estamos por perto.

Eu observo seu rosto, observo a maneira como os rabiscos giram em seus olhos, a maneira como o resto de seu rosto ficou calmo e relaxado. Ryatt está observando tão de perto quanto eu, e a emoção salta em minha barriga. Adoro vê-la fazer sua mágica, mas sei que isso a cansa. Logo, as palavras param de girar e seu estranho olhar se fixa em Tobir. Eu ouço o macho fae sugar uma respiração.

“O portador de capa vermelha lhe dará duas verdades e uma mentira. Você vai acreditar no errado.” Sua voz é mais profunda, não sua voz normal, e assim como nas outras vezes que a ouvi fazer suas previsões, arrepios sobem e descem meus braços.

Então, mamãe pisca rapidamente e as palavras estranhas desaparecem de seus olhos, o verde em suas íris voltando a aparecer.

As sobrancelhas marrons de Tobir estão profundamente entrelaçadas em sua pele. Ele a encara por um segundo, como se as palavras estivessem se repetindo em sua cabeça. "O que isto quer dizer?" ele exige.

"As previsões de Elore nem sempre são claras para nós no momento da fala," diz meu pai.

"Então é por isso que você pegou uma Orean para você, Stanton," diz Netala. "Ela foi capaz de prever o resultado da guerra?"

O pai balança a cabeça. "A magia de Elore só funciona em pessoas, não em eventos mundanos. Algumas previsões podem ser tão inconsequentes quanto comprar um alqueire de maçãs estragadas, e algumas... mais significativas."

"Ooh, estou curiosa para saber o que ela previu sobre você," diz ela ao meu pai, com os olhos brilhando de curiosidade.

Ao meu lado, minha mãe fica rígida.

A raiva escorre pelas feições do meu pai como lodo sob uma lesma, mas ele a enxuga rapidamente. "Ela ainda não fez uma para mim," ele diz levemente, mas eu não sou enganado por isso. Ele pode tentar soar calmo, mas há algo afiado por baixo que me faz contorcer.

Netala assente, dando outra mordida em sua refeição. Enquanto ela engole, seus olhos se erguem. "É um poder muito impressionante, Elore. Seus ancestrais devem ter cruzado com faes muito poderosos. Diga-me, você foi um dos últimos oreans a entrar em Annwyn, certo?"

Minha mãe inclina a cabeça. "Sim, está certo."

"Parte do acordo para meu apoio na guerra era que eu poderia trazer um último lote de Oreans," explica meu pai. "Eles compõem todos os meus zeladores e servos. Muito eficiente. Eles têm vida longa e eu tenho uma equipe de longa duração."

Tento não torcer o nariz. Odeio quando ele fala assim da minha mãe e dos outros. Eu coço a parte de trás do meu antebraço, tentando o meu melhor para não deixar minha raiva aparecer no meu rosto.

Os lábios de minha mãe ficam finos, então eu estendo a mão e coloco minha mão em sua perna debaixo da mesa e acaricio-a como ela faz comigo às vezes quando meu pai está me deixando chateada. Ela olha para mim e seu rosto se suaviza por um segundo.

"Stanton, seus filhos são a imagem cuspida de Elore," Netala diz, e mesmo que ela esteja sorrindo, ela não parece legal.

Também não gosto que todo mundo continue falando sobre minha mãe em vez de falar com ela. Não é nada novo, no entanto. A maioria dos faes que meu pai traz são rudes com minha mãe. Não é culpa dela que meu pai a viu em Orea e a trouxe aqui. Não é culpa dela ser Orean, e não vejo por que isso importa de qualquer maneira. Assim como não sei por que importa que Ryatt e eu sejamos apenas meio-fae. Ela acabou de provar que é poderosa por si mesma. Sua magia é melhor do que a maioria dos fae da cidade, então eles não deveriam ser maus com ela.

Eu enfio um pedaço de carne na minha boca, mastigando minha raiva, mas imediatamente faço uma careta como Ryatt faz quando come algo que odeia. A comida tem gosto ruim, como se tivesse sido deixada por muito tempo. Em vez disso, tento algumas das maçãs cozidas, mas é excessivamente doce e farinhenta, como se tivesse começado a estragar. Que nojo.

"Eles são," diz meu pai. "Mas não é uma coisa ruim. Elore é muito bonita e sua magia é impressionante. É por isso que a escolhi."

Minha mãe se contorce. A parte de trás do meu braço coça novamente.

"Espero que eles não tenham puxado completamente a ela," Tio Iberik diz com uma risada, girando a mão em seu copo de vinho.

Tobir continua mastigando. "Mmm, sim. Já vi muitos pares de fae e Orean em que a criança não desenvolve magia. Terrível."

"Meus dois filhos terão magia," diz o pai, a voz como um chicote para punir qualquer um que diga o contrário.

“Claro que vão.” Netala sorri. “Tenho certeza que eles são mais Fae do que Orean, de qualquer forma. A própria Elore foi abençoada como uma adivinha. E você... você é o Destruidor. O fae mais poderoso do reino, além do rei.”

Eu olho para Ryatt enquanto ele se contorce em seu assento, e eu quero fazer o mesmo.

O destruidor. É assim que todo mundo chama meu pai, e por um bom motivo. Porque sua magia faz exatamente isso, ela destrói.

Eu o vi quebrar pedras, quebrar dedos, quebrar o pescoço de um cavalo manco. Eu o vi quebrar um telhado, fazendo tudo desabar.

Sua magia é assustadora.

Antes de se aposentar, costumava ajudar a quebrar cidades inteiras para o rei. É por isso que ele conseguiu esta propriedade. É por isso que temos quarenta e três quartos e criados oreans. É por isso que ele foi autorizado a fazer uma última viagem a Orea para trazer pessoas de volta com ele pouco antes dele e o rei quebrarem a ponte e terminarem o laço entre nossos mundos. É por isso que ele foi autorizado a escolher minha mãe Orean.

Mas só porque ela mora aqui e tem dois filhos meio feéricos e uma magia incrível não significa que o resto dos fae jamais a olhará como igual.

Nós três continuamos a jantar enquanto todo mundo fala, mesmo que cada pedaço de comida que eu coma tenha um gosto nojento. Eu como mesmo assim, porque ninguém mais fala nada, e não quero que meu pai perceba que eu não estou comendo.

Finalmente, os criados entram para limpar as mesas e eu coloco meu garfo na mesa, me sentindo enjoado, mas feliz por ter terminado com ele. Todos os criados são oreans, assim como minha mãe. Acho que às vezes ela se sente culpada por eles a estarem servindo.

Um deles, um homem chamado Jak, vem pegar o prato de minha mãe, e ela vira a cabeça para sorrir calorosamente para ele, e ele retribui o sorriso. Todos os criados amam minha mãe. Não sei se é só porque ela é orean como eles ou se é porque ela é tão

gentil, mas quando meu pai não está em casa, parece mais que eles são da família do que nossos empregados.

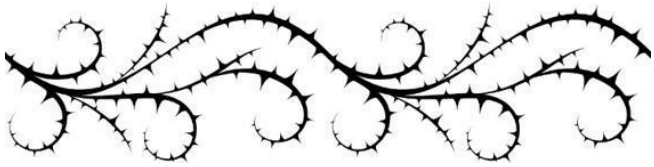
Felizmente, os adultos decidem ir à sala para cachimbos e bebidas, então meu pai dispensa minha mãe para nos levar para a cama. Embora estejamos livres de estar perto de seus convidados, ainda estou me sentindo furioso e triste. As sobrancelhas de minha mãe estão puxadas para baixo e Ryatt está carrancudo.

Mas quando minha mãe nos traz para nosso quarto, nos preparamos para dormir, e então ela se senta na cadeira entre nossas camas e nos conta uma história sobre Orea. Sobre um lugar dividido entre sete reinos. Sobre uma terra onde as pessoas nem sequer tinham poder até que os fae chegaram. E não importa que Orea não tenha magia própria, porque ouvi-la falar sobre isso faz com que todo o lugar pareça mágico de qualquer maneira.

Quando meus olhos ficam cansados, eu me mexo no travesseiro e bocejo. "Se a ponte da Lemúria não estivesse quebrada, eu a levaria de volta para Orea, mãe."

Estou com muito sono para abrir os olhos, mas acho que ela parece ao mesmo tempo feliz e triste quando responde: "Sei que você levaria, Slade. Eu sei."

CAPÍTULO 4



Slade

Já corri contra uma tempestade antes.

Muitas vezes, na verdade.

A maioria das tempestades me alcançou no passado. Encharcou-me com um choque de água morna que manchou meu humor e cortou minhas roupas com um calor benigno. Ou me atirou com granizo tão forte que cortou minha pele.

Mas ter que correr contra isso agora parece uma traição aos deuses e deusas. Que eles poderiam ser tão cruéis a ponto de adicionar isso a uma situação já deprimente.

Então me recuso a deixar a tempestade vencer desta vez. Recuso-me a deixá-la alcançar Auren.

Argo é o asa de madeira mais rápido do Quarto Reino. Provavelmente a fera mais rápida de sua espécie, e apenas sua resistência e habilidade nos dão uma chance de lutar. Eu exijo cada explosão de velocidade que ele pode me dar, conduzo-o mais forte do que nunca, e ele permite minhas exigências.

Corremos contra a tempestade que está coagulando as nuvens enquanto ela geme e bate em nossas costas, tendo um ataque para nos alcançar. Mas Argo não vai deixar a cadela vencer, nem eu. Não vou permitir que outra tempestade atinja Auren. Ela foi inundada e espremida, deixada para tomar a barragem sem abrigo. Mas enquanto eu estiver aqui, serei seu abrigo.

Nós voamos, como um raio disparado pelos céus, formando um arco sobre o solo.

Contra meu peito, enterrado sob duas capas, Auren respira. Respira, mas não acorda, não se mexe.

Horas miseráveis passam enquanto voamos. A cada segundo deles, o frio nos atinge, o próprio ar encharcado com a umidade transbordante reunida da tempestade que se aproxima. Meu rosto está dormente há muito tempo, minha bunda encharcada na sela, meus dedos incapazes de sentir o aperto das rédeas de couro. Se meus olhos ainda pudessem lacrimejar, cada gota não seria nada além de gelo contra minha pele.

Frio miserável e escuridão sufocante é tudo o que sei, mas confio em Argo para nos guiar onde precisamos ir. Eu mantenho Auren tão enterrada sob as camadas que não consigo ver um único centímetro dela, mas sinto a pressão quente de sua respiração contra meu pescoço, e isso é tudo que mantém minha natureza fae protetora sob controle. Impede-me de apodrecer as nuvens e fazer chover o veneno da minha raiva. Eu conto suas respirações como meu próprio batimento cardíaco, usando-o como o ritmo para reprimir meu poder fervilhante.

O tempo e a distância se arrastam.

Então, do nada, uma rajada repentina de vento nos atinge pela esquerda, e Argo emite um grito furioso quando todo o seu corpo é atingido pela força. A sela escorregadia muda com o movimento dissonante, fazendo eu e Auren tombarmos.

Eu me inclino para a frente, as mãos lutando para apertar melhor as rédeas, mas minhas mãos dormentes não conseguem segurar. Meu coração pula em minha garganta enquanto deslizamos.

Cavando em meus joelhos, eu jogo meu peso para o lado ao mesmo tempo que Argo inclina, empurrando toda a envergadura para pegar meu joelho. Ele nos endireita com atenção furiosa, outro rugido de indignação rastejando em sua garganta enquanto eu caio sobre a sela, a respiração ofegante pela proximidade.

Tudo o que nos prende a esta sela é uma única tira de couro afivelada em torno de nós dois. Se Argo não tivesse se segurado...

Como se o vento forte fosse uma afronta pessoal para ele, Argo se torna selvagem.

Ele continua a rugir para o céu com um vigor renovado em seu voo, como se agora fosse sua missão pessoal lutar contra o vento, recusando seu próprio cansaço e rechaçando-o com pura fúria.

Leva uma hora para minhas mãos pararem de tremer, para meu batimento cardíaco voltar ao normal, para não segurar as rédeas a ponto de doer. A queda da adrenalina escoa de mim como sangue de uma ferida.

Preciso levar Auren para algum lugar seguro, quente, e Deadwell é a opção mais próxima que tenho. No entanto, a paisagem escura zomba de mim, como se, em vez de se mover quilômetro após quilômetro, o mundo nevado do Quinto abaixo de nós não estivesse passando. Em vez disso, estamos colados ao seu éter, as sombras zombando de nós enquanto uma distância infinita se estende, ameaçando nunca ceder.

Mas a vontade pura e a determinação furiosa de Argo são incomparáveis.

Nossa corrida nos aproxima do alvorecer da manhã, embora eu pensasse que nunca chegaria. Traz a sugestão de um céu raivoso e coalhado. Eu pisco contra o horizonte clareando, e não sei se fico aliviada ou cheia de medo com o nascer do sol.

No entanto, mesmo quando os primeiros picos de luz do dia atravessam as nuvens corrugadas, Auren não se mexe. Certifico-me de que as capas ainda estão enroladas em volta dela, cada centímetro de pele coberto. Eu não sei se ela poderia produzir ouro agora em seu estado atual se algo tocasse sua pele nua, mas isso me preocupa. Ela não pode se dar ao luxo de usar nenhuma magia e, se começar a sair dela de forma incontrolável, nem mesmo Argo será capaz de continuar voando.

Sob minhas coxas, o peito de Argo arfa. Sua respiração é irregular, os músculos tremendo de tensão. Na luz cinzenta, posso ver que pedaços de penas foram

arrancados de suas asas de casca de árvore pelas violentas rajadas de vento que o atingiram. Estalactites de gelo pendem de seu focinho espumoso como presas extras, mas ele não para de rugir, não para de voar.

"Continue," eu insisto, embora eu não saiba se minha voz o alcança por cima do vento.

A culpa se agita em mim enquanto ele mergulha para outra bolsa de ar para ajudar a carregá-lo. Mesmo com a explosão de furor, ele está cansado. Estou pressionando muito forte, muito rápido, muito tempo, mas não há outra alternativa.

O sol finalmente vence o final da noite. Ele brilha como um farol, iluminando o caminho para a tempestade. Eu olho para trás, observando as nuvens que parecem estar galopando para a frente, prontas para nos esmagar sob cascos congelados.

Em meus braços, Auren estremece, fazendo-me cerrar os dentes congelados e ranger o gelo preso entre eles. O trovão ressoa com um relincho grunhido e bufo ameaçador, mas Argo se enfurece com um rugido gutural que está rouco de cansaço.

Mil cenários passam pela minha cabeça. Que não vamos conseguir. Que Argo terá que pousar. Que Auren ficará ainda mais exposta. Que a tempestade nos vencerá.

Mas de alguma forma, a silhueta familiar de montanhas rachadas aparece.

Deadwell.

Conseguimos.

A esperança salta em meu peito ao vê-lo.

Do chão, tudo o que você vê é neve apodrecida e picos rachados. Do ar, tudo o que você vê é um vale congelado e sombreado preso entre as montanhas como uma fileira de dentes tortos. É inóspito. Feio. Vazio.

Mas isso é apenas se você não souber onde procurar.

Por hábito, assobio entre os dentes para sinalizar Argo, embora a besta não precise de alerta, mesmo que possa me ouvir. Seus olhos são aguçados, seu senso de

direção muito melhor do que o meu. Afinal, ele está me trazendo aqui há anos. Ele provavelmente poderia fazer a viagem com os olhos fechados.

Meu peito se expande conforme nos aproximamos, e eu seguro a cabeça encapuzada de Auren contra meu peito. “Quase lá. Estamos quase lá,” murmuro.

Inclinando-me para a curva de Argo, mantenho Auren e eu preparados enquanto ele desce em direção aos topos escarpados das montanhas. As pontas têm a forma de uma faca serrilhada, com fendas rachadas que criam uma linha de visão irregular e uma perigosa queda de pedras. A maior montanha no meio se inclina ligeiramente, como se o vento a tivesse empurrado tanto por tanto tempo que finalmente começasse a se curvar à sua vontade.

As montanhas deveriam saber que não devem se curvar ao vento.

Mas o cume não é a única monstruosidade aqui. É o alcance da minha magia que realmente contamina a terra.

O que antes era uma extensão vazia e desolada na fronteira do Quinto, agora é um entrecruzamento de solo infectado por podridão. Raízes fétidas alcançam todo o caminho desde a fronteira do Quarto, cavando através da neve para se enrolar ao redor da base das montanhas aqui como trepadeiras rastejantes insípidas.

Minha magia responde às enormes quantidades de poder que eu já despejei nesta terra, minha pele estalando com sua presença como se estivesse me dando as boas-vindas. Posso senti-la encharcada no solo coberto de neve, posso sentir seu chamado vibrando como sede de sangue em minhas veias. Mas meu poder tem que esperar.

Embora as montanhas abaixo estejam rachadas e tortas, e embora as enormes raízes da podridão tenham tornado esta terra feia e estragada, ainda é a melhor visão de se ver. Eu me preparo enquanto descemos abaixo das nuvens em uma velocidade vertiginosa, meu estômago quase subindo pela minha maldita garganta enquanto Argo mergulha.

Durante anos, esta pequena faixa de terra escapou do meu controle. Mas agora, eu finalmente reivindico isso. Com o acordo que fiz com a Midas, estamos oficialmente fora do Quinto Reino e em meu próprio território.

Argo balança amplamente, indo diretamente para a montanha mais alta, exatamente onde as linhas apodrecidas de pedras de cascalho formam a base.

É a combinação de tudo isso, na verdade. As montanhas inclinadas. Os montes de neve e pilhas de rocha. A podridão purulenta. Tudo distrai, tudo esconde.

Qualquer um que passasse por esta parte do mundo não teria motivos para se demorar e nem desejo de fazê-lo. Argo contorna o pico rachado com pontas de presas, indo para a menor montanha. Tem um lado como um manto, e a plataforma rochosa se projeta o suficiente para oferecer abrigo à vila escondida abaixo. Essa borda quase invisível na montanha inclinada parece imperceptível, mas me chama tanto quanto minha podridão.

Você só veria a pequena cidade se viesse bisbilhotar de propósito ou soubesse para onde ir. Os edifícios são todos feitos da mesma rocha arenosa, misturando-se com a encosta da montanha sem esforço, escondidos sob a plataforma nevada.

É aqui, envolto no frio proibido, que se esconde o meu maior segredo.

Drollard Village.

Só então, a tempestade perseguidora ataca, nos punindo por chegarmos ao nosso destino. As nuvens se abrem e a chuva congelada cai, encharcando minhas roupas imediatamente.

Argo segue direto para a aldeia, a chuva escorrendo de suas asas estendidas e congelando contra suas penas. Ele apenas circula uma vez antes de seu corpo exausto bater no chão com tanta força que meus dentes estalam. Ele balança onde está, mas consegue ficar de pé, suas garras cavando na neve para se agarrar enquanto espuma congelada sai de sua boca.

“Boa besta,” eu o elogio. Ele vira a cabeça para piscar para mim e, embora pareça exausto, o brilho em seus olhos de falcão também é presunçoso. “Sim, você merece cada porra de tira de carne seca que quiser.”

Eu olho em volta, apertando os olhos através do aguaceiro, mas tudo está quieto na pausa matinal. A seis metros de distância, fileiras de casas rochosas estão enfileiradas, fumaça preguiçosa subindo das chaminés sob a borda da montanha, gelo acumulado no topo da saliência como folhas de telhas.

Minha mão congelada alcança a fivela da sela, mas é uma luta me desamarrar. Meus dedos estão dormentes demais para fazê-los funcionar direito, e agora com o granizo caindo, está escorregadio. Mas não posso arriscar largar Auren com minha outra mão porque preciso mantê-la seca e segura.

Um ruído de frustração sai de meus lábios como um rosnado. “Vamos, porra.”

“Senhor?”

Minha cabeça se levanta com a voz, e eu me concentro em um dos aldeões saindo do pequeno pavilhão que está enfiado entre a caverna rachada da encosta da montanha. Ele se apressa, o capuz puxado para cima para tentar afastar o dilúvio que está começando a cair, seu nariz bulboso aparecendo por baixo. “Deixe-me.”

Com dedos hábeis, ele rapidamente desfaz a alça e eu pulo com Auren.

“Obrigado, Theo,” eu digo. Ele não é tão cauteloso comigo quanto alguns dos outros, mas ainda não me olha nos olhos.

“Devo alertar o relógio?”

Eu balanço minha cabeça. “Não há necessidade. Apenas certifique-se de que Argo está sendo cuidado no poleiro. Diga a Selby para dar a ele o que ele quiser e o máximo, incluindo cobertores extras em seu poleiro. Ele é mais do que merecedor.

Theo inclina a cabeça, já caminhando para agarrar a alça de Argo. Para seu crédito, ele hesita apenas um pouco com a aparência do asa de madeira antes de levá-lo ao poleiro, onde ele pode ser cuidado.

Assim que eles se afastam, eu saio correndo com Auren, meus pés calçados com botas pisando no caminho de pedra branca que se mistura à neve lamacenta. Minha podridão não se espalha pela própria vila, em vez disso, é mantida estrategicamente ao redor da fronteira como uma muralha farpada para manter nossos inimigos afastados. E embora não se espalhe aqui, este lugar ainda está mergulhado na melancolia.

Ao que tudo indica, Drollard Village não existe. Talvez seja por isso que sempre me senti tão triste. Ao mantê-la em segredo, de alguma forma fiz com que parecesse ainda mais vazio.

Este lugar não é nada pitoresco. É duro, frio e sombrio, com casas solitárias cortadas na encosta oca da montanha, projetadas em sombras perpétuas. As pessoas que vivem aqui não têm as conveniências de estar em uma cidade onde as viagens e o comércio são abundantes. Em vez disso, eles trabalham duro para viver desta terra desolada, enquanto suplementados com os suprimentos que posso trazer para eles. Mesmo assim, nenhum deles jamais irá embora.

Eles não podem.

Além da vigília da aldeia, todos estão dormindo nesta hora do amanhecer, as janelas fechadas em antecipação à tempestade. Passo rapidamente pelas paredes inclinadas das casas de ardósia, cada porta de madeira a menos de um tiro de distância uma da outra. No entanto, os tamanhos das próprias casas enganam, já que sua profundidade é construída dentro dos recessos da montanha. Videiras espinhosas se estendem de fendas escarpadas no chão de pedra e teias de aranha ao redor das portas e janelas, suas bagas de casca branca ainda penduradas em touceiras de seus caules.

A pedra sob meus pés está escorregadia com a nova chuva, então dou passos medidos. Não quero escorregar com Auren em meus braços, mas ainda tento ir o mais rápido que posso, as botas afundando a cada passo.

Há algumas árvores perenes resistentes agarradas à vida ao longo do caminho, seus galhos congelados carregando o peso do frio sem fim e me dando algum alívio da chuva enquanto eu coloco Auren mais perto de meu peito.

Quando chego à curva do caminho, sigo a curva da montanha onde as casas terminam, deixando a face da rocha nua, exceto pela neve congelada contra ela. Acima, a encosta da montanha se curva como uma correnteza, criando um gigantesco toldo protetor. Uma camada de chuva congelada cai como uma cachoeira fina, e eu hesito, tentando pensar em uma maneira melhor de fazer Auren passar sem encharcá-la completamente.

“Aqui, deixe-me.”

Meus braços se apertam automaticamente ao redor de Auren, e me viro ao som da voz de meu irmão. “O que você está fazendo aqui?”

Ryatt caminha pela chuva e, sem dizer uma palavra, remove sua capa e a joga sobre nossas cabeças para bloquear o aguaceiro. Tenho a sensação de que ele faz isso mais por Auren do que por mim. Nós nos abaixamos sob o lençol de água da chuva o mais rápido que podemos e, assim que passamos por baixo da plataforma rochosa, felizmente saímos da tempestade e entramos na caverna da montanha.

“Obrigado,” murmuro.

Ryatt abaixa os braços e abaixa a capa novamente, mas não se preocupa em colocá-la de volta.

Agora envolto nas sombras da caverna, estaria completamente escuro se não fosse pelo suave brilho azul que vem das veias fluorescentes que correm pela barriga da montanha. Essas estrias cerúleas se ramificam em todas as direções, correndo pelas paredes, piso e teto, enquanto besouros incolores se agarram à superfície para mordiscar seus sedimentos. Estalactites descem do teto, apontando para nós em acusação.

“Então? Vai me contar o que está fazendo aqui?” Eu pergunto enquanto caminhamos, minha voz ecoando desoladamente.

“Você realmente achou que eu não viria?” As mãos de Ryatt apertam sua capa em torções amargas. “Eu queria vir aqui no momento em que Midas emitiu suas ameaças, e você sabe disso, então você pode apenas salvar seus malditos comandos,” ele estala, mandíbula travada.

Sinto meus próprios dentes rangerem em resposta. Provavelmente não tenho o direito de ficar frustrado com ele, porque entendo sua raiva e, no entanto, estou. Como ele costuma estar comigo.

“Tudo bem,” eu cedo. Estou com muito frio e exausto para discutir. “Falaremos mais amanhã. Mas preciso esquentá-la e secá-la.”

Ele olha para Auren pelo canto dos olhos. “A fodida tempestade tinha que cair esta noite de todas as noites.”

Meu irmão e eu caminhamos em silêncio tenso pela caverna. Mesmo sem tentar, nossos passos coincidem, nossos ombros na mesma altura, nossas roupas quase idênticas. Quando minha natureza fae não está exposta, podemos passar por gêmeos, um fato que usei a meu favor muitas e muitas vezes.

Apesar do fato de que sempre caminhamos sem esforço um com o outro, sempre parecemos pisar no calo do outro.

Eu morreria por Ryatt, e ele desistiu de muito para estar ao meu lado, mas na maioria dos dias, nós nos esmurrávamos alegremente.

Esta noite não é diferente.

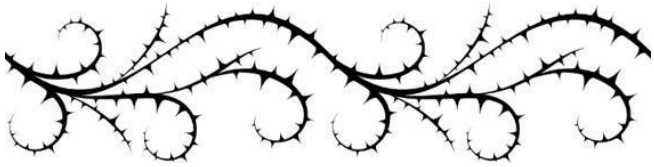
Nós acabamos com o resto da distância, e então, estamos aqui, em nossa casa na caverna, descemos em sombras azuis com estalagmites como guardas de pé.

A Gruta.

“Lar doce lar,” murmura Ryatt.

Algo azeda em meu estômago. “Sim. Lar Doce Lar.”

CAPÍTULO 5



Slade

8 anos

“Slade!”

Eu olho para Ryatt, suas pernas gordinhas lutando enquanto ele tenta e não consegue subir na árvore depois de mim. Eu sabia que ele ia tentar me seguir até aqui. Mas toda vez que ele vê que não pode, ele começa a choramingar como um bebê, assustando todos os pássaros até eu descer.

“Slade!”

Sabendo que não posso continuar ignorando-o, arregaço as mangas da minha camisa e coço meus braços. “Eu voltarei,” digo ao pequeno filhote.

Ele chilreia para mim.

Quando ouço Ryatt arranhando novamente abaixo, eu me inclino sobre meu galho, afastando algumas das folhas marrons e mortas. “Você não pode subir aqui. Você é muito pequeno.”

Seu rosto enruga com raiva enquanto ele olha para mim. “Não sou.”

“Você é,” eu digo a ele. “Além disso, você ainda não tem permissão para subir em árvores.”

Ele deixa cair os pés no chão novamente, apenas para poder pisar em um deles em um ataque. Suas meias estão enroladas de forma desigual, ambas cobertas de

manchas de grama. Mamãe sempre estala a língua quando entramos com nossas meias brancas manchadas de grama, mas nos diz que é da mesma cor dos nossos olhos, então pelo menos combina.

Eu limpo um pouco de suor da minha testa e suspiro, abandonando meu galho de árvore para que eu possa pular ao lado dele. "Feliz?"

Ele concorda. "Eu estou com fome."

"Você está sempre com fome." Mas agora que ele mencionou, também estou com fome. "Vamos. Aposto que Cook vai nos dar alguma coisa."

"Está quente," Ryatt reclama.

"É verão, estúpido," digo a ele com uma risadinha.

Ele me lança um olhar zangado. "Eu vou contar."

"Não, você não vai." Eu sorrio para ele, porque Ryatt e eu nunca fofocamos um sobre o outro. É a nossa regra.

Ele dá de ombros.

Nós dois vamos em direção à propriedade. Agora que não estou mais sob a sombra da árvore, percebo o quão quente realmente está. Não é à toa que o rosto de Ryatt está todo corado e seu cabelo preto está espetado de suor. Eu provavelmente pareço o mesmo.

Terminei minhas aulas mais cedo, e a babá deixou Ryatt sair para tomar ar fresco, então estamos aqui fora há um tempo. Eu não sei quanto tempo. Eu me distraio quando verifico os ninhos de pássaros.

"Vamos para a lagoa!" Ryatt diz do nada, quando estamos quase nos arbustos.

Eu atiro a ele um olhar. "Você acabou de dizer que está morrendo de fome."

"Lagoa!"

"Tudo bem," eu cedo com um gemido. "Mas só um pouco. Então vamos entrar para comer."

Ryatt acena com a cabeça e começa a descer a colina. Eu corro atrás dele, fingindo que ele é mais rápido, e ele ri com um guincho. Corremos para o lado da propriedade, chegando a meio caminho antes que as pernas de Ryatt se cansem e ele tenha que parar.

"Estou com sede," ele lamenta.

"Vou mergulhar sua cabeça na lagoa então."

Ele franze a testa para mim, mas eu rio e o cutuco bem nas costelas, onde sei que ele sente cócegas. Ele tenta lutar por um segundo, mas perde em um ataque de risos contorcidos.

Depois da casa estão os estábulos e, do outro lado, o lago. Passamos pelo paddock onde alguns cavalos de papai estão parados, pastando na grama.

Eu não acho nada disso a princípio.

Thwack.

Parece o nosso cavalariço sempre que usa o chicote em um dos cavalos. Eu ouço o tapa no traseiro, o rápido golpe de correção.

Thwack.

Ryatt também não percebe nada.

Mas eu paro por algum motivo, minha mão disparando para o braço do meu irmão para que eu possa detê-lo também. "Espere."

"Por que?" ele choraminga.

Eu coço meu braço. "Apenas fique aqui por um segundo."

Ele franze a testa, e eu sei que ele vai discutir, mas, felizmente, um dos cavalos vem até a cerca e o distrai. Ele sobe na cerca e começa a acariciá-lo, e eu imediatamente me apresso. Mas quando passo pelo estábulo, não há ninguém lá dentro.

Thwack.

Eu viro minha cabeça para a direita, meus pés me levando para frente.

E então eles param.

Não é o estábulo. Não é uma colheita. Não é um cavalo.

É meu pai, de pé ao lado de minha mãe, os dois encostados na parede externa do estábulo. Não consigo entender o que estou vendo de imediato, então fico parado ali e observo.

Mas então a mão de meu pai desce e ele bate em minha mãe com tanta força que ela cai no chão. Sua boca está se movendo, sibilando palavras raivosas, mas não consigo ouvi-las.

O choque me congela no lugar.

Há um som alto em meus ouvidos. Ou talvez o som esteja no meu sangue, porque posso ouvi-lo e senti-lo ao mesmo tempo. Minhas costas coçam. Meus braços parecem formigas rastejando sobre eles. Minhas veias estão frias. Até minha cabeça parece estranha.

Por um segundo, fico parado ali como uma estátua, sentindo e ouvindo. Meu sangue, minha pele, está tão alto que acho que vou desmaiar.

Mas então meu pai levanta a mão novamente. Minha mãe abaixa a cabeça. E eu fico tão bravo que isso se mistura com o barulho e tudo isso simplesmente... explode.

Antes que meu pai possa abaixar a mão novamente, estou gritando com ele. "Pare!"

Eu me movo mais rápido do que posso pensar, e então o empurro com toda a minha força. Há uma expressão de choque em seu rosto quando o empurro, mas olho para ele com ódio. Então talvez o ódio seja mais forte que o choque, e é por isso que sou capaz de fazer seu corpo bater na parede do estábulo.

Mas... eu não achava que o ódio era forte o suficiente para derrubar uma parede.

O estábulo de madeira foi construído sólido e forte, mas de alguma forma, a parede desmorona assim que ele a atinge.

A parede desaba, fazendo meu pai cair com ela, e observo enquanto a madeira se desintegra, pequenas lascas subindo no ar como poeira enquanto ele cai no chão em uma pilha. O barulho em mim agora é o barulho de parte do telhado desmoronando, e o resto da parede caindo, enterrando meu pai sob as tábuas.

"Slade!" minha mãe chama, arrastando-se para trás com medo.

Eu começo a ir até ela, mas o punho do meu pai perfura os restos, e ele estala os dedos, fazendo seu poder atacar, quebrando a madeira em cima dele com um estalo. Ele cai quando ele se levanta, e a expressão em seu rosto faz todo o sangue escorrer do meu.

"Como você ousa!"

Ele está furioso. Olhos negros presos em uma rede de veias injetadas que o fazem parecer ainda mais zangado. Sei que ele vai me atacar a seguir, mas não me importo. Eu não me importo, contanto que ele não bata nela novamente.

Ele dá um passo em minha direção e eu me preparo, sentindo como se todo o frio em minhas veias descesse pelos meus pés, e meu pai cambaleia até parar. Ele faz uma pausa, olhando para o chão ao meu redor. "O que..."

Eu sigo seu olhar. A grama ao redor dos meus pés não é mais verde. É a cor pálida e morta do trigo. Há trechos de terra onde posso ver linhas estranhas desenhadas através dela, e essas mesmas linhas pretas se espalharam pelo que sobrou do estábulo torto como raízes feias. A madeira em si parece que está em clima difícil há anos e que uma única expiração derrubará o resto.

"Slade..."

Ao ouvir a voz da minha mãe, olho para onde ela ainda está agachada no chão, mas as linhas não a tocam. Ela está no único lugar onde a grama ainda está viva e verde. Seu olhar não está no meu rosto enquanto ela me observa com os olhos arregalados. Ela está estudando meu pescoço, meus braços, minhas costas.

Logo em seguida, afunda que eu machuquei. Por toda parte.

Meu pai se vira para ela, mas eu pulo na frente dela. Estou respirando muito rápido e me sentindo muito nervoso, mas não vou me mexer. Não vou deixar que ele bata nela de novo.

"Não," eu digo a ele, e minha voz é a última coisa que está alta, porque tudo que eu estava ouvindo dentro de mim ficou quieto, e de repente estou muito cansado.

Atrás de mim, sinto minha mãe agarrar minha perna e tentar me afastar, mas ignoro. Papai já me deu a bengala antes, e eu estava bem. Posso lidar com isso de novo porque não sou um bebê. Quero dizer isso a mamãe, mas papai vem até mim e me agarra pelos ombros, com os olhos arregalados.

No começo eu acho que é um truque, mas quando o choque não deixa seus olhos, quando sua mão não vem para me bater, eu finalmente olho para baixo para ver o que ele está olhando. Para ver o que minha mãe estava olhando antes.

Meus braços estão sangrando, e provavelmente é por isso que doem tanto. Mas não é o sangue que faz meus olhos crescerem como pires. Não, são as coisas pretas saindo delas, pequenas pontas afiadas que atravessaram minha pele como se perfurassem diretamente através de mim.

A princípio, acho que talvez algumas das lascas do estábulo tenham se quebrado e me perfurado. Mas quanto mais olho, vejo que não é o caso. As coisas são idênticas em ambos os meus braços e não me perfuraram. Eles saíram de mim.

Fico paralisado de choque quando meu pai estende a mão e pressiona uma das coisas pretas. Nós dois sibilamos de dor. Eu olho para cima e noto que seu polegar agora está ensanguentado, como se a ponta preta fosse tão afiada que o cortou.

Toda a raiva anterior de seu rosto é substituída por um sorriso estranho enquanto ele olha para o sangue por mais um segundo antes de voltar sua atenção para mim. "Meu filho."

Ele rapidamente me agarra pelos ombros novamente e me faz dobrar, e então eu sinto outra pontada de dor quando ele pressiona um ponto nas minhas costas, fazendo minha coluna arquear enquanto eu me ereto novamente. "Ai!"

Meu pai ri enquanto me solta. "Olhe para você!" ele diz, seu sorriso mais largo do que eu já vi antes. "Apenas oito anos de idade, e olhe isso!"

"O que é isso?" Eu pergunto preocupado, olhando para as gotas de sangue que saem das saliências pretas e pontiagudas. Há veias negras se estendendo desde a base deles, descendo pelos meus braços como se Ryatt pegasse uma pena na minha pele e desenhasse por toda parte. Eu tento esfregar, mas não vai embora.

"Você se transformou," diz o pai, entusiasmado. "Seu poder entrou."

Eu me sinto ficar frio por toda parte. "O que?"

Ele sorri e puxa meu braço para me mostrar. "Veja! Você já se transformou."

Meus olhos vão das veias do meu braço até as veias do chão que sobem pelas tábuas externas apodrecidas da parede do estábulo. Eles são os mesmos.

"Eu sabia que meu filho seria poderoso."

Eu não me sinto poderoso. Eu me sinto cansado e tudo dói, e estou com tanta raiva e tanto medo...

Quando começo a chorar, sei que é um erro, mas não consigo evitar.

O orgulho instantaneamente deixa seu rosto e ele olha para mim com desgosto. "Pare com isso. Eu não vou ter um bebê tagarela como filho," ele diz friamente antes de seus olhos negros seguirem para minha mãe. "Limpe-o e depois mande-o para os jardins. Quero começar a testar o que ele pode fazer," ele diz a ela, e então acrescenta, "E você, fique no seu quarto. Não quero vê-la pelo resto da noite."

O aperto de minha mãe em minha perna aumenta.

Ele se vira e se afasta, e tantas lágrimas caem pelo meu rosto que nem consigo acompanhar todas, mas fico feliz que ele não esteja aqui para contá-las. Eu tento parar, tento mesmo, mas tudo dói e eu não entendo, e minha mãe...

Só então, seu rosto aparece quando ela se ajoelha na minha frente, seus olhos vermelhos para combinar com a marca em sua bochecha, a rachadura em seu lábio.

“Eu sou... um Destruidor?” Eu pergunto, e isso me faz chorar um pouco mais, porque não quero ser nada parecido com meu pai. Mas de alguma forma eu quebrei a parede do estábulo, e quebrei o chão, e essas pontas perfuraram minha pele... e me sinto como um monstro.

Ela balança a cabeça, gentilmente inclinando meu queixo para cima. “Não, Slade. Você não. Você não quebra as coisas. Você as protege.”

Mas quando olho ao redor do quintal, isso não parece proteger. Isso parece uma ruína. Meu pai estraga as coisas também. Basta olhar para o rosto da minha mãe para me lembrar disso.

Mesmo que meu braço doa muito para movê-lo, levanto minha mão e toco suavemente sua bochecha. “Você está bem?”

Agora ela é aquela cujo rosto se enruga enquanto as lágrimas começam a correr por suas bochechas. Deixando cair minha mão, estendo a mão para frente e cuidadosamente pego a dela e aperto, tentando ignorar todas aquelas linhas pretas se espalhando na ponta dos meus dedos.

“Não chore, mãe. Eu protegerei você.”

Isso não a faz se sentir melhor, porque ela apenas chora mais. Meus olhos caem, e eu gostaria de ser mais velho, gostaria de poder fazer alguma coisa. Olhando para baixo, vejo as manchas de grama na bainha de seu vestido branco, de quando o pai bateu nela e ela caiu no chão.

“Slade?”

Nós dois nos viramos para ver Ryatt atrás de mim, franzindo a testa e segurando um cacho de morangos em sua camisa. Ele deve ter saído para o jardim para um lanche. Esqueci que ele estava aqui. Estou tão feliz que ele não viu.

“Olha, Ryatt,” eu digo, mantendo sua atenção em mim. Sua boca se abre e ele aponta um dedo em minha direção, fazendo seu tesouro de morangos cair no chão. “O que é isso?”

“Eu tenho minha mágica,” eu digo, tentando parecer feliz, fungando para que eu possa parar de chorar.

Excitação pisca sobre suas bochechas manchadas de vermelho. “Posso tocá-lo?”

“Claro.”

Ele se apressa para frente, seu dedo manchado de vermelho alisando uma das pontas pretas. “Isso dói?”

Eu dou de ombros. “Um pouco.”

Ele sorri, virando-se para nossa mãe, mas tudo o que ele ia dizer a ela é jogado fora, e ele franze a testa. “Mãe?”

Ela tem um sorriso colado e já limpou as bochechas, mas ainda parece toda errada. “Ryatt, esses morangos parecem muito bons.”

Ele não é dissuadido. “Você está chorando?”

“Estou bem, querido. Só levei um tombo. Veja?” ela diz, apontando para a barra do vestido.

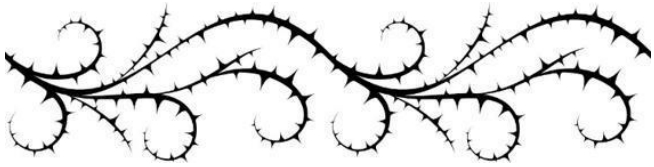
Ele acena com a cabeça e então desliza sua mão pegajosa vermelha na outra mão dela. “Tudo bem, eu também caí,” diz ele, apontando para as meias sujas. “E sabe o quê?” ele pergunta.

“O que?”

“As manchas de grama combinam com seus olhos também.”

Acho que nunca vi um sorriso tão triste.

CAPÍTULO 6



Slade

Além das estalagmites estendendo-se do chão na caverna, também há estalactites ousadas penduradas no teto. Eles se afunilam perfeitamente em torno da porta da frente da Gruta como um arco, os pilares escarpados pendurados em picos agudos. Eles estão envoltos em finas bobinas de fluorescência, lançando sombras azuis em nossos rostos quando passamos por baixo deles.

Tenho emoções conflitantes quando se trata de estar aqui. Por um lado, é um conforto. Por outro, parece um castigo. Pode ser estranho para alguns termos uma casa dentro de uma caverna, mas é privada e escondida e, apesar das paredes cinzas, encontrei algum conforto aqui.

Ryatt dá um passo à minha frente e abre a porta da frente com um empurrão, as dobradiças rangendo por causa da umidade perpétua no ar. Corro pela casa escura, sem precisar da luz, sabendo onde tudo está de memória.

Rapidamente chego à sala da frente, sombras escassas compõem as formas dos móveis que conheço de cor. Sinto minhas botas baterem no tapete de pele branca que fica no centro da sala, logo abaixo de uma mesa redonda que tem argolas manchadas na madeira por causa de todos os copos de álcool que eu e minha Ira colocamos nela, condensação que se dane.

Paro quando minhas canelas batem no sofá acolchoado e, quando coloco Auren nele e começo a tirar seus sapatos molhados, Ryatt já está atrás de mim, começando a acender o fogo.

Usando as almofadas, cuidadosamente apoio Auren para que ela não fique deitada de costas. Porque as costas dela...

Não suporto pensar nisso.

Sobre o que ele fez com ela.

A raiva surge dentro de mim, e eu gostaria de estar em Ranhold, poder voltar no tempo e trazer Midas à vida novamente para poder matá-lo eu mesmo. Eu faria isso devagar. Cortando membro após membro. Apodrecendo-o uma veia de cada vez. Esmagando seu coração em meu punho.

Fazendo-o sofrer.

O golpe de uma pederneira atrai faíscas em minhas costas e acalmo minha raiva para me concentrar em minha tarefa. Eu preciso esquentá-la e secá-la, ou a podridão dentro dela não importará, porque ela morrerá de hipotermia.

Tiro as capas molhadas de Auren. Eu jogo os dois no chão, pedaços de gelo quebrando quando eles aterrissam, a água se acumulando embaixo deles. Fico grato por descobrir que o vestido dela por baixo está úmido, mas não encharcado, apenas pedrinhas de neve grudadas na bainha. Eu rapidamente arranco os cobertores da parte de trás do sofá e os empilho em cima dela, colocando-os bem apertados em torno de seu corpo.

Um suave brilho laranja começa a iluminar a casa, e não perco tempo puxando o sofá para frente, suas pernas rangendo em protesto enquanto o arrasto pelo chão e o coloco bem em frente à lareira. Eu posso ouvir Ryatt se movendo pela sala, acendendo arandelas enquanto ele anda, tentando afastar o frio.

Eu seguro minha mão na frente de seus lábios entreabertos, sentindo a respiração de Auren sair lenta e constante.

“Auren?”

Não estou esperando uma resposta, mas estou muito desapontado mesmo assim. A única maneira de engolir o pavor é continuar me movendo, então tiro suas perneiras encharcadas. Então eu verifico seus dedos das mãos e pés, colocando-os

em minhas mãos enluvadas para soprar exalações quentes sobre eles. Eu não me importo se o poder dela entrou em ação agora que é de manhã. Eu preciso aquecê-la. Quando estou satisfeito com a temperatura deles, cubro-os com os cobertores mais uma vez e, em seguida, limpo suavemente o gelo de seu cabelo.

"Por que ela não está acordando?"

Eu não tinha ouvido Ryatt andar atrás de mim, mas meus ombros ficaram tensos com sua pergunta. Eu olho para o rosto dela, enquanto algo frio se contorce na boca do estômago. "Não sei."

Nós dois a observamos, o peito subindo e descendo, o crepitar das chamas coroando sua pele com um tom alaranjado.

"Auren."

Minha chamada traz absolutamente nenhum movimento dela.

Eu ouço Ryatt se afastar, e então um barulho na cozinha atrai meu olhar. Eu espio além do arco onde ele está agora em pé na frente do forno de ferro, apenas pouco visível deste ponto de vista. Sua grade frontal já está fechada e brilhando com o fogo enquanto ele trabalha sobre uma panela que está em cima dela. Lá fora, a tempestade está ficando mais forte, as cavidades da caverna ecoando com os gritos do vento.

Voltando-me para Auren, utilizo meu poder novamente, mas, como antes, vejo aquele último grão de podridão dentro dela, e ele não se move. Eu não consigo nem segurar mais. Está embutido nela como uma muda que criou raízes. No entanto, sua essência é tão pura quanto antes, o funcionamento interno de seu corpo exatamente como deveria ser. Além desse único fragmento, ela parece a mesma.

Então, por que ela não está acordando?

Minhas sobrancelhas se juntam, os olhos observando seu rosto sereno enquanto as preocupações me atacam a torto e a direito. As veias fracas e apodrecidas que subiram por seu pescoço sumiram, sua pele voltou à cor normal. Ela simplesmente parece estar em um sono profundo.

"Auren, você precisa acordar."

Claro que ela não escuta. Ela nunca me ouve. Sempre discute, sempre tem um fogo fervendo logo abaixo da superfície, o que eu amo pra caralho.

“Acorde e discuta comigo, Canário.”

Observo seu rosto plácido por mais um momento antes de me virar e cair no chão ao lado dela. Equilibrando minhas costas contra o sofá, eu dobro meus joelhos para que eu possa apoiar meus cotovelos neles. Eu esfrego minhas mãos no meu rosto, sentindo a exaustão puxando meus membros como cordas com nós.

Abaixando-me, tiro minhas botas molhadas, jogando-as na lareira antes de arrancar minhas luvas e erguer as palmas das mãos para as chamas. Eu não sinto o calor delas.

Acho que estou paralisado de medo.

Ainda estou olhando para as chamas, ainda sem sentir nada, quando a porta da frente se abre de repente. Estou de pé em um segundo, pronto para algum ataque desconhecido, mas quando vejo duas figuras encharcadas correndo para dentro e batendo a porta atrás delas, faço uma pausa.

Olho incrédulo para Lu e Digby. “O que vocês dois estão fazendo aqui?”

Lu joga para trás o capuz de sua capa, respirando com dificuldade enquanto segura Digby, o braço do guarda em volta de seu ombro enquanto a chuva e o gelo escorrem deles. “Ele insistiu em ficar com Cachinhos Dourados. Tive um ataque lá atrás até que concordei em seguir você e levá-lo junto.”

Eu lancei um olhar grosseiro para o homem, mas ele apenas franziu a testa para mim, fazendo uma poça no chão. Apesar de seu olhar, ele parece estar a um segundo de tombar. “Eu fico com ela.”

“Tudo bem,” eu digo com um suspiro.

Digby pisca, como se estivesse surpreso por eu ceder tão facilmente, mas quero o melhor para ela, e sei que Auren preferiria que ele estivesse por perto de qualquer maneira.

Com a ajuda de Lu, ele manca para olhar Auren, uma carranca se formando entre suas sobrancelhas enquanto ele a observa. “Ela não acordou?”

“Não.”

Claramente, o temperamento de Digby não foi arrefecido pela tempestade de inverno, porque seus olhos brilham com a mesma raiva de antes. “Isso nunca deveria ter acontecido,” ele rosna. “Você deveria ser algo para ela? Você supostamente se importa?”

Minhas mãos se fecham em punhos. “Claro que eu me importo.”

“Bem, por que você deixou isso acontecer então?” ele desafia, mas não é nada que eu já não esteja repetindo para mim mesmo. “Você deveria ser o rei mais poderoso do mundo, certo? Então faça alguma coisa.”

Se ao menos eu pudesse.

“Ela só precisa descansar,” eu digo novamente, toda a raiva sangrando em meu tom.

Ele fica parado ali, pingando e fervendo, com as bochechas ressecadas pelo vento e o nariz vermelho de frio.

“Vamos. Você a viu, e Slade está certo. Ela precisa descansar.” Lu começa a afastá-lo. Ele apenas resiste por um segundo, olhando para Auren mais uma vez. Então ele se vira, deixando que ela o conduza até o corredor que leva aos fundos da casa, onde se ramifica em vários quartos. “Vamos invadir o quarto de Osrik. Tenho certeza de que podemos encontrar algo para você vestir.”

Quando seus passos desaparecem, observo Auren novamente, mas ela apenas fica lá, imóvel como um cadáver. A única coisa que impede que o medo selvagem exploda de mim é o fato de que posso ver sua aura dourada pairando em torno de sua silhueta. Ainda está fraco. Sem brilho. Mas está lá, então eu seguro aquele pedaço como um único fio segurando uma pedra.

Ela só precisa descansar.

É um mantra tocando na minha cabeça.

Ela usou muito poder. Isso a drenou, quase ao ponto da morte. No entanto, o que me preocupa ainda mais é que ela usou uma faceta totalmente diferente de seu poder que ela nunca havia explorado antes. Quem sabe que tipo de pedágio isso teve sobre ela?

“Aqui.”

Eu olho para a minha direita quando Ryatt se aproxima, segurando uma caneca fumegante. Pegando-o, eu espio dentro para encontrar um pouco de caldo aguado com alguns pedaços de cebola e raízes de aipo. “É tudo que eu consegui arranjar tão rápido,” ele diz com um encolher de ombros. “Precisaremos ir ao porão amanhã.”

Eu jogo a bebida de volta, sem prová-la, exceto pelo calor que queima minha língua e nada em meu estômago vazio.

Ryatt bebe o dele muito mais devagar, e posso sentir seus olhos verdes escuros me observando. “O que?” Eu pergunto.

“Isso nunca aconteceu antes.”

Eu olho para o rosto de Auren. “Não. Não aconteceu.”

“Não quero soar como um idiota, já que tenho certeza que você já fez isso, mas você não pode simplesmente... tirar o resto da podridão dela?”

“Infelizmente, você parece um idiota, porque eu tentei, porra.”

“O que é diferente?”

Colocando o copo vazio sobre a lareira de madeira, apoio a mão contra a madeira escura, cabeça baixa enquanto olho para as chamas. “Não sei. Talvez eu tenha sido muito forte quando usei meu poder nela em primeiro lugar. Ou talvez eu tenha deixado muito tempo dentro dela.”

“É... quero dizer, você já deixou podridão dentro de alguém antes?”

Eu atiro a ele um olhar. “Obviamente eu fiz. Quando eu queria matá-los.”

Ele acena para mim. “Quero dizer, alguém que você não estava tentando matar?”

“Não,” eu cuspo, apertando o manto com força suficiente para fazer a madeira ranger em protesto. “Minha podridão segue minha direção. Nunca fez isso, porra.”

Eu não entendo isso. Mesmo agora, posso sentir que está lá, mas não consigo segurá-lo. Eu não posso chamá-lo de volta para mim. Não está me respondendo.

“Ela vai acordar?”

A raiva me faz girar com um rosnado no rosto. “Claro que ela vai acordar!” Eu grito, a pele ao longo dos meus braços inchando, espinhos ameaçando estourar. “Foda-se por perguntar isso.”

“Bem, foda-se você também. É uma pergunta válida.”

Minha mão se curva e estou prestes a dar um soco na cara dele quando Lu volta. “Já não estão jogando bem, rapazes?” Ela tirou as roupas molhadas e está usando enormes chinelos de pele maiores que patas de urso. Eles são a porra de sua coisa favorita sempre que ela está aqui, mesmo que pareçam ridículos nela. Digby não está à vista.

“Ele está descansando. Ele tenta fingir o contrário, mas está muito mal. Dei a ele a cama de Osrik,” ela diz sem que eu precise perguntar. Ela vem para ficar ao nosso lado com as mãos nos quadris. “Então? Qual é o problema?”

“Só estou tentando ter uma porra de conversa,” Ryatt resmunga.

“Sobre Dourada?” Lu adivinha, então bufa e caminha até Auren. “Que tal você não cutucar a besta podre?”

Meu irmão revira os olhos.

“O que você está fazendo?” Eu pergunto quando ela tira os cobertores de Auren.

Ela me mostra uma trouxa de roupas na mão. “É seguro tocá-la?”

Eu hesito. “Não tenho certeza. É tecnicamente a luz do dia, então o toque dourado dela não deveria mais estar adormecido, mas...” Minhas palavras falham.

“Mas ela simplesmente se agarrou como um animal raivoso e transformou o castelo em uma gigantesca boca de ouro que engoliu tudo durante a noite, mesmo quando ela não deveria ser capaz?” Lu brinca.

“Ela não dourou nenhum dos cobertores ou o sofá.”

“Que pena. Eu odeio essa cor verde,” ela diz, olhando para as almofadas antes de passar por um par de leggings e meias grossas forradas de pele. “Estas são para ela.”

“Obrigado.”

Ela se vira para Ryatt e dá um tapa em seu braço. “Vamos, vamos nos tornar úteis acendendo o fogo nos quartos e pegando mais lenha. Eu não acho que essa tempestade vai passar por um tempo.”

Os dois desaparecem no corredor, as vozes abafadas. Vestindo minhas luvas de novo por precaução, cuidadosamente pego os pés de Auren, um de cada vez, colocando as perneiras macias em suas pernas. Eu a movo com cuidado, especialmente quando preciso manobrá-la para puxá-los para cima. Quando termino, cuidadosamente a coloco de lado novamente para que todo o seu peso não fique nas costas.

Então coloquei as meias em seus pés antes de cobri-la com os cobertores mais uma vez. Uma mão delicada está pendurada no sofá, e é quando vejo os restos esfarrapados de sua fita cortada ainda amarrada em seu pulso.

A emoção, quente e inebriante, sufoca meu crânio, minha tristeza pressionada e congestionada.

Com um simples toque, eu pego a mão dela, meus dedos deslizando sobre a ponta cortada. Ele jaz imóvel e pesado, um cadáver decepado e sedoso.

Use suas fitas.

Não posso.

Ah, ela não te contou? Ela perdeu esse privilégio.

Um tique pulsa no meu maxilar, a podridão empurrando meu pescoço como chicotes punitivos.

Gentilmente, desamarro a fita e a coloco no bolso, a única parte de mim que permaneceu seca. Então enfio a mão dela debaixo do cobertor antes de cair no chão novamente. Não sei quanto tempo se passou quando Lu voltou para a sala. Ela cheira a lenha e fumaça e parece cansada, mas isso não a impede de se sentar no chão ao meu lado.

Se ela me perguntar por que não consigo consertar Auren, posso simplesmente explodir.

Em vez disso, ela está quieta. Nós dois apenas olhamos para as chamas, ouvindo-as crepitar enquanto a tempestade ruge lá fora.

Quando ela fala, quase me encolho, tão perdido em meus pensamentos que esqueci que ela estava aqui. “Você se lembra quando entrei no seu exército pela primeira vez?”

Eu fico imóvel, olhando para ela com o canto do olho, estudando o cume de sua sobrancelha contemplativa. Ela nunca fala sobre isso, nunca fala sobre si mesma naquela época. Sempre respeitamos o silêncio dela sobre o assunto, porque com certeza temos coisas em nosso passado que também não gostamos de falar. As poucas vezes que um de nós tocou no assunto, ela o desligou, então estou chocado que ela esteja trazendo isso agora.

Sentindo como se estivesse pisando em gelo que pode quebrar a qualquer momento, eu cuidadosamente aceno. “Eu lembro.”

Com os pulsos apoiados nos joelhos, ela balança a cabeça. “Eu era um gato sibilante que não conseguia passar por uma única conversa sem começar uma briga.”

Meus lábios se erguem quando me lembro daquela garota rabugenta e perversa que costumava vomitar algumas das merdas mais maldosas e cruéis que eu já ouvi, e ela tinha apenas quatorze anos. “Fiquei surpreso por você nunca ter criado garras.”

Ela bufa e dá um tapinha no piercing de madeira em seu lábio, a luz do fogo fazendo a gema de rubi embutida brilhar. “Eu caminhei até você, olhei bem nos seus olhos e disse que seu capitão era um chorão ossudo que não conseguia se esquivar de um chumaço de saliva e que você precisava de soldados com melhor julgamento.”

A memória faz uma risada escapar de mim. “O tempo todo ele te segurou pelo colarinho até você chutá-lo nos joelhos.”

“Bastardo não deveria ter me acusado injustamente de tentar roubar merda.”

“Você tem razão. Foi por isso que lhe dei um uniforme e lhe disse para ir para o quartel.”

Seus lábios se inclinam para cima. “Você disse que se eu fosse tentar substituir um de seus capitães, eu precisava pelo menos aprender a manejar uma espada.”

“E olhe para você agora,” eu respondo. “Capitã do flanco direito.”

Lu passa a mão sobre o cabelo raspado, o dedo demorando-se sobre o formato da lâmina cortada na lateral. “Sejamos honestos. Você viu uma garota meio faminta e feroz nas ruas naquele dia e sentiu pena dela.” Seu tom é de nostalgia encimada por algo agridoce.

“Pelo contrário,” eu digo a ela honestamente. “Eu vi uma companheira perversa e uma pessoa que não tem medo de lutar, que poderia ser uma grande líder se tivesse a chance de aprender.”

Lu se vira para mim e, pela primeira vez em anos, é quase como se eu estivesse olhando para aquela garota de quatorze anos novamente. Serviu um prato de merda de uma família indigna, apanhada nas garras de suas deficiências. Ela estava fodida, jogada fora, forçada a se defender sozinha. Sua atitude combativa não era uma falha de caráter. Era sua fortaleza. “Eu odiei você naquele dia, você sabe. Por me recrutar para o seu exército e me transformar em um de seus soldados fodidos. Eu não queria responder a você. Não queria responder a ninguém.”

“Oh eu sei. Você me amaldiçoou em mais de uma ocasião por isso. Acho que você trabalhou na latrina durante nove meses.”

“Foram doze,” ela conta, quase com orgulho. “E eu secretamente te odiava mais porque estava muito agradecida.” Sobrancelhas levantadas com sua franqueza, observo enquanto ela balança a cabeça e solta um suspiro. “Vamos encarar. Se você não tivesse me arrancado daquela rua e me dado uma espada, eu teria morrido, Rip.”

Eu balanço minha cabeça. “Não acredito nisso nem por um segundo. Você era forte, mesmo assim.”

Seus olhos castanhos estão baixos, olhando para a madeira carbonizada queimando na grelha. “Não quero dizer morrer fisicamente, mas mentalmente. Emocionalmente. Espiritualmente.” Ela pressiona a mão no peito, batendo duas vezes. “Você não pode contemplar, se acomodar ou prosperar quando está vivendo assim. Eu estava morta e correndo, apenas tentando sobreviver. Apenas fazendo isso um dia. As pessoas não entendem isso, sabe? Se eles nunca viveram assim um dia. Uma série de um dia de cada vez, apenas passando, se espremendo. Sempre correndo, nunca esperando outra coisa. Nunca tendo ninguém ou nada além disso correndo, lutando e morrendo por isso.”

“Você não é mais aquela garota. Essa não é a sua vida.”

“Você está certo,” ela responde. “Assim como Osrik não é o mercenário e Judd não é o ladrão. Porque você nos escolheu para lutar ao seu lado e nos mostrou que não era só um dia. Não era apenas correr e morrer.” Seu olhar encontra o meu de frente. “Eu sou a mulher que sou hoje porque você jogou minha bunda no seu exército e me fez uma capitã.”

Uma emoção inesperada aperta meu peito. “Você mereceu cada passo do caminho, Talula Gallerin.”

Seu nariz enruga e ela se inclina para me dar um soco no braço, mas não chega nem perto de sua verdadeira força. “Não me chame assim.”

Eu sorrio e esfrego meu braço. “Ainda cruel.”

“Sempre,” ela ri, e então inclina a cabeça para Auren. “Ela vai acordar, você sabe.”

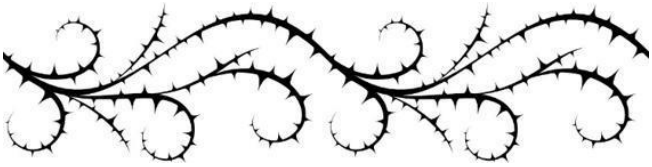
Engulo em seco, toda a leve diversão drenando de volta para fora de mim. “Você parece confiante.”

“Isso é porque eu estou,” ela diz antes de se desdobrar e ficar de pé. “Você pegou minha beligerância e jogou um uniforme na minha cara. Você conheceu o impulso de matar de Osrik e decidiu dar a ele sua espada. Você viu todas as celas que não comportavam Judd e, em vez de jogá-lo em outra, deixou que ele ficasse com as chaves. Desta vez, você encontrou seu Canário e o observou sair da jaula. Ela vai abrir os olhos, assim como você fez o resto de nós.”

“Isso é um pouco mais literal. Eu a apodreci, porra.”

Lu apenas dá de ombros. “Todos nós temos um pouco de podridão dentro de nós, e eu não trocaria isso por nada. É assim que sobrevivemos.”

CAPÍTULO 7



Slade

8 anos

Eu estou tão cansado. Meu corpo dói todo, mas é pior nos braços e nas costas, onde saem os espinhos. Mesmo agora, eles estão cutucando sob a pele, fazendo-a esticar e deixando minha pele cinza.

"Novamente!"

A ordem de meu pai me faz estremecer, mas levanto a espada em minha mão, embora ela seja pesada e meu braço inteiro trema enquanto tento mantê-la erguida.

Meu professor de sparring é um fae chamado Cado, que é careca como meu pai, mas com pele morena escura e sem barba, e quando quer, pode trazer lâminas da ponta dos dedos. Nunca é um bom dia quando ele os traz.

Eu costumava treinar com Cado três dias por semana durante apenas uma hora, mas desde que meu poder saiu, algumas semanas atrás, meu pai tem me feito fazer isso todos os dias por horas. Ele diz que tenho que ficar mais forte fisicamente para aprender a manejar minha nova magia. Todas as minhas outras aulas estão suspensas por enquanto. Mas, até agora, não consegui ativar meus picos ou meu poder sob comando.

Eu tento. Eu realmente faço. Estou cansado de ficar neste campo dia após dia, enquanto o sol queima e meu suor pinga e meu pai me faz treinar com uma espada de

verdade em vez das de madeira. Eu odeio isso. Mas ele diz que me esforçar é a única maneira de fazer a mágica acontecer.

Eu mal levanto minha espada a tempo de Cado bater sua própria lâmina na minha. Eu deveria estar praticando bloqueios, mas ele me bate com tanta força que o barulho do metal sobe pelos meus braços e faz meus dentes parecerem estranhos.

Cambaleando para trás, meus pés afundam na grama crocante enquanto eu balanço.

"Isso não foi um bloqueio," meu pai late.

Olhando por cima, eu o vejo parado a vários metros de distância com o tio Iberik bem ao lado dele. Eu odeio que ambos estejam me observando, chamando cada pequena coisa que eu faço de errado.

"Estou cansado," eu ofego. Eu tenho que enxugar o suor da minha testa porque está pingando em meus olhos e fazendo-os arder.

"Você ainda é fraco," ele contesta, com os braços cruzados na frente dele, camisa vermelha combinando com a minha. Isso me lembra sangue. A mesma cor do lábio partido que ganhei ontem quando errei meu bloqueio e Cado enfiou o cabo de sua espada em minha boca. A mesma sombra que escorre pelos meus braços toda vez que os espinhos aparecem.

"Você precisa se esforçar, Slade. Empurre fisicamente e chame sua magia."

Cerrando os dentes, eu me viro, mal me esquivando a tempo quando vejo Cado já girando. Eu tento balançar minha espada, mas não consigo levantá-la a tempo para o segundo avanço. Cado se afasta no último segundo, então é seu braço que bate na minha lateral, em vez de sua lâmina, mas ainda dói.

Eu caio esparramado, rosto esmagado contra o chão. Estou respirando com tanta dificuldade que as folhas da grama seca se movem para frente e para trás. O gosto de cobre na minha boca me permite saber que meu lábio provavelmente se abriu novamente.

"Levante-se," meu pai ordena.

Eu tento, mas todo o meu corpo está trêmulo, e também deixei cair minha espada. Não tenho certeza de onde pousou.

"Levante-se."

"Stanton."

Sento-me ao som da voz da minha mãe. Ela se aproxima, parando ao lado dele, o rosto contraído. Odeio vê-la preocupada comigo, então tento me levantar novamente. É difícil e estou um pouco tonto, mas consigo. Eu ainda não consigo encontrar minha espada, no entanto.

"Ele precisa de uma pausa," eu a ouço dizer.

Tio Iberik balança a cabeça. "Ah, ele está bem."

O cabelo preto de minha mãe balança um pouco na brisa que não consigo sentir. Eu gostaria de poder, porque me sinto como um pão assando no forno do cozinheiro. "Vocês estão aqui há horas e ele está cansado."

Meu pai nem sequer olha para mim, mas vejo seus olhos escurecerem sobre ela, e começo a suar por uma razão totalmente diferente do calor.

"Ele é um fae," Tio Iberik responde. "Não somos construídos como vocês, oreans. Somos mais fortes."

Eu me pergunto se mais alguém vê a forma como as mãos de minha mãe se fecham ao lado do corpo.

"Sim, bem, ele é meio Orean. E ele também tem apenas oito anos. Não se pode esperar que mesmo meninos fae fiquem sob o sol quente, praticando luta de espadas por horas a fio. Ele precisa de uma pausa ou pode ficar superaquecido e doente demais para praticar novamente amanhã. A maioria dos fae nem consegue seu poder até os quinze anos. Você o está pressionando demais." Ela diz tudo isso com voz firme, os olhos fixos em meu pai.

Mas eu sei o que vai acontecer. Mais tarde, quando não houver ninguém por perto, meu pai será mau com ela. Talvez a machuque. Eu não quero isso.

Nas últimas semanas, tenho grudado ao lado dela como cola. Se meu pai aparecer, eu o distraio dela. Ele está tão animado com meu poder se manifestando tão cedo que tem sido fácil até agora. Não quero que a atenção dele volte para ela.

Eu sonhei com o som dele batendo nela, acordei com meu colchão rasgado pelas pontas nas minhas costas, os lençóis arrancados dos meus braços. As linhas da minha pele se espalharam até a minha cama, apodrecendo a madeira até ela desabar. Porque é isso que é - podridão. Posso não ser um Destruidor, mas ainda destruo.

"Estou bem," eu digo, mas minha garganta está arranhando, e seria tão bom mergulhar minha cabeça na lagoa agora mesmo. Eu também gostaria de jogar essa espada estúpida bem no meio dela para não ter que praticar novamente.

Cado fica em silêncio enquanto seus olhos disparam entre todos os adultos, embora não seja com preocupação. Ele ficaria feliz em me treinar no chão, se isso é o que meu pai queria.

"Vê?" meu pai diz, gesticulando com o braço para mim. "O menino está bem."

"Stanton..."

"Volte para dentro, Elore," ele estala. Minha mãe parece tão zangada quanto ele, mas não combina com o rosto dela como fica com meu pai. Ela está sempre sorrindo comigo e Ryatt. Rindo com os servos oreans, gentis e calmos com os cavalos. Ela usa um rosto diferente com meu pai. É tímido ou com raiva ou com medo ou triste. Eles não se encaixam. Eles não pertencem.

Eu quero que ela sempre use o rosto que ela usa para nós.

"Vou entrar com meu filho," ela diz teimosamente.

Meu batimento cardíaco fica louco quando eu olho entre eles.

Tio Iberik fica boquiaberto com ela. "Como você ousa mostrar tal desrespeito ao seu senhor e marido! Ele é um fae. Ele trouxe você para o nosso mundo, deixou você viver aqui, deu-lhe vida longa e filhos e a capacidade de viver em nosso mundo."

Minha mãe nem liga pra ele, mas meu pai sim. Seu temperamento sempre piora quando o tio Iberik está aqui. Ele não quer que nenhum de nós responda ou se comporte mal, especialmente quando outras pessoas estão por perto.

A raiva no rosto de meu pai me faz sentir uma onda de emoção. Quando ele dá um passo mais perto dela, a grama de repente fica marrom aos meus pés. Linhas pretas inundam meus braços. Espinhos perfuram minha pele, cada um com um comprimento diferente.

A cabeça do meu pai vira na minha direção enquanto a podridão se espalha pela grama. Em vez de ficar excitado como da primeira vez, seus lábios se comprimem em uma linha dura. "Seu poder sai agora?" ele rosna. "Você deveria ter sido capaz de apresentá-lo durante o treinamento. Esta é a prova de que você não está se esforçando o suficiente."

"Eu prometo que estou," eu digo a ele. Tento alcançar minha perna e limpar o sangue que escorre dos cortes irregulares em meus braços, mas tudo que consigo fazer é rasgar minha calça com um dos espinhos.

"Você precisa aprender," ele me diz, caminhando para frente. Seus olhos deslizam sobre a forma como alguns dos meus espinhos são mais longos do que outros, a bagunça da minha pele cortada. "Você não pode ser controlado por sua magia ou cair em emoções tolas," ele cospe. "Você é meu filho e aprenderá a me deixar orgulhoso."

Se não.

Essa é a ameaça não dita.

Minha cabeça cai. "Sim, Pai."

Seu queixo se ergue. "Leve-o para dentro."

Minha mãe não perde tempo em se apressar. Sua mão macia segura meu braço não crivado de espinhos, e começamos a longa caminhada de volta para a propriedade.

Ficamos quietos durante todo o caminho até lá, mas minha cabeça está barulhenta com as palavras de meu pai.

Você aprenderá a me deixar orgulhoso.

Porque eu não o deixo orgulhoso. Eu apenas o decepciono, de novo e de novo, e ele vai me odiar para sempre.

Meus olhos ardem, mas continuo fungando, tentando não chorar. Eu tenho feito isso demais ultimamente. Mas continuo ouvindo as palavras do meu pai na minha cabeça. Eu sempre quis que ele parasse de se decepcionar comigo, e pensei que uma vez que eu começasse a mostrar sinais de magia, ele iria. Mas isso não é verdade.

Assim que volto para o meu quarto, fico quieto enquanto tomo banho e depois fico quieto depois de me vestir para dormir. Minha mãe volta com comida e alguns suprimentos para limpar minha pele ferida e rasgada, e eu também não digo nada sobre isso, embora a coisa que ela derrama sobre ela arda. Pelo menos os espinhos sumiram de novo, então não preciso dormir com eles.

Quando o resto do sangue foi limpo, minha mãe colocou as mãos em meu rosto, forçando-me a olhar para ela.

"Eu quero que você me escute, Slade, e eu quero que você se lembre disso, certo?"

Minha cabeça acena lentamente.

Seus olhos são ferozes e cheios de amor. "Você é meu filho e já me deixa orgulhoso. Todos os dias."

Parece que vou chorar como um bebê, mas engulo em seco.

"Mas eu sou fraco. Minha magia só aparece quando estou sentindo emoções, e papai diz que isso está errado."

"Você não é fraco," diz ela com firmeza. Quando começo a discutir, ela continua. "Você não precisa ser cruel para ser forte. Você não precisa ser mau para parecer corajoso. Você não precisa menosprezar os outros para se destacar. Ter emoções não significa que você é fraco. Isso significa que você é inteligente o suficiente para se permitir sentir."

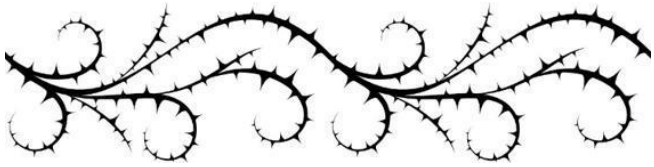
Quando meus olhos ardem demais para farejar, seus polegares passam ao longo de minhas bochechas. “Eu não quero ser como ele,” eu sussurro, e mesmo que estejamos trancados no meu quarto, ainda olho para a porta, com medo de que de alguma forma ele tenha me ouvido. “Não quero quebrar, apodrecer ou machucar as coisas. Eu quero ser bom.”

O rosto de minha mãe fica triste. “Você é bom, Slade. Todos os dias, tenho orgulho de você. E não é por causa desses espinhos em seus braços ou da magia em suas veias. Não é pelo sangue do qual você nasceu ou pelo status que um dia terá.” Ela deixa cair a mão e a coloca no meu peito, bem sobre o meu coração acelerado. “Estou orgulhosa de você por isso. Não pelo que você pode fazer, mas por quem eu sei que você será.”

“Quem serei eu?”

Ela se inclina para a frente e beija minha testa, afastando meu cabelo úmido do rosto. “Você será completamente você mesmo. E você ficará orgulhoso.”

CAPÍTULO 8



Slade

Eu não tenho certeza de como ou quando adormeci. Tudo o que sei é que a porta da frente se abre novamente e minha cabeça se ergue, meu pescoço estala instantaneamente de onde estava deitado no sofá. Ryatt aparentemente adormeceu aqui também, embora eu não tenha ideia de quando ele voltou. Ele se levanta da cadeira em que estava largado no momento em que eu fico de pé, o pulso martelando com o rude despertar.

O vento uiva pela caverna, e percebo que escureceu de novo, ou porque dormi mais do que imaginava ou porque a tempestade superou completamente o sol. Faço uma pausa quando vejo uma mecha de cabelo amarelo. “Judd?”

“Sentiu minha falta?” Ele balança a cabeça como um cachorro molhado, espalhando gotas de água pela entrada.

Deixo escapar um suspiro e passo a mão pelo meu rosto. “Ninguém realmente ouve minhas ordens?”

Ryatt me dá uma carranca e então entra na cozinha.

“Não quando suas ordens são estúpidas,” Judd responde jovialmente.

Eu preciso socar alguma coisa. Eu realmente preciso.

Mas então ele se afasta no momento em que um homem magro vestido com um longo casaco com faixas vermelhas costuradas em torno de seu bíceps entra e fecha a porta atrás de si.

Hojat.

Alívio me inunda, e meus olhos se arregalam, voltando para Judd. “Você foi até o exército para pegar Hojat e trazê-lo para cá?”

“Sim.”

Surpresa, gratidão, irritação por não ter pensado nisso, todas essas coisas batem dentro do meu crânio.

“De nada,” Judd diz, me dando um sorriso enquanto ele puxa uma mochila de seu ombro e a coloca no chão.

“Obrigada.” Ter Hojat aqui para checar Auren já está aliviando um pouco do pânico que tomava conta de mim.

Os dois entram na sala de estar, e então Judd ajuda nosso curandeiro do exército a tirar sua capa encharcada, enquanto Hojat verifica sua própria bolsa pendurada no ombro. Eu posso ouvir os frascos tilintando enquanto ele vasculha. “Bom, tudo aqui ficou seco.”

“Sua outra bolsa não teve tanta sorte, infelizmente,” Judd diz a ele, apontando para a bolsa que agora não é muito mais do que uma poça na porta da frente.

“Tudo bem, capitão Judd,” Hojat diz enquanto sacode um pouco da água de seu cabelo castanho.

Uma Lu cansada surge do corredor e observa a cena. “Você demorou bastante,” ela diz através de um bocejo.

“Você sabe que eu odeio voar,” Judd responde enquanto tira sua capa e a pendura no cabide, ao lado do fogo onde o resto de nossas capas já estão penduradas. “Além disso, passamos direto pela maldita tempestade. Aquela chuva virou granizo, e aquele granizo virou gelo. Já foi atingido por gelo enquanto tentava ficar em uma sela congelada com um curandeiro que odeia alturas?” ele pergunta enquanto tira as botas.

“Não recentemente, não.”

Ele dá outra sacudida no cabelo. “Bem, é difícil.”

Hojat franze a testa. “Foi a minha primeira vez em um asa de madeira, capitão Judd,” diz ele, estremecendo levemente enquanto também tira as botas molhadas. “E seu voo... não é o melhor.”

Lu bufa. Ryatt volta com um par de xícaras de lata fumegantes. Ele os entrega a Judd e Hojat, que os pegam agradecidos, engolindo o caldo.

Minha paciência se esgotou, essa brincadeira está acabando com ela. “Alguém quer explicar por que vocês não voltaram para o exército como eu disse para vocês?”

Os quatro olham para mim como se eu fosse uma criança fazendo birra. Eles me dão muito esse olhar.

“Acalme-se,” Judd diz enquanto se aproxima para bater com a mão fria nas minhas costas. “Os está com o exército, e eles já partiram sob seu comando. Ele tem tudo em ordem. Além disso, Lu e eu concordamos que você precisaria de Hojat. Para Digby e para...” Ele para, olhando para onde Auren ainda está deitada no sofá. “Ela ainda não acordou?”

Eu dou um aceno conciso da minha cabeça.

“Com licença, capitã Lu,” Hojat murmura antes de passar por ela para ficar na frente de Auren. Ele olha para ela, o lado esquerdo de seu rosto queimado franzido de preocupação. “O capitão Judd disse que não podemos tocar a pele dela durante o dia, sim?”

“Correto,” eu digo a ele. Além da minha Ira, Hojat é alguém em quem confio implicitamente. Ele conhece muitos segredos, e agora que ele está aqui, estou tão aliviado, porque ele pode ajudar Auren onde estou falhando. “Mas ela nunca tocou em ouro nas almofadas ou nas perneiras de Lu. Não sei se isso é bom ou ruim. Ela pode estar muito esgotada.”

Hojat cantarola pensativo. “Bem, é noite agora. Posso?”

Com um aceno de cabeça, eu me afasto para que ele possa começar a examiná-la cuidadosamente. Ele começa sentindo a temperatura em sua testa, segurando os

dedos na frente de seus lábios para contar suas respirações, verificando suas extremidades e, em seguida, pressionando o ouvido contra os batimentos cardíacos dela.

"Então?"

"Tudo parece como se ela estivesse simplesmente descansando. Talvez o dreno de energia, como você disse. Parece que me lembro algumas vezes que você desmaiou devido ao uso excessivo de poder, Majestade," ele diz com um sorriso tranquilizador.

"Deixei um pedaço da minha podridão nela," eu deixo escapar. "Não consigo tirar."

Olhos castanhos enrugados piscam para mim. "Parece estar causando algum dano?"

Eu a verifico novamente apenas no caso, e então balanço minha cabeça. "Nada que eu possa sentir. Simplesmente não sai."

Ele faz outro zumbido. "Você vai ficar de olho nisso, sim?"

"Sim."

Com um aceno de cabeça, ele olha para Judd antes de olhar para mim novamente. "O capitão Judd disse que ela pode ter ferimentos nas costas."

Meus ombros enrijecem.

Judd levanta as mãos. "Eu sei que contei muito a ele, mas ele precisa saber para ajudá-la."

Balanço a cabeça, porque não estou zangado com ele por ter contado essas coisas a Hojat. Eu teria contado também. Estou bravo por não ter feito mais do que simplesmente apoiá-la de lado. "Eu não poderia..." Eu limpo minha garganta, tentando soar muito mais forte do que eu sinto. "Eu não verifiquei."

Porque eu sou um covarde.

Porque eu não suportaria.

Hojat não me castiga, embora eu mereça. Em vez disso, ele aponta a cabeça para Auren. “Melhor se eu fizer. Incline-a para frente para que eu possa examiná-la e tratá-la conforme necessário.”

Com um aceno de cabeça, eu ando para o outro lado do sofá. Gentilmente, seguro os ombros de Auren e a giro até que ela esteja deitada de bruços. Assim que a posicionei, Hojat já revirou a sacola pendurada no peito e tirou uma tesoura. Ele não perde tempo cortando cuidadosamente o vestido dela até que possa dobrá-lo.

No momento em que suas costas estão nuas, uma inspiração irregular corta meus lábios e corta minha garganta. Eu ouço minha Ira dar um suspiro coletivo, todos eles se aproximando para ver. Ainda assim, não me aproximo. Em vez disso, estou enraizado no local.

Suas costas estão em ruínas.

As fitas douradas acetinadas que costumavam brotar ao longo de sua espinha como penas de uma asa foram totalmente destruídas. Essas vinte e quatro tiras delicadas, penduradas como a cauda de um vestido, movendo-se ao lado dela como uma extensão de si mesma, foram todas arrancadas dela, restando apenas um ou dois centímetros de comprimento em suas costas ensanguentadas.

As fitas de Auren eram lindas. Únicas. Fae. Elas eram tão brilhantes e vivas quanto ela. Agora, elas foram cortadas como o galho de uma árvore, cortadas e rasgadas, deixadas em ruínas estilhaçadas.

Use suas fitas.

Não posso.

Meus olhos ficam borrados enquanto olho para cada toco cortado, para o sangue seco endurecido nas pontas e manchado ao longo da pele em salpicos de ouro. As pontas de sua fita estão puídas e dobradas, sua pele machucada de cima a baixo por causa do trauma.

Mesmo agora, algumas das pontas tosquiadas choram com gotas douradas de sangue, e eu me amaldiçoo novamente por empurrá-la demais, por não cuidar disso imediatamente. Por ser um covarde.

“Foda-se…” Ouço Judd dizer.

“Aquele maldito monstro,” Lu cospe, virando-se.

Minha garganta está muito obstruída para dizer qualquer coisa.

“Ok.” Hojat se endireita, o único na sala que não está carrancudo ou cheio de horror e pena. Ele não faz uma única menção à maneira como sangram ouro ou ao fato de que ela os possui. Em vez disso, ele assumiu seu papel de curandeiro sem esforço, metodicamente e sem hesitação.

“Comandante Ryatt?” ele diz, virando-se para o meu irmão. Ele é um dos únicos além da minha Ira que sabe que tenho um irmão e que ele assume a liderança para mim quando estou sendo um rei em vez de um soldado. “Vou precisar que você ferva um pouco de água limpa.” Ele se vira para Lu em seguida. “Vou precisar de uma camisa grande para ela que amarre ou abotoe até em cima. De preferência do tamanho do capitão Osrik.” Lu e Ryatt imediatamente se dispersam, seguindo em direções diferentes.

“Vocês dois,” diz Hojat, apontando para Judd e para mim. “Ela precisa de uma cama onde eu tenha mais espaço para trabalhar e ela possa ficar mais confortável.”

“Eu já ateei fogo no seu quarto,” Ryatt me chama da cozinha.

Com um aceno de cabeça, cuidadosamente pego Auren em meus braços. Judd caminha à minha frente pelo corredor, e passamos pela luz bruxuleante das arandelas penduradas nas paredes. Ele abre a última porta bem no final do corredor e corre até a cama, puxando as peles e os cobertores para baixo. A sala está quente, a lareira crepita e exala calor e um reconfortante brilho alaranjado, embora não consiga afastar o cheiro de mofo do desuso. Já faz um tempo desde a última vez que fiquei aqui.

Judd não perde tempo quando começa a acender a lanterna na mesa de cabeceira antes de abrir as grossas cortinas marrons. Não teríamos nos incomodado

em colocar janelas na Gruta, já que não temos uma visão real do lado de fora, mas fizemos isso para que parecesse menos claustrofóbico e porque a rocha fluorescente brilhante na caverna projeta um azul reconfortante que quase assemelha-se a estrelas.

"De barriga para baixo, por favor, senhor," Hojat me diz, entrando na sala.

Eu a coloco no chão o mais gentilmente que posso, certificando-me de que sua cabeça está virada e que ela não parece muito desconfortável.

Quando a ajeitei, Hojat praticamente me empurrou para longe, colocando sua bolsa no fundo da cama enquanto começava a vasculhar e tirar coisas de lá.

Quando Judd e eu ficamos parados ali, ele lança um olhar por cima do ombro. "Não há tempo a perder. Capitão Judd, você precisa tirar essas roupas molhadas e, infelizmente, também vou precisar de algumas emprestadas até que as minhas sequem."

"Eu estou trabalhando nisso." Judd se vira e sai, e então Hojat está me olhando, uma ruga se formando entre suas sobrancelhas marrons. "Senhor, você não trocou de roupa depois da tempestade?"

Eu olho para mim mesmo, me perguntando como ele poderia dizer, mas meus couros pretos enrugaram e enrijeceram, linhas de geada brancas manchadas no material. "Não."

"Melhor se trocar."

Hesito por um momento, observando-o com Auren. "Hojat, qualquer coisa a ver com ela..."

Ele levanta a mão, me parando. "Você salvou minha vida, senhor. O mínimo que posso fazer é salvar seus segredos. Qualquer coisa que aconteça com você ou com os outros sempre será protegido por mim."

Eu já sei disso. Hojat há muito conquistou minha confiança. No entanto, quando se trata de Auren, preciso me apaziguar, porque minha natureza fae está tensa. Estou lutando para ter alguém perto dela enquanto ela está nesse estado

vulnerável. Eu pego um grunhido no fundo da minha garganta, me pego empurrando em direção a ela, como se eu fosse bloquear todo mundo.

Eu tenho que dizer a mim mesmo que este é Hojat. Eu confio nele com minha vida e com a dela. Então, embora a proteção pulsando em meu pulso torne isso incrivelmente difícil, de alguma forma eu me forço a acenar com a cabeça e me afastar dela.

Dirigindo-me para a porta da direita, entro pelo meu banheiro que tem um armário contíguo, encontrando as arandelas já acesas com óleo em fogo baixo. Se eu achava que meu quarto estava mofado, meu armário é ainda pior, apesar dos galhos de pinheiro que alguém deixou pendurados nos cabides para afastar o cheiro de fechado. Eu rapidamente tiro a roupa, despejando as roupas duras em uma pilha.

Quando estou vestindo uma calça limpa, vejo a mim mesmo no espelho. As veias de poder podre sob minha pele se multiplicaram e se estenderam do meu peito até meu abdômen. Eles desceram pelos meus braços e subiram pelas minhas costas, contorcendo-se com irritação ao longo da minha mandíbula. Eles só são tão generalizados e tão instáveis quando reprimo minha podridão por muito tempo. Mas desta vez, não tem nada a ver com a magia que eu segurei e tudo a ver com a fêmea deitada na minha cama. Minha magia está reagindo a ela, minha natureza fae bombeando poder em minhas veias como um coração bombeando adrenalina.

Como se soubesse a direção dos meus pensamentos, as raízes das minhas mãos formigam e se movem até que eu as prendo em meus punhos. Com os dentes cerrados, termino de me vestir, cobrindo o máximo que posso.

Quando me lavo e volto para o quarto, Hojat também já trocou de roupa e está trabalhando duro. Ele está terminando de limpar o sangue nas fitas de Auren, seu toque cuidadoso e superficial, a tigela fumegante de água cheia com algum tipo de purê de folhas que faz toda a sala cheirar a ervas.

Judd entra carregando uma tigela limpa e outro conjunto de trapos, e coloca os dois na mesa de cabeceira.

“Obrigado, capitão Judd,” Hojat murmura enquanto continua a se concentrar em Auren. Tanto Judd quanto eu observamos enquanto ele coloca algum tipo de pomada nas bordas arruinadas e, em seguida, gentilmente começa a colocar tiras de pano nas costas dela para cobrir as pontas curtas. Ele não está nem um pouco incomodado ou hesitante com as diferenças dela, nem um pouco perturbado com as tiras de tecido que ele está tratando agora. Hojat viu muitas coisas durante seu tempo comigo.

Quando ele termina, ele lava as mãos na tigela limpa e se vira para mim. “Está tudo limpo. Vou precisar ficar de olho nelas para garantir que não sejam infectadas. Ela deve descansar de bruços ou de lado o máximo que puder.” Ele começa a recolher suas coisas, enrolando pedaços de ervas secas e tampando frascos enquanto coloca tudo de volta em sua mochila.

“Devo fazer alguma coisa?” Eu pergunto, odiando como me sinto impotente. Não estou acostumado a ficar sentado sem fazer nada.

“Deixe-a descansar. O esgotamento mágico pode ser muito difícil para o corpo, como você bem sabe.” Ele vasculha a bolsa mais uma vez, tirando uma peônia seca e enfiando-a debaixo do travesseiro antes de juntar a bolsa e as duas tigelas. “Vou ver Mestre Digby agora e começar a tratá-lo se você me permitir?”

“Sim, obrigado, Hojat.”

Ele faz uma leve reverência. “É sempre um prazer ajudá-lo, senhor.”

Quando ele sai, solto um suspiro, enfiando as mãos nos bolsos. “Obrigado também,” digo a Judd, onde ele está encostado na parede ao lado do fogo. “Por trazer Hojat. Eu deveria ter pensado nisso.”

“Você estava um pouco preocupado,” diz ele antes de dar um bocejo de boca aberta.

“Vá dormir, Judd. Você parece uma merda.”

Ele ri, esfregando a mão no rosto bronzeado antes de coçar o queixo. “Você realmente sabe como construir um homem. Mas você está certo. Eu sou o bonitão do

grupo, então é importante que eu tenha meu sono de beleza. Grite se precisar de alguma coisa, estamos bem no final do corredor."

"Eu vou."

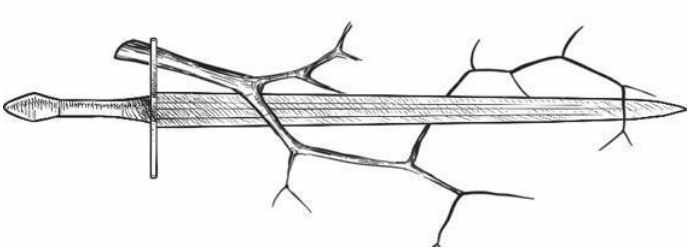
Com um aceno de cabeça, Judd sai, fechando a porta atrás de si e, apesar de ter cochilado antes, ainda me sinto exausto. Apago o fogo e agarro a cadeira ao lado da mesinha, arrastando-a para o mais perto da cama que consigo. Eu me acomodo nela, descansando minha cabeça na minha mão enquanto a estudo. Com a cabeça inclinada para mim, meu olhar desliza sobre os planos relaxados de seu rosto, as curvas de suas bochechas, a forma macia de seus lábios. Sua pele brilha sob a luz do fogo, e não posso deixar de estender a mão para colocar uma mecha de seu cabelo para trás.

"Descanse, Canário," murmuro. "Descanse e depois acorde para mim."

Adormeço sentado ao lado dela, ouvindo a melodia de sua respiração constante entrando e saindo. É a única garantia que tenho. Porque mesmo agora, enquanto sua aura ainda flutua levemente ao seu redor e seus olhos permanecem firmemente fechados, posso sentir a semente de podridão que se instalou no solo de seu peito e criou raízes.

E ainda, não me responde.

CAPÍTULO 9



Osrik

No momento em que pousei de volta em Ranhold, coloquei o exército em movimento.

Foi uma merda desorganizada e apressada, mas não havia tempo a perder. Felizmente, os soldados estão inquietos e descansados, porque temos que dar o fora do Quinto Reino.

No meu cavalo, galopo para cima e para baixo nas linhas enquanto o resto dos soldados termina de arrumar as coisas. Há gritos e clangores, coisas sendo jogadas sem cerimônia em carroças e barris, tendas sendo enroladas e cavalos sendo selados.

Em dez minutos, eu tinha a frente do exército em movimento. Mais dez, e o meio estava em andamento. Agora, estou colocando os soldados na parte de trás em movimento. Claro, uma pontada de uma tempestade de inverno começa a se gabar assim que o último de nós começa, soprando neve em cima de nós como se estivesse tentando provar que é mais forte.

Foda-se isso.

O exército pode estar um pouco despreparado em nossa retirada apressada, mas é forte. Lu, Judd, Ryatt, Rip e eu nos certificamos disso.

Levando meu cavalo pelas fileiras, encorajo-os a ir mais rápido enquanto se movem apressadamente, ao mesmo tempo em que me certifico de que todos os retardatários sejam contabilizados. “Tudo bem, Keg?” eu grito.

O homem despeja uma pilha de neve em cima do fogo de cozimento, apagando-o em uma confusão de vapor e fumaça antes de jogar uma panela na parte de trás do carrinho do cozinheiro. “Tudo bem, capitão,” ele chama de volta. “Mas isso realmente reduz meu tempo de preparação de refeições para o café da manhã.”

“Tenho certeza que seu café da manhã vai ficar bom.”

Ele coloca a mão sobre o peito. “Aww, você está dizendo que eu sou o melhor e mais capaz cozinheiro do exército, capitão?”

Reviro os olhos. “Fique de olho nas coisas aqui atrás, sim? Assobie se precisar de mim.”

“Vou fazer.”

Pela próxima hora, eu pisoteio meu cavalo para cima e para baixo nas linhas, gritando encorajamento e ordens, fazendo com que todos andem mais rápido enquanto começamos a marchar para longe do Quinto. Normalmente, eu esperaria a tempestade passar, mas não confio na Rainha Kaila e, considerando o que aconteceu naquele salão de baile esta noite, não podemos nos dar ao luxo de ficar sentados enquanto eles decidem se querem arriscar nos atacar ou não.

Rip quer o exército de volta no Quarto, então vou levá-lo de volta para o Quarto.

Mas o céu é um pau. Esbofeteando nossos rostos com ar gelado, cuspindo jatos de granizo úmido. Transformou o chão em um maldito pesadelo desleixado, e o vento gotejante continua gemendo e chorando como uma cadela.

Eu odeio este reino amaldiçoado por Deus.

Acho que esse é o consenso de todos os soldados enquanto marchamos a noite toda, então pelo menos os elementos de merda estão nos deixando ainda mais motivados para dar o fora daqui.

No momento em que peço que o exército pare, o amanhecer está prestes a chegar e a tempestade ainda está se masturbando, despejando sua carga infinita sobre nós.

Porra de pau.

A passagem na montanha onde eu parei nos dá pelo menos alguma proteção. Todos armam suas barracas, faíscas de pederneira para iniciar incêndios apressados, para que não morramos todos congelados. A encosta da montanha bloqueia a maior parte do vento e, se posicionarmos as barracas corretamente, evitaremos que a maior parte da neve as atravesse.

Para grande irritação do meu cavalo, não paro de verificar o perímetro até obter uma contagem completa de todos os tenentes e a primeira patrulha de vigilância ter sido acionada. Apenas quando a maior parte do exército está reunida dentro de suas tendas ou pairando em torno de fogueiras, eu finalmente paro minha vigília, levando meu cavalo para onde os outros estão sendo protegidos.

Assim que desmonto, um soldado chamado Himinn vem correndo. “Arrumei sua barraca, capitão,” ele grita acima do vento, a neve batendo em seu rosto rachado.

“Eu continuo dizendo que você não tem que fazer essa merda para mim,” digo a ele.

O garoto mal chegou ao posto, só entrou para o exército no verão passado e desde então está grato por eu ter aceitado sua inscrição. Uma vez, peguei ele engraxando meus sapatos com cuspe quando não me lembrava de guardá-los.

Ele dá de ombros com um sorriso, mostrando o dente da frente lascado, e imediatamente toma as rédeas. “Vou colocar seu cavalo com os outros, cuide bem dele.”

“Himinn,” eu começo a dizer, mas sou interrompido quando soa um assobio agudo.

O soldado aproveita a oportunidade para fugir com minha montaria, enquanto eu me viro e encontro Keg caminhando, galhos amarrados em seu cabelo comprido e retorcido.

“Lembra quando você me disse para assobiar se eu precisasse de você?”

“Sim?”

“Bem, isso foi uma merda de sugestão, capitão, porque ninguém pode ouvir um maldito apito nesta tempestade.”

Meus olhos examinam os arredores, mas as tendas e as pessoas estão tão amontoadas na estreita passagem da montanha que, se houver algum problema, não consigo ver. “Qual é o problema?”

“É melhor você vir ver por si mesmo.”

Excelente.

Eu sigo seu caminho em ziguezague enquanto rodamos pela neve espessa no acampamento. Paramos em sua fogueira, onde uma linha de soldados se serve de uma enorme panela pendurada em raios de ferro sobre as chamas.

“Você me arrastou até aqui só para garantir que eu comesse?” Eu pergunto.

Barril bufa. “Não, mas vou garantir que você pegue uma tigela, você sabe disso.”

Para demonstrar, ele passa pela fila e coloca o ensopado grosso em duas tigelas de lata e as entrega para mim.

Eu levanto uma sobrancelha. “Dois?”

“Você vai ver,” diz ele enigmaticamente antes de acenar para mim.

Com um suspiro, eu o sigo, mas o caldo fervente continua derramando em meus malditos dedos, queimando através de minhas luvas e me fazendo sibilar. “Você teve que encher isso tão malditamente cheio?” Eu resmungo.

“Você deveria praticar a leveza de seus pés,” ele grita de volta alegremente. “Esse ensopado é o melhor jantar do acampamento. Esses outros cozinheiros do exército estão com ciúmes, como sempre.”

Com uma risada que sai como um grunhido, continuo andando até que ele para em frente a uma barraca. Ele mantém a aba aberta com expectativa, e eu inclino

minha cabeça, parando bem na frente dele. “Se esta é a sua maneira de me propor, você é uma merda nisso.”

Keg deixa a cabeça cair para trás enquanto ri alto. “Capitão, você me feriu. Eu sou romântico pra caralho. Se eu estivesse fazendo uma proposta para você, acabaria com suas malditas meias.”

“Só para você saber, minhas meias cheiram a merda.”

Ele sacode a cabeça para a tenda. “Entre aí, você está causando uma corrente de ar e o ensopado vai esfriar.”

Revirando os olhos, eu entro. Assim que entro, ele fecha a aba com um “divirta-se” jogado ao vento enquanto se afasta.

Franzindo a testa, eu me endireito, e então meus olhos se ajustam à iluminação mais escura e ao ar mais quente, e meu olhar imediatamente se concentra na mulher usando um vestido chique que não deveria ser usado aqui nessas condições. O casaquinho que ela está usando também não está fazendo merda nenhuma.

A loira se levanta para me encarar, cruzando os braços indignada. “E quem é você?” ela exige.

Eu pisco para ela, então para a segunda mulher que está deitada no catre ao lado dela, branca como um lençol enquanto ela dorme.

“Eu sou o capitão de todo o maldito exército agora. Quem diabos é você?” Eu contesto, embora ela pareça familiar.

Seus lábios exuberantes se pressionam em uma linha fina. “Eu sou Rissa. Quando estava saindo de Ranhold, encontrei alguém chamado Lu. Ela me disse que se eu fosse para o exército, você me levaria para fora do Quinto Reino. Ela disse que Auren tinha falado com você sobre isso, que eu poderia ir com você.”

Meus pensamentos voltam para aquela noite quando Auren nos contou sobre Rissa. Sobre como a cadela estava basicamente chantageando ela. Sugeri que a matássemos.

Sugiro matar muito.

“Sim, ela fez. Dourada é fodidamente legal,” eu resmungo baixinho.

“Com licença?” ela diz em sua voz arrogante.

“Você me ouviu,” retruco, olhando para ela com desgosto. “Você a ameaçou, fez ela te dar merda em troca do seu silêncio, e ainda assim, tudo o que ela queria fazer era te ajudar. Eu disse que devíamos matar você. Porque se tem uma coisa que odeio é a deslealdade.”

Um lampejo de indignação surge em seus olhos azuis. “Deslealdade?” Ela come o espaço entre nós, chocando-me como o inferno quando ela enfia um dedo bem cuidado em meu peito. “Ouça aqui, seu selvagem gigante peludo. Sou trabalhadora do sexo e mulher. Você acha que tenho o privilégio de viver minha vida em algum nível de moral elevado?” ela cospe. “Bem, deixe-me dizer a você, eu não. As selas dão ao mundo o prazer que ele deseja, e o que recebemos em troca? Somos controladas e julgadas, e esse é o melhor cenário possível. Então você pode me odiar o quanto quiser, querer até me matar, mas eu faço o que tenho que fazer para sobreviver neste mundo, e se isso significa que eu uso informações a meu favor, então eu vou fazer isso.”

Ela está respirando com dificuldade, o peito subindo e descendo, pontos cor-de-rosa surgindo em suas bochechas e, por algum motivo, minha parede de irritação de repente se quebra e vaza a percepção de que ela é realmente linda pra caralho.

Maldito seja o Divino.

Como passei da sugestão de matar para isso?

Seu discurso foi encorajado o suficiente para que eu saiba que ela quis dizer cada palavra. Uma parte de mim até a respeita por isso. Eu sei como é ter que fazer tudo o que você precisa para sobreviver no mundo. Durante grande parte da minha vida, era matar ou ser morto, e eu escolhi estar vivo.

Acho que ela também.

Mas a sobrevivência também é escolher sabiamente suas lealdades. Quando se trata daqueles a quem sou leal, sou um filho da puta feroz.

Minha língua desliza sobre o piercing de madeira retorcido em meu lábio inferior. “Auren é leal a você, mas você não é leal a ela. Simples assim. Não permito que pessoas desleais marchem com meu exército.”

A loira enrijece. “Certo.” Ela se vira e começa a enfiar as coisas em uma sacola, metade do corpo iluminada com a pilha de brasas no centro da tenda. “Nós vamos embora. Espero que durma melhor à noite sabendo que jogou duas mulheres indefesas no Barrens e salvou sua preciosa consciência ao defender sua grande e poderosa lealdade.”

Minha cabeça se inclina para trás quando um longo suspiro de sofrimento sai de mim. “Pare com essa merda de mártir,” eu retruco. “Isso não vai funcionar comigo. Você pode ficar porque dissemos a Auren que você podia, e eu sempre cumpro minha palavra.”

Rissa para o que está fazendo, a pele em seus olhos apertando, enquanto eu continuo aqui parado como um idiota, ainda segurando duas tigelas fumegantes de ensopado. Eu empurro um para ela. “Aqui.”

Ela hesita por um momento, mas acho que sua fome é mais forte do que sua antipatia por mim, porque ela se levanta e rapidamente aceita. Quando meus olhos vagam até a forma como seus lábios se fecham sobre a tigela de lata, a maneira como ela começa a beber educadamente, todos os tipos de imagens sujas surgem nas frestas dos meus pensamentos.

Não é bom.

Mudando meu foco, eu engulo meu próprio ensopado em uma confusão de goles e mastigações e um arroto forte no final. Depois de limpar o caldo pingando da minha barba com as costas do braço, olho para cima e a encontro me olhando com o nariz franzido em repulsa. “Você não é treinado em casa?” ela zomba.

Eu sorrio de volta, todos os dentes. “Você vai aprender bem rápido que aqueles goles delicados não vão fazer merda nenhuma quando você está morrendo de fome e congelando. Não há reis e nobres para você sentar e impressionar. Apenas eu.”

“Como se eu fosse me esforçar para impressionar você,” ela responde depois de tomar outro gole delicado. “Você nem estaria no final da minha lista quando eu marcar um quarto. Eu só vou para os ricos e limpos.”

Desta vez, sou eu quem ocupa o espaço entre nós, meus passos largos me levando bem na frente dela. A maneira como seu lindo pescoço se inclina para olhar para mim é estranhamente atraente. Nunca pensei que pensaria que a porra do pescoço de alguém era excitante.

Estou no Quinto Reino há muito tempo. As bolas azuis do tempo devem ser reais.

“Boas notícias para nós dois, Sino Amarelo.”

Ela franze a testa. “Sino Amarelo?”

Eu dou de ombros. “É apropriado. A flor é amarela como o seu cabelo e engana algumas pessoas, porque pode ser bonita por fora, mas é puro veneno.”

Seus olhos escurecem. “Meu cabelo é loiro, não amarelo, seu bruto incompetente.”

Eu sorrio. “Então você não nega a parte do veneno? Interessante.”

Ela empurra a tigela de volta para mim. “Você pode ir agora.”

“Como sou o capitão do exército, estarei dando as ordens por aqui.”

“Ótimo,” ela murmura baixinho antes de virar as costas para mim para se sentar ao lado da mulher adormecida.

Devo dizer que poucos homens ousariam virar as costas para mim, então o fato dessa mulher estar fazendo isso sem se importar com o mundo me deixa duro.

Sim. Definitivamente, estou no Quinto Reino há muito tempo.

“O que há com a garota?”

“O nome dela é Polly,” ela diz enquanto pega um pano e enxuga a testa da mulher.

“Ela está doente?”

“Com o que você se importa?”

Eu dou de ombros. “Acho que não. Mas se ela vai usar recursos do exército com um dos curandeiros, preciso saber.”

Ela me lança um olhar mais frio do que a tempestade lá fora. “Ela não é contagiosa e não preciso de nada de você ou deste exército.”

“Além de nosso abrigo, comida, proteção...”

Eu praticamente posso ouvi-la ranger os dentes. Não sei por que irritá-la me deixa tão excitado, mas deixa. Ela tem espírito, e eu não sabia que gostava disso em uma mulher até agora.

Levantando-se novamente, ela se vira para mim com algo feroz queimando nas profundezas de seus olhos azuis. Com o olhar fixo obstinadamente no meu, ela começa a tirar o casaco e depois tira as botas. Mas quando ela começa a puxar as mangas de seu vestido e puxá-las para baixo de seus ombros, eu me assusto. “Que porra você está fazendo?”

“O que?” ela diz com indiferença descuidada. “Isso é o que você quer, certo? Quer que eu pague pelos seus serviços, capitão? Sou apenas uma sela desleal, então é melhor compensá-lo por sua generosidade.”

Eu fico aqui como um idiota enquanto ela puxa as mangas o resto do caminho, revelando um conjunto de seios perfeitos dentro de um espartilho delicado que está apertando-os para salvar sua vida, fazendo suas curvas incharem com rechonchudo que implora para ser solto e manuseado.

Eu fico duro pra caralho. Tão forte, na verdade, que todo o sangue que eu preciso para o meu maldito cérebro funcionar correu na direção errada, então demoro vários segundos para eu perceber o que ela disse.

Assim que eu faço, eu fico realmente chateado.

“Coloque suas roupas de volta,” eu estalo.

“Por que?” ela atira. “É isso que os homens querem em troca de qualquer coisa. Só estou fazendo o que faço.”

Quando ela continua parada lá como uma tempestade indignada, jogo as tigelas no chão e vou até ela. Mas quando me movo para tirar meu casaco, ela se encolhe.

Ela se encolhe pra caralho.

Como se eu fosse bater nela ou algo assim.

E isso só me irrita ainda mais, porque vacilar é uma resposta aprendida, e agora eu sei que ela já levou um soco antes. Provavelmente por algum daqueles fodidos brincalhões que gostam de maltratar as mulheres. Talvez até pelo próprio Midas.

Carrancudo, vou mais devagar enquanto tiro meu casaco e coloco sobre ela. Ela me encara sem se mexer, nem mesmo respirar.

“Eu sou um idiota, mas nunca tiraria vantagem de uma mulher,” eu digo rispidamente.

Apesar de fazer o possível para me chocar, parece que eu a choquei agora. Ela pisca como se não entendesse que estou colocando roupas nela em vez de tirá-las.

Dedos graciosos se aproximam para agarrar o casaco.

“Você está... me dando seu casaco?” ela pergunta, e sua voz está em um tom completamente diferente agora. Mais silenciosa. Confusa. Uma pitada de vulnerabilidade por trás daquele exterior espinhoso.

“Eu estou,” eu digo com um aceno de cabeça, e não posso deixar meus olhos caírem para os lábios dela. Fodidamente bonito. “Vou garantir que vocês duas tenham algumas roupas extras. Você não pode estar vagando pelo Quinto Reino com a porra de um vestido e espartilho.”

Rissa me olha em dúvida. “Você vai me dar tudo isso?”

“Eu acabei de dizer que ia, não disse?”

“E... você não quer que eu te foda?” ela pergunta sem rodeios, como se não pudesse acreditar.

Uma risada resmungada sai de mim. “Eu não disse isso. Eu disse que não vou tirar vantagem de você,” eu respondo, fazendo a carranca entre suas sobrancelhas se aprofundar. Cedo à tentação por um segundo e me inclino para mais perto, e assim como eu suspeitava, ela cheira levemente a flores. “Quando transarmos, vai acontecer porque você quer que aconteça.”

Há uma faísca de calor em seus olhos antes de ela apagá-la, e aquele olhar petulante e amuado volta ao seu rosto. “O que faz você pensar que eu iria querer?”

Eu dou a ela um sorriso torto antes de me virar e pegar as tigelas. “Porque, Sino Amarelo, você pode ser venenosa, mas não é imune. Há algo aqui.”

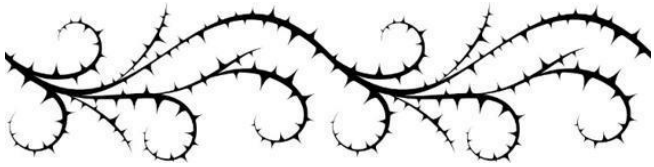
“Sim, ódio.”

Com um sorriso escondido atrás da minha barba, sigo para a abertura da tenda, parando para olhar por cima do ombro para ela mais uma vez enquanto empurro a aba para trás. “Qual é a graça nisso se vocês não se odeiam nem um pouco?”

Eu saio, deixando-a cuspindo, mas não perdi o rubor que cobriu suas bochechas.

A longa jornada de volta ao Quarto Reino ficou muito mais atraente.

CAPÍTULO 10



Slade

Já se passaram quatro dias.

Quatro dias, e Auren ainda não se mexeu. Ela está deitada na minha cama em silêncio, só se movendo quando Hojat troca seu curativo e ajusta sua posição de dormir para que ela não fique dolorida. E apesar do sol ter nascido e se posto várias vezes, nem um único fio foi dourado por seu toque. Nem o tecido do travesseiro sob sua bochecha, nem as novas luvas ou leggings em seu corpo. Nem uma polegada de poder saiu dela, e eu não sei o que pensar.

A tempestade se enraiveceu e se enfureceu, como se tentasse se vingar pelo fato de termos evitado sua ira e vencido aqui. Para se vingar de nós, a tempestade agora decidiu não partir.

Minha atenção se volta para a porta quando Ryatt entra sem avisar, um olhar irritado em seu rosto, olhos verdes brilhando enquanto eles me encaram com um olhar feroz.

“Já ouviu falar em bater?” Eu digo, embora não haja energia por trás de minhas palavras.

Ele para na frente da minha cadeira, passando pela meia dúzia de livros descartados no chão ao meu lado, esquecidos e postos de lado, já que minha mente não me permite realmente ler nada. Eu não posso, não quando Auren ainda está aqui imóvel.

“Você precisa sair desta sala.”

Eu bufo. “Você está me dando ordens agora, irmão?”

“Não, Irmão. Eu não ousaria dar ordens ao grande Rei Podridão,” ele retruca. “Mas você não está comendo, mal está dormindo e está cheirando a merda.”

Reviro os olhos, pronto para empurrá-lo para fora do meu quarto. Meu humor cai mais a cada dia quando Auren não acorda. Eu não saí do lado dela um único segundo, preocupação e medo subiram aos meus ouvidos, então é tudo que eu posso sentir, ouvir e pensar. “Saia, Ryatt.”

Ele solta um suspiro desapontado. “Você precisa se recompor.”

Meus olhos piscam para seu rosto. “Recompor-me?” Eu estalo, em pé em um instante, meu rosto no dele. “Você acha que eu não tenho um controle sobre mim mesmo a cada segundo do dia? Não posso me dar ao luxo de nunca deixar de me controlar.” Meu corpo inteiro está tenso, meu tom retorcido. “Desde o momento em que tive que usar minha magia contra ela, estive tão perto de explodir. Você entende isso? Eu tenho que segurar as rédeas em torno do meu poder constantemente, não posso dar a ele uma única porra de polegada. Então não, eu não preciso me controlar. Porque não consigo soltá-lo desde que cheguei aqui e percebi que ela não está acordando.”

Ryatt percebe minha expressão furiosa, mas já nos enfrentamos muitas vezes e, embora a maioria das pessoas recuasse diante da minha raiva, ele não é um deles. “É exatamente por isso que você precisa sair desta sala.”

Balanço a cabeça, os espinhos tentando enfiar nas mangas da minha camisa. Mesmo agora, posso sentir os menores perfurando a curva acima das minhas sobrancelhas.

“Olhe para você,” diz ele com uma nota de desgosto. “Deixe-me ver o quão ruim é.”

Zombando, eu me afasto, parando em frente à lareira. “Quem te mandou aqui? Lu? Diga a ela que ela não precisa se preocupar comigo.”

“Ninguém me enviou, mas estamos todos cansados de sua merda,” Ryatt responde. “Agora deixe-me ver.”

“Foda-se.”

“Você acha que eu quero tomar conta de você? Tenho coisas melhores para fazer. Então arregace suas malditas mangas e deixe-me ver. Não vou embora até que você o faça.”

Furioso, eu giro e arregaço as duas mangas, só para fazê-lo ir embora. Assim que meus braços são revelados, os lábios de Ryatt pressionam em uma linha fina. “Porra.”

Eu empurro minhas mangas de volta para baixo. “Está tudo bem.”

“Não está bom,” ele retruca. “Você precisa expelir algum poder antes que ele coma você vivo.”

“E os batedores?”

“Não tente mudar de assunto. Estou cuidando dos batedores de Midas, não se preocupe. Agora você vai lidar com suas merdas.”

“Eu não vou deixá-la sozinha.”

Ryatt caminha até a cadeira em que eu estava sentado e joga sua bunda no chão enquanto eu o encaro incrédulo. Ele chega a apoiar o tornozelo no joelho e pegar um dos meus livros do chão para começar a ler.

“Que porra você está fazendo?”

Ele dá de ombros. “Eu estou ficando com a garota de ouro para que ela não fique sozinha. Agora vá embora e apodreça alguma merda antes que você exploda e destrua Deadwell inteiro.”

Meus punhos se fecham, as raízes ao longo de meus dedos se contorcendo e estalando contra minha pele, tentando me perfurar como espinhos. “Não posso.” Observá-la, ficar ao seu lado, é a única coisa que me impede de enlouquecer completamente. Porque ela ainda não está acordada. Ela ainda não está bem.

Ryatt olha para mim e, pela primeira vez desde que entrou aqui, sua expressão é sóbria. “Quanto mais cedo você cuidar de sua magia, mais cedo poderá voltar para o lado dela,” ele me diz, seu tom não mais mordaz. “Então vai. Eu vou ficar aqui com ela. Eu prometo.”

Começo a balançar a cabeça, mas ele me interrompe. “Slade. Você está a um segundo de estourar. Ficar aqui sentado olhando para ela não vai ajudar, porque mesmo quando ela acordar, você terá que sair imediatamente para cuidar da sua magia. Então vá fazer isso agora antes que você imploda.”

Eu agonizo na indecisão, mas agora que Ryatt apontou sem remorso como estou tenso, não posso mais ignorá-lo. Meu poder está se contorcendo sob minha pele, formigando em minhas costas e peito, estalando em meus braços e fazendo meus dedos latejarem enquanto empurra contra a parte inferior de minhas unhas.

“Tudo bem,” eu finalmente cedo, percebendo que não posso nem deixar escapar uma respiração completa. “Voltarei assim que puder.”

“Sem pressa. Certifique-se de expelir o suficiente para que eu não tenha que empurrá-lo de volta para a tempestade duas horas depois.”

“O quão frio está?”

“Estive despejando neve por quatro dias sem fim à vista e um vento frio que pode rachar suas nádegas em um segundo.”

Eu gemo. “Fodidamente perfeito.” Dirigindo-me ao meu armário, pego o primeiro casaco e luvas que vejo, puxando-os antes de calçar minhas botas. “Cuidado com ela,” digo a Ryatt. “E peça a alguém que me sinalize se ela se mover.”

Ele me dá uma falsa reverência sem realmente se levantar da cadeira. “Sim senhor.”

“Cale-se.”

Com sua risada soando nas minhas costas, saio do quarto pela primeira vez em três dias, apenas para encontrar Lu e Judd encostados nas paredes do corredor. Eu

paro por um segundo quando os vejo, mas então reviro os olhos e continuo andando. “Qual seria a ordem?”

Lu segue atrás de mim com passos leves. “Seria Judd o próximo se Ryatt não conseguisse convencê-lo com seu amor fraternal,” ela me diz com um sorriso espertinho. “Judd geralmente pode animá-lo o suficiente para fazer você parar de ser um idiota e ouvir. Mas se isso também não funcionasse, eu iria por último e apenas faria algumas boas ameaças à moda antiga.”

Apesar do meu humor sombrio, sinto meus lábios se contraindo. “Que tipo de ameaças?”

“Como se eu fosse estragar a surpresa. Posso precisar delas no futuro.”

Eu paro na porta da frente, me virando para olhar para os dois onde ainda estão empoleirados no corredor. “Gostaria de voar?”

“O que, naquela tempestade?” Ela levanta o pé, sacudindo o chinelo fofo. “Estes ficariam arruinados.”

“É claro. Judd?”

Ele faz uma careta antes de apontar o polegar por cima do ombro. “Tenho um pouco de lenha que preciso empilhar novamente.”

“Tanta lealdade,” eu digo secamente.

Lu acena antes de se virar para entrar na sala. “Tenha uma boa viagem Rot,” ela grita.

Um bufo me escapa antes de eu abrir a porta e sair, fechando-a atrás de mim. Meus olhos se ajustam rapidamente à escuridão da caverna, o ar tão gelado que até a fluorescência azul parece estremecer.

Quanto mais me aproximo da boca, mais alta a tempestade se torna. Eu paro do lado de dentro, observando enquanto ele se enfurece na minha frente em um redemoinho de branco e vento. Aos meus pés, a neve caiu e se acumulou abaixo dos meus joelhos como escombros congelados me avisando da batalha lá fora. É fim de

tarde, mas você não saberia com o quão espessas as nuvens estão cobrindo a luz do sol.

"É claro que eu teria que fazer isso com esse tempo," resmungo para mim mesmo antes de colocar o capuz do meu casaco e enterrar as mãos nos bolsos enquanto saio.

Imediatamente, o vento sopra em mim, e eu abaixo minha cabeça, passando por ele, virando à direita para subir a curva da montanha, em vez de voltar para o centro da vila.

Os flocos caem em fluxos constantes, mas, felizmente, alguém está acompanhando o caminho, raspando a neve antes que ela se acumule muito. Eu mantenho minha cabeça baixa contra o vendaval, meu capuz ameaçando arrancar a cada passo do caminho, enquanto amaldiçoo o acesso de raiva da minha magia.

O caminho até o Poleiro é todo morro acima, o que não é o ideal quando neva, o que acontece com bastante frequência. Levo mais tempo do que o normal para chegar lá, mas finalmente chego à entrada de uma caverna menor e de boca irregular. Parece uma boca aberta com presas prontas para apertar quando você entra, mas as verdadeiras bestas que mordem são as que estão dentro.

Assim que violei a entrada, o peso do vento se foi, mas o peso do meu poder empurrando minha pele parece ter dobrado. Eu chuto minhas botas contra a pedra antes de pisar nos tufos de palha estendidos no chão. Meus sapatos rangem sobre ela, e eu olho ao redor da caverna abobadada, tão alta que é difícil ver as feras que estão empoleiradas bem no topo.

Riachos de fluorescência azul brilham profundos e constantes, enquanto uma dúzia de Asas de madeira dormem em poleiros de madeira construídos como varandas fechadas ao longo das paredes da caverna, suas cabeças enfiadas sob asas cor de casca de árvore.

Eu atravesso a caverna, algumas das bestas bufando para mim com irritação quando eu passo por elas. Argo gosta de se empoleirar em um poleiro a dez metros de

altura, e eu paro logo abaixo, com os braços cruzados na frente do peito, esperando que ele se mexa, mas ele não o faz. “Eu sei que você sabe que estou aqui,” eu o chamo. “Temos que dar uma volta.”

Ele não se mexe.

A podridão começa a escorrer dos meus pés, fazendo uma mancha escurecer a palha. “Argo.”

Na verdade, ele enterra a cabeça ainda mais sob a asa.

“Olha, você está dormindo há dias. Você teve guloseimas e descanso mais do que suficientes.”

Ele finalmente se digna a colocar o focinho para fora, olhos iridescentes olhando para mim antes de soltar um pequeno estalo através de seus dentes afiados. “Sim, sim, você receberá mais guloseimas depois deste voo. Agora vamos, antes que eu apodreça todo o maldito poleiro.”

Argo levanta-se com todo o entusiasmo preguiçoso de um gato interrompido durante o banho de sol. Finalmente, ele pula, pousando agilmente antes de sacudir suas asas com um alongamento gigante.

“Aproveitou sua soneca?” eu falo lentamente.

Ele lambe os beiços em resposta.

Com um bufo, eu ando até onde as selas e rédeas são mantidas no lado direito da caverna e começo a afivelá-lo. Quando termino, balanço minha perna e me amarro. Mal tenho a coisa apertada no lugar antes de Argo disparar pela abertura em uma corrida vertiginosa. No minuto em que temos o céu acima de nós, ele abre as asas e se lança no ar.

Eu luto com a alça, segurando antes que minha bunda escorregue pelas costas, enquanto Argo sobe direto na tempestade. Meu capuz voa e a neve bate em meu rosto, a temperatura é tão fria que parece que todo o calor se esvaiu da minha pele e congelou através das minhas roupas. Tudo o que posso fazer é me segurar, meus olhos

fechados, os dentes cerrados enquanto estou encharcado e congelado enquanto o vento uiva suas queixas contra mim.

Quando finalmente rompemos as nuvens e Argo se endireita, consigo recuperar o fôlego o suficiente para dar a ele um olhar fixo na parte de trás de sua cabeça emplumada. “Orgulho de si mesmo, não é?”

Ele bufa em resposta, mas sei que há um maldito brilho em seus olhos.

Agora que o pior da tempestade está abaixo de nós, eu puxo as rédeas, direcionando-o para onde ir, mas minha podridão apunhala contra meus dedos e mãos, fazendo-me ferver de dor e quase perder o controle.

Argo dispara pelo céu enquanto eu ofego em inalações de merda e ineficazes. Parece que as raízes estão envolvendo meu peito como uma jiboia, não me deixando respirar fundo. As linhas estão cortando meu pescoço, apertando minha mandíbula e quebrando minha clavícula.

Com suor escorrendo em minha testa, eu bato em Argo com meu calcanhar e o direciono para aterrissar. Não quero ir muito longe, mas também não posso estar muito perto quando liberar minha magia. Eu preciso estar longe o suficiente da vila e também acabar com isso o mais rápido possível para que eu possa voltar para Auren.

Argo pousa no meio do nada, a tempestade de neve é igualmente angustiante. Eu pulo de suas costas e dou um tapinha em seu traseiro. Sabendo exatamente o que fazer, ele se lança de volta ao céu, circulando sob as nuvens.

Eu olho ao redor da esparsa paisagem branca, mas a visibilidade está abaixo de cerca de dez metros. Jogando meus ombros para trás, rapidamente tiro minhas luvas, enfiando-as no bolso, e então balanço meus braços e fecho meus olhos, focando em meu poder. É reprimido e exagerado, empurrando contra mim com irritação.

Forçando-me a inspirar e expirar, certifico-me de que estou centrado o suficiente para controlar a força monumental que bombeia em minhas veias.

Então, eu deixo sair.

A podridão irrompe de mim como um vulcão em ebulição.

Meus joelhos batem no chão enquanto torrentes violentas atravessam a neve como raízes demoníacas vindo para envenenar a terra. E é exatamente isso que ele faz.

O poder flui de mim em ondas, e eu sinto cada centímetro dele fluindo de onde eu o mantive represado.

Agora solto, ele ronca pelos meus pés e se espalha pelas minhas mãos, cavando cada centímetro do solo que consegue alcançar, apodrecendo, decompondo.

Destruindo.

Em questão de segundos, não há solo nevado intocado. Fluxos de toxinas se espalharam em todas as direções, enquanto eu permaneço no centro do relógio perverso, contando os segundos até que o poder pare de empurrar, pare de punir.

Meu corpo treme com a quantidade de magia expelida do meu corpo, e quando finalmente cessa seu tormento sem fim e sinto que posso respirar novamente, eu o fecho. Como um punho em torno de um canudo, estrangulo o fluxo até que a podridão pingue sua última gota.

A exaustão cobre meus membros e percorre minhas costas, deixando-me em carne viva e pesada. Eu pisco turvamente ao meu redor enquanto as raízes no chão se acomodam e endurecem, seus movimentos finalmente parando.

Com as mãos trêmulas, tento enrolar meus dedos, notando que as raízes do poder na minha pele recuaram e não as sinto mais subindo pelo meu pescoço ou pelas minhas costas. Um preço alto, considerando a terra fétida e impura em que estou, que agora está morta e profanada com um fedor horrível.

Depois de respirar com dificuldade várias vezes, tenho força suficiente para levantar a cabeça e soltar um assobio agudo. Argo desce em segundos, as penas congeladas, a boca coberta de manchas de neve. Ele se ajoelha mais do que o normal para que eu possa colocar meu corpo em cima de suas costas. Uma vez que estou afivelado, ele decola, nem uma vez tagarelando comigo por causa da minha posição caída. Ele me carregou em posturas muito piores.

É crepúsculo agora, e eu olho para a terra enquanto ele nos levanta no ar, vendo o trecho de linhas apodrecidas poluindo o solo como veneno espalhado pela terra. Ele nos carrega acima das nuvens, cortando minha visão, e mesmo que eu esteja cansado, o alívio de expulsar todo aquele poder reprimido é imenso. Posso finalmente respirar fundo agora, e toda a minha podridão se retraiu para as linhas finas e indolores que posso sentir em volta do meu peito.

Mal sinto o vento ou a neve enquanto Argo nos leva de volta para a aldeia, mas quando ele pousa e volta para o poleiro, estou congelado. Quando escorrego da sela e caio ao seu lado, dou-lhe um arranhão no focinho e ele cutuca meu braço para outro. “Boa besta,” murmuro.

Embora eu não me sinta mais como uma represa prestes a estourar, liberar tanto poder de uma vez é debilitante. Faço o possível para não parecer tão esgotado quanto me sinto enquanto começo a tirar a sela de Argo. Assim que eu estava fazendo a primeira fivela, o zelador, Selby, veio correndo, embora eu nem o tivesse notado aqui. “Deixe-me, senhor. Acabei de trazer um banquete fresco para eles também. Ele vai comer bem esta noite.”

Com um aceno de cabeça agradecido, começo a sair, mas sua voz me impede. “Então a capitã Lu ou o capitão Judd o encontraram?”

Lentamente, eu me viro. “Me encontraram?”

Um olhar confuso cruza seu rosto. “Oh, desculpe-me, senhor. Eles selaram um par de Asa de madeiras há apenas um minuto ou mais. Achei que eles tinham ido se encontrar com você.”

O medo enche meu estômago, e eu nem mesmo respondo antes de me virar e sair correndo da caverna. Eles não teriam saído nesta tempestade para me procurar a menos que algo estivesse errado. Meus passos escorregam e deslizam enquanto desço a colina, mas não paro até chegar à Gruta, com medo e preocupação mordendo meus calcanhares.

Hojat quase esbarra em mim assim que entro, seus olhos castanhos arregalados, o rosto com cicatrizes empalidecido. “Graças a Deus você está de volta.”

Uma injeção de adrenalina surge através de mim, picos prontos para estourar nas minhas costas. “O que há de errado?”

“É Lady Auren.”

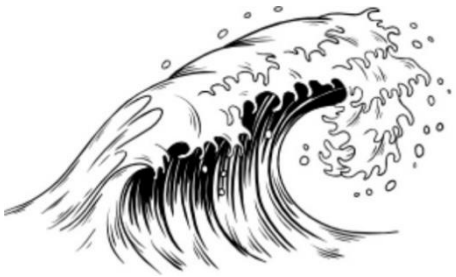
O pânico invade o centro do meu coração.

Eu sabia que não deveria ter ido embora.

“Ela está acordada?” Eu exijo, já seguindo pelo corredor.

“Ela não,” ele grita atrás de mim, fazendo-me parar no meio do caminho para fixá-lo com um olhar feroz. “É o ouro dela.”

CAPÍTULO II



Rainha Kaila

Bem no coração da cidade de Ranhold, há um prédio branco brilhante com um pórtico de dois andares. Os pilares são da largura de uma árvore, sólidos e presunçosos, embora o edifício em si não seja tão impressionante. É aqui que acontecem as procissões fúnebres de todos os monarcas do Quinto Reino que já morreram, e é por isso que me encontro de pé com meu irmão no segundo nível, observando a reunião abaixo.

Do meu lugar na varanda com pilares, tenho uma vista espetacular da própria cidade, além das torres do castelo logo depois da muralha. No térreo, os conselheiros do Quinto Reino estão realizando os ritos de passagem para o falecido Príncipe Niven.

Cidadãos de toda a cidade se reuniram em massa para assistir, embora a maioria deles não consiga ver nada, pois está muito longe. Ainda assim, eles vieram, suas figuras enterradas sob montes de tapeçarias roxas com o sigilo do Quinto de pingentes de gelo irregulares bordados nelas, erguidos como toldos para cima e para baixo nas ruas. Eu não acredito que eles percebam o simbolismo dos brasões reais que os lançam nas sombras.

Ao meu lado, sinto meu irmão, Manu, estremecer. “Por que no Divino o povo do Quinto Reino tem que realizar seus ritos de passagem do lado de fora?” ele sussurra entre os dentes que cerrou para não tagarelar.

“Acredito que estamos simplesmente menos acostumados com o clima aqui.”

Ele olha para mim com o canto do olho. “E, no entanto, aqui está você sentada, sem tremer nem um pouco.”

Pelo contrário, minha pele fica arrepiada mesmo sob as camadas grossas de meu vestido e manto, mas eu nunca tremeria em público. Mesmo algo tão pequeno quanto aquele gesto inocente pode ser considerado um sinal de fraqueza quando se trata de uma rainha viúva.

Olhando para a minha esquerda, capto o olhar de alguns nobres do Quinto, uma das quais continua fingindo enxugar os olhos com o lenço sempre que ouve o toque do sino do rito lá de baixo. Há seis fileiras de bancos, todos cheios, onde os nobres estão sentados com as costas eretas enquanto tentam vislumbrar os procedimentos no passeio onde o corpo do príncipe Niven é colocado sobre um sarcófago.

Mas na primeira fila conosco, sentado alguns passos abaixo, está Hagan Fulke. Com apenas vinte anos, rosto rechonchudo e cabelos loiros desbotados, o homem continua puxando a frente da gola alta, obviamente desacostumado a usar roupas tão formais. Embora ele possa não parecer muito, ele é o primeiro parente do falecido rei e herdeiro do trono.

Bem, ele é agora.

Tínhamos que nos livrar de seu pai primeiro - o primo do rei uma vez removido - mas isso não foi muito difícil. Com base nos relatórios de Manu, ele era um velho enfadonho e obstinado. Não era um bom candidato para nós.

Seu filho, por outro lado, é impressionável. Tímido. Sem muito dinheiro ou muitas perspectivas, ele estava pronto para cair de joelhos e fazer o que quer que sugeríssemos se o apoiássemos para se tornar rei. Ele é o herdeiro perfeito para moldar e orientar a agir no melhor interesse do Quinto e do Terceiro, e ele tem magia suficiente para justificar o uso de uma coroa.

Sua magia de pele impenetrável o fará bem, porque, indiscutivelmente, ele parece fácil de se livrar, então sua magia provavelmente salvará sua vida uma ou duas vezes quando ele for rei.

O rosto pálido de Hagan fica um pouco verde e, por mais que eu esteja relutante em fazer isso, sigo seu olhar de volta para o príncipe Niven. A visão do príncipe morto faz meu estômago revirar de desgosto. Já se passaram cinco dias desde que ele caiu em seu próprio salão de baile, engasgando com veneno. O corpo não parecia bom na época e parece ainda pior agora.

“Se você colocar meu corpo para exibição assim depois que eu morrer, vou voltar e assombrá-lo,” murmuro baixinho.

Manu continua olhando para a frente como se eu não tivesse dito nada, mantendo o mesmo olhar educado e piedoso que estampa nossos dois rostos serenos. “Querida irmã, você deve saber que eu nunca deixaria você parecer tão extravagante. Eu a exibiria vestida e deslumbrante de beleza para que você pudesse ganhar ainda mais admiradores e amor em sua morte.”

O canto da minha boca ameaça se curvar, porque sei que ele quer dizer cada palavra. “É por isso que eu confio mais em você neste mundo.”

Somos os únicos no pórtico que não temos um remendo roxo em nós. Em vez disso, nós dois, assim como Keon, estamos usando o tradicional traje formal creme e azul do Terceiro Reino. Meu cabelo preto está preso em cachos prateados, enquanto o do meu irmão cai pelas costas como um rio lustroso da meia-noite, tão grosso e brilhante quanto o meu.

“Pobre príncipe Niven,” eu digo, alto o suficiente para as pessoas atrás de nós ouvirem. Vários deles acenam com a cabeça, murmurando eles mesmos.

É incrível como as mesmas pessoas que sussurravam e zombavam sobre o mimado príncipe agora fingem sofrer por ele. Então, novamente, a morte sempre consegue criar adoração e lealdade equivocadas. Mas assassinato? Isso traz um nível totalmente diferente de fanatismo.

Há duas coisas que aprendi em primeira mão enquanto estava aqui no Quinto. Um, está sempre frio. E dois, o povo de Ranhold ama nada mais do que se aquecer espalhando as chamas da fofoca. É uma boa maneira de manter o ânimo aquecido.

Como a rainha dos sussurros, não poderia ser mais conveniente.

Os rumores daquela noite fatídica correram desenfreados por todo o reino. Que o animal de estimação dourado enganou o coração de Midas e roubou seu poder. Que quando ele anunciou seu noivado comigo, ela enlouqueceu em um ataque de raiva, usando sua magia contra ele antes de enganar o Rei Podridão para ajudá-la a fugir.

Infelizmente para o pobre Niven, sua morte foi ofuscada por notícias melhores e muito mais suculentas. Como o fato de que o rei do Sexto Reino está morto, seu cadáver dourado e preso contra a parede do salão de baile no Castelo de Ranhold.

Tenho que admitir, é tudo bastante escandaloso.

Então, é claro, há a fofoca sobre Hagan Fulke. O parente obscuro que nunca pensou que se sentaria em um trono. Ele passou de um nobre solteiro, em quem ninguém se interessava, a um homem prestes a ser coroado rei. Ele ainda tem estrelas em seus olhos sobre isso, nem mesmo parece piscar sobre a morte de seu pai ou do príncipe.

Não quando ele se tornar o novo rei por minha causa.

Mas eles não são os únicos sobre os quais as pessoas estão falando. Meu nome tem seu quinhão de agitação no boato também.

Para eles, eu sou a rainha desolada que perdeu seu noivo e agora vai intensificar e ajudar a juntar uma Highbell destruída pelo tumulto, trazendo estabilidade de volta ao Sexto Reino.

Essa fofoca de incêndio florestal queimou a cidade. Eu não duvido que milhares de falcões mensageiros tenham se espalhado daqui para toda a Orea agora. Manu e eu confirmamos a narrativa, e agora, uma vez terminados esses ritos de passagem, posso continuar a conduzir as fogueiras na direção que quero que queimem. Enquanto

eles continuarem me vendo sob uma luz favorável, posso conseguir o que quero no Sexto Reino e solidificar minha aliança aqui.

Uma voz cantante ecoa pelo passeio, atingindo meus ouvidos em uma onda indesejável. Keon mexe as pernas, sem dúvida odiando o fato de termos que sentar aqui tanto quanto Manu e eu.

Finalmente, o último sino é tocado e os conselheiros de Quinto envolvem o corpo do príncipe na mesma tapeçaria roxa pendurada nas ruas. Eles o carregam em um coro daquele canto terrível até que finalmente os ritos terminam, o corpo do príncipe é levado para ser devidamente enterrado em sua tumba ao lado de seu pai.

As pessoas nas ruas ainda não se dispersam. Eles querem assistir a esse desfile macabro, já que a maioria deles provavelmente nunca consegue ver sua própria realeza, muito menos os de reinos vizinhos. Eles observam enquanto eu desço do pórtico e atravesso a praça. Eles chamam meu nome quando passo pelo sarcófago vazio a caminho de minha carruagem, suas bandeiras azuis são a única interrupção na interminável variedade de roxo do Quinto.

Manu e Keon me seguem para dentro, e o caminho é meticulosamente lento e acidentado enquanto viajamos de volta ao castelo. Mantenho a expressão tranquila em meu rosto enquanto me viro para a janela, a mão erguida em um aceno para as pessoas por quem passamos que gritam meu nome. Todos eles querem um vislumbre de mim. A maioria deles fala sobre meu falecido marido, que morreu repentinamente, o que é divertido, já que não penso nele desde o momento em que vi seu corpo à deriva no mar.

É assim que eu prefiro.

Finalmente, uma vez que entramos nas paredes do castelo, deixei a expressão plácida cair do meu rosto, deixando cair a cortina da janela da carruagem antes de me sentar contra o assento com um suspiro. “Que maneira horrível de homenagear. Não sei o que as pessoas do Quinto estavam pensando, criando algo tão monótono e grotesco quanto isso. Suas tradições são muito inferiores às nossas.”

“A coisa mais chata que já tive que enfrentar na minha vida,” diz Manu, chutando os pés o máximo que consegue esticar no espaço apertado da carruagem. “Você pode imaginar morrer de uma morte horrível e muito pública, apenas para o reino colocá-lo em um palco de cadáver para que todos vejam seu corpo em decomposição? Tudo enquanto todo mundo está tentando dar uma olhada em sua carcaça, entediado enquanto ouvem um bando de velhos tocando sinos e cantando sem palavras por três horas seguidas.” Ele estremece. “Suas vozes cantando foram a verdadeira tragédia aqui.”

Keon dá a ele um olhar de soslaio, mas solto uma risada gutural.

“Então, irmã,” diz ele, voltando sua atenção para mim. “Ouviu alguma coisa interessante?”

Ele está falando sobre o meu poder, é claro. Ele sabe muito bem que sempre que estou em um ambiente público, ou mesmo privado, estou sempre usando minha magia. Deixei-o mergulhar, como uma abelha em busca de pólen. Vozes zumbiam constantemente em minha cabeça, e eu reúno as que quero, reunindo-as para usar sempre que quiser.

“Nada que já não soubéssemos,” eu admito. “Niven só era amado porque era um príncipe nato e ainda jovem. Mas agora, tudo isso mudou. Eles agem como se ele fosse seu amado príncipe infantil e aceitam prontamente que Lady Auren deve ter enganado Ravinger para matá-lo, ou ela mesma o envenenou.”

“Bom,” diz Keon, sua voz estrondosa sempre mantida em uma oitava abaixo do meu irmão. “Embora eu suspeite agora que nunca saberemos se ele foi envenenado ou apodrecido. O estado de seu corpo...”

Não posso deixar de torcer o nariz, lembrando mais uma vez das veias grotescas que percorriam sua pele, os olhos esbugalhados, a boca espumando...

“Sim, seu cadáver não era uma imagem bonita,” diz Manu enquanto mexe nos botões prateados de seu colete. O tecido creme é fabulosamente bordado com ondas sutis, o único ponto de cor vindo da gravata azul cerúleo adornada no pescoço.

Se ao menos eu tivesse conseguido o caderno secreto de Midas. Procuramos em todos os quartos dele, tínhamos meu próprio decifrador pessoal de prontidão, mas nunca o encontramos. Provavelmente está escondido debaixo de sua camisa, agora dourada com o resto dele.

Sem utilidade.

Por um momento, cavalgamos em silêncio, mas mesmo quando ninguém está falando ativamente, estou sempre ouvindo os sussurros que meu poder envolveu em minha mente.

“Você preparou Hagan?” pergunto a Manu.

“É claro. Já estivemos na coroação muitas vezes. Ele sabe o que fazer.”

“Perfeito.”

Tudo está se encaixando.

Todos os nossos planos vão dar certo sem problemas. Fornecemos as informações, monitoro os rumores, escolhemos o herdeiro a dedo e, em breve, o Quinto Reino será estabelecido e posso me concentrar no Sexto. Tem estado desenfreado sem um monarca para governá-lo. A cidade de Highbell foi saqueada, todos os nobres fugiram. Preciso chegar lá logo, antes que pessoas com magia tentem reivindicar o trono para si. Estou surpresa que eles ainda não o tenham feito.

Quando a carruagem para, arrumo minhas saias antes que o lacaio abra a porta para que desçamos. Assim que fico na frente do castelo, meus olhos percorrem a frente, onde os salpicos de ouro solidificado ainda o estragam. Os carpinteiros tiveram que trabalhar noite e dia para instalar um novo conjunto de portas na entrada e arrastar as antigas, incrivelmente pesadas, cortando-as em pedaços. O novo conjunto parece leve e deslocado entre a velha pedra cinza, ainda mais com o ouro que se arrastou para fora, suas gavinhas enganchadas nas paredes do castelo e nos degraus da frente.

Uma vez lá dentro, subo para o meu quarto para me trocar, minhas criadas rapidamente me vestem com um vestido de seda que desce em um quadrado baixo no

meu peito, com cristais nas mangas. Quando estou pronta para o jantar formal, encontro Manu e Keon no corredor, ambos já trocados de roupa também.

“Está pronta?” Manu diz baixinho ao meu lado.

“Sim.”

Eu avanço, ombros para trás, um sorriso agradável no lugar. Passo pelas bandeiras roxas penduradas nas vigas, a estrela de dez pontas brilhando no teto da entrada. Quando chego à sala de jantar, sou recebida com o cheiro de comida doce e o som de vozes anasaladas.

Quando nós três entramos, as conversas ficam calmas e todos lá dentro se curvam quando passo. Como agora sou a pessoa de mais alto escalão em Ranhold até que Hagan seja coroado, tomo meu lugar à cabeceira da mesa, com Manu e Keon sentados ao meu lado à minha esquerda e Hagan à minha direita.

Durante a hora seguinte, aceno encorajadoramente para o futuro rei, ouço os conselheiros relatarem os ritos de passagem de hoje que realizaram para o príncipe e ouço histórias intermináveis sobre Niven quando ele era um bebê tendo ataques nos estábulos. Submeto-me a todas as conversas, bebo seu vinho açucarado e como sua comida muito doce, tudo com gentilezas na língua ou um sorriso no rosto.

Finalmente, quando os pratos estão sendo retirados, eu me levanto.

Um por um, os conselheiros ao redor prestam atenção até que a sala mais uma vez fique em silêncio. Até os criados que limpam as mesas ficaram parados, parando seus serviços. Com minhas mãos cruzadas na minha frente, eu olho para o comprimento da mesa para o rosto de cada homem. Não há uma única mulher no conselho consultivo do Quinto.

“Gostaria de dedicar um momento para expressar minha gratidão por poder estar presente nos ritos de passagem do falecido príncipe. Acredito que o espírito dele foi devidamente honrado por todos vocês.”

Suas cabeças se curvam em concordância, o orgulho inflando seus peitos pomposos.

“Agora que ele foi tão respeitosamente enterrado, podemos coroar o novo herdeiro amanhã, Hagan Fulke,” eu digo, gesticulando minha mão em direção a ele, observando como suas bochechas ficam manchadas. “Eu sei que você trará estabilidade de volta ao Quinto Reino e sempre terá um aliado no Terceiro enquanto eu governar.”

Um aplauso silencioso se espalha pela mesa, as pessoas me elogiando, já bajulando Hagan. “Bem nesta sala onde o príncipe estava sentado, o rei Midas tocou em ouro nesta mesma mesa.” Deixei meus dedos rasparem o tampo de vidro, lembrando-me de como o ouro havia se espalhado sobre ele como um líquido até que brilhasse e ficasse sólido. Mas esse ouro, assim como qualquer outra peça no castelo, descascou naquele dia, derretendo no salão de baile para se vingar das paredes.

Eu levanto meus olhos, minha expressão ficando triste. “Dois monarcas foram brutalmente assassinados,” continuo, apreciando o modo como alguns deles se encolhem com a dureza de minhas palavras. “Ambos mortos por alguém em quem acreditavam poder confiar. O amado príncipe, assim como o rei Midas, que foi traído por sua própria favorita. Por causa daquela noite, perdi meu noivo.”

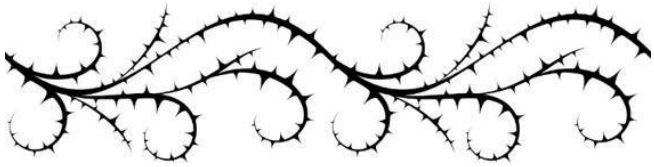
Deixei meu lábio tremer. Deixe meus olhos brilharem. Eu tenho a atenção total de cada pessoa, a sala tão silenciosa que você pode ouvir um alfinete cair.

“Agora, mais do que nunca, é importante nos unirmos. Que apoiamos a ascensão de Hagan e que o resto de Orea está contra o traidor de ouro.” Vejo Hagan acenar com a cabeça enfaticamente, tentando parecer majestoso, embora seja muito forçado para parecer natural. “Lady Auren fugiu do reino e está tentando enganar o Rei Podridão, assim como enganou o Rei Midas. E é por isso que vou convocar um Conflux real.”

O choque percorre a sala com a minha declaração.

Eu apoio minhas mãos contra a mesa, olhando para cada um deles. “É hora de Lady Auren responder por seus crimes.”

CAPÍTULO 12



Slade

Às vezes, quando a adrenalina bate seu corpo, você se move sem pensar. É uma força que toma conta, e não há como fazer outra coisa senão agir.

Portanto, não tenho ideia se digo alguma coisa a Hojat quando ele me diz que o ouro de Auren está acordado. Nem me lembro de correr pelo corredor até o meu quarto.

Mas meu corpo estremece assim que passo pela porta, ficando cara a cara com o que está dentro.

Os cobertores não são mais pretos e as peles marrons. Na verdade, não consigo vê-los. A cama agora está coberta por uma poça de ouro líquido lustroso, e o corpo inerte de Auren está no centro dela, flutuando em cima como um nenúfar[1] em um lago. Seu poder escorre de sua pele em pequenos riachos de água que escoa lentamente, perolando sua pele e cobrindo-a com gotas de orvalho douradas. Está suando por todos os seus poros, encharcando suas leggings e camisa emprestadas, acumulando-se na cama como uma poça.

Ryatt está de lado, erguendo as mãos no momento em que ouve o rosnado sair da minha garganta. “O que aconteceu?” Eu exijo.

“Nenhuma ideia. Eu estava apenas cuidando dela como você disse e, de repente, ela começou a vazar ouro por todo o lugar, e eu ainda não consegui fazê-la acordar.”

[1] Uma espécie de planta com flor que cresce em lagos e ficam flutuando.

Estou ao seu lado em um segundo, os olhos patinando sobre sua figura.

“Auren.” Meu chamado para ela chicoteia através de mim, mas ela não acorda. “Auren, você pode me ouvir?” O ouro continua pingando dela, tão calmo quanto sua expressão.

A cama está perdendo a batalha para sua subida lenta, mas constante, enquanto o líquido metálico começa a transbordar e pingar no chão. Não doura nada, apenas forma poças como água de um telhado com goteiras. Minhas mãos pairam sobre ela enquanto eu chamo seu nome de novo e de novo.

“Você não pode tocá-la, senhor,” Hojat diz da porta, não ousando entrar mais. Parece que até meu imperturbável curandeiro do exército sabe temer sua magia.

“Porra.”

O fato de eu não poder tocá-la faz com que a frustração me perfure.

Virando-me, corro para a porta, e Hojat pula para fora do caminho enquanto eu disparo pelo corredor. Cheguei ao primeiro quarto ao lado do meu - Ryatt - tirando todos os cobertores de sua cama antes de voltar correndo para o lado de Auren.

“O que você está fazendo?” Ryatt pergunta.

“Eu tenho que tirá-la daqui, longe daqui caso ela comece a dourar toda a porra da aldeia,” digo a ele enquanto jogo os cobertores no chão antes de colocar os dois mais grossos sobre meus braços. Mesmo com minhas luvas, isso é arriscado, mas o ouro não parece estar fazendo nada além de ficar em sua lagoa coletada. Não está tornando nada sólido, não está dourando o tecido da cama. Em vez disso, está apenas saindo dela e mantendo-a animada.

Mas a qualquer momento isso pode mudar. Poderia começar a se mover, correr, atacar.

“Ryatt,” eu grito, e em um instante, ele está ao meu lado.

“Entendi,” diz ele com um aceno sombrio, e como se tivesse lido minha mente, ele pega um cobertor e o deixa cair ao longo de seus braços da mesma forma que eu. “Preparado?” ele pergunta.

Assim que eu dou a ele um aceno de cabeça, ele vai para o lado de Auren.

“Mesmo com suas luvas e mangas, você precisa ter cuidado,” alerto. “Não sei se o ouro vai fazer alguma coisa.”

Com total confiança, ele cuidadosamente enrola o corpo dela, mantendo o cobertor como uma camada entre eles. Assim que ele a move, o líquido acumulado começa a cair em cascata pela lateral da cama.

“Aqui!” Digby chama da porta, correndo com outro cobertor para jogar sobre o líquido derramado no chão.

Ryatt não se intimida, mesmo quando a substância viscosa respinga em suas botas. Ele é capaz de girá-la o suficiente para que seu corpo fique fora das partes mais profundas da poça de ouro, e assim que ele o faz, eu mergulho. Usando a cobertura dos cobertores em camadas, eu pego Auren em meus braços, embora alguns vestígios do ouro parecem que tenta grudar em seu corpo inerte como mel em uma vara, não querendo se separar dela.

“Senhor...” A voz preocupada de Hojat é interrompida quando Digby começa a colocar outro cobertor sobre Auren para garantir, até que tudo o que é visível é o rosto dela, coberto de suor dourado.

Sem perder tempo para o ouro reagir ao fato de eu levá-la, saio correndo do quarto e atravesso o corredor, enquanto Digby manca enquanto tenta me acompanhar. “Pra onde você vai?”

“O mais longe que eu puder.” Quando chego à porta da frente, Hojat já está lá, abrindo-a para mim.

“O que você quer que façamos?” Ryatt chama atrás de mim.

“Fique de olho nesse ouro. Se começar a se espalhar, dê o fora da Gruta e evacue os aldeões,” eu digo de volta. “Não será seguro se ela não puder puxá-lo de volta.”

“Não será seguro para você também,” ele diz de volta, mas eu não tenho tempo para responder. Saio correndo de casa e ouço a porta fechando atrás de mim.

Apressando-me, corro para a tempestade, debatendo por uma fração de segundo em que direção ir, antes de virar à direita. Desta vez, porém, não vou ao poleiro. Com o ouro já começando a encharcar os cobertores, não posso arriscar trazê-la para cima de Argo. Não apenas o ouro dela poderia repentinamente atacá-lo, mas o pior lugar para se estar quando isso acontece é no céu, onde uma queda pode matar todos nós.

“Auren, acorde,” digo a ela.

O crepúsculo está agarrado ao céu com tanta segurança quanto eu a ela. Estou tentando o meu melhor para mantê-la segura contra o meu peito, levando o peso do vento e da neve enquanto a carrego. Uma nova linha de suor dourado mancha suas sobrancelhas e o pânico sobe pela minha garganta. “Ouça a minha voz. Você tem que me ouvir e acordar.”

Talvez seja o vento uivante, mas juro, ouço um gemido.

“Auren?”

Desta vez, sei que não estou ouvindo coisas, porque sinto o gemido vibrar em seu peito. Parece dolorida e exausta, e sua testa franze na menor das caretas.

Meu coração pula em minha garganta e aperta minhas vias aéreas, tornando difícil respirar. Nem uma vez ela fez um som ou uma expressão desde que desmaiou.

Eu corro pela encosta da montanha, contornando o poleiro da asa de madeira. Passo por um aglomerado de árvores escarpadas onde termina o caminho de pedra e, com ele, a pá de manutenção. Com passos difíceis, minhas pernas se arrastam por um metro de neve enquanto sigo ao longo da inclinação da base da montanha.

“Continue tentando acordar, Auren.”

Cada metro de distância que coloco entre nós e a aldeia pode ser uma questão de vida ou morte. Não tenho ideia do que acontecerá se o ouro dela despertar

totalmente, mas tenho a sensação de que esse gotejamento constante é apenas o começo.

Meu peito arfa com o esforço de tentar correr pela neve profunda e, várias vezes, quase me derruba. É por pura determinação que a seguro enquanto subo. A cada segundo que passa, os cobertores ficam mais pesados, e sinto o peso xaroposo de mais e mais ouro encharcando o tecido, e é pesado.

O vento assobiando congela meus ouvidos e a neve castigadora torna quase impossível enxergar, mas finalmente chego à curva do caminho no momento em que o ouro dela começa a pingar no chão, não mais contido pelas camadas.

Os riachos se desprendem dos cobertores, caindo em respingos na neve e, com eles, Auren começa a tremer. Seus gemidos de dor agora são constantes junto com os arrepios que percorrem seu corpo, mas tenho a sensação de que não é devido ao frio.

Quando ajusto meu controle sobre ela, minhas mãos enluvadas ficam pegajosas. O ouro não está mais simplesmente escorrendo como óleo, mas encharcando o tecido, dourando cada fibra enquanto continua a escorrer de sua pele. Não sei a que distância falta o anoitecer, mas o céu está escurecendo, embora não rápido o suficiente.

“Porra.”

Quando chego à fenda rachada na encosta da montanha, praticamente mergulho para alcançá-la. Uma vez que estamos escondidos em suas profundezas fluorescentes e fora da tempestade, eu me ajoelho no chão rochoso e coloco Auren no chão.

Com luvas manchadas de ouro, retiro as camadas dos cobertores e, assim que o faço, seu corpo treme. Ouro espesso e xaroposo jorra, acumulando-se no chão da caverna. Isso não é mais um gotejamento lento e constante. Está saindo dela em córregos, estalando e tateando ao redor da sala como se estivesse procurando por alguém para mutilar.

Ele encharca os joelhos da minha calça onde eu me ajoelho, enquanto um pouco começa a rastejar em direção à entrada da caverna. Estendo a mão para tentar mantê-la firme enquanto seu corpo se debate, enquanto o medo bate em meu peito e ecoa em meus ouvidos. Se ela não acordar, se a noite não a detiver e seu ouro chegar à aldeia...

Minha luva gruda em sua bochecha quando eu seguro seu rosto. “Acorde, Canário. Você tem que acordar!”

Seu poder está espirrando, sua aura está errática e o pânico surge em mim tão profundamente que posso estar tremendo também. “Eu não vou apodrecer você de novo, está me ouvindo? Eu não posso fazer isso. Então acorde!”

Seus lábios se abrem e então ela solta um grito que ecoa pelas cavidades. O ouro parece estalar em resposta enquanto sobe pelas paredes, mascarando a fraca fluorescência ao cobrir os veios de azul gravados na rocha.

No entanto, a força de seu grito e a comporta de seu poder fazem sua aura repentinamente ganhar vida, o mais brilhante em dias. Eu tenho que apertar os olhos contra a visão, mas então ela pisca de volta para quase nada, e meu coração para no meu peito, barricando qualquer respiração que possa ter passado pelos meus lábios.

Seu ouro se debate, correndo de volta para ela, como se fosse envolvê-la inteira para que nada mais pudesse alcançá-la. “Auren!” Eu chamo quando começo a sacudi-la pelos ombros. “Acorde. Agora!”

E então, tão de repente que me faz recuar, seus olhos se abrem.

Minha voz nada mais é do que choque capturado na rede de uma expiração. “Auren.”

Vejo suas pupilas dilatarem. Veja as profundezas douradas de suas íris brilharem. Ao seu redor, o ouro fica imóvel. Ele para de pingar. Para de inundar. Talvez a noite tenha caído e agora o ouro esteja me observando tão de perto quanto ela.

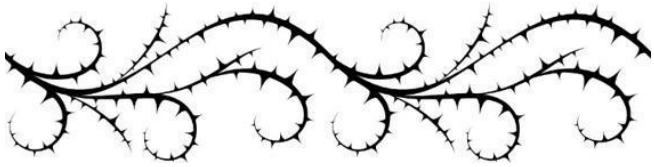
Meu pulso lateja na minha cabeça, mas não ouso me mexer. Uma intuição mais profunda está me mantendo enraizado no lugar. “Canário?” Eu pergunto.

Mas eu já sei. Eu posso ver isso nas profundezas de seus olhos.

Não é totalmente Auren olhando para mim.

Tudo o que tenho tempo para fazer é inspirar. Porque no próximo segundo, ela ataca.

CAPÍTULO 13



Slade

Enormes tentáculos de ouro líquido atacam, envolvendo-me como cordas e depois me jogando fora. Eles me jogam contra a parede irregular da caverna com tanta força que vejo estrelas. Caio de lado, sem fôlego por um momento, e é apenas por causa das intermináveis horas de treinamento que tive que salto de volta para os meus pés.

Déjà vu corre sobre mim, porque a seis metros de distância, Auren está com uma onda subindo atrás dela como uma crista dourada. Seu peito arfa com respirações rápidas, suas mãos pingando se fecham em punhos ao seu lado enquanto seus olhos brilham com atenção estreita.

"Auren."

Eu tento dar um passo hesitante para frente, mas um rosnado sai de sua garganta. Meus olhos percorrem cada centímetro dela, avaliando. Quando dou um passo, ela estende a mão, lançando uma corda de ouro pegajoso na minha direção como um chicote. Mas não faz contato. Em vez disso, foi apenas um aviso.

Meus lábios se inclinam em um sorriso, enquanto seus olhos se estreitam em suspeita.

Oh, Canário, estou vendo você.

"Então, você finalmente acordou," eu digo casualmente, mal olhando para o chicote de ouro pairando no ar, como se estivesse pronto para atacar a qualquer momento. "Não é uma pessoa matinal?"

Outro rosnado vem rangendo por entre os dentes.

“Achei que não. Tudo bem, Ryatt é pior. Embora,” eu penso, olhando para a entrada escura da caverna, “É noite agora, de qualquer maneira.”

Com passos lentos e medidos, eu me viro para a esquerda, começando a circular ao redor dela. Mantenho a mesma distância entre nós de antes, mas isso faz com que ela mude de posição comigo, fazendo com que ela se acostume ao movimento. Ela não está mais pingando ouro novo, mas tudo o que ela tem está reunido ao seu redor, reunido em perfeita sincronia.

Seu ouro reflete seus movimentos, estendendo-se atrás dela, sua superfície ondulando como uma onda do oceano. Mas minha atenção está nela e em sua aura piscando em torno de sua silhueta.

“Você está dormindo há dias, sabia disso?” Eu pergunto, mantendo meu tom de conversa. “Deitada na cama, sem acordar, sem comer. Na verdade, aposto que você provavelmente está se sentindo um pouco fraca.”

Assim que digo a palavra fraca, a raiva dela explode em seu ouro, que ela lança na minha direção. Mas desta vez, estou pronto para isso e desvio do chicote viscoso antes que ele possa acertar. Atrás de mim, ele bate contra a rocha, um respingo deixado para trás pelo golpe.

Eu faço um tsk. “Isso não foi muito legal.”

Seu rosto se contrai em um sorriso de escárnio furioso.

“Ah, entendo,” eu digo casualmente enquanto tiro meu casaco manchado, deixando-o cair no chão, antes de arregaçar lentamente as mangas dos meus braços. “Você não quer ser legal. Você quer lutar.”

Meu corpo se move com um pensamento, pontas negras perfurando meus antebraços e curvando-se ao longo da minha coluna. Eles marcam minhas sobrancelhas, e eu toco minha língua nas presas agora caídas de minha mandíbula. Ela observa minha transformação com atenção extasiada, como uma fera tentando avaliar outro predador em seu meio. Com minhas orelhas agora pontudas e a barra

de escamas cinzentas contra os ossos de minhas bochechas, o sorriso que lanço a ela é puro fae.

Seu peito arfa e seu corpo está tão tenso, como se ela fosse uma corda esticada demais. Ela não vai ouvir palavras calmantes para fazê-la voltar para si mesma. Não, o que ela precisa é estalar.

É por isso que levanto a mão, gesticulando para que ela se aproxime. “Você quer lutar, então lute comigo.”

Esse é todo o convite de que ela precisa.

Auren varre os braços para os lados, e a onda de ouro atrás dela se divide. Então ela bate palmas, o ouro se movendo para espelhar seus movimentos, mas eu caio de joelhos e rolo antes que ele possa me atingir. O foco da luta dela é bom. Ela não está se esgotando como fez no Castelo de Ranhold, e sua aura está se mantendo firme, embora ela também não seja totalmente ela mesma.

Mas sei uma ou duas coisas sobre naturezas duais.

“Isso é tudo que você tem?” Eu provoco enquanto salto de volta.

Ela se vira para me encarar, os olhos em chamas. O ouro se move com ela, soprando seu cabelo para trás, apertando em uma onda inclinada para se manter em uma posição predatória ao lado dela. Com um movimento de seu punho, ela o envia atirando em minha direção, tentando me esmagar até virar uma polpa. Eu pulo para longe, mas não sem que ela se espalhe em cima de mim com a força de seu estrondo. Eu vejo seus olhos brilharem, sua mandíbula apertada, e eu sorrio de volta.

Ela começa a enviar as ondas para mim de novo e de novo e de novo. No entanto, não apenas sou rápido, mas também a conheço. Eu posso ler cada movimento dela antes que ela o faça, dando-me tempo para antecipar exatamente o que ela vai fazer e desviar do ouro antes que ele possa bater em mim.

Cada vez que ela tenta me prender, eu escapo de seu alcance de ouro, rindo enquanto a rodeio. O ouro me acompanha, batendo no chão, arqueando e girando com meus movimentos. Sua irritação é clara no franzir de suas sobrancelhas, na

maneira como seus olhos mal piscam. Mas ela está tão sintonizada, tão fodidamente linda assim, exercendo seu poder tão facilmente.

Quando me esquivo de outro respingo vindo em minha direção, limpo o spray que caiu na minha bochecha com um sorriso. “Você tem que ser mais rápida do que isso se quiser acertar um golpe,” eu provoco.

Ela grita de frustração e abandona sua tática. Desta vez, ela quebra sua onda brilhante em uma centena de cordas retorcidas diferentes e as envia para me atacar como uma parede de chicotes. Quando eu me abaixo, ela consegue mover uma tira para baixo a tempo de bater no meu estômago, me jogando contra as pedras.

Eu gemo com o impacto, meus olhos piscando para ver sua reação. Satisfação bordeia sua boca, mas quando ela me vê voltar a ficar de pé com um sorriso, ele desliza de volta.

“Assim foi melhor, Canário. Mas por que você não larga o ouro e me bate como se quisesse?” eu sussurro.

Ela pisca, surpresa, mas então seus lábios se apertam com raiva. Com um estalar de dedos, o ouro imediatamente perde sua forma e cai no chão em um respingo, encharcando as solas das minhas botas. Instantaneamente, o ouro endurece e, embora tenha apenas cerca de uma polegada de espessura ao redor dos meus pés, é o suficiente para me prender no lugar.

Garota esperta.

Agora que estou preso, ela vem andando, balançando os quadris em satisfação. Quando ela para na minha frente, há um brilho em seus olhos. Qualquer outra pessoa aqui provavelmente estaria mijando nas calças. No mínimo, tentando tirar as botas e correr. Mas eu? Estou excitado. E eu fico exatamente onde estou.

“Você é linda quando está desequilibrada,” digo a ela.

Então, eu bato meus lábios contra os dela.

Sua boca é quente e flexível, gotas de ouro pontilhadas ao longo da costura, e não posso impedir minha língua sair para provar. Eu mal tenho um segundo para

senti-la contra mim antes que ela me empurre para trás, o ouro solidificado voltou a ser líquido. Eu me atrapalho para trás com a força de seu empurrão, sentindo-o espirrar em minhas canelas.

Ela arqueja, parecendo ainda mais furiosa do que antes, seus olhos dourados brilhando enquanto ela leva os dedos aos lábios. Por um momento, ela apenas me encara, furiosa, o ouro ondulando aos nossos pés.

Vamos, Canário.

Eu mantenho meu corpo solto, mas equilibrado, me preparando para outro golpe dela. Quando ela abaixa a mão, meus olhos se voltam para o ouro, esperando que ele se levante para um ataque.

É por isso que sou pego completamente desprevenido quando ela se lança contra mim. Eu fico tenso, assim como seu corpo bate contra o meu, me forçando a dar um passo para trás para me manter de pé.

Levo exatamente um piscar de olhos para perceber que esse é um tipo de ataque totalmente diferente. Ela não está mais tentando me bater. Ela está tentando me devorar.

Meus lábios se abrem contra o assalto de sua boca na minha, e minhas mãos descem para agarrar suas coxas que envolvem minha cintura para que eu possa levantá-la mais alto. Desta vez, em vez de me afastar, ela colocou as mãos no meu cabelo, puxando-me para mais perto, exigindo mais. Quando minha língua desliza contra a dela, ela geme, desta vez não de dor ou irritação, mas pura emoção hedônica.

Fodidamente sexy.

Quando ela morde meu lábio inferior com força suficiente para dividi-lo, eu me afasto, encarando seu olhar desafiador. Ela tenta mergulhar de volta para continuar com o nosso beijo, mas eu levanto a mão e passo por seu cabelo, puxando com firmeza para mantê-la no lugar, mas não o suficiente para machucar. Ela rosna em resposta, me fazendo sorrir.

“Saia para brincar, Canário, e eu vou te beijar o quanto quiser.”

Seus olhos piscam em advertência e, um momento depois, ela está de pé e eu estou preso contra a parede da caverna por seu ouro. Não é líquido o suficiente para penetrar em minhas roupas, mas é firme o suficiente para me manter no lugar. Ela está na minha frente com um olhar de pura vitória em seu rosto. Sou como um inseto preso nos fios de uma teia de aranha.

“Muito bom,” elogio.

Ela sorri com satisfação, arrastando a mão pelo meu pescoço, manchas de ouro manchando contra mim onde quer que ela toque, como se ela estivesse me marcando, o que minha natureza fae realmente gosta.

Depois de passar pelos fios pontiagudos acima das minhas sobrancelhas, ela se inclina e roça a boca no meu pescoço. Eu tenho que segurar um gemido.

“Saia, Canário.”

Uma mão delicada e quente vem até minha bochecha, e ela vira minha cabeça para olhar para ela.

“Volte, baby,” eu digo suavemente antes de estender a mão e segurar seu queixo, deixando meu polegar arrastar em sua bochecha. “Volte para mim.”

Algo pisca em seus olhos. Como manchas de luz cintilante. Então, ela pisca e sua expressão de repente se transforma.

Alívio puro e completo me atinge como um soco no meu peito. “Aí está você.”

Ela prende a respiração. Seus lábios se abrem, e eu observo seus olhos focarem em mim antes de ela sussurrar, “Slade.”

“Estou aqui. Você está aqui.”

Ela se dá um tempo para respirar, e então ela funde sua boca contra a minha. Seu controle sobre a magia parece se desintegrar em um piscar de olhos, e ela cai no chão, respingando em nós dois.

Mas ela nem parece saber disso. Ela está muito ocupada tentando subir no meu corpo, como se não pudesse suportar qualquer distância entre nós. Eu deixo os

espinhos em meus braços afundarem sob minha pele, mas tudo o mais em mim vem à tona. Toda a preocupação e pavor são derramados no ouro acumulado a nossos pés enquanto o calor carnal toma seu lugar.

Porque ela está acordada. Ela está viva. Ela está quente e se contorcendo e pressionada contra mim.

Obrigado porra.

Seus lábios se afastam, apenas o tempo suficiente para ela engolir em seco. “Eu preciso de...”

“O que você precisa, Auren?” Eu pergunto, deixando minha presa raspar contra o pulso de sua garganta. Suas mãos se agarram ao meu pescoço, as pernas em volta de mim enquanto eu seguro sua bunda, as mãos abertas e apertadas.

“Você por favor. Eu preciso disso. Eu preciso disso agora.”

Suas mãos caem no cordão da minha calça, já afrouxando os laços. Tão diferente da nossa primeira vez juntos, quando ela era tímida e insegura. Mas todo pensamento sai da minha cabeça quando sua mão entra e ela agarra meu comprimento.

“*Porra.”*

Ela me acaricia de cima a baixo, frenética e rápida, como se estivesse desesperada por mim, desesperada para escapar. “Eu preciso de você para me fazer sentir.”

Seu toque faz minhas bolas apertarem, e tudo que posso pensar é afundar nela e dar a ela exatamente o que ela precisa.

Eu a coloquei de pé, fazendo o ouro espirrar ao nosso redor.

“O que você está fazendo?” ela rosna em protesto.

Eu agarro sua mandíbula, inclinando sua cabeça para cima para olhar para mim. Sem dizer uma palavra de advertência, estendo a outra mão e empurro suas leggings por seus pés, sua camisa emprestada mal cobrindo-a do meu olhar.

Ela engasga, mas quando seguro sua boceta, o som se transforma em um gemido. “Por favor...”

“Você está implorando, querida.”

“Eu sei!” ela grita, a cabeça pendendo para trás quando passo meu polegar sobre seu clitóris.

Eu me inclino para frente e lambo uma linha na curva de seu pescoço, fazendo-a estremecer. “Eu gosto disso.”

Mãos em sua bunda, eu a puxo para cima novamente, e a sensação de seu calor nu contra o meu comprimento me faz cerrar os dentes de prazer.

“Esfregue-se em mim,” eu ordeno. “Coloque essa boceta lisa em cima do meu pau.”

A umidade pinga dela enquanto ela faz exatamente o que eu digo, seus quadris balançando sobre mim e me cobrindo com seus sucos. “É isso,” eu ronrono. “Bem desse jeito...”

“Slade...”

O tom de sua voz parece disparar diretamente para o meu pau, e eu não posso esperar mais um segundo para afundar em seu calor. Eu mudo meus quadris e ela desce entre nós, alinhando-me com sua entrada.

Eu fico imóvel, olhando em seus olhos enquanto ela treme sobre mim.

“Depressa,” ela implora.

Eu empurro meus quadris para frente e empurro para dentro dela, afundando até o fim.

O corpo de Auren se agarra a mim por dentro e por fora, as mãos cavando em meu pescoço, suas paredes internas apertadas.

Apertando sua bunda, eu a levanto e a trago de volta para baixo com um movimento forte, arrancando um grito de felicidade de sua garganta.

“É disso que você precisava, Auren?” Eu digo enquanto a levanto antes de trazê-la de volta para baixo mais uma vez. Meus braços flexionam a cada movimento, meus espinhos querendo perfurar minha pele de volta.

“Mais forte.”

Seu apelo ofegante derruba minha contenção, e não há nada que eu queira mais do que ir duro. Eu começo a bater com ela no meu pau com tanta força que todo o seu corpo fica tenso, deixando-me tê-la completamente à minha mercê.

“Mais forte,” ela grita, assim como sua cabeça cai no meu ombro. Seus dentes afiados mordem minha pele e fazem meu pau inchar impossivelmente maior.

Eu vou mais forte, mais rápido, entrando nela com fervor carnal.

“Mais forte,” diz ela novamente. E de novo. E de novo.

E de novo.

Eu empurro minha cabeça para trás, vendo o suor escorrendo em seu rosto, seus lábios entreabertos em súplicas aceleradas.

Mas também vejo algo mais nas profundezas de seus olhos selvagens. Algo que me faz parar.

“Não! Continue,” ela diz, unhas arranhando meu pescoço e puxando meu cabelo. “Vá com mais força. Tão forte que doa. Eu preciso doer.”

Meus quadris param de socar para cima, minhas mãos param de levantar. Eu levanto a mão e seguro seu cabelo, puxando seu rosto para o lado. Ela sibila uma respiração que se transforma em um gemido.

“Você precisa disso?” Eu digo, prendendo meus quadris contra os dela, mantendo meus dedos enfiados em seu cabelo para que ela me olhe nos olhos. “Precisa ser punida?”

Sua garganta balança, e vejo um lampejo de algo em suas profundezas douradas. “Sim...”

Eu empurrei para dentro dela em um arrasto lento que fez seus olhos revirarem.

“Bem, adivinhe?” Eu digo, aproximando seus lábios o suficiente dos meus para que eu possa saborear sua exalação. “Você não merece punição, Auren.”

Ela fica rígida em meus braços, olhos arregalados.

“Eu te vejo.” Começo a fodê-la devagar e com firmeza, assim que lentamente libero seu cabelo e, em vez disso, coloco minha mão entre nós para acariciar seu clitóris. “Você precisa de uma fuga? Você precisa de mim para fazer você se sentir bem? Eu posso fazer isso, porra.”

Eu pontuo minhas palavras com meus dedos esfregando contra ela, fazendo-a tremer, seus dentes mordendo seu lábio brilhante.

“Ouça-me,” eu ordeno, fazendo seus olhos lacrimejantes se prenderem aos meus. “Você não merece punição por nada. Você merece uma recompensa.” Ela solta um soluço e não preciso que ela diga nada, porque vejo tudo em seus olhos. “Vou me levar tão longe em você que tudo o que você sentirá é prazer por quão fodidamente gloriosa você é enquanto queima por mim. Mas não haverá punição.”

Uma lágrima dourada cai de sua pálpebra e cai no meu peito, encharcando o tecido da minha camisa.

Antes que ela possa protestar, eu nos sento no chão. Deito-me debaixo dela, meu pau encaixado tão profundamente dentro dela que ela solta um gemido. Mas, desse ângulo, ela pode estar no comando. “Eu vou dedilhar seu clitóris e fazer você gritar, provando que você é uma deusa que tem prazer porque é isso que você merece,” eu rosno. “Agora me monte.”

Suas palmas pressionam contra meu peito, e com um olhar furioso, ela começa a levantar seu corpo e, em seguida, bate de volta em mim com força e rapidez, seu ritmo implacável, sua expressão determinada. Mas o tempo todo, apenas acaricio seu clitóris com movimentos lentos e suaves, circulando seus nervos e esperando.

Esperando.

Outra lágrima frustrada escorre por sua bochecha, e ela olha para mim com raiva queimando suas bochechas. “Foda-me,” diz ela.

“Eu vou,” eu digo a ela. “Assim que se tratar do seu prazer e não do seu castigo.”

Ela bate com as mãos no meu peito com força. “Eu preciso ser punida!” ela rosna, peito arfando, aura queimando.

“Por que?”

Não é uma pergunta, é uma exigência.

Sua expressão vacila. “Porque eu... eu...”

Sento-me rápido o suficiente para que ela sugue uma respiração chocada, meu pau se inclinando profundamente. “Vou te contar o que você fez. Você finalmente se libertou e conquistou.”

Ela olha para mim como se eu fosse sua tábua de salvação. Como se eu fosse sua única esperança de não ser despedaçada. Mas eu sempre vou castigá-la. Eu sempre vou lembrá-la de quem ela é.

Porque eu a vejo. Eu sempre fodidamente vejo.

Eu envolvo minha mão em torno de sua garganta, minha outra mão ainda acariciando seu clitóris, deslizando através do desejo úmido que ela está jorrando. Aperto com força apenas o suficiente para causar a menor restrição em sua respiração. No momento em que o faço, seu peito arfa mais rápido, mais umidade escorrendo de sua boceta, pupilas dilatadas. “A única coisa pela qual eu iria puni-la é a maneira como você tentou desistir de mim.”

Seu pulso bate contra suas veias, e ela solta um pequeno ruído trêmulo. Eu aperto meu agarre e empurro meus quadris para cima dentro dela, fazendo-a estremecer e gemer.

“Você nunca vai desistir assim de novo, não é, querida? Você nunca deixará seu poder dominá-la.” Eu empurrei novamente, os quadris subindo e fazendo-a suspirar pelo meu nome. “Você vai se lembrar de quem você é e quão fodidamente poderosa você é, e você não vai – nunca – fodidamente – ceder – de novo.” Cada palavra é um impulso, cada letra um golpe mais rápido sobre seu clitóris.

“Diga,” eu exijo, meu rosnado vibrando contra sua orelha. Eu quero consumi-la. Enterrar-me tão fundo nela que ela vai me sentir para sempre, gravar minhas palavras em seus pensamentos.

“Eu nunca vou desistir de novo,” ela chora. “Slade, por favor.”

Felicidade aos meus ouvidos.

Meus dedos esfregam sobre seu clitóris, minha velocidade é um borrão. Meus quadris socam de novo e de novo, fazendo sua boca cair aberta em um grito que ecoa pela caverna.

“Venha, amor. Tome o seu prazer no meu pau e me inunde com isso, porra.”

Seu orgasmo parece implodir.

Eu sinto seu corpo apertar meu pau, e minhas estocadas falham. Ela chama meu nome, tremendo toda, sua boceta surgindo com um calor úmido que me leva ao limite com ela. “Boa garota do caralho.”

Eu gozo com tanta força que estou surpreso por não desmaiar, derramando jatos quentes de esperma dentro dela, marcando-a como minha. Mas eu não tiro minha mão de seu clitóris até arrancar a última onda de prazer de seu corpo cantante, não até que ela caia contra meu peito, tremendo com os tremores secundários.

Só então movo minha mão e começo a acariciar seu braço. Devagar, gentilmente, as pontas dos dedos subindo e descendo. Nós ficamos sentados lá por vários longos momentos, e eu não a apresso. Eu não empurro. Meu pau não reclama, nem eu. Gostaria que pudéssemos ficar nesta caverna, gostaria de poder mantê-la segura em meu colo. Mas, apesar dos meus desejos, a realidade vem aos poucos.

Seu calor maleável fica rígido, sua mente correndo rápido o suficiente para que eu possa ouvi-la zumbindo. Eu observo enquanto sua cabeça se levanta do meu ombro, os olhos se movendo rapidamente, observando a caverna escura, vendo o resto de ouro ainda empoçado no chão a apenas trinta centímetros de distância.

“Slade...” ela diz, mas desta vez, não é com a alegação de prazer. É uma chamada de medo.

“Você está bem, Auren,” eu digo, mas ela já está saindo de cima de mim, puxando suas leggings descartadas do chão.

Eu me levanto e puxo minhas calças, amarrando os cadarços enquanto a observo circulando ao redor, seus olhos selvagens enquanto ela olha para a caverna, seus dedos espetados em seu cabelo enquanto ela balança a cabeça. Não sei se é o choque de entrar neste lugar desconhecido, mas a dor em seus olhos quando a realidade desaba ao seu redor me faz querer rugir, querer proteger.

Ela tropeça em seus pés, os olhos arregalados, a mão agarrando sua garganta, bem sobre a fatia sutil de uma cicatriz. Ela está olhando para o ouro no chão como se fosse a morte total olhando para ela. Quando o ouro começa a se mover, começa a se aproximar dela, ela recua com um grito. “Não, não, não, não, não!”

“Auren.”

O pânico se instalou, sua cabeça balançando sem parar. Pela primeira vez desde que ela acordou, a preocupação sobe pela minha nuca. Antes, quando ela estava me atacando, eu tinha total confiança de que ela sairia daquele estado e voltaria para mim, tinha total confiança de que ela estava no controle de sua magia.

Mas agora...

Sua respiração começa a ficar rápida e oca, como se não importasse o quanto ela inspirasse, ela não conseguia ar suficiente.

“Auren, olhe para mim.”

Ela gira no lugar, olhando em volta descontroladamente. “Eu não... Onde estou? Não posso deixar o ouro ir. Eu preciso disso longe de mim! Eu preciso que pare!”

Dou um passo à frente, mas o som das minhas botas batendo no ouro derretido a faz estremecer. “Está tudo bem,” eu começo a dizer a ela, mas ela não está me ouvindo.

“O que eu fiz, Slade?” Seu braço roça a parede da caverna, fazendo o respingo de ouro grudar como calda em sua manga. Ela se afasta dele, encolhendo-se com um tremor de corpo inteiro. “Oh deusa,” ela respira, uma mão apertando sua boca em

horror. “O que eu fiz?” A pergunta é um sussurro abalado. Um reconhecimento encurralado com as patas traseiras apoiadas contra uma parede.

Desviando, eu deslizo na frente dela, segurando-a pelos braços. “Olhe para mim.” Ela tenta se afastar, mas eu mantenho meu aperto firme. “Auren, olhe para mim.”

Seu olhar se encaixa no meu, suas pupilas estouradas de medo, o pulso em seu pescoço disparado. “O que eu fiz…”

“Respire comigo.”

Eu respiro fundo, franzindo meus lábios levemente para exalar novamente. Eu faço isso de novo e de novo até que ela comece a me imitar. A princípio, sua respiração ainda é muito rápida, seus olhos muito selvagens, mas lentamente, sua respiração se acalma o suficiente para que ela não esteja mais hiperventilando.

À medida que seu pânico diminui, seu ouro não se acumula mais com o movimento. Eu posso dizer o momento em que ela rompe seu domínio sobre ele, porque não parece mais vivo. Em vez disso, é apenas líquido deixado para secar no chão.

“Isso é bom,” eu acalmo, correndo minhas mãos para cima e para baixo em seus braços. “Você está indo tão bem. Continue respirando.”

Ela solta um suspiro trêmulo, olhos lacrimejantes levantando para os meus como se ela estivesse me vendo pela primeira vez. “Slade.”

“Eu estou aqui, baby.”

Meu peito ficou apertado. Estou tão feliz por ela estar acordada, por ela ser ela mesma, mas não quero que ela sinta medo, sinta desespero.

Seu olhar se desvia para os respingos de ouro ao longo das paredes da caverna, para a poça que se solidifica no chão. “Grande Divino.”

Eu observo, as memórias, como elas parecem se encaixar uma após a outra. Há toda uma série de expressões que cruzam seu rosto, mas tudo que posso fazer é me preparar, esperando pelo ataque. De medo. De ódio. De culpa.

Acho que é isso que vai me cortar mais fundo. Não ela me culpando ou mesmo me odiando por apodrecê-la, eu mereço isso.

Mas a culpa? Ela se sente culpada por matar Midas, agora isso vai me matar.

Não sei quantos segundos se passa enquanto sua mente se lembra do que havia acontecido, mas, finalmente, seus olhos se voltaram para os meus, e meu coração quase despencou em meus pés com as lágrimas acumuladas neles.

“Como?” ela sussurra. “Senti meu poder me deixar quando o sol se pôs. Isso não deveria ser possível, mas eu...” Suas palavras sufocam. “Havia algo dentro de mim que simplesmente se abriu.”

“E foi fodidamente glorioso.”

Ela se encolhe. “Como você pode dizer isso?” ela pergunta, com a voz embargada. “Eu me tornei um monstro.”

Mas eu balanço minha cabeça, passo meus polegares sobre suas bochechas molhadas. “Não baby. Não um monstro. Um fae.”

CAPÍTULO 14



Auren

Fae.

No momento em que ele diz a palavra, sei que é verdade. Eu sei que é essa fera dentro do meu peito, aquela que até agora está à espreita, garras agarradas nas costelas.

Eu olho ao redor do espaço sombrio da estranha caverna, e esse aperto aumenta. O ouro está espalhado por toda parte em manchas confusas, a maior parte congelada em poças ao redor do solo. Quando olho para ele, tudo que consigo pensar é como a fae em mim assumiu o controle. Como isso rasgou através de mim, enganchando nas rédeas do controle, arrancando-as de minhas mãos.

E com ele...

Grande Divino, os ruídos.

Cada brilho de ouro na caverna é um brilho no castelo quando estremeceu e se espalhou. Cada reflexo brilhando de volta para mim é eu vendo essa versão selvagem de mim mesmo rasgando as pessoas, matando-as com golpes impiedosos.

Havia tantos sons de respingos e colisões, mas principalmente, o que ressoa em meus ouvidos são os gritos.

Houve apenas uma outra vez em que meu ouro agiu assim. Um ao outro, e jurei a mim mesmo que nunca mais aconteceria.

Mas aconteceu.

Quando dou um passo para trás, meu calcanhar encharca o líquido pegajoso e me afasto dele com um sobressalto. Ele tenta subir pela minha perna, tenta voltar à vida e reagir às minhas emoções e movimentos, mas eu o chuto para longe. Mãos cerradas tremendo, eu bato minhas paredes, cortando o ouro. Cortando a besta fae. Fechando tudo para que essas coisas não possam me alcançar novamente.

Eu não vou deixar isso.

Um arrepio passa por mim, e de repente me sinto incrivelmente pesada, como se aquelas paredes que acabei de erguer dentro do meu peito estivessem me pesando, pressionando meus ossos e cimentando meus pés.

“Auren?”

Virando-me, eu olho para ele com todo aquele peso forçando meu olhar. “Onde estão minhas luvas?” Eu pergunto. “Eu preciso cobrir minhas mãos.”

Ele hesita e depois tira as próprias luvas, caminhando para entregá-las a mim. Não posso deixar de fazer uma careta quando vejo como elas estão manchadas ou quando ouço o som esmagado sob suas botas quando ele pisa em uma das poças endurecidas.

“Obrigado,” murmuro.

Eu não consigo olhar para ele. Estou muito envergonhada pela maneira como pulei nele, por como admiti que queria ser punida pelas coisas que fiz. Basicamente, eu apenas o usei para não ter que pensar, para que pudesse sentir dor pela dor que infligi aos outros.

“Auren,” ele diz com firmeza, e apesar de quão pesados meus olhos estão, eles se erguem. “Nada sobre o que acabamos de fazer é algo vergonhoso. Você não precisa se sentir envergonhada.”

Eu zombo, balançando a cabeça enquanto coloco suas luvas, me sentindo um pouco melhor por ter minhas mãos cobertas.

“É verdade,” ele diz com firmeza, seus olhos me puxando para dentro. “Você é fae, assim como eu, o que significa que vamos ter desejos selvagens e delirantes. Como lutar e foder. Esses dois andam de mãos dadas.”

Minhas bochechas esquentam com sua franqueza, e então fico toda quente quando ele cuidadosamente desliza a mão para a parte de trás do meu pescoço. Seu cabelo está desgrenhado por causa dos meus dedos, alguns dos fios manchados com fios de ouro, ainda mais arrastados por suas bochechas e brilhando em seus lábios. Algo em mim quer ronronar ao ver todas as minhas marcas nele assim.

“É completamente natural,” ele continua, sua voz retumbando através de mim com um calor decadente. “E eu, por exemplo, adoro quando vejo mais da sua natureza fae saindo.”

Abro um sorriso trêmulo. “Eu não devo ser tão fae, considerando isso,” eu digo, batendo contra as pontas arredondadas das minhas orelhas.

“Eu também as tenho,” Slade aponta, e como se para provar seu ponto, seu corpo muda. Seus picos absorvem de volta sob sua pele, roubando os fios de sua aura e o brilho das escamas ao longo de sua bochecha. Quando seus olhos estão verdes mais uma vez e suas orelhas não são mais pontudas, ele bate nelas. “Embora, as minhas sejam arredondadas nesta forma porque sou apenas meio fae.”

“Você é?” Eu pergunto surpresa. “Talvez eu seja apenas meio fae também. Não me lembro dos meus pais bem o suficiente para saber.”

“Poderia ser.”

Estou aliviada por termos saído do outro assunto, mas agora que a realidade está se estabelecendo, há cerca de uma centena de outros assuntos surgindo em minha mente. Assuntos sobre os quais não quero pensar ainda. Eu envolvo meus braços em volta de mim, de repente me sentindo incrivelmente cansada.

No segundo em que ele percebe meu tremor, Slade me pega pela mão. “Vamos levá-la de volta para a Gruta, onde você pode descansar.”

Não tenho energia nem para perguntar o que é a Gruta. Eu simplesmente deixo que ele me envolva em alguns cobertores manchados de ouro nos quais ele insiste em me envolver. Uma vez que ele está satisfeito de que estou embrulhada, ele me carrega para fora da caverna, onde somos atingidos por uma tempestade de neve.

Meu espírito afunda um pouco com o frio, murchando do céu monótono e gelado. Sem o abrigo da caverna, o vento uivante que eu subestimei passa por nós com tanta força que fico surpresa por Slade não ser derrubado.

A noite parece ter caído, e ela está cheia de flocos de neve que chicoteiam ao nosso redor. Esta não é uma nevasca suave e silenciosa de forma alguma. Felizmente, ele me envolveu tanto que apenas parte do meu rosto está exposta. Mesmo assim, sinto-me congelada um minuto depois de estar do lado de fora.

No entanto, mesmo nessas condições menos do que ideais, encontro-me sendo embalada em um quase sono. Com os braços de Slade em volta de mim e o passo firme de sua caminhada, eu me aproximo dele, um suspiro passando por meus lábios enquanto fecho meus olhos e desligo todos os meus pensamentos, desligo todas as minhas memórias.

Porque eu não quero pensar nisso. Eu não quero enfrentá-los.

Ainda não.

Por enquanto, só quero sentir seus braços em volta de mim e ignorar todo o resto.

Devo cochilar mais do que realmente pretendia, porque sou despertada novamente pelo som de vozes. Instantaneamente, posso dizer que não estou mais lá fora no frio, porque há um calor que me envolve e o som do vento se foi.

“Deixa ela dormir. Está tarde.” Essa é a voz de Slade. Percebo que, embora agora estejamos lá dentro e ele não esteja me carregando durante uma nevasca, ele ainda está me segurando. Como se ele não quisesse me deixar ir.

Meu coração se parte um pouco com isso.

Eu ouço alguém zombar. “Não me importa se é tarde, ela precisa comer. Ela está dormindo há quatro dias. Ela acabou. Cachinhos Dourados, acabou. Acorda!”

Minhas pálpebras se abrem quando reconheço a voz de Lu, e pisco para um teto de madeira lisa antes de meu olhar mudar para o rosto de Slade. Ele suspira quando vê que estou acordada.

“Funcionou?” Lu pergunta um segundo antes de seu rosto aparecer acima de mim.

“Claro que funcionou, não é como se você tivesse ficado quieta sobre isso,” ele responde.

Ela sorri quando eu olho para ela. “Aí está você. Pare de ser preguiçosa.”

Slade faz um barulho de advertência, mas sinto meus lábios se repuxando em um sorriso.

“Estou em uma casa com cinco malditos homens, e eles estão me deixando maluca,” ela me diz. “Preciso de alguém para me solidarizar.”

“Dourada deveria se compadecer de mim,” ouço Judd cortar de algum lugar do outro lado da sala. “Você tem sido má.”

Lu gira. “Dar uma surra em você nas cartas todas as noites não me torna má. Isso me torna superior.”

“Sim, mas roubar o vinho faz você mesquinha.”

Ela funga. “Não sei do que você está falando.”

Com a ajuda de Slade, eu me sento, mas ele me mantém aconchegada em seu colo na enorme cadeira.

Eu olho em volta com curiosidade, observando o espaço desconhecido. Está escuro, exceto por uma parede de tijolos com uma lareira elevada que está apagando o brilho do fogo saudável. Sem contar a chaminé exposta, o resto das paredes aqui são painéis de madeira, sua cor rica e polida. Além da cadeira verde floresta em que

estamos sentados, há um sofá combinando à nossa direita e outra cadeira à nossa frente. No centro de todos eles, está uma mesa de madeira com um grosso tapete de pele branca embaixo dela.

Em suma, o espaço parece aconchegante. Há pequenos detalhes também, como os casacos pendurados em ganchos em um suporte perto da lareira, os cinco pares de botas alinhados ao lado da lareira. Há um cheiro saboroso vindo da porta aberta que leva a uma cozinha, e quando viro minha cabeça, posso ver o que parece ser a porta de entrada da frente. Este lugar tem um ar caseiro, e eu automaticamente relaxo quando percebo que são apenas Judd e Lu na sala com Slade e eu.

Quando viro minha cabeça para Lu, meus olhos se fixam na única janela à minha frente. Franzindo a testa, eu inclino minha cabeça enquanto olho para fora. A princípio, acho que a névoa azul deve ser as estrelas, embora nunca as tenha visto assim. Mas quanto mais eu estudo, percebo que não está certo. Posso ver sombras próximas, como se talvez houvesse uma casa com aquela iluminação estranha ao lado, mas isso também não combina com o que estou vendo.

“Onde estamos?” Minha voz sai um pouco quebrada. Ao meu lado, Slade mantém uma mão solta no meu quadril, seu polegar acariciando lentamente o tecido das minhas roupas enquanto meu lado descansa contra seu peito.

“Bem-vinda a Gruta,” diz Judd com um aceno de seu braço de seu lugar no sofá à minha direita. Lu caminha de volta para o sofá ao lado dele, enrolando os pés embaixo dela, embora eu não saiba como ela consegue fazer isso considerando que ela está usando chinelos gigantes nos pés.

“O que é a Gruta?”

Lu e Judd olham para Slade, como se não soubessem o que responder. Achei que seria uma pergunta fácil, mas, considerando a hesitação que se instalou na sala, acho que me enganei. A primeira gota de ansiedade penetra em meu estômago, que é a última coisa que quero. Virando minha cabeça, eu olho para Slade.

Eu finalmente tenho a chance de dar uma boa olhada nele, e o que vejo faz ainda mais gotas de preocupação caírem. Ele tem olheiras e sua sombra de barba se transformou no início de uma barba espessa. Há uma tensão em sua testa que ele não pode esconder de mim, e ele ainda está vestindo suas roupas amassadas e manchadas de ouro.

Seus olhos suavizam enquanto ele me observa. “A Gruta é a nossa casa em Drollard Village.”

“Tudo bem... E onde fica a Drollard Village? Ainda estamos no Quinto Reino?”

Judd sorri e joga as mãos atrás da cabeça enquanto estica as pernas à sua frente. “Essa é uma pergunta interessante. Veja, porque era o Quinto Reino, mas agora não é. E tecnicamente, Drollard Village não existe. Nem as pessoas que moram aqui.”

Minha mente nada. “Hum. O que?”

Slade lança a ele um olhar impaciente antes de voltar sua atenção para mim. “Vamos explicar tudo isso mais tarde. Como você está se sentindo?”

Não é sobre isso que quero falar. De jeito nenhum.

Ignorando sua pergunta, empurro os cobertores que ainda estão enrolados em mim. Agora que estou acordada, estou sufocando sob todas essas camadas. Quando Slade afrouxa seu aperto o suficiente para eu fazer isso, aproveito a oportunidade para ficar de pé. Meus pés descalços afundam no tapete de pele macia enquanto atravesso a sala até a janela. Eu olho para fora, apertando os olhos para o redemoinho de azul brilhante. “O que é aquilo? É quase como se estivéssemos...”

“Em uma casa construída dentro de uma caverna? Sim, estamos,” Lu me diz.

“E brilha,” Judd fala.

Minhas sobrancelhas se levantam em surpresa. “Uau. É bonito.”

“Auren?” Slade chama meu nome timidamente, mas faz a pele ao redor dos meus olhos ficar tensa.

Em vez de responder, olho para Judd. Ele parece uma aposta segura. “Que tipos de jogos de cartas você tem jogado?”

Eu posso dizer que ele vê através de mim, especialmente quando seus olhos se voltam para Slade por uma fração de segundo antes de ele me responder. Ainda assim, ele joga junto. “Oh, você não quer saber, Dourada. Lu trapaceia.”

“Eu não!” ela diz com indignação. “Não é minha culpa que você não consegue segurar seu vinho enquanto estamos jogando, e você faz apostas horríveis.”

Ele revira os olhos. “Vê? Significa a mesma coisa.”

Um pequeno riso me escapa, mas isso rapidamente desaparece quando ouço “Auren.”

Abro um sorriso e me viro para encarar Slade, mas meu estômago revira quando ele se levanta lentamente. “Sim?”

“Eu perguntei como você está se sentindo,” diz ele com cuidado, seus olhos da cor das pastagens de verão.

Posso sentir Judd e Lu olhando para mim, e meu rosto fica quente.

“Estou bem.”

Os segundos passam. O pêndulo do tempo balança como um espectador, os olhos passando de Slade para mim enquanto nos observamos.

Ele quer conversar. Eu posso ver as palavras agonizantes retidas em sua boca. Eu posso ver as emoções que ele está pronto para enfrentar. Mas quando voltei à consciência naquela outra caverna, essas mesmas emoções me consumiam demais. As memórias muito cruas. Eu não levantei paredes apenas pelo meu ouro e minha natureza fae. Eu barricou todo o resto também.

“Eu não estou preparada.”

Meus lábios são protetores sobre essa verdade, franzindo-se defensivamente assim que eu disse isso. Eu não estou preparada. Eu não posso ir lá. Porque se eu for

lá, terei que pensar, processar e sentir. Eu não quero sentir ainda. O relógio pode fazer a contagem regressiva o quanto quiser, mas mesmo assim não vou desistir.

É evidente que Slade também não quer ceder, mas sou poupada de qualquer resposta que ele iria dizer quando um homem entra pela porta da frente. Um homem que se parece com Slade.

Falso Rip.

CAPÍTULO 15



Aurer

É apenas a segunda vez que eu o vejo sem a armadura e o capacete que sempre usava quando fingia ser Rip. É um pouco chocante. Ele se parece tanto com Slade que não posso deixar de olhar, tentando identificar as pequenas discrepâncias.

Ele chega carregando uma caixa de madeira que parece transbordar de sacos, garrafas e tubérculos saindo de cima. Ele para dentro da sala, absorvendo o silêncio antes de seus olhos pousarem em mim. “É bom ver você sem a poça debaixo de você.”

Eu pisco.

Ele acabou de dizer que eu fiz xixi em mim mesma?

Eu olho em volta para ver se Judd está sorrindo. Ele parece que riria se eu fizesse xixi em mim mesmo. Só que não há sorriso para ser encontrado. Espero que seja um bom sinal.

“Com licença?” Eu pergunto.

“Seu ouro,” diz ele lentamente. “Quando você começou a acordar, estava vazando de você por todo o lugar.”

Oh.

Um constrangimento se instala, porque eu tenho que ir de possivelmente fazer xixi para perceber que ele está falando sobre o meu poder tão abertamente. O fato de

que ele mencionou casualmente ter visto ouro fluir de mim é mais do que um pouco desconcertante, e não consigo entender essa nova versão da normalidade. Tornou-se uma segunda natureza para mim esconder meu poder, me esconder do toque, então isso parece quase... errado.

"Desculpe por isso," eu digo sem jeito. Então eu me contorço em meus pés. "Humm, já que estamos no assunto, onde fica o banheiro?"

Ele franze a testa. "Nós estávamos falando sobre esse assunto?"

Sinto o calor inundar minhas bochechas. "Oh. Não. Não, nós não estávamos," eu deixo escapar antes de olhar para Lu, esperando que ela tenha pena de mim. "Banheiro?"

"Vamos, Dourada," diz ela, desdobrando-se para me levar para fora da sala. Seus chinelos são realmente muito grandes e peludos. Estou surpresa que ela ainda seja tão leve com eles.

Eu a sigo enquanto ela me leva a uma porta no final do corredor. "Este é o meu quarto, o banheiro fica logo ali, e pegue algumas roupas limpas do meu armário também, separei uma pilha para você."

Com um aceno de agradecimento, entro rapidamente, faço minhas necessidades e me lavo o melhor que posso. Então tiro minhas roupas estragadas e manchadas de ouro, sentindo como se secassem com tinta respingada por toda parte. Embora, assim que tiro a camisa das costas, congelo com uma pontada aguda de dor que desce pela minha espinha.

Eu paro.

Respiro fundo.

E eu bato as paredes tão rápido que faço minha própria mente girar.

Eu não vou lá. Eu não vou.

Com determinação tão forte quanto o aço, eu cuidadosamente pego uma camisa enorme e coloco-a e, em seguida, coloco um novo par de leggings. Tudo isso enquanto respiro com os pulmões reforçados, fortalecendo minhas paredes mentais.

Com um último suspiro, eu me forço a cerrar os dentes, a relaxar os braços ao lado do corpo. Quando me seguro, saio, voltando para a sala principal. Assim que eu faço, as vozes murmuradas de todos ficam quietas quando todos se voltam para mim.

“Melhor?” Lu pergunta de seu lugar no sofá ao lado de Judd.

“Muito,” eu respondo, pairando na porta. Todos na sala estão em silêncio, e eu não sinto falta do jeito que eles continuam lançando olhares questionadores para Slade.

“Ok...” seu irmão fala lentamente, mudando de posição antes de olhar para os outros. “Certo. Como eu estava dizendo, fui ao porão buscar suprimentos porque sei que nenhum de vocês jantou. Mas não é minha vez de cozinhar, então um de vocês idiotas pode fazer isso desta vez.”

Judd se levanta do sofá para assumir o serviço, mas eu corro para a frente, chegando antes dele. “Eu vou fazer isso!”

Todos olham para mim, mas finjo não ver enquanto me dirijo para a porta aberta.

“Eu não quis dizer você,” diz Falso Rip.

“Estou com fome e quero ajudar,” digo por cima do ombro.

“Auren...” Slade começa, mas eu o desvio antes que ele possa me alcançar.

Assim que entro na cozinha, ouço murmúrios atrás de mim, mas os ignoro e olho ao redor. É tão aconchegante quanto a sala de estar, exceto que, em vez de painéis de madeira, paredes brancas e lisas formam três lados, e o quarto é feito do mesmo tijolo da lareira. É aqui na parede de tijolos que fica um fogão de ferro, sua grelha brilhando levemente com as brasas de dentro e um fogão logo acima dele. Há uma mesa redonda preta com bancos curvos enfiados embaixo dela à direita, e o resto das

paredes tem prateleiras penduradas ao longo de seu comprimento cheias de utensílios de cozinha, com bancadas de madeira logo abaixo.

Depois de mais alguns segundos, ouço passos e me viro quando o irmão de Slade entra. Ele se dirige para uma pequena porta logo depois da mesa de jantar, que imagino ser a despensa, onde ele coloca o caixote. Eu o ouço remexendo antes de reaparecer alguns segundos depois.

Ficamos encarando um ao outro sem jeito antes que ele diga: “Acho que nunca tive a chance de me apresentar adequadamente. Eu sou Ryatt. Prazer em conhecê-la formalmente.” Ele estende a mão para coçar a parte de trás de sua cabeça cheia de cabelos pretos. É o mesmo que o de Slade.

“Vocês dois realmente se parecem,” eu deixo escapar.

Ele bufa. “Sim, já ouvi isso uma ou duas vezes.”

Acho que pode haver uma ponta de amargura em sua resposta, mas não o conheço bem o suficiente para ter certeza.

“Vou começar a fazer o jantar,” digo antes de me mover em direção à despensa. É maior do que eu pensava, com armários no fundo e prateleiras alinhadas acima deles. Há todos os tipos de ingredientes enfiados em garrafas e sacos, e o que parecem ser tiras de carne seca penduradas em um escorredor.

Eu circulo pela sala, tentando ter uma ideia de algo que eu possa fazer. Mas então me lembro que na verdade não sei fazer nada.

“Droga,” murmuro baixinho. Eu estava com tanta pressa de escapar da conversa que nem pensei no que iria acontecer. Mas quão difícil poderia ser?

Olhando de soslaio para os rótulos dos diferentes recipientes, finalmente encontro arroz e ervilhas secas, junto com alguns ovos. Essa é uma boa refeição, certo?

Certo.

Pego os ingredientes e saio, mas quando vejo uma garrafa de vinho no armário bem na frente da porta, eu a pego também.

Vou precisar.

Assim que volto para a cozinha, Ryatt se foi e solto um suspiro de alívio por poder ter um momento só. Um momento em que não preciso fingir, não preciso falar.

Colocando tudo no balcão, olho para os temperos nas prateleiras acima, mas nenhum deles está rotulado e não reconheço nenhum.

“Quer ajuda?”

Eu estremeço com a voz de Judd, colocando um sorriso de volta no meu rosto antes de me virar. “Não, obrigado. Já entendi.”

Seus olhos castanhos me observam por um momento antes dele acenar com a cabeça e sair da sala. Mais murmúrios irrompem na sala de estar, e posso ouvir o tom estrondoso de Slade cortando bem antes da voz mais suave de Lu dizer: “Apenas dê a ela algum tempo.”

Sim. Tempo. Isso é exatamente o que eu preciso. Quanto mais tempo eu puder ter, melhor.

Passo a próxima hora correndo pela cozinha, tentando fazer algo comestível.

Não está indo bem.

Lado bom, porém, o vinho é fantástico. Não só tem um gosto ótimo, mas também está tirando o limite. E quando eu não sou nada além de arestas e pontas afiadas, onde um pensamento perdido é tudo o que precisa para me fazer bater contra um e explodir, eu poderia usar um pouco de entorpecimento.

Quando coloco as tigelas na mesa, a cozinha está cheia de vapor e fumaça, e estou um pouco bêbada.

É adorável.

“O jantar está pronto!” eu grito.

Todos entram. Rapidamente. Como se estivessem todos parados do lado de fora da porta. Todos se sentam, exceto Slade, que puxa um dos bancos para dois e espera que eu me sente.

Dando-lhe um sorriso, eu me sento, e então ele se abaixa ao meu lado. Nossas coxas se tocam, o que parece uma coisa tão boba de se focar, considerando que fizemos coisas muito mais íntimas do que tocar as coxas, mas meu estômago revira de qualquer maneira.

"Então," diz Judd, esfregando as mãos na frente dele. "O que tem no menu?"

Estendo a mão e abro a tampa da tigela com um sorriso. "Arroz!"

Todos os quatro pares de olhos encaram o conteúdo. Após um momento de silêncio, Lu diz: "Por que é verde?"

"Ah, são as ervilhas. Elas meio que derreteram."

Mexendo com uma colher, ele se junta, mais pegajoso que mel. Começo a pegar e servir uma colher nos pratos de todos, mas quando tento dar a Ryatt uma terceira porção, ele levanta a mão. "Isso está bom."

Com um aceno de cabeça, descubro a meia dúzia de ovos a seguir, mas há um pouco de cheiro.

Judd franze o nariz. "Que tipo de especiarias você colocou nisso?"

"Eu não tenho ideia," eu respondo honestamente antes de colocar um pouco em seu prato.

Depois de servir a todos, inclusive a mim, levanto o garfo, mas percebo que ninguém mais o fez. Assim que eles me veem olhando em volta com expectativa, Slade pigarreia incisivamente. Todo mundo pega seus garfos muito rapidamente depois disso. Então, com Slade sendo o primeiro, cada um pega um pouco de arroz e dá uma mordida.

Sorrindo, eu sigo o exemplo.

Arrependimento. Instantâneo, imediato, firme - não, piegas - arrependimento piegas.

“Oh deusa,” eu digo com uma grande mordida na lama pegajosa, porque é ruim. Muito ruim.

Realmente não se parece com arroz. É mais como mingau cozido demais. As especiarias que coloquei estão em guerra umas com as outras e, de alguma forma, há partes que estão absolutamente fervendo e outras que estão frias como pedra, com pequenos grãos duros que parecem que não foram fervidos. De alguma forma, consigo engolir a mordida.

Honestamente, a cor verde era a menor das nossas preocupações.

O constrangimento inunda minhas bochechas enquanto todos os outros fazem caretas. “É ruim,” eu digo.

“É realmente...” Ryatt se sacode no meio da frase e faz uma careta para Slade do outro lado da mesa. “Bom,” ele termina antes de olhar para mim. “É realmente bom.”

“Sério?”

Judd e Lu acenam com a cabeça em uníssono, mas noto que ainda estão mastigando.

Ao meu lado, Slade engole. É uma prova de como a poça realmente é pegajosa, porque posso ouvir a luta de sua garganta para derrubá-la.

“Experimente os ovos?” Eu digo prestativamente.

“Mm-hmm,” ele responde, e todos o observam pegar uma colher gigante e enfiá-la na boca, seus olhos se arregalando ligeiramente como se ele estivesse fazendo alguma façanha incrível.

Deixei escapar um suspiro e coloquei meu garfo para baixo. “Ok, vocês podem parar de fingir por minha causa.”

“Graças a Deus,” diz Judd, assim que ele cospe sua mordida no guardanapo de pano em seu lugar. “Minha língua está tão confusa agora.”

Lu sorri. “Já ouvi mulheres fazerem a mesma crítica.”

Judd joga o guardanapo para ela, mas ela de alguma forma o rebate com o garfo antes que ele caia sobre ela.

Eu limpo minha garganta. “Eu provavelmente deveria confessar que na verdade não sei cozinhar…”

Ryatt bufa. “Você jura?”

“Certo. Quem quer vinho?”

Todo mundo fala imediatamente, e eu corro para pegar a garrafa de vinho no balcão da cozinha quando sinto minhas costas doerem dolorosamente.

Eu congelo.

Minha respiração falha.

E a agonia, brilhante e quente, derrama meus pensamentos e queima minhas costas.

Isso dói muito mais em mim do que em você.

Você causou isso.

Você fez isso consigo mesma.

Eu não posso, eu não posso, eu não posso

Deusa, por favor...

Meus olhos se fecham enquanto me forço a respirar apesar da dor. Eu não vou pensar nisso. Eu não vou. Eu bato em outra parede. Fazendo uma barricada alta, bloqueando cada pedacinho de miséria entalhada nas minhas costas.

“Auren?” Slade pergunta baixinho.

Eu abro meus olhos, percebendo que parei com apenas uma perna pendurada sobre o banco, então colo aquele sorriso horrível de volta no meu rosto. “Esmaguei

meu dedo do pé," eu minto antes de balançar minha outra perna, com cuidado desta vez e ir para o balcão.

De costas para a mesa, solto um suspiro trêmulo, grata por ninguém poder ver meu rosto. A dor lateja e cutuca, como se estivesse tentando pescar nas minhas profundezas, mas esse é exatamente o último lugar que quero sentir.

Eu me dou mais uma respiração tensa antes de me virar, garrafa na mão. De alguma forma, Lu já trouxe os copos para a mesa, colocando os dois últimos na frente dela e de Judd enquanto eu destaco a rolha e começo a servir. Não é o suficiente para todos nós, especialmente desde que me servi mais cedo, mas é alguma coisa.

No entanto, mesmo com a distração da comida, meu humor cuidadoso está ameaçando mudar. Estou na ponta de uma lâmina, tentando não cair e me cortar, mas sei que não posso ficar de pé para sempre, não importa o quão rígida eu esteja sentada nesta mesa.

Ao meu lado, Slade também está tenso, e os outros estão me observando, embora tentem não parecer óbvios. Pego meu copo, segurando-o com força, olhando para a cor vermelha profunda.

"Auren."

"Não esta noite," eu digo sem olhar para ele enquanto tomo um gole.

Eu não estou preparada. Eu preciso de mais tempo. Não essa noite.

Eu seguro essas palavras contra o meu peito como as moedas de um mendigo, agarrando-as porque sei que elas vão me oferecer o menor alívio por um tempo, até que eu esteja de mãos vazias novamente. "Esta noite, eu só quero isso."

Quando olho de volta para a mesa agora silenciosa, ninguém está fingindo não olhar para mim, e prendo a respiração com ansiedade até Judd pular. "Bem, tudo bem então," diz ele com um aceno de cabeça. "Vamos precisar de mais vinho."

Ele corre até a despensa e sai carregando mais duas garrafas junto com um pouco de pão e geleia que encontrou. "Algo um pouco mais comestível," ele diz com uma piscadela enquanto coloca tudo na mesa.

Solto uma risada trêmula, relaxando quando todos começam a beber, conversar e comer, relaxando ainda mais quando me junto a eles.

E por um tempo, isso é tudo que existe. Isso é tudo que importa. Agarro minhas palavras e mantenho o equilíbrio na lâmina e, por enquanto, funciona. Por enquanto, não preciso refletir, processar ou falar. Eu não tenho que enfrentar nada real.

Por enquanto.

CAPÍTULO 16



Auren

Eu não acordo tanto quanto um martelo bate contra meu crânio com tanta força que me deixa inconsciente contra minha vontade.

Meus seios estão esmagados contra o colchão por estar deitada de bruços, e sinto cócegas na minha bochecha. Abrir um olho não é tão doloroso quanto eu esperava, porque o quarto está abençoadamente escuro. Suponho que haja algumas vantagens em ter uma casa dentro de uma caverna.

Eu rolo, mas o puxão contra minhas costas faz uma careta puxar meus lábios e um gemido de dor escapar. Aquele pequeno ruído nesta sala silenciosa parece ser amplificado, e quando eu olho para cima, meu coração afunda.

Slade está sentado em uma cadeira ao lado da cama, me observando.

Há um livro em seu colo, as páginas espalhadas como se ele não estivesse realmente lendo nada. Suas pernas estão abertas à sua frente, um cotovelo dobrado e encostado no apoio de braço, o dedo e o polegar erguidos contra a mandíbula.

Eu me sento o resto do caminho, forçando a careta do meu rosto, embora eu perceba imediatamente que nada é dourado. Nem os cobertores, nem o travesseiro, nem minhas roupas. Ainda é noite?

“Quanto tempo eu dormi?”

“Não tenho certeza,” ele me diz. “Mas você precisava do descanso para dormir depois do vinho. Além disso, seu corpo ainda está se recuperando do consumo de energia, entre outras coisas.”

Deixei escapar um ruído evasivo porque o “dreno de energia” e “outras coisas” estão firmemente no território que ainda não estou falando.

“Eu esperava que você pudesse me mostrar a caverna hoje,” digo a ele enquanto me levanto e olho ao redor da sala. A única luz vem do fogo baixo e azul brilhante do lado de fora da janela. “Existe algum sapato que eu possa pegar emprestado? Você acha que Lu tem alguma coisa?”

Quando ele não responde, eu arrisco um olhar para ele, apenas para descobrir que ele ainda está me observando com firmeza, o verde de seus olhos arremessados em algo inebriante e atento. O silêncio de seu escrutínio faz minha pele arrepiar. Porque de alguma forma, apesar de não o conhecer por muito tempo, ele sempre foi capaz de vasculhar sob minha superfície e encontrar verdades que eu pensava estarem enterradas há muito tempo.

“Isso é um não para os sapatos?”

Ele cuidadosamente joga o livro no chão e se levanta, e eu me vejo recuando um passo. É uma reação instintiva, porque não quero que ele se aproxime. Eu não quero que ele comece a cavar minhas profundezas.

No segundo em que ele me vê de volta, ele para e algo instável pisca em sua expressão antes que ele a feche.

Eu odeio estar aqui, colocando distância entre nós. Mas a distância é o caminho para evitar, e é o caminho ao qual tenho que me agarrar para minha própria sanidade.

Porque se ele chegar perto, ele vai ver a verdade. Ele vai ver como o chão aos meus pés está crivado de buracos e saliências. Ele vai ver o medo absoluto em meus lábios trêmulos e a culpa em meus olhos enquanto tento me afastar. Ele verá a realidade da destruição que me cerca, enquanto eu tento desesperadamente não

tropeçar. Distância é tudo que tenho entre mim e ter que aceitar a carnificina que está se acumulando até meus joelhos.

Mas deixe isso para Slade, porque eu juro, ele pode ver isso também.

“Nós precisamos conversar.”

Apenas três palavras de seus lábios, e o calor pressiona contra a parte de trás dos meus olhos e faz meu nariz queimar. Empurrando-os para trás, eu balanço minha cabeça para ele, tento endireitar meus ombros. Mas eu não posso. Não posso, porque dói, porque...

“Não.”

A palavra sai de uma garganta apertada, chicoteada por uma língua fustigante.

Seus lábios se comprimem em uma linha fina, e vejo as primeiras pontas de suas raízes se movendo sob a gola de sua camisa.

“Eu quero ir ver a caverna,” eu digo, minha voz mais forte desta vez.

Mas qual o valor da força quando é apenas uma fachada?

Depois de um longo momento que se estende entre nós, Slade inclina a cabeça. “Tudo bem, Canário. Vou lhe mostrar a caverna.”

O alívio furta a pilha de minha ansiedade, guardando um pouco para mais tarde.

“Tenho algumas botas para você no meu armário, então precisamos entrar no meu quarto primeiro.”

Eu olho em volta com surpresa. “Este não é o seu quarto?”

Ele balança a cabeça. “Seu ouro fixou residência lá por enquanto, então vamos ficar aqui.”

Meu ouro... o quê? Mas então a outra parte de sua resposta chama minha atenção. Nós vamos ficar aqui. Nós.

“Você dormiu aqui comigo?”

Dizer que estou surpresa é dizer o mínimo. A ideia de que ele ficaria comigo me faz sentir estranhamente vulnerável.

Ele inclina a cabeça. “Onde mais eu estaria se não com você?”

Minha respiração fica presa, o coração torcendo.

“Mas durante o dia…”

“Acordei antes do amanhecer,” ele me garante, as sombras projetadas na sala tornando os ângulos agudos de sua mandíbula barbada mais pronunciados. “Isso te deixa desconfortável?”

Eu olho para baixo, os olhos patinando sobre os fios ásperos das meias grossas que tenho em meus pés. Elas também não estão douradas, e algo está inquieto em meu peito.

“Não. Sim. Não sei.”

Meus ouvidos se animam com o som dele dando um único passo à frente. Meu corpo quer balançar na direção dele, mover-se com a força de sua aproximação, porque sua proximidade sempre foi uma força própria. Uma que sempre teve poder sobre mim.

Sinto o calor de seu corpo na minha frente, as sombras projetadas de seu corpo se misturando com as minhas. “Eu reivindiquei você naquela noite em Ranhold,” ele me diz, seu tom tão cheio de fogo inabalável que atrai meu olhar de volta. O calor inunda meu rosto, como se ele realmente estivesse em chamas, suas palavras incendiando a neve compactada do meu espírito. “E então você me reivindicou de volta, no meio de um salão de baile para que todos ouvissem. Ou você não se lembra?”

Flashes.

Uma multidão de rostos.

Linhas de guardas blindados.

Olhos cruéis e raivosos sob uma coroa de ouro.

O calor de um corpo nas minhas costas.

E então minha própria voz clara e inabalável. Ele é meu.

Não era apenas uma reivindicação, era um desafio. Como se eu estivesse pronta para destruir qualquer um que tentasse refutá-lo ou levá-lo para longe de mim.

Eu me lembro? Claro que eu lembro. Lembro-me de cada encontro com ele. Eu saí de um navio pirata e caí a seus pés na neve, e desde então, é como se eu continuasse caindo.

“Eu quero ir ver a caverna.”

“Você quer continuar evitando tudo,” ele contesta.

Uma risada farpada passa pelos meus lábios. “E se eu fizer? Essa é minha prerrogativa. Fui controlada e possuída por mais de vinte anos da minha vida,” eu digo, os olhos brilhando. “Então, se eu quiser evitar alguma coisa e ver uma maldita caverna, é isso que vou fazer.”

O músculo em sua mandíbula salta, mas ele não discute, não tenta me convencer a fazer mais nada, e eu sou grata por isso, porque minha cabeça está latejando e minhas costas estão doendo, e eu só preciso sair.

Virando-me, vou para a porta, mas assim que alcanço a maçaneta, paro bruscamente, afastando a palma da mão em hesitação.

Há um momento de pausa, mas então Slade diz: “É noite.”

Porque ele sabe sem que eu diga nada. Ele de alguma forma entendeu meu súbito pico de ansiedade que eu iria dourar toda a maldita porta.

Eu hesito. “Então, eu só dormi algumas horas, ou...?” Minha pergunta está carregada de pausa, de outra pergunta que ainda não estou expressando.

“Não, você dormiu o dia todo.”

Meus olhos se movem para baixo para minhas roupas pretas e marrons, e então eu dou um aceno brusco.

Engolindo em seco, giro a maçaneta e saio pelo corredor. Está tão escuro quanto o quarto, as paredes com painéis de madeira quebradas por arandelas. Elas são feitas

de cristais brutos e claros que parecem ter sido arrancadas de uma mina e pendurados aqui, suas bacias cheias de óleo para alimentar as chamas bruxuleantes.

Minha sombra se projeta ao longo das paredes enquanto ando, mas a voz de Slade me impede. “Você vai precisar desses sapatos, Auren.”

Parando, eu me viro para vê-lo indo na direção oposta. Ele desaparece na última porta do corredor, voltando alguns segundos depois com um par de botas e um casaco de couro.

Quando ele chegar até mim, espero que ele entregue os dois. Ele não faz.

Meus olhos se arregalam quando ele cai de joelhos na minha frente. Observo enquanto ele pega meu pé esquerdo e calça a bota, amarrando uma carreira de cada vez. Cada movimento hábil de seus dedos me deixa em transe, e meu coração bate tão forte no peito que me preocupo que ele sinta o pulso descendo pela minha perna.

Colocando meu pé no chão, ele pega o outro para fazer a mesma coisa, sua mão segurando minha panturrilha com firmeza. O calor irrompe do ponto de seu toque, e minha pele formiga apesar da camada de roupa entre nós.

Terminado, ele se levanta, tão perto agora que posso ver cada mancha em seus olhos, desde a mancha de um pasto verdejante de verão até as sombras de ônix à espreita logo atrás dele.

Sem dizer uma palavra, ele se move ao meu redor e, com uma delicadeza excruciante, me ajuda a vestir o casaco. É muito grande, mas fica solto em volta dos meus ombros, o tecido quente sem o peso opressivo.

Eu sinto sua respiração contra o lado do meu pescoço, suas mãos deslizando suavemente pelo colarinho para se certificar de que minha pele está protegida do frio. Ele se move com reverência, e são esses momentos de surpreendente intimidade que queimam em meu coração.

Sempre fui tratada como um tesouro, mas com Slade, sou simplesmente o tesouro.

Eu enterro meu nariz mais fundo no casaco para que eu possa respirar seu perfume que o cobre. O cheiro de terra úmida e casca ensolarada, da doçura do chocolate carbonizado pela riqueza amarga.

Quase com relutância, suas mãos se afastam, e eu sinto mais do que ouvi-lo dar um passo para trás. “Pronta?”

Com um aceno de cabeça silencioso, sigo enquanto ele lidera o caminho para a porta da frente. A sala está vazia, então não passamos por mais ninguém, e então Slade abre a porta, dando um passo para o lado para que eu vá primeiro.

Eu olho para cima quando dou meu primeiro passo, boquiaberta com as estalactites gigantes penduradas no teto. A caverna em si é enorme, muito maior do que eu poderia ter imaginado, com tantos reentrâncias e fendas e rachaduras que levaria anos para mapear tudo. Mas o mais encantador de tudo são os veios de azul que correm pela rocha, como ondas congeladas de um mar resplandecente.

Eu passo sob um arco de estalactites, suas pontas molhadas com água acumulada, o chão escorregadio refletindo a fluorescência cerúleo. É quase difícil piscar em um lugar como este, porque não quero perder nada. Minha cabeça gira e meu corpo gira, e eu me mantenho o mais quieto que posso, porque a caverna parece tão antiga e distante, uma maravilha sagrada no meio de uma vila que não deveria existir.

“É lindo,” eu sussurro.

Silenciosamente, Slade vem para ficar ao meu lado, embora eu não mova meu pescoço esticado. “O que falta à gruta à luz do dia, compensa dez vezes com isso.”

Concordando com a cabeça, deixo meus pulmões lavarem o ar que de alguma forma parece fresco e desgastado pelo tempo. “É tranquilo.”

Não tenho certeza de quanto tempo Slade anda comigo, mas eu como cada momento disso. Tudo, desde a escuridão da caverna até os veios que correm por ela, desde o mistério das fendas sem fim até a revelação total de cada ponto pendurado

me lembra dele. Há uma profundidade aqui que parece insondável e intocável, e tudo o que quero fazer é ficar aqui sob seu brilho sombreado.

Mas então Slade pisa sob uma das fissuras fluorescentes mais brilhantes da caverna, o ventre da montanha brilhando tão intensamente que ilumina seu rosto, iluminando seus olhos.

“Precisamos conversar, Canário.”

Meu peito instantaneamente fica apertado. “Não.”

Eu começo a me virar, mas ele estende a mão e agarra minha mão, me parando. “Temos que falar sobre isso.”

Eu empurro minha palma para longe. “Quero voltar para dentro.”

Ele balança a cabeça em frustração. “Você quer preparar o jantar, quer ver a caverna, quer voltar para dentro... você não pode continuar fugindo disso, Auren.”

“Eu não estou fugindo.”

“Você está, e você é mais forte do que isso,” diz ele com firmeza, o verde escuro de seus olhos escondido sob o azul iluminador.

“Ah, então você acha que estou sendo fraca agora?”

Ele passa a mão pelo rosto. “Não, não é isso que estou dizendo, mas eu...”

“Ainda não estou falando sobre isso.”

O músculo de sua mandíbula salta. “Sim. Nós estamos.”

Minha raiva é tão densa que posso sentir o gosto queimando no fundo da minha língua. “Vá em frente e fale então, mas eu vou entrar.” Eu me viro e começo a me afastar, jogando minhas próximas palavras por cima do ombro. “Você pode pensar que sou uma covarde o quanto quiser, mas não vou ficar aqui falando sobre como eu estraguei tudo.”

Não posso.

Ainda não.

Meu corpo já está tremendo, mas não de raiva, de medo. Medo de enfrentar o que fiz, medo de como perdi o controle de forma espetacular. É como ficar bêbada e não ter nenhuma lembrança do que você fez, exceto por fragmentos saltitantes que surgem indesejados, nenhuma das memórias boas.

"Você não estragou tudo," Slade grita atrás de mim. "Eu fiz."

Eu me viro, parando logo abaixo do final do veio azul da montanha. "Se você vai tentar fazer alguma afirmação machista de que tudo o que eu fiz foi, de alguma forma, obra sua, então você pode salvá-lo, porque isso foi tudo eu. Não me importo se você está tentando dizer isso para ser nobre ou porque acha que isso ajudará a aliviar minha culpa, mas..."

Ele me dá um olhar torturado e diz: "Eu apodreci você, ok?"

Suas palavras não apenas me cortam, elas se juntam bem no meu meio, me fazendo balançar. Minha boca abre e fecha enquanto tento aceitar o que ele acabou de dizer.

"O que?"

Ele avança, passos de botas ecoando na rocha, enquanto o ar frio pressiona minhas costas como um espectador gelado. Quando ele está bem na minha frente novamente, um lado de seu rosto está iluminado com azul, o outro está nas sombras.

"Eu apodreci você," ele repete, mas ouvir de novo não ajuda. "O que você lembra?"

Minhas sobrancelhas se juntam e eu balanço minha cabeça, olhando para longe, os olhos fixos nas fendas da caverna. "Eu..."

O que eu me lembro? É difícil dizer, já que tenho tentado ativamente não o fazer.

Eu lembro que eu estalei. Lembro-me de que essa profundidade de poder puro e absoluto de repente passou por mim. Eu me lembro de matar. Foi tão fácil, acho que é isso que mais me impressiona. Isso e essa sensação de que eu não era totalmente eu. Havia uma fera dentro de mim, faminta e furiosa, pronta para devorar o mundo.

Mas antes que eu pudesse entrar naquele alvoroço, alguém se colocou na minha frente.

Eu vejo agora, flashes de fragmentos, como pedaços de papel rasgado mantidos brevemente sob a luz da vela. A maneira como ele me implorou para deixar o poder ir, o estrangulamento que o terror tinha sobre mim.

Eu não poderia fazer isso. Eu não podia, porque sem a besta para controlar a magia, eu era incapaz. Eu não sabia como pará-lo. Tudo o que pude fazer foi segurar as rédeas, esperando que Slade pudesse sair antes que ela quebrasse. Mas é claro que ele não o fez. Claro que ele se recusou a me deixar.

O beijo pálido que ele colocou contra meus lábios dourados foi tudo que senti antes de uma brisa invasiva deslizar pela minha garganta. E então um sussurro, ecoando em meu ouvido, Perdoe-me.

Meus olhos voltam para Slade, e ele deve sentir que estou lembrando, porque ele acena.

“Você me apodreceu?”

Imagens surgem na minha cabeça, nenhuma delas agradável. Cadáveres podres de soldados deixados na fronteira do Sexto Reino, seus corpos inchados e fedendo na neve. Então, os guardas de Midas me impedindo de sair da sala, Slade entrando e apodrecendo-os onde estavam até que seus rostos afundassem e os corações se decompusessem. E outra, dele caminhando em direção a Ranhold, deixando raízes de podridão a cada passo, envenenando o solo coberto de neve.

Eu era como um daqueles cadáveres afundados? Lábios descascando, órgãos decompostos em cascas? Olho para a minha pele, como se fosse ver evidências, mas tudo parece normal.

“A podridão não era visível assim,” ele me diz, mais uma vez tão sintonizado com minha linha de pensamento que parece sempre antecipar o que estou pensando.

Sua expressão se torna agonizante. “Você estava... morrendo.” As palavras sufocam, seus ombros curvados com culpa. “Eu não sabia o que fazer, porra, mas eu

não podia simplesmente ficar lá e deixar você se esgotar. Então usei meu poder contra você."

Eu deixei suas palavras se estabelecerem, lentamente balançando a cabeça. "Não. Você usou seu poder em mim, não contra mim. Porque você está certo, eu estava morrendo."

Ele se encolhe, tão sutilmente que mal consigo pegá-lo. "Eu... Você não está com raiva?"

Uma carranca se planta entre minhas sobrancelhas. "Por que eu ficaria com raiva?"

Agora ele parece positivamente perplexo. "Eu apodreci você, Auren. Invadi seu corpo e o desliguei, colocando você em êxtase de decomposição estragada."

Meu nariz enruga. "Bem, eu poderia passar sem o visual da êxtase da decomposição estragada," murmuro.

"Eu arrisquei sua vida," ele continua, e eu percebo que essas são as palavras que estão passando por sua cabeça desde o momento em que ele usou sua magia em mim, que ele está se atormentando com uma autoproclamada culpa. "Usei meu poder contra você, e então o mantive assim quando a peguei e a levei o mais longe possível de seu ouro, arriscando sua vida novamente a cada minuto que esperei." Ele puxa o cabelo em frustração, olhando ao redor da escuridão como se estivesse olhando para as fendas de sua própria culpa. "E se eu tivesse esperado muito tempo? E se eu não tivesse conseguido reverter isso?"

"Você tem se odiado esse tempo todo." Não é uma pergunta, posso ver claramente a verdade, posso ouvi-la pela maneira como ele fala. Gentilmente, pego sua mão na minha, apertando seus dedos. "Você me salvou," digo baixinho, e ele olha para mim como se estivesse desesperado para me ver, como se não pudesse suportar desviar o olhar ou ser engolido por aquelas sombras de culpa.

Ele cai ligeiramente, a cabeça inclinada para o teto enquanto solta o ar. "Há algo mais."

Meu estômago aperta. “O que é isso?”

Ele inclina a cabeça para trás para olhar para mim. “Quando eu reverti os efeitos da podridão e removi meu poder de seu corpo... um pedaço dele ficou para trás.”

Um pedaço dele ficou para trás.

Meus olhos se arregalam e meu estômago dá uma reviravolta involuntária. “O que quer dizer com ficou?” Eu pressiono uma mão contra o meu peito como se estivesse tentando senti-lo. “Tem certeza?”

Ele dá um aceno conciso. “Positivo. Mesmo agora, posso sentir isso, mas está enraizado em você. Não importa quantas vezes eu tente, não sai.”

A inquietação desce pela minha espinha e engulo em seco. “Eu deveria estar preocupada?”

“Não,” diz ele com uma confiança tão decisiva que não tenho certeza se é verdade ou se ele está apenas desejando que seja assim. “Eu verifiquei você inúmeras vezes, às vezes por horas a fio, mas a podridão não está fazendo nada de mal. Só está... lá.”

“Isso já aconteceu antes?”

“Nunca.”

Ainda estou pressionando a mão no meu esterno, então deixo minha mão cair. “Você vai continuar verificando?” Eu pergunto, incapaz de esconder a preocupação do meu tom. “Você vai me dizer se alguma coisa mudar?”

“Eu prometo.”

Concordo com a cabeça lentamente, tentando me acostumar com esse novo fato, embora tenha a sensação de que não conseguirei por um tempo. “Quero entrar agora.”

Slade parece querer dizer mais alguma coisa, mas ele se detém. “Tudo bem, Canário.”

Em passos quase silenciosos, eu o sigo de volta pela caverna até a Gruta, passando por suas paredes de pedra, apreciando ainda mais seu refúgio sombrio. De

todas as suas divisões e recantos secretos, porque sinto que tenho tantos recantos escondidos em mim.

Mas até um refúgio deixa de ser um refúgio em algum momento.

Então, quando voltamos para dentro e a porta se fecha atrás de mim, não deveria me surpreender com o súbito arrepio que se espalha pela minha pele. É um aviso de que o primeiro nó da corda que eu estava tentando ignorar foi puxado, e agora tudo em mim parece mais solto. Instável.

E tenho a sensação de que não importa o quanto eu tente juntar tudo de volta, tudo de mim vai se soltar de qualquer maneira.

CAPÍTULO 17



Auren

Essa premonição gelada não demora a fazer efeito.

Mal tenho tempo de tirar as botas perto da lareira quando ouço alguém se aproximar atrás de mim e automaticamente fico tensa.

“Lady Auren.”

Eu me viro, surpresa fazendo minhas sobrancelhas pularem. “Hojat?”

O curandeiro do exército está usando roupas emprestadas que são um pouco grandes demais para ele, seu cabelo castanho está mais comprido do que da última vez que o vi. A cicatriz arrastada de seu olho parece mais pronunciada pela iluminação do fogo, sua pele manchada de vermelho e branco.

“É bom ver você acordada,” diz o curandeiro, com um sorriso suave e torto. “Como você está se sentindo?”

A resposta é automática. “Estou bem.”

Hojat faz uma careta quando se aproxima de mim, dando um aceno de cabeça para Slade de passagem. “Venha para o quarto, por favor, para que eu possa examiná-la.”

Cada músculo dos dedos dos pés ao pescoço fica tenso.

“Não, obrigado, de verdade.”

Sua boca queimada se franze em uma carranca. “Minha senhora, eu entendo que é delicado, mas isso é para sua saúde, e eu devo...”

“Eu disse que estou bem.” Minhas mãos vão para o casaco que estou vestindo, puxando-o mais apertado em torno de mim como um escudo envolvente. Mesmo para mim, estou bem soa como uma coleção de mentiras. Uma platitude de negação composta de protelação acalorada e ignorância forçada.

Os olhos de Hojat movem-se para Slade, e eles parecem comunicar algo silenciosamente entre eles. Uma hesitação espessa preenche a sala, empurrando-se contra mim como uma onda turbulenta vindo para me derrubar.

“É imperativo, Lady Auren,” Hojat diz cuidadosamente, e eu odeio a pena que vejo em seus olhos, porque certamente não é um bom presságio para mim. “Você não quer que a infecção se instale.” Seu sotaque puxa seus c's como se sua língua quisesse arrastá-los para baixo, mas a única coisa que me arrasta para baixo é esse pânico descendente.

Não posso deixá-lo olhar para mim.

Eu simplesmente não posso.

Porque se ele fizer isso, não poderei continuar ignorando... isso.

Como se soubesse que meus pensamentos conscientes estão girando em torno dele, minhas costas de repente latejam com uma dor aguda e aguda. Eu respiro fundo, minha própria inspiração contra as farpas no meu peito.

“Auren, Hojat será gentil,” Slade me diz, mas ele não entende. Não há nada de gentil nisso. O que ele está me pedindo para enfrentar é o ódio bruto e a violência cortada. O que ele está me pedindo é para assumir um trauma profundo da alma que eu quero continuar ignorando.

Ele quer arrancar a rolha segurando minha angústia enquanto ainda estou tentando desesperadamente manter meus dedos pressionados na rolha.

Acabei de saber que tenho podridão dentro de mim, mas talvez não seja culpa dele. Talvez seja minha. Talvez as coisas que aconteceram comigo, as coisas que fiz, sejam a razão pela qual a podridão ficou enraizada dentro de mim.

“Eu não me importo se ele é gentil,” eu digo, me virando para enfiar meus pés de volta nas botas. Nem me dou ao trabalho de amarrar os cadarços, porque só preciso fugir. Lá fora, nas profundezas da caverna, onde seus segredos permanecem escondidos e as profundezas permanecem intocadas. “Vou voltar.”

“Auren...”

“Ele não está me checando, e eu vou voltar para a porra da caverna!” Eu grito, o peito arfando, minhas bochechas queimando com raiva, calor defensivo - calor ao qual me agarro, porque não suporto mergulhar na realidade gelada da perda.

Por que eles não podem simplesmente deixar acontecer? Por que eles estão sendo tão horríveis e insistentes? Eu só preciso ficar naquela caverna. Porque eu não posso, eu não posso...

“Minha senhora.”

É quase um sussurro.

Mas aquela voz rouca e calma faz tudo em mim de repente parar.

Lentamente, eu me viro, e todo o meu mundo desce para a pessoa parada na porta.

“*Digby.*

Ele não se mexe. Não fala.

Por um segundo, simplesmente olhamos um para o outro.

Ele tem sido uma bobina apertada em meu peito, um vazamento em meu coração que foi estancado junto com o resto. Eu não posso nem imaginar que ele está aqui. Nas fendas da caverna da minha mente, ele estava lá, enterrado nas sombras escuras o suficiente para que eu não tivesse que enfrentar a dor da perda. Mas ele está aqui. De alguma forma, ele foi em frente e saiu dos cantos e saiu são e salvo.

O borrão úmido que enche meus olhos o distorce, então pisco furiosamente, me forçando a não chorar, porque preciso vê-lo adequadamente, preciso me assegurar de que ele está bem.

Mas ele não está.

Ele pode estar são e salvo e aqui, mas não está ileso.

Seu rosto é feito de manchas mutiladas. Todas as contusões de cores diferentes, suas tonalidades marcando a gravidade do inchaço abaixo. Seus olhos castanhos têm um olhar assombrado neles que não tinham antes, sua barba grisalha e cabelo tão desgrenhado que nem se parece com meu guarda estoico e arrumado. Eu não sinto falta do jeito que ele está encostado na porta em arco, o braço em volta da cintura, o enchimento de xales sob a camisa.

"Você está aqui," eu digo, minha voz soando como se eu estivesse pisando em terra firme. "Eu pensei que eu... naquele quarto. Você estava lá, e eu só... quero dizer, eu estava com tanto medo que eu... eu...?" A pergunta entrecortada está em suspense, equilibrando-se na borda que estou com muito medo de espiar.

Eu o machuquei?

Eu machuquei mais alguém de quem gosto?

A bobina se condensa e aperta em meu peito, girando em torno de minhas costelas, mantendo-a tensa demais para uma única respiração.

Digby franze a testa para minha pergunta como se não tivesse certeza do que quero dizer, mas é Slade quem responde. "Não, Auren. Você não o machucou nenhum de nós."

Uma onda de alívio passa por mim, mas não sinto falta do jeito que ele disse que não machuquei nenhum de nós. Ele não disse que eu não machuquei ninguém, porque isso seria mentira.

"Minha senhora," diz Digby, fazendo meus olhos se voltarem para ele instantaneamente. "Deixe o curador cuidar de suas feridas."

Eu fico rígida, minha cabeça balançando.

Quando ele dá um passo à frente, seu rosto se contorce em uma careta. Hojat começa a correr para ajudá-lo. “Você realmente deveria estar na cama, Sir Digby...”

Meu guarda teimoso levanta a mão para afastá-lo e, com passos meticulosos, ele manca até mim. Quando ele para na minha frente, quando estamos cara a cara, ele apenas fica aqui, me observando.

Sem palavras. Nenhum argumento ou raciocínio. Ele não precisa deles. Há muito mais ali em seu olhar aquoso.

Simplesmente olhar para ele faz meu coração se apertar, faz meus ouvidos gritarem com a memória.

Senhorita Auren.

Eu vou salvar você.

Segurem-na.

Você trouxe isso para si mesmo, Auren.

Então, os gritos.

Está tudo lá. Nas fendas mais profundas e nítidas. No abismo mais assustador e profundo. O som de uma espada balançando no ar. A explosão de dor. Uma sala giratória. Braços ásperos e fortes me segurando. Borrões na minha visão. Uivos rasgados em minha garganta. Aquela lâmina assobiando, descendo de novo e de novo e de novo.

E este homem parado na minha frente, ele está assistindo ao replay junto comigo. Essa mancha assombrada em seus olhos é lançada das mesmas sombras, porque ele estava lá. Ele viu cada segundo disso. Nós dois éramos os únicos que estávamos naquela sala, e a verdade é que não tenho certeza se algum de nós algum dia conseguirá realmente sair dela.

Isso é o que acontece com o trauma no corpo, ele aparece instantaneamente. Em fraturas e hematomas, em queimaduras e em sangue. Mas o trauma interno é

mais difícil de ver. Ele rasteja em torno de sua mente, envenena você com inquietação. Pode atingir você do nada, debilitante e ruinoso. Não há marcas visíveis para aqueles. Nenhum, exceto as sombras em seus olhos.

Finalmente, nos recessos dessas sombras compartilhadas, Digby fala. “Você tem que dar uma olhada, minha senhora.”

Ninguém, exceto ele, seria capaz de fazer isso. Para derrubar esta parede que construí em torno de uma peça tão dolorosa. Deve ter mantido minha coluna ereta, porque assim que ela desce, meus ombros também descem. Eu sofro quando os tijolos da recusa caem aos meus pés, mostrando-me exatamente o tipo de ruína que eu realmente sou. E pensar que esta é apenas uma única parede.

Quando não digo nada, Digby me lança um olhar firme. “Tem que ser feito.”

Com os escombros inúteis e espalhados, não tenho nada para impedir minha determinação. Não com o reconhecimento de seu olhar. Então engulo em seco e digo: “Tudo bem.”

Porque eu não posso dizer não a ele. Não posso olhá-lo nos olhos e dizer que estou bem. Eu poderia com os outros, mas não com ele, não quando nós dois estávamos naquela sala.

Digby dá um passo para o lado, adiando para Hojat. “Por aqui, minha senhora,” o curandeiro me diz.

Minha dormência sai em camadas enquanto ando pelo corredor. Parece pele morta descascando, deixada em uma trilha espalhada atrás de mim.

Quando chego ao quarto emprestado em que acordei, já estou crua. Quando Hojat me cobre com um lençol para que eu possa tirar minha camisa, meu corpo começa a tremer. Quando ele me deita de bruços na cama, minha pele começa a suar frio.

Slade fica ao meu lado, sua mão segurando a minha, e eu aperto e agarro, porque seu toque é a única coisa que está firme contra minha ruptura convulsiva,

mas também não suporto que ele veja. “Não olhe para eles,” eu digo baixinho, minha voz um apelo.

Não sei se ele já viu, mas não suporto que ele olhe agora. Não suporto que ele veja o que não está mais lá. Nas feridas deixadas para trás.

Seus músculos da mandíbula se contraem, mas ele dá um aceno de cabeça, seus olhos nunca deixando os meus, nunca se desviando da minha coluna.

Eu viro minha cabeça no travesseiro, e lá está Digby, montando guarda na porta como ele fez toda a minha vida. Rosto sombrio, boca quieta.

Um desses machos cuida de mim, o outro vê através de mim, não importa onde eu diga para ele olhar.

“Tudo bem, Lady Auren, estou começando agora,” diz Hojat calmamente.

Eu me preparo, mas nunca poderia estar realmente pronta. A dor é quente e raivosa, quase amarga pela forma como tentei ignorá-la, pronta para me castigar.

A primeira passagem das mãos gentis de Hojat quando ele começa a limpar as feridas faz minha coluna se curvar com uma dor chocante, e eu respiro ruidosamente.

Cada passagem de seu pano, cada gota de água e o cheiro de ervas que enche meu nariz, eu sinto tudo com total atenção. Mas também sinto as dores fantasmas do que aconteceu naquela sala. Os relâmpagos de agonia que cortaram aqueles pedaços de mim, deixando-me sangrar no chão em farrapos dourados.

É o cheiro de ervas manchadas com a memória de sangue metálico.

É o mergulho de sua mistura de água espremida na tigela que se transforma no som de sangue pingando em uma poça.

É o golpe de seus movimentos mesclados com o golpe da espada.

É Digby me observando agora, assim como ele estava naquela época.

Mas é a janela que realmente me impressiona. O vidro escuro pode muito bem ser um espelho de quão bem ele reflete. E com meu rosto voltado para ele, não há como me esconder da visão de minhas costas expostas.

Parece tão vazio. Desprovido. Quando vejo assim, a verdadeira realidade da minha perda me atinge com força total de uma forma que nunca aconteceu antes. Porque eu não me permitiria pensar nisso. Mas agora, não posso ignorá-lo. Porque lá está, como bordas recortadas projetando-se das minhas costas às quais não consigo mais me agarrar.

Elas foram embora.

Eu não tenho seu abraço reconfortante em volta da minha cintura ou seus giros graciosos ao longo do chão. Eu não tenho os pincéis acetinados contra a minha pele ou o peso constante nas minhas costas. Elas foram levadas embora, cortadas como um pedaço de cabelo, deixando-me sofrendo com a perda. Tudo o que resta são duas fileiras de tocos pontiagudos e latejantes que sangram e se desfiam no rastro do que já foram.

E é bem aqui, bem neste momento, que o soluço reprimido finalmente sai dos meus lábios. Minha rolha foi arrancada e não há negações, não, estou bem. Não há uma caverna no mundo que seja profunda o suficiente para eu me esconder disso.

Porque já ultrapassei o ponto sem volta, e não é só que não há como voltar - é que minhas costas nem existem mais.

Uma emoção eruptiva sai de mim, tão forte que sinto que deve explodir da casa e ecoar pela caverna. Como se chorasse comigo.

E tudo, tudo, vem se derramando. Como uma garrafa quebrada, seu conteúdo vazou pelas rachaduras.

Verdade seja dita, não sei se algum dia vou me sentir satisfeita de novo.

Eu soluço e sofro, e não é sutil ou silencioso, mas uma violenta explosão de luto que sai de mim e cai em uma pilha confusa e dolorosa. Mas o tempo todo Slade aperta minha mão e Digby fica de guarda.

Posso estar vazia, mas não estou sozinha.

E isso, pelo menos, é alguma coisa.

CAPÍTULO 18



Auren

Quando você atinge o fundo do poço, você sente.

Você quebra, paredes desmoronando até que você caia em queda livre. Os sentimentos dos quais você tentou fugir repentinamente correm ao seu redor com uma força imparável, a gravidade de seus pensamentos agora nada além de um mergulho punitivo.

Quando você bate no fundo, essa aterrissagem o sacode até a alma. Você bate forte e isso quebra a própria fundação do mundo. O chão se fragmenta abaixo de você, linhas se estendendo por toda parte.

E então você é deixado, uma pilha de escombros.

Mas percebo algo enquanto estou deitada aqui, cercada pela destruição do meu prumo. Essas rachaduras que se espalharam a partir da minha aterrissagem cáustica não são evidência da minha ruína.

São caminhos.

Cada linha irregular sai de mim e depois se desvia, mostrando-me todos os diferentes caminhos que eu poderia seguir a partir daqui.

Deito-me na cama com as mãos de Hojat cuidando das minhas costas cortadas, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, onde até respirar dói. Mas também estou

em minha mente, olhando para as fissuras ao meu redor, vendo onde cada uma leva. Porque agora que sou forçada a sentir o que não queria, tenho uma decisão a tomar.

Posso escolher ficar estagnada aqui, no fundo do penhasco, quebrada e imóvel. Posso me enfurecer, posso chafurdar, posso culpar, posso me esconder. Posso deixar que as partes decepadas de mim separem todo o resto.

Ou posso me levantar, sacudir a poeira e olhar para cima. Posso encontrar um caminho que garanta que nunca mais cairei, que não perca mais nenhuma parte de mim. Tudo o que tenho a fazer é virar e seguir meus pés, um passo de cada vez.

Então é isso que eu vou fazer.

Deixo-me chorar até todas as minhas lágrimas secarem. Não é mais irregular ou turbulento. Em vez disso, é tranquilo. Lento. O tipo de lágrimas que sua expressão deixa cair sem alarde. Não há respiração sufocada ou nariz amassado. Sem lábios repuxados ou sobrancelha franzida. Este é o sofrimento dos silenciosos. Uma dor tão profunda que não se mostra em um rosto. As lágrimas caem pela minha expressão de madeira, vazando de olhos que piscam lentamente enquanto eu olho para o meu reflexo através da janela. Enquanto sofro por vinte e quatro fitas minhas que foram arrancadas como pétalas de uma flor.

Quando Hojat termina, ele trata das feridas, meu nariz há muito tempo aclimatado ao cheiro das ervas picantes. Não sei se ele fez algo para aliviar a dor ou se simplesmente fiquei dormente, mas quase não sinto nada agora.

Ele também me deu uma nova camisa enorme que me fez usar ao contrário, então todos os botões estão na minha espinha, tornando mais fácil cuidar dos meus ferimentos.

“Tudo bem, Lady Auren,” diz ele calmamente. “Está tudo feito agora.”

Está tudo feito agora. Eu digo a mim mesma. Então enxugo as últimas lágrimas e respiro fundo.

“Obrigado, Hojat.” Minha voz sai apenas rouca, mas o curandeiro ouve, porque ele dá um tapinha gentil no meu ombro.

“Vou precisar verificar todos os dias por um tempo até que o processo de cicatrização acelere.”

Concordo com a cabeça, me sentindo exausta, a letargia puxando meus ossos.

“Sir Digby?” diz Hojat. “Que tal eu dar uma olhada em você a seguir?”

Quando Digby não responde, eu viro minha cabeça para encará-lo. Ele ainda está de sentinela na porta, e eu não acho que seu olhar me deixou nem por um segundo. Percebo como ele está fortemente encostado na parede, como seu braço está dobrado contra as costelas e como uma perna parece estar causando problemas. Ele não vai reclamar, assim como ele nunca se esquivou no início de um turno para me proteger.

Eu dou a ele um aceno de cabeça. “Sua vez, Dig.”

Ele hesita por um momento antes de seus olhos passarem por mim e pousar em Slade. Não tenho certeza do que os dois homens se comunicam, mas Digby olha para mim com uma inclinação de cabeça, e então ele e Hojat saem, fechando a porta atrás deles.

Assim que eles saem, começo a me sentar, e Slade aparece instantaneamente para me ajudar. Apesar do quanto tenho dormido, meu corpo está exausto de novo, mas minha mente está conectada demais para dormir.

Eu seguro a camisa emprestada contra o meu peito, as costas ainda desfeitas. “Posso me limpar um pouco?”

“É claro.” Slade me ajuda a ficar de pé e me leva a um banheiro anexo. É pequeno, mas limpo, com banheira redonda, pia, vaso sanitário e penteadeira de madeira.

“Eu poderia encher a banheira para você, mas teríamos que manter a água bem baixa para não molharmos seus curativos.”

“Não, tudo bem. Vou apenas limpar o melhor que puder por enquanto e fazer isso amanhã, antes que ele queira trocar as bandagens.”

Com um aceno de cabeça, Slade vai até a penteadeira e puxa um banquinho. Aceito a dica e vou até lá, sentando-me cautelosamente. Eu observo enquanto ele se move pela sala metodicamente, silenciosamente, e me pergunto o que ele está pensando. Mas nunca fui capaz de ler seus pensamentos tão bem quanto ele é capaz de ler os meus.

Ele pega um frasco de vidro da penteadeira antes de ir para a pia. A tigela colocada nele é de um azul profundo, a madeira ao redor é da mesma cor do chão. Ele despeja um pouco da mistura na tigela e, em seguida, estende a mão, bombeando água de uma torneira de prata na parede. A água espirra na bacia, enchendo-a com pequenas bolhas, e ele pega uma toalha de um escorredor antes de mergulhá-la.

Observo enquanto ele o torce, seus antebraços visíveis pelas mangas arregaçadas de sua camisa. O movimento retorcido de suas mãos me fascina, especialmente à luz fraca da lanterna. Desse ângulo, consigo estudar o perfil de seu rosto, e algo dói em mim só de olhar para ele.

Quando ele se vira e se aproxima de mim, estendo a mão para pegar o pano, mas ele diz: “Posso?”

Surpreendida, hesito. Lavar alguém, cuidar dessa pessoa dessa maneira, é íntimo - íntimo de uma forma completamente diferente do sexo. Eu aperto a camisa contra o meu peito, minha mente tentando pensar no que eu quero, e ele não me apressa. Ele apenas espera, e eu sei que se eu disser não, ele vai me passar o pano e isso será o fim.

Mas não quero que ele passe o pano.

Engolindo em seco, eu me levanto e estendo a mão para trás, desfazendo os dois primeiros botões em meus ombros. Como a camisa é muito larga, consigo tirar as mangas uma de cada vez, deixando-a cair no chão. Mesmo com as faixas de bandagens em volta de mim, ainda me sinto exposta. Eu me contorço, os braços prontos para me cobrir, mas Slade está sempre um passo à frente.

Sua mão calejada desce para circundar meu pulso e ele gentilmente me encoraja a sentar. Assim que o faço, ele começa a passar o pano sobre a pele do meu braço com o toque mais suave. Eu respiro fundo, sacudindo um pouco com o quão frio está.

Slade ri. “Desculpe, eu deveria ter avisado você.”

No entanto, cada golpe que ele faz contra a minha pele não permanece frio por muito tempo. Como poderia quando ele está me tocando?

Ele trabalha em silêncio e minuciosamente, meu braço sendo varrido com água e sabão, enquanto sua mão livre entrelaça seus dedos entre os meus, dobrando suavemente meu pulso para trás e para frente. Ele dobra meus dedos em seguida, liberando a tensão em cada um, antes de começar a acariciar lentamente meu outro braço.

No momento em que ele termina com isso, todo o meu corpo ficou flexível e macio. Ele move sua atenção para meus ombros, massageando os músculos tensos, com cuidado para não chegar perto da minha coluna, meticuloso em sua gentileza para não me machucar.

Não se torna sexual, embora meus mamilos endureçam em pontas e minha respiração fique presa algumas vezes. Slade apenas continua cuidando de mim, aliviando o estresse e a tensão do meu corpo, um músculo de cada vez.

Quando o ajudo a tirar minhas leggings, ele se ajoelha aos meus pés, aquele arrastar lento do pano me deixando tão lânguida quanto antes. Mas quando ele enfia os dedos nos arcos dos meus pés, meus olhos quase rolam para trás da minha cabeça.

Seu cuidado tranquilo acalmou o zumbido da minha mente, ajudando-me a ver tudo com muito mais clareza, enquanto ele conquistou meu corpo tão completamente.

Mas então, ele sempre faz.

Quando o pano vem para limpar minha testa e bochechas, eu pisco para ele. Nossos olhos se encontram e ele passa o dedo pelo meu queixo. Ele joga o pano na tigela e então, ainda me observando, enfia a mão no bolso e estende a mão.

Ali, na palma da mão dele, está um pedaço puído da minha fita. O mesmo que Midas tinha amarrado no meu pulso.

Meus olhos se enchem quando eu estendo a mão e pego hesitantemente. No momento em que sinto o tecido acetinado, um soluço passa pelos meus lábios, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Uma pontada pulsa em um único ponto ao lado da minha espinha, como se meu corpo soubesse onde estava essa fita. Como se quisesse de volta.

Por um longo tempo, eu apenas sento aqui. Ligeiramente curvada, olhando para o ouro fosco da fita imóvel, manuseando a ponta esfarrapada ainda manchada de sangue.

Então, eu levanto minha cabeça, olho para Slade onde ele está encostado na parede.

“Não quero mais ser fraca.”

Minha confissão está em uma linha de tensão entre onde estou e para onde quero ir. É um equilíbrio precário, mas enrolo os dedos dos pés e me endireito, ouvindo as palavras de Slade sussurrar de volta para mim.

Não caia.

Voe.

Fomos transportados de volta para aquele momento na biblioteca novamente. Exceto agora, partes de mim estão faltando. Levadas embora. As feridas nas minhas costas doem, mas isso só serve para me fazer sentir mais decidida. Eu torço a fita na minha mão.

“Não quero ser fraca nunca mais.”

Ele absorve minha declaração determinada com um estudo silencioso. Eu vejo seus olhos verdes escuros piscarem ao lado do meu rosto, como se ele estivesse olhando para a minha aura. O dele está guardado, os vapores negros que envolvem sua forma escondidos ao lado de seus espinhos e escamas.

“Eu quero dominar minha própria força – fisicamente e magicamente,” digo a ele, minhas palavras soando sem fôlego com o esforço do que está por vir. E embora já não sinta, já não se mexa nem viva, a fita ainda me oferece a sua fortaleza.

Eu espero, minha respiração errática, a sensação do meu batimento cardíaco batendo forte contra meus ossos. Não tenho certeza do que estou esperando que ele diga. Talvez eu não precise me preocupar. Que eu o tenho e os outros no meu lado agora.

Mas nada disso muda minha determinação.

Eu preciso ser forte por mim. Porque nunca vou esquecer aquela sensação de estar encostada na parede enquanto era mutilada. Jamais esquecerei aquela sensação de total impotência.

Talvez as coisas nasçam do trauma. Uma raiva. Uma clareza.

Uma fera.

Isso me assusta. Me deixa apavorada... com o que fiz naquela noite. Porque eu não conheço meu próprio poder. Mas esse tem sido o problema o tempo todo, não é?

Talvez nenhum de nós realmente conheça nossa própria força. Não até que o mundo nos corte. Mas a questão é que não somos fortes por causa do nosso trauma. Sempre fomos fortes para começar. Só precisávamos descobrir por nós mesmos.

É por isso que olho nos olhos de Slade e não vacilo quando digo: “Quero ser tão forte que nunca precise temer mais ninguém neste mundo. Que se eu precisar, posso fazer com que todos tenham medo de mim. E eu quero que você me ensine.”

O silêncio reina como um monarca rígido.

Por um momento, me pergunto se cruzei a linha. Se eu o choquei. A preocupação me faz querer morder meu lábio inferior.

Mas então, Slade sorri.

Eu posso ver bem ali em seu rosto - o orgulho. A excitação. É totalmente fae também, algo quase animalesco nisso. Como se sua própria besta vingativa estivesse

pronta para se erguer e rugir ao lado da minha. É contagioso e talvez um pouco desequilibrado, e sinto meus próprios lábios se curvando também.

Ele se aproxima, estende a mão para agarrar meu queixo e então se inclina até que seus lábios estejam roçando os meus para que eu possa sentir suas palavras quando ele murmura. “Ah, Canário. Pensei que você nunca fosse pedir.”

CAPÍTULO 19



Rissa

A primeira vez que viajei através do Quinto Reino com o exército, eu era uma prisioneira.

As selas reais eram mantidas juntas como porcos em um cercado, guardadas dia e noite. Nossa barraca estava lotada com todos nós dentro dela, o que não é uma boa mistura na melhor das hipóteses, mas certamente não quando todos estão com frio, estressados e assustados.

Achei que uma das selas fosse arrancar o cabelo de alguém ou dar alguns tapas no rosto quando finalmente chegássemos a Ranhold. Eu tinha que intervir constantemente entre eles, tentando controlar os temperamentos explosivos e ajudar a resolver os problemas para que ninguém arrancasse os olhos de ninguém.

Desta vez, a experiência de viajar é diferente. Não sou uma prisioneira, mas sim uma hóspede relutante, e não estou dividindo uma barraca com uma dúzia de selas - apenas Polly. Mas ainda estou controlando ataques de pavio curto, e se os olhos de alguém forem arrancados, serão os meus.

Já se passaram semanas desde que deixamos Ranhold, e é muito difícil acompanhar um ritmo tão punitivo. Embora Polly e eu andemos de carruagem o dia todo, fico exausta quando montamos acampamento todas as noites.

Embora minha exaustão não seja apenas devido à viagem.

Eu olho para onde Polly está sentada curvada em sua cama de palete, tremendo sobre as brasas que queimam em um caldeirão no meio de nossa barraca. Eu dou dez minutos, e então ela vai estar me dizendo que está tendo ondas de calor de novo, e ela vai começar a suar, exigindo compressas de gelo.

Todo esse tempo, e ela ainda está passando por abstinências.

Nos primeiros dias, ela estava furiosa. Gritando comigo por tirá-la de Ranhold, chorando sobre a notícia da morte de Midas, ameaçando sair e voltar sozinha. Era apenas porque suas explosões de energia duravam muito pouco que eu sempre conseguia arrastá-la de volta para a barraca antes que ela pudesse ir longe demais.

Ela me odeia.

Eu odeio que ela me odeie.

No entanto, ainda cuido dela, porque ela é a amiga mais próxima que já tive. Ou pelo menos, talvez a mais longa.

Polly e eu recebemos nossos contratos para nos tornarmos juntas as selas reais do Rei Midas. Começamos ao mesmo tempo, provavelmente aceitas porque somos muito parecidas. Muito rapidamente, decidimos nos tornar aliadas para ajudar a solidificar nosso lugar no Castelo Highbell. Nós nos tornamos um par desejável, superior ao resto das selas do estoque de Midas. Jogamos com os pontos fortes uma da outra, fofocamos, protegemos uma a outra. Nossa amizade era forte enquanto estávamos em Highbell.

Até que não estávamos.

Parece que assim que saímos, as coisas começaram a mudar.

Talvez tenha mudado naquela noite no navio dos Red Raids. Talvez eu tenha mudado naquela noite no navio dos Red Raids.

O lance de ser sela é que foi uma profissão que escolhi. Escolhi trabalhar com sexo porque era bonita, mas não tinha família nobre ou dinheiro para me proteger. Eu já havia sido abordada por homens, então por que não transformar algo que me fazia sentir impotente e usá-lo para ser poderosa? Ao fazer disso minha carreira, coloco o sexo sob meu controle.

E eu era boa nisso.

Tornar-se uma sela real é o sonho de tantos trabalhadores dos bordéis. Os contratos sempre pagam muito bem, os clientes são ricos e poderosos, e muitos selas nessa posição podem simplesmente se aposentar quando o contrato terminar, mandados embora com uma bolsa de moedas e pronto.

O problema é que, em algum ponto ao longo do caminho, eu não queria mais fazer isso.

A sedução, a paquera, a maquiagem e o cabelo e os vestidos justos. Cansei de ter que sorrir e piscar os olhos, chupar pau e abrir as pernas quando não estava com vontade.

Eu queria algo diferente. Então comecei a economizar o dinheiro que ganhava quando nobres e visitantes paravam no castelo. Comecei a trabalhar ainda mais para agradar, para ser a preferida, para poder encher minha bolsa escondida em vez de gastá-la com futilidades.

Quando saímos de Highbell, pensei que Ranhold seria um novo começo.

Mas então, os Red Raids aconteceram.

Capitão Fane aconteceu.

Auren aconteceu.

Todas as noites, enquanto cuido dos ataques febris de Polly, minha mente repassa os acontecimentos desde o momento em que saímos de Highbell até o salão

de baile, quando agarrei Polly e comecei a fugir. Eu quase não consegui. Fomos paradas no saguão de entrada por alguns dos guardas, mas uma mulher com pele marrom-clara vestindo couro do exército e as formas de adagas raspadas em seu couro cabeludo me avistou, me disse que Auren havia me mencionado e que eu precisava ir para o exército do Quarto. Então ela de alguma forma distraiu os guardas, e Polly e eu conseguimos escapar.

Parece que devo a Auren, quando minha última garantia foi que ela me devia. Mas agora, não tenho certeza se ela vai me ajudar novamente. Ou se ela ainda pode. Porque aparentemente, ela roubou a magia do Midas na frente de todo mundo e o matou ali mesmo naquele salão de onde eu fugi.

Homens. Por que os acontecimentos da minha vida sempre parecem girar em torno da morte de homens? A primeira foi a morte de meu pai, cuja perda me deixou apenas dívidas e vulnerabilidade. Agora Midas, marcando a hora de eu fugir.

Mas posso dizer com total certeza que a morte do capitão Fane marcou um ponto distinto em minha vida. Porque naquele momento no navio dos Red Raids, foi quando percebi que havia acabado com aquela vida.

Já fui agredida antes, ferida antes. Como uma sela, essas coisas acontecem, embora não seja desculpa. Ao longo dos anos, tive que encontrar maneiras de controlar as reações, para orientar os homens a se comportarem da maneira que eu poderia controlar. Eu não poderia fazer isso com o capitão Fane.

Foi quando eu decidi que estava bem e verdadeiramente feita.

Cansada de ser uma sela. Chega de gerenciar homens. Chega de tentar andar nessa linha tênue de impotente e poderoso quando se trata de sexo.

Ele assombra meus sonhos? Não. Além das noites em que cuidei de Polly, não penso nele nem um pouco, nem em nenhum dos outros encontros violentos que tive. Porque me recuso a dar a eles mais de mim do que eles já tiraram ou eu já dei.

Eles tinham meu corpo, mas e daí? Centenas de outros podem reivindicar o mesmo. No entanto, eles não terão minha mente. Eu não vou dar a eles.

Incluindo o capitão Fane, cujo pau dourado provavelmente está enterrado sob trinta metros de neve em algum lugar dos Barrens.

Eu tenho que admitir, isso me faz sorrir.

“Eu estou quente!”

Bem na hora, Polly se afasta das brasas e começa a abanar o rosto. Meus olhos estão ardendo de exaustão quando me levanto de meu catre para me arrastar até a aba da barraca.

Eu não me preocupo em sair, não com meus pés de meias pisando na pele enrolada no chão. Em vez disso, simplesmente pego o balde e o pano e pego um pouco de neve do lado de fora. Nunca falta neve no chão, embora eu perceba que todas as noites alguém vem limpar o espaço em frente à entrada da barraca.

Não preciso me perguntar quem.

Há apenas um homem neste exército que é grande o suficiente para caber na silhueta sombreada que vejo quando ele faz a tarefa. O capitão arrasta a ferramenta para baixo de enormes pilhas de neve e depois a fecha contra as laterais da barraca para ajudar a isolá-la e estabilizá-la.

Ele faz isso todas as noites. Assim como ele entrega nossa comida e garante que tenhamos muitos carvões para queimar. E nunca, nem uma vez, ele me propôs. Ele não pediu nada em troca.

Não tenho certeza do que fazer com isso.

Fecho a aba da barraca novamente e caminho de volta para Polly, amarrando as pontas do pano enquanto vou. Ajoelhando-me na frente dela, pressiono-o suavemente em sua testa corada.

Ela geme, segurando o estômago e lambendo os lábios. “Você está me matando,” diz ela com acusação.

Faço uma pausa em minhas ministrações. Verdade seja dita, Polly não falou muito. Não desde aqueles primeiros dias, quando ela gritou e se enfureceu comigo.

Além de exclamar o quão terrível ela se sente, ela está quieta. Algo entre nós ficou tenso e quebrado, mas eu sei que uma vez que seu corpo se recupere, uma vez que pare de precisar e ansiar pelo orvalho, ela se sentirá melhor. Ela vai voltar ao que era antes. Podemos voltar à nossa velha amizade.

No entanto, não tenho ideia de porque esse processo está demorando tanto. Eu não esperava que ela ficasse tão doente por tanto tempo. Ela vomita quase todas as vezes que tento a alimentar, retendo apenas os menores pedaços de pão e água, junto com as ervas que o curandeiro do exército trouxe. Ela perdeu peso, sua palidez está cinza e pálida, e há olheiras profundas que parecem aumentar a cada dia, embora ela passe quase todo o tempo em um sono agitado.

Eu quero tanto que ela melhore, que ela veja que eu a tirei de Ranhold para ajudá-la. Essa tensão entre nós é apenas a droga falando. Assim que ela voltar ao normal, ela vai perceber que estou fazendo tudo isso para salvá-la.

“Você está fazendo a neve escorrer pelo meu vestido,” ela sussurra.

“Desculpe.” Eu gentilmente começo a acariciar a neve em sua nuca, mas ela se afasta, então eu a coloco no chão novamente. Alcançando o pequeno pote que me foi dado que paira sobre as brasas, eu o derrubo no pequeno copo de lata. “Que tal você tentar se sentar novamente para tomar um pouco de caldo?”

“Não quero,” ela diz, de olhos fechados, dentes mordiscando incessantemente o lábio inferior. Ela faz muito isso agora, como um tique nervoso do orvalho que ela anseia. Ela está fazendo isso com tanta frequência que arrancou a pele, deixando a boca inchada e em carne viva. É o mesmo com suas cutículas. O curandeiro do exército trouxe um creme para eu aplicar nessas áreas, mas a menos que ela esteja dormindo, ela não me deixa passar nela.

“Vamos, só um pouco...”

Polly vira o rosto novamente e se deita em seu catre. “Vá embora.”

Uma pontada de mágoa me perfura, mas eu a ultrapasso. Isso não é culpa dela.

“Tudo bem, vou esvaziar o penico. Não vou demorar muito.”

Ela não responde, mas quando ela começa a tremer de novo, eu gentilmente puxo uma pele para cobri-la, assim que seus olhos se fecham. Eu enfio minha camisa excessivamente grande que me foi dada, calço minhas botas e, em seguida, coloco o casaco de capitão e algumas luvas antes de pegar o penico e sair.

Assim que saio da barraca, uma montanha gigante paira sobre mim tão perto que quase bato nela.

“Cuidado!” Eu mordo enquanto tento firmar ao penico para que ele não espirre em cima de mim. Eu só tenho um outro conjunto de roupas e gosto de usar esta camisa. Eu me recuso a perguntar se é dele. Eu já sei.

Quando o líquido está a salvo de derramar, eu olho para cima, lançando um olhar para o intruso. “O que você quer?”

O capitão Osrik arqueia uma grossa e espessa sobrancelha marrom para mim. Honestamente, não há uma única parte dele que não precise ser aparada. Sua barba é tão longa que eu poderia trançá-la, seu cabelo está sempre despenteado ao redor dos ombros e, pelo que posso ver em seus pulsos sob as mangas, ele também é peludo. Só sei que ele é um daqueles homens com pelos no peito. As selas masculinas sempre tiveram que usar cera de açúcar para retirar os seus. Eu pagaria um bom dinheiro para alguém amarrar o capitão e arrancar sua pele, tira por tira dolorosa.

“Você está encarando de novo, Sino Amarelo.”

Meu olhar desvia de suas mãos, voando até seu rosto. Afobado, eu me mexo em meus pés. “Eu não estou olhando, estou simplesmente impressionada com o quão gigante cabeludo você realmente é,” eu digo, curvando meus lábios com desgosto.

“Se você estiver interessada em ver os pelos do meu corpo, tudo o que precisa fazer é pedir.”

Porque de repente eu imagino seus pelos na virilha está além de mim. Eu não quero pensar nisso. Não estou interessada em nada haver com a virilha dele. De jeito nenhum.

Reviro os olhos e começo a me afastar dele, embora o idiota irritante apenas me siga. “O que você quer?”

“Eu trouxe mais comida para você,” ele diz enquanto tenta me passar algo embrulhado em um pedaço de pano.

“Você já deixou a sopa mais cedo e minhas mãos estão um pouco ocupadas no momento.”

“O que é isso?”

Sinto um leve rubor de vergonha subir pelo meu pescoço. “O que você acha que é isso? É nosso...” Eu paro, não querendo dizer isso em voz alta.

O rude realmente se inclina e olha para dentro dele, para meu horror. “Oh, por que você simplesmente não disse isso?” Ele olha para trás. “Himinn,” ele grita, e de alguma forma, um soldado esguio aparece do nada.

“Sim capitão?”

O capitão Osrik arranca o penico das minhas mãos antes que eu possa detê-lo e o joga no homem mais jovem. “Pegue isso e vá limpá-lo. Em seguida, devolva-o à tenda de Lady Rissa.”

O soldado realmente assente, como se isso fosse uma honra. “Imediatamente, capitão!”

Assim que ele sai, dou uma olhada no capitão. “Não faça isso! Agora algum soldado estranho está lidando com nosso... vácuo.”

Ele ri e tenta me entregar a comida novamente. “Mijo e merda não são nada para se envergonhar, e acredite em mim, Himinn vai ficar animado com esse trabalho pelo resto da noite. Agora pegue a comida, mulher.”

“Meu nome é Rissa,” eu digo acidamente, mas então eu arranco minhas luvas, enfiando-as no bolso, e pego a comida, porque ainda não comi esta noite e estou morrendo de fome. Quando tiro o pedacinho de pano, encontro pão com carne dentro.

“Vamos, Rissa,” diz ele, gesticulando à frente. “Venha sentar perto do fogo, comer seu sanduíche e beber um pouco de vinho.”

Eu balanço minha cabeça. “Vou comer na minha tenda. Preciso ficar de olho em Polly.”

“Ela não está dormindo?”

Eu hesito por um momento muito longo, porque ele sorri. “Pensei isso. Venha tomar um pouco de ar fresco e sente-se comigo, mulher. Você pode ouvir Polly lançar um ataque quando você voltar.”

Na maior parte do tempo, mantive-me longe do capitão, ignorando-o a todo custo, mas, de alguma forma, parece que ele está sempre por perto. Eu o encontro cavalgando do lado de fora de nossa carruagem, sendo castigado pelo vento e pela neve, mas nunca parecendo se importar com isso. Eu o vejo na fogueira do cozinheiro ou conversando com soldados ou andando pelo acampamento toda vez que me aventuro fora. Eu o vejo atendendo às nossas necessidades, mas nunca se intrometendo. E mesmo que eu tente evitá-lo, eu ainda... observo.

Eu nem tenho certeza do porquê. É bobo, sério. Ele é um gigante bruto, grosseiro e incivilizado. Definitivamente não é meu tipo. Por um lado, ele é um homem, e eu renunciei aos homens por enquanto. Talvez até para sempre. Eu não encontrei um único que já valeu muito de qualquer coisa.

Portanto, não tenho ideia de porque me encontro seguindo-o até a fogueira. Talvez eu realmente precise de uma pausa do ar estagnado de animosidade fermentando na tenda.

Quando o capitão me leva até a tenda armada bem na frente da minha, paro e fico olhando. “Você... por que sua barraca está tão perto da minha?”

Ele se abaixa por um momento, puxando uma pele, e então pega dois baldes. Ele vira os dois e os coloca na frente do pequeno fogo que ele acendeu, colocando a pele em um. “Aqui, sente-se.”

Eu culpo o fogo que eu obedeço. Não tem nada a ver com a forma como meu estômago se contrai com sua ordem rude. Nada a ver com a maneira como suas calças de couro abraçam suas coxas de tronco de árvore.

Nada mesmo.

No entanto, assim que me sento, quase caio contra o calor das chamas, deixando escapar um suspiro. Começo a mordiscar o sanduíche e, embora esteja frio e a massa muito dura, o gosto é tão bom que eu poderia comer um prato inteiro agora mesmo.

Terminei e lambi meus dedos antes mesmo de perceber o que estou fazendo. Claro, ele percebe. Nada parece passar por ele. “Bom ver você comendo de verdade, Sino Amarelo.”

“Quando você vai parar de usar esse apelido ridículo?”

Ele me entrega um odre. “Oh, você está presa a isso.”

Com um bufo, viro a pele para trás e tomo um grande gole, apenas para cuspir e tossir, quase deixando cair. “O que é isso?”

“Vinho quente,” diz ele com um encolher de ombros. “Vai colocar um pouco de calor em seus ossos.”

“Pensei que fosse água.”

“Isto é melhor.” Ele pega de mim para poder tomar um gole, e não tenho ideia de porquê vê-lo beber depois de mim me faz estremecer, mas me contorço. O mesmo acontece com a maneira como sua língua move o piercing de madeira em seu lábio inferior.

“Então,” ele começa, deixando as pernas esticadas à sua frente para que suas botas fiquem quase dentro do fogo. Estou feliz que, pela primeira vez, não está nevando esta noite. No momento em que sairmos do Quinto Reino, nunca mais voltarei para o frio. “Como está sua amiga?”

“Ela está bem,” eu digo automaticamente, assim como eu disse a ele nas outras três vezes que ele perguntou. Embora eu suspeite que ele seja o motivo pelo qual o curandeiro continua visitando a cada dois dias, então minha resposta provavelmente não significa muito. “Ela vai ficar,” eu corrijo.

O capitão assente. “Já vi muitos soldados descerem das coisas. Não é fácil ser babá por causa disso.”

“Ela é minha amiga.”

“Ela é?”

Eu endureço. “O que isso deveria significar?”

Ele levanta um ombro volumoso, e eu tento não olhar quando ele cruza os braços na frente dele, fazendo seus músculos incharem. Eu não deveria ter deixado ele me dar o casaco. Então seu físico não seria tão visível. “Só uma pergunta.”

“Isso é sobre aquela conversa desleal sobre Auren?” Eu pergunto defensivamente. “Quer me julgar um pouco mais?”

Suas sobrancelhas se erguem. “Recolha seu veneno, Sino Amarelo, não estou julgando merda nenhuma. Só me parece que essa sua amiga não está sendo muito amigável com você.”

“Como você sabe?”

Ele me dá um olhar seco. “As paredes da barraca são finas.”

O constrangimento aquece meu rosto. “Ela simplesmente não está se sentindo bem.”

“Mm-hmm.”

Eu começo a ficar de pé. “Se você vai ser apenas um idiota...”

Ele bate o pé na minha canela, me fazendo parar. “Sente-se, Rissa.”

Minha bunda bate no balde. Ouvir o tom grave de sua voz dizer meu nome envia uma emoção estranha na minha espinha.

O que diabos está errado comigo? Eu absolutamente me recuso a me sentir atraída por esse homem. Eu recuso. Já estive com inúmeros homens bonitos - homens que pareciam esculturas, eram tão bonitos. Homens que... tomavam banho regularmente. Então, por que, toda vez que saio da minha barraca, meus olhos estão procurando por ele?

Não faz sentido.

Ele é irritante e grosseiro, e eu não deveria nem pensar nele. No entanto, eu faço. Naquela primeira noite, ele disse que um pouco de ódio melhora, e desde então não consigo parar de pensar nisso.

Não posso negar que há algo no ar que carrega entre nós como um raio pego no ventre de uma nuvem. E eu estou... curiosa. Curiosa sobre o que aconteceria se tivéssemos um confronto.

Talvez pudesse ser uma tempestade furiosa e perfeita.

Com toda essa raiva e preocupação se agitando dentro de mim, o pensamento de que eu poderia descontar nele soa sublime. Que poderíamos nos unir em uma explosão violenta onde eu não me contivesse. Onde eu não precisaria ser a sedutora mais linda e perfeita. Mas que eu poderia tomar em vez de dar, fazê-lo trabalhar para me dar prazer. Ele é o único homem que eu acho que poderia lidar com o meu verdadeiro eu assim, e é por isso que não consigo parar de pensar nele. Ele não é um cliente.

"Qual é o seu plano?" Ele pergunta, arrancando-me dos meus pensamentos devassos. "Quando chegarmos ao Quarto Reino."

"Ir embora," digo rapidamente, porque preciso manter esse objetivo em mente. Não posso deixar que ele ou qualquer outra pessoa me impeça de meus planos. "Vou pegar o ouro que Auren me prometeu e depois partirei para o primeiro navio que puder pagar, para a cidade mais distante que puder. Talvez para os desertos do Segundo Reino, já que é o oposto do Quinto Reino que consigo imaginar."

Ele concorda. "O que você vai fazer então?"

“Farei o que quiser. Não farei absolutamente nada.”

“Você não quer mais ser uma sela?”

Meus olhos se apertam. “Não.”

Há uma pausa entre nós por um segundo, onde tudo que ouço é o fogo cuspindo e o gole de vinho enquanto ele toma outro gole. “Você poderia ficar.”

Eu franzo a testa para ele. “O que?”

“No Quarto Reino. Você pode ficar.”

“Por que eu ficaria lá?”

“Só neva perto da fronteira nas montanhas, então não teria isso na capital. Além disso, estarei lá. Dourada também.”

“E você acha que isso são incentivos?” Eu pergunto bruscamente.

Ele apenas dá de ombros. “Poderia ser. Se você os deixar ser.”

Abro a boca para dar uma resposta grosseira, mas por algum motivo, paro e balanço a cabeça. “Você mesmo apontou que eu chantageei e usei Auren. Por que você sugeriria que eu ficasse?”

“Parece-me que você tem uma mulher por quem você está se curvando e que não quer nada com você... e outra mulher que não fez nada além de tentar estar lá para você, a quem você está feliz em pisar. Apenas pensei que você poderia considerar outra maneira.”

A raiva é minha resposta natural e automática, mas desta vez ela fervilha sob uma superfície de tristeza. Esse sentimento triste é como um tapa na cara, me assusta tanto que fico horrorizada quando sinto meus olhos arderem, e não de cansaço, mas de emoção.

Eu tento reprimi-lo, tento engoli-lo, porque detesto chorar.

“Ei.”

Virando o rosto, recuso-me a olhar para ele, odiando o quão vulnerável me sinto de repente. Mas claro, o bárbaro não pode deixar isso de lado. Eu o sinto nitidamente quando ele está diante de mim, e então seu indicador e polegar estão segurando meu queixo, virando meu rosto para olhar para ele. Ele tem uma carranca profunda, olhos castanhos turvos capturados em um olhar perpétuo. “O que há de errado?”

“Nada.”

“Besteira. O que há de errado?”

Eu deveria empurrar minha cabeça para fora de seu aperto. Eu deveria me levantar e empurrá-lo para longe. Mas, em vez disso, me encontro inclinada para seu toque, encontro uma lágrima escorrendo pelo meu rosto que ele afasta com o polegar. O toque deixa um rastro de formigamento, como se eu fosse uma donzela inocente. Ridículo.

“Não importa se eu sair,” eu digo, minha voz soando muito frágil para o meu gosto. O que há neste homem que me deixa tão de cabeça para baixo?

De alguma forma, seus olhos brilhantes suavizam. Eu nem sabia que ele era capaz de olhar assim, ou porque ele estava olhando para mim.

“Seria importante para mim, Sino Amarelo.”

Engulo em seco. “Por que?”

Por que você se importaria? Por que eu continuo te observando? Por que você está tentando me ajudar? Por que meu coração acelera toda vez que você está perto?

“Gosto da sua atitude apimentada,” diz ele com um sorriso malicioso. “Sempre gostei de uma mordida.”

A visão dele me mordendo, mordidelas ao longo da minha carne, de repente passa pela minha mente em uma visão muito realista.

“Eu tenho um plano, e você não está nele,” digo enquanto finalmente ganho forças para me afastar e ficar de pé. Claro, ele não recua, não me dá espaço. Agora, com nós dois de pé, ele está tão perto que seu corpo roça no meu, minha cabeça

inclina para trás por causa de quão ridiculamente alto ele é. Apesar do casaco grosso que tenho sobre mim, posso sentir o calor queimando dele para mim.

"Mude seus planos," ele murmura, os olhos caindo para os meus lábios.

Minha respiração fica presa, mas eu a empurro para longe e puxo um sorriso de escárnio. "Os homens só querem conquistar. Não estou me fazendo de difícil para que você trabalhe muito. Não quero você, capitão."

Em vez de ficar chateado, ele me dá um sorriso torto que quase enrola meus dedos dos pés. "Você não me quer?"

Eu fungo e levanto meu queixo. "Isso mesmo."

"Então... você não fica acordada em seu catre à noite, pensando em discutir comigo apenas o suficiente para esquentar nosso sangue, e depois envolver essas suas longas pernas em volta dos meus quadris e me foder até ver estrelas?"

Meu pulso acelera. Tudo o que ele disse se torna imagens vívidas em minha cabeça, fazendo meu núcleo pulsar.

Eu não posso negar isso. Não posso, porque estou respirando com muita dificuldade e sei que estou corando, e percebo que, de repente, não quero negar.

Como diabos eu desmoronei tão rapidamente?

Então, eu faço a coisa mais estúpida que já fiz.

Eu me inclino e o beijo.

Eu mergulho em sua boca como se estivesse segurando o néctar do Divino. Ele fica tão chocado a princípio que não faz nada, mas então suas mãos enormes vêm para minha cintura, fazendo-a parecer menor do que é. Sua barba peluda arranha minhas bochechas, mas em vez de ser irritante ou nojenta, ela arranha minha pele febril de uma forma primitiva que de alguma forma me faz gostar ainda mais. Mordi seu piercing, lambi sua língua, o beijei de um jeito que nunca havia beijado ninguém antes.

Porque isto não é para o meu trabalho. Isto não é para moedas. Não estou tentando seduzir ou dar um show. Só estou beijando-o porque queria saber... queria ver.

Eu me afasto, ofegante, olhos arregalados, me perguntando como diabos eu pude ser tão estúpida. “Isso foi um erro,” eu gaguejo.

Ele ri. Não larga da minha cintura. Continua me segurando lá em um toque muito mais suave do que eu jamais esperaria dele. Isso me faz pensar que tipo de amante ele realmente é. Se ele é o bruto ou o gentil.

“Foi um erro muito bom. Devemos fazer isso de novo em algum momento.”

Afastando-me, começo a tropeçar no balde na minha pressa, mas ele segura meu braço facilmente antes que eu caia.

“Vai deixar o fogo tão cedo?” ele chama, sua voz áspera de alguma forma provocando.

“Estou quente o suficiente.”

Ele ri. Eu coro ainda mais.

Enquanto corro pela neve, chutando-me por dentro, ele diz: “Quando você estiver pronta para cometer outro erro, sabe onde está minha barraca. Bem ao lado da sua.”

Estúpido de um homem.

Estúpida eu.

Quando corro de volta para minha barraca, quando caio em meu próprio catre e pressiono minhas mãos em minhas bochechas, meus lábios ainda estão formigando. Meu coração ainda está acelerado. Meu núcleo ainda pulsando.

Isso foi um erro estúpido, horrível e ridículo.

E, no entanto, tudo o que posso pensar é, *devemos fazê-lo novamente algum dia.*

CAPÍTULO 20



Auren

A caverna da Gruta contém mais fendas secretas do que eu percebi pela primeira vez.

Porque aqui estamos, dentro de uma, no que Judd chama carinhosamente de Dentes. Judd e eu nos espremos por uma fissura serrilhada nas paredes da caverna principal e, após uma passagem curta, embora muito claustrofóbica, ela se abriu em uma nova sala – o lugar onde a Ira vêm para treinar.

Não é muito grande, mas tem muito espaço, e os veios de fluorescência que percorrem as paredes e o teto são tão abundantes aqui que toda a área brilha. O chão está coberto com grossas camadas de feno semicongelado que estala sob meus sapatos, e há três baús de madeira empilhados ao lado que Judd me disse que guardam armas de treinamento.

Ainda não tenho permissão para usá-las.

Quando chegamos aqui, ele sorriu, girando em um círculo com os braços para cima, seu cabelo normalmente amarelo ficou azul luminoso, junto com sua pele bronzeada e os couros do exército abraçando seu corpo magro. “Bem-vinda aos dentes - a boca da montanha onde você será mastigada e cuspida.”

Ele parecia animado com isso.

No teto acima, as estalactites estão penduradas em uma fileira perfeita, como dentes afiados prontos para fazer exatamente o que ele afirmou.

Eu esperava que ele estivesse exagerando.

Ele não estava.

Eu realmente sinto que estou sendo mastigada aqui, embora não seja culpa dele.

Durante a primeira meia hora, ele simplesmente me mostrou algumas posturas. Explicando como segurar meu peso, como proteger minha postura, como ficar de pé e por quê.

Coisas simples.

Conhecimento fácil, simples e básico para que eu possa aprender do zero.

Percebi pela primeira vez que havia um problema quando ele continuou apontando que eu estava inclinando para um lado ou para o outro e tendo que corrigir minha postura. Descartei no começo. Achei que ainda estava um pouco fraca e fora de forma por todos os dias passados na cama. Eu só precisava me aquecer.

Mas agora, enquanto me inclino para a esquerda repetidas vezes, a realidade me atinge com força e peso, como tijolos afundando em minhas entranhas. Eu encaro Judd, olhos arregalados, e parece que minha temperatura interna despencou, o gelo enchendo minhas veias apertadas.

“Dourada?”

Seus lábios se movem, mas não consigo me concentrar o suficiente em suas palavras. Não consegui ouvi-las de qualquer maneira com o quão alto meu coração está batendo.

Judd dá um passo à frente, franzindo as sobrancelhas loiras.

“Água,” resmungo antes de cambalear em direção às caixas. Pego um dos odres que ele trouxe, levo o bocal aos lábios e tomo um grande gole como se o líquido gelado fosse ajudar a lavar minha percepção.

Não.

Eu engulo, sentindo-o pousar no meu estômago como se eu tivesse mergulhado em um lago e muito disso tivesse ido para a minha boca.

Judd se aproxima e toma um gole do seu. “Eu sei que isso parece rudimentar, mas é realmente importante. Uma base forte e estável é a base para todo o resto.”

Eu olho para ele com o canto dos meus olhos. Ele acha que todas as minhas lutas e tropeços se devem à distração porque não acho que isso seja importante?

“Eu confio em você,” digo a ele honestamente. “Eu sei que tudo que você e os outros vão me ensinar é o que eu preciso saber.”

Ele acena com a cabeça, mas depois inclina a cabeça como se estivesse reconsiderando. “Exceto talvez Ryatt. Ele pode te ensinar algo só para foder com você.”

Eu pego meus lábios se curvando. “Bom saber.”

“Então, por que você quer fazer isso?”

“Treinar?” Eu pergunto com uma carranca.

“Sim. Rip me disse que você queria treinar, mas quero que me diga por quê.”

Por quê.

O porquê está me guiando desde o momento em que acordei. Antes disso, mesmo. Talvez o porquê tenha começado a se solidificar quando conheci Judd e os outros, quando estava naquele círculo de luta com eles e percebi a possibilidade de ser capaz de mais.

Meus olhos movem-se para os dele, encontrando seu olhar firmemente. “Durante toda a minha vida, fui uma coisa para outras pessoas. Uma coisa para eles terem, uma coisa para eles usarem.” A honestidade absoluta torna meu tom mais lisonjeiro, sem qualquer reentrância ou saliência para esconder a verdade pura. “Mas eu não sou uma coisa.”

Sua expressão normalmente divertida ficou sóbria. “Não, você não é.”

“Da próxima vez que alguém quiser tentar me usar, me controlar, quero estar pronta. Eu quero esmagar aqueles que querem me manter sob seu controle.”

Seus olhos castanhos brilham com algo parecido com orgulho. “Isso soa bem para mim, Dourada.”

Parece bom para mim também.

Ele toma outro gole educado de sua água, já que sei que ele só está bebendo porque eu estou. Não é como se ele estivesse gastando muita energia quando eu nem consegui passar das posições.

“Vamos voltar a isso?”

Concordo com a cabeça e coloco a água na mesa, deslizando minha mão no bolso enquanto o sigo de volta para o meio do espaço novamente. Por um momento, deixo meus dedos roçarem o comprimento de cetim enrolado que está escondido antes de arrastar minha mão de volta para fora novamente.

“Tudo bem, postura defensiva básica. Pé esquerdo para a frente. Empurre esse ombro para trás um pouco. Eu quero aquele cotovelo na frente protegendo sua barriga.”

Eu tento seguir todas as suas direções para as diferentes posições que ele late, e por um tempo, eu faço bem, como se nossa conversa e minha determinação por si só ajudassem a me firmar. Mas quando é hora de começar a mover meu corpo mais rápido, vacilo novamente.

Um calor embaraçoso queima meu pescoço, mas continuo a fingir que nada está errado.

“Pé esquerdo para frente, pé direito para trás,” Judd instrui enquanto ele circula ao meu redor, estudando minha forma. “Bom. Agora gire, como se alguém estivesse atrás de você.”

Eu tento. Realmente eu faço.

Assim que começo a girar, meu peso cai, minha coluna estremece enquanto meus pés tentam corrigir meu movimento e me manter ereta.

“Sinto muito,” eu deixo escapar com frustração. “Deixe-me tentar de novo.”

Judd não hesita, nem ri de mim. “Sua postura ainda está errada,” ele me diz, chegando para tocar meu ombro direito. “Endireite-se aqui e abaixe o calcanhar.”

Eu bato meu calcanhar no chão, fazendo pedaços de feno se partirem sob meus pés. Eu empurro meus ombros para trás pela enésima vez, gritando silenciosamente para o meu corpo.

“Relaxe suas mãos,” Judd diz quando percebe que elas estão fechadas em punhos.

Relutantemente, eu solto meus dedos, sacudindo minhas mãos levemente.

Judd inclina a cabeça. “Você está a fim disso? Se suas feridas...”

“Nada está sangrando mais, e Hojat me envolveu e disse que eu poderia fazer isso,” interrompi. “Estou apenas me acostumando com essas botas. Acho que são muito grandes.”

Não tenho certeza se ele sabe que estou alimentando-o com besteira, mas ele concorda. “Tudo bem, coloque os pés no chão. Bom. Desta vez, quero que você se mova para a esquerda, levantando o braço em um bloqueio defensivo. Preparada? Três, dois, mexa-se.”

Não importa o quanto eu tente manter meus pés plantados. Assim que tento fazer a mais simples manobra de controle, percebo que não tenho nenhuma. Assim como todas as vezes antes, eu perco o equilíbrio, um dos meus pés levanta antes que eu possa pará-lo, fazendo-me vacilar.

Judd franze a testa e olha para os meus pés. “Você quer experimentar sem as botas?”

A frustração borbulha e ferve dentro de mim, o calor dela espirrando contra meus olhos.

“Não. Deixe-me tentar de novo.”

Ele hesita. “Algo está errado?”

“De jeito nenhum,” eu digo com falso brilho. “Provavelmente sou apenas sua pior aluna porque nunca fui treinada antes.”

“Você era ruim no círculo de luta, mas não era tão ruim assim.”

Lancei-lhe um olhar penetrante. “Muito obrigado.”

“Você sabe o que quero dizer,” diz ele com um aceno de mão. “Você quer passar a noite?”

“Apenas continue me dizendo os movimentos.”

A teimosia me monta, levando-me pelas rédeas. Ele orienta meus movimentos, me impulsionando a tentar de novo e de novo, mas mesmo a determinação obstinada não ajuda. Não me faz equilibrar melhor.

Minha hesitação só piora, e nenhuma tentativa de escondê-la ou inventar mentiras estúpidas pode desculpá-la.

Eu estou falhando.

Dia um, e eu já estou falhando.

E, no entanto, eu tenho que fazer isso. Eu tenho que aprender a ser forte. Mas eu não consigo nem virar sem balançar e...

Presa em minha frustração crescente, tento girar rápido demais. Estou de pernas para o ar, como um pião que não consegue ficar na ponta e, desta vez, meus pés não conseguem me segurar.

Eu caio de lado no chão, aterrissando com força, o feno gelado estilhaçando meu casaco e cutucando minha pele. Agulhando minha confiança até que esvazie.

Eu me apoio em minhas mãos e joelhos, mas então eu apenas fico lá. Olhos ligeiramente embaçados, olhando para o feno quebrado e sujo, o cheiro dele espesso em meu nariz, a fluorescência cobrindo tudo de azul.

“Porra.” Meu sussurro é agudo e irritado, a mente furiosa com as incapacidades do meu corpo.

“Está tudo bem, Dourada. Todos nós caímos,” diz Judd e, de alguma forma, seu otimismo amigável só piora as coisas.

“Não está tudo bem,” eu estalo. “Não posso estar pronta se não conseguir nem mesmo fazer uma porra de posição.”

“Auren.”

Minha cabeça se ergue ao ouvir a voz de Slade, e eu o vejo parado bem na entrada da fissura. A vergonha rasteja até meus membros, e meu coração cai ao vê-lo. Desviando o olhar, ponho-me de pé, mas mesmo fazendo isso me faz tropeçar ligeiramente para a direita. Estou desorientada. Desequilibrada. Sentindo-me fraca e vacilante como um potro recém-nascido.

Eu odeio isso.

Os passos de Slade esmagam o feno quando ele se aproxima até que ele esteja parado bem na minha frente. “Pensei que você fosse pegar leve até que Hojat lhe desse o aval para mais?” ele questiona, pergunta feita a Judd.

“Nós íamos...” As palavras de Judd tropeçam em uma parada.

“Ele não quer que eu faça nada difícil,” eu admito, minha mandíbula apertada com frustração. “Simplesmente não consigo.”

A admissão cai de meus lábios com desgosto. Eu passo a mão pelo meu cabelo, os dedos se enroscando nas mechas douradas que caíram da minha trança. “Esta é minha primeira sessão e já estou falhando. Quão patético é isso?”

“Não é patético.”

Soltei uma risada feia, arrancada do centro do meu peito. “Eu não consigo nem ficar de pé,” eu cuspo, mas meu tom não é direcionado a ele ou Judd, é direcionado a mim. “Porque continuo perdendo o equilíbrio. Porque eu deixei ele... eu deixei ele...”

Minhas palavras sufocam. Estrangulado, como um punho em volta da minha garganta.

Eu deixei.

Por dez malditos anos, eu o deixei.

Deixe-o me silenciar. Deixe-o me conduzir. Deixe-o me enganar. Deixe-o enjaular-me. Deixe que ele me machucasse.

Eu deixei ele me drogar e me segurar contra aquela parede fria, deixei ele pegar outra parte de mim que eu nunca vou ter de volta.

A compreensão surge nos olhos de Slade como névoa em um campo sombrio. “Suas fitas.”

Os dois trocam um olhar, e eu sei o que está em suas expressões, porque está na minha também. O reconhecimento de exatamente o que eu perdi.

Eu nunca percebi antes o quanto meu corpo dependia de minhas fitas. Tenho que aprender tudo de novo sem o conforto da presença delas.

Mas não é só isso.

O peso delas se foi, sim, mas eram mais do que apenas tiras de cetim penduradas nas minhas costas. Sinto falta da maneira como elas se arrastavam atrás de mim. Sinto falta de poder levantá-las para me ajudar a pentear o cabelo ou envolver minha cintura como uma camada de armadura. Sinto falta da maneira como elas serpenteavam em volta da perna de Slade.

Elas me pegaram. Defenderam-me. Elas eram meus instintos. Meu impulso inconsciente e sentimento. Elas me fizeram mais. E sem elas. Eu sou menos. Menos firme, menos segura, menos livre.

Você nunca percebe o que o mantém equilibrado até perceber que não está mais em pé.

Eu levei minhas fitas para o certo. Durante anos, eu as odiei, as escondi, tentei fingir que elas não faziam parte de mim. Não foi até que eu estava com o exército do

Quarto que eu as deixei realmente respirar, me permiti respirar. Foi apenas uma inspiração, mas levou a uma cacofonia de ar engolido.

Eu me pergunto se é assim que se sente um pássaro cujas asas foram cortadas.

Eu não compreendi até que elas se foram o quão importantes elas eram para mim. Elas eram uma extensão de mim, elas eram meu coração na manga. E agora, elas foram arrancadas. Já estou tentando superar minha perda, mas nunca antecipei esse outro aspecto.

Não é só o meu equilíbrio que perdi.

“Eu deixei ele me fazer isso, e eu nem percebi até que fosse tarde demais,” eu digo enquanto a fúria enche meus olhos, um calor ardente escorrendo pela minha bochecha como ácido. A fita em meu bolso parece ter o peso de um tijolo. “Como vou treinar para ficar forte se nem consigo ficar de pé?”

Os punhos de Slade se apertam ao lado do corpo, como se ele estivesse imaginando torcer a garganta de Midas. “Você teve suas fitas por uma década, Auren. Faz sentido que você precise se ajustar a ficar sem elas.”

Eu olho para ele. “Não.”

“Não o quê?”

“Não me acalme. Não fique aí todo confiante e encorajador.”

“Você prefere que eu seja duvidoso e depreciativo?”

A raiva sobe como uma maré, mas eu a ultrapasso e começo a me afastar. Só dou alguns passos antes de Judd aparecer na minha frente. “Você acha que está desistindo, Dourada?”

“Eu não vou desistir,” eu assobio por entre os dentes. “Estou apenas fazendo uma pausa antes de tentar socar seu comandante do exército real.”

Ele bufa. “Por mais que eu queira ver isso, Hojat me deu ordens estritas para que você não bata em nada ainda, então vamos deixar isso para outro dia. Nesse

ínterim, você me disse que queria treinar, então estou treinando você. Receio que você esteja presa nos Dentes até que eu diga."

"Você acabou de me perguntar se eu queria parar."

"Sim, e você disse não."

Um suspiro frustrada passa por meus lábios. "Não consigo nem me virar sem perder o equilíbrio, Judd. Como você vai me treinar?"

Ele varre um olhar avaliador sobre mim. "Bem, se você tivesse apenas me contado o que estava acontecendo, eu poderia explicar e repensar minha estratégia," diz ele. "Agora que sei que você está tendo que se ajustar à perda de suas fitas, vamos começar nosso treinamento de uma maneira diferente."

"Você acha que isso vai ajudar?" Eu pergunto duvidosamente.

"Dourada, não fira meu orgulho," ele me diz, colocando a mão sobre o coração. "Sou um excelente treinador."

"Quem te disse isso?"

Ele franze a testa. "Tenho certeza de que alguém disse isso."

Eu me pego deixando escapar uma risada confusa. Com apenas algumas palavras, minha raiva foi substituída por frustração.

"Por que você simplesmente não disse isso?" Judd me pergunta, não com julgamento, mas com curiosidade.

Meu ombro se levanta. "Você não deveria admitir fraqueza, certo? Até eu sei disso.

"Isso não é uma fraqueza, Dourada," ele diz com um aceno de cabeça. "E não minta para o seu treinador. Quando eu perguntar o que há de errado, espero que você me diga a verdade."

Olho por cima do ombro, esperando que Slade ainda esteja parado ali, mas agora ele está ao lado das caixas de madeira ao lado, o quadril empoleirado contra uma delas enquanto nos observa. Apenas tê-lo aqui observando está fazendo meu

peito apertar com a tensão. Ele ficou tão orgulhoso quando eu disse a ele que queria treinar. A última coisa que eu queria era que ele me visse tropeçar.

“Tudo bem, sente-se.”

Minha cabeça se volta para Judd. “O que?”

“Você me ouviu,” diz ele antes de cair no chão na minha frente.

Eu sigo o exemplo, ajustando-me instantaneamente quando sinto varas afiadas de feno perfurando minhas calças.

“Vamos recomeçar com alguns alongamentos. Você vai devagar e vai me dizer quando certos movimentos doem ou se você começa a se sentir fora do centro. Depois vamos tentar algumas posições a partir daqui.”

“Sentada?”

“Sim. Você vai ter que reaprender a se equilibrar e se mover sem a ajuda de suas fitas. Então, por enquanto, estou mantendo você plantada de bunda para que pare de se desesperar e cair. Além disso, Rip vai ficar todo irritado se você estiver coberta de hematomas. Agora cale a boca, pare de pensar que está falhando e vamos resolver essa merda um passo de cada vez.”

Meus lábios puxam para cima. Só assim, eu sinto o que resta da tensão acumulada rolar dos meus ombros. “Tem certeza que as pessoas dizem que você é um bom treinador?”

Ele dá de ombros. “Estou parafraseando.”

Rindo, eu balanço minha cabeça. “Tudo bem. Vamos descobrir essa merda.”

Judd me dá um sorriso. “Isso garota.”

CAPÍTULO 21



Aurer

Há um brilho de uma lâmina dourada. Uma lâmina que dourei com minhas próprias mãos. Todo o resto ficou monótono em cinza e branco - até o rei Fulke, que me prende contra seu peito com aquela mesma lâmina e corta meu pescoço.

Eu grito e luto, mas a dor aguda da borda apenas afunda mais, cortando através de mim e fazendo o sangue escorrer para o meu peito. No entanto, quando o rei se inclina contra o meu ouvido, não é a voz de Fulke. Não é seu corpo rechonchudo nas minhas costas.

É um rosto bem barbeado, mangas douradas e olhos de alfarroba. É engano e abuso e rédeas de ouro em suas mãos. Rédeas que ele está amarrado em volta do meu pulso, me segurando ainda. Mantendo-me onde ele me quer.

"Se eu não posso tê-la, ninguém pode. Não é, Preciosa?" Sua voz é vil, pressionada contra minha orelha com um ronronar ofensivo, tentando me envolver tanto quanto suas palavras sempre faziam.

Estamos em Ranhold novamente agora, com tanto ouro na sala que é ofuscante. Como se estivesse olhando para mim - olhando para ele. Estamos bem aqui, presos no meio do salão, revivendo tudo.

Slade está na minha frente com sua Ira, enquanto minha raiva queima profundamente em minhas entranhas. Agitando como magma pronto para vomitar.

“Auren, use suas fitas.”

“Ah, ela não te contou? Ela perdeu esse privilégio.”

A adaga muda agora, e eu não estou mais presa nas costas de Midas, mas presa a uma parede. Não são rédeas douradas amarradas em meu pulso, é minha fita.

E então há um som que a espada faz quando desce. Não é um corte no ar, não é um assovio sussurrado. Ele quebra. Como um corpo sendo arremessado pela janela, ou um punho batendo em um espelho.

Ou a destruição de uma alma.

Com ela, vem a dor.

Dor e dor e dor novamente. Dor quando me quebro em um milhão de pedaços. Peças que parecem tiras de cetim caindo esfarrapadas e ensanguentadas no chão.

“Isso me machuca muito mais do que machuca você.”

Não consigo ouvir meus gritos. Não consigo me ouvir chorar, implorar ou lamentar. É apenas uma quebra sem fim de vidro cristalino.

E então, de repente acabou. Distorcendo no silêncio retumbante, apanhado com adagas, fitas e estilhaços sob meus pés.

Quebrada. Eu me sinto tão quebrada.

“Você fez isso consigo mesma.”

Eu apenas encaro os cacos de espelho, vendo meu rosto em mil pedaços diferentes. Vendo minhas fitas em mais mil.

Vendo-o.

Ouvindo-o.

Uma e outra vez.

“Não me desobedeça mais, Preciosa.”

“Se eu não posso tê-la, ninguém pode.”

“Isso me machuca muito mais do que machuca você.”

“Você fez isso consigo mesma.”

Meu reflexo nesses espelhos mostra toda gama de emoções olhando para mim. Julgamento, desapontamento, pena, raiva, dormência, angústia. Meus rostos quebrados me cercam enquanto caio no chão e começo a cavar entre os cacos com desespero frenético.

Pego as fitas, mas os espelhos tornam tudo confuso, e quando tento agarrar as tiras de cetim, minhas mãos batem no vidro. Abro minhas palmas, meus dedos, meus joelhos.

Ainda assim, eu cavo através dele desesperadamente, lágrimas e sangue pingando simultaneamente, enquanto as fitas cortadas me escapam a cada passo. Mas não posso desistir.

Eu preciso delas de volta.

Eu preciso delas de volta, eu preciso delas de volta, eu preciso delas de volta

Meu aperto sai ensanguentado, mutilado, nem um único pedaço de fita seguro em minhas mãos. Então, começo a afundar. Amarrada nos tornozelos e arrastada para baixo, então o vidro começa a cortar meu estômago, meus braços, meu peito.

Não importa o quanto eu tente cavar meu caminho de volta, sou puxada ainda mais para baixo, arrastada por um milhão de cacos de mim mesma que se quebraram, emaranhados em fitas que nunca mais terei de volta.

E uma única adaga dourada, mais afiada do que todas as outras, cravada em minha garganta.

“Você fez isso consigo mesma.”

Meus olhos se abriram, as pálpebras emolduradas pela umidade das lágrimas. Minha mão já está na minha garganta, movimentos frenéticos verificando se há sangue que não está lá. Eu tomo várias respirações ofegantes, sentando-me na cama

vazia. Estou toda tremendo, coberta de suor, e jogo as cobertas para fora da cama, porque parece que as paredes estão se fechando sobre mim.

Eu ando pelo quarto.

Para frente e para trás, as meias acumulando estática a cada passo rápido. Minhas costas estão machucadas e doendo, como se o sonho tivesse implantado nelas uma dor fantasma. Com outra pontada particularmente desagradável, pego a lanterna da mesa de cabeceira e passo pelo banheiro antes de ir para o armário. Penduro a lanterna na maçaneta e, em seguida, levanto minha camisa, ficando ali na frente do espelho até o chão.

Quando outro ponto de dor salta na parte inferior das minhas costas, eu me viro e cuidadosamente levanto o embrulho que Hojat mantém amarrado em minhas costas.

Minha respiração ficou ofegante, quase rangendo na minha garganta em protesto abandonado. E quando eu olho por cima do meu ombro para o meu reflexo, o olhar concentrado no ponto que está me machucando, desta vez eu faço um barulho que raspa meus lábios.

O par de minhas fitas na parte inferior das minhas costas está pendurado por um fio. Como a pele que começou a descascar, deixada presa para endurecer e murchar. Meus dedos mal deslizam sobre elas, mas mesmo aquele toque mais leve faz com que ambos caiam.

Bem desse jeito.

Como folhas amarronzadas em um caule, elas caem mortas e quebradiças. Balançando no chão quase sem peso até pousar no tapete, dois pedaços lamentáveis de fitas encolhidas e emaciadas que perderam o brilho.

Meus olhos ardem quando olho para elas, e eles se enchem quando pressiono meus dedos nas marcas nas minhas costas. Nada além de um par de arranhões finos em ambos os lados da minha coluna.

Como se minhas fitas nunca tivessem existido.

O soluço que sai de mim é interrompido quando coloco a mão na boca. Abafado ainda mais quando me inclino contra a parede do armário, empurrando meu rosto contra o casaco sobressalente pendurado.

Minhas fitas vão se estilhaçar assim, uma a uma, até minhas costas ficarem nuas e não sobrar nada.

Acho que uma parte de mim acreditava que elas iriam se curar. Voltar a crescer. Mas toda a esperança disso se esvaiu, deixada para secar e murchar com os pedaços aos meus pés.

Então é isso. É isso agora.

Elas se foram, e não vou recuperá-las, e só tenho que lidar com isso.

Eu respiro contra o casaco, tentando exalar esse luto esculpido, embora seja profundo demais para eu me livrar dele. Então, quando me recomponho, enxugo as lágrimas que escorreram pelo meu rosto, recoloco metodicamente as ataduras e abaixo a camisa.

Eu pego as pontas secas e desintegradas. Seguro-os cuidadosamente na palma da minha mão. Meu luto se funde com minha raiva, alimentada com estímulos e faíscas.

Com um suspiro contido, pego a lanterna e saio do armário, voltando para o quarto onde coloco as pontas e a lanterna na mesa de cabeceira. Não há chance de voltar a dormir agora.

Passando pelo fogo abafado, saio do quarto e ando pelo corredor escuro, meus pés indo mais rápido, como se quisessem sair correndo. Quando chego à sala de estar, as chamas da lareira estão queimando com um pouco mais de intensidade, e uma olhada no relógio sobre a lareira me diz que já é noite, embora a casa esteja silenciosa.

O movimento da cozinha chama minha atenção, e meu olhar se fixa na figura solitária sentada à mesa com um copo nas mãos e uma garrafa na frente dele. Faço uma pausa por um breve momento antes de me aproximar, sentando-me em frente a ele.

Digby levanta o olhar, fixando seus olhos cor de casca de árvore em mim. Por um momento, apenas olhamos um para o outro. Sem grades entre nós. Sem um rei que não devia usar uma coroa. Sem regras ou expectativas. Nós olhamos um para o outro como duas pessoas que têm um ponto culminante de choque ainda trabalhando em seus sistemas.

Não sei o que Digby pode ver em meus olhos, mas sei o que vejo nos olhos dele. Vejo incontáveis horas de tortura. De prisão. Punição. Vejo culpa torturante, ferimentos profundos e arrependimento absoluto. Acho que é isso que mais me dói. Que eu possa ver, apesar de tudo o que aconteceu com ele, que ele está sofrendo aqui, por mim. Pelo que eu suportei e pelo que ele foi forçado a assistir.

"Sempre foi você com o poder."

Eu sorrio trêmula com suas palavras. "Imagino que foi um grande choque quando você me viu em Ranhold. Provavelmente pareceu tolo para você, uma vez que você sabia o que eu poderia fazer e o quanto eu o deixei passar por cima de mim por tantos anos. Você deve pensar que sou muito estúpida e fraca."

Ele balança a cabeça ferozmente. "Mesmo as pessoas mais poderosas podem se sentir impotentes. Encontrar sua força mesmo quando você acredita que não tem nenhuma é o que faz de você uma verdadeira força. Ninguém a transformou no que você é, minha senhora. Você sempre foi forte. Você só tinha que provar isso para si mesma."

Engulo em seco, ainda afastando aquele sonho horrível, ainda sentindo aquelas pontas caindo das minhas costas como pétalas descamando de uma flor. "Eu gostaria de não ter esperado tanto tempo."

"E eu gostaria de nunca ter deixado o bastardo machucar você em primeiro lugar. Eu deveria ter estado lá para você. Deveria ter protegido você do que aconteceu.

Com minha mão trêmula, estendo a mão sobre a mesa e seguro seus dedos ainda frouxamente dobrados ao redor do copo. "Não é sua culpa, Dig." Minhas palavras são um sussurro rouco com nada além da verdade cristalina.

E seu rosto apenas... se contorce.

Exaustão assombrosa e feridas incapacitantes são como uma mão se enrolando em torno do pergaminho de suas expressões, amassando-as em um punho agarrado.

E então, meu guarda estoico, firme e inescrutável grita.

Bem aqui na mesa, a dor o atinge em ondas indesejadas. A outra mão cobre o rosto, como se quisesse tentar abafar a dor. Seus dedos estão machucados, seu mindinho permanentemente manchado de preto e mantido em um ângulo estranho, perdido em sua batalha contra o congelamento, assim como ele perdeu a batalha com sua disposição imperturbável.

Sua exibição externa me choca, fazendo lágrimas brotarem em meus próprios olhos, porque ver alguém tão indomável desmoronar de repente é um choque por si só. Torna todas as minhas próprias emoções muito mais nítidas.

Quando ele abaixa a mão, o rosto de Digby está inchado e manchado, seus lábios rachados e seu corpo mais caído do que eu já o vi.

“Sinto muito,” ele profere em uma única respiração trêmula tentando ser estável. “Eu sinto muito.”

“Olhe para mim, Digby,” eu digo, e seus olhos úmidos se erguem. “Não foi sua culpa. Nada disso.”

“Eu deveria proteger você.”

Meus dedos apertam os dele. “Você fez,” eu digo a ele. “Você sempre fez.”

Ele toma outra respiração, uma inspiração varreu os escombros. Ele enxuga os olhos. “Estou orgulhoso de você. Pelo que você fez.”

Ele quis dizer isso também.

Eu puxo minha mão para trás. “Você foi um guarda Highbell por um longo tempo.”

Digby acena com desdém. “Eu poderia ter me aposentado anos atrás,” ele me diz, fazendo minhas sobrancelhas arquearem de surpresa. “Fiquei por você.”

O choque acumula-se no meu peito, batendo em ondas quentes contra o meu coração. “Você fez?”

Ele balança a cabeça, passando a mão pela espessa barba grisalha. “Você precisava de alguém vigiando sua retaguarda. Não confiava em mais ninguém para fazer isso.” Sua boca se contorce em desgosto. “Eu deveria ter deixado você sair dessa maldita jaula. Pensei sobre isso. Muitas vezes. Mas eu deveria ter feito isso, porra.”

“Se você tivesse feito isso, teria sido torturado e morto. Cabeça em uma estaca que eu teria sido forçada a dourá-lo.”

“Ou eu teria tirado você daqui,” ele diz teimosamente. “Feito você livre. É isso que importa.”

O fato de que ele sequer considerou isso diz muito.

Ele levanta a xícara, dá um longo gole e diz: “Midas queria levar você com ele em sua própria caravana para o Quinto Reino, você sabe.”

Minha testa franze. “Sério?”

Digby acena com a cabeça lentamente, os olhos baixos em seu copo. “Fui eu quem sugeriu que seria mais inteligente enviar vocês separadamente, caso algo acontecesse com o enviado real. Convenci-o de que precisava avaliar as coisas em Ranhold antes de mandar buscá-la. Para ter certeza de que você estaria segura lá. Prometi a ele que protegeria sua viagem para o Quinto. Que você estaria segura com as outras selas.”

Seu rosto está preocupado novamente, a testa enrugada em pensamento, enquanto eu apenas caio contra o meu assento, absorvendo.

“Mas realmente, eu sabia depois do que aconteceu com o Rei Fulke, você só precisava de um tempo longe do bastardo. Ele sempre manteve você tão fodidamente apertada em seu punho.” Sua própria mão se enrola como se estivesse imaginando o aperto de Midas em torno de mim agora. “Mas eu quase fiz você ser sequestrada pela porra dos piratas da neve.”

Minha mente gira com esta informação. Não fazia ideia de que a culpa de Digby era tão profunda.

“Se não fosse por você, eu poderia nunca ter saído daquela jaula. Essa viagem foi o catalisador de tudo,” digo a ele. “E você está certo, eu precisava de um tempo sozinha. Esse foi meu primeiro gosto de liberdade em muito tempo e, se não tivesse acontecido, eu não teria conhecido Rip naquela noite. Eu não teria começado a questionar... tudo.” Balanço a cabeça, sentindo meu peito apertar. “Você não pode continuar se culpando, Digby. Porque todas as coisas horríveis que aconteceram comigo me trouxeram até aqui.”

Digby me observa atentamente, e deixo que ele veja a verdade em meu rosto. Deixe-o ver que quero dizer exatamente o que disse.

“E estou feliz por estar aqui, Dig,” acrescento um murmúrio. “Apesar de tudo, estou feliz por estar aqui com você.”

Eu o vejo engolir em seco, seus olhos ficaram vidrados pouco antes de ele farejar. Nós dois, entendemos a evolução, testemunhamos a jornada de lá para cá ao longo de todos esses anos. Então eu respiro fundo, e então dou de ombros para a minha dor agarrada. Porque não estamos mais lá. Estamos aqui.

E eu quero aproveitar ao máximo.

Eu pego a garrafa, colocando mais vinho em seu copo. “Então, o que você acha de finalmente jogarmos aquele jogo de beber?”

Ele pisca para mim, deixando escapar uma gargalhada enquanto arrasta seu copo em sua direção. “Tudo bem, Senhora Auren. Você pode ter seu jogo de beber.”

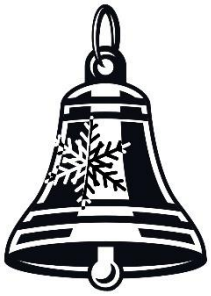
Meus lábios se curvam e ergo a garrafa em um brinde. “Não vive mais o rei.”

Sua boca se curva em um raro sorriso que não tenho certeza se já vi. “Não vive mais a porra do rei. E que você chute a bunda de qualquer um que tente te machucar novamente.”

Acho que é a maneira perfeita de começar nosso jogo.

Eu bato a garrafa contra seu copo. “Meus pensamentos exatamente.”

CAPÍTULO 22



Rainha Malina

O homem sentado à minha frente é polido e equilibrado, como se tivesse crescido na corte real a vida toda. Na verdade, ele tem sido um nômade sem raízes. Ele viajou por toda a Orea fazendo biscates, ajudando os pobres, afugentando ladrões e assaltantes.

Porque ele decidiu vir para esta borda congelada do mundo, eu não sei. Mas ele apareceu para visitar Highbell, e quando o vi aparecer na Corte pela primeira vez, nossos olhos se encontraram. Ele está aqui desde então, embora eu ainda não consiga entender. Ele parece ter acabado de cair do céu.

"Você é muito bonita."

Meus lábios se curvam com o elogio. "Eu sei."

Tenho certeza de que minha resposta o pegou desprevenido, porque seus olhos castanhos se arregalaram um pouco antes de ele soltar uma pequena risada.

Mas é verdade. Eu sei que sou bonita. Qualquer pessoa bonita que diga o contrário está mentindo. Às vezes, é para pescar elogios. Mas, principalmente, é porque eles foram ensinados pela sociedade - homens, em particular - que temos que minimizar nossa beleza, apenas deixar que eles a determinem. Para parecer humilde. Mas não preciso ser humilde.

Eu sou uma princesa.

Claro, ser uma princesa também tem suas desvantagens. Agora, por exemplo. Em vez de poder ter essa conversa em particular, há uma audiência. Três das minhas damas de companhia estão bordando perto da janela. Embora até eu possa dizer que elas estão mais interessadas em bisbilhotar do que em fazer seus pontos. Eu deveria ir até a lareira que fica no canto da sala de chá e jogar seus aros nas chamas, deixando-as empacadas. No entanto, minha mãe me ensinou a nunca deixar meu temperamento esquentar. Imprudência, acessos de raiva, explosões, nunca são bem pensados.

A punição é melhor servida fria.

"Você me disse que frequentou teatros durante suas viagens pelos outros reinos," eu respondo, olhando para ele. "Tenho certeza que você conheceu muitas mulheres bonitas."

Ele inclina a cabeça como se estivesse pensando, deixa uma mão correr pelo fio de ouro ao longo de seu colarinho. "Nenhuma como você."

Eu sei disso também. Não há uma única linhagem familiar cujos herdeiros nasçam com cabelos brancos como a neve - essa é uma característica dos Colier. Eu tive sonetos cantados para mim, artistas que pintaram minha imagem como uma rosa branca crescendo na neve de Highbell. Sou elogiada desde pequena por minha beleza única.

Também recebi muitas propostas de casamento, mas desta vez é diferente.

Desta vez, o homem sentado à minha frente encantou meu pai. E só há duas coisas que podem encantar meu pai: poder e riqueza.

Tyndall Midas por acaso tem os dois.

Inclinando-me para a frente, estendo a mão para pegar o bule da mesa à nossa frente e despejo mais chá antes de tomar um gole. Ainda está quente, apesar do fato de estarmos sentados aqui conversando na última hora.

"Então, isso é algo que você gosta de fazer aqui? Ir ao teatro na cidade?" pergunta Tyndall.

Depois de tomar outro gole, coloco o copo de volta na mesa de vidro. Posso ver nossas pernas por baixo, a minha envolta pelas saias do meu vestido branco, e as dele envoltas em calças marrons, as fivelas de suas botas de ouro maciço.

"Talvez não goste de teatro tanto quanto deveria," admito.

Ele inclina ligeiramente a cabeça, fazendo com que as chamas da lareira projetem seus cabelos dourados em uma sombra alaranjada. "E por que isto? Achei que a maioria das mulheres jovens adorava assistir às peças."

"Mas é só isso, não é?" Eu respondo, acariciando a mão contra o cabelo que está jogado sobre meu ombro. "Eles estão jogando. Já estou farta de pessoas fingindo no palco enquanto estou na Corte."

"Acho que não vou pedir para você ir a um comigo, então." Um sorriso largo e brilhante surge no rosto de Tyndall. Tenho que admitir, a visão faz meu estômago revirar. Não sou do tipo que fica tão casualmente encantada. Outro efeito colateral da adulação da Corte. No entanto, isso é diferente. Eu não desgosto de suas atenções. Por um lado, ele não é deste reino e, portanto, é algo novo. Por outro lado, quando ele olha para mim, parece que está realmente interessado em mim.

Ao contrário dos outros possíveis pretendentes, ele não se encontra constantemente com meu pai. Em vez disso, ele coloca toda a sua atenção em mim.

"Pelo contrário," eu digo a ele. "Tenho a sensação de que não ficaria nem de longe tão aborrecida quanto normalmente fico quando vou com minhas damas."

Quando ele sorri de novo, encontro meus próprios lábios se curvando também. O movimento faz minhas bochechas doerem. Eu não sorrio com muita frequência. Não sou do tipo que dá sorrisos falsos ou simples. Só sorrio quando a pessoa ou o momento realmente o justificam.

É assim que se sente quando se apaixona?

O sorriso, o aperto no estômago? Eu não tenho ninguém para perguntar. Não com minha mãe morta e enterrada, certamente não com meu pai, que só fala comigo do outro lado de uma mesa de jantar formal ou durante uma função na Corte. Prefiro arrancar

meus próprios dentes com uma colher serrilhada do que perguntar às minhas damas afetadas.

Acho que o teatro vai servir para alguma coisa, afinal. Os romances representados naquele palco são os únicos exemplos pelos quais posso me basear.

"Você daria um ótimo protagonista," eu digo a ele, os olhos varrendo sua figura.

"Bem, pelo que você explicou, haverá muitas oportunidades na corte para eu tentar uma boa farsa."

Deixei escapar uma pequena risada. "Estou ansiosa para assistir ao seu desempenho. Na verdade, você estará se apresentando pelo que eu entendi?"

"De fato," diz ele. "Se tudo correr bem, me apresentarei à sua corte com uma demonstração formal de magia."

"Devo admitir, estou especialmente animada para vê-lo. Pelo que meu pai disse, sua magia é fascinante."

"Vou dourar algo só para você," diz ele com uma piscadela.

Meu coração pula uma batida. "Eu gostaria muito disso."

Seu sorriso suaviza, mas quando estendo a mão para pegar minha xícara de chá novamente, ele captura minha mão. Um suspiro suga através de meus lábios em um movimento tão ousado, e meus olhos disparam para a direita novamente para ver se minhas damas notaram, mas felizmente, elas estão realmente mantendo suas cabeças baixas em seu bordado pela primeira vez.

"Sua mão está muito fria," diz ele baixinho enquanto seu polegar patina sobre minha pele.

"São sempre assim." Estou envergonhada com o quão abalada minha voz soa. "Tudo sobre este reino é frio. Sua princesa incluída."

Ele cantarola baixinho, os olhos fixos na minha pele pálida, enquanto eu aproveito o momento para poder estudar seu rosto. Ele é bonito, não há dúvida sobre isso. Com seu rosto barbeado e sobrancelhas arqueadas e tanto charme reunido em uma única

expressão. Não é de admirar que minha respiração fique presa novamente quando ele ergue os olhos para os meus.

Por um momento, me perco nas profundezas de seus olhos e me pergunto se ele se perde nos meus. Já ouvi alguns homens dizerem que o azul claro dos meus olhos é enervante. No entanto, quando ele olha para mim assim... não acho que ele esteja nervoso.

Não, ele olha para mim como se estivesse pensando em fazer coisas inapropriadas durante o chá da tarde.

"Posso te fazer uma pergunta, princesa?" ele ronrona, fazendo um arrepio percorrer minhas costas.

"Sim."

"Se eu pedisse sua mão em casamento, você aceitaria?"

Meus olhos se arregalam. Claro, eu sei que ele e meu pai têm discutido sobre isso. No entanto, isso é algo que os homens sempre decidem - especialmente quando se trata da realeza, e ainda mais quando se trata de uma princesa impotente.

"Você está pedindo minha opinião?" A ideia é ridícula. Nenhum dos outros possíveis pretendentes jamais me perguntou se eu queria ou não me casar com algum deles. O fato dele estar perguntando é um pouco incompreensível.

"Eu estou," diz ele.

"A opinião do meu pai é a que importa." Há uma pitada de amargura rastejando sobre minhas palavras como formigas mordendo. "Você tem um poder e uma riqueza incríveis que podem restaurar a glória e a estabilidade do Sexto Reino."

"Sim," diz ele lentamente. "Mas não estou perguntando sobre seu pai ou seu reino. Estou perguntando sobre você."

Assustada, pisco para ele, minha coluna reta batendo no encosto da cadeira.

"Se você não quer isso, diga-me de uma vez," diz ele, os olhos olhando entre os meus, sua mão ainda segurando a minha com um calor constante que é tão estranho.

“Eu nunca desejaria seguir em frente com algo que você não desejasse. Isso a deixaria feliz, princesa?”

Sinceridade escorre de seu tom como mel de uma colher. Lento e doce, fazendo-me querer inclinar-me para a frente e lambê-lo.

Deve ser assim. Deve ser disso que tratam todas aquelas peças românticas bobas.

“Eu ficaria feliz,” eu finalmente respondo baixinho, embora essa palavra... eu não tenho certeza se realmente sei o que significa ser feliz. Não sou feliz desde antes de minha mãe morrer, anos atrás. Mas gostaria de ser feliz novamente.

Eu gostaria de ter um marido de quem eu realmente gostasse. Quem realmente gostou de mim. Gostaria de ter o controle da minha vida e não ser sempre afastada pelo meu pai, punida para sempre por ter nascido menina sem nenhuma magia. Se não fosse pelo meu cabelo branco Colier, suspeito que ele pode ter tentado me denunciar como sua herdeira anos atrás.

Nem percebo que uma lágrima escorreu pelo meu rosto até que Tyndall solta minha mão para enxugá-la.

Nem uma vez um homem tocou minha bochecha. Meu próprio pai nunca deu um beijo lá quando eu era jovem. Então talvez seja por isso que parece uma coisa tão íntima. Talvez eu esteja tão faminta e assustada com o toque, que é a razão de eu congelar sob ele.

“Nada disso,” diz ele em voz baixa, e eu não sei se quero chorar ou sorrir, mas de alguma forma ele me fez fazer as duas coisas na mesma hora, quando eu fiquei sem nenhum dos dois por tanto tempo.

Fico maravilhada com a sensação de sua mão segurando minha bochecha. Maravilhada com a forma como, pela primeira vez na minha vida, eu realmente quero.

No entanto, o momento é interrompido com o golpe agudo que vem do pigarro. De repente, lembrando que não estamos sozinhos, eu me afasto dele, olhando para minhas damas. Elas estão todas olhando para mim agora, desaprovação puxando suas

sobrancelhas. No entanto, seu castigo não parece verdadeiro. Não com o brilho de excitação em seus olhos agora que elas têm uma fofoca para depois espalhar por todo o castelo.

Como eu as odeio.

Limpando a garganta, paro por um momento para me recompor enquanto passo as mãos pela saia. No entanto, não é o tecido que sinto, é seu toque, a maneira como seus dedos se enrolaram na palma da minha mão. O calor que se infiltrou de sua pele para a minha. O rastro da lágrima que ele enxugou com a ponta do dedo.

"Princesa..." Tyndall começa, mas isso também é interrompido.

A porta da sala de chá se abre e meu guarda principal entra com uma reverência. "Perdão, Alteza, mas seu pai pediu para ver o cavalheiro."

Tento não deixar transparecer a decepção quando nos levantamos. "Claro," eu digo enquanto nos dirigimos para a porta. "Vou juntar-me a ti."

No entanto, o guarda balança a cabeça. "Rei Colier foi específico. Ele quer se encontrar apenas com o cavalheiro."

Minha espinha enrijece, a raiva pressionando meus lábios com força. Tyndall passa uma escovada leve, mas reconfortante, nas minhas costas ao passar. "Está tudo bem, princesa. Falarei com seu pai, e então poderemos ir ao teatro, certo?"

Eu dou um aceno afetado. "Gostaria disso."

Ele se abaixa em uma reverência elegante e então se vira e sai da sala. O guarda se retira mais uma vez, enquanto eu volto para a mesa e tomo um gole do chá que já esfriou, embora eu realmente não perceba.

Aos olhos do meu pai, ainda sou um acessório - e um acessório inadequado. No entanto, toda vez que ele tenta me casar, sempre falha porque ele não aceita nada menos do que um preço exorbitante pela minha mão.

Afinal, ele sabe que ao me casar, também está entregando seu reino. E seu reino está em apuros, tão emaranhado em dívidas que será necessária uma tesoura pesada para cortá-lo. Para sua sorte, Tyndall aparentemente tem ouro maciço.

Os sussurros suaves de minhas damas fazem meu olhar se voltar para elas, o cabelo na parte de trás do meu pescoço eriçado como o de um gato eriçado.

Saiam. Vá embora. Pare com sua tagarelice insolente e estúpida.

Isso é o que eu quero dizer. Isso é o que eu faria, se eu fosse rainha.

Se esse contrato de casamento realmente for cumprido, posso ter um marido que venha a me amar. Na verdade, posso ter algum poder aqui em meu próprio reino, embora não tenha nenhuma magia para falar.

Eu posso ter algum controle. posso ser feliz. Posso ter meu próprio filho e criar outro herdeiro Colier digno do trono, que terá magia suficiente para mantê-lo.

Tyndall Midas parece ser a resposta para minha esperança não dita. Então eu fecho meus olhos, decidindo que vou realmente expressá-los.

Grande Divino, ouça minhas orações...



Eu acordo com um sobressalto.

Meus olhos estão arregalados, meus ouvidos latejando com o som do meu próprio apelo sussurrado em minha cabeça, como um eco eterno. Até minha bochecha parece queimar com o toque de Tyndall há muito tempo, como se fosse apenas alguns momentos atrás, em vez de anos.

Idiota.

Eu era uma tola ingênua e ignorante.

Amargura aguda sobe como cacos de gelo em minha língua que tento engolir. O sonho era uma réplica exata, como se aquela memória tivesse sido arrancada da minha consciência e reproduzida por trás dos meus olhos cansados.

Porque minha mente me atormentaria com isso agora, não faço ideia.

Provavelmente porque estou presa na parte de trás de uma carroça de madeira, usando meu casaco como cobertor, tendo uma encosta curvada como única forma de abrigo. Por que quando você está fisicamente vulnerável, sua mente decide ficar vulnerável também?

Sento-me, meus movimentos rígidos com a irritação. O abrigo do topo da colina nevada é insignificante e risível, mas mantém um pouco o vento sob controle. O que ele não mantém sob controle são as memórias que continuam pulando em minha mente como molas quebradas, rompendo o colchão para me cortar sem aviso prévio.

Os tempos com Tyndall se repetem enquanto estou dormindo. Mas quando estou acordada, vejo Jeo. Eu vejo minha sela sardenta sendo esfaqueada na neve, seu sangue tão vermelho quanto seu cabelo. Eu vejo o homem sombrio distorcendo a escuridão e a luz, olhando-me sob um capuz e apontando para mim como a morte encarnada vindo me caçar.

Meu corpo estremece involuntariamente, embora não seja de frio. O frio nem parece me tocar.

“Minha rainha?”

Movendo meu corpo, eu bato uma barreira entre essas memórias enquanto me inclino sobre a carruagem. Vejo Sir Pruinn esparramado no chão com os cavalos, as mantas das selas estendidas sob eles como uma camada frágil contra a neve.

Apesar de nossa viagem difícil, ele não parece amarrotado. Suas roupas sob medida ainda não estão amassadas, suas botas mantêm o brilho e seu queixo bem barbeado, embora eu não saiba quando ele teve tempo de se barbear. Sua pele nem parece estar rachada por causa do ar gelado que sempre bate em nossos rostos.

“Desejo começar o dia, Sir Pruinn.”

Ele se senta de onde estava descansando contra o animal, buscando seu calor, inclinando a cabeça para cima como se precisasse fazer isso para confirmar que ainda está escuro lá fora. “Ainda não amanheceu.”

“Não é muito longe,” eu respondo antes de me virar e pegar meu casaco, vestindo-o. O odre que Pruinn me deu cai de suas dobras, batendo nas tábuas de madeira da carroça com um baque. “A água congelou.”

Eu o ouço suspirar, mas então ele está de pé, se espreguiçando um pouco antes de vir para pegá-lo. Ao fazer isso, ele roça meus dedos, e suas sobrancelhas escuras e severamente arqueadas se erguem. “Minha rainha, você realmente deveria reconsiderar dormir na carruagem. Os cavalos oferecem calor...”

“E eles oferecem seu fedor também,” eu digo, interrompendo-o.

“Sim, mas...”

“Eu estou bem na carruagem, Sir Pruinn,” eu digo afetadamente. “O que não me agrada é perder tempo.”

Sem esperar por uma resposta, desço da carruagem e ando pela neve para fazer minhas tarefas matinais. É completamente incivilizado ser exposta e forçada a se agachar como um animal, com a neve caindo como uma pia.

Quando termino, volto para onde Pruinn já atrelou e alimentou os cavalos. Felizmente para nós, o fundo da carroça estava cheio de fardos de feno e alguns alqueires de comida. Mesmo com o racionamento, nosso abastecimento já caiu pela metade.

Não discutimos o que acontecerá se os cavalos ficarem sem feno e não puderem mais nos carregar. Ou o que acontecerá quando nossas próprias reservas acabarem. Não tenho certeza se quero saber.

Eu ando enquanto ele está terminando com os animais, o céu escuro. Um véu monótono é lançado sobre ela, como se até as nuvens parecessem subjugadas esta manhã. “Quantas noites mais eu espero estar nos elementos do Sexto Reino assim?”

Ele vasculha sua bolsa de ombro, tirando uma bolsa familiar. Depois de cavar, ele me entrega uma barra de aveia. Isso, mais carne seca e frutas secas, compõe tudo do que temos vivido, junto com a neve derretida para a água. “Como estamos começando tão cedo, devemos terminar amanhã.”

Minha mão cai, barra de aveia e sede esquecida. “Estaremos fora dos elementos amanhã?” Eu digo, esperança crescendo em meu tom. Não há cidades ou aldeias por aqui, disso tenho certeza, mas talvez um comerciante viajante como ele conheça uma propriedade solitária? Em algum lugar onde possamos dormir e ser alimentados com algo mais do que pacotes de viagem?

Mas Sir Pruinn balança a cabeça, puxando o capuz de seu casaco sobre seu cabelo loiro curto, assim que começa a nevar levemente. “Não os elementos. Estaremos fora do Sexto Reino.”

Isso me interrompe. “Já?”

“Lembra do mapa?” ele diz com um sorriso, seus olhos cinzentos quase brilhando. Fico arrepiada, porque ele está falando sobre o mapa que aparentemente me mostra como alcançar o maior desejo do meu coração. “Isso me mostrou um atalho.”

Minhas costas endurecem. “Claro que sim.”

“Achei que isso a deixaria feliz, minha rainha.”

Isso a deixaria feliz, princesa?

Eu cerro meus dentes alto o suficiente para abafar a memória das palavras de Tyndall em minha cabeça, e então giro de volta para a carruagem, acomodando-me nela para mais um longo dia de viagem sem fim. Em direção a quê? Não faço ideia. Talvez seja tudo mentira, e Sir Loth Pruinn, o estranho, embora magnético mercador viajante, não passe de uma fraude. Talvez ele esteja me levando para o arruinado Sétimo Reino, onde ele vai me jogar da borda do mundo.

Eu seria feliz.

Idiota.

Tola, ingênua e ignorante.

CAPÍTULO 23



Auren

Já faz uma semana inteira. Sete dias de treinamento. Durmo até o anoitecer, quando o Slade já sumiu para onde quer que vá, aí me visto e venho aqui treinar com o Judd até dar vontade de desmaiar. Em seguida, lavo-me o melhor que posso, sem molhar as ataduras, e me junto a todos para jantar.

Eu não cozinho. Acho que todos concordamos que é o melhor.

Depois do jantar, costumo juntar-me aos outros jogando cartas enquanto Hojat lê ou mistura alguma nova tintura para experimentar em Digby ou em mim. A tempestade ainda não parou. Posso ouvi-la soprando pela entrada da caverna o tempo todo, rugindo contra o abrigo da Gruta.

E eu, fico acordada muito depois de todos irem para a cama, não adormeço até o amanhecer. Não confio em mim mesma para acordar com o sol. Mas... eu não dourei nada. Nem uma única vez. Nem mesmo enquanto eu dormia na cama. Minhas roupas emprestadas são da mesma cor marrom e preta de antes, os cobertores e peles na cama intocados pelo meu poder.

Não sei o que isso significa, mas estou silenciosamente fervendo de preocupação, evitando o assunto a todo custo.

Quando acordei naquela caverna e senti o poder correndo por mim, só precisava que parasse. Ser fechado. Porque meu ouro não é confiável. Especialmente não aquela faceta que eu nunca soube que era capaz antes.

Agora... agora parece que está completamente quebrado. Como se o que eu fiz em Ranhold naquela noite tivesse mudado meu toque de ouro irreparavelmente. Mas vou me concentrar apenas em ficar mais forte fisicamente por enquanto. Então eu durmo a luz do dia em vez de me preocupar obsessivamente sobre porque meu toque de ouro parece ter secado.

"Você está olhando para os seus pés de novo."

A voz de Judd faz minha cabeça torcer. "Desculpe."

"Não pode ter os olhos enterrados no chão," ele me diz. "Ou a viga. Agora dê três passos para a frente. Sem olhar."

Eu mordo meu lábio, lutando contra cada instinto de olhar para baixo. A viga de madeira sob meus pés deve ter pelo menos três metros de comprimento. Quando entrei no Dente ontem, ele estava esperando por mim bem no meio da sala. Não consigo nem imaginar o quão pesado deve ser. Quando perguntei a Judd, ele disse que Slade e Ryatt haviam trazido antes para mim. Estou um pouco desapontada por não ter visto eles carregando.

Nos últimos dois dias, não tenho feito nada além desses exercícios de trave. Está me forçando a reaprender a equilibrar. Eu caí mais vezes do que posso contar. Minhas pernas doem, os arcos dos meus pés parecem torcidos e até meus dedos estão doloridos. Mas eu não desisto.

"Um," Judd conta enquanto coloco um pé na frente do outro. "Dois, três... Ótimo."

Ele caminha ao longo da viga no chão ao meu lado, a luz azul da mandíbula do Dente lançando uma longa sombra atrás dele.

"Agora eu quero que você se vire e dê três passos para o outro lado."

Eu gemo. "Eu tenho que fazer isso?"

Judd ri. “Vamos, Dourada.”

Ele me fez fazer esse mesmo movimento tantas vezes, mas eu sempre perco meu maldito equilíbrio. Meu corpo ainda quer contar com as fitas que não existem mais. Ainda assim, eu me forço a torcer o pé de trás e girar... apenas para sair da trave e cair de bunda no feno no chão.

Eles são esquisitos. Não é ótimo.

Eu solto um grunhido de frustração, batendo minha mão contra a viga e então ficando ainda mais irritada quando pequenas lascas quebram nela. Eu arranco minha luva e a jogo no chão.

“Novamente.”

Lancei um olhar para Judd. “Te odeio.”

“Tem que andar antes de poder correr, Dourada. Ou, no seu caso, precisa se equilibrar antes de parar de cair de bunda.”

“Obrigado por conceder essa sabedoria.”

Ele limpa o ombro de seu casaco preto. “A qualquer momento.”

Fico de pé na viga, tentando ignorar meus pés latejantes e tornozelos doloridos, meus braços levantando-se automaticamente para tentar manter o equilíbrio. Os músculos das minhas pernas se contraem para me manter firme.

“Caminhe até o fim.”

Concordo com a cabeça e vou devagar, mas meus olhos se movem para baixo para verificar se não estou prestes a sair da borda.

“Eu vi isso. Nada de espiar.”

Juro que este homem tem uma capacidade incrível de saber para onde estou olhando. Levantando meus olhos, mantenho minha linha de visão do outro lado da caverna.

“Não pense demais nisso. Pronto... Agora pare e vire.”

Eu faço isso sem pensar, girando na ponta do pé... e na verdade não caio. Em vez disso, meu outro pé planta perfeitamente na frente do que acabei de girar e, antes que eu perceba, estou de frente para o outro lado.

Meus olhos se arregalam, e um enorme sorriso surge em meu rosto. “Eu fiz isso!”

“Muito bem,” diz ele com uma palmada. “Agora vamos fazer isso mais dez vezes.”

Meu sorriso desaparece do meu rosto. “Não deveríamos apenas terminar com esta nota alta?”

“Boa tentativa,” diz ele, caminhando para ficar paralelo a mim. “Agora que sabemos que você pode fazer isso, você vai dominá-lo.”

Judd não está brincando sobre fazer isso dez vezes. Provavelmente faço isso mais umas quarenta vezes no total, porque ele não conta se eu cair, me debater ou tropeçar.

O idiota.

No momento em que consigo completar meu décimo, eu caio no chão, joelhos para cima na minha frente, cotovelos apoiados neles enquanto deixo cair minha cabeça em direção ao meu colo e ofego. Estou coberta de suor e lascas, e meus pés estão me matando.

“Meus tornozelos parecem querer estourar na minha pele.”

“Você fez bem,” diz Judd, vindo até mim e me passando um pouco de água.

Eu engulo, nem mesmo me importando que um pouco pingue dos cantos dos meus lábios e desça pelo meu queixo. Quando devolvo a ele, digo: “Obrigado por me pressionar, Judd.”

“A qualquer momento. Agora, não se esqueça de pegar um pouco de neve e usá-la para congelar seus pés e pernas. Porque amanhã faremos mais trabalho de viga.”

Eu gemo, esfregando minha panturrilha em espasmos. “Eu odeio congelá-los.”

“Mas ajuda.”

“Ajuda,” eu cedo. Hojat não apenas ajuda a congelar meus músculos doloridos, mas também coloca pacotes de neve nas minhas costas. Por mais que eu odeie enquanto está ligado, realmente ajudou muito.

“Pronta para ir?”

Concordo com a cabeça, e quando pego a mão de Judd para que ele me ajude a me levantar, nem sequer estremeço. Já estou me acostumando mais a tocar. É estranho quanta coisa mudou em tão pouco tempo.

Juntos, deixamos a entrada rachada dos Dentes, derramando-nos na caverna principal da Gruta. Assim que o fazemos, vejo uma figura caminhando em nossa direção e, embora meus olhos não se ajustem imediatamente, meu corpo sabe exatamente quem é.

Quando Slade está perto o suficiente para que eu possa ver as linhas sombreadas de seu rosto, sua atenção intensa derrama meu batimento cardíaco em um escoamento disperso.

“Você está mancando,” ele diz como forma de saudação, parando na nossa frente.

“Estou bem, meus pés estão apenas doloridos.”

“Eu disse a ela para congelá-los,” Judd diz a ele. “Mas ela se saiu bem hoje. Seu equilíbrio já melhorou. Ela está pronta para seguir em frente assim que suas costas estiverem um pouco mais curadas.”

Slade acena com a cabeça, e posso ver a aprovação em sua expressão. “Eu gostaria de levá-la a algum lugar, se você estiver disposta.”

Minhas sobrancelhas levantam em surpresa, e meu pulso acelera. Parece que ele está me evitando. Jantamos juntos com os outros, mas ele sempre sai para fazer as coisas enquanto eu adormeço sozinha, e depois acordo do mesmo jeito. A única indicação de que ele realmente ficou lá comigo é que o fogo é sempre cuidado, o travesseiro do lado dele sempre recuado. Eu realmente não posso culpá-lo embora. Sou eu que estou dormindo o dia todo.

“Será algo relaxante, eu prometo,” ele me diz, obviamente percebendo minha hesitação.

“Tudo bem,” eu digo com um aceno de cabeça, embora me sinta culpada por fazer parecer que ele tem que me convencer. Ele ainda está se sentindo muito culpado por toda essa coisa podre. “Gostaria disso.”

Alívio passa por seus olhos pouco antes de Judd nos dar um tapinha nos ombros. “Vocês dois se divirtam relaxando. Vou fazer Lu jogar cartas comigo. Ela pegou todo o meu dinheiro de novo ontem à noite.” Ele se vira e sai andando, sua silhueta desaparecendo na direção da casa.

Eu olho para Slade, muito consciente de que estamos sozinhos. Não estivemos sozinhos, não mesmo. Não desde que acordei naquela caverna e praticamente pulei nele.

Limpando a garganta, pergunto: “Para onde estamos indo?”

“Você vai ver.”

Então ele se vira e se ajoelha na minha frente. Suba.

Eu pisco. “O que?”

“Eu vi sua careta toda vez que você dava um passo. Quero carregar você, mas não quero machucar suas costas. Então suba.”

Meus pés se movem no lugar, mas mesmo isso causa um choque de dor em meus arcos. “Tem certeza?”

Ele olha para mim por cima do ombro. “Tenho certeza de que quero seu corpo pressionado contra o meu enquanto eu carrego você para que você não sinta dor? Sim.”

Não posso deixar de sentir um pouco de emoção com a maneira como ele olha para mim.

“Tudo bem,” eu digo baixinho.

Tentativamente, eu envolvo meus braços em volta de seu pescoço, e ele instantaneamente me levanta, minhas pernas indo ao redor de seus quadris. Isso imediatamente me faz pensar na outra vez em que minhas pernas o envolveram, só que eu estava presa em sua frente, apertando contra ele e desesperada para ficar ignorante, para não ter que pensar, para ser punida e sentir prazer enquanto meu mundo desabava ao redor. Eu.

Slade me ajusta em suas costas enquanto se endireita, suas mãos fortes descendo para agarrar minhas coxas. As leggings grossas não fazem absolutamente nada para manter uma barreira contra seu toque, porque eu posso senti-lo, queimando a pele das minhas pernas, me fazendo formigar.

“Tem certeza que está tudo bem?” Eu pergunto, já que minha figura de ampulheta significa que não sou um galho.

Seus dedos cavam em minhas coxas, deixando uma risada sombria ressoar contra meu peito. “Mais do que bem, e acho que provei isso outro dia, não é?”

Eu não preciso de um espelho para saber que minhas bochechas estão queimando com um rubor dourado.

Ele começa a andar, indo na direção oposta de Judd, para longe de casa. Seus passos são firmes, seu toque forte, mas não posso evitar os nervos que estão pulando em minhas veias.

“Relaxe, Auren.”

É como se meu corpo estivesse esperando por esse comando, porque assim que ele diz, sou capaz de liberar o aperto em torno do meu nervosismo. Lentamente, deixei meu corpo relaxar, meus seios pressionando contra essas costas musculosas, minha bochecha descansando em seu ombro. Eu silenciosamente me deleito com isso. Esse sentimento ainda é muito novo.

Nunca me senti tão segura quanto quando ele está me segurando. Quando meu corpo está contra o dele. Não é segurança com amarras, não é conforto com condições.

Ele me segura como se não quisesse mais nada em troca, e é tão estranho que ainda me surpreendo com o quanto isso pode ser para mim.

"Seus pensamentos estão muito altos aí atrás," diz Slade.

Eu olho para as linhas finas de azul ao longo do teto. "Vou tentar mantê-los baixo."

"Pelo contrário, quero que você os expresse."

"Eu estava pensando... que isso ainda é muito novo. Que há tanto que não sabemos um sobre o outro."

Ele não responde de imediato, em vez disso deixa seus pensamentos se infiltrarem no ar. "Isso é verdade," ele finalmente responde. "Suponho que nós dois aprendemos a ser muito bons em guardar segredos."

Eu deixei escapar uma pequena risada. "Isso é um eufemismo."

"Mas eu acho que é o que eu mais espero," ele confessa, sua voz soando sensualmente baixa. "Descascando você, camada por camada. Aprendendo você por dentro e por fora." Suas mãos apertam minhas coxas, e mesmo que ele não esteja falando sobre nada sexual, meu corpo ainda responde como ele, minha mente imaginando-o tirando as camadas de minhas roupas e me desnudando de uma maneira completamente diferente. "Estou ansioso por cada detalhe seu que você me revelará."

Engulo em seco, tentando e não conseguindo evitar que o calor se acumule na minha barriga. "Estou ansiosa por isso com você também."

Sua cabeça vira para o lado para que ele possa me olhar por cima do ombro. "Bom."

O pensamento de me despir para ele - em mais de uma maneira - sempre envia meu pulso acelerado. É revigorante e vulnerável, tão assustador e tão emocionante.

Não sei se o tenho evitado ou se ele tem me evitado desde que acordei, ou talvez seja uma combinação dos dois, mas tudo isso parece tão complicado comparado a esse momento de silêncio no escuro.

“Onde estamos indo?” Eu pergunto a ele novamente.

“Que impaciência.”

Reviro os olhos. “Como se você fosse me deixar levá-lo a algum lugar sem lhe dizer onde era.”

“Ah, Canário, eu seguiria você até o fim do mundo e cairia no precipício, tudo por causa de um movimento do seu dedo.”

Meu estômago dá uma reviravolta. “Oh.”

“Ah, é verdade.”

Ele continua descendo a caverna e vira à esquerda. “Quase lá.”

Então vejo o que parece ser um beco sem saída, mas na verdade é um enclave bloqueado por uma pequena parede de pedra. Assim que Slade desliza em torno dele, há um... cheiro.

Meu nariz enruga. “Você acabou de...”

“Eu fiz o quê?”

Grande Divino. É forte. Tenho que reprimir a vontade de tapar o nariz.

Eu limpo minha garganta. “Eu simplesmente não posso deixar de notar que cheira. Seriamente. De repente.”

Uma risada assustada sai dele. “Esse cheiro não está vindo de mim, eu garanto. Embora eu esteja um pouco preocupado que você pense que eu poderia produzir algo tão... pungente.”

“Eu também estava preocupada, acredite em mim.” O cheiro está consumindo o ar, mas então percebo que o ar também está úmido, e há um som borbulhante constante ficando cada vez mais alto.

“Aqui está o culpado,” Slade me diz, assim que ele faz outra curva, onde a pequena caverna se abre para uma sala cheia de vapor. A umidade gruda instantaneamente em minha pele e roupas, e o som suave de borbulhar chama minha atenção para a poça de água logo à frente. “Eu escolhi esta caverna para construir a Gruta porque era grande o suficiente para ter uma casa e uma área de treinamento, mas esta fonte termal particular foi uma vantagem definitiva.”

“Esta é a única?”

“No meio dela. Mas há outras. Os aldeões que moram aqui têm um par além do pavilhão, dentro da montanha ali. É muito maior e tem alguns menores separados para mais privacidade.”

“Incrível,” eu digo, porque enquanto a piscina de água é provavelmente tão longa quanto a cama de Slade, tudo sobre este enclave é aconchegante e íntimo. Eu me acostumei tanto com o ar frio constante que praticamente me derreto nesse calor úmido.

Assim que Slade me coloca no chão, eu olho ao redor do espaço suavemente brilhante. “É tão bonito.” As veias de fluorescência que correm ao redor das paredes e teto levemente abobadados são refletidas na água abaixo, o azul se agarrando ao ar nebuloso.

Eu me aproximo, a pedra sob minhas botas escorregadia com a umidade empoçada. A fonte termal fica no meio da área, e há uma pequena parte de rocha elevada que forma uma prateleira ao redor dela. A própria água está em constante movimento das bolhas suaves que se elevam no centro. Ajoelhando-me, mergulho um dedo nela e praticamente ronrono com o calor.

Com um barulho atrás de mim, eu me viro, apenas para encontrar Slade tirando o casaco e colocando-o sobre uma pedra que se projeta do chão.

Quando o vejo arrancar a camisa em seguida, meus olhos se arregalam. Seu corpo nunca falha em me fazer explodir de calor. Todos aqueles músculos perfeitamente definidos, aquelas raízes tecendo sob sua pele pálida e curvando-se ao

redor de seus peitorais, espalhando-se pela clavícula e descendo pelos ombros. Ele é tão incrivelmente, lindamente fae.

"Achei que você merecia uma recompensa por treinar tanto," ele diz, e eu tenho que forçar meus olhos de volta para seu rosto sorridente.

Eu pisco para a fonte termal, a excitação borbulhando tanto quanto o calor da água. "Vamos entrar?"

Seu sorriso pisca através da sala escura. "Eu não traria você até aqui só para provocá-la. Sei que suas costas não estão mais enfaixadas, mas Hojat disse que não está pronta para um banho. Mas achei que poderíamos molhar os pés e as pernas juntos."

"Grande Divino, sim." Acho que posso chorar de alegria por causa dos meus pobres pés doloridos. "Mas... por que você tirou a camisa se estamos molhando os pés?"

"Não se preocupe, você não vai mergulhar na água – não até que suas costas estejam completamente curadas. Mas mesmo assim, vamos precisar nos despir, senão nossas roupas vão ficar encharcadas perto da fonte termal. O vapor é muito grosso."

Meus olhos se voltam para a piscina borbulhante, e ele está certo, posso ver com meus próprios olhos como o vapor é denso, mas isso não me faz parar de entrar em pânico.

"Eu prometo, o vapor vai ser gostoso."

Meu coração bate contra as grades das minhas costelas. "Estou dolorida," eu deixo escapar.

Os lábios de Slade se contraem. "Serei o cavalheiro perfeito," ele me garante. "Eu só quero cuidar de você, para ajudá-la a relaxar. Nada mais. E eu já vi você nua antes. Não há um centímetro de você que eu não tenha tocado."

Um calor que não tem nada a ver com as fontes termais vem borbulhando em meu núcleo. Mas é temperado com uma ponta de angústia.

Não tenho mais bandagens em volta de mim. Se eu tirar a camisa, ele vai ver. Ele verá os hematomas feios que sobraram. Os tocos enrugados e desgastados. Ele vai ver a ruína das minhas costas.

E ainda não consigo suportar isso.

Não sei quando ele se move atrás de mim, mas me assusto com sua voz suave. “Deixe-me.”

Seus dedos deslizam contra minha nuca, bem onde está o primeiro botão, e posso sentir o calor de sua respiração pressionando minha pele muito mais do que o vapor no ar.

Eu congelo, meus dedos agarrando a frente do meu colarinho enquanto minhas emoções ficam embaralhadas e confusas, como peças de quebra-cabeça todas abaladas.

“Não,” eu digo a ele, dando um passo para trás. “Eu só vou deixar isso aqui.”

Ele se move de volta para a minha linha de visão, mas não encontro seus olhos. O silêncio entre nós é como lodo, as águas turvas complicadas e confusas. Mas mesmo nesse silêncio, sei que ele ouve. Eu sei que ele está ouvindo o que eu não estou dizendo.

Não olhe. Eu não quero que você veja.

“Tudo bem,” Slade finalmente diz, seu tom quieto.

Eu o ouço caminhar em direção à fonte termal, e então um farfalhar de roupas me diz o momento em que ele abaixa as calças. Eu sinto minhas bochechas já aquecidas se inundarem com um rubor.

Meus olhos se movem para cima para ver seu corpo completamente nu, de costas para mim. Eu nunca consegui apreciá-lo desse ângulo antes. Observo enquanto ele caminha para a fonte termal, o vapor envolvendo-o quase completamente. No entanto, não obscurece a maneira como sua bunda se flexiona antes dele mergulhar mais fundo, até que sua metade inferior desapareça sob a superfície da água.

Ele se mantém no perímetro, evitando o centro borbulhante, e então o resto dele desaparece por um segundo também enquanto ele afunda todo o corpo. Quando ele se levanta, ele afasta o cabelo preto pingando do rosto, e o movimento é tão incrivelmente sexy que, apesar da umidade no ar, minha boca fica seca. Slade é todo duro, músculos esculpidos, um plano infinito de força e beleza masculina.

Neste momento, sinto-me carente. Suada do treino, cabelo emaranhado, minha pele provavelmente em manchas quentes e minhas costas...

Mais do que ninguém, Slade adorava minhas fitas. E agora elas se foram, e eu me sinto tão... incompleta. Inadequada. Não sei se algum dia deixarei de sentir isso.

“Vai entrar?” ele pergunta.

Com um aceno de cabeça, tiro minhas botas e depois tiro minhas leggings e meias, deixando-as em uma pedra saliente. A camisa bate em minhas coxas e eu me aproximo, envolta no vapor, olhando a água e sua pele rosada. “Como você não está fervendo vivo?”

“As bolhas são da água quente subindo constantemente para circular, mas o fluxo é bem lento. Não está muito quente, eu prometo.”

Deve haver algum tipo de saliência de pedra dentro da nascente, porque ele se senta, de frente para mim. Ele abre os braços de cada lado dele, as mãos descansando na borda do chão da caverna. Isso coloca seus músculos em exibição total, suas linhas de força apenas pouco visíveis enquanto se agrupam em torno de seus ombros.

“Venha aqui,” ele me diz, batendo na rocha sob sua mão. “Você pode sentar e deixar suas pernas de molho.”

Assentindo, meus pés descalços pisando no chão de pedra quente e escorregadio. Eu paro ao lado dele e, em seguida, sento-me com cuidado na borda da fonte termal. O vapor nos envolve tanto que faz o resto da caverna parecer quase inexistente, aquecendo-nos com um brilho azul leitoso.

Mergulho um pé na água e instantaneamente gemo com o calor delicioso. Sem perder mais tempo, deslizo meu outro pé, deixando minhas pernas descansarem até que a água quente bata em minhas panturrilhas.

"Grande Divino," eu expiro, saboreando o calor. "Isso é bom."

"Eu pensei que você poderia gostar."

Eu apoio minhas mãos atrás de mim. "Isso compensa o fedor."

Ele ri, e o barulho faz meus dedos se enrolarem na água. Eu lentamente começo a relaxar, os dedos puxando suavemente a bainha da minha camisa que fica na parte superior das minhas coxas. O tecido já está úmido, grudando em meus seios enquanto o vapor grosso agarra minha pele, deixando-me com uma sensação de orvalho e quente por toda parte.

"Tem certeza que o vapor está bom?" Eu pergunto nervosamente, minhas costas coçam levemente.

Slade assente. "Hojat disse que estava tudo bem por um tempo."

Deixando escapar um suspiro, eu aprecio a sensação da água borbulhante sob meus pés doloridos, meus olhos deslizando sobre as partes visíveis dele. "Suas linhas - elas geralmente se espalham por mais partes do seu corpo."

Ele olha para o peito como se quisesse ver o que estou vendo. "Elas não são tão pronunciados depois que eu expiro a magia."

Com os braços livres e nus, as linhas de seu poder são como folhas de grama negra movendo-se levemente com a brisa.

"Você tem que fazer muito isso?"

"Aprendi a segurá-lo por longos períodos de tempo."

Eu franzo a testa. "Isso deve ser doloroso."

"Pode ser," admite. "Mas aprendi a controlar há muito tempo, e parte disso tem a ver com saber quando me segurar... e quando deixar ir."

Seus olhos penetram em mim, e eu sei que ele está tentando me conduzir para esta conversa, para trazê-la de volta para mim. Mas eu não quero ir para lá.

Ainda não.

“Slade.”

“Precisamos conversar sobre isso,” diz ele com firmeza.

As lembranças daquela noite em Ranhold começam a me cercar tanto quanto o vapor enjoativo. A quantidade de poder que senti foi indescritível. Parecia alimentar algo sombrio em mim, parecia se multiplicar e crescer. Ter sua magia repentinamente parecendo tão incontrolável e estranha pode ser aterrorizante por si só, mas não era apenas a magia. Fui eu. Eu perdi o controle.

Assim como eu fiz em Carnith.

Jurei a mim mesma que manteria minha magia bem trancada, mas falhei de novo. Parece que tenho quinze anos, com uma nova magia pingando de dedos trêmulos e nenhuma ideia de como administrá-la.

“É isso mesmo?” Eu pergunto, minha voz ficando afiada, olhos cortantes nele. “Você só me trouxe aqui para me forçar a falar?”

Os ombros de Slade ficam tensos e ele lentamente abaixa os braços na água. “Eu nunca forçaria você a fazer nada,” diz ele, sua voz escurecida, como as bordas quebradiças de uma folha, enrolando e escurecendo com a queimadura. “E você deveria saber disso.”

“Bem, isso não é estritamente verdade, é?” Eu digo, as palavras voando da minha boca antes que eu possa me conter. “Não me lembro de ter pedido para você me apodrecer.”

Algo esticado e áspero irradia entre nós. Meu pulso bate contra minhas têmporas. Tenho que reprimir a vontade de colocar a mão sobre o peito, como se tivesse medo de que a podridão ganhasse vida porque eu toquei no assunto.

Slade se inclina ligeiramente para a frente, o vapor ondulando entre nós como espectros sinuosos, e eu gostaria de não ter dito isso. Eu gostaria de poder colocar as palavras de volta na minha boca e engoli-las. Porque eu não o culpo. Eu não me ressinto dele. No mínimo, estou agradecida, então nem sei por que disse isso além do fato de que estou atacando para não ter que enfrentar meu próprio chicote.

"Você está certa," diz ele, e apesar do calor da sala, um arrepio percorre minhas costas. "Mas eu vou te dizer isso agora, Canário, e você vai ouvir. Quando se trata de sua vida, quando se trata da opção entre você viver e morrer, eu sempre vou intervir. Sempre vou escolher fazer o que for preciso para garantir que você viva, porra."

Minha inspiração fica presa contra os degraus das minhas costelas, batendo contra elas com uma inutilidade oca.

"Eu odeio ter que usar meu poder contra você, mas não confunda minha culpa com arrependimento, porque você estará muito enganada. Eu faria isso de novo em um piscar de olhos."

Seu olhar é muito intenso, suas palavras muito contundentes. Meus olhos se abaixam, minha própria culpa borbulhando tanto quanto a água aquecida.

"Eu sinto muito. Não sei por que disse isso," confesso. "Eu não estou brava com você por isso. Se eu estivesse no seu lugar, teria feito a mesma coisa. Estou grata por você ter sido capaz de me impedir. Eu não estaria aqui agora se você não tivesse intervindo. Estarei sempre em dívida com você."

Ele não diz nada a princípio, e eu me preocupo por tê-lo realmente chateado, mas de repente sinto sua mão levantar minha perna. Eu me assusto, porque não o ouvi ou vi se mover, mas agora ele está bem na minha frente, seus dedos hábeis e fortes massageando o arco dolorido do meu pé enquanto ele está na água na minha frente.

Nossos olhos se encontram enquanto ele pressiona cada centímetro dolorido, os polegares circulando, as mãos movendo meu pé para cima e para baixo. "Você não está em dívida com ninguém, Canário, muito menos comigo," ele murmura enquanto

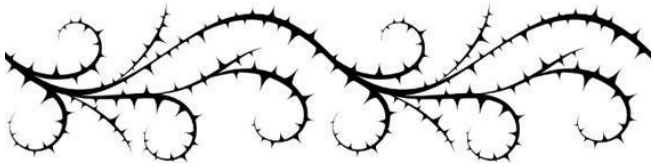
continua a liberar a tensão e a dor, como se a verdadeira magia estivesse em seu toque. “Você não tem preço. Você vale mais que ouro. E o mundo deve a você muito mais do que aquilo que lhe foi dado.”

Acho que uma lágrima pode pingar em meus cílios, mas finjo que é o vapor entupido.

Slade e eu ficamos quietos depois disso. Ele massageia meus dois pés até que não consigo reprimir os gemidos, até que meus arcos não pareçam mais esticados e doloridos. Então suas mãos magistrais se movem para minhas panturrilhas, seu toque firme pressionando nos nós, esfregando cada parte sensível. Porque é isso que ele sempre faz por mim. Ele encontra cada parte dolorida e me ajuda a trabalhar com isso.

Mesmo quando não quero.

CAPÍTULO 24



Slade

Finalmente, a tempestade cessou.

O céu está machucado, com nuvens pretas e azuis se agarrando ao horizonte enquanto a noite começa a ceder.

Com ele, o ar finalmente parou de soprar e tudo o que resta da nevasca dos últimos dias é o que ela despejou no chão. Cerca de um metro e oitenta agora limita toda a Drollard, embora os aldeões fossem diligentes e fizessem questão de limpar constantemente os caminhos e as frentes das casas, enquanto as prateleiras da encosta ajudavam a impedir que parte da neve se acumulasse no pavilhão. Com a neve acumulada em todos os outros lugares, Drollard se sente mais protegido do mundo exterior.

Ando a passos largos pela aldeia com as mãos enfiadas nos bolsos, e só não escorrego pelos caminhos gelados é por causa dos grãos de sal e areia que se espalharam como alpiste.

Passo pelas casas de telhado inclinado, embora tudo esteja quieto e quieto, já que ainda não amanheceu. A fumaça sobe das chaminés e sopra contra o teto da saliência da montanha, dissipando-se no céu.

O pavilhão está vazio, exceto pelas carroças estacionadas que os aldeões usam para coletar suprimentos sempre que recebem uma carga. Algumas árvores artríticas se agarram ao solo, seus galhos nodosos e tortos sustentando tufos de agulhas e neve.

Um pouco além, o pavilhão é coberto sob a borda da saliência da montanha, e é aqui, além de pilhas de lenha, além da fogueira de pedra, onde está localizada a porta para o porão. Eu verifico lá primeiro, mas além de uma grande sala cheia de suprimentos e um único guarda cansado do frio, não há ninguém lá. Ele me dá um aceno de cabeça quando passo, e então desapareço em uma fenda na montanha logo adiante, onde as paredes foram alisadas e arquivadas apenas o suficiente para deixar uma pessoa passar.

O caminho rachado é longo e irregular e, por um tempo, estou andando completamente cego, sem luz em qualquer lugar da fissura miserável. Quando finalmente chego ao fim e espremo, a montanha é um pouco mais generosa. Existem algumas linhas azuis espalhadas pelas paredes anêmicas da caverna, lançando o mais pálido dos brilhos.

Apesar de estar fora dos elementos, está mais frio aqui dentro. O tipo de frio estagnado e inerte, o tipo que nunca vai embora. No entanto, apesar disso, sinto que estou ficando quente quando me aproximo da porta de ferro na rocha sombreada. No momento em que meus passos me levam até a janela gradeada para que eu possa olhar para dentro, o frio só é reconhecido pelas nuvens de exalação que saem da minha boca.

“Há quanto tempo você voltou?” Não me viro enquanto faço a pergunta, não preciso. Eu o senti aqui assim que entrei.

Ryatt estica as pernas de onde está sentado. Sua forma sombreada está bloqueando a luz do fogo da lanterna pendurada ao lado dele, sua chama laranja alimentada pelo petróleo em nossas próprias minas.

“Algumas horas,” diz ele asperamente, fazendo-me finalmente virar para ele.

“Só tem um.” Meu tom é inclinado com uma pergunta.

Ele coça a nuca, fazendo seu cabelo preto ficar em pé em alguns lugares. Ele normalmente mantém o dele mais comprido do que o meu, sempre resmungando

quando tem que substituir Rip e cortá-lo mais curto. “Você disse que precisava de um para questionar.”

“Eu disse que precisava de pelo menos um para questionar,” corrijo.

Ele não parece nem um pouco arrependido. “Se você queria todos eles vivos, deveria ter enviado Judd. Você sabia que eu não ia deixar todos os ratos de Midas voltarem aqui. Você conseguiu o que queria,” ele me diz, inclinando a cabeça em direção à cela. “Consegui o que queria com os outros. Especialmente porque eles tornaram tão difícil encontrar todos eles.”

“Quantos eram?”

“Quatro. A sorte foi que meu asa de madeira avistou o deles. Foi assim que finalmente os encontrei escondidos contra uma colina não muito longe daqui. Assim que souberam que você havia chegado, eles fugiram, correndo como os ratos que são, mas a tempestade os levou para fora e os deixou de castigo.”

Pelo menos a tempestade serviu para alguma coisa. Ryatt e eu estávamos procurando eles por dias, e eu estava começando a me preocupar se não os encontraríamos.

“Você teve satisfação em matar os outros três, imagino?”

O sorriso perverso de Ryatt pisca. “Eles eram um adorno muito melhor nas terras congeladas mortas do que vivos.”

Balançando a cabeça, mais uma vez olho pela porta gradeada, onde vejo um homem miserável caído contra o chão, tremendo dentro de seu casaco debruado de ouro. Eu me pergunto quantos dias Auren passou dourando coisas assim. Quanto de sua energia, tempo e força foram gastos para alimentar a reputação e o ego de Midas. Só de pensar nisso, a raiva queima minhas costas.

“Você acordou cedo,” diz Ryatt, o rosto virado em minha direção, metade dele azul, a outra metade completamente sombreada.

Não digo nada, sento-me no barril bem em frente a ele. A verdade é que ainda estou lutando para dormir. Auren não dorme à noite, e eu mal consigo algumas horas me revirando antes de desistir antes do amanhecer, assim que ela acorda.

Meu irmão faz um barulho profundo em sua garganta. “Ela ainda não está se levantando durante o dia?”

Eu cortei um olhar para ele. “Ela está se ajustando.”

“Ela está?”

“O que diabos isso quer dizer?”

Ryatt encolhe os ombros. “Eu vejo o olhar em seu rosto sempre que alguém menciona o ouro. Ela está apavorada com isso.”

“Ela não está,” eu retruco, a raiva fazendo meus dentes cerrarem.

“Se você diz.”

“Por que você está tão fodidamente preocupado?”

“Por que você não está?” Contadores Ryatt. “Todos nós a vimos naquela noite. Ela pode parecer uma montanha na superfície, mas é um vulcão pronto para entrar em erupção. E quando ela o faz, não é uma coisa pequena.”

“Ela está bem.”

Ryatt não deixa isso cair. Não que eu esperasse que ele o fizesse. Metade de sua personalidade está discutindo comigo.

“Ela tem medo de seu próprio poder, e com razão. Mas o medo é uma coisa perigosa quando se trata de magia. Você deveria saber disso melhor do que ninguém.”

Nós nos encaramos através do caminho estreito, em lados opostos do corredor rachado. Listras azuis se espalham atrás dele, manchando-o com sua luz, enquanto as lâmpadas bruxuleantes contrabalançam seu brilho.

“Vai levar tempo.”

“E quanto tempo você pode dar?”

Eu passo a mão pelo meu cabelo, puxando as pontas. “O tanto que ela precisar.”

Ele balança a cabeça, descontente e contrário. “Você pode ser um rei, mas nem mesmo você pode sustentar isso. Além disso, você odeia isso aqui.”

“Eu não odeio isso aqui.”

Ryatt revira os olhos. “Claro que não. É por isso que você só visita quando é absolutamente necessário.”

Meus dentes de trás parecem que podem quebrar com a força que estou triturando. “Tenho um reino para governar.”

Ele zomba. “Certo. Mas antes disso, você tinha esta aldeia para proteger.”

Eu me atiro para a frente, cotovelos cravados nos joelhos. “Eu protejo esta aldeia. Você não sabe nem metade do que eu faço para protegê-la. Do que eu sacrifiquei.”

Ryatt me encara com um olhar que provavelmente rivaliza com o meu. “Você realmente quer falar de sacrifícios, irmão? Porque abri mão de toda a minha identidade para servir à sua.”

Às vezes, o abismo entre nós parece intransponível. Como agora, quando estamos tão em desacordo, a distância entre o lado dele e o meu não pode ser ultrapassada.

“Você pelo menos foi visitar?” ele exige.

Minha coluna trava com força. “Não faça perguntas para as quais você já sabe as respostas. O som da sua voz não é tão reconfortante.”

Ele ignora meu jab. “Deveria saber.”

“Tenho estado um pouco ocupado, Ryatt.”

“Certo.” O desdém escorre quando ele se levanta. “Bem, talvez tente encaixá-lo em sua agenda, Sua Majestade.” Ele se curva na cintura em uma reverência zombeteira antes de sair.

Com a feiura enterrada em meu peito, eu o observo ir embora, com as costas rígidas, passos carregando o peso de sua raiva.

É difícil correlacionar a visão dele assim quando meus olhos também se fixam em outra época, de quando ele era mais de trinta centímetros mais baixo do que eu, uma coisinha magricela com cabelos pretos rebeldes e geleia espalhada nos lábios.

Não havia como ir embora então. Ele sempre me seguia ou tentava agarrar meu braço, amarrando-nos com um sorriso malicioso. Não houve olhares raivosos apontados para mim. Procurávamos jogos e aventuras em vez de nos evitarmos como fazemos agora.

Minha raiva expele com minha expiração, dissipando-se no ar frio.

Eu me inclino para trás contra a parede da caverna, sentindo a ameaça de minhas pontas empurrando contra o interior dos meus braços.

Como se minhas memórias estivessem muito próximas da superfície, uma velha voz condenatória soa clara em minha cabeça. "*Controle, Slade. Você é algum fae comum para perdê-lo tão facilmente? Ou você vai ser digno do sangue em suas veias podres? Puxe essas pontas para trás, ou vou prendê-las na parede da propriedade e deixar você ficar pendurado lá até aprender.*"

Talvez seja a memória muscular dos incontáveis dias que passei sob comandos como esse, mas meus espinhos voltam a afundar, a pele dos meus braços não está mais inchada com a ameaça de sua presença.

Ao controle.

Foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça desde o momento em que comecei a mudar. A maioria dos fae tem cerca de quinze ou dezesseis anos quando sua magia entra em ação.

Eu não tinha tanto tempo.

Ainda me lembro da coceira. A maneira como passei minhas unhas na parte de trás dos meus antebraços, ou tentei alcançar minha coluna. Eu me senti como um urso na floresta precisando arranhar a casca de uma árvore. Toda vez que meus

espinhos saíam de mim, eles rasgavam minha pele em pedaços, sangue jorrando dos cortes que eles cortavam.

Por um ano, eles sangravam toda vez que saíam, até que o carmesim encharcasse todas as mangas, as costas de todas as camisas pontilhadas com uma linha perfeita, enquanto mais gotas de sangue pingavam em minhas sobrancelhas.

Pior ainda foi o olhar que recebi, e aquela voz cortante. Aprendi a suprimir meus picos, aprendi a apenas extraí-los quando eu queria que eles viessem. Eu até parei de vacilar quando eles perfuravam minha pele. E logo, até parei de sangrar. Como se até o meu sangue tivesse medo de se mostrar ao meu pai.

“Aí está você.”

Eu olho para Lu enquanto ela voa para dentro, embora ela não esteja sozinha. Há um falcão mensageiro segurando seu ombro, e nenhum deles parece muito satisfeito com isso.

“Essa idiota acabou de aparecer. Voou direto para a porta da frente e começou a bater nela como se seu bico fosse uma aldrava.” Ela inclina a cabeça para ela, mas quando ela bica em sua cabeça, ela o afasta. “Ela não vai deixar ninguém pegar a mensagem. Não trocou nem por isso,” Lu diz, estendendo a palma da mão onde um punhado de carne seca. O falcão faz um barulho de escárnio, o som rouco acompanhando uma forte escavação de suas garras no ombro de Lu.

Ela estremece, dando-lhe um olhar. “Vê o que quero dizer?”

Eu me levanto e caminho, e o pássaro imediatamente pula de seu ombro para pousar no meu braço e estende a perna. “Boa menina,” eu sussurro, passando um dedo pelo lado de seu pescoço. Ela estala o bico, os olhos piscando para mim enquanto pego o frasco de prata preso à perna dela e removo o pergaminho enrolado de dentro.

Meus olhos percorrem as palavras, e só cheguei na metade quando meus dedos começam a apertar o papel. Quando chego ao fim, estou amassando, todo o meu corpo está tenso.

“O que há de errado?”

Em vez de responder, passo a carta para Lu e observo como sua expressão passa pelas mesmas emoções que a minha. “Filha da puta.”

Sua mão cai, a carta amassada ainda agarrada enquanto ela olha para mim. “A Rainha Kaila certamente não perdeu tempo.”

“Não. Ela não.”

Lu me olha em silêncio por um momento. “O que deveríamos fazer?”

Não é exatamente uma surpresa, mas pensei que teríamos um pouco mais de tempo. Porque é disso que Auren precisa. Tempo.

Hora de ficar de pé. Para se acostumar com a perda de suas fitas. Para ganhar confiança. Estar pronta para enfrentar o mundo e sua magia. Ela acabou de matar seu captor manipulador, descobriu uma nova faceta de seu poder, quase morreu no processo e deixou tudo o que sabia. Ela precisa de uma fodida respiração.

“Nada,” eu finalmente respondo.

As sobrancelhas negras de Lu saltam para cima. “Nada?”

Eu balanço minha cabeça. “É uma tática de intimidação para nos intimidar. Não vai funcionar.”

“Mas e se eles vierem para o Quarto?”

“A Rainha Kaila tem dois reinos vazios para enfrentar e um Barrens congelado entre nós.”

“Mas os outros monarcas...”

“Podem chupar meu pau.”

Ela revira os olhos. “Por mais que eu tenha certeza de que eles vão gostar do convite, eles ainda são um problema.”

“E a um oceano de distância,” eu indico. “Nós temos tempo.”

“Se você diz.”

Minha pele arde, e não é por causa das garras do falcão ainda segurando meu braço. “Tenho tudo sob controle.”

Eu sempre tenho.

“Tudo bem.” Ela acena com a cabeça antes de olhar por cima do meu ombro para a porta da cela. “Acho que Ryatt finalmente os encontrou?”

“Ele fez.” Segurando minha mão, eu pego a carne seca de Lu, alimentando o falcão com outro golpe. O pássaro enfia a cabeça no meu pescoço em agradecimento antes de se virar e levantar voo, saindo da caverna e soltando um guincho distante enquanto levanta voo.

Lu balança a cabeça. “Você tem cada maldito pássaro e asa de madeira sob seu feitiço.”

“O que posso dizer? Eu sou simplesmente simpático.”

Ela bufa, nossa atenção se concentra na tosse que soa na cela.

“Parece que ele está acordado,” ela diz, e a antecipação já começou a se enrolar em meus membros como cordas de seda. “Você quer que eu fique?”

Balanço a cabeça, tiro o casaco e arregaço as mangas. “Não. Vou bater um papo legal com o espião de Midas.”

Lu acena com a cabeça e depois me deixa com isso. Assim que ela sai, eu vou até a porta, olhando para dentro onde a pilha lamentável é agora um homem sentado, olhos arregalados de medo quando ele vê meu rosto.

Entro usando a chave enfiada na fechadura de ferro, e a porta se fecha atrás de mim tão alto que o homem se encolhe.

E tudo, o cansaço, a briga entre Ryatt, a preocupação de Auren, a notícia da carta, tudo se funde em algo coagulado e ácido, pronto para borbulhar e queimar. Para minha sorte, tenho o candidato perfeito para descontar.

Eu lanço ao homem um sorriso perverso, sentindo o jeito que minha podridão se contorce contra meu peito, descendo pelos meus braços. Ele treme todo, rosto frouxo, olhos selvagens.

“Eu não acredito que nós fomos apresentados corretamente. Eu sou o Rei Podridão e você está no meu território.”

O homem mijando nas calças não vai ser o pior cheiro quando eu terminar com ele.

Eu me aproximo, deixando a podridão escapar de meus degraus e subir pelas paredes como cordas ameaçando dar um nó nele. “Agora, quero saber tudo o que você relatou a Midas e tudo o que ele ordenou a você.”

O homem engole em seco, o pomo de Adão balançando em um medo ondulante. “E... e se eu fizer isso, você vai me deixar ir?”

Eu ri. O barulho o faz estremecer, mas então sua boca se abre em choque quando eu atiro minha magia nele, apodrecendo a linha inferior de seus dentes em suas gengivas. Deixar o esmalte dourar e esfarelar até que escorreguem de seus lugares e se desintegrem no chão.

“Oh não. Você não vai sair desta sala vivo. Mas cabe a você decidir como vou deixar minha podridão brincar com você.”

É engraçado como ele canta rápido. Ou melhor, gagueja.

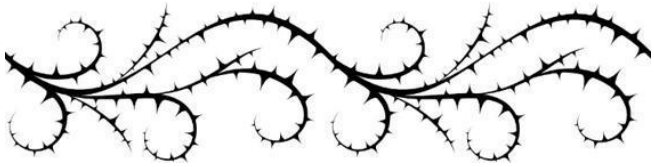
Ele não me diz nada que eu já não tenha descoberto, mas distribuir punições ajuda meu humor sombrio. Só um pouco. Mas ajuda.

Quando me afasto algumas horas depois, com o sol no céu e o gosto doce de podridão e cinzas frias no fundo da minha garganta, devo ficar aliviado por termos conseguido pegar todos os espiões de Midas e enviá-los para um sepultura congelada.

Mas alívio é a coisa mais distante que posso sentir, e o povo de Midas não importa mais.

É com o resto de Orea que tenho que me preocupar agora.

CAPÍTULO 25



Slade

15 anos

Há um festival hoje na cidade, uma celebração do solstício de inverno. Sei disso porque passamos por ela a caminho das colinas. Já havia dança nas ruas da cidade, luzes azuis pairando no ar com magia. Esta noite, depois que o sol se pôr, eles oferecerão sacrifícios às estrelas frias e tocarão música para a lua.

Passei por tudo isso montado no meu cavalo, e foi o mais próximo que já estive de uma das festas da cidade. Meu pai cantou durante toda a sua vida a importância de ficarmos separados do resto, para nos mantermos acima.

"Tire sua cabeça das nuvens," meu pai ferve, fazendo minha cabeça virar em sua direção.

"Não estava nas nuvens," respondo. Estava firmemente no chão... de volta à cidade.

Ele ergue uma sobrancelha grossa e castanha, sua careca tão brilhante que pode cegar quando o sol a atinge em certos ângulos. "Você está escorregando. Puxe a podridão de volta para onde eu disse."

Eu olho para o chão e faço uma careta quando percebo que ele está certo, a podridão se espalhou além do círculo que ele desenhou no chão ao meu redor.

Quando começamos a fazer esta lição, não havia círculo. Ele simplesmente me traria para cá e minha podridão explodiria, matando tudo à vista. Era incontrolável. Destrutivo.

Lentamente, aprendi a puxá-la de volta. Para apenas apodrecer o solo, persuadindo-o de uma árvore, evitando um lago.

Levou muito tempo e horas intermináveis de prática, mas agora tenho um pequeno círculo desenhado ao meu redor, a linha superior atingindo a ponta do meu sapato. É preciso muita força de vontade para manter a podridão contida em uma área tão pequena.

Alguns fae precisam trabalhar para expandir seu poder. Eu não. Meu poder sempre quis arrancar de mim. É contenção e controle que levaram anos de prática.

Quando ficou claro o que minha magia realmente fazia, me assustou. Eu era um perigo para tudo e todos, tinha pavor do meu poder. Quando meu pai percebeu que eu estava com medo, ele me arrastou para fora de casa. Levou-me através da cidade cheia de fae. Ele me disse que eu tinha que controlar ou teria a morte deles em minha consciência. Vomitei duas vezes durante aquele exercício e apodreci uma rua inteira, mas não matei ninguém. Não dessa vez.

Ele adora me forçar a treinar com consequências. Diz que não é real de outra forma. Então eu tive que aprender muito rápido, mas isso não aconteceu sem ramificações muito reais.

As pessoas que comemoram na cidade não vão me querer lá, mesmo que eu possa ir. Isso é o que acontece quando você apodrece alguém bem na frente deles. Mesmo que eu fosse capaz de puxá-lo de volta, para garantir que o fae vivesse, a cidade nunca se esqueceu.

Meu pai pode ser conhecido como O Quebrador, mas eu sou A Podridão.

Não ajuda que eu nunca possa esconder quem eu sou. Posso conseguir esconder meus espinhos, mas as linhas apodrecidas que descem pelos meus braços e sobem pelo meu pescoço são um lembrete constante.

“Concentre-se,” meu pai estala, os braços atrás dele enquanto ele caminha para fora do meu círculo.

“Eu estou.” Eu cerro os dentes, enquanto linhas de podridão se contorcem sob meus pés. A grama está morta, o solo ficou seco e duro, como se qualquer coisa viva no solo tivesse murchado e morrido.

O resto da paisagem está mudando suavemente para o inverno, mas mesmo assim, as colinas ainda têm trechos de grama, as árvores segurando as últimas folhas. Se minha podridão se espalhasse, não haveria nada de gentil nisso. Não haveria progressão natural da vida para a morte, ou o ciclo do renascimento da natureza.

Haveria apenas uma praga.

Com o pé, meu pai desenha outro círculo, concêntrico ao menor ao redor do meu corpo. “Coloque a podridão entre os dois.”

Com um aceno de cabeça, eu me concentro e olho para os meus pés enquanto movo a podridão para longe de mim. Eu a empurro ainda mais para o outro lado da linha, o suor escorrendo na minha testa enquanto luto para ter certeza de que fique contido.

Meu pai balança a cabeça em aprovação. Em um ponto da minha vida, eu teria ficado em êxtase com isso. Mas já passei disso há muito tempo.

Eu o odeio.

Embora eu nunca o tenha visto bater em minha mãe desde aquele dia, sete anos atrás, eu me lembro.

Eu assisto.

Minha linda, gentil e forte mãe, arrancada de seu mundo e desprezada por todos os fae, tem que aturar um tirano e ainda assim consegue amar seus filhos. Para encontrar momentos para sorrir.

Eu aprendo isso por ela. Não para ele.

Aprendo para que um dia, eu possa ser forte o suficiente para levá-la para longe dele. Para que eu possa levá-la para algum lugar em Annwyn, onde ninguém ouviu falar do Quebrador . Onde ninguém odeia os oreans. Onde podemos ser felizes e livres. Mas para fazer isso, tenho que aprender a ser forte. E quem melhor para me ensinar do que o macho que eu quero vencer?

"Aperte-o na parte de trás, Slade."

Olho por cima do ombro para ver onde escorregou, mas ele estala os dedos. "Olhos para a frente. Você não precisa ver para saber onde está."

Meus dentes rangem juntos. Mas, em vez de abrir a boca e dizer algo que vai irritá-lo, fecho os olhos e sinto meu poder. Mesmo que minha magia seja externa, aprendi que posso senti-la internamente. As veias podres sob minha pele são as mesmas que as linhas podres que forço no chão. Mas embora eu possa senti-lo, isso não significa que ele sempre quer me ouvir.

Meu pai desenha outro círculo, e depois outro, e depois outro. Ele me faz fazer todos os tipos de coisas novas que nunca tentei antes, como fazer metade da podridão ir para uma seção, a outra metade ir para outro lugar, espalhando-se em direções opostas. Deixa a grama outrora exuberante seca e morta, com rachaduras de terra aparecendo. Apesar do ar frio, começo a pingar suor, meu corpo treme com o esforço físico e mental.

"Você está ficando desleixado," diz ele com um suspiro. "Controle, Slade. Você é algum fae comum para perdê-lo tão facilmente? Ou você vai ser digno do sangue em suas veias podres?"

"Estamos nisso há horas," respondo, embora tenha o cuidado de manter meu tom neutro. O sol está se pondo, e algo sobre estar aqui sem ele faz tudo parecer mais difícil. "Estou cansado."

Meu pai zomba dessa palavra. Embora ele tenha centenas de anos, ainda mais do que minha mãe, as únicas rugas que ele tem em seu rosto são as carrancas cavadas entre suas sobrancelhas e em torno de sua boca virada para baixo.

“Você está cansado,” ele zomba, praticamente cuspindo.

Meu estômago revira, porque sei o que vem a seguir. Na próxima piscada, ele está estalando um dedo na minha frente, e o chão treme, racha, quebra.

Eu tropeço, quase desabando quando o tremor diminui. O chão está quebrando em círculos perfeitos, exatamente onde ele desenhou minhas linhas. Lacunas na terra me cercam, fazendo parecer que poderiam abrir caminho até o centro do mundo, desmoronando sob meus pés.

Mas ele não terminou com sua exibição.

Com outro estalar de dedo, ele faz com que toda a árvore logo atrás de nós se parta ao meio, o enorme tronco quebrando como um galho e caindo com um estrondo.

O chão mal para de tremer quando ele levanta a mão novamente.

Snap.

O som é muito alto, mas não percebo que não vem só dele, mas de mim. Simples assim, ele quebrou o osso do meu dedo exatamente como fez com aquela árvore.

Um grito sai de mim e meus joelhos atingem o chão em uma nuvem de poeira enquanto seguro minha mão agora queimando de dor. Meu pai me olha sem expressão enquanto tento não vomitar.

Todos os espinhos foram arrancados do meu corpo, rasgando minha camisa, embora pelo menos não me façam mais sangrar. Olho para ele do chão, tremendo de dor, mas não digo nada. Nada. Porque eu não vou pedir. Eu não vou implorar.

Ele me deixa ficar naquele limbo agonizante por vários longos segundos. Então, ele estala o dedo novamente, me fazendo estremecer. Mas tão rápido quanto o barulho, a fratura no meu osso se foi. Assim como a quebra na árvore. Os que estão no chão.

Meu peito arfa quando olho para ele, e ele inclina a cabeça, os olhos passando pelo meu rosto com uma expressão indecifrável. Seus olhos caem e então ele agarra meu queixo, seus dedos ainda mais frios do que o poder que corre em minhas veias. Ele vira minha cabeça para o lado bruscamente. Raspa o lado da minha bochecha.

“Interessante,” ele murmura antes de me deixar ir. Ele olha para mim com grande satisfação. Eu não gosto nem um pouco.

“O que?” Eu pergunto, levantando minha própria mão para coçar o local que está estranhamente coçando. Eu não faço isso com meu dedo macio, no entanto. O osso pode não estar mais quebrado, mas meus nervos ainda estão gritando, deixando escapar ondulações de dor confusa.

Em vez de me responder, ele diz: “Controle. Meu pai me ensinou, e eu ensinarei a você, e você não falhará.”

Engulo em seco, mas toda a podridão em minhas veias se extinguiu, todas as linhas no chão se reduziram a nada.

“Agora puxe esses espinhos de volta, ou vou prendê-los na parede da propriedade e deixar você ficar pendurado lá até aprender a se controlar.”

Eu cerro os dentes.

Puxo minha mão dolorida.

Sinto uma linha de sangue pingar da minha sobrancelha.

Eu encaro O Quebrador, e eu odeio.

Um dia, penso comigo mesmo. Um dia, vou quebrar você em seu lugar.

Mas até lá, aprenderei a controlar.

CAPÍTULO 26



Auren

Estou sendo cutucada.

Cutucada no braço enquanto tento dormir. Não quero ser cutucada enquanto tento dormir. Digo exatamente isso, mas sai como um resmungo amassado enquanto meu rosto ainda está enfiado no travesseiro.

Eu ouço uma risada em resposta, o que faz meus olhos se abrirem. Slade está de pé ao lado da cama, sua mão cutucando longe de ser encontrada. Macho inteligente.

“Já é noite?” Eu pergunto grogue enquanto estico minhas pernas e começo a sentar.

“Não, é por volta do meio-dia.”

Meus olhos se voltam para ele assim que coloco meus pés no chão. “Oh bom, eu ainda tenho tempo então.” Começo a me abaixar de novo.

Uma maldita mão cutucando meu braço me para.

“Na verdade, eu gostaria que você se levantasse agora.”

Eu paro e olho para ele. “Para que?”

“Treinamento.”

Eu franzo a testa. “Eu treino com Judd à noite.”

Sua expressão é ilegível. “Você não estará treinando com Judd.”

Minha atenção se concentra, nossos olhos se entrelaçam. “Estou treinando com você.” Não é uma pergunta, mas sua cabeça se inclina para baixo em um aceno, enquanto a minha treme. “Ainda não posso.”

Ele arqueia uma sobrancelha. “Por que não?”

As desculpas se acumulam no fundo da minha garganta como uma represa recém-formada até que estou secando. Eu resisto automaticamente, a ansiedade batendo contra minha barreira interna. Mas então minhas palavras determinadas vazam pelas rachaduras do meu ouvido.

Da próxima vez que alguém quiser tentar me usar, me controlar, quero estar pronta.

Foi o que eu disse a Judd.

Quero dominar minha própria força física e magicamente.

Foi o que eu disse a Slade.

Não posso fazer essas coisas se não aprender a controlar minha magia. Então engulo em seco, tentando conter o medo que me invade.

“Ok.”

Orgulho pisca em seu rosto. “Prepare-se e depois iremos.”

Cada passo que dou na Gruta é feito com nervos à flor da pele. Eles estão trançados em volta dos meus ossos, entrelaçados em volta do meu peito, entrelaçados tão cuidadosamente em todo o meu corpo que cada passo é rígido de apreensão.

Esta é a primeira vez que saio da Gruta. Meus olhos ardem quando saímos da caverna e entramos na luz velada do dia, minha mão é um escudo sobre meus olhos

enquanto observo a paisagem invernal. A boca da caverna foi escavada, com o menor pedaço de um caminho de pedra visível abaixo de uma camada de areia e sal.

"Deste jeito."

Eu sigo Slade para fora e para a direita, onde nos arrastamos por outro caminho escavado. Embora a tempestade tenha começado, o céu ainda está coberto de nuvens, um leve vento esfregando minhas bochechas. Esta faixa de Deadwell tem uma costa de neve plana e uma maré crescente de montanhas à minha direita. Uma delas se inclina ligeiramente como uma onda de penteadeira, e há uma prateleira projetando-se de sua barriga, mantendo-nos em sombra perpétua.

Eu aperto meus braços em torno de mim, as mãos enterradas em meus bolsos enquanto subimos uma ligeira inclinação ao redor da base da montanha.

"Estamos quase lá," ele me diz quando percebe que estou começando a respirar mais forte. "Fica longe de tudo."

Isso me dá um pouco de paz de espírito, mas, mesmo assim, estou muito nervosa com o treinamento para obter algum conforto real. Poderíamos caminhar até o pico desta montanha e não tenho certeza se seria longe o suficiente.

Ele cutuca meu braço. "Vai ficar tudo bem, Auren."

Agradeço a garantia, mas não tenho a mesma certeza.

"Você me viu no salão de baile," digo, mais duramente do que pretendia.

"Eu vi," ele responde. "E isso me mostrou o quão incrivelmente poderosa e forte você é. O que significa que você pode dominá-lo."

Pressionando meus lábios, mantenho meus olhos em meus pés, enquanto minha ansiedade se contorce e se entrelaça.

"Cuidado onde pisa. O caminho será um pouco mais íngreme a partir daqui."

A neve está empilhada mais alto aqui, e não há caminho perceptível, mas não está tão empilhada quanto à nossa esquerda. Só damos mais alguns passos quando alguém grita atrás de nós. "Sua Majestade!"

Paramos, ambos nos virando para ver um homem correndo para frente. Ele está vestindo um casaco grosso com uma gola de pele profunda que se estende até a garganta, e em seu braço está um grande falcão mensageiro, o peito pontilhado de manchas marrons e brancas. “Acredito que isso é para você, senhor.”

O homem lança seu olhar para mim, os olhos arregalados enquanto ele me observa. Eu tento dar a ele um sorriso, mas ele rapidamente desvia o olhar.

Assim que Slade o alcança, o pássaro instantaneamente solta um ronronar estridente antes de estender a perna para ele. Slade acaricia seu pescoço e então pega o frasco de sua perna. Ele desenrola o pergaminho, os olhos passando de um lado para o outro sobre o papel. Ele está ligeiramente afastado de mim, mas de perfil, vejo uma carranca aparecer em sua testa. Eu me aproximo, uma sensação de mal-estar crescendo em meu estômago.

“O que há de errado?” Eu pergunto quando estou bem atrás dele.

Seus ombros ficam tensos, mas apenas por um momento. “Nada,” ele diz antes de pegar o pergaminho e enfiá-lo no bolso. Ele olha para o homem enquanto dá ao pássaro outro animal de estimação. “Obrigado, Selby.”

“Claro, Majestade. O que devo fazer com ele?”

“Deixe-o descansar no poleiro. Não preciso dele agora.”

O homem acena com a cabeça e depois se afasta com o pássaro a reboque, desaparecendo na encosta.

“Tudo certo?” Eu pergunto, olhando para Slade.

“Claro,” ele responde facilmente. “Devemos?”

Ele já começa a liderar o caminho novamente antes que eu possa dizer mais alguma coisa. Hesito por um momento, e estou na ponta da língua para saciar minha curiosidade e perguntar abertamente o que a carta dizia, mas me detenho quando um pensamento me ocorre.

Eu ainda tenho o direito de perguntar a ele algo assim?

Certamente ele teria oferecido a informação sobre isso se quisesse que eu soubesse. Meus sentimentos não deveriam ser feridos por ele não ter feito isso.

Ele provavelmente tem muitas cartas que recebe e envia todos os dias como parte de ser um rei. Eu não deveria me sentir tão sensível sobre isso. Como dissemos, ainda temos muito trabalho a fazer para descascar as camadas uns dos outros.

Eu o sigo, meus olhos fixos em suas costas enquanto tento afastar esses escrúpulos em turbilhão. Afinal, ele é um rei, e isso é algo que sempre esqueço. Ele é um rei, e eu sou...

Estou prestes a falhar miseravelmente em usar minha magia.

Aí está o coração dos meus pensamentos perturbados. Eu não disse nada a ninguém, nem mesmo me permiti realmente encarar isso. Mas o fato é que meu ouro não está funcionando direito. Não apenas isso, mas matei pessoas com ele a torto e a direito, sem um único pensamento de hesitação.

E se eu fizer isso de novo?

Quando Slade finalmente me leva para fora do caminho e nos leva para uma caverna, estou tanto em minha própria cabeça que nem mesmo percebo o espaço até quase andar direto para o chão manchado de ouro.

Prendo a respiração, os olhos correndo de um lado da caverna para o outro. Eu o reconheço imediatamente. É onde eu acordei pela primeira vez. Onde eu pisquei e já estava me movendo, o poder já correndo em minhas veias.

Tarde demais, percebo que estou olhando para o ouro endurecido que está espalhado nas paredes e no chão, perdido em suas profundezas rasas enquanto Slade me observa.

Piscando, eu me balanço, colando em uma expressão não afetada.

“Estamos treinando aqui?” Pergunto e, embora tente manter a calma, minha voz soa pesada com o peso das implicações.

Slade continua a me estudar por um momento antes de abaixar a cabeça. “Nós estamos,” ele me diz, seu tom transparecendo algo que eu não consigo entender.

Esses nervos ansiosos, essas cordas torcidas e retorcidas nas quais estou toda amarrada, ficam tensos, deixando até minha garganta apertada demais para engolir.

Ele se afasta alguns metros e se ajoelha, bem onde uma onda de ouro congelou, e passa um dedo sobre a crista endurecida.

Não sei por que, mas estremeço.

Ele ergue uma sobrancelha. “Com frio?”

“Não.”

Ele se levanta novamente e tira o casaco, mas assim que tento insistir que não estou com frio, ele o coloca no chão. “Venha sentar.”

Hesito por um momento, mas meus pés me levam a ele, e então me abaixo em seu casaco, dobrando minhas pernas debaixo de mim.

Ele também se senta e, embora estejamos a meio metro de distância, a distância parece irrelevante. A presença de Slade – sua atenção em mim – sempre comeu o espaço entre nós.

“É dia,” ele diz, apontando para a abertura da caverna onde a luz do dia ainda entra. “Seu poder sempre foi incontrolável durante o dia, certo?”

“Certo. Normalmente, assim que algo toca minha pele durante o dia, meu ouro sai correndo.” Meus olhos caem para as leggings e luvas pretas no meu corpo. “Mas desde que acordei, é diferente. Nada está sendo tocado em ouro.”

“O que você sente?”

A preocupação me bombardeia, e levanto minha mão como se pudesse ver o que se esconde lá dentro, enquanto flashes de memória daquela noite em Ranhold pingam no fundo dos meus olhos, filmando cena após cena através da minha visão.

Eu rapidamente enterro minha mão debaixo da minha perna. “Nada. Eu não sinto nada.”

“Tente dourar a rocha.”

Com um peso cauteloso, tiro minha luva e pressiono a palma da mão na pedra saliente à minha esquerda. Deve ser instantâneo. O ouro deve imediatamente derramar de mim.

Mas não.

Slade inclina a cabeça. “Você está tentando?”

Meus olhos se abrem. “O que isso deveria significar? Sim, estou tentando.”

“Tem certeza? Porque você diz que seu toque de ouro sempre foi incontrolável durante o dia, mas você pode controlá-lo, até certo ponto.”

“O que você está falando? Claro que não poderia.”

“Mas você fez,” ele argumenta. “Você poderia dourar as coisas para que fossem apenas folheadas a ouro. Ou você pode fazer coisas completamente de ouro maciço. Lembra do casaco que você usava? Você conseguiu manter sua magia apenas dourando o forro interno para que não se espalhasse. Era você quem estava controlando.”

Eu pisco. “Eu... eu nunca pensei sobre isso dessa maneira.”

“Você sempre teve o controle. Você só precisa aprender a manejá-lo. Acho que você está com medo. Acho que você está se segurando, e é por isso que seu ouro não está chegando, porque você o está bloqueando.”

A raiva percorre minhas veias, fazendo minha mente tropeçar. “Eu não estou.”

“Auren...” Eu não me importo com o quão persistentemente calmo ele ainda está, aquele tom me sacode até os ossos. “Eu conheço você.”

“Talvez você não conheça,” eu cuspo de volta com muito mais vitríolo do que eu pretendia. Fiquei tão rígida e fria quanto o ouro congelado, presa em meu próprio ímpeto. Eu me preparo, me preparando para a reação, me preparando para a luta.

Mas ele não me dá.

Em vez disso, Slade me observa com aquele infalível olhar verde, o rosto não revelando nada.

"Talvez você esteja errado," eu continuo, querendo quebrar aquela expressão fechada, querendo abrir a visão de casca de ovo que ele tem de mim e mostrar a ele a podridão por dentro. Provar que ele não colocou isso lá. "Trechos e perguntas sem resposta, é isso que temos. Portanto, não fique aí todo superior e aja como se soubesse de tudo, porque você não sabe."

EU nem me conheço direito.

E essa é a lasca que está presa em meu peito, incapaz de ser arrancada.

Minha magia mudou, tão completamente que estou apavorada com isso. Minhas fitas acabaram. Como folhas arrancadas de uma videira. E eu…

"Não sou a mesma pessoa que era quando entrei em Ranhold."

"Isso é verdade," ele admite. "Mas eu ainda te conheço."

Uma risada hesitante e frustrada sai de mim. "Você está fora…"

"Vamos conversar sobre aquela noite."

Minhas palavras param. Meu coração também. Sinto-o apertar minha garganta. "Não precisamos falar sobre aquela noite. Nós dois estávamos lá."

Um olhar de tristeza frustrada marca seu rosto. "Fale comigo, Auren."

"O que você quer que eu diga?" Eu exijo. Estou de pé antes mesmo de perceber que me movi. "Isto." Eu gesticulo ao redor da sala, em todo o ouro que não parece comigo. "Isso não faz o menor sentido. Aquela noite em Ranhold não faz sentido. Meu ouro não está funcionando direito, e o que fiz naquela noite… nunca deveria ter sido capaz de fazer isso."

"E o que você fez?" ele pressiona, e eu fecho minhas mãos em punhos porque eu…

"Eu *matei.*"

Isso é o que ninguém está dizendo. A única coisa que eu não fui capaz de enfrentar.

"Como eu fiz isso? Senti meu poder me deixar quando o sol se pôs," digo enquanto começo a andar pela caverna, contornando as manchas solidificadas. "Eu não deveria ter sido capaz de usar nenhuma parte do meu poder, mas isso..." Eu paro, olhando para o chão. "Havia algo dentro de mim que simplesmente se abriu."

"Precisava acontecer."

Minha cabeça balança, a voz falha, e minha raiva quebra com ela.

Porque não estou com raiva dele. Estou com raiva de mim. E é mais fácil segurar essa raiva do que sentir qualquer outra coisa, porque não sei como navegar nessas outras paisagens emocionais. Elas são escuras, assustadoras e rochosas, e me sinto perdida enquanto tento atravessá-las.

Eu odeio meu tom mal-humorado. Odeio como a primeira coisa que faço é tentar afastá-lo por causa de algum sentimento interno de que vou perdê-lo de qualquer maneira.

"Sinto muito," digo a ele. Sinceridade preenche meu tom, e eu baixo minha guarda, deixo cair minha rabugice que ele não merece, e eu digo a ele a verdade.

"Eu virei uma fera. Matei muitas pessoas naquela noite e poderia fazê-lo novamente. E se eu for totalmente fae aqui?" Eu pergunto. "E se eu perder o controle e dourar toda Deadwell, e você não puder me impedir? Lembro-me do que fiz naquela noite, assim como me lembro do que aconteceu antes disso. Como eu estava naquele mezanino. Quão confusa e desamparada. Eu me senti com raiva e sozinha, e então finalmente encontrei você..."

Os olhos de Slade são uma noite vazia e sem estrelas. "Eu quero que você me pergunte, Auren."

Minhas sobrancelhas franzem em confusão. "Perguntar o quê?"

"Quero que você me faça aquelas perguntas que estão em sua mente desde que acordou. Eu mereço ouvi-las. Você merece expressá-las. Uma em particular. Então

me pergunte.” Seu olhar é escuro, seu tom duro. Mas não com a luta que eu estava tentando escolher. Não com raiva. Com angústia.

Prendo a respiração. Porque imediatamente, eu sei a que ele está se referindo.

Há uma pergunta que está gravada no fundo da minha mente. Carreguei o gosto de suas cinzas em minha língua, senti o cheiro de sua presença escorrendo pela minha garganta.

Tudo entre nós se torna tão pesado. Tão esticado. Um ponto perigoso onde não há lado macio para cair. Quanto mais fico em silêncio, mais a miséria satura o rosto de Slade. Mas a questão continua ardendo. Queimando minha cabeça, lançando chamas em meu espírito.

“Pergunte-me.”

Uma lágrima. Uma lágrima escorre de mim, tão quente que eu não ficaria surpresa se ela fervesse contra minha bochecha.

Mas eu pergunto.

Olhando-o nos olhos, minha própria angústia agora combinando com a dele, faço a única pergunta que não queria. “Onde você estava?”

Quando eu estava drogada.

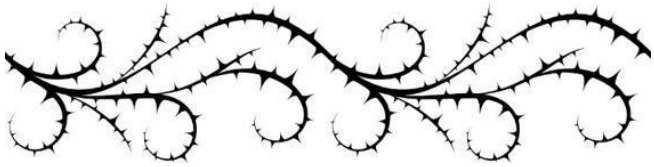
Quando fui empurrada para aquela sala com Digby.

Quando minhas fitas foram cortadas, junto com minha alma.

Quando eu estava apoiada naquele mezanino, confusa e perdida.

“Pensei que você viria. Mas você não o fez.” Minha voz está sufocada, abalada, e cada palavra que eu digo causa um estremecimento em seu rosto. “Então, onde você estava?”

CAPÍTULO 27



Slade

Onde você estava?

É o jeito que ela diz. O menor gorjeio em sua garganta, tão minúsculo que qualquer um sentiria falta. Mas eu não.

Quando se trata de Auren, faço questão de notar tudo.

Então eu ouço, a dor. E sei que ao incita-la a fazer essa pergunta, estou conduzindo-a pelo caminho daquela noite. Uma noite na qual tenho certeza que ela não quer pensar, muito menos falar. Mas precisamos.

Ela olha para mim fixamente, os olhos dourados brilhando quase tanto quanto as veias azuis que correm pela caverna. “Achei que você viria,” ela me diz, e a confissão sangra como uma ferida em sua língua. “Mas você não fez isso.”

Eu fui espancado. Esfaqueado. Cabeça mantida sob a água até meus pulmões queimarem. Fui dilacerado pela fúria do meu poder a ponto de parecer que minha pele foi arrancada do meu corpo.

Mas nada disso é tão doloroso quanto ouvir essas palavras da boca de Auren.

É uma coisa física, essa culpabilidade. Culpa não é uma palavra forte o suficiente para o que sinto, para o que carrego.

Como se não bastasse que eu a tivesse estragado, eu a decepcionei. E de alguma forma, isso é muito pior.

Durante toda a sua maldita vida, as pessoas a decepcionaram. Uma e outra vez, ela colocou sua fé neles, e eles falharam com ela. E então, na noite em que ela precisou de mim, foi exatamente o que fiz.

Falhei com ela.

Minha mente pisca para aquela noite. Na noite anterior, tudo deu errado. Ela deixou minha tenda, um sorriso secreto curvando seus lábios macios, e tudo que eu queria fazer era arrastá-la de volta para dentro e devorá-la novamente.

Eu gostaria de ter.

Se ao menos eu tivesse pego a mão dela e pedido para ela ficar. Se ao menos eu não a tivesse deixado voltar para aquele castelo.

Quando Hojat cuidou dela, e eu vi o estado de suas costas...

Um aperto me dá um soco bem no esterno. Suas fitas. Suas fitas encantadoras, únicas e lindas. Se foram. Destruídas. Deixadas em uma ruína desgastada e sangrenta.

Acho que nunca vou tirar essa visão da cabeça.

Não é de admirar que ela não suporte que eu olhe.

“Então, onde você estava?” ela me pergunta, e mesmo que eu quisesse que ela perguntasse, ainda me encolho.

“Eu fodi tudo. De todas as maneiras possíveis.”

Cenários continuam passando pela minha cabeça. Se ao menos eu tivesse feito uma coisa diferente, talvez pudesse ter parado.

“Lu me disse que a Rainha Kaila ouviu vocês duas quando ela a acompanhou de volta do acampamento. Ela recuou depois que a rainha se foi, teve que contornar inúmeros guardas. Quando ela chegou ao seu quarto, você estava dormindo. Ela ficou esperando nos corredores até o amanhecer e então viu que você desceu para dourar para Midas. Ela esperou para ter certeza de que estava tudo bem antes de voltar ao acampamento e me contar o que aconteceu. Ordenei que ela dormisse um pouco

primeiro, porque ela estava prestes a cair. Eu sabia que ela precisava descansar antes de procurar por Digby. Então mandei Judd no lugar dela, mas ele apareceu sem nada."

Auren escuta atentamente, e é como se eu pudesse ver sua mente fundindo sua linha do tempo com a minha.

"Eu tentei avisar Mist, a sela que está carregando o bebê de Midas," ela me diz. "Tentei avisá-la sobre a Rainha Kaila, mas ela não quis me ouvir. E então eu ia tentar escapar e contar o que aconteceu, mas Midas veio, querendo que eu usasse minha magia. Então fiz um acordo com ele."

Sei imediatamente que acordo. "Digby."

Ela acena com a cabeça. "Eu fui uma tola."

"Não, Midas era apenas a porra de um monstro."

Ela olha para baixo. "Usei minha magia o dia todo. Achei que ele ia me deixar ter Digby de volta. Eu diria que essa é a definição de tola."

Eu odeio a amargura em seu tom, porque é dirigido a ela mesma.

"Auren..."

"Continue," ela me diz.

Eu engulo minhas outras palavras com um aceno de cabeça. Se ela quer que eu continue, então é isso que farei. "Na noite em que você e eu deveríamos nos encontrar na biblioteca, eu passei pelo portão de Ranhold para entrar. Lu estava comigo, pronta para procurar Digby."

Obrigo-me a mergulhar direto, sem inflexão, sem pausa. Porque embora eu não tenha falado em voz alta, na minha cabeça, repassei os eventos que levaram a encontrar Auren muitas vezes para contar.

"Ryatt deveria estar lá esperando por nós, mas ele nunca apareceu. Não pensamos muito nisso, porque ele estar atrasado não é incomum. Entramos, mas em vez de seguirmos caminhos separados, fomos desviados por Midas na entrada."

“O que ele queria?”

Meu maxilar salta enquanto cerro os dentes. “Ele me puxou para a porra de uma reunião. Ele estava me enrolando. Eu só não sabia disso na época. O que eu também não sabia era que havia problemas com os aldeões chegando muito perto do acampamento do nosso exército, então Judd e Osrik estavam lidando com isso. Enquanto isso, Lu não estava tendo sorte em encontrar Digby, e então descobri que Midas havia detido Ryatt.”

Suas sobrancelhas saltam em surpresa. “Ele o prendeu?”

“Eu só descobri mais tarde.”

A compreensão surge em seus olhos. “Ryatt foi detido por minha causa. Porque Midas pensou que ele e eu...”

“Ele disse a Ryatt que ele tocou em algo que não pertencia a ele,” digo a ela, meu maxilar tenso. “No momento em que saímos dessa reunião inútil sobre nossa maldita aliança falsa e acordos comerciais, já era muito tarde, e com o baile acontecendo no dia seguinte, o castelo estava cheio. Havia servos e guardas por toda parte. Demorou um pouco, e tivemos que subir primeiro para o meu quarto, mas então Lu finalmente saiu para começar sua busca por Digby, enquanto eu subia para a biblioteca. Eu sabia que você não estaria lá, pois já era tarde demais, mas procurei uma nota ou qualquer indicação de que você esteve lá.”

Eu a ouço engolir.

“Eu não vi nenhuma,” eu digo, e então eu espero, no limite. Porque eu juntei as peças do que aconteceu da melhor maneira que pude com os outros, mas agora finalmente vou ouvir de seus próprios lábios.

“Eu nunca cheguei à biblioteca,” ela diz baixinho, e quando ela olha de volta, seus olhos estão distantes, todo o caminho de volta para Ranhold.

“Tentei subir ao seu quarto, mas havia muitos guardas. Eu não queria alertar Midas. Eu já sabia que as coisas estavam precárias com a Rainha Kaila,” acrescento.

“Eu não estava lá de qualquer maneira,” ela me diz. “Ou talvez eu estivesse lá naquele ponto, não tenho ideia. Se estou montando a linha do tempo corretamente, Midas já tinha...” Ela engasga com a emoção, tem que limpar a garganta antes de conseguir falar o resto. “Já tinha acontecido. Talvez eu já estivesse enfiada de volta no meu quarto, não sei. Eu estava muito confusa.”

Minhas costelas parecem ter sido acorrentadas. Nem um único vão permitindo que alguém respire.

“Eu não dei ouvidos à porra dos meus instintos,” digo a ela, a raiva de mim mesmo praticamente cuspindo de mim. “Tentei ir ver você de novo. Eu podia sentir que algo não estava certo, mas Midas me manteve muito distraído. Antes que eu pudesse chegar ao seu quarto, ele chamou todos nós para mais malditas reuniões antes do baile começar. Eu estava tão amarrado que nem percebi a merda acontecendo ao meu redor. Foi só quando Lu apareceu e fez sinal para mim que percebi que ela o tinha encontrado.”

“Digby?” Auren pergunta.

“Não. Ryatt,” eu digo a ela. “Lu estava procurando por Digby, mas ela encontrou meu irmão em uma cela. Ryatt disse a ela que viu Digby sendo entregue a outro grupo de guardas. Tivemos que esperar o baile começar antes que ela pudesse voltar para tirar Ryatt e, enquanto ela distraía os guardas e os levava de volta ao baile, Ryatt pegou Digby.”

Ela processa tudo com um lento aceno de cabeça, inclinando-se como uma boia no mar.

“Você vai me contar o que aconteceu?” Eu pergunto, embora eu odeie a dor que isso causa a ela.

“Ele me drogou.”

Sua declaração faz meus olhos arderem. A porra do meu peito inteiro parece que se abriu, as correntes que se danem. “Ele porra o quê?”

Ela faz uma pausa com o horror fervente em meu tom de voz, seu olhar passando rapidamente para onde meus espinhos rasgaram minha camisa, como as presas negras de uma fera rosnando.

"Como eu disse, fui uma tola," ela continua, levantando um único ombro. "Deixei que ele me levasse para baixo, e ele me trouxe para Digby. Essa foi a única coisa honesta que ele já fez." Lágrimas começam a cair em seu rosto, sua testa franzida em dor. "Ele foi espancado. A princípio pensei que ele estava morto. E eu estava furiosa. Eu queria machucar Midas. Fazê-lo sofrer tanto quanto Digby estava sofrendo. Mas então ele me segurou contra a parede e ele... ele..."

Meu peito aperta. "Auren..."

"Ele cortou minhas fitas. Uma por uma. Eu senti tudo." Ela está tentando não chorar, mas os soluços apertam sua garganta e fecham a minha com tanta força que não consigo respirar. "Isso machucou. Doeu muito."

Onde você estava?

Eu não apenas falhei com ela. Eu permiti que ela fosse fodidamente destruída.

"Eu desmaiei depois disso, da dor ou do orvalho, ou ambos. Acordei, mas apenas brevemente, e então, na próxima vez que acordei, recebi mais orvalho. Não me lembro de tudo depois disso. Apenas trechos."

Meus dentes doem com os caninos afiados que abriram caminho para baixo, minhas bochechas coçam com as escamas que agora sei que me adornam. Durante todo o dia que antecedeu o baile, meu estômago parecia que havia garras destruindo-o. Mas então, como um ímã me atraindo, eu finalmente a vi naquela noite. Lá em cima naquela varanda. E mesmo que eu não soubesse de nada disso ainda, mesmo que tivéssemos centenas de pessoas entre nós, eu podia sentir isso. Podia ver isso em sua aura errática e intermitente.

Achei que você viria. Mas você não.

Eu deveria ter apodrecido toda a porra do salão de baile ali mesmo.

O ódio que sinto por mim mesmo é tão intenso que meus espinhos latejam pela minha coluna, como se quisessem me apunhalar ao meio.

Auren respira fundo e, por um segundo, acho que ela está apenas recuperando o fôlego, mas quando vejo que seus olhos caíram, sigo seu olhar para o meu braço. Meu braço, onde meus espinhos estão pulsando, e filetes de sangue vazaram pela minha pele rasgada.

Acho que isso explica por que minhas costas parecem estar sendo mastigadas, embora não seja nada comparado à dor que sinto no peito.

“Nunca vi isso acontecer.”

Eu balanço minha cabeça distraidamente. “Não acontece. Não por muito, muito tempo.”

Quando levanto minha cabeça para olhar para ela novamente, linhas brilhantes de suas lágrimas estão secando em seu rosto. Lágrimas que nunca deveriam ter existido. Não se eu tivesse feito a porra do meu dever e a protegido do jeito que prometi.

A repugnância me consome, e eu fecho minhas mãos em punhos. “Onde eu estava?” Eu digo com um suspiro, fazendo seus olhos baterem nos meus. “Eu não estava lá, porra.”

Eu não estava lá.

Enquanto ela drenava sua magia.

Enquanto ela estava drogada.

Enquanto ela ficou cara a cara com um Digby espancado e ensanguentado.

Enquanto ela foi mantida contra a parede e mutilada.

E, no entanto, ela desceu daquele mezanino, abriu caminho no meio da multidão e ficou na minha frente para enfrentar Midas, me reivindicando na frente de todos, parecendo que estava pronta para lutar contra o mundo para me proteger.

E eu…

Eu não estava fodidamente lá.

CAPÍTULO 28



Auren

Eu me sento aqui, uma grossa camada de um casaco debaixo de mim, a luz do dia sombria se filtrando por trás, e tudo que posso fazer é olhar para o homem na minha frente.

Se a angústia fosse uma pessoa, seria ele.

Ele passa a mão pelo cabelo, puxando os fios pretos enquanto seu rosto está torcido em uma expressão de dor.

Eu não estava fodidamente lá.

Pela maneira como ele disse isso, eu poderia dizer que estava batendo dentro de seu crânio com os punhos erguidos, reverberando em sua mente repetidamente como um eco malicioso.

Não posso deixar de olhar para onde os espinhos em seus braços rasgaram sua pele, fazendo-o sangrar. Nunca vi isso acontecer nas outras vezes em que ele se transformou. Mas também posso dizer que não foi apenas uma transformação normal. Quando ele estava ouvindo meu relato sobre o que aconteceu, seus espinhos saíram dele em uma explosão violenta. Qualquer que seja a magia associada à sua metamorfose geralmente inofensiva, não conseguiu acompanhar suas emoções furiosas.

Mas ver esse lado dele, ver Rip me faz soltar um suspiro trêmulo. Porque mesmo que ele ainda seja ele, não importa em que forma ele esteja, de alguma forma eu senti falta dele. Esta é a versão dele que eu conheci primeiro. A versão dele em quem eu confiava e pela qual ansiava.

Olhos negros torturados se erguem para mim, e estremeço ao ver sua aura pulsando ao redor de seu corpo. Está se movendo como sombras agravadas, um nublado de denso tormento. Mas não é uma falsidade. Não é uma manobra ou uma tática. Ele não está fazendo isso com propósito ou para manipular minhas emoções. Na verdade, ele está se esforçando muito para não demonstrar emoção.

Vê-lo assim me faz pensar como eu olhei para Midas e acreditei em uma maldita palavra que ele disse. Se Midas alguma vez demonstrou qualquer emoção além de raiva, ele o fez como um esquema.

“Um pedido de desculpas é uma palavra insultuosa e superficial,” Slade força. “Eu odeio que tudo o que tenho a oferecer a você seja uma palavra barata. Desculpe é inadequado.” Ele balança a cabeça, os ombros tensos, embora eu duvide que tenha algo a ver com os espinhos que rasgaram suas costas. “Eu falhei com você tão completamente. Você deveria me odiar por isso. Nunca se deve esperar que você me perdoe por isso. Mas eu sou um pedaço de merda egoísta, porque vou tentar ganhar seu perdão de qualquer maneira.

Ganhá-lo. Não pedir para eu dar.

Isso é incrivelmente estranho e desconcertante.

“Rip...”

“Se eu tivesse feito algo diferente, as coisas poderiam ter sido evitadas. Eu deveria saber que algo estava errado quando Midas me afastou. Eu deveria ter ido direto para o seu quarto depois para ver como você estava. Nunca deveria ter deixado você sair do acampamento em primeiro lugar. Eu deveria ter encontrado você naquela cela e salvo você antes que ele pudesse te machucar.

“Mas, Rip...”

“Eu deveria ter apodrecido todo aquele maldito salão de baile ali mesmo, as consequências que se danem, porque eu o deixei machucar você. Eu apenas fiquei lá. Eu só fiquei lá enquanto ele ameaçava te matar. Você deveria me odiar para sempre, me culpe, porque eu falhei...”

“Rip!” Minha voz ataca como um chicote, cortando sua tangente. Ele se assusta, olhos negros estalando em mim. Quando tenho certeza de que tenho toda a atenção dele, digo: “Não queria isso.”

Ele balança a cabeça, sua mandíbula trabalhando. “Eu sei que você não queria que eu apodrecesse todo mundo. Mesmo depois de tudo que você passou, você ainda desceu para me proteger.” Ele zomba com nojo de si mesmo, como se não merecesse isso.

“Não é isso que eu quero dizer. Estou feliz que você não interveio.”

Ele recua como se eu o tivesse chocado. “O que?”

Meu aceno é lento, mas definitivo. “Estou feliz que você não fez isso.”

Confusão mancha suas feições. “Como você pode não querer que eu interviesse? Eu falhei com você...”

“Não, você vê? O problema é que eu tenho falhado comigo mesma.”

Seus lábios pressionam juntos, e um silêncio pesado cai entre nós. Deixei meu dedo arrastar pelo chão da caverna.

“Não vou mentir e dizer que não queria que você aparecesse e me resgatasse naquele momento,” admito. “Mas a retrospectiva dá a melhor perspectiva, e estou feliz que você não tenha feito isso.”

Ele suga a respiração, como se isso não fosse o que ele esperava.

“Você não falhou comigo. Isso foi eu. Por tantos anos. Teria sido mais fácil e indolor para mim se você tivesse aparecido? Sim. Mas a verdade é que eu precisava da gota d'água. Eu não me arrependo, porque eu precisava quebrar. Eu precisava encontrar minha margem.”

Eu o evitei por toda a minha vida, e era irregular, dolorosa e íngreme, mas a encontrei.

“Mas eu deveria...”

“Não,” eu digo, cortando-o. “Eu precisava fazer isso por mim. Ninguém me resgatando. Ninguém lutando a minha luta. Tinha que ser eu. Você entende?”

Guerras de emoção em seu rosto. Posso dizer que ele ainda pensa que falhou, ainda odeia não ter estado lá. E eu entendo isso. Eu faço. Mas...

Eu encontro seus olhos para que ele possa ver a verdade nos meus. “Eu tinha que ser a única a me salvar.”

Algo ruminativo gira em seu olhar. “E você fez. Você fez, porra,” ele diz, o orgulho aparecendo em cada letra. “Mas eu odeio que você se sinta culpada. Midas teve o que merecia. Ele era a porra do verdadeiro monstro. Você não. Se você quer culpar alguém pela morte dele, pode me culpar, porque eu deveria ter matado o bastardo antes que ele te machucasse. Mas eu não suporto que você se arrependa...”

“Espere um minuto,” eu interrompo, cortando minha mão no ar.

Ele para, os olhos fixos no meu rosto.

E, de repente, percebo esta última peça com a qual ele está lutando, o que ele está pensando o tempo todo. Esta é a narrativa que é sussurrada em seu ouvido. Eu tenho lutado contra as memórias naquela noite, lutando contra a verdade sobre minhas fitas, sobre minha magia rebelde, enquanto eu o deixei sozinho.

Eu o olho diretamente nos olhos. “Eu quero que você me ouça com muito cuidado.”

Ele parece se preparar, como um homem sem abrigo travando os joelhos em uma tempestade torrencial.

“Foda-se o Midas.”

Ele pisca surpreso. “O que?”

“Você me ouviu. Foda-se. Midas.”

Grande Divino, é bom dizer isso.

Ele balança a cabeça como se estivesse tentando clareá-la, como se não pudesse acreditar no que está ouvindo.

“Minha culpa é sobre os inocentes que foram pegos em minha fúria. Minha incerteza é sobre minha magia. Mas Midas? Não. Estou feliz por tê-lo matado,” eu digo, meu tom obstinado e firme. “A única coisa que lamento é não ter feito isso antes.”

Ele continua parado me observando, como se esperasse ver uma rachadura na mentira engessada. Mas ele não vai encontrar uma, porque eu quero dizer cada palavra. “Você está realmente feliz?” ele pergunta com cuidado.

Eu concordo. “E aliviada. Nunca senti tanto alívio antes. Simplesmente… se foi.”

“O que?”

“A gaiola.”

Ele não me pede para elaborar, porque posso ver por sua expressão que ele sabe exatamente o que quero dizer.

“Ainda estou processando.”

“Sua morte?” ele pergunta.

Eu balanço minha cabeça. “Não. A profundidade de seu controle sobre meus pensamentos. Minhas decisões. Minha vida. Mesmo agora, eu me encontro me afastando das pessoas, não apenas por causa do meu poder, mas porque ele nunca quis que eu fosse tocada. Eu via as coisas de uma maneira; ele me disse que eu estava vendo errado. Eu senti algo; ele me convenceu de que eu estava louca ou exagerando.”

Tudo vem correndo. Tantos pequenos momentos. Vezes em que eu estava cega demais para ver. Muito acovardada por palavras eloquentes em um castelo folheado a ouro.

“É tudo,” eu explico. “As pequenas coisas. Quão submissa eu havia me tornado. Quão pisada. Eu não era nada além de uma estrada para ele. Um meio para chegar onde ele queria ir, e eu abri esse caminho com ouro. Mesmo agora, eu me preocupo

em nunca me livrar dele. Eu me preocupo que ainda serei pisada. E se eu nunca me curar verdadeiramente de suas manipulações? E se o dano que ele causou à minha pessoa nunca for desfeito?"

Há um longo silêncio pensativo antes que ele diga: "O trauma emocional que você suportou levará tempo e você precisa saber quando ser gentil consigo mesma e quando se fortalecer. Mas se você estiver em dúvida, pare e ouça a voz em sua cabeça. Contanto que a voz seja sua e não dele, então você sabe que está batendo no bastardo."

Batendo no bastardo.

Eu gosto do som disso.

"Para ser honesta, eu estava me preparando para a culpa me atingir, para o remorso abrir caminho. Midas manipulou minhas emoções por tanto tempo que eu esperava que o dano desse condicionamento mostrasse sua cara feia. Mas o que ele fez comigo..."

Eu limpo minha garganta e desvio o olhar, uma mão alimentando o bolso do meu casaco. Meus dedos torcem o pedaço da minha fita, o tecido de cetim enrolado em minha mão, me apoiando.

"Não sinto arrependimento ou culpa," admito. "Eu só estou com raiva pra caralho. Com raiva por eu ter deixado isso durar tanto tempo, por ter deixado ele aguentar tanto. Estou com raiva de todos que me prejudicaram ou me usaram. E estou com raiva por não ter descoberto como me salvar antes. Não sei o que vou fazer com tudo isso dentro de mim, mas não tenho mais medo. Eu não sou atacada com culpa ou arrependimento. Tudo o que sinto é raiva."

A boca de Rip se curva. "Bom. Use sua raiva para completar sua coragem."

Eu respiro fundo, a besta fae dentro de mim praticamente ronronando com sua reivindicação.

"A raiva pode fazer muitas coisas," ele continua, passando o polegar pelas pontas afiadas de seus espinhos. "Isso pode arrastá-la para baixo, torná-la amarga.

Mas se você manejá-la de outra maneira, pode ser um trampolim para sua determinação."

"Parece que você está falando por experiência própria."

"Eu estou. Aprendi a usar minha própria raiva a meu favor."

A ideia de que essa raiva aguda que está esculpida nos recessos do meu peito poderia realmente ser usada me intriga. "Então você não vai me dizer para viver e deixar viver? Para superar minha raiva e superá-la?"

"Absolutamente, fodidamente não. Vou ensiná-la a usá-la."

CAPÍTULO 29



Auren

Eu não quero ficar atolada pela minha raiva, arrastada por ela, para me transformar em uma pessoa amarga e miserável. Mas usar minha raiva de uma maneira diferente? De alguma forma para me fortalecer? Agora isso... isso é algo que posso deixar para trás.

Sempre fui mais passiva na vida. Acho que muitas vezes a passividade é confundida com fraqueza. Realmente, é apenas uma maneira diferente de lidar. Para sobreviver. A maneira mais segura que aprendi de reagir às situações foi perseverar. Para deixar as coisas passarem. Agradar. Para manter a paz. Para regular constantemente minhas próprias reações, pensamentos e emoções para que o tirano pudesse ser apaziguado em uma forma menor de abuso.

Então, desde cedo, aprendi que minha raiva não era segura. Então, aprendi que era irracional. Então, foi simplesmente errado. Eu estava sempre errada.

Foda-se isso.

Minha maldita mente divina foi deformada no molde do propósito de outra pessoa.

O abuso veio em tons de cinza. Alguns eram mais escuros e mais perceptíveis do que outros. Alguns, eu provavelmente nem notei ainda. Minha cura disso não vai acontecer da noite para o dia.

Mas... estou livre agora. Verdadeiramente livre. Pela primeira vez em vinte anos, tenho a chance de decidir quem serei, como serei. E não quero desperdiçá-lo com ele. Quero cortar seus efeitos de forma tão meticulosa e completa quanto ele me cortou.

Então, se eu puder aprender a usar minha raiva de uma forma que me leve adiante em vez de me manter aqui, presa a um passado doloroso, então é isso que eu quero fazer.

Quando eu olho para Slade, minha determinação parece comigo. “Eu quero que você me ensine como usar minha raiva,” digo a ele. “Mas a verdade é que meu ouro não está funcionando direito.” Dando de ombros, olho para minhas mãos. “Eu poderia me ver usando o ouro como esta besta, este lado fae de mim, mas eu não posso chamá-lo assim. Eu não tenho controle sobre isso nessa forma. E agora, não está funcionando de jeito nenhum.”

Meu toque de ouro nunca foi algo que eu tivesse que me esforçar muito para usar. Na verdade, sempre foi exatamente o oposto. Tive que ter mais cuidado, trabalhar mais para não sair.

Quando soltei naquele salão de baile, poderia ter sido cataclísmico. Tenho sorte que Slade me parou quando o fez, porque minha mente racional não tinha controle. Eu poderia ter matado Slade ou a Ira ou Digby. Meu ouro pode ter vazado pelo resto do castelo e caído na cidade, matando inocentes.

“Meu ouro não é confiável. Não posso confiar em mim.” Eu finalmente digo as palavras em voz alta, as mesmas que estão revirando minhas entranhas, me fazendo engoli-las de novo e de novo.

Slade franze a testa. “Você desencadeando assim, defendendo-se enquanto sua magia se desenrolava com outra camada que você nunca foi capaz de utilizar antes, não é uma coisa ruim, Auren.”

Não tenho certeza de como ele pode dizer isso. Então, novamente, ele apodrece as pessoas. Provavelmente não é o melhor juiz de bom versus ruim.

“Independente disso, eu não dourei nada,” eu digo, cutucando minhas leggings. “Nem uma única coisa desde que acordei. Meu toque de ouro sempre aconteceu involuntariamente. Sempre. Se o sol nascer, meu ouro virá, quer eu queira ou não. Mas desde que acordei... nada.”

Ele parece contemplativo por um momento, os olhos deslizando ao meu redor. “Sua aura parece forte. Mas magia física como a nossa pode ser complicada. É por isso que o treinamento é tão importante.”

“Acho que minha magia está quebrada,” confesso com uma língua grossa. “Eu acho que quando de alguma forma chamei o ouro para mim naquela noite, quando eu estourei e minha natureza fae apareceu, eu fiz algo com minha magia que eu não deveria ser capaz de fazer. Eu o corrompi de alguma forma e agora não funciona direito. Pelo menos, não sem que eu me torne totalmente fae, e não posso continuar me deixando estalar assim. Porque o que eu fiz...”

Minha voz aumenta. Língua ressecada pelas lembranças que me atormentam.

Vejo os flashes passando em minha cabeça em fragmentos. A onda de poder que eu chamei. As coisas que eu destruí.

As pessoas que eu matei.

Também posso ouvir os gritos.

Por causa do que eu fiz. Porque eu perdi o controle.

Olhe o que você fez.

Aquela voz repentina surge na minha cabeça como um apito estridente lançado de uma mão combativa, dedos calejados enfiados entre os dentes, o estrondo lançado contra meus ouvidos como um tapa.

Olhe o que você fez.

Eu me afasto dele, como se a pessoa dizendo isso estivesse na minha frente e não na minha cabeça.

“Auren?” Meus olhos saltam para Slade, para a linha preocupada entre suas sobrancelhas. “O que acabou de acontecer? Aonde você foi?

“Nada. Lugar algum.”

Seus olhos se estreitam. Vendo. Observe-me como se ele não estivesse apenas olhando para os meus olhos, mas olhando através deles. Olhando para dentro da minha cabeça, onde essas memórias giram.

“Eu vejo.”

Meus ombros ficam tensos. “Você vê o quê?”

Rip se inclina para a frente. “Você sabe o que eu penso?” ele diz em vez de me responder. “Acho que você já explicou por que seu ouro não está funcionando.”

“O que você está falando?”

“Você disse que você e seu ouro não são confiáveis.”

“É verdade.”

Ele levanta um dedo e aponta para mim. “E isso aí explica. Porque nossas emoções estão ligadas ao nosso poder, Auren. Isso inclui o medo de nossa própria magia.”

Meu pulso dispara. Talvez eu esteja imaginando, mas juro que seu olhar cai para a veia do meu pescoço como se estivesse me observando de perto.

“Você está com medo do que fez em Ranhold,” ele diz, e meu coração bate contra minhas costelas, meus olhos se esquecendo de piscar.

“Claro que estou.”

Ele se inclina para mais perto de mim, e eu quero me afastar, quero levantar a mão na frente do meu rosto para que ele não possa me ler tão completamente.

A defensiva surge em mim como uma maré repentina. “Eu não deveria ter sido capaz de controlar o ouro assim, mas consegui e, por causa disso, matei pessoas. Perdi o controle.”

“Você não está apenas com medo do que fez naquela noite. Você tem medo do seu ouro, não é?”

A pergunta me atinge em cheio no peito. Ele nem precisa que eu responda.

“Você não pode ter medo do seu poder, Auren. Eu sei que você teve que tentar se esconder e suprimir isso a vida toda, mas...”

“Eu mal tinha qualquer controle antes, e agora tenho que me preocupar em me tornar uma besta fae? Eu nem sequer tenho a prorrogação da noite?” Deixei escapar um suspiro de escárnio. “Eu tenho que ter medo disso, Rip. Porque quando eu perco o controle como fiz em Ranhold e como fiz em...”

Eu fecho minha boca, olhos arregalados.

A cabeça de Slade se inclina. “Como você fez onde?”

Não.

Eu não quero pensar sobre isso.

Nunca me permiti pensar nisso.

“Você perdeu o controle antes, Auren?” ele pergunta baixinho.

Minha mandíbula range. Calor desenfreado atinge a parte de trás dos meus olhos.

“Eu não quero falar sobre isso,” eu digo, levantando-me de um salto. “Isso não tem nada a ver com agora.”

Ele está em cima de mim antes mesmo que eu possa dar três passos. Sua mão segurando meu braço, virando-me de volta. E eu odeio a expressão de preocupação em seu rosto, porque isso só me faz sentir pior.

“Minha magia acabou de ser quebrada. Isso é tudo,” eu digo obstinadamente.

A adrenalina bombeia em minhas veias, meus membros formigando, a respiração acelerada como se meu instinto de fugir estivesse me estimulando. Mas

Slade não remove seu aperto em meu braço. Estou presa neste lugar, incapaz de fugir desta conversa.

"Não. Sua magia não está quebrada, Auren. Você tem mais habilidade com isso do que nunca e está apenas bloqueando."

Sinto meus ombros ficarem tensos.

"Algo aconteceu com você, não foi?" ele pergunta suavemente. "Você perdeu o controle de sua magia antes e algo ruim aconteceu. Então, Ranhold, tudo isso está trazendo à tona outra coisa do seu passado."

Meu peito sobe e desce tão rápido, mas parece que não estou conseguindo respirar.

"Respire, baby," Slade diz suavemente, agora usando as duas mãos para esfregar meus braços para cima e para baixo em movimentos suaves. "Diga-me o que aconteceu."

Minha cabeça balança, bochecha rasgada por uma linha de umidade. "Não."

Não é uma resposta teimosa. É um apelo para ele desistir disso. Simpatia cruza sua expressão, mas ele não desiste. O bastardo nunca desiste. "Diga-me."

Estou lutando, ainda ouvindo aqueles gritos, ainda me vendo perder o controle. Então e agora, aqui e ali.

Olhe o que você fez.

Eu aperto meus olhos fechados. Mas aquela única palavra, aquela que eu tentei enterrar tanto, simplesmente cai. Como um pedaço de teto rachado que finalmente cede, caindo ao ar livre com uma rachadura existencial.

"Carnith."

A palavra cai com um tapa ecoante. Espontaneamente, libertando-se sem o meu consentimento. Eu gostaria de poder enfiá-lo de volta nos recessos ocultos, tirar o som que está ecoando entre nós. Eu não deveria ter deixado cair. Eu deveria ter pegado o que aconteceu em Ranhold e enfiado os dois longe.

“O que aconteceu em Carnith, Auren?”

Eu vou ainda. Como cordas cantantes de uma harpa subitamente presas entre os dedos, sufocando o som.

“Não quero falar sobre Carnith.”

“Acho que deveríamos,” diz ele. “Acho que o que aconteceu em Ranhold trouxe à tona qualquer trauma que você experimentou em Carnith, e acho que essas duas coisas são o que está reprimindo sua magia agora.”

“Minha magia simplesmente não é confiável.”

“Este era um novo lado do seu poder que você não tinha usado antes. É preciso prática. Você vai dominá-lo.”

“Ou eu vou matar todo mundo. Assim como quase fiz em Ranhold. Assim como eu fiz em…”

“Carnith,” Slade termina para mim.

Meu coração está batendo tão forte que estou surpresa por não estar machucando minhas veias.

“Diga-me,” ele pede baixinho, seus olhos suaves, aceitando. Tipo, não importa o que eu diga a ele, ele não poderia me julgar por isso.

Ele deveria me julgar por isso.

“Eu nunca falei sobre isso,” admito em um sussurro rouco.

Seus polegares roçam minhas bochechas. “Eu quero o seu passado, lembra? Suas memórias, seus pensamentos. Diga-me, Auren. Eu quero ajudar.”

Como posso negá-lo? Ele está aqui. Ele não vai embora, não importa o quanto eu o force. Não importa o quão pouco eu o mereça. Desde o começo, ele sempre viu cada parte de mim.

Acho que é hora de mostrar a ele uma parte que ele não tem.

CAPÍTULO 30



Auren

Eu tive sorte.

Isso é tudo que eu continuei pensando, uma e outra vez. Saí de Derfort Harbor. De Zakir. De East Barden. De garota pintada, a sela mais cara do porto.

Eu escapei, com um salto rebelde em um barco desconhecido, capitaneado por uma mulher sensata. A capitã Mara cumpriu sua palavra. Ela me levou a bordo, e eu ganhava essa passagem todos os dias esfregando as tábuas manchadas de sal, enrolando corda, esvaziando penicos e descascando vegetais.

Mas eu não me importei nem um pouco. Porque significava liberdade. Significava fuga.

Eu tive sorte.

Então, embora eu dormisse em uma rede de balanço com as mãos cheias de bolhas e o estômago virado, eu estava mais feliz do que nunca durante todo o meu tempo em Derfort Harbor. E depois de semanas navegando, quando as bolhas começaram a se tornar calos e meu estômago aprendeu a parar de revirar a cada onda quebrada e tempestade, o navio chegou ao Segundo Reino.

A capitã Mara me colocou em um barco e me levou até o cais, e até me deu uma moeda para acompanhar as outras que eu tinha em uma bolsa costurada em meu vestido. Ela parou na minha frente naquele cais, onde o canto das gaivotas competia

com os gritos dos marinheiros, e enfiou a moeda no bolso da minha camisa que ela havia me dado e disse: “Você tem pernas terríveis para o mar. Melhor ficar firme em terra firme, ok, garota de ouro?”

Ela saiu com um cachimbo na boca, já gritando para seus companheiros de tripulação em meio ao alvoroço.

E eu... eu estava no Segundo Reino, onde a areia era branca e o sol estava forte, nem uma única nuvem à vista para despejar sobre a cidade em uma inundação de águas pluviais de peixe. Era tão diferente de Derfort, mas ainda era um porto, e eu não tinha vontade de ficar perto de um deles.

Então encontrei a primeira passagem aparentemente segura que pude com uma família em um carrinho, e tive sorte, porque eles ficaram felizes em me levar com eles se isso significasse uma moedinha extra no bolso. Eles tinham dois bebês com quem eu poderia ajudar na viagem e não precisava me preocupar quando fechava os olhos à noite.

Quando os deixei, encontrei um trio de irmãs com quem viajei a seguir, e assim foi, minha sorte permanecendo comigo de cidade em cidade, sempre encontrando mulheres com quem viajar. Fiquei boquiaberta, sussurrado, algumas pessoas vieram e me perguntaram por que eu pintei minha pele, mas fora isso, fui deixado sozinha e fiz questão de comprar uma capa com capuz profundo na primeira chance que tive.

A paisagem secava quanto mais eu avançava no deserto, praias e palmeiras se transformando em serpentes de areia e cactos. Mas continuei, tentando ficar o mais longe possível do mar. Enquanto eu estava perto do oceano, parecia que ainda estava muito perto de Zakir West e Barden East.

Minha sorte começou a acabar com minha moeda. Quanto mais eu me afastava do porto, mais as pessoas desconfiavam de uma estranha garota dourada viajando com eles. Eu tinha que pagar mais para eles concordarem em me deixar pegar uma carona, e isso se eu conseguisse fazer as pessoas falarem comigo. Quanto mais eu viajava, mais brutal a paisagem do deserto e o calor se tornavam.

Eu pensei que estava quente antes, mas isso foi pelo menos com o ar frio do oceano trazido da praia. Aqui, o sol era implacável, o vento quente. Apesar da aparência delicada das dunas macias e sedosas, a areia parecia que poderia queimar as solas dos meus sapatos. A água era tão cara que uma única flor cortada de uma pera espinhosa consumia minhas reservas de água e comida.

Apesar de tudo, eu gostava do sol. A maneira como eu podia inclinar minha cabeça para cima e sentir como se o calor estivesse penetrando em meus poros, limpando cada ano entupida e encharcada que passei em Derfort.

Mas no deserto, embora o sol brilhasse durante o dia, à noite as temperaturas despencavam. Não importava que eu colocasse em camadas cada peça de roupa escassa que eu tinha. Minhas roupas não eram páreo para o frio que vinha toda vez que o sol se punha.

Em um terreno tão desolado, não havia nada para segurar o calor, nada para bloquear o vento forte, e parecia ser um lugar totalmente diferente quando o sol se punha. Acordei mais de uma vez com escorpiões rastejando sobre minha pele ou serpentes de areia deslizando em meu cabelo. Acordei com coiotes latindo em frenesi enquanto tentavam matar ou com outros viajantes gritando de um jeito que me fez querer ficar longe.

E então, o problema eram minhas costas.

A princípio pensei que fosse algum tipo de queimadura de sol, os raios poderosos atravessando minha camisa e queimando toda a minha coluna. Coçava e minha pele descascava camada após camada, deixando-me em carne viva.

Depois da coceira veio a dor. Ele latejava entre minhas omoplatas até o fundo das minhas costas. No início foi gradual, depois tornou-se constante. Tão ruim que eu não conseguia nem deitar de costas para dormir ou andar sem estremecer. E embora continuasse a descascar, coçar e doer, eu tinha que continuar. Para tentar ignorar a dor tanto quanto eu pudesse, mesmo que eu geralmente desmoronasse em um monte de torção no momento em que parasse de viajar todos os dias.

Quando o sol se pôs, tive o alívio da queimadura. O céu noturno estava tão claro, seu rosto escuro salpicado de estrelas. Essas foram as noites em que pude esquecer a dor e lembrar que estava livre.

Livre de Derfort Harbor. Livre de Zakir. Do que aconteceu no The Solitude.

Mas eu não tinha ideia do que deveria fazer. A única coisa em que me concentrei foi em fugir. Eu fui o mais longe que pude. Atravessei um mar e deixei a costa para vadear por dunas cor de cinza, sentindo minha pele descascar sob a batida brutal do sol.

Eu sabia que precisava encontrar um lugar para parar, mas em todas as aldeias que eu ia, as pessoas eram cautelosas e eu não era bem-vinda. Então eu continuei. A gravidade da minha situação realmente se manifestou quando dormi nos fundos de uma loja, tremendo toda, estômago roncando, boca seca, uma camada de areia espalhada sobre minha pele e cabelo.

Eu não conhecia ninguém, não tinha nada. Gastei minha última moeda enchendo meu odre e um saco cheio de nozes e tâmaras. Eu estava cansada. Assustada. Sozinha, nunca me senti tão completamente sozinha.

E foi aí que encontrei Milly. Ou, na verdade, quando Milly me encontrou.

Ela me cutucou para acordar com sua bengala. Olhou para mim com um olho leitoso e me disse para ir com ela.

Eu ia fugir. Eu sabia que não devia confiar em alguém, especialmente quando você não tinha dinheiro ou itens para negociar sua segurança. Mas mesmo sendo cega de um olho, Milly deve ter visto isso em minha expressão, porque ela disse: “Vá embora se quiser, mas tenho coelho na cozinha e água no poço. Não tenho um prédio para dormir, mas tenho certeza de que a cama servirá.”

Sentei-me ali, atordoada, observando o brilho prateado de seu cabelo, a maneira como seus ombros se curvaram de modo que seu corpo tinha a forma de um bule, cotovelo dobrado apoiado em sua bengala como um cabo.

“O que?” Eu perguntei, limpando o cabelo emaranhado do meu rosto enquanto eu olhava para ela, meus joelhos dobrados, botas gastas enfiadas sob meu vestido.

“Quantos anos você tem, garota?”

“Quinze.”

“Hum.” Ela se apoiou ainda mais na bengala, as bochechas de seu rosto enrugado formando pequenos C de cada lado. “Você quebrou algum tipo de lei? Roubou algo?”

Eu balancei minha cabeça enquanto ela olhava para mim. “Bem, tudo bem então. Vamos lá.”

Fiquei boquiaberta com ela, tentando pensar em todas as maneiras pelas quais ela poderia estar me enganando. Antes que eu pudesse descobrir, ela se virou e começou a se afastar mancando, saias balançando em suas panturrilhas, cabelo prateado preso em uma trança apertada.

Quando eu não me mexi, ela olhou por cima do ombro para mim. “Então? Vai ficar sentada na rua a noite toda e ser bicada por abutres? Ou você vem? Porque eu tenho um problema no quadril e a pior paciência.”

Eu gostaria de dizer que tive um instinto me dizendo que podia confiar em Milly e é por isso que fui com ela, mas a verdade é que eu realmente queria aquele coelho e água.

Milly me levou até uma mula amarrada a uma carroça na rua escura, e eu sentei ao lado dela enquanto ela pegava as rédeas e nos arrastava para longe. Quando a rua acabou, quando o aglomerado de prédios da vila foi deixado para trás, ela ainda nos guiou, cascos cansados pisando na areia, apenas uma lasca de lua crescente iluminando o caminho.

Trinta minutos depois, quando eu estava prestes a cair de exaustão, minhas costas inteiras gritando de dor, os primeiros sinais de Carnith apareceram.

A maioria dos vilarejos e cidades por onde passei tinha oásis ou rios, por mais baixos que fossem, e Carnith não era diferente. Era uma pitoresca vila enrolada em torno de um pequeno oásis, com tamareiras espalhadas ao redor da água.

A casa de Milly ficava bem no meio do aglomerado de prédios. Elas estavam todas aninhadas entre dunas de areia, uma montanha distante na paisagem sombreada. Cada casa era curva e curta, parecendo ter sido moldada em argila e deixada para assar ao sol. A dela estava um pouco mais afastada do que as outras, cercada por uma pequena cerca de barro. O telhado de zinco ligeiramente inclinado brilhava prateado enquanto ela conduzia a mula pelo portão e depois para um pequeno estábulo cujo chão estava cheio de palha, enquanto um cocho e baia eram visíveis através do arco.

Ainda desconfiada, esperei na frente do prédio, observando enquanto ela descia os degraus da carroça. “Bem, não fique boquiaberta, garota. Venha aqui. Você vai aprender como desatrelar Sal e alimentá-lo, regá-lo e escová-lo. Amanhã, quando eu for fazer minhas entregas, você aprenderá a atrelá-lo de volta.” Ela me olhou, uma sobrancelha levantada mais do que a outra. “Você aprenderá a montá-lo também.”

Tudo o que pude fazer foi olhar com os olhos arregalados para essa mulher estranha até que ela e a mula parecessem estalar para mim.

Então, aprendi a desatrelar Sal. E como escová-lo. Alimentá-lo. Lavá-lo.

Quando terminei, Milly me deu água fresca e fresca de seu poço, com gosto de terra e crocante. Eu poderia ter bebido para sempre, exceto que ela me bateu com a bengala novamente e me disse que era o suficiente porque ela não queria que eu vomitasse em todo o jardim da frente.

Depois, ajudei-a a limpar o coelho que estava secando sobre a lareira e fiquei com água na boca durante todo o tempo em que o comi. Ela olhou para mim do outro lado do fogo enquanto eu comia e disse: “Huh. Você é brilhante.”

E foi isso. Ela não parecia se importar que eu fosse ouro, nem parecia tão surpresa com isso, como se ela tivesse visto tanto em sua velhice que nada mais a incomodava muito.

Depois que comi o suficiente, ela empurrou para o lado uma cortina pendurada em uma porta e me mostrou um quarto com uma pequena cama de palha com uma pequena janela quadrada e me disse para descansar um pouco.

Não dormi nada naquela noite porque estava muito cautelosa, muito nervosa. Eu ainda estava me perguntando o que ela iria fazer, porque, na minha experiência, as pessoas não ajudavam ou davam nada de graça.

Mas Milly sim.

Então fiquei naquela noite, e na próxima, e na próxima, até que comecei a dormir de verdade, e minha cautela se transformou em gratidão.

Apesar de sua idade avançada e de ser cega de um olho, rapidamente percebi que Milly era difícil de acompanhar. Ela trabalhava do amanhecer ao anoitecer, e às vezes até mais tarde, quando tinha entregas para fazer ou mercados para ir.

A parte de trás de sua casa era cultivada com flores silvestres do deserto e estrados de madeira repletos de colmeias. Ela me ensinou a colher favos de mel deles. Como fazer geleia de peras espinhosas. Como costurar minhas próprias roupas, armar armadilhas para pequenos animais, fazer uma fogueira, cavalgar Sal.

Com o tempo, minha gratidão se fundiu em calor. Milly era dura como pregos e rápida de língua, mas ela era gentil. Ela me ensinou a ser autossuficiente e me deu um teto sobre minha cabeça e comida e água em meu estômago e, em troca, me dediquei a ajudá-la o máximo que pude.

Por um tempo, tudo foi ótimo. Morávamos juntas neste pequeno bangalô de barro e eu estava contente. Milly foi a primeira pessoa que amei em Orea. Ela era como a avó que eu nunca conheci. Rápida, resistente e exigente quando se tratava de como fazer as coisas e fazê-las direito.

No entanto, havia um lado mais suave nela também. Como quando, naquela primeira manhã, ela deu uma olhada nas olheiras sob meus olhos e disse que estávamos tendo um dia ruim. Como, com os nós dos dedos nodosos e as mãos artríticas, ela escovou meu cabelo molhado e irremediavelmente emaranhado. Como, quando ela estava penteando e percebeu que eu estremeci, ela exigiu saber o que havia de errado com minhas costas.

Ela me encontrou dormindo do lado de fora e me levou para casa. Ela viu minha pele dourada e deu de ombros. E então, enquanto ela cuidava das minhas costas esfoladas e descascadas, ela descobriu minhas fitas brotando delas, e ela nem piscou.

“Tem fitas crescendo em você,” ela disse. Tão prosaico que não havia sequer uma nota de inflexão.

Eu estava em pânico.

Ela era pragmática.

“Melhor não as arrancar. Acho que elas deveriam estar aí.”

Prática como sempre, ela cuidava da pele dolorida todas as noites e me disse para deixá-las em paz, disse-me para não me preocupar com isso. Porque as pessoas deixam o cabelo crescer em todo o corpo, então não era tão estranho deixar isso crescer. Disse que ela tinha pelos no queixo mais compridos do que os que cresciam nas minhas costas, embora isso não fosse verdade por muito tempo.

Foi sua atitude impassível e serena que me impediu de ter um colapso. Foi seu cuidado silencioso enquanto ela cuidava delas todas as noites que me fez chorar com a aceitação que ela me mostrou.

Então continuei trabalhando ao lado dela no jardim ou esfregando os tijolos no poço ou cuidando de Sal ou ajudando a consertar ou lavar ou cozinhar, e estava contente, sim, mas também estava segura. Era como viver lá fora com Milly, na periferia de uma pequena aldeia, no meio de um deserto, eu finalmente estava segura.

Até que uma noite, tudo mudou.

Adormeci como sempre fazia. Enrolada do meu lado, observando o tecido fino da porta com cortinas enquanto balançava com a brisa pela janela aberta. O luar entrava, da mesma cor suave e leitosa dos olhos de Milly, e eu ouvia seu tenor áspero e seco enquanto ela cantava enquanto costurava.

Seu canto me lembrou minha mãe.

Não foi até horas depois, quando o amanhecer mal havia chegado, que eu acordei. Acho que deve ter sido o som da porta da frente fechando ou talvez apenas uma perturbação no ar. Sentei-me na cama com um sobressalto, o coração já batendo forte antes que minha mente pudesse acompanhar o perigo que meu corpo estava me alertando.

Mas então eu ouvi. Passos. Passos muito pesados e firmes para serem o engate manco de Milly. Houve o som de algo caindo no chão, uma fungada alta, um arrastar de pés, uma tosse. E foi aí que congelei na cama. Porque aquele era um homem. Um homem que deve ter invadido, um homem que ia machucar Milly, me machucar, roubar o que não era dele e abusar de nós porque podia.

Porque era isso que os homens faziam. Eles pegavam e machucavam e ninguém nunca os detinha.

Minhas costas coçavam. Meus dedos doíam. Meu coração continuou a martelar.

Eu não podia deixar nada acontecer com Milly. Ela era muito velha, muito frágil, e aquela língua perversa dela só pioraria as coisas.

Tinha que ser eu. Ela me protegeu, então eu tinha que protegê-la. Essa necessidade crescente de mantê-la segura consumia tudo. Olhei ao redor da sala esparsa em busca de qualquer coisa que pudesse usar como arma, rastejando para pegar minha bota no chão.

Enquanto eu me agachava contra a parede, observando a cortina esvoaçante na porta, minha adrenalina aumentou. Eu não ia deixar ninguém machucar Milly. Eu não ia deixar ninguém me machucar.

Mas quando os passos pesados começaram a se aproximar, minhas pontas dos dedos formigaram. Arrepios. Como se pequenas agulhas estivessem de repente pressionando-as e ameaçando se estilhaçar.

Assim que a cortina foi afastada com um empurrão insensível, saltei para frente e bati minha bota em seu rosto. Ele gritou com uma maldição, girando sobre mim, uma expressão enfurecida e desgastada iluminada pelo luar. Ele me empurrou com tanta força que minhas costas doloridas bateram na parede com um estalo, estrelas estourando na frente dos meus olhos, e desta vez fui eu gritando, o som ampliado na luz fraca.

“Você quer tentar me atacar?” o homem gritou, enfurecido, saliva caindo na minha bochecha. Seu hálito cheirava a álcool. “Vou te mostrar o que acontece, garota.”

Ele nem me bateu com as mãos. Em vez disso, ele arrancou o saco pesado de suas costas e o jogou em mim. Duro. Não sei o que ele tinha lá dentro, mas parecia uma bigorna batendo na minha cabeça. Meu ombro. Minhas costelas. Escondido contra a parede, como se pudesse afundar através dela, tentei levantar meus braços para proteger minha cabeça enquanto o homem rosnava e balançava.

Então eu ouvi Milly.

Ela era lenta na melhor das hipóteses, mas depois de ficar deitada na cama por mais de algumas horas, suas articulações doloridas endureciam e pioravam ainda mais. E, no entanto, ouvi seu arrastar de pés apressado, sua bengala raspando contra o chão de ladrilhos.

O pânico surgiu através de mim. Uma coisa era eu aguentar esse tipo de golpe, mas Milly não conseguia aguentar isso. Seus ossos frágeis podiam muito bem quebrar. Ouvi sua voz áspera chamando meu nome. Ouvi o medo nele.

Seu medo adicionado à minha adrenalina crescente. Isso fez inchar. Fez estalar. Fez meus dedos doerem, queimarem e depois sangrarem.

Senti o líquido escorrendo pelas minhas mãos, mas mal prestei atenção ao sangue quente escorrendo de meus dedos. Porque Milly estava se aproximando, e o

homem estava balançando o pé para trás para me chutar em um golpe esmagador, e eu me lancei sobre ele.

Como um animal, eu rosnei quando pulei nele. Agarrei-o. Passei meus dedos sangrando por seu rosto. Milly não. Ele não ia machucar Milly. Eu não ia deixá-lo entrar em sua casa, roubar sua moeda suada e nos machucar.

O homem tropeçou quando o ataquei, tentou me desvencilhar, mas bati com as mãos em sua cabeça e empurrei. E o sangue nas palmas das minhas mãos se espalhou e jorrou, e eu estava frenética demais para me importar.

E então, seus rosnados se transformaram em gorgolejos. Seus dedos curiosos deixaram meu corpo para arranhar seu rosto.

O sangue escorregadio escorrendo de minhas mãos me fez perder o controle e caí no chão novamente, mas meus pés também estavam molhados, como se de repente eu estivesse de pé em uma poça de meu próprio sangue, ou talvez fosse dele? Mas isso não fazia sentido, porque eu apenas arranhei e bati nele, e ele me bateu, e por que havia tanto sangue? Estava chovendo? O telhado estava vazando? Mas por que estava tão quente? Tão grosso?

Minha mente frenética não conseguia encontrar uma única explicação, mas o ar continha o som metálico do sangue, e o líquido estava quente. Tão quente.

Milly atravessou a porta. Olhos arregalados, mãos espasmódicas ao segurar a bengala que ela segurava como uma arma. Ela ergueu a bengala, pronta para bater, mas então parou bruscamente, observando bem o homem.

"*Felton?*

"Você o conhece?" Eu perguntei, mas minha voz parecia estranha. Eu me senti estranha.

"Ele é meu irmão. Vem a cada poucos meses. O que..."

O homem fez um barulho estrangulado e então seus joelhos bateram no chão. Houve um esguicho com o impacto. Eu me encolhi quando um pouco disso respingou no meu rosto.

“Felton!” Milly chorou, e eu sabia. Sabia que tinha cometido um erro. Sabia pela maneira como ela se virou, passos irregulares se afastando e voltando, desta vez, segurando uma lanterna na mão para ajudar o amanhecer escuro a iluminar o quarto.

Quando a luz atingiu a sala, não consegui entender.

A tonalidade âmbar que encharcava tudo. O brilho refletido da lanterna. O homem estava de joelhos, agarrando a garganta, fazendo os ruídos mais perturbadores. Mas ele não estava marcado com manchas vermelhas. O chão não estava encharcado de chuva. Meus dedos não estavam sangrando. Não era o calor metálico do sangue que eu estava sentindo.

Era... ouro.

A mão de Milly voou para a boca. A bengala que ela segurava caiu no chão, espirrando ao cair. Sua expressão era horrorizada. “Felton!”

O grito saiu dela quando outro ruído borbulhante veio dele, e meus olhos se arregalaram quando ela segurou a lanterna mais perto de seu rosto. Seu rosto onde o ouro líquido havia marcado suas bochechas onde eu o bati, e se enrolou em sua boca. Ele estava tentando tossir enquanto escorria pela garganta, tentando tirar o líquido viscoso de seu pescoço onde estrangulava e apertava.

“O que você fez?” Milly gritou para mim, olhando de mim para ele. “Olha só o que você fez!”

Ele lutou por mais um momento, e então sua forma ajoelhada caiu no chão com um estrondo.

Milly lamentou.

Ela se arrastou para a frente, mas o chão escorregadio a fez cair. Eu me lancei para frente para pegá-la.

Eu não deveria.

Eu não deveria, porque assim que minhas mãos pegaram seus braços, o ouro se espalhou para ela. Como uma coisa consciente e intencional, ela se movia e se

envolvia, manchando suas roupas, manchando sua pele, formando uma poça em sua boca.

Ela não conseguia nem lutar como o homem. E eu estava em choque. Choque total e horrível, enquanto observava esse ouro aterrorizante atacar tão cruelmente a única pessoa que eu amava.

Eu tentei afastá-lo. Tentei agarrá-lo onde escorria em sua boca e escorria pelo pescoço, mas isso só piorou as coisas. Mais ouro choveu de minhas palmas, envolvendo-a em uma chuva hostil, fazendo-me puxar minhas mãos para trás. Olhei para eles, observando mais e mais fluxo abaixo, e não consegui parar.

O que você fez?

A negação tentou bater em meu peito, mas quando me ajoelhei sobre ela, vi seu olho grande e leitoso, vi a maneira como o ouro estava apertando ela e seu irmão contra o chão...

Não havia nada além de pânico então.

Arrastei-me, escorregando no ladrilho molhado, e corri. Eu gritei. Por ajuda, por alguém que viesse, por mais alguém na aldeia para consertá-la, para que tudo isso seja um pesadelo, apesar do sol quente espreitar no horizonte.

Mas enquanto eu gritava, enquanto corria para fora da casa dela e para o quintal, meu ouro veio comigo. Ele seguiu meus pés, mordiscando meus calcanhares como um cão selvagem.

A primeira pessoa que saiu correndo de casa com meus gritos deu uma olhada em mim e parou de repente. Eu tropecei nele, as mãos segurando seus braços, implorando para que ele me ajudasse enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Lágrimas que já não eram claras, mas o mesmo ouro que escorria de minhas mãos.

Eu não deveria tê-lo tocado. Não deveria tê-lo agarrado. Porque o ouro caiu sobre ele também. Ele caiu, assim como eles. Aterrissando aos meus pés com um arremesso violento e em pânico, morrendo bem ali na frente dos meus olhos arregalados, tudo por causa de um toque.

Gritos subiram e desceram a aldeia. Mais pessoas saíram. Eu estava tremendo, chorando, gritando, e essa maldição continuou rolando para fora de mim em ondas, inundando meus pés, derramando-se de minhas mãos, mais e mais e mais.

"*Ela é amaldiçoada! Ela veio para nos amaldiçoar!*"

"*Precisamos queimá-la!*"

Não, não, não, não.

Eu já estava queimando com essa cascata ininterrupta, e Milly...

Quando um grupo de homens veio correndo para mim com tochas acesas, eu sabia que eles iriam me machucar. Eu sabia que merecia. Mas eu precisava que eles fossem ver. Precisava deles para ajudar Milly.

"Por favor, por favor."

Eles correram para mim, olhos acesos com fogo, chamas refletindo no ouro que se reunia ao meu redor. Com uma pontada de medo, tentei me virar e fugir.

Mas meu ouro não.

Saiu de mim, jorrou da porta de Milly, jorrou pela rua como uma enxurrada, engolindo o vilarejo em seu rastro.

Nem demorou muito para o ouro inundar o aglomerado de casas. Para que ele fluísse em todas as portas e janelas e caísse dos telhados. Para os gritos rasgarem o ar. E então gorgolejos sufocados e pés correndo para parar abruptamente.

Deveria ter demorado mais para matar uma aldeia inteira.

Eu estava em estado de choque, joelhos nus na estrada derretida, olhos piscando em torno da destruição que eu havia causado. Restava apenas uma poça aos meus pés, a aldeia inteira manchada, borrada e pingando.

A chama das tochas espalhadas pelo chão zombou de mim. O sol nascente brilhou em acusação.

O que você fez?

O ouro não secou até minhas lágrimas.

E então, todos estavam mortos. Homens, mulheres, crianças.

Milly.

Nem mesmo o pobre Sal foi poupado.

Minhas palmas eram uma bagunça de ouro pegajoso e coagulado que eu tinha que esfregar, e meus pés eram os mesmos. Eu podia sentir os rastros grossos e secos em minhas bochechas enquanto corria pela aldeia. Manchas de ouro estavam por toda parte, sufocadas contra rostos, punhos em torno de baús, manchando portas e vidraças como respingos de sangue.

Matei todos em Carnith.

Não tenho certeza de quando desmaiei, mas quando acordei, a noite havia chegado. As sombras dos mortos dourados me cercaram. Casas silenciosas demais, sem uma única lareira acesa. Corri de volta para a casa de Milly, soluçando, exausta, andando sobre os riscos dourados no chão que pareciam tão pegajosos quanto o mel que Milly colhia.

Eu sabia que não podia ficar. Sabia que tinha que fugir. Então tirei minhas roupas sujas e me lavei, vestindo uma camisa e calças limpas, junto com meu manto. Encontrei a mochila de Milly e a enchi com o máximo de comida e água que pude carregar, e então fugi.

Eu não suportaria ficar naquela casa. Naquela aldeia. Então eu corri para a próxima. Isso foi o mais longe que meus pés exaustos puderam me levar. Fiquei em um beco escondido, sem conseguir dormir, porque tudo o que vi foi aquele respingo de ouro brilhando na boca, na bochecha e no olho bom de Milly, o leitoso intocado, olhando para frente, sem ver de uma maneira completamente diferente.

Na noite seguinte, aquela aldeia foi invadida. Com homens que trouxeram tochas e ameaças. Achei que tinham encontrado Carnith e sabiam o que eu tinha feito. Eu pensei que eles tinham me rastreado para me matar, que eles iriam punir esta aldeia por abrigar involuntariamente uma garota amaldiçoada.

Claro, eu não sabia então que era ele. Não sabia que ele havia me seguido através do oceano em um palpite e que havia encontrado Carnith, onde seu plano principal se transformou. Ele não precisava da influência ou da riqueza de ser o chefe do crime na zona leste de Derfort Harbor. Não mais. Então ele abandonou o nome falso e fez seus homens queimarem Carnith até o chão e enterrarem o ouro, escondendo totalmente as evidências.

Então ele me rastreou, fez com que metade de seus homens atacasse a aldeia para fazer com que parecesse um ataque, enquanto a outra metade avançava para salvar o dia. Ele matou seus próprios homens não muito depois disso. Ninguém tinha permissão para saber quem ele era ou de onde vinha.

Ninguém tinha permissão para saber sobre mim.

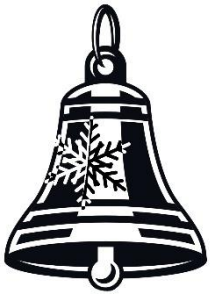
E eu o segui. Com magia recém-formada e um coração miserável e aterrorizado, eu o segui, olhando para ele como se ele fosse meu salvador. Meu protetor. Com sua insistência, aprendi como usar minha magia quando ele disse que ficaríamos sem dinheiro. Para ele, tive que aprender a usá-lo, mas mais importante, como escondê-lo.

Quando cheguei ao Segundo Reino, pensei que tinha sorte.

Mas acabou que os aldeões estavam certos.

Eu era amaldiçoada.

CAPÍTULO 31



Rainha Malira

Talvez o frio deva incomodar mais do que isso, mas acho que simplesmente fiquei entorpecida.

Dormente quando tive que fugir do meu próprio castelo.

Entorpecida quando tive que fugir da minha própria casa segura.

Entorpecida enquanto fujo do meu próprio reino.

Essa pode ser a razão pela qual eu realmente não sinto a nevasca enquanto ela ferve ao nosso redor como bolhas de gelo, uma nuvem agitada e bulbosa que emana uma névoa de neve.

Ou pode ser o choque.

Perdi a conta dos dias desde que saímos do Sexto, desde que entramos na terra amaldiçoada do que costumava ser o Sétimo Reino.

Ninguém vem aqui. Por um lado, é proibido, e dois, é impossível sustentar a vida. Não há árvores nem pássaros voando no alto, como se houvesse algo corrompido aqui, tanto no solo quanto no ar.

Ou talvez esteja muito frio.

Quando menina, aprendi lições de história sobre os monarcas que já governaram aqui. Sobre os grandes avanços que fizeram na busca do desconhecido. O próprio reino já foi intrigante também. Como os grandes lagos glaciais que costumavam atrair tantas pessoas para passear. Icebergs que se projetam da água congelada como os dentes de uma serpente marinha gigante vêm morder o gelo.

Este costumava ser um reino formidável e, apesar dos climas mais severos, também já teve uma cidade próspera. O coração da união de Orean e Annwyn, a porta entre mundos irmãos onde fae e Oreans podiam passar de um lado para o outro.

Agora, este lugar está quebrado.

Se não fosse por Sir Pruinn, eu teria voltado no momento em que notei a paisagem dividida e devastada. Agora posso dizer com total certeza que as lições que tive sobre a destruição do Sétimo Reino não foram exageradas. Fae destruíram este lugar tão completamente que nem uma única pessoa sobreviveu. Nem uma única polegada da terra sobreviveu, e ainda não se recuperou. Depois de trezentos anos, nada neste lugar mostra qualquer sinal de reparo. Não é apenas demolido, é... antinatural. Às vezes, acho que posso sentir um pouco da magia maligna pulsante pairando na névoa cinza que se agarra às fissuras.

Ao redor, há faixas irregulares de terra como facas serrilhadas, onde parte da terra simplesmente desmoronou. Como se um grande terremoto sacudisse o reino, despedaçando-o. Tudo o que resta são faixas quebradas em uma extensão achatada, um vazio cinza e branco que jaz sombrio e vazio.

Eu mantenho meu rosto no horizonte enquanto Pruinn dirige a carruagem para frente. Eu cometi o erro de olhar para aquelas fendas vazias da terra uma vez, vendo-as cheias de redemoinhos de névoa, e a visão me deixou tonta. Porque naquelas enormes rachaduras não há nada, nenhuma escuridão ou sombra que me diga que o núcleo da terra está abaixo. Em vez disso, há apenas o vazio cinza que dura para todo o sempre. Como se você pudesse cair e não parar de cair, porque o que aconteceu aqui nasceu da magia e não da natureza, e essas fendas no chão são uma anomalia de poder destrutivo.

E não para. Assim tem sido toda esta paisagem, não importa há quanto tempo estamos viajando. De alguma forma, Pruinn usou o mapa para nos guiar, sabendo quando passar por diferentes fendas e quando enfrentar as estreitas faixas de terra. Até agora, não acabamos encalhados, embora eu quase desejasse que estivéssemos. Eu gostaria que não tivéssemos outra opção a não ser dar a volta por cima.

Mas virar para quê?

Essa é a pergunta que tem me atormentado. Por mais que eu tenha absolutamente zero fé na magia charlatã de Pruinn de que este mapa pode me apontar para o desejo do meu coração, para onde mais eu tenho que ir?

Meu marido enviou um assassino para me matar. Meu próprio povo se rebelou contra mim. Não há mais nada para mim no Sexto Reino.

Talvez seja por isso que estou entorpecida.

Quem sou eu senão Malina Colier, Rainha do Sexto Reino?

Então seguimos viagem.

Nem tenho certeza de como os cavalos ainda estão vivos. Não é como se estivéssemos em um lugar onde Pruinn pudesse procurar comida, e não acredito que ele ainda tenha barris de feno para eles. Este lugar não é apenas desolado, como partes de Sexto são. É estéril, vazio. Arrepiante.

E, no entanto, quanto mais avançamos, mais perspicaz Pruinn parece se tornar.

“Não vamos encontrar nada,” eu disse a ele repetidas vezes.

Ao que ele sempre responde: “Confie no mapa.”

Idiota.

Eu cochilo, enterrada sob o capuz do meu casaco, embalada pelo balanço da carruagem. Desde então, parei de me preocupar com o casco de um dos cavalos escorregando em uma das bordas e nos fazendo cair no abismo cinza. Neste ponto, não consigo reunir energia para me importar.

Talvez seja aí que está o desejo do meu coração, um fim sem fim.

Sou arrancada do meu sono quando a carruagem para repentinamente e ouço um fragmento da voz de Pruinn acima do vento. Eu me viro para ver por que ele parou antes do anoitecer, mas congelo no lugar quando vejo a silhueta aparecendo diante de nós.

A princípio, acho que deve ser um dos antigos icebergs sobre os quais li, só que muito maior do que jamais imaginei. Ele está preso em um mar parado de neve branca, suas pontas irregulares tão afiadas quanto caninos apontando para o céu. É assimétrico, como se três quartos dele fossem quebrados e afundados no chão, deixando apenas este último pedaço restante.

No entanto, enquanto continuo a olhar de soslaio para além da névoa cinzenta, reconheço que a forma não é exatamente o iceberg com pontas amortecidas que pensei que fosse.

É... um castelo.

O que resta dele de qualquer maneira.

“É isso que eu acho que é?” Eu respiro, meus olhos ainda fixos nele.

Pruinn está sentado no assento da carruagem, segurando as rédeas frouxamente em suas mãos, seu cabelo loiro curto parecendo mudo na luz sombria do dia. “Isso é.”

Eu balanço minha cabeça, descrença rolando sob meu crânio. “Como isso é possível? Achei que o castelo estava completamente destruído.”

“Suponho que não.”

Todo esse tempo, fui ensinada que a cidade e o próprio castelo foram engolidos pelo vazio mágico, mas quando olho para a forma decrépita ainda de pé, percebo que não era verdade. O Sétimo Reino foi quebrado e destruído, mas ainda está aqui. Como um esqueleto parcialmente preservado.

Pruinn nos puxa para a frente, em direção aos ossos monolíticos do que antes era um palácio intocado. Quando estamos tão perto que posso realmente ver o

arranhão da pedra, crua e lascada nas laterais de seus restos, também vejo o que está além.

Meus olhos estavam pregando peças em mim antes, porque não é apenas um solo mais plano e congelado que se estende muito além dele.

Pensei ter visto fissuras gigantes enquanto viajávamos para cá, mas todas elas juntas não são nada comparadas a isso. Esta não é apenas uma fenda rachada deixada mutilada na terra. Não, a terra logo depois de onde fica o castelo se foi.

Como se um enorme pedaço de terra achatada tivesse sido simplesmente rasgado como um pedaço de papel e jogado fora. Nuvens turvas de névoa incolor se arrastam contra a borda escarpada da terra e, além, não há nada. Abaixo, não há nada.

O cabelo da minha nuca se arrepia e tenho a sensação repentina e intensa de estar sendo observada. Eu olho ao nosso redor, mas não vejo uma única mancha estendida ao longo da neve branca. Talvez seja a magia que está me perseguindo, como se soubesse que a vida ousou romper o vazio.

Com aquela sensação estranha que não consigo ignorar, Pruinn nos leva até a frente das ruínas. A estrutura foi fossilizada no gelo, preservando a pedra desgastada. Não consigo identificar onde qualquer janela ou varanda pode ter existido, mas a forma geral de um telhado cortado e paredes que se estendem ainda permanecem.

Pruinn pula do banco do cocheiro da carruagem e dá a volta, erguendo a mão para me ajudar a sair. “É aqui que seu mapa termina, Majestade,” ele me diz, enquanto um sorriso se abre em seu rosto. “Então vamos encontrar o desejo do seu coração.”

De alguma forma, Pruinn conseguiu encontrar uma abertura para que pudéssemos realmente entrar nas ruínas do castelo. Agora não passa de uma caverna sombreada, desmoronada em alguns lugares, os escombros congelados.

É horrível, como andar dentro do peito de uma besta gigante há muito morta. A névoa gira aqui também, então a única diferença real de fora para dentro é a forma como nossos passos ecoam ameaçadoramente. Enquanto ando, aquela sensação de formigamento acontece novamente, aquela que parece que estou sendo observada. Como se o próprio castelo estivesse me observando, me achando carente.

Bem, eu acho que falta também.

"Eu odeio desapontá-lo, Sir Pruinn, mas definitivamente não é o desejo do meu coração."

Paramos bem no meio do que imagino ter sido um grande hall de entrada, com o teto a pelo menos dez metros de altura, agora coberto de geada cor de cinza.

Virando-me para olhar para ele, eu fecho minhas mãos na minha frente. Estou cansada da viagem, mais suja do que nunca na minha vida, e agora tudo o que tenho que esperar é... a viagem de volta.

"Eu não sei o que eu estava pensando, deixando você me trazer aqui," eu digo, meu tom tão frágil quanto as lascas de gelo sob meus pés. "Espero que estejas feliz. Você acabou de provar o quanto você realmente é uma fraude, e agora estamos no fim do mundo sem motivo."

Minha raiva é frígida e fria.

"Este não é o desejo do meu coração," eu digo novamente, girando para apontar para as ruínas. "Por que você me trouxe aqui? Esta é uma terra despedaçada e cortada que não tem esperança de se tornar o que era antes."

Assim como não tenho esperança de me tornar o que já fui.

Uma garganta limpa atrás de mim, me deixando rígida. "Na verdade, Vossa Majestade, é aí que você está errada."

Eu giro ao ouvir a nova voz, os olhos arregalados para os dois homens parados diante de mim.

A primeira coisa que me chama a atenção é o quão mal ajustados eles são neste detrito abandonado, porque ambos estão impecavelmente vestidos. Como se eles não estivessem no meio de ruínas, mas prontos para entrar em algum tipo de celebração real.

A segunda coisa que noto é que os homens são quase idênticos. Uma espessa cortina de cabelo até os ombros, a mesma altura, até mesmo a mesma postura. A única diferença que consigo identificar entre eles é que cada um deles tem verrugas bem no meio das bochechas, mas em lados opostos do rosto.

“Quem são vocês?” Eu pergunto, dando um passo para trás assustada. A sensação de estar sendo observada volta com força total, fazendo com que a névoa no ar pareça mais densa à medida que se enrola ao meu lado.

“Eu sou Friano, e este é meu irmão gêmeo, Fassa,” diz o homem à esquerda, com a verruga correspondente em sua bochecha esquerda. “Temos o prazer de conhecê-la, Rainha Malina Colier.”

Eu olho com cautela para Pruinn, mas ele está simplesmente me olhando com um olhar encorajador que eu gostaria de poder tirar de seu rosto.

“Como você sabe quem eu sou e o que vocês estão fazendo aqui?”

Friano sorri, mostrando uma fileira de dentes perfeitamente iguais. “Você é a rainha do Sexto Reino. Claro que sabemos quem você é. Contos da beleza da Rainha Fria se estenderam até aqui.”

Minhas sobrancelhas levantam em surpresa. “Você está dizendo que mora aqui?”

Ambos acenam com a cabeça em uníssono e, desta vez, Fassa responde. “Sim, Majestade.”

“Como isso é possível? Ninguém pode viver aqui. Este lugar é totalmente desolado.”

“Ah, sim,” Fassa responde brilhantemente. “Irmão, se você pudesse...?”

“É claro.” Com um aceno de cabeça, Friano levanta um dedo no ar e o gira, e como uma onda ondulando ao nosso redor, o castelo se transforma.

Em instantes, as ruínas desapareceram e, em seu lugar, o castelo do Sétimo Reino foi restaurado. Paredes cinza lisas, janelas azuis deslumbrantes e mármore preto inteiro e polido sob nossos pés. O que eram os ossos despojados de uma caverna é agora um hall de entrada revivido e elegante.

É como um relógio virado para trás, revertendo todos os danos que foram feitos e devolvendo a este lugar a sua glória legítima.

Tudo o que posso fazer é ficar boquiaberta enquanto tento absorver tudo, minha mente não acreditando muito nos meus olhos. “Como...?”

“Estávamos esperando por você, Sua Majestade.”

Eu recuo, olhando entre os dois antes de meu olhar enganchar em Pruinn. “Você sabia que eles estavam aqui? Que isso iria acontecer?”

“Eu sabia que iríamos encontrar alguma coisa,” diz ele antes de bater no bolso do casaco, onde posso ver uma sugestão do mapa enrolado. “Eu sempre confio na minha magia.”

Perplexa, eu olho para os gêmeos. Minhas mãos correm automaticamente pelo meu vestido amassado e manchado. Eles estão aqui parecendo frescos, enquanto eu estou suja e desleixada, meu cabelo normalmente perfeito emaranhado na parte de trás da minha cabeça. “Por que vocês estavam esperando por mim?”

Eles compartilham um olhar, combinando sorrisos em seus rostos. “Porque nós oramos aos deuses por um herdeiro legítimo de Orea para nos ajudar a restaurar o Sétimo Reino à glória, e eles nos trouxeram você.”

Minha mente se prende em suas palavras, uma onda de esperança brotando de meus membros cansados. “O que você está falando?”

Fassa se aproxima e gentilmente segura minha palma, como um nobre faria antes de beijá-la por boas graças. Ele não leva minha mão à boca, porém, e ao invés disso a segura, suas próprias mãos estão muito quentes.

Ou talvez eu esteja com muito frio.

“Você é a resposta às nossas orações, Sua Majestade. Você é a rainha que esta terra precisa. Você vindo aqui prova isso.”

“Prova o quê?”

“Não é óbvio?” ele pergunta, seus olhos escuros brilhando de esperança. “Você vai ser a rainha que salvará o Sétimo Reino.”

CAPÍTULO 32



Auren

“Parece muito bom, minha senhora.”

Hojat me dá um tapinha superficial no ombro, avisando que posso me sentar, já que ele já abotoou a camisa emprestada ao longo da minha coluna.

“Quanto tempo mais você acha que eu preciso ter as pomadas colocadas em mim?” Eu pergunto enquanto me sento, sentindo apenas um leve desconforto nas minhas costas.

“Não muito mais, eu acho. Você está se curando muito rápido.

“Por fora, talvez,” murmuro. “Obrigado, Hojat.”

Ele olha para mim com o canto do olho, e posso vê-lo hesitando por um momento até que ele se vire para me encarar, sua bolsa de couro pendurada no ombro. “Minha senhora, não a conheço há muito tempo, mas eu a conheço através de suas feridas, eu acho.”

Eu não sei como aceitar esse comentário por um momento até que ele bate em sua pele desgastada, o lado esquerdo de seu rosto como cera de vela derretida e depois esfriada, deixada lá para cair. “Pessoas com cicatrizes, nós sabemos. Nós vemos. Nós entendemos.” Ele bate em seu olho murcho em seguida. “Há dor além disso, sim?”

Minha boca fica seca. “Sim.”

Ele acena com a cabeça, a mão caindo para pendurar ao seu lado. “Eu posso curar seu corpo, minha senhora. Mas meus tônicos e pomadas não vão curar sua mente, receio. Cabe a você fazer isso.”

“E você fez isso? Curou sua mente?”

Um sorriso triste torce sua boca já torta. “Gosto de pensar que sim, e gosto de pensar que você também vai curar.” Ele estende uma flor de lótus seca, suas pétalas de um roxo vívido, cercadas por fios amarelos brilhantes que parecem algum tipo de criatura marinha que você encontraria no oceano. “Para colocar embaixo do travesseiro.”

Pegando-a, eu lanço meu olhar de volta para ele. Ele tem deixado peônias embaixo do meu travesseiro, assim como fazia quando cuidava de mim no exército. Naquela época, lembro-me dele me dizendo que, de onde ele era, dava sorte colocá-las debaixo do travesseiro quando você estava doente.

E me lembrei de algo semelhante.

Peônias para uma boa saúde. Um ramo de salgueiro para dar sorte. Hastes de algodão para a prosperidade. A folha carnuda de uma jade para trazer harmonia.

E um lótus para resiliência.

Não acredito que não pensei mais nessa coincidência antes. “Onde você disse que aprendeu essa tradição?” Eu pergunto com cuidado.

“Ah,” ele diz, e algo indecifrável brilha em seus olhos. “Isso foi passado para mim. Aprendi meu ofício com um curandeiro muito bom.”

Curandeiro. Não reparador.

Reparador é a palavra de Orean para isso. Mas curador...

“Você está... quero dizer, você não pode estar, mas...” Eu vacilo, os olhos deslizando sobre ele como se eu nunca o tivesse visto antes. A maneira como ele nunca recusou minhas fitas, meu poder, nada a ver com Slade... “De onde exatamente você é?”

“Meu sotaque não denuncia?” ele brinca com um tapinha no nariz. “Nasci na região sul. Porém, eu morei aqui por um tempo. Treinado aqui.”

Minhas sobrancelhas levantam. “Aqui? Como em...”

“Aldeia Drollard, sim. Um pouco mais frio do que onde fui criado,” diz ele com um sorriso que enruga suas cicatrizes.

Slade me contou muito pouco sobre este lugar até agora. Só sei que existe sem realmente existir. A faixa de terra desolada é tudo o que ele adquiriu quando decidiu não declarar guerra.

Mas por quê?

Por que este lugar?

O que é tão importante aqui que ele queria torná-lo parte do Quarto Reino quando estava fora de seu território?

Talvez seja apenas por causa da podridão. Eu ouvi falar de como seu poder ultrapassou seu próprio território e se infiltrou no Quinto. Mas não posso deixar de sentir que é mais do que isso. Por que manter uma vila inteira escondida?

Minha mente gira com perguntas, mas antes que eu possa perguntar qualquer outra coisa a Hojat, ele já está saindo da sala e fechando a porta atrás de si. Meus olhos caem para o lótus enquanto memórias quase inexistentes tentam grudar em minha mente. Elas não são nada mais do que pedaços de fiapos agarrados com nada além de estática.

Um galho de salgueiro pendurado na cabeceira da cama. Peônias amarradas com uma fita e enfiadas embaixo do meu travesseiro. Acordar com os restos esmagados, dedos roçando os cacos secos, o cheiro delas escondido no tecido do meu travesseiro.

Gentilmente, coloco a oferenda na cama, sentindo uma onda de nostalgia tomar conta de mim, a curiosidade amarrada em meus membros.

Depois de me obrigar a me levantar, uso o banheiro e lavo as mãos antes de pentear o cabelo para trás para desembaraçá-lo e prendê-lo em uma trança simples que funcionará para o treinamento. Mas então percebo que não tenho outro par de leggings limpo no armário. Slade ia me trazer mais de seu quarto, mas ele deve ter esquecido.

Hesito por um momento, pensando se devo ou não sair para encontrar Judd para o treinamento, mas preciso usar calças mais grossas para ajudar a amortecer o feno estilhaçado. Então eu empurro meus ombros para trás e saio da sala, seguindo pelo corredor até chegar à última porta no final.

Meus dedos se curvam ao redor da maçaneta, mas leva alguns segundos até que eu ganhe coragem para realmente girá-la. Quando o faço, paro na porta, olhando para a cama.

O ouro cobre todo o colchão, espalhando-se da cabeceira até os pés, talvez com uma polegada de espessura onde se acumula no centro, o líquido agora congelado e imóvel. Eu ando lentamente até ele, olhando para o meu reflexo dourado lá dentro.

Desde que Slade me trouxe para a caverna alguns dias atrás e eu confessei tudo o que aconteceu em Carnith, ele recuou. Falar era bom para nós dois, mas quando se trata de minha magia, não estou pronta. Quero me concentrar em ficar fisicamente mais forte primeiro, e então sentirei que poderei enfrentar meu ouro.

Talvez ele esteja certo. Talvez eu esteja bloqueando meu poder. Mas, de certa forma, é um alívio. Passei tantos anos com isso pingando de mim descontroladamente. Se eu tivesse surtado antes e agarrado esse tipo de controle, minha vida teria sido tão diferente. Então talvez seja egoísmo, mas não estou pronta para o fim desse intervalo. Não estou pronta para desbloqueá-lo.

Mesmo agora, olhando para este lago congelado na cama, não quero tocá-lo, me conectar com ele. Eu quero ser eu sem o toque de ouro por mais um pouco.

Eu dou uma última olhada no meu reflexo antes de me virar, indo para o armário de Slade, onde, felizmente, encontro um par de leggings para vestir. Eu não

olho para a cama novamente quando saio. Só depois de fechar a porta atrás de mim é que solto um suspiro trêmulo.

"Aí está você," Lu chama, subindo. "Eu estava procurando por você."

"Para que?"

Ela para na minha frente, vestida com suas roupas de couro do exército de sempre e, pela primeira vez, seus chinelos não estão à vista. "Já que está uma noite agradável, achei que você poderia querer sair e dar uma volta. Você deve estar sentindo febre de estar presa agora."

Uma risada me escapa. "Eu vivi em uma gaiola por dez anos."

"Oh. Certo." Lu dá de ombros. "Bem, de qualquer forma, o que você acha de eu levá-la ao pavilhão onde você pode encontrar os aldeões?"

Eu hesito. Até agora, minha única saída da Gruta foi quando Slade me levou para a outra caverna onde conversamos. Entre a casa e o treinamento com Judd, não tive nenhum motivo real para sair da caverna e me senti protegida aqui. Como se o resto do mundo não pudesse me tocar. Enquanto eu ficar aqui, não terei que enfrentar nada nem ninguém ainda.

"Não posso. Devo me encontrar com Judd para um treinamento."

"Você tem trabalhado duro, pode faltar esta noite."

Eu colo um sorriso forçado no meu rosto. "Não, é melhor não. Não quero decepcionar Judd."

"Bem, você ganha pontos extras por ser uma aluna confiável," ouço Judd dizer logo antes de aparecer, virando a esquina da sala de estar com cabelo cor de mostarda e um sorriso. "Acho que vai ser bom você sair e passear com a Lu. Destaque para a caminhada. Você poderia realmente usar a prática com isso porque você ainda é um merda nisso."

"Ha ha," eu digo secamente.

Ele me dá uma piscadela brincalhona.

“Você quer vir com a gente?” Lu pergunta quando ele se aproxima.

“Não, você gostaria.”

Ela lhe dá um olhar cético. “Nem pense nisso.”

“Pensar sobre o que?” ele pergunta, parecendo inocente demais para ser real.

“Se você entrar no meu quarto enquanto eu estiver fora, eu vou saber.”

“Você poderia?” ele contesta, os olhos brilhando.

“Droga, Judd, eu não roubei o maldito vinho!”

“Mm-hmm,” diz ele, parecendo completamente não convencido.

Ele a cutuca no braço enquanto caminha para ir para seu quarto. “Divirta-se com Cachinhos Dourados esta noite. Beba um pouco de vinho por mim, já que não posso porque nosso barril está faltando.”

Lu revira os olhos e Judd desaparece em seu quarto antes que eu tente convencê-lo de que quero treinar.

“Então...” eu sussurro, olhando para Lu. “Você roubou o vinho?”

Ela bufa. “Claro que sim. Pronta?”

“Humm...”

Ela arqueia uma sobrancelha escura. “Você não vive mais em uma jaula, Dourada. Tem que se aventurar algum dia.”

Ela está certa. Eu sei que ela está. Não posso me esconder lá dentro para sempre. Mas e se eu explodir de novo? E se a besta fae dentro de mim for arrancada e eu inundar a vila com ouro, matando mais pessoas inocentes?

“Meu poder...”

“Você tem isso. E se não o fizer, tenho certeza de que posso distraí-la com minha magia.”

Minha cabeça se inclina. “Sua magia funciona assim?”

“Nenhuma ideia. Vamos lá.”

Não consigo evitar a hesitação em minha voz. “Ok.”

Ela inclina a cabeça, fazendo sinal para que eu vá em frente, e eu a sigo até a sala. “Pegue seu casaco,” ela diz, e eu sigo para o cabide, puxando o casaco e colocando-o. O calor do fogo satura o tecido, envolvendo-me em seu calor delicioso. “Ainda não é tarde, então o pavilhão ainda tem gente por perto.”

Concordo com a cabeça enquanto fecho o último botão e calço minhas botas.

Lu puxa o capuz sobre a cabeça raspada. “Preparada?”

“É muito tarde para ir treinar?”

Ela revira os olhos e me puxa pelo braço. “Vamos, Dourada.”

Juntas, saímos de casa e passamos pela caverna da Gruta e, a cada passo, meu coração bate forte. Tudo em que continuo pensando é quando Slade parou na minha frente, quando finalmente voltei da onda de poder que me guiava e percebi que matei pessoas e inundei a sala.

Lá fora, a noite está clara, a lua cheia e brilhando contra a neve, fazendo tudo parecer brilhar. No entanto, não encontro conforto nisso. A noite costumava me aliviar. Costumava ser segura, marcando o tempo em que não precisava me preocupar com minha magia e com cada toque da minha pele. Mas não posso confiar nisso agora.

“Você tem isso,” Lu diz, e eu sigo enquanto ela se dirige para a esquerda, nossos passos esmagando um caminho de neve.

Enfiando as mãos nos bolsos, procuro a fita, enroscando-a como se enfiasse os dedos na mão de um amigo.

O ar está rígido e gelado, nem um pingo de brisa, e cada expiração que solto se condensa em uma nuvem. Eu puxo meu capuz para tentar evitar que o frio grude em meu rosto e orelhas, mas ele se infiltra de qualquer maneira. No entanto, mesmo que esteja congelando, há algo terapêutico em respirar ar fresco. Só depois de colocá-lo em seus pulmões é que você percebe como está velho.

Eu levo um momento para olhar ao redor, cabeça inclinada para as montanhas que se aproximam. No escuro, eles parecem tortas e entalhadas, com rachaduras como se algum gigante do passado tivesse acertado um machado nelas, a lâmina cortando a rocha repetidamente.

Estamos na base da menor montanha, sua forma curvada como a coluna curvada de alguém se preparando contra o frio. Acima de nós, a plataforma natural perto da base da montanha continua, mantendo nosso caminho escondido e sombreado, enquanto escassos aglomerados de árvores salpicam a encosta.

“Olhe para você,” Lu diz ao meu lado. “Você não está vazando ouro de sua bunda ou colocando um pássaro derretido raivoso atrás de seus inimigos, então acho que você vai ficar bem.”

“Obrigado,” eu digo impassível.

Ela me dá um sorriso e me dá um tapinha no ombro. “Relaxa, Dourada. Olhe para o céu e relaxe.”

Meus olhos se erguem. “As nuvens cobrem a maior parte dele, e a plataforma desta montanha está fazendo o resto.”

“Você sabe o que eu quero dizer.”

“E agora?” Eu pergunto.

“Agora, eu mostro a você,” diz ela, virando-se para o outro lado, em direção à montanha maior. “Naquele caminho fica o Perch, o poleiro dos Asas de madeiras. Você vê como esse caminho serpenteia um pouco? Você apenas segue isso. Você passou quando Rip levou você para treinar outro dia.

“Tem muitos Asa de madeiras aqui?” Eu pergunto, evitando o tópico de treinamento. As criaturas são muito raras e não vivem mais na natureza. Os monarcas são as únicas pessoas em Orea que conheço que os possuem, usando-os para transporte pessoal e guerra.

“Sempre temos três aqui,” explica Lu. “Mas agora, temos mais, já que os nossos estão empoleirados.”

Minhas sobrancelhas levantam. “Você tem seu próprio asa de madeira?”

“Todos da Ira tem. Por quê? Você está com ciúmes? ela pergunta com um sorriso.”

Suprimo um estremecimento, lembrando-me de como a besta da Rainha Kaila se agarrou a mim, com suas presas afiadas e babando sorrindo para mim de uma boca esticada e penas molhadas. “Não. Definitivamente não.”

“Ei, eles não são tão ruins. Muitas pessoas têm medo deles, mas se você os treinar direito, eles são grandes molengas.”

“Vou acreditar na sua palavra.”

Ela ri e então aponta para cima. “Depois do poleiro está a toupeira. É um dos nossos vigias escondidos onde os guardas vigiam.”

“Por que é chamado de toupeira?”

“Porque parece um crescimento na encosta da montanha. É uma dor danada chegar lá em cima também. São cerca de cem degraus frágeis e escorregadios, e então você fica presa em um poste apertado com apenas uma pequena lanterna de aquecimento e um visor de observação para lhe fazer companhia.

“Parece aconchegante.”

Lu vira. “Vamos. Por aqui é onde vivem os aldeões. Suas casas estão todas empilhadas uma após a outra, sob o toldo da montanha. Tudo foi construído embaixo dela para que os Asa de madeiras não vissem nada de cima,” explica ela.

Nesse momento, as casas aparecem, cada uma ligeiramente diferente da outra ao lado. Todas parecem terem sido esculpidas na montanha, telhados de pedra inclinados sobre eles e portas de madeira cobertas de gelo. Cada porta está a apenas alguns metros de distância da outra, a maioria das quais está lutando com trepadeiras que subiram pela pedra, algumas pesadas com bagas de aparência resistente.

“Essas casas parecem pequenas.”

“Está enganada.”

Passamos pelas primeiras casas, pequenas chaminés de pedra projetando-se dos telhados e espalhando a fumaça. Depois de mais alguns momentos, o caminho paralelo às casas desce um pouco, e posso ver um grande espaço aberto à frente, onde a base da montanha é empurrada para dentro.

“Esse é o pavilhão,” Lu explica. “É onde todo mundo fica quando está cansado de ficar em casa, o que agora, todo mundo está, já que aquela nevasca durou tanto tempo.”

O pavilhão está meio exposto, enquanto a outra metade está escondida na barriga da montanha. A saliência da rocha se projeta um pouco aqui, mas há um brilho laranja de um grande fogo queimando metade abaixo dela. Posso sentir o cheiro da carne cozinhando antes de vê-la, mas meus olhos estão fixos em todos os aldeões reunidos ao redor. Alguns deles estão de pé perto do fogo, alguns reunidos em mesas sob a saliência da caverna, a maioria com um copo nas mãos ou comida na boca. Isso me lembra um pouco de ver o acampamento do exército do Quarto pela primeira vez.

“Não é muito, mas é basicamente a totalidade de Drollard,” Lu me diz quando paramos sob um trio de árvores do lado de fora do terreno de pedra circular que está preparado para o pavilhão.

“Ok, vamos pegar um pouco de comida.”

Eu faço uma careta. “Eu tenho que ir?”

“Sim. Tudo o que você vai fazer é ir até lá, pegar um pouco de carne, beber um pouco de vinho e conhecer algumas pessoas.”

Eu me mexo em meus pés, meu estômago revirando. “Conhecer novas pessoas raramente é gratificante.”

Ela bufa. “Falou como uma verdadeira Ira. Exceto, talvez, Judd. Ele é irritantemente amigável.” O piercing de rubi acima de seu lábio brilha quando ela se vira para mim, seus olhos me observando. Ela provavelmente pode ver o medo em meu rosto, porque ela diz: “O que eu disse, Dourada?”

Deixei escapar um suspiro. “Eu tenho isso.”

“Com certeza você tem. Agora vamos.”

CAPÍTULO 33



Auren

Já faz uma hora.

Uma hora me enraizando contra a caverna onde me transformei em uma flor invisível, sem sair deste lugar. A vários metros de distância, o fogo ainda arde forte, embora a carne que estava cozinhando tenha sido praticamente limpa, nada sobrando além de ossos e os restos de gordura pingando que fazem as chamas assobiar e faiscar.

Minhas mãos enluvadas ainda estão agarradas ao copo de vinho que Lu me empurrou, embora eu só tenha tomado alguns goles. Quero ter a cabeça limpa para garantir que minha magia não se infiltre e me pegue desprevenida. Mas não senti nada.

Lentamente, fui capaz de relaxar. No entanto, foi quando notei que as pessoas de Drollard são... estranhas.

Não é o olhar fixo. Estou acostumada com isso. Além disso, acho que com uma vila tão pequena, qualquer rosto novo seria motivo de olhares, fossem eles de ouro ou não.

Assim que me aproximei de Lu, as atenções se voltaram para mim. As pessoas nas mesas, as que se aglomeravam ao redor da fogueira, mais abaixo da saliência da montanha, todas se viraram para olhar. Houve até um guincho terrível de alguém que tocava um pequeno instrumento de cordas em seu colo.

Mas com algumas apresentações de Lu, eles pareceram relaxar, seus olhares abertos mudando para movimentos discretos de seus olhos. Portanto, não é o olhar fixo e a inquietação em torno de um estranho. É outra coisa. Algo que não consigo identificar.

Lu e eu estamos dividindo um assento em uma parte da parede da caverna que se projeta como um banco perfeito. Eu me contento em sentar e assistir, enquanto Lu se aprofunda em apontar pequenas coisas sobre a vila, provavelmente apenas para preencher o silêncio e tornar as coisas menos estranhas.

“Então, você já está se sentindo uma assassina de ouro?” ela pergunta. “Tem vontade de fazer o ouro começar a mijar nas paredes?”

“Humm, não.”

“Vê? Você está indo bem.”

Com uma bufada, mudo meu peso, tentando ficar um pouco mais confortável, mas uma borda irregular da montanha raspa contra uma das minhas extremidades cortadas. Eu me encolho com um silvo, a dor percorrendo minha espinha.

“Você está bem?”

Uma exalação trêmula deixa meus lábios. “Tudo bem,” eu resmungo.

Do meu ponto de vista periférico, posso ver seus olhos castanhos escuros me observando, mas não com pena ou preocupação. “Isso dói?”

Eu dou a ela um olhar incrédulo, porque é claro que dói. “Sim.”

Ela aponta direto para o meu rosto, o gesto me pegando desprevenida. “Mas isso significa que você sente. Isso significa que você está viva.” Esta não é a descontraída e amigável Lu falando. Esta é Lu, a capitã do exército do Quarto, dirigindo-se a um soldado.

Uma forte pressão empurra minha garganta. “Apenas parte de mim,” admito.

Vinte e quatro tiras não conseguiram.

“Tudo bem,” diz ela sem sombra de dúvida, um brilho duro capturado nas bordas de seus olhos. “Apenas faça disso a parte mais forte.”

Meus lábios se inclinam para cima, suas palavras estabilizando minha coluna e fazendo a dor diminuir um pouco.

“Esse é o plano.”

Ela bate seu copo contra o meu novamente. “Boa merda de plano, Dourada. O melhor que você já teve, eu acho.”

Eu também acho.

“Obrigado, Lu.”

Ela não me pergunta o quê. Ela sabe.

Lu chuta um pé na frente dela, o braço pendurado sobre o joelho, enquanto meus olhos se voltam para os aldeões mais uma vez. “Posso te perguntar uma coisa?” Eu pergunto.

“Vá em frente.”

Felizmente, estamos tão longe das pessoas que acho que nossas vozes não serão ouvidas. “É... Algo parece... errado.”

Ela me lança um olhar fugaz com o canto do olho. “Isso foi uma pergunta?”

Solto um suspiro frustrado. “Não consigo explicar, mas há algo estranho nas pessoas daqui.”

Estou antecipando Lu revirando os olhos ou fazendo uma piada ou me xingando por minha descrição paranoica e muito vaga, mas ela não o faz. Em vez disso, um olhar indiscernível cruza seu rosto quando ela se vira e deixa sua cabeça descansar contra a parede atrás de nós. “Hum.”

Minhas sobrancelhas se enrugam como papel. “Por que tenho a impressão de que você não está me contando alguma coisa?”

“Provavelmente porque não estou te contando uma coisa.”

Antes que eu possa exigir algumas respostas, ela balança a cabeça. “Não é o meu lugar.”

Meus lábios pressionam em uma linha fina. “Slade,” eu digo, nem mesmo precisando perguntar.

“Há uma razão pela qual ele precisava garantir que Deadwell se tornasse parte de seu território. Há uma razão para o posto avançado do Quarto estar bem na fronteira, não muito longe daqui. Há uma razão pela qual as pessoas podem parecer... estranhas para você.”

Sua resposta só enche minha cabeça com mais perguntas. No entanto, se há uma coisa que sei sobre Lu, é que ela é incrivelmente leal a Slade. Se ela disser que não é sua história para contar, então eu não seria capaz de arrancar dela, não importa o que eu dissesse.

“Parece que Slade e eu ainda temos uma lista de coisas para conversar.”

“Sim, ele gosta de ser dramático sobre ser do tipo taciturno e silencioso. Tornou-se toda a sua personalidade.”

Uma risada me escapa, e eu balanço minha cabeça, olhando em volta novamente. Alguns aldeões cumprimentaram Lu quando chegamos, outro nos passou comida, mas, na maioria das vezes, eles se contentaram em nos deixar em paz. Fiquei feliz com isso no começo, mas agora estou me perguntando por que exatamente isso acontece.

“Com que frequência você vem aqui?”

Ela levanta um ombro. “Não com tanta frequência. Apenas quando precisamos parar e conversar com Ryatt ou ajudar a trazer mais alguns suprimentos, ou às vezes eu venho aqui com Rip para que ele possa... fazer o que precisa fazer.”

Não sinto falta dessa resposta vaga. “E quantas pessoas moram aqui?” Eu pergunto. “Não vi tantas casas.”

“São trinta e duas,” ela me diz. “Sem contar a Gruta. E dentro dessas casas moram cinquenta e sete pessoas.”

“Cinquenta e sete? Já estive em festas de sela que tiveram mais participantes.”

Ela bufa.

“Com um ambiente tão hostil e fechado como este lugar, acho que faz sentido que não seja exatamente uma população movimentada,” eu digo. “Mas Hojat mencionou que veio morar aqui. Como isso aconteceu?” Eu pressiono. “Como essas pessoas acabaram em um lugar que não existe?”

Lu me lança um longo olhar, tomando um gole de sua bebida ao invés de responder.

Eu suspiro. “Sim, sim. Não é o seu lugar.”

“Você entende rápido.”

“Então, quase todo mundo está aqui esta noite,” eu penso, olhando em volta novamente.

“Parece que sim.”

“Não vejo nenhuma criança,” observo.

“Há um, ele provavelmente tem quase dois anos agora. Muito provavelmente enfiado na cama com a mãe a esta hora.”

“Apenas uma criança entre todas essas pessoas?” Eu pergunto curiosamente, os olhos escaneando. Eu não ficaria surpresa com essa notícia se todos os aldeões parecessem mais velhos, mas o oposto parece ser verdade. Tudo o que vejo são homens e mulheres no auge.

“Houve outro,” Lu diz, tomando um longo gole, um pouco de vinho tinto borrando seu lábio inferior antes que sua língua o limpe. “Você o conheceu, na verdade.”

“Eu conheci?”

“Sim. Twig.”

Lembro-me imediatamente do menino que estava no acampamento do exército. Ele me trouxe minha refeição quando me encontrei com Rip e Osrik pela primeira vez.

“Ele nasceu em Drollard?”

Lu assente. “Todas as crianças que nasceram aqui, embora não tenham sido muitas, foram todas para o exército.”

“Por que?”

Ela me lança um olhar de soslaio.

Solto um suspiro frustrado. A lista de coisas que preciso perguntar a Slade está crescendo a cada minuto.

Nesse momento, uma linda loira se aproxima para conversar com Lu, cumprimentando-a com um sorriso caloroso. Mais uma vez, tenho aquela sensação de estranheza. A mulher é simplesmente afável, não há nada fora do comum com suas expressões ou aparência geral, e ainda assim...

E ainda.

Meus olhos passam pelo pavilhão, observando todos enquanto se misturam, seus pés pisando na pedra áspera, cada tijolo espiralando em direção ao centro. Alguns homens jogam algumas toras na fogueira, atirando faíscas para o ar, enquanto outro grupo gira em torno de um barril de vinho, enchendo xícaras e fumando algo de um cachimbo de uma forma que nunca vi antes.

É tudo muito... agradável.

Então, por que o cabelo na parte de trás do meu pescoço está em pé?

Só então, meus ouvidos picam com o som de vozes altas. A princípio, acho que são mais os aldeões se divertindo, mas depois de um segundo, fica claro que os tons não são animados, são raivosos.

Eu forço meus ouvidos, tentando identificar de onde está vindo enquanto meus olhos examinam o que está ao meu redor. Então eu viro minha cabeça e descubro que está vindo de dentro da caverna do pavilhão.

Eu realmente não prestei atenção em nada além das mesas onde as pessoas estavam comendo. Mas agora vejo que há alguns túneis no final. Bem, um é um túnel, e o outro parece ser uma rachadura na montanha que faz um caminho muito estreito. Seus recessos sombreados são quase impossíveis de ver daqui, mesmo com as lanternas penduradas perto das entradas.

Quando as vozes se elevam novamente, alguns dos aldeões nas mesas se viram para olhar. Minha pele se arrepia quando os grossos barítonos cortam o ar, embora não sejam claros o suficiente para eu distinguir quaisquer palavras reais.

Mas não preciso de palavras, porque conheço aquela voz.

Eu estou de pé em um instante, a taça de vinho deixada para trás no banco enquanto meus passos me levam mais fundo sob o pavilhão. Contorno as mesas, agarrando-me à parede oposta da caverna, tentando não chamar a atenção para mim. O primeiro túnel que encontro é mais largo, e há caixotes dentro, com suprimentos transbordando.

Começo a entrar nele quando as vozes aumentam novamente, e percebo que estão vindo da fissura que está enfiada no canto e banhada pelas sombras.

“Outro? Quantos são agora?”

Reconheço a voz de Ryatt instantaneamente, embora seja sibilada entre os dentes cerrados de raiva palpável.

“Seis,” ouço Slade responder.

“Seis? Porra do inferno. Por quanto tempo você vai ignorar isso?”

Meus passos vacilam, os olhos se arregalando.

“Nós ainda temos tempo.”

Uma risada amarga vem de Ryatt. “Continue dizendo isso a si mesmo.”

“O que você espera que eu faça?” A voz de Slade de repente rosna.

“Espero que você proteja Drollard. Espero que você não traga uma ameaça. Que seja a porra de um rei.”

“Pare de insinuar que eu não protejo Drollard. Eu faço tudo o que posso para garantir sua segurança,” Slade responde.

De repente, me sinto muito estranha, apenas parada aqui ouvindo esta conversa. Eu viro minha cabeça para onde Lu está, encontrando-a ainda meio virada para a mulher, embora ela continue me lançando olhares curiosos.

Estou prestes a me virar quando ouço Ryatt dizer: “Se isso fosse verdade, você não a teria trazido aqui.”

Eu congelo. Ele está falando de mim?

“Auren não é uma ameaça,” Slade quase rosna.

Meu batimento cardíaco começa a bater forte no meu peito.

“Todos nós a vimos naquele salão de baile. Se isso não for uma ameaça...”

“Ela não vai fazer isso aqui.” Slade parece tão certo, mas todo o meu corpo fica escorregadio com o suor ansioso.

“Você não sabe disso,” rebate Ryatt. Slade começa a responder, mas Ryatt o interrompe. “Você não. E eu quero que ela vá embora.”

Uma pontada aguda de dor aperta meu estômago, e eu desvio o olhar, embora em vez de meu olhar pegar Lu novamente, desta vez eu vejo os aldeões. Vejo todas as pessoas que eu poderia machucar se perdesse o controle.

De repente, cinquenta e sete não parece um número tão pequeno.

A vergonha sobe pelo meu pescoço e me agarra pela garganta.

“Não depende de você, Ryatt,” Slade diz, sua voz baixa com o tipo de raiva contida sob a tampa de uma panela fervendo. “E ela está progredindo.”

“Sim?” Ryatt corta de volta. “Se ela está fazendo tanto progresso aqui, então por que você não contou a verdade a Auren? Por que você não contou a Auren sobre ela? Você tem vergonha?”

Há uma pausa longa e pesada.

Esse peso cai no meu estômago como uma pedra em um poço, rachaduras ecoando em meus ouvidos toda vez que bate contra meus nervos.

Porque você não contou a Auren sobre ela.

Contou a Auren sobre ela.

Sobre ela.

A rocha cai com força, despedaçando-se nos despojos do pavor.

Ela.

CAPÍTULO 34



Auren

A frase de Ryatt ainda está reverberando na minha cabeça quando uma mão no meu cotovelo me faz pular. Eu me viro para encontrar Lu de pé ao meu lado com uma carranca no rosto. “O que...”

“Eu irei quando ela estiver forte o suficiente. Não posso sobrecarregá-la com isso,” ouço Slade dizer.

As sobrancelhas negras de Lu se erguem quando ela percebe que estou escutando.

“Ela...”

Lu limpa a garganta. Ruidosamente.

Eu olharia para ela, mas para ser honesta, não quero ouvir mais.

Por que você não contou a Auren sobre ela?

Você tem vergonha?

Há uma pausa, então passos, e então eu o sinto bem atrás de mim.

Eu não me viro. Meus ombros estão rígidos, minhas emoções como águas turvas sob as cataratas, nubladas com sedimentos agitados, agitadas com pensamentos que fogem do meu controle.

“Vocês sabem que as vozes são carregadas quando vocês estão em um maldito túnel divino, certo?” Lu fala lentamente.

Um movimento no canto do meu olho fez meu olhar cair no rosto de Ryatt. A raiva que ele vomitou parece tê-lo esvaziado, porque em vez de ódio em seu rosto, há remorso. Ele abre a boca como se fosse dizer algo para mim, mas então balança a cabeça e se vira, indo embora.

Lu olha por cima do meu ombro. “Quem mijou no mingau dele?”

Enfrentando sua expressão, eu me viro, deixando meus olhos piscarem para cima. “Você não me disse que estava trazendo Auren hoje à noite,” ele diz para Lu.

“Ela precisava sair da Gruta.”

Todos as três de nossa atenção se voltam para o fogo, onde Ryatt agora está cercado por aldeões. Olhando para ele, você nunca saberia que ele estava praticamente cuspindo raiva apenas alguns momentos atrás. Agora, ele parece relaxado. Feliz. Não há nenhuma indicação da emoção que ainda deve estar se agitando em sua cabeça. Em vez disso, ele parece completamente à vontade na camaradagem das pessoas ao seu redor enquanto elas riem e conversam.

Até que seus olhos se fixam nos meus do outro lado do espaço, fazendo meu estômago revirar quando me viro.

Eu quero que ela vá embora.

Todos nós a vimos naquele salão de baile.

Cinquenta e sete pessoas.

Abro minha boca para dizer... alguma coisa, mas todo pensamento turbulento para quando vejo algo contra a bochecha de Slade. “Isso é sangue?”

Ele leva a mão ao rosto e tenta enxugá-lo, mas tudo o que consegue é espalhá-lo.

“Isso é seu? Você está machucado?” Talvez ele e Ryatt realmente tenham brigado antes de eu vir?

Mas Slade balança a cabeça. “Não é meu.”

“Então de quem?” Ryatt não parecia ter sido atingido, não tinha sangue visível.

Os olhos de Slade disparam para a direita. De volta ao túnel, um calafrio percorre minha espinha.

“De quem é esse sangue?” Eu pergunto novamente.

Seus olhos verdes se movem para Lu, e eles trocam um olhar carregado.

“Dourada,” diz ela, movendo-se ao meu lado. “Que tal você e eu terminarmos nosso vinho...”

Eu me afasto antes que qualquer um deles possa me parar, mergulhando na fissura onde Slade e Ryatt estavam. Eu o ouço chamando meu nome, mas eu o ignoro, assim como ignoro a escuridão na qual estou repentinamente mergulhada, até mesmo a maneira como as paredes claustrofóbicas parecem me pressionar enquanto eu me atravesso.

Algo me impulsiona para frente, meu pulso martelando em meus ouvidos, e então eu atravesso a fenda e tropeço em uma caverna mal iluminada. A primeira coisa que vejo é a grossa porta de ferro. Um barril e uma cadeira foram empurrados contra as paredes irregulares. Lanternas penduradas em um gancho. De alguma forma, a fluorescência aqui parece mais sinistra, como se os veios da montanha tivessem se deteriorado em um verde doentio em algumas partes.

Eu ouço passos atrás de mim, então eu avanço, meu pulso batendo alto em meus ouvidos. Eu me aproximo da porta, espiando pelas ripas no topo. A princípio, nem consigo discernir o que exatamente estou olhando.

Mas o cheiro...

“Auren.”

A mão de Slade desce para o meu braço, tentando me afastar gentilmente, mas eu o afasto. Meus olhos estão se ajustando ao escuro, minha mente me dizendo o que

estou vendo, mesmo que simultaneamente se revolte contra isso. Mas não há como negar aquele caroço do tamanho de uma pessoa.

O cheiro que sai do quarto fica mais intenso quanto mais tempo fico aqui, e aperto meus lábios, tentando prender a respiração. No entanto, o cheiro pútrido parece estar penetrando em meus poros, entupindo minha pele com sua sujeira, fazendo meu estômago revirar. E há um som, um zumbido incessante que parece vibrar por todos os meus ossos.

Estou prestes a me virar, prestes a perguntar a Slade quem é, quando um par de olhos inchados se abre, o brilho deles captando a luz fraca da lanterna.

Eu suspiro e tropeço para trás um passo.

Como ele pode estar vivo?

Este homem, se é que ainda pode ser considerado um homem, está olhando diretamente para mim, deitado de lado no meio do chão de terra. Mesmo com a luz baixa, posso ver que seu corpo está inchado sob as mangas e as pernas da calça arregaçadas. Sua pele está bronzeada e descascada, seu cabelo não passa de tufos de fios podres agarrados a um couro cabeludo moldado. Há sangue coagulado em seus lábios, e seus dentes...

“Grande Divino...”

O braço de Slade envolve em torno de mim e puxa, e desta vez, eu deixo ele me puxar para longe, meus passos instáveis enquanto ele me leva mais longe no túnel. Quando sinto uma brisa de ar, viro a cabeça naquela direção, respirando fundo.

“Eu não queria que você visse isso,” diz ele enquanto apoio a mão contra a parede da caverna.

Eu olho para ele. “Quem é aquele?”

“Você não reconheceu a roupa?”

“Eu estava muito ocupada notando seus dedos apodrecendo em sua mão.”

Os lábios de Slade se apertam e ele desvia o olhar, seu perfil de mandíbula afiada banhado em sombras guerreiras.

Expirando, levo um segundo para pensar além das partes chocantes, para lembrar as roupas amarrotadas, e meus olhos se arregalam. “Seu casaco era dourado.”

Ele se vira para olhar para mim, seu rosto sombrio quando ele me dá um aceno de cabeça. “Sim. Ele era um espião de Midas. Enviado aqui para obter informações depois que fechamos o negócio com Deadwell,” explica ele. “Eles tentaram fugir quando cheguei, mas Ryatt rastreou todos eles.”

Engulo em seco. “Eles encontraram Drollard.”

“Eles fizeram,” ele confirma. “Ryatt cuidou dos outros, mas guardou este para interrogatório.”

Tudo o que ele está dizendo faz sentido. Eu sei que este é o mundo real, onde as pessoas precisam ser implacáveis para proteger os seus. Mas ver...

“Você conseguiu alguma informação dele que você precisava?” Eu pergunto, embora minha voz não soe como a minha.

Sua cabeça se inclina para baixo. “Eu fiz.”

“E a aldeia está protegida?”

“Está.”

“Então... acabou.”

As sobrancelhas de Slade se juntam. “O que você quer dizer?”

Aponto para a porta da cela. “Seu questionamento. Está pronto. Então você pode tirar o homem de sua miséria.”

Há uma pausa. Uma pausa longa demais.

Minha mão se engancha e eu agarro seu braço. “Slade. Você não pode mantê-lo assim.”

“Por que não?” ele pergunta, enrijecendo os ombros. “Ele é um espião. Ele iria relatar tudo para Midas. Todos os meus segredos cuidadosamente guardados teriam sido destruídos.”

Eu vejo a raiva em seu rosto, a forma como a pele ao redor de seus olhos se contrai. “Eu sei. Mas você e Ryatt impediram tudo isso. Então você precisa parar com isso também. Ele obviamente não consegue mais falar. O que você está fazendo é cruel.”

Seus olhos piscam. “Já fiz coisas muito mais cruéis.”

Instantaneamente, todas as memórias de cadáveres pútridos e terra apodrecida voltam à minha mente, e a náusea sobe pela minha garganta. “Eu sei disso também.”

“Você sabe?” ele desafia, o brilho feroz em seus olhos piscando. “Porque eu não tenho certeza se você sabe.”

Minha mão cai, como se suas palavras pesassem em meus membros. “Eu gostaria de voltar para a Gruta agora.”

Seu olhar me varre, mas o meu continua voltando para aquela porta, de volta para o zumbido que ainda posso ouvir. O barulho de moscas minúsculas infestando a carne de um homem podre.

“Eu vou acompanhá-la,” Slade resmunga.

Ele coloca a mão na parte inferior das minhas costas e deixamos a montanha rachada, meus braços arranhando a fissura enquanto avançamos. Parece que demora ainda mais para sair do que para entrar.

Finalmente, os sons dos aldeões começam a chegar e, um momento depois, voltamos para o pavilhão. Tudo é como era. Bebendo e se misturando, o homem do outro canto ainda tocando seu instrumento. Parece que entrei em um mundo diferente. Eu me pergunto o que eles pensariam se soubessem que há uma pessoa dentro desta montanha cuja língua começou a se desintegrar bem ali na boca.

A caminhada de volta é tranquila e não importa quantas vezes eu respire, juro que ainda posso sentir o cheiro.

Quando chegamos à caverna, Slade me para com a mão no meu braço. “Diga-me o que você está pensando.”

Muitos pensamentos ao mesmo tempo.

Slade está mergulhado em luz azul, embora não haja falta de apreensão em seus olhos. “Eu sou o Rei Podridão por uma razão, Auren.”

“Eu sei,” eu digo a ele. E eu entendo. Eu sei que ele ganhou sua reputação por um motivo, assim como sei que ele faz coisas para proteger seu povo e seus segredos.

Mas ele está certo, há uma diferença quando você vê em primeira mão. Exatamente como quando saí do Sexto e vi os corpos amarrados como carne no espeto. Assim como vi aqueles guardas em Ranhold, caindo no chão enquanto seus órgãos começavam a apodrecer. É diferente ver isso, e é diferente quando eu sei que um homem foi deixado para sofrer apenas para apaziguar o que quer que seja dentro de Slade que o leva a fazer isso.

Porque ele é o Rei Podridão.

E eu...

Tenho um pedaço dessa podridão dentro de mim.

CAPÍTULO 35



Auren

Quando Slade e eu chegarmos à Gruta, eu paro bruscamente. Porque eu não estou fazendo isso. Eu não vou entrar e ficar fervilhando de perguntas. A velha Auren teria feito isso, estaria nervosa demais para tocar no assunto. Mas isso não sou mais eu, e Slade não é Midas.

Ele para ao meu lado. “O que há de errado?”

“Não vamos entrar,” digo a ele, queixo inclinado para cima, aço em meu peito.

“Não vamos?”

“Não. Vire-se e lidere o caminho,” eu digo, gesticulando com a mão para fora.

“Lidere o caminho... para onde?”

“A ela.”

“Auren, o que você ouviu...” Suas palavras se fragmentam em fragmentos frustrados.

“Eu sei o que ouvi. E você e eu... ainda existem muitos segredos. Tantas coisas que não sabemos. Mas não vou simplesmente entrar e apodrecer, esperando até que você pense que estou pronta para ouvir o que você tem a dizer. Então me leve até ela. Você disse passado, presente e futuro, certo?”

Ele suga uma respiração, mas eu olho nos olhos dele sem vacilar. Porque a única maneira de trilhar um novo caminho é parar de usar o mesmo passo tropeçante.

Mesmo que seu presente seja tão chocante quanto um cadáver vivo.

Mesmo que seu passado possa partir meu coração.

Mesmo que seu futuro não esteja garantido.

A emoção escorre pela minha garganta, agarrando-se ao fundo da minha língua. “Nunca mais vou me entregar a quem não se entrega a mim. Então, se há mais alguém aqui... preciso saber sobre isso.”

Eu vejo sua garganta balançar, seus olhos piscam. Esta é uma divisão no caminho. Ele sabe disso, eu sei disso. Se fosse Midas, ele escolheria um caminho.

Mas Slade...

Slade escolhe outro.

“Tudo bem, Canário. Vamos lá.”



Em vez de voltar para todas as casas dos aldeões pelas quais passei a caminho do pavilhão antes, Slade vira para fora da Gruta, virando à direita, em direção ao Poleiro e à caverna de treinamento salpicada de ouro. Eu lanço a ele um olhar cauteloso, mas fico ao seu lado enquanto ele me conduz pela encosta nevada, o coração da vila desaparecendo atrás de nós.

Passamos pelo poleiro que Lu mencionou e então, quando eu praticamente corro para ele, vejo um conjunto de escadas curtas e frágeis feitas de madeira branca e degraus rasos. Eu ergo minha cabeça, olhando os seguindo para localizar a toupeira bem acima de nós, presa ao lado da montanha como um vigia bulboso.

Sua estrutura é camuflada com neve e rocha, uma espécie de lona carregada de neve que parece cobrir tudo e esconder a vista de cima. Tudo o que posso ver daqui é o brilho da luz do fogo, o que significa que alguém provavelmente está lá em cima agora, vigiando.

Voltando-me, continuo a seguir Slade, nenhum de nós quebrando o silêncio. Estou tão nervosa que meu estômago está tenso com a náusea ácida queimando minha garganta. Enquanto isso, Slade parece estar tenso o suficiente para quebrar ao meio, seus braços tão rígidos ao lado do corpo que seu passo é de madeira.

Sua inquietação só aumenta a minha.

As nuvens obstruíram o luar, então a paisagem não está tão clara quanto antes. Agora, enquanto contornamos a base da montanha, as sombras são como espectros, enquanto a luz sombria se estende contra a neve. Minhas pernas ficam cansadas quanto mais andamos, e parece que a temperatura cai em questão de minutos. Mesmo com minhas mãos enterradas em meu casaco, o ladrão frígido varre o ar e rouba qualquer tipo de calor que eu tento segurar.

Então, a caverna de treinamento aparece à frente, mas em vez de ir direto, Slade faz uma curva fechada, desaparecendo em uma abertura menor quase completamente obscurecida pela elevação acentuada de uma rocha inclinada que se mistura ao resto da montanha. Eu nunca teria notado a lacuna ali se não o tivesse visto desaparecer por ela.

Hesitante, eu o sigo, meu corpo escorregando para trás da rocha e imediatamente virando à esquerda para desaparecer dentro da montanha.

Minha boca se abre com o quão grande é. Ainda maior do que a Gruta, este sistema de cavernas chega tão alto que não consigo dizer onde fica o teto.

“Porque estamos aqui?” Eu pergunto, mas eu estremeço assim que eu faço. Porque, embora eu tenha falado baixinho, minha voz parece ecoar no grande e vazio espaço. “Por que não voltamos para a aldeia onde estão as casas?”

Slade se vira para mim, envolto em luz safira. “Ela não mora com os aldeões.”

Um nó trava em meus pulmões, as cordas de apreensão amarradas em torno de minhas costelas, não me deixando tomar uma respiração completa. “E quem é ela?” A pergunta falada em voz alta soa tão silenciosa em comparação com a forma como ela grita na minha cabeça.

Seu olhar perturbado está desviado, os olhos enterrados nas profundezas da caverna. A apreensão em sua expressão não faz nada para me aliviar. “Ela...” Sua boca se move e vacila, e então seus olhos se fixam nos meus. “Eu gostaria de ter te preparado mais, mas apenas... fique calma ok? É importante.”

Fique calma?

“Como você espera que eu fique calma quando nem sei em que situação estou entrando?”

“Eu sei,” diz ele com alguma simpatia. “Mas agora que estamos aqui, é melhor que eu mostre a você.”

Isso não me faz sentir melhor em nada.

Ainda assim, Slade se vira e eu vou com ele, mais fundo na caverna que parece não ter fim.

No entanto, à medida que avançamos, continuo pensando nas coisas que Ryatt estava dizendo. Daquele homem na cela, a memória tão fresca na minha cabeça que posso realmente ouvir o zumbido das moscas novamente.

Mas então, a caverna se desvia e bem ali no meio do espaço está uma casa. É uma versão em miniatura da que está na Gruta, exceto que está praticamente brilhando. Existem trechos grossos de fluorescência que se curvam e se enrolam, como ondas no mar. Eles brilham contra as partes sem luz da caverna, uma galáxia rodopiante em um céu sem lua.

A casa em si é uma estrutura simples, uma porta bem no meio, um telhado inclinado com manchas de cálcio riscadas e uma poça no chão que parece ter afundado o piso de pedra sob a beirada do beiral. Não tenho certeza de que cor

realmente são os tijolos de pedra que compõem a estrutura, mas não ficaria surpresa se eles absorvessem o brilho e começassem a brotar sua própria luz.

Slade me dá um momento para absorver tudo, e então estamos nos movendo novamente, indo direto para ele. Exceto...

Esse zumbido ainda está em meus ouvidos.

Ou meu tempo fora daquela cela me traumatizou mais do que eu imaginava, ou...

Não. Não é o zumbido de moscas torcendo por uma refeição pútrida. É um zumbido incessante e baixo, e é muito real.

"O que é esse barulho?" Pergunto, mas meu corpo se virou, os pés ainda se movendo, contornando a casa em vez de ir em direção a ela. O barulho vem de algum lugar lá atrás, de algum lugar além da curva da caverna onde não consigo enxergar. Está mais alto agora, um som tão baixo que posso senti-lo desde os ossos dos meus pés até o crânio da minha cabeça.

Mais próximo. Eu preciso me aproximar. Eu preciso chegar ao...

Uma mão me para, tirando-me do meu torpor. "Venha por aqui, Auren."

A voz de Slade faz o tom do zumbido chegar a quase nada.

Balanço a cabeça para mim mesma, deixando que ele me leve de volta para casa. No entanto, a estranha atração que sinto me faz olhar por cima do ombro e, quando o faço, o zumbido aumenta levemente.

Eu torço minha cabeça para olhar para frente novamente, meu pulso batendo forte. "O que é aquilo?" Eu pergunto, levantando minhas mãos para afastar um calafrio que se espalha por todo o meu corpo.

"Uma coisa de cada vez." Slade olha para mim assim que chegamos à porta da casa. "Pronta?"

"Como posso estar?" Eu pergunto francamente.

“Ponto justo,” ele concede, mas então ele pega minha mão na dele. Meu estômago revira com o gesto e olho para nossos dedos entrelaçados, como se estivesse me certificando de que ele realmente fez isso. Se estivéssemos prestes a ir para a casa de uma amante ou uma esposa secreta ou uma sela favorita, ele não seguraria minha mão...

Certo?

Antes que meu estômago suba pela garganta, Slade abre a porta.

Sem bater. Sem chamar. Apenas gira uma maçaneta que range e entra. Os saltos dos meus sapatos parecem grudar de pavor quando entro, e tento me preparar. Tento afastar minhas emoções e erguer muros para que não importa o que me atinja, eu fique de pé.

A primeira coisa que noto é o calor e a reconfortante luz do fogo. Ele permeia todo o andar aberto da casa, então posso ver tudo de uma ponta à outra. O que não é surpreendente, considerando que há uma enorme lareira que domina a parede bem à nossa frente, e toda a casa compreende um grande espaço quadrado.

Há uma cama no canto mais distante, com uma divisória esculpida colocada na frente dela de modo que apenas o pé fique visível, um cobertor de tricô amarelo brilhante jogado sobre o colchão. Diretamente em frente à cama há duas cadeiras almofadadas em um tapete diante do fogo e uma pequena mesa redonda entre elas, onde uma xícara de chá fica em cima.

À nossa esquerda está uma cozinha aberta com uma bancada estreita e um fogão de ferro que esfriou, com uma pia bem ao lado. Logo depois da pequena mesa de jantar redonda há um conjunto de prateleiras não mais altas do que meus ombros, cada centímetro delas ocupado com livros.

Por um momento, estou tão absorta em rastrear cada pequeno detalhe da casa que nem mesmo vejo a pessoa sentada em uma das cadeiras em frente ao fogo até perceber um movimento. A princípio, tudo o que consigo ver é a parte de trás de uma cabeça, e meus dedos se cravam na mão de Slade.

Slade pigarreia e a cabeça se inclina em um movimento de reconhecimento, mas não assustado. “Sinto muito por não ter vindo vê-la.”

A pessoa na cadeira se vira, e meus dedos apertam a mão de Slade ainda mais forte quando ele se levanta e se vira para nós.

Meus olhos se arregalam.

Ela é linda.

Ela é jovem, talvez mais ou menos da minha idade, mas pequena, como se cada osso fosse delicado. Ela tem pele clara e olhos grandes, cabelo preto preso em um rabo de cavalo solto que fica na nuca. Ela olha para Slade, e seu rosto se abre em um sorriso que enfia uma faca no meu peito por causa de como parece alegre e doloroso.

Ela atravessa a sala e joga os braços ao redor dele, eu puxando minha mão da dele com apenas uma fração de segundo de sobra.

Observo enquanto eles se abraçam, sentindo-me completamente deslocada, como se estivesse assistindo a algo muito particular.

Ela se afasta, sorrindo para ele, e enquanto Slade segura sua mão frágil, ele se vira para mim. “Auren,” ele começa, e meu coração parece que vai explodir ou quebrar, não tenho certeza. “Eu gostaria que você conhecesse minha mãe.”

CAPÍTULO 36



Auren

Tudo o que sei é que eu não posso ter ouvido direito.

Então continuo esperando que meus ouvidos corrijam minha mente ou que Slade se corrija ou que a mulher ria e balance a cabeça.

Mas nada disso acontece.

Gostaria que conhecesse minha mãe.

Quando percebo que suas palavras não estão sendo retiradas, olho dela para Slade. “Sua mãe.”

Ele balança a cabeça lentamente.

Volto meus olhos para ela porque não quero ser rude e falar sobre ela como se ela não estivesse bem aqui. Eu a estudo novamente, mais de perto desta vez. Há linhas muito tênues ao lado de seus olhos, uma camada de cabelos prateados bem na frente de suas orelhas, mas essas são as únicas coisas que poderiam envelhecê-la e, mesmo assim, não. Ela parece tão jovem quanto eu.

Ela está sorrindo para mim tão abertamente, e estou impressionada com o verde de seus olhos e o formato de sua boca. Agora que não estou mais preocupada com um amante, posso reconhecer que há uma grande semelhança familiar. Mas ela se parece com sua irmã, não com sua mãe.

Limpando a garganta, dou-lhe um sorriso suave. “Prazer em conhecê-la, Senhora...”

“O nome dela é Elore,” Slade diz, pronunciando-o como Eh-lore.

“Senhora Elore,” eu digo. “Eu sou Auren.”

A mulher sorri para mim, os olhos verdes passando rapidamente pelo meu rosto com estudo aberto. Depois de um segundo, ela vira seu rosto sorridente para Slade e dá um tapinha na bochecha dele, e então ela estende a mão e dá um tapinha na minha bochecha em seguida.

Eu me assusto um pouco com o gesto, mas ela não parece notar. Ela apenas continua a bater na minha bochecha, como se não tivesse escrúpulos, sem hesitações sobre mim. Como se ela pudesse dizer com um olhar exatamente quem eu sou para seu filho.

Quando ela deixa cair a mão e olha para Slade novamente, eles compartilham algo entre eles por um momento, e parece tão pessoal que tenho que desviar o olhar quando vejo o brilho nos olhos de Elore.

Então ela faz a coisa mais maternal de todas, estendendo a mão para tentar alisar uma parte do cabelo dele que está espetada, antes de fazer um tsk e consertar o canto do colarinho dele. Apenas esses gestos tornam a declaração de Slade ainda mais crível.

Minha mente corre, e eu olho para minhas leggings soltas e casaco emprestado, passando a mão sobre meu cabelo trançado desarrumado enquanto tento não entrar em pânico por estar conhecendo a mãe de Slade enquanto pareço tão rude.

Antes que eu possa pensar em uma conversa educada, Elore se afasta, indo para a cozinha. Eu observo quando ela começa a acender o fogão, um zumbido suave vindo dela.

“Como ela pode ser sua mãe?” murmuro para Slade. “Ela parece ter a mesma idade...”

Ele me dá uma espécie de sorriso triste. “Venha, vamos sentar.”

Juntos, caminhamos até a pequena mesa de jantar e sentamos nas cadeiras de madeira. Elore termina de acender o fogão e começa a trabalhar trazendo uma chaleira para colocar sobre ele e então se movimenta, colocando os pratos nos armários suspensos na frente dela.

"Deixe-me ajudá-la," eu digo enquanto me levanto novamente, mas ela não responde nem se vira. Em vez disso, ela continua a juntar alguns biscoitos e, em seguida, fatia o queijo, enquanto eu fico desajeitada ao lado. Ela não para de cantarolar.

Eu juro, a melodia soa familiar.

Quando dou uma olhada em Slade, ele diz: "Está tudo bem. Venha aqui."

Hesitando por mais um momento, eu me arrasto de volta para a mesa e me sento. Continuo a observá-la, minhas sobrancelhas se franzindo cada vez mais. Porque, assim como no pavilhão com os outros aldeões, eu sinto isso.

Essa sensação de que algo está estranho. Fora do lugar.

Eu me viro para Slade. "Não entendo."

"Minha mãe não fala mais. Muito raramente," ele me diz.

Estou na ponta da língua para perguntar por que não, mas engulo, porque não quero ser insensível na frente dela apenas para saciar minha curiosidade instantânea.

Elore se aproxima para colocar os pratos, seu perfil se inclinando diretamente na minha frente, e deixo escapar um suspiro. Com os olhos fixos nela, percebo algo que deveria ter percebido desde o início. Suas orelhas são arredondadas.

"Ela... não é Fae." Lembro-me instantaneamente de Slade me dizendo que ele é apenas metade.

No entanto, quando falo a palavra fae, ela de repente endurece. O zumbido cessa abruptamente e um estremecimento parece percorrê-la.

Slade está de pé em um instante, contornando a mesa. Ele pega as mãos trêmulas dela e se abaixa para que ela encontre seus olhos. "Está tudo bem," ele

acalma, seus polegares acariciando as costas de seus dedos de aparência frágil. “Você está bem.”

Ela começa a assentir, soltando um suspiro trêmulo, mas a chaleira começa a fazer seu barulho estridente, fazendo-a estremecer.

“É só o chá,” ele murmura. “Você quer que eu pegue?”

Elore dá um aceno lento, e ele a senta na cadeira vazia como se ela fosse a coisa mais frágil do mundo. Observo seus dedos trêmulos, seu rosto ainda mais pálido. Sinto-me presa na inércia, sem saber o que poderia fazer ou dizer para ajudar.

No entanto, Slade permanece calmo, seus passos seguros o levam até a chaleira que começou a apitar. Ele puxa xícaras de ganchos na parede e, quando começa a servir o chá, cantarola. O mesmo tom suave e calmante.

No momento em que ele traz as xícaras para nós e então se senta novamente, Elore se acalmou, seus olhos não estavam mais tensos, a boca não estava mais virada para baixo. Ela dá a Slade um pequeno e triste sorriso.

Eu mordisco os biscoitos, tomo um gole do meu chá e, pela próxima meia hora, apenas os observo.

É um pouco fascinante. Slade fala baixinho, contando a ela sobre como é a neve, sobre como o vento soprou forte durante a nevasca. Ele fala de sua asa de madeira, prometendo trazer uma pena para ela na próxima vez. Ele conta a ela sobre o vinho quente que encontrou na Adega e diz que vai trazer mais para ela também.

Fique calma, Slade me disse antes de virmos. Apenas... fique calma.

Mas ele não estava dizendo isso porque ia me mostrar algo perturbador; ele estava dizendo isso porque sua mãe obviamente precisa de calma. Não é só que ela não fala. Há algo mais capturado nas profundezas de seu silêncio. Não tenho certeza de onde está a mente dela ou o que ela poderia estar pensando, mas ver sua reação à palavra fae foi surpreendente.

Está claro pela maneira paciente e segura de Slade agir com ela que ele faz tudo o que pode, desde o tom de seu tom até os tópicos mundanos sobre os quais ele fala, para manter tudo o mais relaxado e simples possível.

Pela próxima meia hora, é assim que o tempo passa. Ele fala em um estrondo calmante, enquanto ela o observa com um sorriso no rosto. Não importa que ela não fale, porque o carinho é tão claro quanto as xícaras de cristal de onde tomamos nosso chá.

E enquanto estou queimando com perguntas, deixo-as fervilhar ao fundo, porque parece que Slade puxou um véu para trás, deixando-me ver uma parte dele que poucas pessoas veem. Estou experimentando uma parte de seu passado e presente, algo vulnerável, privado e precioso. Porque eu posso ver pelo jeito que ele está com ela, sua mãe é preciosa para ele.

Faz meu coração doer pela perda de minha própria mãe.

Quando o chá acaba e nossos pratos não têm mais nada além de migalhas, Elore limpa com um sorriso no rosto. Eu tento me oferecer para ajudar novamente, mas Slade balança a cabeça e me leva para as cadeiras perto do fogo. “Ela gosta de suas rotinas,” ele me diz. “Iria chateá-la se você fizesse alguma dessas coisas. Ela gosta das coisas de uma certa maneira.”

Acomodo-me na cadeira e tento reunir todas as perguntas que foram se acumulando como uma parede, construídas tijolo por tijolo. Olhando por cima do ombro, certifico-me de que ela está ocupada com sua tarefa antes de voltar para Slade. Ele está ligeiramente inclinado para a frente, um cotovelo no apoio de braço e o queixo na mão, como se estivesse esperando.

“Eu nem sei por onde começar,” eu digo, soltando um suspiro.

“Eu sei que isso foi muito.”

Solto uma risada sardônica pelo nariz. “Isso é o mínimo. Para ser honesta, eu esperava entrar aqui e ficar cara a cara com sua amante.”

As sobrancelhas de Slade imediatamente se fecham. “Você acha que eu mostraria tanto desrespeito?”

Eu me mexo no meu assento. “Não tenho ideia do que pensar. Nós não...”

“Nos conhecemos,” ele termina para mim, alimentando minhas palavras de volta para mim. Quando eu aceno, ele passa a mão pelo cabelo preto, bagunçando-o novamente, a frustração revelando a maneira como ele puxa as mechas. “Admito que não estou acostumada a ser aberto, mas vou. Para você.”

“Sua Ira sabe.”

“Minha Ira sabe de tudo porque estou com eles há anos. Essas camadas descascaram depois de ficarem juntos por mais de uma década. Com você... a linha do tempo é diferente. Não quero sobrecarregá-la.”

“Como com o... prisioneiro.”

Seu aceno é lento, olhos penetrantes.

“Estou no seu lado. É só, vendo que...”

“Meu poder não é fácil de ver.”

A memória do meu ouro engolindo pessoas inteiras como um pássaro bestial pisca em minha mente. “Você viu as piores partes do meu poder e não piscou duas vezes.”

“Não há vergonha em sua reação ao meu poder,” ele responde.

Mas sinto vergonha, porque a última coisa que quero fazer é julgá-lo por sua magia. Ele certamente não me julgou. “Por que você está mantendo-o vivo?”

“Porque eu quero,” ele responde, fazendo algo arranhar meu estômago. Slade me observa como se quisesse que eu visse cada palavra que ele está dizendo, para visualizar todas as suas intenções. “Quero que você entenda uma coisa, Canário. Eu não sou bom. Vou apodrecer todas as pessoas em meu caminho, vou trazer uma praga para todos os cantos do mundo se for preciso.”

Eu balanço minha cabeça. “Não, você não faria isso. Você é bom. Você é...”

“Não, Canário,” ele interrompe. “Eu sou bom para você. Mas eu sou o vilão que eu avisei que era.”

Suas palavras anteriores ecoam em meus ouvidos.

Eu serei o vilão para você. Não com você.

Eu posso ver em seu rosto que ele quer dizer o que ele diz, e com base no homem que ele está mantendo... Mas eu também posso ver o reforço. Como se estivesse se preparando, esperando pelo meu desgosto iminente. Esperando pela minha rejeição, pelo meu argumento contra sua natureza.

No entanto, fui até Slade com os olhos bem abertos. Eu disse a ele que queria tudo, e quando você pede tudo de uma pessoa, você não pode escolher. Você os aceita como eles são. Até o Rei Podridão.

É por isso que nem hesito em estender a mão e apertar a mão dele na minha. É por isso que posso manter seu olhar, sem falhar. É por isso que digo: “Se você é um vilão... então eu serei uma vilã com você.”

Um sorriso lento e sexy surge de seus lábios sombrios.

“Mas...” Eu continuo. “Eu ainda quero que você tire aquele homem de sua miséria agora. Tem que haver um limite para a sua vilania.”

Ele ri, acariciando um dedo sobre a minha mão. “Tudo bem, Canário.”

Um barulho vindo de trás interrompe abruptamente o momento entre nós, e Slade e eu nos viramos. Na porta, Ryatt entra, entrando da mesma forma que Slade. Sem bater, sem chamar, apenas entrando.

“Ei, eu trouxe para você algumas tortas de Jelma que ela...” Suas palavras são interrompidas ao mesmo tempo em que seus olhos nos encontram do outro lado da sala. Ele hesita por um momento antes de fechar a porta atrás de si e se virar.

Slade se levanta e eu sigo o exemplo, enquanto Ryatt infunde toda a casa com uma pausa significativa.

Todos nós a vimos naquele salão de baile.

Você tem vergonha?

Eu quero que ela vá embora.

Meus olhos se desviam. Não é à toa que ele não me queria aqui. A mãe deles está aqui.

Ryatt pigarreia e, do meu ponto de vista periférico, vejo-o caminhar até Elore. “Aqui,” diz ele com uma oferta suave.

Eu olho para cima quando ela pega a torta que está embrulhada em um pano de algodão. Um sorriso se espalha em seu rosto quando ela o descobre, e então ela fica na ponta dos pés para dar um beijo em sua bochecha. Ryatt cora.

Ela pega uma colher do balcão e se senta com ela, comendo alegremente direto da lata. Ryatt a observa por um momento antes de finalmente se virar e se aproximar de nós.

Ao meu lado, Slade fica rígido, e as veias enegrecidas em seu pescoço pulsam e saltam logo após a gola do casaco, suas pontas afiadas como a boca de uma cobra irritada.

Há um movimento desajeitado dos pés de Ryatt quando ele para na nossa frente. “Então... você a trouxe.”

“Eu trouxe.” A voz de Slade está cortada, e eu me pergunto que outras palavras foram trocadas no pavilhão antes de eu ouvir o final da discussão deles. Estou incrivelmente curiosa sobre a dinâmica deles. A linha entre amor e ódio parece tênue entre eles, e não tenho certeza se entendi. Eu nem tenho certeza se eles entendem isso.

Enquanto estou ocupada tentando adivinhar o relacionamento fraternal deles, os olhos de Ryatt caem sobre mim. “Peço desculpas pelas coisas que você ouviu no pavilhão,” diz ele, me surpreendendo. “Eu não pretendia que você ouvisse. Está claro que você está no controle o suficiente para não destruir Drollard,” ele diz enquanto caminha pela casa de sua mãe.

“Nenhum pedido de desculpas é necessário,” eu respondo. “Você estava certo em estar preocupado.”

Slade me encara com força, e sei que ele está prestes a se defender para defender minha honra, mas não deixo.

“Não, Slade,” eu continuo. “É verdade. Minha magia praticamente explodiu fora de mim de forma incontrolável, e agora não está funcionando. Você e eu sabemos que não tenho controle sobre isso, então entendo por que Ryatt não me quer aqui.”

Para seu crédito, um olhar de contrição aparece na expressão de Ryatt.

“Estou feliz por ter ouvido.”

Ambos olham para mim como se não acreditassem em mim, mas eu quero dizer cada palavra.

“Eu não vou machucar esta aldeia.” Meus olhos se movem sobre seu ombro para onde Elore está sentada à mesa. “Especialmente quando sei o quanto isso é importante.”

Mesmo que eu tenha que manter minha magia bloqueada para sempre.

Ryatt me estuda por um momento e então me dá um único aceno de reconhecimento antes de olhar para Slade. “Como estava mamãe quando você entrou?”

“Bem. Feliz,” ele responde, ainda um pouco rude.

Ryatt olha por cima do ombro. “Ela sente sua falta quando você fica muito tempo fora.”

Slade não responde, mas seu olhar está rastreando sua mãe, um lampejo de dor cravado nas linhas tensas ao redor de seus olhos. Depois de um segundo, ele percebe que eu o observo e, assim, a expressão desaparece.

“Por que sua mãe vive separada de todos os outros? E como ela está... aqui?”

Uma respiração pesada e condensada escapa de sua boca e parece sobrecarregar seus ombros. “Acho que é hora de mostrar o resto agora. Lamento não

poder espaçar todas essas revelações, mas não quero que você pense que estou escondendo alguma coisa de você."

Os olhos de Ryatt ficam comicamente arregalados. "Você vai mostrar a ela... isso? Agora mesmo?"

Com seu tom, sinto meu corpo se encher de uma tensão incerta. "O que exatamente você vai me mostrar?" Eu pergunto, cautelosa com o olhar resignado em seu rosto. Não sei como é possível, mas estou ainda mais nervosa com isso do que com a existência de uma possível amante.

Ele pega minha mão, com expressão resignada. "Finalmente vou te contar por que eles realmente me chamam de Rip."



Saio da casa da mãe de Slade sentindo como se estivesse andando direto pelos fios de seda de uma teia de aranha. Esse sentimento inquieto e viscoso se apega a mim por inteiro, sem escapar de suas fibras inquietantes.

"Você tem que ter tantos malditos segredos?" Eu resmungo no escuro.

Slade ri. "Desculpe. Farei o possível para contar todos eles."

"Então, só para esclarecer, definitivamente não há sela favorita que você trancou em uma gaiola em algum lugar ou uma ex-amante que você mantém nesta aldeia?"

Ele me lança um olhar nada divertido. "Não."

"Bom. Bom."

Estou tentando preencher o silêncio com conversas nervosas, porque não tenho ideia do que esperar. Cada um dos segredos de Slade sempre foi bastante inovador, e não acho que este será diferente.

Agora que voltamos ao coração da caverna, o zumbido voltou. Mesmo com seu zumbido baixo, ele deixa meus dentes tensos. Slade me leva ao redor da casa de Elore e depois para dentro da caverna. O brilhante e alegre brilho azul logo escurece, os enormes rios de fluorescência se separando e se tornando nada além de pequenos riachos na pedra. Sem luz suficiente da montanha para neutralizar o tamanho do espaço, parece que as sombras se aproximam de nós, o espaço maciço parecendo menor do que realmente é.

E ainda há um zumbido constante que posso sentir vibrando na minha pele.

“Você pode ouvir isso também, certo?”

“Eu posso.”

Ele não parece preocupado, nem elabora, então eu tenho que acreditar que qualquer que seja o motivo desse zumbido não é perigoso. Também deve ter a ver com o que quer que ele queira me mostrar.

Minha tagarelice nervosa retorna. “Na minha cabeça, eu praticamente reduzi o motivo do seu apelido a ter um abdômen definido. Ou fazendo as mulheres quererem arrancar suas roupas. Algo parecido.”

Ele ri ao meu lado, o som neutralizando o zumbido horrível e fazendo minha ansiedade diminuir um pouco.

“Muito bom saber onde sua cabeça esteve. Mas, para ser mais claro, não desejo que ninguém rasgue minhas roupas, exceto você.”

“Clareza é muito bom.” Eu aceno com firmeza. “Devemos continuar fazendo isso.”

“Devemos continuar fazendo isso,” ele responde com um sorriso perverso. Tenho a sensação de que ele está falando sobre algo diferente.

Apesar da minha tentativa de alguma leviandade, meu coração começa a bater em uma batida ansiosa. Tento espiar à nossa frente, mas está escurecendo e, além das formações rochosas e estalagmites, não consigo ver nada.

O zumbido é mais alto agora. Isso me puxa para a frente, como uma mariposa para uma chama, a fonte do som penetrando em meus ouvidos e me chamando. Arrepios se espalham pelos meus braços porque sei que essa reação não é certa, mas estou muito atraída para fazer qualquer coisa a respeito.

"Parece que estamos chegando mais perto..." Eu penso, a voz caindo.

A caverna se abre e Slade me conduz pelo túnel menor, as paredes pontilhadas de condensação. Há besouros leitosos pendurados nas linhas fibrosas de brilho azul acima, e quanto mais descemos neste túnel, mais fortes as vibrações se tornam. A princípio, ele permanece tão baixo e constante quanto o zumbido, mas ambos parecem amplificar mil vezes em questão de segundos, até que é tão intenso que quero colocar as mãos nos ouvidos.

O que pode estar fazendo esse barulho?

Mas então, nós estamos fora do túnel estreito, e eu paro no meio do caminho.

A luz atinge nossos rostos quando paramos na enorme caverna que envergonha todas as outras. É como se toda a montanha tivesse sido escavada, devorada por dentro.

E eu posso ver o porquê.

Bem no meio, estendendo-se verticalmente até dez pessoas, uma em cima da outra, há uma... barra no ar.

Não sei como descrevê-lo de outra forma, e meus olhos estão tentando desesperadamente absorver tudo para que eu possa entender. Mas eu não posso.

Não é uma rachadura no chão da caverna, na parede ou no teto. Esta não é uma fissura irregular iluminada com a fluorescência natural que percorre o resto da montanha. Não, isso é algo completamente diferente.

Essa fenda no ar não deveria existir.

Quando olho para ele por muito tempo, sinto uma vertigem, como quando você está em um precipício tão alto que seus olhos não conseguem entender a distância do chão.

Parece que um gigante cortou o ar com um machado cego. Suas bordas estão esfarrapadas e descascadas, abrindo-se em algum abismo sem fundo e penduradas suspensas. E o zumbido vem de dentro dele, alguma força desconhecida vibrando com poder.

Dentro dessa divisão de ar, há uma luz estranha e manchada espreitando. Exceto que a luz é interrompida, como se estivesse deitada sob uma árvore ao meio-dia, quando o vento sopra nas folhas e continua mudando a sombra.

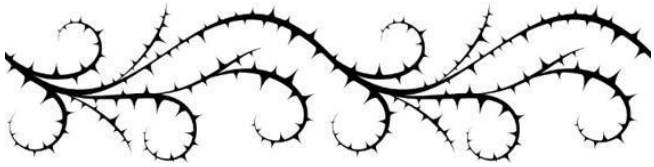
Os cabelos da minha nuca estão eriçados. O pulso em minhas veias foi completamente abafado. E por alguma estranha razão, quero chegar mais perto.

Eu nem percebo que estou andando até que Slade aperta minha mão, me puxando para trás. Eu tiro meus olhos dele.

“O que... o que é isso?” Eu pergunto sem fôlego.

Há uma exalação cortada das profundezas de seus pulmões. “Foi aqui que eu rasguei o mundo.”

CAPÍTULO 37



Slade

15 anos

Acordei sobressaltado em minha cama e me sentei, com as orelhas pontudas levantadas. Não tenho certeza se foi algo que sonhei ou se foi um som real que me acordou, até que ouço alguém gritando e passos correndo pelo corredor.

Afasto as cobertas e saio da cama, rapidamente puxando minha camisa de volta de onde a deixei em uma pilha no chão. Enfio os pés nas botas ao lado da porta e saio correndo, apertando o cordão da calça enquanto desço o corredor em direção às escadas.

Gritos se elevam e, quando ouço algo estilhaçar, começo a correr. Minhas botas param derrapando contra o tapete quando vejo um grupo de nossos criados reunidos ao pé da escada, lotando o hall de entrada logo à frente. Eles estão todos parados, congelados, sem se mover ou falar, e as costas dos meus braços começam a formigar.

Avanço em frente, embora nem perceba os rostos pelos quais estou passando, porque estou focado à frente. Há mais gente que tenho de passar para entrar no hall de entrada, todos vestidos com as camisolas ou com as amarrotadas de ontem, como se todos se vestissem às pressas para ver que alvoroço é.

Assim que abro caminho para a frente, congelo no lugar.

Uma luz cinzenta e mórbida atravessa o hall de entrada.

Como esta sala fica no centro da propriedade, existem várias portas abertas que levam a diferentes partes da casa, e cada uma delas está cheia de mais criados. Como se meu pai chamasse todos aqui, como faz quando promove punições públicas.

As janelas à esquerda estão lançando listras antes do amanhecer no piso de mármore, fazendo o papel de parede vermelho parecer mais profundo, da mesma cor de uma gota de sangue deixada na ponta do dedo.

Bem ali, na frente daqueles raios sombrios de luz, está meu pai. Ele nem deveria estar em casa ainda, pelo menos por mais alguns dias, porque foi chamado pelo rei a negócios, mas aqui está ele. Camisa vermelha engomada, botas pretas amarradas retas e fúria em seus olhos, mesmo a esta hora.

Ele está segurando minha mãe pelo pulso, segurando seu braço em um ângulo estranho. Um grupo de servos está logo atrás dela. É como se toda a sala estivesse se equilibrando em cacos de vidro e ninguém se atrevesse a se mover, ou seríamos cortados.

Porque a cara do meu pai...

Não é apenas raiva espalhada sobre sua testa e escurecendo seus olhos. Não é apenas uma ligeira curvatura de sua boca. Isso é algo mais. Seu rosto inteiro ficou vermelho, manchas estourando em seu pescoço que posso ver do outro lado da sala com esta luz fraca. Os músculos em seu braço estão tensos onde ele está segurando minha mãe, seu aperto é tão forte que seus dedos estão manchados de sangue. E seus olhos... eles não estão apenas com raiva, irritados ou desapontados.

Não, eles estão furiosos.

Como todo mundo, minha mãe está de camisola, os cabelos soltos nas costas. Eu sei que algo está errado apenas pelo estado de sua nudez. Ela nunca sairia de seu quarto sem pelo menos um roupão e chinelos.

"Quero saber quem sabia disso!" meu pai grita, seu olhar percorrendo toda a entrada.

Os servos estão todos olhando de olhos arregalados, rostos tensos, o medo fazendo alguns deles tremerem. Mas nenhum deles fala.

"Eu quero saber!" ele ruge.

Quando minha mãe estremece, eu finalmente entro em ação e ando a passos largos, botas soltas batendo contra o chão de ladrilhos. "O que você está fazendo?"

Meu pai sacode a cabeça em minha direção, e algo cruel entra em seus olhos. Minha mãe está pálida como um fantasma. "O que eu estou fazendo?" meu pai repete, a última palavra terminando com uma gargalhada que nada tem a ver com felicidade. "Oh não, isso é tudo sobre o que sua mãe fez."

Eu olho para ela no momento em que uma lágrima corre por sua bochecha.

"Diga a ele."

Ela se encolhe com a ordem do meu pai, mas seus lábios permanecem fechados, o olhar fixo em mim.

"Diga a ele!" ele grita, sacudindo o braço dela com tanta força que todo o corpo dela treme.

Sou imediatamente transportado de volta aos oito anos de idade, quando meu corpo congelou e o grito ficou apenas na minha cabeça. No entanto, desta vez, a palavra sai da minha garganta. "Pare! Você a está machucando."

Ele solta, mas não tenho falsas pretensões de que ele está realmente fazendo isso para me apaziguar. Ele a empurra para os servos atrás dela, mas Jak a pega antes que ela tropece.

Meu pai olha para mim. "Já que ela não vai te contar, eu vou," ele cospe, como veneno saindo das presas de uma cobra. Em resposta, meus próprios caninos parecem latejar em minhas gengivas. "O que sua mãe fez quando pensou que eu não iria passar a noite em casa? Ela convidou outro para sua cama. Abriu as pernas como uma prostituta de Orean."

O choque faz minha espinha formigar e enrijecer. Leva apenas uma fração de segundo. Apenas o menor movimento de meus olhos enquanto olho para ela, e eu já sei. Não acredito que não notei antes. Todas as vezes que ele trazia flores frescas para ela ou fazia questão de servi-la primeiro. Os pequenos sorrisos trocados entre eles.

Jak ainda está segurando seus braços, mantendo-a trancada contra seu peito como se ele, um servo Orean sem magia, pudesse protegê-la contra meu pai. Ele é o oposto do meu pai em todos os sentidos. Jak é quieto. Gentil. Uma cabeça cheia de cabelos e linhas no rosto mais de sorrir do que ficar carrancudo.

Minha mãe olha para mim como se estivesse com medo da minha reação.

"Ali, você vê?" Papai diz, apontando para o meu rosto. "Slade não sabia. A verdade está bem ali no desgosto em seu rosto."

Odeio o modo como mamãe respira de forma trêmula.

"Você está certo, eu não sabia," eu respondo, dando um passo à frente. "Mas se há desgosto em minha expressão, não é por ela. É por você."

Meu pai fica quieto. "O que você disse?"

"Por que ela não buscaria o afeto de outra pessoa?" Eu cuspo. "Você a trata como lixo."

A surpresa que transparece em seus olhos não é nada comparada à surpresa de mim mesmo por ter conseguido dizer isso na cara dele. Cada palavra é verdadeira, e se ele pensa que algum dia eu ficaria do lado dele em vez do dela, então ele não me conhece.

Ele se vira, os olhos brilhando na multidão reunida. "Quero saber qual de vocês sabia sobre esse caso e não me relatou! Eu quero saber há quanto tempo isso está acontecendo!"

Nenhum deles diz uma palavra.

Ele bate o punho contra o peito com uma raiva trêmula, fazendo um pouco de seu poder escapar, uma brecha aparecendo no meio do chão. O estalo do mármore reverbera por toda a sala, sacudindo meus pés.

"Controle-se, pai," eu zombo, jogando seu comando constante de volta em seu rosto.

Ele estala o dedo tão rápido que nem vejo, só sinto meu dedo indicador se partir ao meio, exatamente onde ele fez da última vez. Um grunhido escapa dos meus lábios, a dor explodindo em toda a minha mão.

"Pare com isso, Stanton!" minha mãe chora. "Slade não tem nada a ver com isso."

Meu pai não se afasta de mim, não a reconhece imediatamente. Ele apenas assiste com uma retribuição sádica enquanto eu tento não vomitar. Depois de vários longos segundos, ele estala os dedos novamente, e meus ossos se juntam com um clique doentio.

Tenho que cerrar os dentes com tanta força que meu maxilar estala, mas mantenho tudo contido, controlado. Afinal, foi isso que ele me ensinou todos esses anos. Estar no controle. Para dominar o meu poder.

"Você está certa, Elore," eu o ouço dizer enquanto pisco para afastar o resto da dor. "Isso tem a ver com você... e com ele."

Na minha respiração seguinte, meu pai empurrou mamãe para longe e agarrou Jak pela garganta. Jak tenta revidar, mas não adianta. Ele não é um guerreiro aposentado e rico. Ele é um servo Orean, pele bronzeada de todo o tempo que passou fora, corpo magro em vez da massa muscular que meu pai tem de todos os seus anos no exército. Jak pode ser um Orean forte, mas não é páreo para a força de meu pai.

A voz do meu pai fica perigosamente baixa. "Eu trouxe você para minha casa, permiti que você vivesse em Annwyn e tivesse uma vida longa. No entanto, você se digna a buscar o que não lhe pertence?"

As mãos envelhecidas de Jak arranham, embora ele não consiga tirar um único dedo de sua garganta. Seu rosto começa a ficar anormalmente vermelho, seus lábios ofegantes por ar que ele não consegue respirar.

"Stanton, pare com isso!" Minha mãe tenta puxar o braço de meu pai, mas ele a empurra. Ela teria se esparramado, mas eu a seguro antes que ela caia.

"Eu quero saber há quanto tempo isso está acontecendo," ele diz, soltando a garganta de Jak apenas o suficiente para que ele respire fundo e esprema palavras roucas. "Foi a primeira vez?"

Os olhos de Jak se voltam para minha mãe, mas isso só enfurece meu pai ainda mais. Ele sacode Jak como uma boneca de pano. "Foi a primeira vez?"

A sala inteira parece inchada. Como o ar logo antes de uma torrente, inflado com um aguaceiro pronto para estourar e inundar todos nós.

O estalo do trovão é a resposta rouca de Jak. "Não."

Meu pai o joga com tanta força e tão longe, jogando Jak do outro lado da sala, fazendo-o bater em uma das janelas. O vidro se estilhaça, o primeiro da torrente caindo.

Ele cai em uma pilha, e minha mãe grita e tenta correr para ele, mas meu pai a segura. "Quanto tempo, Elore?"

Ela tenta e não consegue escapar de seu alcance. A expressão dele pode estar enfurecida, mas a dela é uma que eu nunca vi antes também. O dela é ódio puro e aberto. E esse ódio é como o vento que sopra esta tempestade ao nosso redor, levando-a ao frenesi.

Seu queixo se ergue, olhos verdes inabaláveis. "Por onze anos."

"Onze anos?" O choque total consome meu pai. Um suspiro surpreso ainda sai de mim. Como ela manteve esse segredo por tanto tempo?

Mas então percebo que nenhum servo engasgou, nenhum deles pareceu chocado, e essa é a minha resposta.

Eles os ajudaram.

Os olhos negros de meu pai brilham com algo implacável. "Você vai se arrepender disso, Elore," ele argumenta, como o estrondo de uma nuvem furiosa.

Não sei se quero agradecê-los por ajudarem a dar a minha mãe um pouco de felicidade ou repreendê-los por não a fazer ser mais cuidadosa.

No momento, minha mãe parece ter passado do ponto de se preocupar em ser cuidadosa.

"Eu o amo há muito mais tempo. A única coisa que lamento é não ter me permitido ter esse amor muito antes."

O temperamento de meu pai explode.

No instante seguinte, ele está do outro lado da sala, as botas esmagando o vidro quebrado. Jak se levantou, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, meu pai estalou os dedos, assim como estalou a perna de Jak.

O estalo me faz tremer, e então um grito agonizante sai da garganta de Jak. Minha mãe vai correndo, mas com outro estalo, meu pai quebra a sala inteira.

Todos de ambos os lados tropeçam com o tremor, meus próprios joelhos batendo no piso de mármore enquanto a casa se move.

O barulho é ensurdecedor.

Toda a propriedade se quebra bem no meio. Todo mundo está gritando, caindo, destroços caindo sobre nossas cabeças. Quando as paredes se dividem, o teto racha, a sujeira espirrando da fissura no chão. Tenho que me arrastar para trás quando a rachadura se espalha tanto que quase caio nela.

Quando o tremor para, consigo me levantar novamente e puxo minha mãe comigo. Todos os servos também se levantam novamente, todos se afastando do chão quebrado. Mamãe olha para a fenda enorme agora entre ela e Jak, a distância muito grande para pular.

Os dois se entreolham, e a expressão em seus rostos faz meu peito doer.

"Jak..." minha mãe diz, com a voz embargada, os olhos úmidos.

Ele engole em seco de seu lugar no chão, o rosto agora coberto de suor e dor visível. "Está tudo bem, Elore."

"Não diga o nome dela!" meu pai grita, e então seu poder quebra o braço de Jak em seguida, estalando-o com tanta força que o osso perfura sua pele.

"Não!" O grito de minha mãe corta o ar e ela tenta pular, mas eu a agarro no último segundo. "Você não vai conseguir! Você vai cair," eu digo a ela uma e outra vez enquanto ela tenta fugir.

"Isso é o que você ganha por escolher o lixo de Orean," meu pai ferve. "Eu quero que você se lembre disso, Elore. Lembre-se de que isso é o que você ganha por me trair."

Ela fica rígida em meus braços. A sala inteira parece sugar uma lufada de ar. E então, meu pai levanta a mão e estala.

E o pescoço de Jak quebra.

Não há tempo para minha mãe gritar. Não há tempo para eu piscar. O pescoço de Jak estala em um ângulo não natural, e seus olhos arregalados e agonizantes extinguem sua luz bem diante de nós.

Quando a parte superior de seu corpo atinge o chão, o corpo de minha mãe também.

Já li a palavra lamento antes. Eu já ouvi falar disso muitas vezes. Mas nunca ouvi alguém soltar um grito de lamento como minha mãe.

Ele arranca de seu corpo com tanta força que me dá arrepios na espinha. É tão alto que nem consigo ouvir meu coração batendo forte.

O som que ela faz é assustador. Irreconhecível.

Estou tão chocado que estou parado ali inutilmente, me perguntando como diabos tudo isso aconteceu tão rápido.

Meu pai move seu poder sem esforço, abrindo uma única porção da fissura do chão para que ele possa atravessar até ficar bem na minha frente. "É por isso que as mulheres não são confiáveis, Slade."

Minhas mãos se fecham em punhos e sinto os espinhos acima de minhas sobrancelhas perfurando minha pele. Uma única gota de sangue escorre pelo meu olho. Ele me olha friamente, sem se impressionar. "Falta de controle. Agora sabemos de onde você tirou isso," ele diz com desgosto.

A raiva flui como uma inundação do meu peito, e eu sinto as pontas nas minhas costas se esticarem, prontas para...

"Mãe?"

Viro a cabeça para a esquerda e vejo os criados se separando, e então meu irmão está parado ali. Ele parece pálido e assustado, tão jovem de pijama com um cobertor em uma das mãos.

"Ryatt..." minha mãe chora.

Ele hesita, os olhos saltando da fenda no meio da casa para o rosto enrugado de minha mãe. Mas então, seus olhos pousam no corpo imóvel de Jak.

"Pai!" A palavra sai de sua vozinha e ele corre para a frente, empurrando os servos que tentam protegê-lo. Meu coração pula na garganta, mas ele derrapa até parar na frente da fenda quando minha mãe consegue agarrar sua camisa, parando-o antes que ele tente pular. Ele cai em um ataque de soluços contra o ombro dela.

E meu pai... vejo seus pensamentos se agitarem. Vejo-os coagular e engrossar.

"Não pode ser."

Se minha mãe estava com raiva antes, ela parece apavorada agora. Especialmente quando meu pai dá um passo ameaçador à frente. "Não," ela solta. "Você não vai tocá-lo," ela diz, agarrando Ryatt ainda mais forte.

E eu fico lá em estado de choque, olhando de Jak para meu irmãozinho, a descrença me agarrando.

E ainda... fae tem dificuldade em conceber. É de conhecimento comum. É por isso que nossa longa vida é tão importante para nossa espécie. Mas meu pai pôde ter não

apenas um herdeiro, mas dois, e com idades bastante próximas. Ele sempre atribuiu isso ao fato de que minha mãe é orean, mas não é isso.

Onze anos, minha mãe disse. Ela está tendo esse caso há onze anos. Meu irmão tem dez anos.

Ryatt não é o herdeiro do meu pai.

Minha mãe parece selvagem. Seu cabelo preto está desgrenhado, pedaços de teto presos em suas mechas empoeiradas, um arranhão raivoso em sua bochecha. Quando ele quebrou o pescoço de Jak, partiu o coração de minha mãe, mas ela não vai deixar que ele machuque Ryatt também. Eu posso ver isso em seus olhos vermelhos.

Meu pai cambaleia, a parte de trás do calcanhar batendo na rachadura atrás dele quando ele percebe que Ryatt não é dele.

Meu batimento cardíaco parece querer romper minhas veias e explodir pelos meus ouvidos. Ryatt ainda está chorando, agarrado à camisola de nossa mãe, enquanto ela tenta arrastá-lo atrás de si.

"Você se atreveu a gerar o filho desse bastardo?" O tom escuro na voz do meu pai parece sugar a luz do amanhecer na sala.

O lábio inferior de minha mãe treme enquanto ela tenta bloquear Ryatt. Os outros criados parecem querer intervir, mas estão com muito medo de enfrentar meu pai, e eles estão certos em ter esse medo.

"Eu deveria saber que não podia confiar em um orean."

Com outro estalar de dedo, o chão treme novamente e há um estalo violento, e percebo que meu pai prendeu todos nós nesta sala, um círculo de rachaduras nos cercando, mantendo-nos nesta entrada.

No momento em que estabilizo meus pés debaixo de mim novamente, meu pai veio atrás de mim, e eu estremeço quando sua mão bate na minha nuca, apertando levemente. "Você me deu um herdeiro poderoso," ele diz para minha mãe, aquela voz dele ainda retumbante, ainda afiada com uma raiva impossível. "Portanto, não preciso mais de você ou do sobressalente falso."

Um terror frio se solidifica em minhas entranhas.

Eu conheço meu pai. Treino com ele há sete anos. Eu vi exatamente o quão implacável ele pode ser. Eu o vi quebrar casas e ruas. Montanhas e árvores. Tendões e ossos.

Mas não vou deixá-lo quebrar minha mãe e meu irmão.

Ele pode falar alto como um trovão, mas eu sou rápido como um raio.

Mais rápido do que um piscar de olhos, meus espinhos explodiram da minha pele e a podridão explodiu em minhas veias.

Eu giro em meus pés e o empurro para trás com toda a minha força. Ele bate na parede onde alguns dos servos lutam, outro grupo deles cercando minha mãe e meu irmão, tentando afastá-los.

Bom.

Porque agora que ataquei abertamente meu pai, desenhei uma linha na areia. Ou eu tenho que matá-lo... ou ver todos que amo serem mortos.

Eu o deixei governar sobre nós por quinze anos. Deixe sua crueldade ditar nossas vidas. Eu vi minha mãe afundar ainda mais dentro de si mesma, vi os olhos cautelosos de Ryatt perderem o brilho toda vez que meu pai o tratava tão mal quanto me tratava.

Mas não aguentei seu treinamento e sua crueldade à toa. Fiz isso porque acho que sabia que um dia estaríamos aqui. Dos dois lados da linha. Eu sabia que seria ele ou nós.

E eu nos escolho.

Então, quando minha podridão explode fora de mim, são sete anos de retribuição reprimida.

O piso de ladrilhos racha, a terra entre nós desmoronando com a decadência. Linhas de veneno saem da minha pele e se espalham pelo chão, deslizando em direção a ele como serpentes prontas para atacar.

Meu pai está se endireitando, os olhos cruéis fixos em mim, agindo como se aquele golpe na parede não o tivesse perturbado nem um pouco. "Você acha que pode lutar comigo?" ele grita. "Eu fiz você!"

Ele empurra as mãos para a frente e envia uma explosão de poder para mim. Eu sinto isso, como o ar em movimento de um soco. Por puro instinto, eu jogo minha própria magia nele, e o próprio ar parece explodir em si mesmo.

Meu pai e eu saímos voando da força, minha cabeça batendo contra o ladrilho quebrado enquanto a podridão continua a vazar de meus poros. Eu ouço estrondos e gritos, mas isso é tudo secundário. Meu único foco é nele. Não sei como fui capaz de bloquear sua magia assim, ou como exatamente manejei a minha dessa maneira, mas agora que sei que posso, uma determinação esperançosa reforça meus ossos.

"Você acabou de quebrar," eu digo a ele, meu peito arfando, linhas se contorcendo para cima e para baixo na minha pele. Com o canto do olho, posso ver alguns dos servos se encolhendo, não apenas de meu pai, mas de mim. E eu sei como devo parecer, este fae cheio de espinhos e podridão, e eu sinto que sou cada centímetro um fae perverso, de bochechas escamadas a caninos brilhantes.

Mas eu não me importo. Serei um monstro se isso significar que posso destruir um.

Ele estala o dedo, mas em vez de tentar me quebrar, meu pai quebra o chão debaixo de mim. Eu ouço minha mãe gritar meu nome quando começo a cair, mas eu pulo quando o chão desmorona, mal conseguindo me segurar e rolar. Eu nem sequer fico totalmente de pé antes de enviar podridão fluindo em direção a ele, apodrecendo o chão em corrupção pútrida enquanto se enrola em torno de suas pernas. Eu o vejo cerrar os dentes e sei que estou moldando seus músculos, quebrando seu sangue, decompondo seus ossos.

E percebo com espantosa clareza que posso matá-lo. Bem aqui, agora mesmo, posso apodrecê-lo de pé. Mas por alguma razão estúpida, pela qual me odeio, hesito.

Essa hesitação é tudo que ele precisa, fazendo minha podridão vacilar e recuar. Com uma velocidade implacável, ele estala os dedos e, embora eu me prepare para bloquear, sua magia não vem para mim.

Atrás de mim, ouço minha mãe gritar.

Eu me viro, vendo-a quase desmaiando para trás, o braço quebrado no mesmo local exato em que o braço de Jak estava. Ryatt está chorando, o som dos dois martelando meus ouvidos.

Eu sinto um formigamento na parte de trás do meu pescoço, mal conseguindo me virar antes de um soco ser jogado de repente no meu rosto. Eu caio esparramado, a pele das minhas palmas se abrindo quando eu caio no ladrilho quebrado. Eu rolo, encontrando meu pai pairando sobre mim. Por todos os meus braços, meus espinhos pulsam de forma irregular. Eu me levanto, recusando-me a demonstrar medo, recusando-me a recuar, não importa o quanto minha mãe chame meu nome.

"Você é uma decepção, Slade," ele diz com um estalo.

"Acredite em mim," eu ofego. "O sentimento é mútuo."

Algo pisca em seus olhos, e eu sei. Eu sei que é isso.

É isso.

Eu invoco tudo em mim. Cada fragmento de magia que possuo. Lembro-me de cada momento em que ele me empurrou, me degradou, me machucou. Eu penso em todas as vezes que as costas de minha mãe ficaram rígidas, quando seus olhos encheram de lágrimas, quando Ryatt se encolheu. Deixei toda aquela raiva inundar minha mente e deixá-la me alimentar.

O poder ferve em minhas veias.

Meu pai levanta a mão.

O tempo diminui sua velocidade.

A tempestade da sala ruge. Ou talvez seja o som da minha própria garganta, o som da garganta dele também.

Em um instante, meu pai lança magia contra mim com uma força que faz minha pele formigar. Mas estou pronto.

Se eu pensei que o ar explodiu antes, não é nada comparado a isso.

Nosso poder colide.

E aquela magia crua, brutal e assassina rasga o ar entre nós.

A magia não deveria reagir dessa maneira. Eu nunca ouvi falar disso antes, mas talvez porque eu carrego o sangue do meu pai em minhas veias, isso permite que nosso poder reaja um ao outro.

A propriedade racha, uma fissura aparecendo entre nós. Mas esta não é uma ruptura física ou podridão palpável. Isso é outra coisa.

Um rasgo metafísico no ar aparece. Está rasgado com escuridão irregular e linhas podres. Ele crepita como uma tempestade elétrica, troveja com uma barragem de explosões ensurdecedoras. O vento chicoteia como um ciclone, arrancando pedaços de papel de parede e girando-os, sugando-os pelo corte como sangue, fazendo-os desaparecer.

Os olhos do meu pai estão arregalados, o rosto sem cor, e o fato dele estar mostrando qualquer indício de pânico deveria me preocupar, mas estou muito concentrado. Muito preso.

Eu despejo mais e mais do meu poder nisso. Deixo-o colidir com o dele, rasgando ainda mais essa brecha no ar, enchendo o vento forte com o fedor de decadência e ódio. Minhas mãos tremem, meu pai sua. Nós cerramos os dentes.

A dor percorre meus ossos e, por um segundo, penso que talvez ele tenha quebrado alguma coisa, mas não. Minha magia está me drenando muito rápido, muito forte. Meus picos estão subindo e descendo em rajadas voláteis, e meu coração parece que vai explodir.

"Slade!" Ao longe, sinto a mão da minha mãe em mim, tentando me afastar, sinto Ryatt na minha perna. Mas eu não paro.

Não posso.

E então, é quando meu pai vê isso na minha cara. Vê que não vou desistir. O clamor estrondoso que vem de seus lábios sarcásticos faz com que um grito feroz saia dos meus.

Porque prefiro morrer a deixá-lo vencer.

O vento rasga minhas roupas, joga sujeira em meus olhos, o cheiro de podridão obstrui minha garganta, seu poder empurrando, empurrando, empurrando contra o meu com tanta força que meu corpo inteiro treme.

Controle, Slade.

Todas aquelas lições. Todas as punições e palestras e horas de exaustão e dor. Eu aguentei porque sabia que tinha que aprender, tinha que forçar para ter tanto poder e controle quanto ele.

Eu aprendi o controle para que eu pudesse tirar o dele.

Eu empurro tudo o que tenho. Tudo que eu sou. Eu empurro tanto que parece que duas partes de mim se rasgam bem no meio. E é aí que aquela lágrima sobrenatural no ar finalmente irrompe.

Eu sinto no segundo em que a magia explode, sinto porque ela explode através de mim.

O poder finalmente vem à tona, separando meu pai e eu com uma explosão ensurdecedora.

Por um segundo, não tenho peso. Dormente. Pego no ar ao lado da minha mãe e do meu irmão.

Mas então aquele tempo lento e afrouxado volta ao seu lugar. O rasgo no ar de repente é como uma enorme boca de uma besta sem corpo, e sua boca escura e tempestuosa se abre. Ele fica suspenso no ar, de frente para a minha metade da sala, pronto para nos devorar.

Eu nem tenho tempo de pousar de volta no chão antes que aqueles dentes relâmpagos se fechem em toda a nossa metade rachada da sala. Então ele nos devora em uma tempestade de escuridão, e tudo o que sei é agonia e gritos de dezenas de pessoas caindo e ecoando.

Aquela boca rasgada nos engole cada vez mais fundo na escuridão do nada, através do tempo, da magia e do ar sagrado.

E então aterrissamos na barriga da besta, e meu corpo dilacerado e poder envenenado sucumbe à inconsciência.

Eu não sabia que tinha rasgado uma lágrima no mundo até acordar quatro dias depois. Eu não sabia que tinha me partido ao meio no processo ou que tinha rasgado as outras pessoas em Orea comigo, que agora dependeriam de mim para sempre. Eu não sabia que tudo estava prestes a mudar.

A inconsciência foi meu único alívio, mas eu não sabia.

CAPÍTULO 38



Auren

"Rip."

Essa é a primeira palavra que sai da minha boca quando ele termina de falar. Porque agora, eu sei o que isso significa. Agora, eu sei o quanto isso significa. Todo esse tempo, seus maiores segredos foram carregados por seu apelido mais comum.

Não tenho certeza de quando me sentei, mas acho que minhas pernas cederam em algum momento quando Slade me contou a história de como seu poder se manifestou pela primeira vez quando era um garotinho, e fiquei plantada aqui até aquela luta fatídica entre ele e seu pai. A luta que o trouxe até aqui.

Eu não falei nem uma vez. Suas palavras são desenterradas como uma escavação, algo que está enterrado há anos, doloroso demais para ser desenterrado. Mas ele me disse. Ele arrastou todos aqueles momentos de seu passado e os expôs. Agora tenho respostas para perguntas que nem pensei em fazer.

Quando ele termina, o silêncio preenche o ar oco. Por vários longos segundos, minha mente gira, minhas coxas se movendo sobre a rocha abaixo de mim. É muita coisa para assimilar, então acho que nem consigo de imediato. Existem muitas outras camadas que este túmulo de memórias desenterrou, e acho que só o tempo realmente me ajudará a compreender a magnitude disso.

Eu limpo minha garganta, olhando para o corte gigante no ar antes de olhar de volta para ele. “Então foi assim que você chegou a Orea.”

Ele balança a cabeça lentamente, olhando para o rasgo tempestuoso. “Sim.”

“Você acha... você acha que foi assim que cheguei aqui? Alguém mais fez um rasgo no mundo?” Eu pergunto.

Olhos pesados erguem-se para os meus. “Não sei. Tenho pensado muito nisso, desde que você me disse que foi contrabandeada para cá. Isso me faz pensar se algum outro fae viveu em Orea todo esse tempo, se escondendo à vista de todos.”

“Mas você acha que eu...” Eu paro, apontando com a cabeça em direção ao rasgo.

Slade balança a cabeça. “Não. Quando não estou aqui, isso é sempre guardado, e nenhuma pessoa apareceu desde aquele dia. Se alguém tivesse, eu teria sentido, porque minha força de poder está ligada a isso.”

Todas essas informações trazem à tona milhares de outras perguntas, como poeira caindo no ar depois que algo enorme acabou de cair. Mas um olhar para o rosto de Slade faz com que minhas perguntas se acalmem. Seu rosto está tenso, os olhos carregando mais sombras do que se pode atribuir à caverna.

Ele parece exausto, mais vulnerável do que eu já o vi, como as bordas cruas de uma rocha que foi esculpida, deixada com uma superfície nua que ele não está acostumado a mostrar.

“Eu sei que o que você passou foi horrível, mas pelo que vale a pena, estou feliz por você estar aqui neste mundo comigo,” eu digo baixinho.

Seus olhos suavizam. “Ah, Canário. Eu teria encontrado você em qualquer mundo em que você estivesse. Em qualquer vida.”

Meus lábios se abrem em um leve sorriso, porque acredito nele. “Você teria me encontrado em todos eles.”

Quando ele acena, eu lentamente me levanto, dando passos cuidadosos até ele. Em vez de dizer qualquer coisa, coloco minha mão sobre seu punho cerrado. Ele imediatamente relaxa os dedos, permitindo que eu deslize minha palma contra a dele, para entrelaçar nossos dedos. O tremor de uma respiração sai de seu peito.

Eu gentilmente puxo sua mão, e há apenas um momento de hesitação antes que ele me deixe levá-lo para longe. Voltamos pela caverna escura, passamos pela casa da mãe dele, atravessamos a pequena fenda na montanha e voltamos para a neve.

Nossos dedos permanecem entrelaçados enquanto eu o conduzo encosta abaixo, de volta ao brilho reconfortante da Gruta. Mas, em vez de ir para casa, continuo levando-o. Ele me lança um olhar confuso, mas assim que passamos pela entrada dos Dentes, ele sabe exatamente para onde o estou levando.

Só quando o cheiro de enxofre obstrui meu nariz e o ar frio é substituído por vapor e calor é que finalmente solto sua mão.

Slade me observa com uma carranca prendendo suas sobrancelhas juntas. “O que é...”

Suas palavras são interrompidas quando tiro minhas botas e minhas leggings. Eu vejo o nó em sua garganta subindo e descendo enquanto tiro meu casaco, colocando minhas roupas em uma pedra ao nosso lado.

Vestindo apenas minha camisa emprestada que roça minhas coxas nuas, então ando até suas costas e gentilmente tiro seu casaco, colocando-o junto ao meu. Quando eu o encaro novamente, a confusão foi substituída por ganchos de atenção extasiada que perfuram diretamente em mim.

Meu coração pode estar acelerado, mas deixo de lado meu nervosismo enquanto olho para ele. “Você se desnudou para mim. É hora de eu fazer o mesmo.”

Ele suga uma respiração quando eu me viro e olho para ele com expectativa por cima do meu ombro. Hesitando apenas por um momento, ele então pisa contra mim até que o calor de seu corpo parece permear o meu.

Sinto suas mãos na parte de cima da minha camisa, seus dedos deslizando sobre o colarinho. Ele faz uma pausa, como se estivesse me dando uma chance de mudar de ideia, mas não vou.

Quando ele abre o primeiro botão, estremeço de ansiedade e preocupação.

Um por um, ele descobre minhas costas, até que o último botão seja aberto. Ele gentilmente empurra a camisa para baixo, deslizando-a dos meus braços e colocando-a na rocha com nossos casacos. E agora estou completamente exposta. A visão de minhas costas arruinadas em plena exibição, minha própria vulnerabilidade e memória dolorosa expostas a ele.

Meu corpo treme. Meu estômago está apertado. E meus olhos... meus olhos ardem com as lembranças de ter sido encostada na parede enquanto fui decepada duas dúzias de vezes.

Mas então, os lábios de Slade estão na minha nuca. Uma pressão suave de sua boca antes de começar a espalhar beijos leves como penas nas minhas costas em centímetros meticulosos. Percebo, com lágrimas brotando em meus olhos, que ele está colocando seus lábios entre cada par de fitas cortadas. Ainda há algumas pontas penduradas, como pregos que me recusei a arrancar. A contusão está toda curada, e sei que quando esses últimos pedaços caírem, minhas costas estarão lisas e vazias, sem nenhum sinal do que estava lá antes.

Em incrementos perfeitos, seus beijos descem, descem, descem.

Eu tremo ainda mais forte, meus olhos se enchendo de tanta emoção que a caverna fica borrada na minha frente. Suas mãos vêm em seguida, o leve roçar de seus dedos acalmando os pedaços desgastados de mim que não consigo mais sentir.

Seu dedo desliza ao longo da minha espinha, deixando rastros de calafrios em seu rastro. E enquanto ele continua a colocar toques ternos de adoração contra a minha pele, toda a vergonha derrete em mim como neve ao sol.

Sem dizer uma palavra, ele está me confortando. Curando-me. Até que ele está de joelhos, colocando o último beijo contra as fitas arruinadas na base das minhas costas, seu aperto em meus quadris me prendendo ao seu toque.

Quando ele se levanta e me vira, ele levanta as mãos para enxugar as lágrimas do meu rosto. “Estou vendo você, Canário,” ele murmura, com os olhos tão cheios de ternura que ainda não consigo acreditar que estou do outro lado.

“Eu também vejo você, Rip,” eu sussurro.

Minhas mãos caem nos laços de suas calças e, ao contrário da vez na caverna, quando acordei pela primeira vez, meus movimentos são suaves, lentos. Porque eu quero aproveitar este momento. Eu quero tomar meu tempo.

O mundo exterior, qualquer coisa fora da caverna da Gruta, não existe.

Quando os laços estão soltos o suficiente, Slade tira as botas e me ajuda a abaixar as calças, e então ele está tão nu quanto eu, mas nós dois revelamos muito mais do que apenas nossos corpos.

Eu arrasto meus olhos para cima de suas coxas grossas e musculosas para seu pau que já começou a endurecer, pendurado grosso e pesado. Com meus olhos ainda fixos nele, lentamente me abaixo de joelhos diante dele, assim como ele fez comigo.

Ele suga uma respiração áspera enquanto eu agarro seu comprimento na minha mão. Eu o pego em meu punho, dedos patinando sobre a maciez de sua pele, mesmo quando ele endurece sob meu toque. Então eu me inclino, lambendo uma linha no topo da cabeça, e todo o seu corpo fica rígido.

“Auren...”

O que quer que ele fosse dizer naquele tom mutilado é cortado quando eu o tomo em minha boca. Suas mãos instantaneamente vão para a minha cabeça, os dedos enfiados no meu cabelo. Eu mantenho minha boca exploratória por alguns segundos, absorvendo-o, lambendo seu tamanho, saboreando seu gosto e o alongamento de meus lábios.

“Você está me provocando,” ele resmunga, e eu tento sorrir perto dele, olhos piscando para cima. “Chupe-me, querida. Eu quero ver essas bochechas ocas.”

Uma vibração começa no meu estômago, e eu imediatamente faço exatamente o que ele quer. Eu o chupo, balançando minha cabeça para cima e para baixo, e o gemido que ele faz dispara bem entre minhas coxas.

“Foda-se, Auren,” ele resmunga. “Essa boca.”

A emoção que sinto com a maneira como ele se desfaz me deixa mais ousada, e começo a chupá-lo até que chegue ao fundo da minha garganta. Engasgo, mas as mãos de Slade puxam minha cabeça ligeiramente para trás. Eu olho para cima, e seus olhos estão queimando em mim com pura fome carnal. Assim como fez com o desabotoamento, ele espera, me observando de perto, verificando se estou bem. A pura confiança nisso me deixa ainda mais ansiosa para fazê-lo perder o controle.

Com a pessoa certa, há poder quando você se ajoelha. Há adoração com submissão. Há equilíbrio com controle.

É por isso que eu olho para ele e digo: “Foda minha boca, Slade.”

Seus olhos brilham com fome carnal. “Coloque as mãos nas minhas coxas,” ele me diz. “Bom. Eu quero que você me bata se eu ficar muito duro ou se você precisar de uma pausa.”

Concordo com a cabeça, deixando-o saber que entendo, e ele começa a direcionar meus movimentos, deslizando-me para frente e para trás sobre seu pênis. Ele me deixa me acostumar com ele dando as ordens por alguns momentos, e então ele começa a se mover mais rápido, mais forte, fodendo minha boca como se ele desejasse ferozmente, seus movimentos ousados e ásperos e deliciosamente eróticos enquanto ele bombeava seus quadris.

“Sim,” ele rosna. “Essa porra de boca suja tomando meu pau tão perfeitamente.” Ele puxa meu cabelo para cima, segurando-o em sua mão, puxando apenas o suficiente para manter minha cabeça firme, mas não o suficiente para machucar. “Isso é o que você é, sabia? Perfeita pra caralho.”

Seu comprimento duro bate no fundo da minha garganta de novo e de novo, me fazendo engasgar, fazendo a saliva escorrer dos cantos dos meus lábios.

“Isso mesmo, babe em todo o meu pau, baby. Deixe-o bem molhado e desleixado, porque vou te foder com ele em breve e quero você pingando.”

Ele pode ter chamado minha boca de suja, mas a dele é positivamente imunda, e eu não me canso disso.

Slade puxa para fora, e eu engasgo com os pulmões cheios de ar, meus olhos lacrimejando um pouco. “Você é linda, e eu não quero nada mais do que ver meu esperma inundar sua boca, mas eu quero me afundar dentro de sua boceta ainda mais.”

Com um sorriso, limpo o queixo e me levanto, e então começo a andar de costas em direção às fontes termais. Ele me observa sem se mover, as linhas em sua pele se retorcendo e se enrolando em torno de seus peitorais, como se quisessem me alcançar.

Quando meus calcanhares atingem a borda da água quente e eu começo a recuar, as pernas abraçadas no calor, eu levanto minha mão e enrolo meu dedo em direção a ele. “Então vamos lá, Rei Ravinger. Porque é exatamente isso que eu quero, e estou curada o suficiente para uma boa e longa imersão.”

Ele está em mim antes que minha metade inferior possa desaparecer sob a superfície, seus dedos cavando em minha bunda enquanto ele me levanta. Ele nos empurra ainda mais para dentro, e a água parece tão boa quanto mais afundamos nela, mais afundamos um no outro.

Slade para ao lado da piscina e me coloca no chão, e noto que a inclinação aqui é acentuada, levantando-me vários centímetros mais alto do que ele.

“Vire-se, baby,” ele me diz. “Apoie as mãos na borda da piscina.”

Engolindo em seco, eu me viro, meus dedos se curvando ao redor da pedra lisa enquanto a agarro. “Boa menina,” ele ronrona enquanto suas mãos vêm ao meu redor, uma enrolando possessivamente em torno da minha boceta, enquanto a outra vai para os meus seios.

“Deusa...” Eu respiro enquanto ele circula meu clitóris com dois dedos, movendo-se sobre mim como um mestre da música dedilhando as cordas perfeitas. Meu corpo canta para ele em todas as notas certas.

Quando ele afunda um dedo em mim, ainda mantendo o outro enrolado para acariciar meu clitóris, nós dois gememos. Sua boca desce para mordiscar a lateral do meu pescoço, enquanto sua outra mão aperta e acaricia meus seios, torcendo meus mamilos e fazendo-os endurecer.

“Slade, eu quero você,” eu gemo, minha cabeça inclinando para trás contra a dele.

“E você vai me ter,” ele responde, beijando minha nuca. “Há uma pedra curta bem na sua frente, quero um joelho apoiado nela.”

Fora de mim com uma necessidade latejante, eu rapidamente levanto meu joelho, encontrando a pedra lisa exatamente onde ele disse que estaria.

“Perfeito,” ele me diz enquanto sua mão em meus seios cai. Então, seu dedo deixa minha boceta, a coroa de seu pênis tomando seu lugar.

Estou instantaneamente sendo esticada, minha respiração prendendo enquanto ele empurra com uma lentidão agonizante. Centímetro por centímetro ele afunda em mim, e de alguma forma, ele indo devagar só me faz sentir mais completa. A água quente que nos rodeia torna tudo mais escorregadio.

Quando sua pélvis atinge minha bunda, ele a aperta, enquanto um gemido percorre seu peito. “Tão fodidamente bom. Tão apertada e pronta.”

Sinto seus lábios nas minhas costas novamente e percebo que esse posicionamento em que ele me colocou foi totalmente proposital. Mas então, tudo que Slade faz tem um propósito, então não deveria me surpreender. Ele não nos mantém cara a cara, ele me tem assim com as costas nuas para ele, e quando ele coloca os beijos lá novamente, é como se ele estivesse substituindo a violência e me marcando com ternura. Lembrando-me que não estou arruinada. Que, apesar de tudo, estamos

aqui, juntos, e que às vezes nossos mundos precisam se romper para que acabemos onde deveríamos estar.

“Slade, eu preciso que você se mova,” eu digo a ele, enquanto ele acaricia, faz meu corpo derreter e todas as minhas reservas derretem em riachos drenantes.

Sua mão volta para o meu clitóris com uma rapidez quase repreensiva, e uma respiração confusa fica presa na minha garganta enquanto seus dedos começam a me esfregar em círculos rápidos e determinados.

Ao mesmo tempo, ele se arrasta para fora e então empurra de volta para dentro de mim. Novamente. E de novo. E de novo. Seu ritmo é firme e forte, e quando ele usa a outra mão para agarrar minha coxa e me inclinar um pouco mais para cima, uma onda de calor me atinge.

Minhas costas arqueiam quando um som de miado embaraçoso me escapa, embora o som borbulhante da água abafe um pouco.

“Sim, sim,” eu canto, sentindo seu toque em meu clitóris como mil raios diferentes percorrendo meus membros, subindo pelo meu estômago, até mesmo aquecendo as solas dos meus pés. Senti-lo atingir aquele ponto dentro de mim que me faz querer explodir.

“Mais rápido, Slade. Eu quero gozar. Eu quero gozar com você.”

“Eu vou te dar o que você quer,” diz ele, com voz quente e faminta, dominante e protetora. “Aguente.”

Eu endireito meus braços, me preparando, e Slade começa a me foder forte e rápido, fazendo a água espirrar ao nosso redor. A água batendo é de alguma forma o complemento perfeito para os ruídos eróticos que acompanham seus gemidos e os meus.

“Sua boceta está apertando meu pau como se quisesse me secar,” ele sussurra em meu ouvido, dentes afiados patinando sobre a curva. “Você está perto, não é, baby?”

“Sim! Por favor!”

Seus dedos dedilham meu clitóris, mais e mais rápido e mais forte e...

Eu queimo. No calor da água com as ondas batendo contra meus braços e peito, eu pego fogo dos pés ao peito, formigando com a liberação.

Slade solta o som mais sexy contra o meu ouvido enquanto ele sacode, seu pau pulsando sêmen em meu corpo, e eu derreto contra ele enquanto minhas próprias ondas diminuem lentamente.

Ofegantes um contra o outro, Slade me dá um último beijo nas minhas costas antes de me virar e me sentar de lado em seu colo. Ele me mantém ali com minha cabeça encostada em seu peito, com o vapor se enrolando ao nosso redor como uma cortina destinada a nos manter escondidos de todo o resto.

Depois de um tempo, depois que o silêncio se tornou um conforto, a água borbulhante nada além de um zumbido de fundo, eu olho para ele, fazendo-o inclinar a cabeça para baixo para olhar para mim. “É isso, não é?” Pergunto baixinho, sentindo-me tão suave e segura em seus braços. “Isso é amor de verdade.” Aquela palavra. Aquela palavra enorme, importante e significativa simplesmente sai de mim, ondulando as águas entre nós, mas sei que é verdade.

Antes, quando eu achava que tinha isso, não era nada disso. Não era nada parecido com ele. Depois desta noite, vejo com tanta clareza. Eu vejo o que está bem na minha frente.

Os braços de Slade apertam em volta de mim, e então ele coloca um beijo na minha testa. “Sim, Auren. Isto é amor.”

CAPÍTULO 39



Auren

Slade e eu passamos o resto da noite na cama. Ele faz amor comigo mais duas vezes antes de eu adormecer, apenas para acordar com a boca entre minhas coxas enquanto sua língua faz coisas ruins, perversas.

Não tenho certeza de que horas são quando nós dois adormecemos de novo, mas quando acordo da próxima vez, estou sozinha na cama. Não é nada incomum, já que tenho mantido padrões de sono opostos com medo de dourar algo de repente. Ainda assim, não posso evitar a pontada de decepção por não o ter aqui.

Olhando para o relógio em cima da lareira, vejo que não dormi tanto quanto costumo dormir. É fim de tarde, o que significa que ainda é dia. Normalmente, eu me viraria e me enterraria sob os cobertores, contente em me esconder até a noite. Mas meu estômago resolve roncar naquele exato momento, porque já faz muito tempo desde a festa no pavilhão. Especialmente considerando o quão... ativo Slade e eu estávamos na noite passada.

Ajudou, cair um no outro em vez de ficar atolada com todas aquelas revelações. Mas agora que estou sozinha e tenho tempo para processar, tudo em que consigo pensar é nesta vila. Sobre todos os Oreans de vida longa dentro dele.

Principalmente, penso na mãe dele.

Eu posso me relacionar com ela. Ela foi tirada de seu mundo, presa com um homem cruel. Cobiçada por sua magia, mantida afastada como uma bugiganga para lhe dar frutos. Eu me pergunto o que aconteceu quando ela passou por aquele rasgo, por que ela não fala mais.

Talvez sua voz tenha falhado naquele dia, bem ao lado do pescoço de seu amante.

Faz sentido agora, porque eu continuei pegando algo estranho sobre os aldeões e Elore. Devo ter percebido a conexão deles com Annwyn, por mais sutil que seja.

Mas, principalmente, o que fica surgindo na minha cabeça é me perguntar como cheguei aqui. Se Slade e seu pai usaram sua magia e destruíram o mundo... outra pessoa fez o mesmo? Eu fui contrabandeada por algum rasgo que ainda pode existir em algum lugar em Orea? O pensamento de que outro fae poderia ter sido vendido para o mercado de carne, tratado como eu fui, faz meu coração doer. E ainda, se há outros faes em Orea... onde eles estão?

Meus pensamentos entram e saem em uma maré constante até que meu estômago realmente começa a reclamar, e eu me forço a sair da cama. “Vai ficar tudo bem,” murmuro enquanto deixo o calor dos cobertores e ando para a sala ao lado. Não vou dourar nada durante o dia.

Eu tenho que começar a dar passos de bebê, e levantar com a luz do dia é o primeiro. A última coisa que quero é perder o controle e ferir esta vila. Eu nunca me perdoaria.

Depois de usar o banheiro, entro no armário. Agora que minhas costas estão praticamente curadas, decido trocar as camisas de Osrik por uma do meu tamanho. Visto roupas limpas e volto para o quarto, minha mão enluvada parando na maçaneta da porta. Com uma respiração profunda, abro e saio, caminhando pelo longo corredor em direção à cozinha.

Quando estou quase na porta aberta da sala, meus passos param com o som de vozes passando pelas paredes.

“Rip, não podemos continuar ignorando isso.”

Essa é a voz de Lu, e seu tom soa... preocupado.

“Eu sei,” Slade responde, uma pesada resignação pesando em suas palavras.

Há uma pausa e então ouço Digby dizer: “Eles são idiotas se realmente pensam isso sobre ela. Se você me perguntar, é apenas um monte de lamúrias.”

“Não importa,” responde Judd. “Eles se sentem ameaçados. Eles são muito arrogantes para pensar que Midas era o mentiroso. E de qualquer maneira, é político. Se há uma coisa da qual você sempre pode ter certeza quando se trata de governantes, é que eles sempre tentarão tirar vantagem de uma situação.”

Minhas sobrancelhas se juntam em uma carranca.

A porta da frente se abre de repente e eu pulo, pressionando minhas costas contra a parede sombreada enquanto Ryatt entra pisando forte. Se ele estivesse realmente olhando, ele me localizaria, mas ele entra e contorna a porta, sua sombra espalhando-se pelo corredor.

“É verdade?” ele rosna, fazendo todo mundo ficar quieto. “É verdade?”

“Sim, é verdade,” ouço Slade dizer.

Ryatt faz um barulho de frustração e vejo sua sombra começar a andar. “Porra.”

Um mal-estar fervente bate contra meu estômago, manchando a fome que eu tinha e substituindo-a por náusea. Eu sei que há algo acontecendo, algo que Slade ainda não me contou. Isso ficou claro quando ouvi ele e Ryatt no pavilhão, e tive a mesma sensação quando Slade recebeu aquele falcão e não ofereceu uma explicação. Claro, poderia ter sido algo menor, mas acho que não.

Por um segundo, considero me virar. Voltar para o quarto e me esconder de tudo isso. Mas não posso continuar fazendo isso. É hora de dar outro passo. Então, embora minha ansiedade esteja aumentando, como o nível da água subindo até meus ouvidos, eu me forço a me afastar da parede. Para entrar na sala.

Assim que o faço, vejo todos reunidos em volta da mesa da cozinha. Os olhos de Slade imediatamente se movem para mim quando apareço na porta, e vejo o estresse em seu rosto um segundo antes dele sumir.

"Auren."

Todos os outros na mesa se viram para olhar para mim, assim como Ryatt, que estava parado na porta da cozinha de costas para mim.

Nenhum deles tem a cara de pôquer que Slade tem. Mas mesmo que o fizessem, eu ainda seria capaz de sentir que algo estava errado em seu silêncio restrito. Até mesmo Hojat, cuja presença é sempre tão calma, tem linhas tensas de preocupação marcando seu rosto.

Meus olhos caem para o pergaminho que foi desenrolado sobre a mesa. Parece que foi passado de mão em mão, rugas estragando as palavras rabiscadas.

"O que está acontecendo?" Eu pergunto, meus olhos se arrastando de volta para cima.

Lu e Judd olham para Slade, e até Digby ergue uma sobrancelha para ele, como se estivesse esperando que Slade confessasse.

Quando Slade hesita, Judd interrompe com um sorriso descontraído. "Olá, Dourada. Ouvi dizer que você descobriu por que realmente o chamamos de Rip. Um tanto exibicionista, fazendo um furo no mundo, não acha? Pessoalmente, preferia todos os boatos que inventamos para explicar o apelido dele," conta. "Foi divertido divulgá-los."

Lu sorri. "Como se ele tivesse o nome de arrancar a cabeça das pessoas em batalhas."

Judd assente. "Ou ter músculos definidos, as mulheres gostam disso."

"Deixe-a em paz."

"Rasgando as pessoas em uma nova."

"Ser uma fraude."

“Rasgando vidas.”

Os olhos de Judd se iluminam. “Ou rasgando alguma bunda nojenta longe...”

“Chega,” Slade diz com um suspiro. Judd dá uma risadinha.

“Obrigado por isso,” digo a eles. “E sim, foi uma grande surpresa. Mas eu realmente só quero saber o que está acontecendo agora.” Meus olhos olham ao redor da sala. “Há algo acontecendo desde que chegamos aqui, certo?”

Para minha surpresa, Ryatt é quem responde. “Sim, há.”

“Ryatt,” Slade rosna.

“O que?” ele responde de volta. “Ela acordou. Ela está curada. E agora, ela está perguntando. Você está perdendo tempo, tempo que não é só seu para desperdiçar. Não é dela para desperdiçar.”

“O que isso significa?” Eu pergunto, inquietação revirando meu estômago. “Isso é sobre... Midas?”

Hojat se mexe em seu assento. Os olhos de Judd se movem para Slade novamente. Lu move seu piercing labial de madeira com a língua.

“O que diz a carta?” Eu pergunto com cautela.

É o olhar no rosto de Slade que faz meu peito apertar, que faz um pavor frio inundar minhas veias.

“O que ela diz, Slade?”

Em vez de responder, ele se levanta, enfia a mão no bolso e tira um punhado de pergaminhos. Meus olhos se arregalam quando eles caem sobre a mesa. “Os monarcas exigiram que você respondesse pela morte de Midas, que fosse julgada em um Conflux real. Eles afirmam...”

Meu coração bate contra o meu peito. “Eles afirmam o quê?”

Ele solta um suspiro cansado. “Eles estão alegando que você roubou o toque de ouro de Midas. Que você ficou com ciúmes quando ele anunciou seu noivado com a Rainha Kaila, e você o matou em um ataque de raiva. E... que você me seduziu.”

Minha boca se abre em estado de choque, costelas estalando com a força do meu batimento cardíaco. “E isso... isso é o que essas letras são? Uma espécie de convocação?”

“Algumas delas.”

Engulo em seco. “E as outras?”

Ele hesita.

“*Slade.*”

“Acabamos de ser informados de que nosso carregamento de suprimentos nunca chegou. Era para chegar ao posto avançado, o suficiente para a passagem do exército e também para reabastecer Drollard, mas não chegou. Eu perguntei para ele e parece que os navios nunca chegaram ao porto.”

Minha carranca se aprofunda enquanto tento entender o que isso tem a ver com o que aconteceu em Ranhold.

“Que navios?”

Ryatt interrompe antes que Slade possa responder, virando seu corpo para mim. “O que meu irmão está tentando dizer, mas fazendo um trabalho de merda, é que os outros reinos agora estão nos sabotando por abrigar você.”

Meus olhos se arregalam.

Slade atira-lhe um olhar antes que ele tente explicar. “O Quarto Reino é formado principalmente por pântanos, rios e montanhas mineiras. Fora disso... tem a podridão,” diz ele. “Em parte usado como um impedimento, em parte porque tenho que expulsar o poder. Mas isso significa que meu reino não é uma boa terra para cultivo. Além do peixe, temos que importar a maior parte de nossa comida de acordos comerciais entre os outros reinos.”

Ele faz uma pausa.

“Então, a remessa...”

“Não está vindo, Dourada,” Judd me diz de seu lugar na mesa. “Os reinos estão chateados porque Slade ignorou sua orientação e não enviou você para a convocação. Esta é a maneira deles de nos alertar.”

Meus olhos voam para Slade. “Mas e quanto a Drollard?”

“Temos reservas.”

“Sim, mas não é infinito,” diz Ryatt.

“Sem falar no exército,” acrescenta Judd, passando a mão pelo cabelo amarelo mostarda. “Eles estão em movimento há meses. Seus suprimentos estarão perigosamente baixos quando eles passarem para o Quarto. Não é bom para o moral.”

“Nenhum dos dois é um comandante ausente e um rei que não está em seu reino,” diz Ryatt incisivamente.

“Você precisa voltar,” eu digo em voz alta.

Slade olha para mim estoicamente, como se não estivesse carregando o peso de um reino em seus ombros. “Nós iremos quando você estiver pronta.”

Ele não está voltando por minha causa. Porque tenho me arrastado, muito hesitante para me controlar e enfrentar as mudanças de meu poder, enfrentar as repercussões de minhas ações em Ranhold.

“Eu estou segurando você, Slade,” eu digo a ele honestamente. “Você precisa voltar para o Quarto Reino.”

A raiva atravessa os planos nítidos de seu rosto. “Você acha que eu deixaria você para trás? Nem uma porra de chance.”

“Não quero ficar para trás, mas os outros monarcas sabem que estou com você. Talvez seja melhor eu ficar aqui.”

“Não.”

Deixei escapar um suspiro. “Slade...”

Ele pressiona a mão contra a mesa. “Não está acontecendo. Não estamos nos separando. Além disso, posso protegê-la melhor no meu reino. Também seria melhor se eu estivesse lá, caso os outros monarcas decidam que querem retaliar com mais do que atrasar uma remessa do posto avançado. Mas antes de irmos...”

Eu preencho suas lacunas. “Preciso descobrir minha magia.”

Ele concorda.

“Certo, então ela pode possivelmente matar todos em Drollard,” Ryatt murmura.

Slade abre a boca para rasgá-lo, mas Digby chega antes dele. “Não fale sobre minha senhora nesse tom,” ele avisa.

Surpreendentemente, Ryatt realmente parece um pouco castigado antes de encobrir com escárnio. “Você não deveria estar na cama se curando?”

“Cuidado com a boca,” Slade late. “Você tratará o guarda de Auren com respeito.”

Digby olha para ele. “Eu não preciso da sua defesa, garoto,” ele diz para Slade antes de se virar para Ryatt. “Minha perna e costelas estão melhores,” retruca Digby. “Estou curado o suficiente para chutar o seu traseiro.”

Judd dá uma risadinha.

“Algo engraçado?” exige Ryatt. “Desculpe, não podemos todos rir de tudo e fingir que está tudo bem como você faz, mas Drollard está em sério perigo de morrer de fome se o seu rei não se levantar e fizer alguma coisa!”

Meus olhos se arregalam, saltando entre eles enquanto todos parecem rosnar e morder uns aos outros como um bando de cachorros famintos.

Do outro lado da mesa, Lu revira os olhos. “Você vê o que eu suporto o tempo todo?” ela me diz antes de se levantar. Então ela pula em cima da mesa e, rápida como um chicote, lança uma adaga de... não sei nem de onde, e a faz bater com a ponta na madeira, prendendo as palavras.

Todos param de falar ao mesmo tempo, olhando para ela.

“Agora que tenho sua maldita atenção...” Ela coloca os punhos na cintura, olhando para eles como a capitã que é. “Eu preciso que todos vocês enfiem seus paus por um segundo e tentem pensar racionalmente. Como uma mulher.”

Apesar da gravidade da situação, não posso deixar de sorrir.

“Está claro o que precisamos fazer,” ela continua, e aponta para Ryatt. “Você precisa parar de ser um idiota. Slade se preocupa com Drollard e todos nele, e você sabe disso. Assim como também sabemos que você está estressado pra caralho porque esse lugar é a sua casa. Mas, como eu disse, pare de ser um idiota.”

Ryatt parece obstinado, mas mantém a boca fechada.

Seu dedo se move para Judd. “Pare de ser um idiota instigante.”

“E você,” ela diz em seguida, apontando para Slade. “Você está longe de seu reino há muito tempo, e você sabe disso.”

“Você ...” ela diz a Digby em seguida, fazendo-o olhar para ela com cautela. “Mantenha o bom trabalho. O mesmo para você, Hojatty,” acrescenta ela, e o curandeiro lhe dá um sorriso tímido.

“E Dourada.” Eu encaro cautelosamente seu dedo, me preparando para suas palavras. “Você precisa levantar suas calças de menina grande e descobrir sua magia. Porque todos nós sabemos que Rip com certeza não vai embora sem você e, francamente, você precisa fazer isso antes de deixarmos você chegar perto de outro salão de baile. Está na hora.”

Eu sei que ela está certa. Já passei do ponto de arrastar os pés. Eu preciso ser mais forte fisicamente e magicamente. Então, mesmo que isso me encha de pavor, eu aceno. “Eu sei.”

“Eu sei que você sabe,” ela responde. Quando ela deixa cair a mão ao lado do corpo, todos parecem relaxar um pouco. Eu acharia engraçado se não estivesse tão ansiosa. “Agora, não vamos mais discutir e perder tempo. Os já está fazendo com que o último terço do exército volte para o nosso território. O que significa que teremos

milhares de soldados cansados de quem precisamos cuidar e cartas para responder. Precisamos bolar um plano. Juntos.”

Coletivamente, todos concordam.

Lu pula da mesa e então olha para Slade, e vejo sua própria mudança de comportamento. Ele se parece com sua forma Rip, o comandante desonesto do exército mais temível do mundo.

Ele apoia as mãos contra a madeira, os olhos deslizando sobre os pergaminhos enrolados sob seus dedos. “Os outros reinos acham que podem tentar me intimidar para entregar Auren, mas não vai funcionar,” ele diz, e eu finalmente ouço, a raiva que ele mantém escondida, a necessidade de agir que ele está suprimindo. Depois de um momento, ele levanta a cabeça das letras e um sorriso perverso se espalha em seu rosto. “Talvez eu precise lembrá-los de por que ninguém fode com Rei Podridão.”

CAPÍTULO 40



Auren

Ontem, como todos me encheram em todos os movimentos políticos que estão acontecendo desde Ranhold, percebi o quão protegida eu tenho sido. O quanto eles tentaram esconder de mim. Mas agora que esses escudos caíram, eles me incluíram em todas as negociações. Várias vezes, um deles olhava para mim e perguntava minha opinião sobre o assunto. Eu me assustei nas primeiras vezes, me peguei franzindo a testa em confusão outra vez.

Fui uma testemunha silenciosa de centenas de reuniões políticas ao longo dos anos, mas a palavra-chave é silenciosa. Nunca fui convidada a opinar, nunca fui autorizada a fazer perguntas. Eu era apenas o animal de estimação enjaulada destinada a ficar calada.

Todos nós conversamos por horas e, admito, eu estava fora do meu elemento. Não estou acostumada a ser questionada sobre meu julgamento sobre coisas como essa. Mas essa é apenas outra razão pela qual Slade e sua Ira são diferentes. Todos eles trabalham juntos. Mesmo quando eles discutem, Slade não está se posicionando e punindo. Ele abre todas as discussões, ouve a opinião de todos sobre o assunto, desde sua Ira até seu curandeiro, até mesmo meu guarda. Ele ouve a todos, levando tudo em consideração.

Midas nunca teria feito isso.

E apesar de tais tópicos difíceis, Slade parecia aliviado depois. Como se este fosse um peso que ele estava puxando para trás, escondido da vista enquanto ele silenciosamente carregava a responsabilidade. Mas agora que tudo está aberto, ele parece mais seguro de si e pronto.

Mas eu? Minha mente se transformou em mingau, como mingau que teve uma superabundância de aveia adicionada. É uma poça pegajosa com muitos grãos de pensamento congelados na minha cabeça.

Meu sono é agitado naquela noite. Não tenho certeza de quando todos nós finalmente vamos para a cama, mas quando o fazemos, acordo em pedaços desconexos, enquanto fragmentos de sonhos atravessam minha consciência. Estou sobrecarregada com novas informações vindo de todas as direções.

Eu sonho com o prisioneiro apodrecido. Com Ryatt gritando na minha cara para sair de casa. Com Elore, só que a vejo no relato de Slade, de quando ele fez aquele rasgo no mundo, dela gritando até que sua voz não funcionasse mais. Sonho com a Rainha Kaila me mantendo como refém com cordas de sussurros coletados. Eu sonho com meu ouro saindo de mim e envolvendo toda Drollard.

Quando meus olhos se abrem depois daquele último sonho, decido não os fechar novamente.

Terminei.

Não com o sono, mas comigo. Com essa forte ressaca, onde tento me mover para um lado, mas na verdade continuo me arrastando para trás. E não estou apenas me segurando, também estou segurando um rei que precisa proteger seu reino.

Eu sei o que tenho que fazer.

Então, eu cuidadosamente saio da cama, mesmo que tenhamos acabado dormindo só algumas horas atrás. Eu me visto silenciosamente e então vou até a porta, verificando a forma adormecida de Slade antes de sair. Do gancho ao lado da lareira na sala de estar, pego meu casaco e o visto antes de calçar minhas botas. A casa está silenciosa, silenciosa e fria, mas estou envolta em um calor nervoso.

A normalmente barulhenta porta da frente da Gruta não faz barulho quando a abro e saio. À frente, a caverna se abre com o menor indício de amanhecer contra a paisagem. Ando em direção à luz abafada, enfiando as mãos sob os braços enquanto deixo a proteção da caverna.

O ar é plácido e cru, o tipo de frio que gruda na respiração e faz seus pulmões parecerem gelo. Viro as costas para a vila silenciosa e subo a encosta, meus passos seguros, minha mente determinada.

Porque eu vou dominar meu poder.

Se Slade aprendeu a fazer isso quando tinha oito anos, posso aprender agora. Eu tenho que aprender.

Então eu arrasto minha bunda até a colina gelada, com meu corpo envolto na sombra da montanha à minha direita. Passo pelo Poleiro, pela toupeira, xingando baixinho enquanto minhas botas afundam na neve e minhas pernas queimam. Esqueci quanto tempo era a caminhada para chegar até aqui. Mas, finalmente, eu me puxo para dentro da caverna que está poluída com os salpicos de ouro que deixei para trás.

Meus olhos se ajustam à iluminação fraca, ao ouro solidificado que está reunido no centro do chão rochoso. Quando me aproximo, porém, uma sombra que eu confundi com uma das formações rochosas se move. Eu pulo para trás em surpresa, um grito saindo dos meus lábios.

Olho com os olhos arregalados para o asa de madeira que abre suas asas, levantando a cabeça para olhar para mim.

“Grande Divino, você me assustou,” eu digo trêmula, a mão cobrindo meu coração agora acelerado.

A besta gigante levanta o nariz, como se estivesse me cheirando.

Vou sair em um membro trêmulo e dizer que isso não é um bom sinal.

Ele me observa muito de perto de seu lugar no chão dourado, enquanto eu debato o que diabos fazer.

“A última vez que estive consciente perto de uma asa de madeira, ela queria comer minha cara, então preciso que você vá.”

Um par de olhos brilhantes pisca.

A coisa é maior que um cavalo, com asas enormes contra o corpo manchado, pés com garras enfiados embaixo dele. Se ficou surpreso com minha aparência, certamente não o demonstra, nem se sente ameaçado por mim. E por que seria? Tem uma boca cheia de dentes afiados.

Eu tiro minha mão do meu peito por tempo suficiente para sacudi-la. “Prossiga. Xô.”

Sinceramente, não achei que iria funcionar, então não estou surpresa quando ele continua parado. Um suspiro sai de mim, e eu cruzo meus braços. “Olha, eu só tive que andar muito para chegar aqui. Através da neve. Subindo. Então eu não vou embora. Preciso deste espaço para praticar minha magia porque não posso estar em um reino populoso sem obter meu poder até ter certeza de que não dourarei um castelo inteiro. Novamente.”

A besta boceja.

“Oh, você está entediado?” Eu falo lentamente, colocando minhas mãos em meus quadris. “Tudo bem então. Se você ficar dourado enquanto eu estiver praticando, não venha chorar por isso. A culpa será inteiramente sua.”

Ele lambe os lábios e enfia a cabeça sob a asa, como se estivesse entediado comigo e quisesse voltar para sua soneca.

“Besta teimosa,” murmuro baixinho.

Ele faz um barulho no fundo do peito, me fazendo pular um pouco. Porque sim, ainda tenho muito medo disso, mas tenho ainda mais medo de uma subida perdida. Pelo menos, desde que essa coisa não comece a atacar-me com os dentes. Então eu vou subir a colina.

“Ok, eu só vou começar, então,” eu digo enquanto caminho para o outro lado da caverna.

Não se mexa.

Deixando escapar um suspiro, cautelosamente o mantenho em minha mira enquanto me afasto, tomando cuidado para manter bastante distância entre nós. Chego a um ponto no chão onde há uma poça de ouro maciço e, logo atrás dela, uma parede com mais ouro salpicado nela.

Acho que é a parede. A parede onde basicamente me lancei no Slade. Minhas bochechas esquentam quando me lembro da maneira animalesca como nos enfrentamos.

Lado bom, pelo menos a asa de madeira não estava lá para isso.

Eu cuidadosamente me abaixo no chão, cruzando as pernas embaixo de mim. Eu encaro o ouro congelado, sua cor opaca na luz nebulosa do amanhecer, e olho para meu reflexo levemente distorcido. Com a forma como o ouro se solidificou, meu rosto parece mais nítido, os olhos quase brilhando tanto quanto os do asa de madeira, e minha expressão parece mais... fae.

Por um segundo, sou um pouco pega de surpresa, porque é como se eu estivesse olhando para aquele outro lado de mim. Não Auren que era mais besta do que pessoa, não a fae que se libertou por vingança e sangue.

Ou talvez seja apenas um truque do olho.

Eu encaro o reflexo, com as palmas das mãos sobre os joelhos, procurando um brilho nos meus olhos, uma faísca malévola, qualquer coisa para reconhecer aquela parte de mim que liberou.

“Minha mágica não está funcionando direito,” digo em voz alta, olhando bem nos meus olhos. “Não tem funcionado desde que eu acordei. E tenho certeza de que é por causa daquela noite em Ranhold.”

Meu reflexo observa, e provavelmente estou apenas alimentando isso, mas eu juro, me vejo sorrindo.

“Mas este é o meu poder,” eu digo, fortalecendo minhas palavras. “É meu para controlar.”

Acho que meu reflexo pode estar me desafiando a provar que é verdade.

Eu tiro minha luva, deixando o couro cair no chão ao meu lado. Virando a mão à minha frente, olho para a palma, para o formato dos meus dedos, para as linhas nas pontas dos dedos.

Atrás de mim, o amanhecer está brilhando levemente, dando à luz um novo dia, e espero que desperte minha magia. No entanto, quando pressiono minha mão contra o chão da caverna, nada acontece. Nenhum ouro pinga da ponta dos meus dedos, nenhum metal líquido escorregadio cobre minha palma.

"Vamos," murmuro baixinho, mantendo minha pele pressionada contra o chão de pedra fria. É engraçado como eu daria tudo para poder tocar durante o dia sem dourar nada. Mas agora, preciso fazer tudo o que puder para recuperar meu toque de ouro.

É hora de parar de bloquear meu poder.

Eu pressiono minha palma com força contra a rocha, meus dedos cavando nela como se eu quisesse abrir caminho, mas ainda assim, nada acontece. Um sopro de frustração passa por meus lábios com bordas irregulares que cortam o silêncio. Com o canto do olho, vejo a asa de madeira levantar a cabeça e congelo no lugar.

Quando ele não pula e decide me comer, dou uma olhada cuidadosa. Ele me encara de volta, sem piscar, e quando eu o encaro, um arrepio percorre minha espinha. Meus olhos caem de volta para o meu reflexo dourado, então de volta para a asa de madeira, e um reconhecimento chocante abre caminho em minha cabeça. De repente, isso me lembra da besta, aquela que abriu caminho através de minhas barreiras e se libertou.

Slade disse que não sou um monstro. Ele disse que a besta é o meu lado fae. Agora, eu não sei muito sobre ser um fae, e não sei quase nada sobre bestas, mas há uma coisa que eu sei.

Bestas podem ser domadas.

“É isso aí,” eu me ouço dizer, e a asa de madeira inclina a cabeça para mim. A fae em mim não tem nenhum problema em controlar a magia, porque é inerente. Meu problema é que sempre lutei ou escondi minha magia, e minha natureza fae.

Eu nunca abracei isso. Nunca me abracei.

Talvez eu sempre tenha tido essa habilidade de controlar o ouro, de chamá-lo mesmo depois que o sol se pôs. Talvez eu nunca tenha encontrado minha voz para invocá-lo antes.

Mas eu tenho uma voz agora.

Olhando para baixo, pressiono minha mão contra a rocha, o frio cortando minha pele. “Este é o meu poder,” eu digo baixinho. “Não acabou. Não está quebrado. Apenas mudou. Eu mudei.”

Fecho os olhos e solto um suspiro profundo. Afasto todos os outros pensamentos, concentrando-me inteiramente em procurar aquele lado de mim que queimou e raspou, a parte que ferveu e inflamou. Eu mergulho fundo, esperando que isso não funcione imediatamente, mas é como se essa parte de mim estivesse lá o tempo todo.

Apenas *esperando.*

Como um predador selvagem posicionado nas sombras da minha alma, ele jaz ansioso e alerta. Olhos brilhantes pousados em mim, asas de ouro ardente dobradas contra seu corpo como chamas. Ele olha para mim e eu olho para ele, mas é um pouco como atravessar um túnel. Não tenho certeza de onde sua visão começa e a minha termina, quanto tempo dura o alongamento entre a pupila brilhante ou se os dois estão separados.

Sinto meus lábios se curvando, o alívio me enchendo. Porque a besta - a fae - em mim não é algo a ser temida. Sou eu. Sempre foi. Eu sinto isso agora.

E meu poder, não é uma força incontrolável, nem secou. Está lá, como um fogo eterno de chamas douradas queimando no centro da minha alma. Sinto minha magia assim como sinto a batida do meu coração. Está em minhas veias, percorrendo meus

membros, fervendo sob minha pele. Tudo o que preciso fazer é estender a mão e assumir o controle disso.

Quando abro meus olhos novamente, uma sensação de calma tomou conta de mim, porque desta vez eu sei o que fazer. É instinto.

Eu alimento as chamas das asas da besta, e o ouro escorre por mim. Não tento puxar ou entrar em pânico, não tento forçar ou me inundar de dúvidas.

Eu simplesmente o chamo com minha voz recém-descoberta e ele responde.

O sorriso se alarga em meu rosto quando sinto o calor familiar sob minha pele. Um segundo depois, minha palma fica escorregadia. Solto um grito quando o ouro escorre da minha mão e começa a dourar o chão, fundindo-se com a poça congelada diante de mim.

Eu olho para a asa de madeira com um sorriso triunfante. “Eu fiz isso!”

A besta pisca para mim, e eu nem me importo que ela não pareça impressionada, porque estou muito animada por finalmente ter conseguido usar minha magia sob comando enquanto totalmente consciente e no controle.

Comemoro imediatamente arrancando minha outra luva. Eu pressiono minhas mãos contra minhas leggings, minha camisa, minhas meias e botas, exultante, em êxtase, sentindo como se pela primeira vez eu pudesse celebrar minha própria magia.

Quando estou dourando minhas luvas, um aplauso soa atrás de mim e eu me viro surpresa. Slade está lá, encostado na parede da caverna, parecendo ofensivamente sexy. Nenhuma pessoa deveria ser capaz de parecer tão bem sem esforço à luz do amanhecer.

Mas estou feliz que ele o faça.

Ele está usando botas desamarradas presas sobre calças de cintura baixa e uma camisa amassada com as mangas arregaçadas nos antebraços. Ele nem está vestindo um casaco, como se tivesse saído correndo antes de vestir um.

Ele para de bater palmas, suas mãos deslizando para os bolsos, enquanto o sorriso em seu rosto e o brilho em seus olhos fazem meu estômago revirar. “Muito bem, Canário. Eu sabia que você poderia fazer isso.”

CAPÍTULO 41



Auren

“Tente e puxe-o de volta,” Slade me diz.

Suas costas estão apoiadas na parede da caverna, uma parede que agora é dourada em ondas que imitam as veias de fluorescência que nos cercam.

Argo, o asa de madeira de Slade, também está aqui, assim como nos últimos quatro dias. Ele nunca se aproxima ou rosna, mas fica de olho em mim e no meu ouro ou age completamente entediado com a minha presença.

Minha testa franze em concentração de onde estou sentada em frente a uma formação rochosa no fundo da caverna, meu ouro caindo em cascata sobre a pedra escura como uma mancha de tinta pingando por cima. Eu tento puxá-lo de volta para a minha mão que descansa na ponta pontiaguda, mas não importa o que eu faça, o ouro continua se espalhando.

“Eu não posso,” digo a Slade com frustração, meus dedos esticados e dobrados sobre a pedra, ouro glutinoso pingando de mim.

Minha mão está trêmula, o resto do meu corpo cansado do esforço de controle que venho praticando sem parar por várias horas. Desde que Slade me seguiu pela primeira vez e me viu finalmente ter uma descoberta com minha magia alguns dias atrás, eu o tenho arrastado até aqui desde o amanhecer até o anoitecer para me ajudar a praticar.

Aprendi muito em pouco tempo. Como o fato de não poder fazer ouro novo durante a noite. Esse poder ainda está puramente ligado ao dia. No entanto, posso controlar qualquer ouro ao meu redor durante a noite, assim como fiz em Ranhold.

“Tudo bem, faça uma pausa. Respire.”

“Eu não quero fazer uma pausa,” eu digo teimosamente, minha boca apertada enquanto eu olho para o meu ouro teimoso. “Eu quero pegar isso.”

Slade arrasta um pé para cima para apoiar um braço sobre o joelho, parecendo casualmente sexy de onde ele está sentado na minha frente. “Eu sei que você faz. E você vai. Você já fez um trabalho incrível aprendendo a controlar. Respire fundo e tente novamente.”

Assentindo, relaxo meus dedos tensos e os sacudo um pouco enquanto solto uma respiração centrada. Todos os dias, Slade tem me ajudado a dominar as novas facetas da minha magia. Percebi rapidamente que meu aumento de confiança ao chamar meu toque de ouro novamente era apenas o primeiro passo. Tenho muito mais para aprender e experimentar, e uma vida inteira de velhos hábitos e processos de pensamento para desfazer.

Em vez de suprimir meu poder, estou tentando empurrá-lo. Para descobrir exatamente do que sou capaz. Mas sou decididamente incapaz de trazer meu ouro gotejante de volta para mim e desfazer o que dourei.

Mas estou determinada a aprender.

Slade está me fazendo fazer as coisas passo a passo. Nos primeiros dias, pratiquei simplesmente chamar minha magia para tocar em ouro certas coisas de maneira controlada e, em seguida, desligá-la essencialmente como uma torneira para não dourar nada que não quisesse.

Não é fácil. Eu luto com ambos os aspectos. Mas suponho que isso seja esperado depois de tantos anos dourando incontrolavelmente qualquer coisa com a qual minha pele nua tenha entrado em contato. Ainda tenho o cuidado de me manter coberta durante o dia, só por precaução.

Mas... um lampejo de luz dourada vive no fundo da minha cabeça com esta possibilidade inacreditável, que um dia, eu posso estar no controle total.

É o que me estimula.

Que um dia eu possa andar descalça na grama ensolarada, sem correr o risco de espalhar a morte metálica sob meus calcanhares. Que um dia eu possa desnudar meus braços e pernas para o raiar do dia, sem medo do que pode acontecer comigo. Que eu possa comer e beber do amanhecer ao anoitecer e realmente saborear minha comida, sem o gosto amargo do metal escorrendo pela minha garganta. A possibilidade de poder ir sem luvas, de tocar, sentir e segurar o que quiser, sem preocupação, não importa a hora.

Eu quero chegar a isso um dia tão desesperadamente.

Depois de soltar uma expiração calma, mais uma vez estico meus dedos sobre a ponta dourada da pequena pedra diante de mim. Assim que o toco, chamo o ouro para escorrer de meus dedos, e ele começa a escorrer em gotas lentas e constantes.

“Bom.”

O elogio murmurado de Slade me fortalece.

Eu alcanço dentro de mim, procurando por aquele controle sem esforço que saiu de mim em Ranhold. Se consegui agarrar todo o ouro do castelo, posso controlar esta rocha dourada.

Este é o meu poder. Eu controlo isso. Responde a mim e somente a mim.

O conceito de devolver o ouro para mim é completamente antinatural e algo que estou lutando para descobrir. No entanto, por causa de Ranhold, sei que sou capaz de muito mais do que imaginava, seja porque minha magia evoluiu, brotando das correntes em que fui envolta, ou porque isso sempre foi algo que eu poderia ter feito com treinamento... Eu nunca vou saber qual. Tudo o que sei é que vou descobrir isso, porque não quero continuar vivendo com medo do meu poder. Eu quero viver no controle disso.

Como líquido saindo de uma garrafa de vidro, imagino enfiar uma rolha, interrompendo seu fluxo. O visual me ajuda a fundamentar o que estou tentando fazer com minha magia, e sinto meu poder responder, o ouro escorrendo até parar contra a rocha. Minha mão treme com o esforço, mas eu seguro, lutando para me manter firme com minha concentração. Agora que parei de dourar com sucesso, preciso dar um passo adiante.

Continuando meu truque de visualização, imagino alguém abrindo a garrafa e despejando-a, deixando o ouro se acumular na palma da minha mão.

"Ótimo, Auren."

Eu ouço Slade distantemente me encorajando, mas minha concentração é quase substituída por vertigem quando eu sinto o ouro voltar, deslizando em minha mão. Eu empurro minha excitação, continuando a chamar mais de volta para mim, e quando eu tenho uma boa quantidade na palma da minha mão, eu começo a imaginar despejá-lo de volta em minha garrafa destampada, deixando-o pingar naquela abertura estreita.

A sensação mais estranha vem junto. O ouro que estava pressionando contra a palma da minha mão apenas... afunda de volta em mim. É como jogar um pedaço de tecido em uma poça. Exceto que a poça é meu ouro em movimento e eu sou o pano.

Leva muito tempo, mas aos poucos consigo absorver tudo. Quando sinto a última gota desaparecer, abro os olhos e descubro que a rocha agora não tem mais nenhum grão de ouro.

Com o maior sorriso se estendendo em meu rosto, eu me viro para olhar para Slade, apontando triunfantemente. "Você viu?"

Seus lábios se levantam, fazendo a pele ao lado de seus olhos enrugar. "Muito bem, porra."

Com uma risada vertiginosa, eu pulo em seu colo, mantendo minhas mãos nuas apoiadas contra a parede atrás dele, os braços descansando em seus ombros.

Nossos rostos estão a apenas uma polegada de distância, peitos pressionados um contra o outro, e a onda de confiança dentro de mim parece bolhas me inflando, me deixando flutuando.

“Você sabe o que isso significa?” Eu pergunto.

Suas mãos seguram minha cintura, os dedos se movendo em um desenho lento de golpes espelhados. “O que?”

“Isso vai mudar tudo,” eu respiro. “Se eu conseguir dominar isso, então posso tocar qualquer coisa, a qualquer hora do dia. Posso ser casual e sem restrições. Não terei mais que viver no escuro.”

Em mais de uma maneira.

“Porque mesmo se eu dourar algo, posso desdourar.”

Um zumbido baixo vem de sua garganta, e ele levanta a mão como se fosse tocar meu rosto, mas eu recuo, afastando sua mão com meu cotovelo. “O que você está fazendo?”

“Vou pegar seu rosto e te beijar.”

Meu estômago se contrai, porque isso soa como uma recompensa muito boa, mas então meus olhos se voltam para fora da caverna. “Ainda é dia.”

“Mas você acabou de provar que pode desdourar algo, se necessário.”

Ele tenta se mover novamente, e eu pulo de seu colo. “Não vamos nos precipitar. Essa foi apenas a minha primeira vez.”

Slade fica de pé, e o olhar em seus olhos faz meu corpo ficar quente.

“Você sabe como chamar seu toque de ouro e também sabe como fazê-lo recuar agora,” diz ele enquanto começa a rondar em minha direção com um olhar faminto em seus olhos.

Eu levanto minhas mãos na minha frente para afastá-lo. “Eu só aprendi a fazer isso três segundos atrás!”

Ele não responde, apenas continua vindo para mim, e grande Divino, o olhar em seu rosto. Seus olhos verde-escuros varrem minha figura como se ele estivesse tendo pensamentos muito sujos.

“Eu ainda posso escorregar. Agora não é hora de testar isso, e eu definitivamente não deveria testar isso em você.”

“Você não dourou nada involuntariamente desde que acordou,” ele aponta, ainda rondando em minha direção.

Eu recuo, balançando a cabeça. “Vamos deixar os beijos para quando o sol se pôr. Será como nos velhos tempos. É muito cedo para fazer isso agora.”

Minhas costas batem na parede da caverna, e ele está ali me prendendo no lugar sem ao menos me tocar. “Pelo contrário. Este momento demorou muito para chegar.”

Seu peito largo bloqueia a luz da caverna, sua cabeça inclinada para baixo para me olhar nos olhos, e eu não consigo respirar. Minha mente grita com dúvidas e medos, mesmo quando meu corpo sussurra de desejo, a coluna curvando-se levemente para se aproximar dele.

“Slade.”

“Auren.” Ele se inclina para perto, a pluma de sua respiração quente patinando contra a pele da minha bochecha. “Você já me tocou durante o dia.”

“Mas...”

“Você não vai me dourar de repente.”

Observá-lo a alguns metros de distância é uma coisa. Mas quando ele está tão perto, quando a expiração faz nossos peitos roçarem um contra o outro, e quando posso ver cada faceta de seus olhos salpicados de verde, é difícil pensar. É difícil duvidar. É difícil temer. Ele é tão consumidor que minha mente apenas gagueja até parar.

“Beije-me,” diz ele.

Minha respiração fica presa no fundo da minha garganta. “Não deveríamos.”

“Ah, mas deveríamos.” Ele se move novamente, tão perto que posso sentir o ar se mover entre nossas bochechas.

Minha boca ficou seca, todo o meu corpo ardendo de desejo que não consigo conter. Estou praticamente segurando a parede nas minhas costas como se isso fosse me impedir de derreter nele, mas não tenho certeza de quanta resistência posso realmente oferecer.

Atrás de mim, ouro derretido escorre de minhas mãos, molhando a parede de pedra. “Meu poder está diminuindo,” eu sussurro trêmula enquanto ele sopra suavemente contra a curva do meu pescoço. Arrepios surgem de sua respiração proposital, minha pele de alguma forma parece fria e quente ao mesmo tempo.

“Beije-me,” ele ordena novamente.

Eu quero.

“Você quer,” diz ele, como se o idiota estivesse lendo minha mente.

Eu imediatamente balanço minha cabeça. “Não, eu não. Eu nem gosto de te beijar. É o pior.”

O canto de sua boca se contrai. “É assim mesmo?”

“Sim,” eu respondo asperamente. “Você beija mal. Eu deveria ter te contado antes.”

Uma risada escapa dele assim que ele se abaixa para passar um dedo sobre minha clavícula. Mesmo que esteja coberta por minha camisa e casaco, aquele simples toque me faz pensar em pele a pele, o que tenho certeza de que é exatamente o ponto. “Beijo mal? Isso soa lamentável.”

“É... é.”

“Mm-hmm.” Slade move o dedo para baixo até roçar meu abdômen e, em seguida, agarrar a cintura da minha calça. “Já disse o quanto gosto de ver sua bunda nessas calças?”

“O sentimento é mútuo.”

Outra risada escapa dele, fazendo meu estômago revirar.

Ele se inclina para trás para olhar para mim, o calor de seu corpo como um cobertor quente no qual quero mergulhar. “Beije-me.”

Meus dedos cavam na pedra e ouço o suave tamborilar do ouro começando a pingar no chão. “Minha magia...”

“Você tem o controle disso,” diz ele, seu tom nada além de pura confiança.

“Eu poderia escorregar...”

“Você não vai.”

“Seu asa de madeira está nos observando.”

“Ele está dormindo.”

“E se eu...”

“Auren,” ele diz, me cortando. “Pare de duvidar de si mesma e me beije.”

Eu bato meus lábios contra os dele tão rapidamente que ele ainda está formando sua última palavra quando eu fundo nossas bocas. Meus lábios se inclinam e procuram, urgentes e desesperados.

Slade instantaneamente colocou as mãos em meus quadris, puxando-me contra as linhas duras de seu corpo. O movimento me deixa ofegante, e enquanto sua língua mergulha em minha boca e comanda o desejo, eu gemo diretamente para ele para que ele possa engolir.

Depois de alguns momentos, eu me afasto, ofegante, minhas mãos agarradas a seus braços amarrados. “Eu não dourei você,” eu digo sem fôlego. “Eu te beijei,2 te toquei, bem aqui no meio do dia, e estou controlando minha magia.”

O orgulho brilha em seus olhos com tanta intensidade que posso me deliciar com ele.

Uma mão vem para colocar carinhosamente uma mecha de cabelo solto atrás da minha orelha. E então, como se o macho não tivesse nenhum medo, tivesse total

confiança em meu novo controle instável de minha magia, deslizando seu dedo nu por meus lábios inchados. “Você é incrível, sabia disso?”

Suas palavras fazem surgir uma onda de timidez.

“Você levou tudo jogado em você em tão pouco tempo. Veja até onde você chegou, Auren.”

“Quero ir muito mais longe.”

Eu quero chegar o mais longe que eu puder.

“Você vai,” ele me diz.

Desta vez, quando eu o beijo, eu caio nele facilmente. Eu gosto disso. Reverencio-o. Estou presa na seriedade extasiada deste momento e simplesmente me entrego. Porque aqui estou, em um lugar que não existe, com um rei fae que não deveria estar, me beijando em plena luz do dia, quando sempre tive que me isolar da luz.

Depois de tantos anos acorrentada à presença do sol, estou aqui, no meio do dia, beijando. Tocando. Sentindo.

O momento avassalador tem uma lágrima escorrendo pelo meu rosto para se misturar entre nossos lábios, até que eu tenha saboreado nosso beijo com a salmoura de minhas emoções.

Slade se afasta, uma carranca cavada entre as sobrancelhas, e eu respondo à sua pergunta silenciosa. “Eu só... nunca pensei que teria isso. Nunca pensei que seria capaz de realmente viver durante o dia.”

“Você pode,” ele me diz. “Você irá.”

A ideia é tão incrível que nem parece real. Fungando, eu limpo meus olhos, e um sorriso se espalha em meu rosto.

“O que significa esse sorriso?” Ele pergunta, vendo o brilho nos meus olhos.

“Só estou pensando em todas as outras coisas que podemos fazer agora. A qualquer hora do dia. Sem nenhuma roupa cobrindo minha pele.”

Slade chega atrás de mim para agarrar minha bunda. “Excelente ponto.”

Ele se move para me beijar novamente, o que provavelmente levará a algumas outras coisas excelentes, mas um bufo ao nosso lado nos separa novamente. Nós dois olhamos para Argo, cujos olhos brilhantes estão direcionados para nós com julgamento.

“Eu disse a você que ele estava assistindo.”

Slade faz um barulho baixinho. “Já chega de praticar por hoje,” ele diz, pegando minha mão enquanto começa a me puxar em direção à saída. Ele pega minhas luvas do chão e as coloca no bolso.

Então ele me puxa para fora da caverna e para o dia de neve, andando rápido o suficiente para me fazer rir. “As coisas que eu vou fazer com você...”

A euforia surge em meu peito porque tenho certeza de que quero realizar todas as ideias que ele tem na cabeça. Estou sem fôlego quando descemos a encosta e voltamos para a Gruta. Quando ele empurra a porta aberta e entramos na casa, uma gargalhada explode em mim.

Até Slade e meus próprios passos pararem bruscamente com a visão na sala de estar.

Todos estão reunidos com um olhar sério em seus rostos, e todos estão de pé. Isso não é um bom presságio.

Toda a emoção se esvai de mim em um instante, meu sorriso desaparecendo quando entramos na sala.

“O que há de errado?” Slade pergunta, seu olhar caindo em sua Ira.

Ryatt passa a Slade um pergaminho enrolado.

“Parece que a Rainha Kaila se cansou de esperar por uma resposta por escrito, então ela enviou seu conselheiro para o Quarto Reino,” diz Ryatt, com um olhar sombrio em seu rosto. “O irmão dela, Manu, chegará em dois dias.”

CAPÍTULO 42



Auren

Estamos sem tempo.

Eu sei disso, e todos nesta sala também sabem.

Eu nos segurei. A única razão pela qual ficamos aqui por tanto tempo é porque eles foram pacientes comigo. Slade tem me apoiado, deixando-me resolver as coisas no meu próprio ritmo, mesmo em detrimento de seu próprio reino.

“Se Manu chegar ao Quarto e descobrir que você não está lá, isso levantará questões e eles poderão começar a procurar, o que arrisca alguém encontrar Drollard,” afirma Ryatt.

“Podemos atrasá-lo por alguns dias no máximo, mas mais e ele vai começar a suspeitar de onde você está,” Lu acrescenta.

Sinto a atenção de todos se voltar para mim e volto minha atenção para Slade. “Nós precisamos ir.”

Não é uma pergunta, mas ele acena de qualquer maneira. “Você está pronta para isso?”

Essa faceta de controle sobre minha magia pode ser nova, mas posso fazer isso. Desde que enfrentei meu lado fera fae, não tenho medo. Não vou explodir em um ataque de raiva dourada.

Isto é, não a menos que eu queira.

Tudo o que tenho a fazer é continuar praticando meu controle e poderei dominar minha magia. Eu vou dominá-lo. Porque acabei de experimentar meu primeiro toque real durante o dia e não vou desistir disso.

Portanto, não há outra resposta além da que eu digo. “Sim. Estou pronta.”

Há um zumbido coletivo de apoio que soa em meus ouvidos, e então o grupo parece entrar em ação.

“Certo. Hojat, Digby está liberado para viajar?”

“Eu fico com ela,” diz Digby teimosamente, e meus lábios se inclinam para cima.

“Suas costelas ainda estão se recuperando...” Hojat começa com cuidado.

“Eu fico com ela,” Digby repete em um grunhido áspero. “As minhas costelas estão boas.”

Hojat suspira e acena com relutância. “Vou precisar amarrar você, e você terá que ser afivelado com cuidado. Assim que chegar ao Quarto, você precisa descansar.”

Digby acena para ele. “Certo.”

Slade caminha mais para dentro da sala, e eu me sento no braço da cadeira enquanto ele planeja com os outros. “Se voarmos forte e alto e fizermos apenas algumas pausas, podemos chegar ao Quarto em quatro dias.”

Judd balança a cabeça. “Os asinhas de madeira vão estar espumando a essa altura.”

“Vamos pressioná-los, mas não muito. Mas se demorarmos mais de quatro dias...” Slade para.

Lu cruza os braços à sua frente, com o rosto pensativo. “Vou escrever de volta, certificar-me de que eles saibam que estamos a caminho, mas que precisarão atrasar o irmão de Kaila.”

Slade assente. “Precisaremos de pacotes de comida e garantir que todos os quatro Asas de madeira tenham uma caçada rápida antes de partirmos. E precisaremos atualizar Os para que ele saiba que estaremos no castelo quando ele chegar.”

“Quatro Asa de madeiras?” Ryatt pergunta. “Eu pensei que você estaria em dois?”

“Nós estamos. O quarto asa de madeira é para você,” responde Slade.

Ryatt empalidece. “Eu não vou com você. Eu deveria ficar aqui, garantir que Drollard esteja seguro e ajudar com a caça extra para manter nossas reservas.”

“Eu preciso de você comigo.”

A raiva se espalha pelo rosto de Ryatt, fazendo suas bochechas pálidas ficarem coloridas. “Eu sou a porra do seu substituto!” Ryatt rosna de volta. “Se qualquer coisa, eu deveria voltar para o exército. Mas todos nós sabemos que você é o verdadeiro comandante. Eu só tenho que enfrentar o desafio quando você estiver brincando de rei.”

Meus olhos saltam entre os irmãos, observando como o tique na mandíbula de Slade pulsa. Eu me pergunto se ele já notou que Ryatt faz exatamente a mesma coisa?

“E eu estarei bancando o rei quando voltarmos. O que significa que precisarei de você ao meu lado e precisarei de sua presença entre os soldados quando eles retornarem. Posso fazer isso quando puder, mas terei que tomar cuidado com Manu farejando por aí. Ele pode não ter a magia que sua irmã tem, mas não podemos subestimá-lo.”

Ryatt zomba, esfrega a mão no rosto eriçado. “Certo. Vou deixar Drollard. Mas vou voltar com o exército, não para o reino, e vou levar Hojat comigo. Nossos soldados estão sem nosso melhor curandeiro há muito tempo e sem seu comandante substituto. Além disso, posso enviar alguns dos soldados aqui para proteger a aldeia.”

Um suspiro escapa de Slade. “Ryatt...”

“Eu não vou para o reino com você,” ele estala antes de se virar e começar a andar pelo corredor. “Se eu tiver que ficar longe daqui, então estarei com o exército, cujo moral provavelmente está muito baixo no momento, já que dois terços de seus capitães os abandonaram, e seu rei e comandante. Eu estou indo até eles, e estarei pronto para partir em uma hora, e não brigue comigo sobre isso. Irei bancar sua dupla no castelo quando chegar lá com o resto de nossos soldados.”

A mandíbula de Slade pulsa. “Certo.”

Ryatt dá a ele um aceno conciso por cima do ombro. “E pelo amor de Deus, não se atreva a sair sem se despedir dela.”

A porta bate atrás dele quando ele sai furioso.

Por um segundo, ninguém diz nada.

Olhando ao redor, eu então limpo minha garganta. “Então... suponho que ele não goste de ser falso Rip?”

“Ele está cansado disso,” Slade responde.

Lu bufa. “Essa é uma maneira de colocar isso.” Seus olhos escuros piscam para mim. “Isso nunca costumava incomodá-lo antes. Ele costumava gostar no começo. Foi bom para ele também. Ensinei-lhe algumas coisas boas.”

“O que mudou?”

“Ele começou a se ressentir por não ser ele mesmo,” diz Lu, encolhendo os ombros. “Também não posso culpá-lo.”

Meus olhos se voltam para Slade. “Por que você decidiu ser seu próprio comandante do exército? Esse estratagema não deve ser fácil de manter.”

“Eu me tornei um soldado para aprender melhor como proteger Drollard e descobrir mais sobre Orea. O bônus de assinatura também foi um grande incentivo,” diz, dando de ombros. “Precisávamos do dinheiro, e o Quarto estava recrutando, e eles não se importavam com a idade. Mas logo percebi que era bom em ser soldado. Ainda mais, percebi que gostava. Subi rapidamente, mais rápido do que qualquer outro,

usando apenas minha força física. A luta sempre desencadeou meus picos, então deixei que fizesse parte da minha personalidade de soldado. Isso me diferenciou."

"Eu aposto que sim."

"Eu nunca usei minha magia de podridão. Nunca quis," diz Slade. "Mas o rei do Quarto era um tirano e, quando cheguei aos vinte anos, percebi quanta dissidência havia no reino. O rei também estava fazendo coisas na fronteira que poderiam comprometer o sigilo de Drollard. Então, decidi assumir minha outra forma e desafiá-lo por sua coroa com minha magia de podridão. Eu venci e Ravinger se tornou rei, enquanto Rip se tornou comandante. Fiz questão de reprimir qualquer resistência usando as duas formas e mantendo minhas identidades separadas."

"E você ainda queria liderar seu exército depois disso?"

"O exército é imparável com Rip," Judd entra na conversa. "Ele é mais forte, mais rápido e mais alerta. Seus instintos fae nos ajudaram a vencer mais batalhas do que posso contar. E seus picos assustavam as pessoas. Ele se tornou famoso por direito próprio. Os rumores dos dois sozinhos foram suficientes para manter as pessoas na linha."

"Comandante e rei. Parece muito trabalhoso."

Slade inclina a cabeça. "Tive que vencer muitas batalhas quando assumi o cargo por causa de outros reinos tentando testar as fraquezas do novo rei. Mas não é como se eu pudesse apodrecer o mundo, então eu os encontrei em um campo de batalha. Aumentei a reputação do Comandante Rip. Uma vez que isso foi estabelecido e a força do nosso exército foi percebida, os desafios pararam."

Eu aceno, absorvendo tudo isso. "E então seu irmão substitui você como Rip quando você precisa dele?"

"Sim."

"Mas o que Ryatt quer fazer?"

Todos os três me olham sem expressão.

Eu fico boquiaberta com eles. “Vocês nunca perguntaram a ele?”

Eles parecem um pouco envergonhados agora.

“Tudo bem. Vamos apenas... colocar isso na mesa por enquanto. Mas talvez algum dia você possa... aposentar Rip?” Eu ofereço. “E Ryatt pode liderar seu exército de verdade, como ele mesmo, ou fazer o que quer que ele realmente queira fazer, o que você descobrirá quando perguntar a ele,” eu digo incisivamente para Slade.

Ele me dá um sorriso malicioso. “Anotado.”

“Tudo bem, eu irei para o poleiro para enviar essa mensagem, e vou garantir que o cuidador saiba que precisamos dos nossos Asa de madeiras prontos assim que terminarem de caçar,” Lu diz enquanto começa a caminhar em direção ao porta da frente. Ela faz uma pausa na entrada do corredor e olha por cima do ombro. “Não faça muito desta vez, Rip.”

Slade endurece, mas não responde. Ela suspira e então se afasta, a porta se fechando atrás dela.

Assim que ela sai, Judd pula. “Eu vou buscar o maldito vinho enquanto ela está fora. Eu sei que ela escondeu em algum lugar. Assobie se ela voltar.”

Eu não posso deixar de sorrir.

Judd olha para Slade pouco antes de ele desaparecer no corredor. “Vou preparar comida e água e começar a fechar a casa também. Você vai fazer suas coisas, mas como Lu disse, não faça muito suas coisas.”

Quando ele se afasta, eu franzo a testa para Slade. “Do que eles estão falando?”

Seus olhos firmes pousam em mim. “Bem... há mais coisas que não expliquei sobre a fenda.”

Slade e eu entramos na caverna, a sombra azul turva nos envolvendo em sua meia-noite subterrânea. Eu inclino minha cabeça para trás, deixo meu olhar correr pelas sombras e curvas do teto. Os dedos das estalactites se estendem para baixo, parando em seu alcance, enquanto os pequenos besouros nublados se agrupam contra a fluorescência, fazendo com que todo o seu corpo brilhe.

Posso não estar em Drollard há muito tempo, mas vou sentir falta dessas cavernas. Vou sentir falta de como elas me abrigaram do mundo nas últimas semanas. Como um casulo para uma lagarta, fui envolta em suas cavidades, envolta em suas conchas protetoras. Mas agora estou pronta para deixar a proteção delas, para enfrentar o mundo lá fora.

Ainda não sou uma borboleta alada, mas sinto como se tivesse renascido. Minha metamorfose levou vinte anos para ser construída, mas estou pronta para ser o que devo ser.

Minha antiga vida tinha que acabar, tinha que ser cortada, queimada até nada além de cinzas douradas. E posso permanecer estagnada nessas cinzas ou posso me enraizar nelas e brotar de novo.

Eu posso prosperar.

Mas essas cavernas isoladas... vou sentir falta delas.

“É pacífico aqui,” murmuro.

Slade acena com a cabeça, mas posso dizer que ele não tem a mesma estima silenciosa que tenho por ele.

“Você não gosta daqui, não é?”

Um pequeno bufo escapa dele. “Fui responsável por arrancar todas essas pessoas comigo de Annwyn. A magia crua do rasgo matou alguns deles e feriu gravemente outros, inclusive minha mãe. Ficamos presos nessas cavernas por semanas. Não tínhamos nada. Sem comida, sem casas, nada além das roupas do corpo. Um dos oreans tentou pular de volta para o rasgo, mas quase o matou.”

Tento imaginar isso, imaginá-lo saindo dessa terrível luta por sua vida - uma luta pela vida de sua mãe e de seu irmão - e, de repente, sendo puxado por um rasgo no mundo e jogado aqui, no meio do nada.

“Você sabia que estava em Orea quando caiu aqui?”

“A princípio não. Mas percebi rapidamente que não estávamos mais em Annwyn. Eu podia sentir isso.”

Uma velha memória escorre em minha mente, como a mais suave primeira gota antes da chuva. “Sim. Eu me lembro disso, lembro-me de como Orea pareceu estranha em comparação. Não me lembro muito bem de Annwyn, mas me lembro que, quando vim para cá, senti que algo... estava faltando.”

Slade acena com a cabeça, e sei que ele sabe exatamente o que quero dizer.

A casa de Elore aparece, seu telhado praticamente brilhando. “Como vocês sobreviveram?” Eu pergunto. “Este não é exatamente o melhor lugar para ser empurrado de repente.”

“Foi bom no sentido de que ninguém estava aqui para nos ver chegar, ninguém aqui para ver o rasgo. Mas também significava que estávamos presos neste deserto congelado sem ter para onde ir. E eu fui responsável por isso.”

“Você não sabia que isso iria acontecer. O rasgo foi em parte culpa do seu pai também. E quem sabe o que ele teria feito com todos se você não os tivesse levado embora.”

“Nem todo mundo caiu no rasgo, mas para aqueles de nós que caíram... aqueles primeiros dias ainda me assombram.”

Meu coração dói com a crueza de sua voz, com a maneira como seu tom se arrasta como areia contra uma ferida aberta.

“Todos os Oreans estavam doentes quando caímos aqui pela primeira vez. Ninguém poderia fazer muito mais do que rolar e vomitar. Cabia a mim cuidar de todos, garantir que ninguém mais morresse, inclusive sair em busca de comida.” Meu coração torce dolorosamente no meu peito. “Ficamos nessa caverna, perto do rasgo,

mas a adaptação foi uma agonia para eles. Seus corpos não estavam mais acostumados a Orea ou a perder a conexão abençoada com Annwyn. Por um tempo, não tive certeza se eles sobreviveriam."

"Grande Divino," eu digo, engolindo em seco. "O que você fez?"

"Felizmente, a doença passou para a maioria, e então descobri o ninho de asa de madeira aqui, exatamente onde está o poleiro agora. O rebanho estava completamente selvagem e quase perdi uma mão uma ou duas vezes, mas finalmente ganhei um deles. Acho que podem ter sido os últimos asas de madeira selvagens em Orea."

Minhas sobrancelhas levantam em surpresa. "Argo?"

Slade balança a cabeça. "A mãe de Argo. Sem ela, eu não teria conseguido caçar animais grandes para comermos. Não teria conseguido chegar ao litoral onde consegui roubar mantimentos. Sobrevivemos desnecessariamente nos primeiros meses, mas lentamente construímos uma vida aqui. Alguns aldeões também tinham magia, o que ajudou. Um deles poderia formar rochas e ajudou a construir as casas e esconder a existência de Drollard.

"Eu não posso acreditar que você foi capaz de fazer tudo isso," eu digo com admiração. "Especialmente em um mundo completamente novo em que você nunca esteve antes, enquanto você estava essencialmente dividido em dois."

"Eu cometi muitos erros no começo. Eu gostaria de ter descoberto as coisas mais cedo. Podemos não ter perdido alguns dos outros. Mas, no final, viajar pelo rasgo foi muito cansativo para eles, e as condições aqui eram terríveis. Muitos deles me culparam por isso."

"Você tinha quinze anos," eu indico.

"E muito fae," ele contesta. "Com uma mãe que não conseguia mais falar ou interagir e um irmão que tinha dez anos e estava morrendo de medo. Os oreans não se ressentiram de mim imediatamente, mas veio. Com tempo. Principalmente quando eles perceberam que eu poderia ir embora e eles não."

Eu paro. “O que você quer dizer?”

Ele para e se vira para mim. “Lu me contou o que você disse no pavilhão, que você podia sentir que algo estava... errado com eles.”

“Sim...” eu digo.

“Você estava captando a força vital deles sendo conectada a Annwyn.”

Meus olhos se arregalam. “O que?”

“Todos aqui em Drollard foram levados de Orea por meu pai centenas de anos atrás, quando a Ponte da Lemúria ainda existia. Viver em Annwyn os abençoou com vida longa. Mas quando chegamos aqui... O rasgo é a última conexão deles com Annwyn. Se eles se afastarem muito dele, eles morrerão instantaneamente.”

Minha mão voa para minha boca. “Então nenhum deles pode sair daqui.”

“Apenas Ryatt e eu e as poucas crianças que nasceram.”

“Como Twig.”

Ele concorda. “Como Twig. Preocupamo-nos que deixar uma criança aqui por muito tempo também os torne dependentes do rasgo, então eu os trago para o Quarto Reino comigo quando tem idade suficiente para ficarem longe de suas famílias.”

“Mas e Ryatt?” Eu pergunto. “Ele tecnicamente não é fae como você, então por que ele pode ir embora?”

“A única teoria que eu tenho é que nossa mãe deve ter uma linhagem fae muito forte, muito mais forte do que Orean, o que faria sentido com o quão poderosa sua magia costumava ser. Então suponho que foi isso que fez com que sua força vital também não dependesse do rasgo.”

Eu passo a mão pelo meu cabelo, os olhos se desviando para as fendas da caverna, embora eu não os esteja realmente vendo.

“Eu sei que isso é muito para absorver.”

Soltando uma respiração, eu aceno. “Sim, mas estou feliz que você está me contando.”

Desta vez, é Slade quem aperta minha mão. “Como eu disse antes, vou contar tudo. Só não quero sobrecarregá-la.”

Eu dou a ele um sorriso suave. “Porque vale a pena, estou orgulhosa de você. Por salvar a todos. Por protegê-los. Por descobrir tudo quando você tinha apenas quinze anos, quando poderia ter desistido facilmente.”

Slade estende a mão e passa um dedo leve sobre minha bochecha. “Desistir não é da minha natureza.”

“Você é muito teimoso quando está de olho em alguma coisa.”

“Minha visão raramente me leva para o lado errado,” ele responde quando começamos a andar para frente novamente.

Ao nos aproximarmos da casa de Elore, pergunto: “Por que sua mãe não mora com os outros aldeões?”

“Cair no rasgo a afetou mais do que qualquer um,” diz ele calmamente. De perfil, posso ver o peso em seus olhos, o peso parecendo cair sobre seus ombros. “Sua magia, suas palavras, sua luz, era como se tudo tivesse acabado de se extinguir. Ela só falou um punhado de palavras desde que passamos. Às vezes, nem tenho certeza se ela me reconhece.”

“Eu não acho que isso seja verdade,” eu digo, meu coração apertando. “Eu vi o jeito que ela olha para você. Ela adora você.”

“Gostaria que ela falasse,” ele confessa com voz grossa.

Minha garganta se contrai. “Deve ter sido muito difícil para você e Ryatt quando chegaram aqui.”

“Havia uma curandeira que veio conosco, ela era meio fae. Ela tentou ajudar minha mãe, mas o que aconteceu não pode ser revertido. Então é difícil estar aqui e vê-la assim. Saber que sou responsável por todos aqui. Eu sei que isso é egoísmo...”

“Não é,” eu digo a ele com firmeza. “Eu entendo.”

“Ryatt com certeza não,” diz ele com uma ponta de amargura.

Eu murmuro pensativamente. “Ryatt ama sua mãe e você pode dizer que ele se preocupa profundamente com as pessoas daqui. Ele não sente a mesma culpa que você, então ele não entende por que você o evita. Talvez para ele, você o esteja abandonando.”

“Eu nunca abandonaria este lugar,” diz Slade ao parar em frente à casa de sua mãe. “Ou ela.”

“Eu sei. Tenho certeza de que Ryatt também sabe disso, lá no fundo.”

Slade olha para a porta escura, como se seu olhar estivesse passando por suas saliências.

Algo puxa forte em meu peito. “Você vai sentir falta dela,” eu digo baixinho, notando os sinais sutis de tristeza capturados na malha sombria de seus olhos.

“Essa é a coisa,” ele responde. “Eu sinto falta dela ainda mais quando estou aqui. Porque minha mãe foi arrancada de mim quando rasguei o mundo, e ela nunca mais foi a mesma desde então.”

Meu coração absorve a tristeza de suas palavras até me encher, como uma nuvem absorvendo o vapor e condensando-se em si mesma.

Slade pigarreia, balançando a cabeça para si mesmo. “Aqui estou, reclamando que sinto falta de alguém que está a apenas uma porta de distância, enquanto você foi roubada de seus pais em uma idade tão jovem. Eu sinto muito.”

“Por que você sente?” Eu respondo. “A dor de uma pessoa não anula a de outra. Nossas mágoas não são competição, mas a ponte para a empatia. Para que possamos olhar um para o outro e saber que, em algum nível, entendemos. Essa é uma coisa bonita sobre o luto, eu acho. Que às vezes possamos encontrar alguém no mundo para olhar do outro lado da ponte de nossos tormentos e saber que não estamos sozinhos.”

A maneira como Slade olha para mim é tão estranha que nem consigo identificar. E então ele se inclina e coloca um beijo na minha testa, o gesto é tão carinhoso que meu coração quase dói. “Você é notável.”

Minha pele formiga onde seus lábios se tocaram. “Penso o mesmo de você.”

Ele balança a cabeça novamente como se não pudesse acreditar, e então abre a porta. Nós dois entramos, e Elore levanta a cabeça de onde está sentada na cadeira perto da lareira, costurando uma peça de roupa. Assim que seus olhos pousam em Slade, seu rosto se ilumina, assim como ela fez da primeira vez.

Levantando-se apressadamente, ela coloca as roupas no assento e se aproxima, nos encontrando no meio do caminho. Ela o olha da cabeça aos pés, e mesmo que ele lhe dê um sorriso, a preocupação franze sua testa, como se ela pudesse sentir que ele está preocupado, apesar de sua tentativa de encobrir isso.

Ela coloca a mão na bochecha dele e o olha nos olhos, então decido dar a eles um momento a sós. Enquanto Slade murmura palavras de segurança para ela, vou até a estante, meus dedos correndo pelas lombadas. Sem a barreira da minha luva, meus dedos roçam a textura dos livros, e eu me alegro com a simples sensação disso. Do jeito que meu ouro não sai derramando involuntariamente.

Enquanto me demoro, dou uma olhada nos títulos distraidamente, me perguntando sobre Elore, sobre o que aconteceu com ela quando passou pelo rasgo. Certamente é evidente para mim que ela sabe quem são Slade e Ryatt, mas talvez nem sempre seja o caso. Talvez quando ela passou pelo rasgo, a magia caótica a afetou demais e, como seu poder divino está ligado à fala, sobrecarregou tanto sua magia quanto sua capacidade de falar.

Eu os ouço atrás de mim, e me viro para vê-la se preocupando com Slade, praticamente empurrando-o para um assento na mesa. “Tudo bem, tudo bem,” diz ele com um sorriso.

Elore se vira para mim e então aponta para o assento ao lado dele. Pegando a dica, eu rapidamente me aproximo e me sento. Ela me dá um tapinha na cabeça e

então observo enquanto ela corre até os armários e começa a pegar coisas deles, colocando tudo em um quadrado de tecido xadrez.

"O que ela está fazendo?"

"Embalando comida para mim," Slade diz com um sorriso. "Conhecendo-a, ela provavelmente estará empacotando o suficiente para você também."

"Oh, ela não tem que fazer isso," eu digo, preocupando meu lábio. "Com a remessa não chegando..."

"Ela tem muitos estoques de comida, eu prometo," Slade me diz baixinho. "E ela insiste em fazer isso toda vez que eu saio, por mais que eu tente convencê-la do contrário."

Eu olho para ela enquanto ela cantarola baixinho enquanto enrola o tecido e amarra as pontas, segurando tudo dentro. "Ela é sua mãe. Ela quer cuidar de você."

Elore se aproxima e coloca a comida na minha frente, me dando um sorriso caloroso.

"E cuidar de você, ao que parece," Slade diz com carinho.

"Obrigado," eu digo a ela.

Estendo a mão para pegar o pacote, mas a mão dela sai e agarra a minha, e ela se senta no banco à minha direita. Seu olhar encontra o meu, e nós duas apenas olhamos uma para a outra. Eu me sinto tímida no começo com o jeito que ela está me estudando tão abertamente, mas depois de um momento, eu me acalmo. Há tantas semelhanças que reconheço entre o rosto dela e o de Slade. Seu olhar verde relva passa por mim, e eu me pergunto o que ela vê. Eu me pergunto o que ela pensa.

Ela não diz nada, claro, mas enquanto ela olha para mim, quase posso ouvir uma centena de palavras de seus olhos efusivos. Isso me faz imaginar como eram esses olhos quando ela usava seu poder divino; o que aqueles rabiscos secretos continham.

Quando sua mão sobe para segurar minha bochecha, eu fico imóvel. Elore me dá o sorriso mais suave e gentil que eu já vi. E apesar de seu rosto jovem, é tão maternal. Materno. Como se ela de alguma forma visse a garotinha dentro de mim e viesse confortá-la. Faz meus olhos quererem marejar bem aqui na cozinha dela.

Sua palma macia acaricia suavemente minha bochecha, e então ela deixa seu toque de lado e olha para seu filho. Ela acena para ele, e ele acena de volta para ela como se estivessem se comunicando em sua própria língua silenciosa. Então ele murmura: “Eu sei.”

Eu olho entre eles, e desta vez, meus olhos começam a marejar, porque eu acho que acabei de receber a aprovação da mãe de Slade. Eu nem percebi o quanto eu precisava disso até este momento.

Quando saímos, eu saio primeiro para que Slade e Elore possam se despedir em particular. Depois que ele sai alguns momentos depois, eu me abaixo e seguro sua mão, e ele aperta a minha de volta.

Então, de mãos dadas, caminhamos para o rasgo no mundo.

CAPÍTULO 43



Auren

O rasgo parece puxar-me para a frente como antes.

Luz e escuridão se congelam no centro, e uma imitação de estrelas brilha em suas profundezas nubladas. Estamos diante dele e, apesar do frio da caverna, há uma leve corrente de calor insinuando uma brisa imperceptível.

Eu me aproximo dele, parando apenas quando a mão de Slade desce para o meu braço. “Tem um chamado muito forte,” eu digo.

“É Annwyn. Nós dois sempre sentiremos esse chamado para casa. Mas ninguém apareceu desde que chegamos aqui, o que eu acho que deve significar que este é o único lado que tem mais um ponto de entrada ou que a magia é muito instável. É perigoso. É por isso que tive que dissuadir algumas pessoas a não tentar voltar atrás.”

“Você disse que quase matou uma pessoa que tentou voltar.”

Ele concorda. “O rasgo era ainda mais instável naquela época, mas também poderia ter a ver com eles serem Oreans. Eu dissuadi qualquer outra pessoa de tentar.”

“Por que eles iriam querer voltar?” Eu pergunto curiosamente. “Eu pensei que eles odiavam isso lá?”

“Eles faziam, até certo ponto. Mas eles estavam em Annwyn há centenas de anos. Tornou-se familiar para eles. Adaptar-se a Orea não foi fácil, especialmente sabendo que eles nunca poderiam deixar este lugar remoto e difícil. Sabendo que todos os seus entes queridos já teriam falecido há muito tempo. Para alguns deles, entes queridos foram deixados para trás com meu pai.”

Com a culpa que ouço em sua voz, a tristeza me atormenta como os dentes quebradiços de uma criatura infectada, mastigando um buraco bem no meu peito.

“Porque estamos aqui?”

Em vez de responder diretamente, ele diz: “Estávamos aqui em Orea há várias semanas quando o rasgo começou a falhar.”

Meus olhos se voltam para ele.

“O barulho... era como uma tempestade agitando um mar revolto, e o vento estava ali com ele. Acordou todo mundo. Eu poderia dizer imediatamente que a magia estava entrando em colapso.”

Imediatamente penso em todos os aldeões, nas implicações do que aconteceria se o rasgo falhasse.

“O que você fez?”

“Joguei tanta mágica nisso que desmaiei,” diz ele com uma risada seca.

“Grande Divino.”

Ele passa a mão na nuca. “Sim. A princípio, nada estava acontecendo. Eu estava apenas apodrecendo tudo. Milhares de besouros caíram do teto, suas cascas chovendo sobre nós. A fluorescência azul piscou - acho que corremos o risco de toda a maldita montanha desabar sobre nós. E ainda assim, nada estava ajudando. Mas então descobri que não era o poder de podridão que precisava. Era aquele poder bruto e indefinido que meu pai e eu de alguma forma construímos juntos quando nos enfrentamos. Consegui canalizar essa mesma força e alimentá-la no rasgo. Quase me drenou até a morte, mas funcionou e estabilizou o rasgo. É algo que eu tive que fazer desde então.”

Minha mente zumbia. “Você está dizendo que teve que alimentar esse rasgo com força bruta todo esse tempo para que ele não fechasse?”

Slade acena com a cabeça, e eu apenas fico lá completamente estupefata. “Eu nem sabia que fae poderiam fazer isso.”

“Nem eu,” diz ele com uma risada sem humor. “E não posso usar esse poder para mais nada. Tenho poder de podridão suficiente para acabar com toda Orea e preciso expulsá-lo. Seria bom se fosse disso que o rasgo precisava, mas não é. Minha magia de podridão não tem efeito algum. Uma pena, porque expelir podridão pode ser revigorante, enquanto expelir força bruta é sempre exaustivo.”

“Então... você tem que vir aqui para Deadwell para expelir seu poder de podridão, mas também tem que alimentar o rasgo com magia bruta?”

Ele inclina a cabeça. “Sim.”

“Com que frequência você tem que fazer isso?”

“Dependendo de quanta energia eu posso alimentá-lo, o máximo que posso deixar é cerca de oito semanas.”

Eu o encaro com admiração. Este macho não é apenas incomparável com seu poder de podridão e sua extensão geral de controle, mas ele tem que se drenar a cada dois meses para sustentar um rasgo entre os mundos. “Uau. Você é... muito, muito poderoso.”

Desta vez, quando ele ri, o som é genuíno, e ele se vira para me olhar, abrindo aquele sorriso encantador que parece guardar só para mim. “Eu a deslumbrei, minha senhora?”

Eu arrasto minha bota contra o chão. “Quero dizer, talvez um pouco.”

“Espere até que eu lhe mostre meu reino.”

A empolgação borbulha dentro de mim, porque o fato de que estou realmente indo para o Quarto Reino ainda não caiu a ficha.

“Tudo bem,” diz ele, esfregando as mãos. “Eu quero que você recue e fique ali perto daquela rocha onde é mais seguro,” ele diz, inclinando a cabeça para a direita.

Assentindo, me viro e me afasto vários passos até me sentar na pedra que ele indicou. Minhas mãos se juntam em meu colo, meu joelho saltando para cima e para baixo em antecipação nervosa.

Slade se vira em direção ao rasgo, andando tão perto dele que seu cabelo preto fica despenteado pelo vento, os pedaços de seu casaco voando para trás.

Seus pés estão plantados, as mãos estendidas e, embora eu não possa ver seu rosto, sinto o momento em que seu poder aumenta, porque todos os pelos dos meus braços e da minha nuca se arrepiam com ele. Seu corpo fica tenso, e quando a força de sua magia bruta sai dele, minhas costas batem contra a rocha atrás de mim.

Apesar do fato de que minhas costas estão praticamente curadas, a força me faz suspirar de dor. Mas é imediatamente esquecida quando vejo a onda de ar que agora está fluindo das mãos de Slade. A adrenalina corre pelo meu corpo, como se todos os meus sentidos estivessem em alerta máximo pela presença de tal poder.

O vento sopra do rasgo, o ar rachado empurrando e abrindo caminho através do ar dilacerado. Tudo nele parece estremecer. A escuridão e a luz que se agitam por dentro começam a tremer. As estrelas espetadas começam a girar, tão rápido que é como assistir a um milhão de vaga-lumes serem pegos no redemoinho de um tornado.

Slade despeja mais e mais poder, tanto que me sinto presa no lugar, incapaz de sair do meu lugar. Espinhos saem de suas costas, o primeiro aparecendo no topo logo entre as omoplatas, antes que os outros cinco apareçam, um após o outro até o mais curto logo acima de seus quadris. Eles rompem seus braços também, e é quando percebo que suas mãos começaram a tremer.

Mas ainda assim, ele empurra mais poder para fora dele.

Meus olhos saltam entre ele e o rasgo, meu coração batendo, acelerando como se fosse passar por mim e me deixar aqui sem fôlego.

Suas orelhas ficam pontudas, uma aura saindo de sua silhueta como um espesso vapor preto. Não é uma sombra calma e pegajosa, mas um inchar errático e instável como ondas emborcando. Quando todo o seu corpo começa a tremer com o esforço da magia derramando através dele, minha boca fica seca, a preocupação me domina.

“Slade...”

Eu sei que ele não pode me ouvir, mas seu nome escapa dos meus lábios de qualquer maneira, olhos sem piscar enquanto eu o observo. A magnitude da magia que ele projeta pressiona minha pele com uma força invisível, como estática agarrando-se aos meus braços e subindo pelos meus dentes.

Sua aura continua a se agitar erraticamente até que suas profundezas escuras habituais comecem a ficar rasas e pálidas.

Eu pulo de pé, empurrando contra o peso que quer me empurrar para trás. Com os dentes cerrados, eu me aproximo, cada passo um desafio para me aproximar dele. Lágrimas de vento no meu cabelo, fazendo minhas roupas grudarem no meu corpo, enquanto o rasgo parece tentar me empurrar para longe.

“Slade, pare,” eu chamo quando estou apenas alguns metros atrás dele. Ou ele não me ouve ou está muito concentrado em sua magia, porque não reage à minha voz. Mas sua aura ficou lenta, como a água se acumulando, pesando enquanto ele continua a gastar.

Avançando, não paro até estar bem ao seu lado. “Slade, você precisa parar,” eu digo, assim que estendo a mão e agarro seu pulso.

Ele estremece de surpresa ao meu toque, e um dos espinhos em seu braço corta a pele do meu. Eu o libero com um silvo surpreso de dor, olhando para o sangue dourado que escorre do corte.

O rosto de Slade estala para mim, olhos negros piscando para afastar o olhar distante de concentração. Em um instante, seu olhar cai para onde estou sangrando,

a percepção percorrendo seu rosto como o amontoar de pregos para arrastá-lo para baixo.

"*Porra.*"

Com um grande esforço que faz todo o seu corpo tremer, dentes cerrados e músculos contraídos, Slade consegue cerrar as mãos e a energia é cortada em um piscar de olhos.

A perda repentina de seu magnetismo o faz cambalear e seu corpo se inclina para a direita. Ele quase cai, mas eu empurro meu ombro contra seu lado e o mantenho ereto, meu braço esticado ao redor de sua cintura, com cuidado para não tocar nos espinhos em suas costas. "Eu tenho você," eu digo, embora eu lute para manter meus pés plantados debaixo de mim com o peso dele. Ele arfa como se tivesse acabado de atravessar o Barrens sem parar. Eu posso sentir sua exaustão enquanto ele afunda em mim.

"Você quer se sentar?"

Slade balança a cabeça. "Só... me dê... um... segundo."

Eu o ajudo a cambalear até a parede da caverna, e ele se apoia contra ela, ainda puxando o ar com os pulmões. Sua palidez ficou cinza, sua aura grudada nele como o gotejamento de seiva em uma árvore.

Preocupação penetra em mim, deixando-me sentindo crua e sem caroço. Eu fico ao lado dele por precaução, e meu pulso só começa a se acalmar quando ele finalmente recupera o fôlego e olha para mim.

"Você está bem?" Eu pergunto, a angústia levantando meu tom.

Ele ignora minha pergunta e, em vez disso, agarra meu braço, levantando minha manga para revelar o corte. "Foda-se," ele sussurra. "Eu sinto muito, porra."

Eu olho para o corte contra a minha pele. "Está tudo bem. Não é nem muito fundo, e a culpa é minha por te agarrar."

Com uma sobrancelha franzida, ele enfia a mão no bolso e tira um lenço limpo para enxugar delicadamente o sangue antes de amarrá-lo em volta do meu braço. Seus dedos acariciam minha pele logo abaixo do tecido, e quando ele olha de volta para mim, seus olhos negros atormentados voltam a ser verdes. “Eu te machuquei.”

“Você não fez. É apenas um arranhão,” eu digo enquanto puxo minha manga de volta para baixo. “Mas você estava me preocupando.”

Ele deixa escapar outra respiração profunda e, em seguida, endireita-se da parede. “Eu sei, me desculpe.” Ele passa a mão pelo cabelo bagunçado. “Eu queria expelir energia suficiente para o caso de não poder voltar por alguns meses. É sempre um empurrão difícil, e eu deixo isso escapar de mim. O rasgo não gosta que eu corte meu poder.”

Meus olhos olham para a fenda, que agora está de volta ao seu redemoinho calmo, estrelas cintilantes piscando e o mais leve relâmpago fervendo dentro das nuvens agitadas.

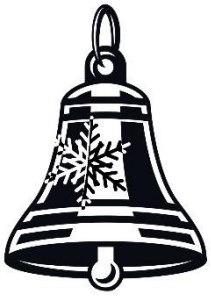
Slade pega minha mão, trazendo minha atenção de volta para ele. “Você está realmente pronta?” Ele pergunta, os olhos me observando com firmeza. “Deixar Drollard, ir para o Quarto Reino?”

Para sair do casulo.

Slade investiga meus pensamentos com o olhar em seus olhos, como se ele sempre fosse capaz de se enraizar dentro de mim. “Porque foda-se o resto do mundo, Auren. Se você precisar ficar aqui, nós ficaremos aqui.”

Meus lábios se erguem, mesmo quando a emoção desce pelo meu peito. “Estou pronta.”

CAPÍTULO 44



Rainha Malira

O tempo parece se mover de forma diferente no limite do mundo no Sétimo Reino.

Os dias sangraram juntos e, de alguma forma, Castelo Cauval foi a trégua que eu não sabia que precisava, um bálsamo para aliviar os erros que cortaram minha alma e tentaram sangrar meu propósito.

Achei que este lugar estava em ruínas, mas Fassa e Friano me mostraram a verdade. Eles foram chamados aqui, assim como eu, para preservar o castelo e esperar que uma rainha legítima assumisse seu trono.

Eles estavam esperando por mim.

Mesmo que os gêmeos sejam os únicos aqui além de Pruinn e eu, eles de alguma forma fizeram tudo parecer tão cheio. As paredes de mármore cinza e branco brilham, os ladrilhos são azuis como as geleiras e uma luz suave parece sempre se agarrar às lanternas e deixar um brilho exuberante.

Deve haver excelentes funcionários do castelo também, embora eu nunca tenha visto nenhum. No entanto, a mesa de jantar está sempre arrumada com comida quente e perfeitamente temperada para cada refeição, minha cama é arrumada toda vez que volto para o meu quarto e minha banheira é enchida sempre que quero me molhar e me lavar.

Sempre há música tocando, uma música que posso ouvir mesmo quando durmo no colchão de penas no topo da torre. Suave e lírica, como que carregada pela névoa que se agarra às janelas. O ar cheira bem também, permeado pelas flores congeladas que pingam com pétalas cristalinas, seus buquês colocados em vasos por todo o castelo.

Saio da cama me espreguiçando, colocando as mãos sobre a cabeça, dobrando os dedos dos pés sob os pés antes de entrar no banheiro para me limpar e, em seguida, entro no armário. Tudo é do meu tamanho, cada vestido é a combinação perfeita da cor branca Colier com o azul glacial do Sétimo Reino. Escolho um vestido com uma cauda longa e esvoaçante que soa como os carrilhões mais fracos quando ando, os cristais ocos de contas na bainha se arrastando pelos ladrilhos e aumentando o zumbido suave no ar.

Enrolo meu cabelo branco em duas tranças cheias que formam uma coroa na minha cabeça, prendo-o no lugar na frente do espelho e, em seguida, com as mãos caindo, me estudo. Minhas bochechas e meu nariz não estão mais rachados pelo vento gelado de nossas viagens, meus lábios não estão mais descascando. Minha pele pálida e fantasmagórica é tão macia que quase pareço etérea, e os sabonetes que tenho usado fizeram meu cabelo parecer mais exuberante e brilhante.

No entanto, por uma fração de segundo, quando olho em meus próprios olhos azuis gelados, vejo um flash de azul mais escuro e, em vez do meu próprio rosto, vejo um punhado de sardas polvilhadas como canela, cabelos vermelhos como sangue, um sorriso puxando nos lábios.

Jeo.

Prendo a respiração, mas não preciso me preparar para nenhuma emoção. Em vez de sentir muito sobre ele ou como ele morreu, sinto uma sensação de contentamento. Ele morreu em sacrifício para que eu pudesse estar aqui.

Agora, mesmo quando penso em Highbell, sei que foi bom que meu povo tenha me traído, porque isso me levou a esse caminho. A traição de Tyndall não me importa

mais. O medo gelado, o ódio, a amargura, simplesmente... se foi. Derretido dentro dessas paredes remediadoras.

É assim que eu sei que estar aqui é certo. Pela primeira vez em muito, muito tempo, estou à vontade.

Quando estou pronta, desço as escadas e entro na sala de café da manhã. Os três homens já estão lá, a comida fumegante esperando por mim, assim como todas as manhãs.

“Bom dia, Majestade.” Os gêmeos falam e se movem em uníssono com tanta frequência que me acostumei.

“Bom Dia.”

Eles se sentam quando eu tomo meu lugar na cabeceira da mesa pintada de azul, uma peça central com colunas de lâmpadas de cristal segurando uma luz suave de velas que prismas dentro dela. Cantarolando enquanto como, acalmada pela música bonita, aproveitando a luz do sol que entra pelas janelas tingidas de azul.

Eu deveria ter vindo aqui há muito tempo.

“Minha rainha, como você está se sentindo hoje?” Friano pergunta, uma verruga aparecendo em sua bochecha esquerda.

“Estou me sentindo muito bem. Minha estadia aqui foi exatamente o que eu precisava.”

“Não menos do que você merece.”

Fassa acena com a cabeça e puxa a manga cinza brilhante de sua camisa. Seu irmão usa a mesma coisa, e os cabelos de ambos caem como cortinas pretas que emolduram seus rostos. “É verdade,” diz Fassa. “Temos tanta sorte que o destino previu que você viria. Não queríamos nada mais do que dar conforto a você depois de uma jornada tão traiçoeira.”

“E depois de todas as suas traições,” Friano acrescenta com um tsk. “De seu marido e de seu próprio povo, nada menos.”

“Mas não importa,” Fassa atende. “Aqui é onde você está, e aqui é onde você pertence.”

“Exatamente,” Pruinn concorda, e seus olhos magnéticos me atraem, o sorriso em seu rosto me deixando saber que eu deveria ter confiado nele o tempo todo. “Você vai atingir o desejo do seu coração, Sua Majestade.”

“Sim, e achamos que você está pronta,” Fassa e Friano dizem em uníssono.

Eu me endireito ansiosamente, sentindo meu batimento cardíaco acelerar. Desde o primeiro dia que cheguei, os gêmeos não falaram mais sobre meu papel no Sétimo Reino. Eles me disseram que tudo em que eu precisava me concentrar por enquanto era me recuperar depois de todas as minhas dificuldades. Ser atendida como a rainha que sou.

“Estou pronta,” digo com confiança.

Os gêmeos sorriem. “Venha, vamos caminhar.”

Eles me levam para um átrio.

Por um momento, tudo o que posso fazer é olhar ao redor do espaço enquanto uma enxurrada de memórias volta para mim. “Isso... isso me lembra o átrio em Highbell. Antes de tudo ser tocado em ouro.”

Não estou sufocada pela emoção, sinto-me muito contente para isso, mas caminhar neste espaço me traz admiração e prazer. Estas são as plantas que posso agradecer pelos buquês espalhados por todo o castelo. As paredes da sala são pintadas de um azul suave, antes de abobadar em um teto de vidro que faz as flores brilharem, os caules prateados nos quais crescem combinando com a névoa que se agarra às janelas.

Enquanto meus olhos deslizam ao redor, percebo que uma nuvem de névoa se infiltrou no átrio também. Ela gira perto de uma das vidraças, congestionada em uma densa e grande coleção como se houvesse uma rachadura na grama, deixando-a fluir para dentro. Minha pele se arrepia levemente pouco antes de me virar.

“Nós pensamos que você poderia gostar, Sua Majestade.”

Com um aceno de cabeça, eu ando pelo corredor, o salto baixo do meu sapato estalando no chão de ladrilhos azuis enquanto eu gentilmente deslizo a ponta do dedo sobre as pétalas em botão ao meu lado. O suave aroma floral parece penetrar em meus pulmões e penetrar em meus poros.

“É lindo,” eu digo enquanto me afasto das flores para encarar os gêmeos, enquanto Pruinn fica parado ao lado, seus olhos cinzentos percorrendo as fileiras de plantas como se ele quisesse cortar algumas flores e colocá-las dentro da bolsa do comerciante que está sempre pendurada no ombro.

“Venha, sente-se,” oferece Fassa, e os gêmeos se separam para revelar um banco delicado de pedra cinza situado em um semicírculo de flores.

Meu coração gira automaticamente, o nariz puxando o cheiro nesta proximidade. Eu poderia me banhar nesta fragrância - trazer minha cama aqui para dormir em seu doce perfume. É tão calmante. Eu me sento, enquanto os gêmeos também se sentam em um banco idêntico que de alguma forma eu perdi.

“Sua Majestade,” Friano diz, puxando minha atenção de volta para ele. Ambos os gêmeos estão ligeiramente inclinados para a frente, os cotovelos equilibrados nos joelhos e as mãos cruzadas na frente deles, olhos castanhos me perfurando enquanto seus cabelos lisos roçam seus ombros. “O Sétimo Reino foi do poder à ruína. Muito parecido com você.”

“Mas juntos, podemos consertar essas duas coisas,” diz Fassa, com os olhos escuros brilhando. “Podemos restaurar este reino e você aos seus devidos lugares. Podemos ajudar a torná-la a rainha mais poderosa de Orea.”

A ansiedade sobe pela minha espinha. Do meu periférico, vejo Pruinn sorrir.

Porque esse... esse é o maior desejo do meu coração. Fui uma herdeira indesejada, uma esposa indesejada, uma rainha indesejada. No entanto, se eu fosse poderosa, nada disso aconteceria comigo novamente. Eu me certificaria disso.

"Sim," eu respiro. "Isso e o que eu quero."

Friano sorri. "Então vamos conseguir," diz ele simplesmente.

"Como?"

Eles trocam um olhar, e meu desejo aumenta. "Meu irmão e eu temos uma magia única, minha rainha. Elas trabalham apenas em conjunto. Posso instilar algo novo."

"E posso restaurar algo antigo," finaliza Friano.

Minhas sobrancelhas levantam. "Restaurar... como este castelo?"

"Exatamente."

"Mas nossa mágica sempre tem um preço," explica. "Ela não apenas precisa atuar ao mesmo tempo, mas também exige um sacrifício."

"Sim," Fassa continua. "Não vamos mentir, esta mágica será a maior que já realizamos, mas acreditamos neste propósito, acreditamos que é por isso que os deuses nos deram nosso poder."

Seu irmão interrompe. "Então, para restaurar um reino e conceder um presente a uma rainha, precisamos de duas coisas. A primeira é que devemos esperar pela lua nova, quando os deuses abençoam novos começos e nossos poderes estão no auge."

"E segundo, que o sangue de um puro rei Orean seja oferecido de bom grado para restaurar este reino Orean," finaliza Fassa."

"Eu."

Ambos acenam com a cabeça. "Você."

Engulo em seco. "Exatamente quanto sangue...?"

“Não tenha medo, Majestade,” diz Friano afavelmente. “Apenas algumas gotas bastarão. E ao fazer isso, ao oferecer isso a nós, acredito que a magia de meu irmão incutirá magia em você, dando a você exatamente o que você precisa para governar.”

Meu olhar salta entre eles enquanto eu observo tudo isso. O perfume das flores é quase inebriante enquanto minha respiração acelera.

De repente, me lembro de uma memória. Meu aniversário de dezessete anos, quando meu pai me chamou em seu escritório e me disse como estava envergonhado de mim. Quão desapontado.

A maioria dos oreans que herdaram a magia mostraram algum sinal dela quando tinham quinze anos. Eu estava esperando por mais dois anos, e não havia uma única manhã em que eu não acordasse e rezasse para que algo, qualquer coisa, acontecesse. Eu só precisava de um mínimo de magia, e meu pai não me odiaria tanto, meu povo não fofocaria sobre mim, os servos não teriam pena de mim.

Eu esperei, esperei e esperei. No entanto, nada nunca veio. Ainda me lembro daquela expressão no rosto de meu pai, o ódio zombeteiro. Sem magia, eu era inútil para ele, para Highbell. Uma herdeira desperdiçada que não poderia manter o trono sozinha. Uma decepção na linha Colier.

Durante toda a minha vida, esse foi o meu valor, minha própria falta.

Então essa... essa fantástica chance que eles estão me contando faz minha respiração acelerar, meu olhar se aguçar. O coração no meu peito fica tenso com a possibilidade.

Ter poder é tudo que eu sempre quis.

“Minha magia funciona de maneiras misteriosas, minha rainha,” continua Fassa. “Acredito que os deuses verão todos aqueles que erraram com você, todas as suas traições e dificuldades, e permitirão que minha magia conceda algo glorioso a você. Algo... poderoso.”

“Magia,” eu respiro. “Você acha que pode me dar a minha própria magia.”

“Não é esse o desejo do seu coração, Majestade?” Pruinn interrompe silenciosamente onde ele está encostado em um pilar cinza. “Minha magia nunca está errada. Isso a trouxe até aqui por esse motivo.”

Minha mente gira tanto quanto a névoa que cobre o teto de vidro do átrio. Uma pequena risada me escapa. “Parece bom demais para ser verdade.”

“Você merece isso,” diz ele com um sorriso suave.

“Exatamente,” Fassa interrompe. “Os deuses sabiam que você era a rainha que esta terra precisa, que a linhagem Colier é pura e correta. No momento em que você chegou, pudemos sentir que você era perfeita. Você é a rainha que elevará o Sétimo Reino à glória. Você. Ninguém mais.”

Eu.

Meu sangue parece cantar, retidão inundando minhas veias.

“O que você precisa que eu faça?”

Os gêmeos sorriem, e ambos se levantam para caminhar até mim em passos sincronizados. Cada um estende a mão para eu pegar. “Tudo o que você precisa fazer é dizer que concorda.”

Eu nunca estive mais pronta para fazer qualquer coisa na minha vida.

Pego suas mãos, deixando que me levantem. “Concordo.”

Atrás deles, Pruinn murmura: “E assim o negócio é fechado.”

Sinto como se estivesse deslizando nas nuvens quando saio do átrio. Os outros ficam para trás enquanto eu saio, e sigo pelo corredor com a adorável fragrância das flores ainda em meu nariz. Estou distraída enquanto ando, mas assim que passo por uma janela, paro bruscamente e me viro.

A névoa.

Vazou aqui também, agitado com a luz da janela e as sombras do corredor. É tão grosso que não consigo ver através dele, e aquela sensação de formigamento na minha nuca volta.

É bobagem eu começar a recuar, mas encontro meus pés fazendo isso de qualquer maneira, embora eu tente dizer a mim mesmo que é apenas névoa.

Eu torço meu tornozelo quando dou outro passo cego para trás, e assim que eu respiro fundo com a dor, a névoa se agita e fervilha na minha frente, fazendo meus olhos se arregalarem enquanto a luz ao redor dela se curva.

Então, estou congelada no lugar quando um homem encapuzado sai do ar sombrio e rodopiante.

"Você."

Um dilúvio de medo cai sobre mim, como uma chuva torrencial, embora não acabe com meu repouso.

Eu sei quem ele é, embora só o tenha visto uma vez por aqueles breves segundos. Eu memorizei aquele rosto sombreado escondido sob sua capa.

"Você matou Jeo. Você tentou me matar."

O homem levanta a mão enluvada, puxando o capuz para trás e revelando seu rosto para mim, e eu respiro fundo. Assim como ele manipulou a luz e a sombra ao seu redor, sua pele marrom é marmorizada, manchas pálidas ao redor do nariz, boca e queixo, e outra no pescoço. Seus olhos são de ébano profundo, sem diferenciação entre sua íris e pupila.

"Você me seguiu até aqui para me matar?"

No fundo da minha cabeça, reconheço que deveria sentir uma pontada mais aguda de medo, mas não sinto. Não posso.

O homem inclina a cabeça para baixo, enquanto a névoa ondula ao seu lado.

“Sim,” ele diz, e o som repentino de sua voz envia uma onda de choque pela minha espinha. Parece difícil. Trabalhou. Como se ele não falasse há muito tempo. Sua expressão também é plana, sem puxões nas bochechas, sem vincos nos lábios. Talvez ele sempre pareça pétreo e vazio. “Isso é o que me foi pedido para fazer.”

Minhas costas endurecem. “E você acha que vai fazer isso agora?”

Estou a um segundo de chamar os outros quando ele balança a cabeça. “Isso não importa agora. Eu tenho observado, Rainha Malina, e não gosto do que tenho visto.”

Eu sinto minhas sobrancelhas franzirem em uma carranca de ofensa. “Perdão?”

“Você não sente isso? A magia no ar?”

“Se você não vai me matar, então você pode dar meia volta e sair deste lugar,” eu retruco. “Eu deveria tê-lo detido e esquartejado pelo que você fez com minha sela e guardas.”

“Você poderia tentar,” diz ele. “Mas você não teria sucesso.”

A raiva desce pelas minhas costas. “Você está arruinando meu dia, e eu estava tendo um bastante bom.”

“É exatamente isso,” diz ele, dando um passo à frente, e está muito perto de ser apropriado. Tão perto, na verdade, que posso sentir o calor de seu corpo enquanto as sombras enevoadas ao seu redor seguem seus movimentos, quase acariciando minha pele e me fazendo tremer, fazendo meu pulso disparar. “Você tem tido um bom dia todos os dias desde que chegou aqui. Você não questionou absolutamente nada.”

“O que eu questionaria?” Eu respondo com desprezo. “Sou uma rainha, isto é um castelo. Eles estão me tratando como deveriam, principalmente depois das provações que sofri.”

O homem faz um barulho que eu acho que deve ser uma risada, embora soe como cascalho sendo raspado contra vidro. “Eu pensei que você deveria ser pelo menos um pouco inteligente com toda essa astúcia de cadela fria.”

“Como se atreve...”

“Olhe ao seu redor,” diz ele, me interrompendo. “Veja. Observe. Você não pode confiar nas pessoas daqui.”

Eu zombo. “Vindo do assassino que está aqui para me matar.”

Seus olhos escuros ficam planos. “Talvez eu devesse acabar com você aqui e agora, já que você não está disposta a ouvir.”

Abro a boca como se fosse responder, mas, em vez disso, grito o mais alto que posso pedindo ajuda.

O homem não se move. Ele não se mexe. O assassino simplesmente me observa com olhos escuros que acho que podem ser feitos inteiramente de sombra. Meu coração bate contra o peito quando ouço passos correndo em minha direção, mas não consigo desviar o olhar dele.

“Acorde e não cheire as flores, Rainha Fria, antes que seja tarde demais. Você tem que encontrar uma maneira de quebrar qualquer barganha que tenha feito, porque, neste momento, não acho que sua morte seja suficiente.”

Ele puxa o capuz e desaparece em um redemoinho de fumaça insondável, e quando os três homens me alcançam, não há nada aqui além de luz tingida de cinza vindo da janela.

“O que é isso? O que há de errado?” os gêmeos perguntam, rostos sincronizados com preocupação.

Não faço ideia porque minto.

“Nada,” eu respondo, balançando a cabeça, colocando um sorriso simples. Já me sinto muito melhor com eles aqui. “Eu torci meu tornozelo e pensei que precisaria de ajuda para voltar para minha torre, mas estou bem.”

Eles me olham com preocupação. “Tem certeza, minha rainha?”

“Sim. Você poderia trazer o almoço para os meus aposentos mais tarde? Acho que vou ficar deitada o resto do dia.”

Ambos se curvam na cintura, fazendo uma curva em suas camisas engomadas. “Claro, Majestade.”

Eu aceno em agradecimento e começo a me virar, mas não antes de ver Pruinn me observando com uma carranca. Eu me viro e me afasto, mancando um pouco enquanto ando, olhando cautelosamente para a névoa do lado de fora de cada janela.

No entanto, quando volto para meus quartos, quando estou tomando banho logo depois, o choque de ver o assassino desapareceu. Enquanto respiro o vapor perfumado, suspiro de contentamento, todas as minhas preocupações borbulhando com a espuma do sabão.

Ele estava tentando me assustar, tentando me impedir de ganhar poder, porque aposto que ele não pode me matar enquanto eu estiver neste castelo. Fassa e Friano são poderosos demais. Aposto que o assassino simplesmente esperava me atrair para que pudesse terminar o trabalho. Me enganar para que eu não fique mais poderosa que Tyndall.

Ele disse que está assistindo? Certo. Venha a lua nova, ele pode me ver ascender à glória e ser recompensada com poder.

Então ele realmente não vai gostar do que vê.

CAPÍTULO 45



Auren

Três Asas de madeira voam através do céu, cortando linhas nas nuvens e deixando rastros de vapor para trás.

Temos voado muito, dia e noite, parando apenas por um punhado de horas para que todos possamos dormir e os asas de madeira possam ter o tão necessário descanso e tempo para caçar. Estar perto de Argo enquanto praticava meu toque de ouro me ajudou a não ter tanto medo dele, mas ainda é um pouco assustador estar amarrada em suas costas a centenas de metros de altura no céu.

Embora, eu tenha facilidade. Slade me mantém aninhada contra seu peito, coberta por casacos e cobertores, seu corpo forte é o pilar perfeito para eu dormir e descansar enquanto ele segura as rédeas.

Ele esteve exausto durante toda a viagem, desde que expeliu tanto de seu poder no rasgo. E mesmo que ele nunca reclame, posso ver o cansaço se apegando a ele toda vez que desmontamos. Eu me ofereço para tomar as rédeas para que ele possa descansar, mas ele sempre recusa.

Macho teimoso.

Os outros asas de madeira sempre voam perto o suficiente para ver. Digby está sentado atrás de Judd, e logo atrás dele, em uma asa de madeira com mais penas de

neve do que o resto, está Lu. Acho que eles podem estar de olho em Slade, só por precaução.

Quando arrumamos nosso pequeno acampamento esta manhã no topo de uma montanha de rocha e neve, Slade me disse que se fizéssemos um bom tempo, chegaríamos ao Quarto Reino esta noite.

Eu senti isso várias horas atrás, a mudança permanente no ar. Constantemente, mas seguramente, nos últimos dias, o ar tornou-se menos frio, o vento forte não tão frio. Agora, à medida que o crepúsculo desce, a temperatura está quase... quente. Continuo tentando olhar para baixo, desesperada para ver a paisagem do Quarto Reino, mas estamos acima das nuvens, a cobertura é espessa demais para ver através dela.

E então, a noite cai.

Isso é exatamente o que parece, também. Uma escuridão taciturna parece cair sobre o céu, colidindo com o crepúsculo prolongado e estilhaçando-o na obscuridade. Mas esta noite é diferente. Não é escavado até os ossos do frio esparso. Não é afiado com picos de gelo gelado ou açoitado com a rajada de vento gelado para bater em nossas costas.

Em vez disso, há um calor sob o manto da noite, um calor que eu não sentia há muito tempo. Dez anos vivendo e respirando o frio entorpecente que nunca acaba. De passos esmagando a neve, de olhos que nunca viram o sol desimpedido. De pele sempre coberta contra os elementos árticos.

Na minha parte do mundo, em Highbell e até no Quinto Reino, o sol nunca conseguia romper aquelas nuvens congeladas. Nunca poderia competir com suas nevascas e granizo. Então, enquanto voamos pela noite, eu me aqueço no ar quente, sentindo como se uma camada de gelo perpétuo estivesse derretendo lentamente para longe de mim.

Quando estou quase embalada para dormir por seu conforto agradável, sinto Slade se inclinar contra minha bochecha esquerda. “Estamos aqui.”

Minha respiração fica presa na garganta e me viro para perguntar a ele como ele sabe, quando Argo de repente solta um grito alto que me derruba. O braço de Slade aperta em volta da minha cintura, a mão espalhada sobre meu estômago. “Segure.”

Eu posso ter me acostumado um pouco a voar nas costas de Argo, mas seus mergulhos de pouso são outra coisa completamente diferente.

Minhas mãos seguram a alça da sela à minha frente, as coxas se fechando ao redor da fera no momento em que ele aponta o focinho para o chão e começa a cair. Um grito ameaça sair da minha boca, mas consigo agarrá-lo na minha garganta.

O mergulho joga minha trança para trás e o ar flui contra meu rosto, tornando quase impossível manter meus olhos abertos. Slade me segura firmemente contra ele enquanto começamos a despencar além das nuvens.

Meu estômago revira, sentindo como se o resto do meu corpo estivesse caindo sem ele, enquanto o corpo de Argo escorre para baixo, para baixo, para baixo, uma camada de condensação escorrendo de suas penas como chuva ao contrário.

E então, quando penso que vou vomitar com a velocidade dessa queda livre, Argo inclina o corpo para cima e solta suas enormes asas. Uma lufada de ar suga meus pulmões enquanto nossa descida vai de vertiginosa a surpreendentemente suave.

Recuperando meu equilíbrio, tomo outra respiração trêmula, assim como os lábios de Slade estão mais uma vez em meu ouvido. “Olhe, Auren.”

Meus olhos se abrem para a escuridão.

E eu vejo...

O chão está escuro. Não brilhando branco da lua e da neve. Sem neve. Não há nem mesmo um floco dele em qualquer lugar à vista. E só isso, só isso, é o suficiente para fazer meus olhos se arregalarem. Mas então, meu olhar realmente capta o que estou vendo.

Há rios por toda parte. Tanto quanto posso ver, seus riachos estão brilhando abaixo como raízes se estendendo de uma árvore antiga. Eles se curvam e dobram,

superfícies brilhantes refletindo as luzes que parecem ser costuradas em suas bainhas retorcidas.

À noite, só consigo ver os contornos sombreados de prédios e paredes, mas as luzes estão salpicadas por toda a cidade, dando uma sensação efervescente em meio à água cintilante.

Os outros Asas de madeiras caem para voar ao nosso lado, e Slade levanta um dedo, apontando para a frente. Eu levanto meu olhar do chão para seguir a direção que ele está indicando, e meu queixo cai.

Há uma enorme montanha logo à frente, tão grande que não posso realmente avaliar seu escopo até a luz do dia. Mas bem na base dela fica o castelo do Quarto Reino.

Está escuro, apesar de suas janelas brilharem com a luz de dentro, e mais luzes cobrem os pináculos e parapeitos. Existem torres pontiagudas no topo e entalhes de sulcos verticais em suas paredes altas e lisas. No entanto, em vez de muralhas ou paredes defensivas externas ao redor, há um fosso maciço que o cerca. Com o fosso nas laterais e na frente, mais a montanha atrás, parece mais uma fortaleza do que um castelo.

Um dos outros asa de madeira solta um chamado no ar, fazendo com que os outros respondam, como se estivessem comemorando nossa chegada. Eu quase quero fazer uma comemoração junto com eles, e ouço Judd fazer exatamente isso.

Mas mesmo que eu esteja mais do que pronta para terminar de voar, o Quarto Reino é realmente lindo daqui de cima. Com ar orvalhado e rios radiantes, luzes amigas salpicando a paisagem escura, é um espetáculo para ser visto, e enquanto Argo e os outros asas de madeira voam direto para ele, minha antecipação borbulha como espuma em um lago.

Atrás de mim, a boca de Slade roça a concha da minha orelha. “Bem-vinda a Brackhill.”



Escondido atrás das torres ascendentes na parte de trás do Castelo de Brackhill, há um telhado plano aberto para as estrelas.

Um após o outro, os Asa de madeiras circulam no alto em uma espécie de dança sincronizada. Argo é o primeiro a pousar ao pousar no centro, suas garras estalando contra o chão de pedra cinzenta. O telhado é incrível, com a vista da montanha atrás de nós e a visão protegida e aberta do céu. Isso me faz esquecer como estou cansada de viajar.

“Isso é lindo.”

A voz de Slade chega ao meu ouvido. “É a nossa entrada privada quando voltarmos para o castelo em nossos Asas de madeira.”

“Eu amo isso.”

Os outros pousam ao nosso lado, e Slade estende a mão para nos desafivelar das correias da sela. Ele balança para cima e para fora, batendo os pés por um segundo antes de me agarrar pela cintura e me levantar. Assim que meus pés tocam o chão, minhas pernas formigam e eu gemo de como estou dolorida por voar sem parar.

“Você se saiu muito bem em sua primeira viagem longa,” Slade me diz. “Sinto muito por não podermos fazer mais pausas.”

“Chegar aqui mais rápido foi melhor de qualquer maneira.”

Judd pula e estica as costas, rolando os ombros. “Porra. É bom estar em casa e fora dessa maldita neve.”

Lu sorri de onde está acariciando seu asa de madeira e alimentando-a com um pedaço da bolsa em volta da cintura. “Se você está pensando que foi apenas o encolhimento do frio, ficará muito desapontado.”

Slade ri baixinho e Judd joga uma luva no rosto dela. Ela pega, é claro.

“Sua Majestade, bem-vindo de volta.”

Quase pulo quando um guarda se afasta da parede lisa para fazer uma reverência. Ele está vestido todo em couro preto, muito parecido com os soldados do Quarto Exército, exceto que ele tem o sigilo da árvore retorcida costurado em linha marrom na aba esquerda de seu colete, e botas que são muito menos usadas em viagens. Meus olhos percorrem o resto da parede, que pensei estar vazia, mas rapidamente percebo que há três outros guardas escondidos nas sombras.

“Marcoul, você é um colírio para os olhos,” Slade cumprimenta o homem de cabelos grisalhos com um tapinha nas costas e um sorriso. “O enviado real chegou?”

“Sim, senhor,” responde o guarda. “Eles receberam aprovação e estão hospedados no terceiro andar.”

Slade acena com a cabeça, compartilhando um olhar com Lu enquanto ela se aproxima. “Bom. Mais alguma coisa que devamos saber?”

“Nada para eu relatar.”

“Obrigado, Marcoul.”

O homem se curva e volta para seu posto, o corpo quase desaparecendo nas sombras. Percebo que as lanternas ao longo do topo da parede que circunda este telhado aberto têm um posicionamento muito preciso. Apenas o suficiente para iluminar o caminho para os Asa de madeiras pousarem, mas muita sombra para manter os guardas escondidos, especialmente com as torres gêmeas atrás de nós.

Virando-me, procuro por Digby, notando imediatamente como ele empalideceu, a curvatura de seu corpo e o suor em sua testa.

Eu me apresso. “Você está bem?”

“Tudo bem,” diz ele rispidamente. “Alguém pode me mostrar meu quarto?”

“E mande chamar um curandeiro,” acrescento, ignorando seu olhar furioso.

Judd aparece ao seu lado. “Vamos, velho,” diz ele alegremente. “Você fica com o melhor cômodo da casa, aquele ao lado do meu.”

Digby bufa, mas começa a se afastar mancando com Judd, atravessando o arco abobadado no centro da parede, levando a um lance de escadas que desce até a barriga do castelo. Assim que eles estão a alguns passos de distância, eu me junto a Lu e Slade. “Não se preocupe,” Slade me diz. “Judd vai se certificar de que nosso curandeiro do castelo cuide dele imediatamente.”

Solto um suspiro de alívio. “Obrigada.”

“Você precisa de alguma coisa?” Lu pergunta, virando-se para Slade.

“Estou bem. Vá dormir um pouco.”

Ela acena com a cabeça, mas depois solta um suspiro, olhando para os pés. “Já estou com saudades dos meus chinelos.”

“Por que você simplesmente não pega um par aqui?” Eu pergunto.

“Eles não seriam os mesmos,” ela diz tristemente, assim que ela se vira e segue o mesmo caminho que Judd e Digby fizeram.

Slade vai até Argo e o coça no pescoço. “Vá pegar um pouco de comida e se acomode em seu poleiro favorito.” A besta vibra como se entendesse completamente, cutucando seu braço. Então ele salta no ar, os outros o seguindo, desaparecendo em direção à montanha logo atrás de nós.

Ao meu olhar curioso, Slade diz: “O poleiro deles está construído na montanha logo abaixo.”

“Eles são criaturas inteligentes.”

“Muito,” ele responde, vindo para ficar ao meu lado. “É tarde, mas ainda posso dar um passeio agora se você quiser esticar as pernas?”

Estou prestes a dizer que sim, mas então percebo as linhas de cansaço cortando seu rosto, escondidas nos cantos de seus olhos tensos.

“Não, vamos apenas descansar. Você pode me dar um passeio amanhã.”

Com um aceno de cabeça, ele coloca a mão nas minhas costas e me leva em direção ao arco. Três passos além dele, e estamos descendo um conjunto de escadas

em espiral com aros de ferro. Minhas mãos enluvadas deslizam pelo corrimão curvo, os degraus ligeiramente vertiginosos. Quando chegamos ao fundo, há um corredor com pedra cinza desgastada e um longo trecho de carpete verde bem no centro, enquanto arandelas presas em invólucros de ferro piscam contra as paredes nuas.

O teto é rebaixado aqui, o caminho é estreito e parece um pouco claustrofóbico, mas então, Slade me leva para baixo por outro lance de escada, este largo e reto. Quando chegamos ao fundo, todo o castelo parece abrir-se à nossa volta. Aperto o corrimão aberto, olhando para baixo por mais três lances de escada para ver o grande salão abaixo.

Madeira escura e paredes brancas lisas dominam o espaço. Os corredores abertos do nível superior são um pouco como os de Ranhold, já que posso ver claramente o outro lado, cada escada e corredor visível dentro do centro quadrado.

Exceto aqui, há esculturas de madeira elaboradas que se estendem dos pilares que protegem as escadas, subindo até o teto. A madeira densamente inclinada me lembra o interior de um instrumento musical, completo com cavidades curvas e as mais delicadas cordas de cobre puxadas das pontas no meio do teto, descendo como uma tapeçaria até as janelas em arco.

“Isso é incrível,” eu digo, as mãos se curvando ao redor da madeira lisa sob meus dedos.

À nossa frente e descendo um nível, posso ver os outros, assim que eles se separaram de uma escada inferior. Lu continua descendo em uma direção, enquanto Judd e Digby viram à direita e descem o corredor do outro lado do castelo, e Judd leva um Digby manco para dentro.

“Ele está mais ferido do que está deixando transparecer,” murmuro com preocupação.

Slade desliza ao meu lado. “Seus ferimentos foram bastante extensos, mas Hojat é o melhor curador que existe, e se ele realmente não achasse que deveria ter feito a

viagem, ele teria batido o pé. Digby é durão, e também tenho outro bom curador aqui. Ele será cuidado."

"Ele foi meu guardião por muito tempo. O único em quem eu poderia confiar. Eu sempre olhei para ele como uma espécie de figura paterna. Ele não apenas me vigiou. Ele me protegeu. Às vezes, até de outros guardas."

Eu vejo a cabeça de Slade virar para olhar para mim.

"Midas sempre foi muito rigoroso sobre eu ser protegida em Highbell, mas ele não era tão bom sobre suas ameaças quanto pensava," eu explico. "Era uma ocorrência comum alguns dos guardas se comportarem... menos do que cavalheirescos."

Eu vejo seus dedos apertarem contra o corrimão, e então com um tom perfeitamente sério, ele diz, "Se você me der nomes, eu vou arrancar seus cérebros de seus crânios."

Uma risada assustada me escapa quando me viro para ele. "Acho que muitos deles não tinham cérebros impressionantemente prósperos para começar, então vamos deixá-los apodrecer em seu próprio tempo."

"Tudo bem," diz ele, soando um pouco desapontado.

Eu rio de novo, mas um bocejo assume o final dele, fazendo meu queixo quase estalar de tão grande que é.

Slade se abaixa e pega minha mão na dele. "Vamos, vamos dormir de verdade, em uma cama de verdade com travesseiros e cobertores de verdade."

"Você realmente sabe como falar docemente."

Rindo, ele me leva por um lance de escadas, mas em vez de ir para o outro lado, onde os outros estão hospedados, continuamos neste lado oposto. Passamos por um guarda no caminho, que inclina a cabeça para baixo em saudação, lançando-me um olhar curioso enquanto avançamos.

As paredes do corredor neste nível são cravejadas com tiras da mesma madeira esculpida e curva, fazendo com que os tetos pareçam mais altos. A cada poucos metros, há uma janela enfiada nos entalhes da parede, o vidro borbulhado trançado com tiras de ferro. Está muito escuro para ver qualquer coisa lá fora, então nossos reflexos são tudo o que as janelas revelam por enquanto.

No final do corredor, Slade abre a porta e desliza para o lado, estendendo a mão para mim. Assim que entro, há uma sensação imediata de familiaridade, porque a sala parece Slade. Há uma lareira masculina moldada com uma mísula preta primorosamente esculpida. No chão à sua frente, há um trio de sofás escuros e uma mesa ao centro.

No extremo oposto há uma porta, e Slade me leva até lá, onde encontro uma cama colocada em uma plataforma elevada, quatro pilares de pedra em cada canto feitos da mesma pedra do chão. Faz a cama grande parecer ainda maior, e a roupa de cama preta e verde escura parece tão macia que mal posso esperar para cair dentro dela.

“Você precisa de alguma coisa para comer?” Slade pergunta atrás de mim enquanto gentilmente remove meu casaco.

“Acho que estou cansada demais para comer agora.”

Ele pega meu casaco e desaparece em outra porta onde posso ver roupas e armas penduradas lá dentro. Eu ouço o som revelador de botas caindo, e então ele sai de novo, seu próprio casaco também. Em suas mãos está uma camisa que ele me entrega. “Vamos comprar roupas adequadas para você amanhã, mas esta noite você pode usar minha camisa.”

“Isso parece um pouco íntimo,” provoco enquanto arranco a roupa de seus dedos.

Slade ri. “Se você considera isso íntimo, então eu preciso muito compensar algumas coisas.” Ele estende um braço para trás e tira a camisa de seu corpo em um movimento suave que me dá água na boca, olhando para seu abdômen.

“Olhos aqui em cima.”

Eles estalam sob comando e o calor pega em minhas bochechas. “Eu não estava checando você,” eu digo.

“Não, eu me lembro que era com a minha bunda que você gostava de fazer isso.”

Eu estreito meus olhos nele, e mesmo que ele esteja certo, eu nunca vou admitir isso. “Não sei do que você está falando.”

“Mm-hmm. Venha para a cama, Canário.”

Eu aponto um dedo para ele. “Sem entusiasmo, Ravinger. Nós dois estamos cansados e você ainda está se recuperando de uma queda de energia. Precisamos dormir.”

Seus olhos deslizam pelo meu corpo como se fosse algo para saborear, quando na verdade, eu provavelmente pareço um troll do vento com cabelos emaranhados e roupas de três dias atrás. “Tudo bem. Mas eu vou estar devastando você amanhã. Vou usar calças justas para definir a cena.”

Reviro os olhos, embora meus lábios não possam deixar de se inclinar em um sorriso. “Boa sorte com isso,” digo a ele. “Posso usar o banheiro para me lavar?”

“Claro,” diz ele enquanto caminha até a cama. “E você não precisa perguntar. Tudo neste castelo inteiro é seu. Você pode ir aonde quiser e fazer o que quiser.”

Ele puxa as cobertas enquanto eu apenas o encaro por um momento.

Quando ele percebe que eu ainda estou ali, suas sobrancelhas se enrugam. “O que?”

Eu saio dessa. “Nada.”

Virando-me, eu rapidamente passo pela única outra porta aqui e a fecho atrás de mim.

Vá para onde quiser e faça o que quiser. Ele disse isso tão casualmente. Como se fosse normal. Como se eu já tivesse ouvido isso antes na minha vida, quando na verdade, não.

Um sorriso surge em minhas bochechas, e permanece lá o tempo todo em que estou no banheiro. Minha bexiga parece que está prestes a estourar, então tiro rapidamente minhas luvas e vou ao banheiro, depois lavo o rosto e as mãos. Eu tiro minhas roupas velhas, colocando a camisa de Slade antes de encontrar um pente e tento pentear meus emaranhados o melhor que posso. Dirijo-me para a porta com outro bocejo, mas hesito se devo ou não colocar minhas leggings e meias de volta, mas não. Eu não douro nada a menos que eu queira.

Como se para provar isso a mim mesma, pressiono meus dedos contra o pente novamente, invocando minha magia, sorrindo quando o ouro escorre por toda a extensão dele. Assim que fica dourado, esvazio a magia, pressionando meus dedos contra a bancada de mármore para garantir que nenhuma gota saia.

É incrível como já se tornou mais fácil.

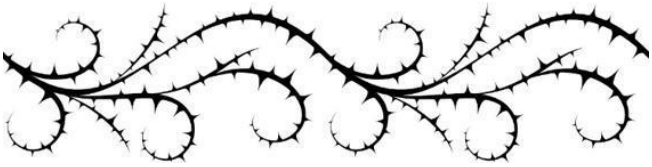
Quando saio com um sorriso no rosto, estou pronta para dizer a Slade que na verdade vou dormir apenas com a camisa dele, mas paro quando vejo que ele já está dormindo. Sua respiração está entrando e saindo, seu rosto relaxado, corpo caído na cama macia. Ele parece tão aliviado em seu sono que eu apenas o observo por um momento, desejando que ele pudesse ter a mesma leveza quando está acordado.

Com os pés descalços, vou para o outro lado da cama e deslizo para baixo das cobertas o mais silenciosamente e gentilmente que posso para não o incomodar. Eu tento deixar algum espaço entre nós por hábito, mas assim que estou na cama com ele, ele parece me sentir.

Seu braço sai, agarrando-me pela cintura, e ele me puxa como se eu não pesasse nada, deslizando-me contra seu corpo. Prendo a respiração, surpresa, ficando imóvel, mas ele não acorda. Ele simplesmente solta um longo suspiro, como se pudesse relaxar ainda mais agora que estou aconchegada ao seu lado.

Adormeço tão rápido quanto ele, com um suspiro e um sorriso saindo dos meus lábios.

CAPÍTULO 46



Slade

Eu acordo com um empurrão, olhos focados na fresta de luz cortada nas bordas das pesadas cortinas pretas. Então meu olhar cai para a cama ao meu lado, a cama vazia.

Sento-me, passando a mão pelo rosto, percebendo que nem esperei Auren sair do banheiro ontem à noite antes de desmaiar. Eu não queria preocupá-la, mas o consumo de energia estava pior do que o normal. Eu me empolguei, me cansei mais do que deveria, especialmente sabendo que tinha Auren para proteger na viagem de volta para casa.

Suponho que haja algo a ser dito sobre voltar para sua própria cama depois de meses longe. A noite passada foi o melhor sono que tive em meses. A única coisa que sinto falta agora é acordar com Auren ao meu lado.

Eu me pergunto se ela ainda está preocupada em ficar na cama até tarde da manhã. Posso entender que ela passou mais de uma década se condicionando a acordar antes do amanhecer, a não comer, beber ou tocar em nada quando o sol nascesse. Mas ela não precisa mais fazer nada disso. Ela tem mais controle do que imagina, embora alguns hábitos possam ser difíceis de quebrar.

Levantando-me da cama, vou para o banheiro onde me lavo e depois vou para o armário para me vestir. Assim que estou pronto, saio do quarto, esperando encontrá-la na sala de estar, mas está vazia. Dirijo-me para a porta e, assim que entro no

corredor, um dos meus guardas está fazendo sua ronda, caminhando na direção oposta.

Quando ele olha por cima do ombro e me vê, ele para, virando as costas contra a parede para me dar um aceno de cabeça. “Sua Majestade.”

“Bom dia, Vaen. Você viu Lady Auren?

Ele balança a cabeça. “Não, senhor, mas acabamos de fazer uma mudança de turno. Posso perguntar aos guardas anteriores?”

Eu balanço minha cabeça. “Tudo bem, eu vou encontrá-la.”

Subindo as escadas, desço um nível e sigo para a sala de café da manhã privada perto dos quartos de Judd. Sempre comemos nossas refeições casuais lá, quase nunca usando o jantar formal, exceto quando necessário. Passo por outro guarda no caminho e entro.

Lu ergue os olhos da mesa no momento em que derruba os pés apoiados de Judd no tampo. “Bem, veja o que a podridão arrastou,” ela canta. “Você dormiu demais.”

Minha sobrancelha arqueia enquanto eu ando para frente. “Ser um rei não tem vantagens?”

“Não,” ela e Judd respondem.

Meu olhar varre ao redor. “Onde está Auren? Ela já comeu?”

“Pensamos que ela estava com você,” Lu me diz.

“Sim, ainda não a vimos esta manhã.”

O pavor me preenche. “Nenhum de vocês a viu?” Eu olho em volta novamente, notando que Digby também não está aqui. “Você verificou Digby esta manhã?”

“Não, mas é cedo.”

Eu aceno e vou para a porta. “Ela provavelmente está com ele.”

“Ou ela pode ter ido passear pelo andar principal?” Judd oferece.

Eu deveria ter levado Auren para um tour ontem à noite para que ela soubesse onde estava tudo, ou pelo menos onde ir para o café da manhã. “Você colocou Digby na sala de prata?”

“Sim.”

Quando volto para o corredor, meu passo me leva direto para onde Digby está hospedado e bato na porta. Não há resposta de imediato, mas espero um momento e então bato de novo, mais alto.

Preocupação rasteja sobre minha espinha, fazendo-me rolar meus ombros para trás, e eu vejo Judd e Lu vindo pelo canto do meu olho. Quando estou prestes a bater na porta com o punho, ouço-o gritar para esperar. Há um barulho de algo se arrastando, e então a porta é aberta por um Digby de olhos turvos, que claramente acabou de sair da cama, seu cabelo grisalho espetado. Ele olha para mim, olhando para os outros atrás de mim. “Sim?”

“Acho que Auren não está com você.”

Suas sobrancelhas se juntam. “Não.”

Eu me viro, minha preocupação agora se transformando em algo tangível que pressiona minhas costelas, restringindo cada respiração.

“Vou verificar as cozinhas e a sala de jantar,” Lu diz, girando nos calcanhares.

“A biblioteca também,” eu digo para ela, e ela acena com a cabeça por cima do ombro. Então, um pensamento me ocorre que faz meu sangue gelar.

“Que quarto foi dado a Manu?”

As sobrancelhas de Judd se erguem, como se ele também não tivesse pensado nisso. “O quarto azul no terceiro andar. Você acha que...”

“Não sei.” Já estou me afastando, minhas costelas continuam contraindo. “Mas se ele fez alguma coisa para machucá-la, porra...”

Judd me alcança, com o rosto contraído.

“Alerte os guardas,” eu ordeno. “Faça uma busca em grande escala, faça-os...”

“Ei!”

Judd e eu paramos no meio do caminho, nos virando para olhar para trás. Até Lu, onde já está na escada leste, olha para cima e para.

Digby se encosta no batente da porta, olhando para mim com raiva. “Você não sabe onde Auren está.”

A impaciência formiga meu pescoço, mas eu respondo a sua não-pergunta de qualquer maneira. “Não.”

Ele manca até mim, e mesmo que minha mente esteja gritando para eu me apressar e ir procurá-la, eu espero impacientemente por ele.

Ele olha para mim por baixo das sobrancelhas espessas, lábios apertados com clara desaprovação quando ele para na minha frente e me dá uma olhada como se eu estivesse prestes a receber um sermão. “Achei que você fosse inteligente.”

Eu pisco para ele. “O que?”

Ele balança a cabeça e solta um suspiro. “Minha senhora não está na cozinha ou na sala de jantar ou na biblioteca.”

Judd e eu trocamos um olhar enquanto Lu se aproxima. “Ok... então você a viu esta manhã?”

“Não,” diz ele. “Mas eu não preciso tê-la visto para saber onde ela está. Assim como você saberia se tirasse a cabeça da bunda por um segundo.”

Minha mandíbula range com tanta força que estou surpresa por meus dentes não quebrarem. “Explique.”

“Minha senhora viveu no norte do mundo por dez anos. É uma década de nada além de neve, vista através de jaulas, janelas, cavernas e restrições.” Seus braços se cruzam à sua frente. “Se você a conhece, saberá exatamente onde encontrá-la. Então, onde você acha que ela está agora, garoto?”

Ele me alfineta com um olhar aguçado, e a compreensão me atinge.

Digby acena com a cabeça concisamente. “É bom ver que você não é completamente sem esperança.” Ele então se vira e sai mancando, fechando a porta do quarto enquanto eu fico olhando para ele.

Judd dá um assobio baixo. “Acho que você acabou de levar uma bronca, Rip.”

“Nunca sei se devo me sentir insultado ou impressionado,” admito em voz alta.

“Vamos apenas para o segundo,” Lu me diz. “Então... você quer que a gente te ajude a procurar?”

Balanço a cabeça e começo a me afastar. “Digby estava certo. Acho que sei onde encontrá-la.



Subo os degraus de dois em dois, volto pelo corredor estreito e subo os degraus em espiral até o telhado.

Pensei em ir até o andar térreo e verificar os jardins, mas Auren não tinha roupas adequadas, então acho que ela teria preferido ir para algum lugar mais isolado.

Assim que chego ao topo, noto todos os três guardas pendurados ao redor do arco, cada um deles olhando na mesma direção. Tenho a sensação de que sei o que eles estão olhando e por que estão aqui, tentando dar uma aparência de privacidade, em vez de estarem em suas posições normais no telhado.

Quando eles me notam, eles se curvam. “Senhor.”

Eu paro no meio do caminho quando a vejo. Ela não veio apenas para o telhado. Não, ela subiu em uma das torres também. Ela está lá, deitada contra as telhas do campanário, sua pele dourada brilhando contra a pedra negra que a cerca.

Por um momento, tudo o que posso fazer é observar. Ela parece uma deusa iluminada pelo sol, brilhando na luz que foi protegida dela, absorvendo os raios como se o sol fosse abençoado por brilhar sobre ela.

“Há quanto tempo ela está lá em cima?” Pergunto aos guardas baixinho.

“Desde o amanhecer.”

Assentindo, deixei meus pés me levarem até ela. “Vão fazer uma pausa.”

Não me viro para olhar, mas ouço seus passos se afastando enquanto descem a escada em espiral, deixando-nos sozinhos. Eu ando até o outro lado do telhado, meus olhos concentrados na figura dourada.

O pensamento dela escalando a parede da torre, mesmo que tenha apenas cerca de três metros de altura, faz meus nervos torcerem. Paro na base da torre e, usando os pregos cravados na lateral, subo. Em vez de entrar pela abertura na parede onde os guardas vigiam a torre, continuo, minha perna balançando até o telhado íngreme da torre.

Eu me endireito e caminho até ela, encontrando seus cotovelos apoiados embaixo dela, as pernas nuas esticadas e cruzadas nos tornozelos. Cabelo caindo pelas costas, rosto voltado para o céu.

Ela está se aquecendo ao sol, e parece que a luz do dia foi criada para isso. Ela é tão impressionante aqui em cima apenas com a minha camisa, que eu tenho vontade de arrastar os guardas de volta e exigir que eles arranquem seus próprios olhos por verem o que é meu.

No entanto, meus pensamentos possessivos são afastados quando percebo as marcas em suas bochechas.

O alarme me faz cair de joelhos ao lado dela. “Canário,” murmuro baixinho para não a assustar. Mas não devo ter sido tão furtivo quanto pensei, porque ela nem se mexe. “O que há de errado? Porque você está chorando?”

Seus olhos tremulam abertos, cílios agrupados com lágrimas douradas. Mas ela olha para mim e meu coração para. “Você consegue ouvir?” ela sussurra.

Faço uma pausa, com os ouvidos atentos, mas tudo o que ouço são sons fracos da cidade abaixo e a queda constante da cachoeira na base da montanha.

“Ouvir o que?”

E ela sorri, através das lágrimas secas em suas faces, através do brilho de seus olhos. A visão é tão linda que é difícil respirar.

“O sol,” Auren responde baixinho, o tom cheio de uma alegria inocente e hesitante. Um que você tem medo de dizer muito alto, caso quebre. “Ele está cantando para mim.”

A emoção obstrui minha garganta enquanto a vejo inclinar a cabeça para trás novamente. Observando os olhos dela se fechando. Eu passo um dedo por sua bochecha macia. “E o que ele canta, Canário?” murmuro.

Seu sorriso rompe como a luz do sol acima de nós. “A canção do lar,” diz ela. “O sol está cantando a canção do lar.”

Meu peito incha, e quando ela estende a mão e puxa meu braço, eu me deito com ela, situando-me até que estejamos braço a braço, perna a perna.

“Ouça,” ela sussurra.

Então eu faço. Enrolo meus dedos nos dela e escuto.

Mas minha canção de lar não vem do sol. A minha vem dela.

CAPÍTULO 47



Auren

Não tenho ideia de quanto tempo Slade fica no telhado comigo, mas quando descemos, estou zumbindo com raios de energia. Não importa que acordei antes do amanhecer, me sinto revigorada. Restaurada. Viva.

“Eu quero estar lá fora hoje,” digo a Slade enquanto caminhamos em direção ao arco onde os guardas estão de pé.

“Erga os olhos, cavalheiro,” Slade diz, e eu não entendo por um minuto até que eu olho para baixo e percebo que ainda estou apenas em sua camisa... e nada mais.

Suas cabeças se inclinam comicamente rápido, os olhos indo tão longe que é uma maravilha que eles não vejam claramente a parte de trás de seus crânios.

“Eu provavelmente preciso de algumas roupas, hein?” Eu digo.

“Seria preferível para que eu não sinta vontade de esfaquear os olhos dos meus leais guardas.”

Um dos referidos guardas solta uma tosse sufocada.

“Eu vou franzir a testa ao esfaquear os olhos, só para constar.”

“Vou anotar isso.”

Faço uma pausa antes de passarmos pelo arco, olhando por cima do ombro para o céu aberto e claro. No sol desobstruído. Faz tanto tempo que não vejo.

Eu tinha esquecido como era.

A maneira como eu poderia simplesmente deixar meus olhos se fecharem. Deixei minha cabeça inclinar para cima. Como a luz vermelha brilhava através das minhas pálpebras e a forma como o calor parecia estar contra a minha pele, da testa aos pés. A maneira como ele penetrou em meus poros e acalmou todas as memórias do frio.

Ele me chamou.

Mesmo antes de subir no céu, eu ouvi. Eu deslizei para fora da cama e voltei para o andar de cima, deixando sua voz silenciosa me trazer até aqui, onde eu poderia ficar em um telhado ao lado de uma montanha e apenas... sentir.

Dez anos. Faz dez anos que não sinto o sol assim no rosto. Sem nenhuma nuvem para bloqueá-lo, sem nenhuma tempestade para manchá-lo.

Nenhuma vez, enquanto eu estava lá em cima naquele telhado, minha magia tentou sair espontaneamente. Em vez disso, deixei-a acumular na palma da minha mão, ficando quente sob o sol da manhã, deixando-a aquecer por um momento, assim como eu. Então, quando pedi que afundasse de volta na minha pele, aconteceu. Facilmente. Tão facilmente que foi quase sem esforço.

Acho que meu ouro também perdeu a luz do sol.

“Auren?”

Eu me afasto da carícia do sol para olhar para Slade, que está me observando com algo em sua expressão que não consigo ler.

Eu dou a ele um pequeno sorriso. “Eu estava deitada e curtindo tanto a luz do sol que nem pensei em dar uma olhada no seu reino.”

Ele continua a me estudar, e por um segundo me pergunto se disse algo errado. Mas então ele me diz: “Você gostaria se eu te mostrasse hoje?”

Meu coração pula uma batida. “Você quer dizer... deixar o castelo?”

“Você gostaria disso? Para ver a cidade?”

“Eu gostaria disso?” Repito sem fôlego. “Eu...” Minhas palavras falham, como se eu estivesse sobrecarregada demais para pronunciá-las. Além da viagem de Highbell a Ranhold, nunca tive permissão para deixar a segurança dos castelos em que fui mantida.

Ele acena.

“Mas...” Eu olho para os guardas. “Mas eu sou ouro,” eu indico.

Os lábios de Slade se contraem. “Então você é.”

Eu dou um passo rápido em direção a ele e abaixo minha voz. “As pessoas vão me reconhecer como o animal de estimação dourado de Midas,” eu digo, cuspindo essa palavra com desdém.

“Eles podem, sim,” ele responde com um aceno de cabeça. “Esta é a sua vida, Auren. Se você deseja ficar longe de olhares indiscretos, é isso que faremos. Mas você não precisa se esconder aqui. Você não é o animal de estimação de ninguém para ser mantida. Sua vida é sua e a escolha é sua.”

A escolha é minha.

Tão sem precedentes. As escolhas nunca foram minhas, então não quero desperdiçar nenhuma.

“Não quero mais ficar dentro de casa.” A confissão sai correndo de mim, como se as palavras tivessem medo de que, se não falassem rápido o suficiente, a oportunidade seria perdida.

Ele sorri, instantaneamente fazendo meus próprios lábios se contraírem. “É o seu primeiro dia fora da neve e do frio. Acho que isso é motivo para comemorar.”

Eu sorrio tanto que minhas bochechas doem, mas depois vacila. “Mas e o Manu? Você não tem coisas para resolver agora que voltamos?”

“Manu e o reino podem esperar mais um dia. Você é mais importante.”

Meu coração parece que incha e dá uma cambalhota de uma só vez. “Tem certeza?”

Ele coloca a mão nas minhas costas, muito baixo nas minhas costas, as pontas dos dedos roçando a curva da minha bunda enquanto sua voz se inclina perto do meu ouvido. “Vamos, Canário. Vamos explorar.”

Explorar.

Eu não posso negar a emoção que passa por mim com essa palavra. Com um sorriso, corro para as escadas e sinto uma lufada de ar quando minha camisa sobe um pouco demais. Eu aperto minhas mãos na bainha na minha bunda, olhando por cima do meu ombro. “Ops.”

Os olhos de Slade estão focados na minha bunda. “Os olhos ainda estão para cima?” ele pergunta por cima do ombro.

“Sim senhor!” três vozes gritam de volta. Rapidamente.

Com um rosto que é meio exasperado e meio divertido, ele vem até mim até que eu possa sentir o calor de seu corpo nas minhas costas. “Venha, Lady Auren,” ele praticamente ronrona. “Vamos pegar algumas roupas para você antes que eu esqueça tudo sobre explorar e decida esvaziar o castelo para que eu possa explorar você.”

Minha respiração tremula.

“Honestamente, essa é uma boa segunda opção...”

Ele ri sombriamente atrás de mim, fazendo-me formigar por toda parte, assim como ele dá um tapinha na minha bunda. “Mexa-se.”

Praticamente flutuo escada abaixo.

Acabo usando leggings marrons simples e uma túnica preta, ambas macias e confortáveis e muito mais finas do que estou acostumada em comparação com os tecidos grossos do Sexto e do Quinto. Slade também me dá uma capa e, por hábito e precaução, minhas luvas estão seguras sobre minhas mãos.

Os outros optam por ir para a cidade conosco, mas quando tento convencer Digby a ficar, ele apenas me olha com raiva e sai andando para se arrumar.

Quando Slade me leva até o grande hall de entrada aberto, todos já estão lá esperando. Lu está usando seu costumeiro couro militar, enquanto Judd está vestindo uma túnica laranja brilhante que rivaliza com a mostarda de seu cabelo, fazendo-o parecer um pouco com uma flor de papoula.

Digby está usando roupas emprestadas como eu, ainda carrancudo, como se estivesse pronto para evitar mais sermões sobre como ele deveria ficar aqui e descansar.

"Estou surpreso que vocês dois queriam vir," eu digo quando alcançamos Lu e Judd pelas portas principais.

"Claro que nós fazemos. Não fazemos nada divertido há séculos," diz Judd. "Rei Podridão está sempre nos arrastando pelo mundo e nos fazendo destruir seus inimigos."

Slade revira os olhos. "A última vez que verifiquei, você não destruiu ninguém nesta viagem."

"É verdade," responde Judd, como se estivesse desapontado com isso. "Não é de admirar que eu esteja tão entediado."

"É exatamente por isso que precisamos de uma viagem à cidade," acrescenta Lu.

"Sim. Bebidas de pub," Judd diz com um abanar de suas sobrancelhas. "Você não viveu até estar na Taberna Gato Queimado."

Eu torço meu nariz. "Eles não fazem isso, certo?"

"Só às terças," brinca Lu. "Pronta?"

Estou pronta?

Não tenho certeza, porque não saio em um público desprotegida assim há muito tempo.

“A escolha é sua, Auren,” Slade murmura ao meu lado, e eu sei que se eu mudasse de ideia agora, ele nos mudaria de volta e me deixaria ficar em seus aposentos, sem fazer perguntas.

“Estou pronta.”

Digby está ao meu lado em um segundo para me escoltar para fora do castelo, assim como fez meses atrás, quando deixei Highbell pela primeira vez. Esse foi o catalisador, o ponto de inflexão para que todas as árvores cortadas começassem a cair. O momento que mudou o rumo da minha vida.

Quando as portas pretas esculpidas de Brackhill se abrem, vejo um flash das portas douradas de Highbell em minha cabeça. Mas, em vez de sair para uma noite gelada, atravesso a soleira e sou saudada pelo calor do dia.

A frente é pavimentada com paralelepípedos escuros alisados pelo piso. As pedras circundam uma impressionante estátua de obelisco que está bem à frente, o pilar de pedra ônix se elevando em direção ao céu e criando as paredes perfeitas para as trepadeiras se enrolarem.

Eu me viro para olhar para o castelo, e meus olhos vão para cima e para cima e para cima. Com paredes pretas ranhuradas, janelas em arco e telhados pontiagudos, Brackhill parece intimidante, imponente e bonito, tudo em um. A forma como está contra a montanha faz com que pareça maior do que é, e o fosso de água cintilante de cada lado envolve-o como um manto cristalino, com uma pequena ponte escura curvada bem no meio.

Slade aponta para os cavalos reunidos à frente, onde há uma carruagem escura na parte de trás com um cocheiro sentado e pronto. “Podemos descer de carruagem, se quiser. É um pouco inclinado daqui, mas assim que passarmos pelas cataratas, serão apenas alguns minutos até a cidade.”

Eu olho para a carruagem e depois para os cavalos soltos para os quais os outros estão caminhando. Lu balança a perna para cima e sobre uma marrom-avermelhada, enquanto Judd mostra Digby a uma égua malhada menor.

“Na verdade,” eu começo, desviando meus olhos. “Eu prefiro cavalgar.”

“Você quer?” Slade pergunta, parecendo agradavelmente surpreso.

“Sim. Ainda me lembro de andar a cavalo quando era pequena,” eu digo. “Mas depois andei bastante com Midas. Até chegarmos a Highbell, e então...”

E então eu nunca mais andei por uma década.

“Acho que não quero ficar presa dentro das paredes de uma carruagem em um dia tão bonito. Pelo menos por enquanto?”

Ele balança a cabeça como se entendesse isso completamente. “Então vamos cavalgar.”

“Não tenho certeza se Digby deveria estar a cavalo...”

Meu guarda me ouve, jogando de volta um brusco: “Estou bem.”

Quando olho para Slade, ele apenas dá de ombros. “Você sabe que ele é teimoso demais para ficar para trás.”

Deixei escapar um suspiro. “Sim.”

Em pouco tempo, a equipe de Slade trouxe mais dois cavalos selados. O garanhão monstruoso de Slade parece ao mesmo tempo escultural e um tanto mesquinho, com um pelo preto brilhante e provavelmente uns bons dezoito palmos de altura.

Enquanto isso, consigo um lindo cavalo de pele de gamo com pele dourada e crina preta, que parece muito mais agradável. Eu me aproximo para dar uma olhada melhor nela. “Um pouco de uma mistura de nossas cores, você não acha?” Eu pergunto a Slade.

Ele sorri quando se aproxima para me ajudar a montar. “O nome dela é Honey. Ela é um amor, embora seja conhecida por ter um temperamento forte.”

Eu acaricio uma mão em seu pescoço. “Então vamos nos dar muito bem.” Continuo a acariciá-la por um segundo, passando minhas mãos sobre sua juba escura, mas quando meu sorriso desaparece, Slade percebe.

“O que há de errado?”

“Havia um cavalo que eu montei em Highbell. Crisp. Não sei o que aconteceu com ele depois dos Red Raids, mas ele era um bom cavalo.”

Claro, quando penso em Crisp, penso em Sail, e quando penso nele…

“Eu não sei se alguma vez realmente processei o que aconteceu naquela noite. Achei que você fosse o monstro maior,” admito com uma risada sem humor. “Eu fui uma tola. Se ao menos eu tivesse aprendido a usar minha magia depois de escurecer naquela época. Eu nunca teria deixado o capitão…”

“Deixar o capitão o quê?”

Meus olhos saltam para o rosto de Slade. “Nada.”

Seu olhar escurece e ele dá um passo à frente, nos dando mais privacidade da equipe e dos outros montados em seus cavalos. “Ele te machucou naquela noite?”

Há uma ameaça de promessa sombria em seu tom. “Eu não. Rissa. Eu a ajudei tarde demais. Quando o sol nasceu…” Eu paro, balançando a cabeça. “Ele é uma estátua de ouro em algum lugar no meio dos Barrens, esperançosamente coberto por montanhas de neve agora.”

O músculo na mandíbula de Slade salta, sua postura fica rígida.

“Sinto muito por trazer isso à tona,” eu digo com um aceno de cabeça. “Eu não sei por que eu fiz. Vamos apenas… seguir em frente? Quero aproveitar o dia e não pensar nisso.”

Ele parece se recompor, enterrando a raiva em seus olhos. “Tudo bem. Mas eu quero uma lista, Auren.”

“Uma lista?”

“De todos que já te machucaram.”

Minhas sobrancelhas saltam para cima. “Por que?”

“Eu acho que você sabe,” ele me diz, seu olhar afiado cortando através de mim. “E vamos falar sobre tudo isso muito em breve.” Engulo em seco, mas não posso negar a emoção que percorre minhas costas, porque nunca tive isso antes dele, esse protetor feroz.

Eu tive um falso. Se eu soubesse como era um verdadeiro, provavelmente nunca teria sido enganada em primeiro lugar.

Limpando a garganta, tento dispensá-lo, tento aliviar o clima novamente. “Nós iremos. Ainda temos muitas coisas para conversar. Como por que todo mundo aqui usa calças tão apertadas,” eu digo enquanto olho em volta para todos os guardas. “Não que eu esteja reclamando.”

Slade ergue uma sobrancelha, mas o resto da raiva parece escapar de seus olhos. “A única bunda que eu quero que você verifique é a minha.”

Eu dou de ombros preguiçosamente. “Não posso fazer promessas,” digo alegremente antes de colocar meu pé no estribo e começar a montar no cavalo. Quando balanço minha outra perna, sinto um beliscão forte na minha bunda. Sento-me surpresa, sacudindo um pouco o cavalo enquanto lanço a Slade um olhar incrédulo por cima do ombro. “Ai!”

Ele me dá um encolher de ombros enquanto caminha para seu garanhão. “Vamos discutir isso mais tarde também.”

Eu sorrio enquanto pego as rédeas.

Assim que estamos todos posicionados, nós cinco mais alguns guardas atrás de nós começamos a atravessar a ponte à frente.

Digby permanece fielmente à minha direita e um pouco atrás de mim, enquanto Slade cavalga ao meu lado à minha esquerda. Judd e Lu lideram o caminho, enquanto os guardas seguem atrás de nós. Mesmo com tantos de nós, nosso grupo é pequeno comparado ao que seria um enclave real normal. Acho que Midas nunca viajou sem uma tropa de guardas, embora talvez seja porque tudo o que ele possuía era dourado e ele não tinha nenhum poder real para proteger sua riqueza roubada.

Slade é uma força por conta própria.

Atravessamos a ponte, passando pelo longo trecho de fosso, e então rompemos o topo da colina gramada, onde a cidade se abre abaixo de nós como uma imagem perfeita. Os rios estão por toda parte, serpenteando pela cidade, despejando-se em lagos grandes e pequenos.

Há barcos por toda parte também, e posso ver várias áreas de docas e pontes fluviais. As casas parecem ser construídas tão perto da água que as pessoas têm docas para jardins e barcos em vez de cavalos. Alguns dos prédios são construídos sobre postes, bem na água. E o tempo todo, o chão é verde e o ar é quente e úmido, e é diferente de tudo que eu já experimentei antes.

Quando começamos a descer, a grama abraça a linha sinuosa da estrada e as árvores estão salpicadas ao longo das colinas, espalhadas o suficiente para respirar. À nossa direita, longe o suficiente para que eu não consiga ouvir a água corrente, estão as cachoeiras que caem da encosta do topo da montanha a pelo menos trinta metros de altura. A água cai em um mergulho de espuma branca, criando arco-íris fraturados dentro da névoa cinza aderente.

Não consigo ver o fundo da cachoeira porque está bloqueado por árvores, mas a água chega até mim, o rio se estendendo para saudar a estrada. A poucos passos de distância, ela serpenteia ao longo do caminho antes de se dividir em várias direções diferentes. Na base da colina, posso ver onde ela se ramifica por toda a cidade, alimentando todos os enormes canais abertos na terra.

“Acho que nunca vi tanto verde ou tanta água na minha vida.” Eu me viro para olhar para Digby por cima do meu ombro. “Você está vendo, Dig?”

“Estou vendo, minha senhora.”

Sorrindo, eu me viro para Slade, descobrindo que ele já está me observando. “Uma vista tão bonita.”

“Estou feliz que você gostou,” diz ele.

Estar aqui é sublime, com o sol no couro cabeludo e o ar puro nos pulmões.

Quando chegamos ao fundo da encosta onde o terreno se nivela, a estrada e o rio desviam em direção ao lago maior. “Chama-se Compass Lake,” Slade me diz. “Veja como é circular, exceto por aquele ponto ali?”

Meus olhos acompanham a linha do lago que parece se estender como uma ponta, apontando para trás em direção ao castelo.

“A bússola sempre nos aponta o caminho de casa,” Lu responde.

Eu olho para Slade com curiosidade. “É um lar para você? Brackhill?”

Seu rosto fica contemplativo por um momento. “Acho que nenhum lugar em Orea jamais se sentirá em casa.”

Concordo com a cabeça em total compreensão, porque sempre senti o mesmo. Mas este lugar, acho que pode parecer quase um lar. Acho que pode parecer o suficiente.

Embora nada jamais se compare a Annwyn. Posso ter sido levada quando criança, posso ter esquecido quase tudo sobre isso, mas ainda me lembro da sensação. Mas talvez isso seja exatamente o que o lar é. Um sentimento.

Quanto mais nos aproximamos do rio, mais gente vemos. A princípio, apenas algumas carroças e cavalos passam por nós, mas logo, estamos bem no centro da atividade, onde a cidade fervilha.

Os pescadores puxam suas redes de píeres estendidos. Prédios comerciais estão alinhados um após o outro ao longo da rua, com as costas voltadas para o lago e as fachadas feitas de pedra polida da cor creme, com telhados voltados diretamente para a água. Quase todos eles têm as portas escancaradas, provavelmente para alimentar a brisa fresca. Sem o vento suave soprando da água, o ar úmido e quente pareceria muito mais sufocante. Como está agora, há um equilíbrio perfeito entre quente e frio.

No momento em que as pessoas percebem que seu rei está no meio delas, há um efeito concêntrico que envolve a cidade. Como uma onda, as pessoas começam a gritar, se curvar, torcer ou fazer fila. Não é apenas Rei Ravinger que eles pedem.

Aparentemente, Judd e Lu também são bem conhecidos, porque as pessoas parecem respeitá-los e reconhecê-los da mesma forma.

Mas eu vejo isso. No momento em que sua empolgação ao ver os capitães do exército e seu rei muda para outra coisa. O momento em que eles me veem. Há um enrijecimento definitivo que paira sobre a multidão, uma rigidez em seus olhares e bocas apertadas se movendo, e ouço trechos dessas palavras tensas à medida que avançamos na estrada da cidade.

É ela, a sela dourada.

Ela matou o rei Midas.

Ela roubou sua magia.

E se ela roubar a magia do nosso rei também?

Dou um solavanco em meu cavalo com tanta força que puxo as rédeas de Honey com muita força, fazendo-a parar bruscamente. Dois dos guardas instantaneamente surgem de cada lado de Slade e de mim, como se para formar uma barreira entre nós e a multidão enquanto suas proclamações continuam a ser feitas. Solto as rédeas e Slade se aproxima, enquanto eu puxo o capuz da minha capa.

“O que eles querem dizer?” Eu pergunto, os olhos girando ao meu redor. Mesmo com Judd e Lu na frente e os guardas ao nosso lado e atrás, ainda me sinto exposta a esse choque de julgamento implícito. “Por que eles estão dizendo que eu roubei magia?”

Posso ver o aperto de Slade nas rédeas, ver sua hesitação no tique do músculo de sua mandíbula. “Essa é a história que se espalhou do Quinto Reino,” ele admite. “A história que a Rainha Kaila ajudou a espalhar.”

“E você não pensou em me contar?” Eu praticamente sibilo entre os dentes.

“Não pensei que esse boato fosse tão amplamente aceito.”

Eu olho em volta para os rostos desconfiados enquanto eles se esforçam para me ver enquanto nossos cavalos passam. “Eu diria que é bem aceito, Slade.”

Ele não pode argumentar o contrário.

“Você quer voltar?” ele pergunta.

Eu começo a acenar com a cabeça, mas então, eu me paro.

Sempre tive que fugir das multidões, sempre tive que me encaixar na narrativa de Midas. E agora, mesmo estando morto, ele ainda controla minha reputação pública.

Por dez anos, ele tomou meu poder e fingiu que era dele e agora...

Ele ainda está tomando. E, no entanto, eles estão me chamando de ladra.

Meu poder nunca foi meu e, pela primeira vez, quando finalmente estou orgulhosa dele, quando finalmente estou dominando-o, ele manchou isso também. Fez parecer que eu tirei dele?

O pensamento faz meu sangue ferver tão quente que a parte de trás dos meus olhos queima com a umidade.

“Não,” eu digo definitivamente, endurecendo a expressão. “Não sou ladra e não vou me esconder.”

Eu não vou deixar Midas usar meu toque de ouro para vantagem de sua morte.

Orgulho pisca no rosto de Slade enquanto eu empurro meu capuz para trás, deixando-o cair atrás de mim. “Eu não vou fugir como se fosse culpada,” eu declaro, sentando-me ereta. “Deixe-os olhar.”

CAPÍTULO 48



Auren

"Você estava certo," eu digo sobre a longa mesa. "O Gato Queimado é realmente o melhor."

Judd sorri para mim, levantando sua caneca em um brinde. "Eu te disse. Melhor vinho em Orea."

Balançando a cabeça, eu me sirvo de outra bebida, apenas para perceber que está vazia. Eu franzo a testa para o fundo do meu copo de madeira, como se os sulcos de suor dentro de alguma forma produzissem mais delícias. Fico muito desapontada quando isso não acontece.

"Eu bebi muito rápido."

"Gostaria de ter mais?" Slade pergunta, mas como eu o ouço dentro de uma taberna tão barulhenta, eu não tenho certeza.

"Sim, por favor."

Judd liderou o caminho direto para cá, e o dono da taverna rapidamente nos trouxe para uma área de estar privada nos fundos. A iluminação é baixa, uma brisa fresca entra pela janela atrás de mim, e nossa mesa redonda está bloqueada por pilhas de barris de vinho com um cheiro incrível.

Tenho que admitir, o vinho melhorou meu humor.

Slade levanta a mão e o dono da taverna chega apressado. Ele é um homem baixo e corpulento chamado Barut, com cabelos ralos e lábios ainda mais finos. Barut enxuga as mãos no avental enlameado. “O que posso fazer por você, senhor?”

“Você pode trazer outra jarra de vinho para a mesa? E teremos mais pão e queijo também, Barut.”

“É claro!” ele diz com uma palmada, sorrindo para mim com um sorriso torto, seus dois dentes da frente inclinados um sobre o outro como braços cruzados. “Como está tudo mais?”

“Perfeito como sempre,” Judd responde.

As bochechas do homem ficam vermelhas com um rubor tímido. “Fico feliz em saber disso, Sir Judd.”

Quando ele sai e somos apenas nós cinco novamente, eu olho furiosamente para o meu copo. Eu mantive meu queixo erguido enquanto estávamos na rua, mas esse boato generalizado sobre eu ter roubado a magia de Midas é irônico e irritante. Desnecessário dizer que meu humor piorou. Todo mundo está tentando manter a atmosfera positiva, mas posso dizer que os rumores também os estão incomodando. Digby, no entanto, não se diverte nem um pouco. Toda vez que ele ouvia alguém dizer algo sobre mim lá fora, eu pensava que ele ia pular do cavalo. Acho que apenas suas costelas doloridas o seguraram.

“Você está bem?” Slade pergunta, com o braço apoiado nas costas da minha cadeira.

Eu concordo. “Estou bem.” Quando percebo o quão grosseiro isso soou, levanto meu olhar para ele. “Obrigado por me levar à loja de roupas, você não precisava me comprar tudo isso, a propósito.”

“Você precisa de roupas,” diz ele com um encolher de ombros. “Além disso, é puramente egoísta.”

“Como assim?”

Ele se inclina para perto. “Eu posso arrancar cada pedaço de você. É como decidir o papel de embrulho do meu próprio presente.”

Um rubor sobe às minhas bochechas e eu dou uma olhada na mesa, mas Judd e Lu estão conversando, e Digby está ocupado olhando carrancudo para seu copo. “Tem certeza que é uma boa ideia?” Eu desafio? “Eu posso roubar sua magia.”

Slade me dá um olhar aguçado. “Você precisa ignorá-los.”

“Isso é muito difícil de fazer quando eu não estava preparada.”

Ele passa a mão pelo rosto. “Você está certa, me desculpe. Eu deveria ter dito a você o que alguns dos rumores estavam dizendo. Eu só queria que você tivesse um bom dia aqui.”

“Eu sei,” eu digo, soltando um suspiro. “Eu simplesmente odeio que ele de alguma forma tenha feito com que minha magia ainda não seja minha.”

A boca de Slade aperta. “Se as pessoas realmente querem pensar isso, então elas são tolas.”

Nesse momento, Barut volta, colocando uma bandeja com tudo na nossa frente. “Aí está você, Majestade. Aprecie.”

Slade dá a Barut um aceno de agradecimento e então me serve mais vinho. Eu cantarolo no meu primeiro gole.

Lado bom, o vinho não pode fofocar.

Eu dou uma mordida no queijo cremoso também, mastigando meus pensamentos tanto quanto a comida antes de perguntar: “Isso não te incomoda? Que as pessoas pensam que estou seduzindo você por causa de sua magia?”

“Eu não dou a mínima para o que as outras pessoas pensam.”

“Isso é uma coisa de homem para dizer,” eu respondo com um leve revirar de olhos enquanto dou outra mordida. “As mulheres neste mundo têm que ser mais cuidadosas. Reputações criadas podem ser vida ou morte.”

“Isso é verdade,” ele admite, observando enquanto eu tomo outro gole. “Reputações também podem significar poder.”

“Diz o rei.”

Ele se inclina para perto, os lábios quase roçando minha orelha. “Diz o rei para a fêmea fae que o conquistou completamente.”

Eu lambo meus lábios manchados de vinho. “Não conquistei ninguém.”

“Canário, você poderia conquistar o mundo inteiro com um único olhar, se ao menos abrisse os olhos.”

“Esse é um conselho perigoso, considerando o que aconteceu em Ranhold.”

“Isso tudo faz parte da diversão, você não acha?”

Eu o nivelo com um olhar. “Eu acho que estou começando a aprender que você é tão desequilibrado quanto alguns dos rumores que Oreans afirmaram.”

Seu sorriso diabólico só aumenta. “Oh, amor, eu sou pior.”

O órgão no meu peito dá uma cambalhota quando ele me chama de amor. “Você é melhor do que acredita. Você é bom. Para mim, para sua Ira, para seu povo.”

“Se você soubesse o que eu estou pensando agora, a última coisa que você me chamaria é bom.”

Eu enterro meu rosto vermelho no meu copo enquanto tomo outro longo gole. O calor de suas palavras e o olhar em seus olhos melhoraram significativamente meu humor. Ele está pelo menos empatado com o vinho.

“Então, Dourada, para onde você quer ir a seguir?”

Minha cabeça se inclina para frente com a pergunta de Lu. “Oh, humm...” Todos olham para mim com expectativa. “Não tenho certeza.”

“Podemos levá-la além do moinho de água,” Judd fornece. “Ou talvez a perfumaria. Muitas senhoras gostam de ir lá. Ou o chapeleiro.”

Lu revira os olhos. “Parece que ela quer um chapéu com babados?”

“Poderíamos ir ao mercado nas docas,” sugere Judd. “Mas haverá muita gente lá embaixo.”

Lanço um olhar questionador para Slade enquanto termino o último pedaço de queijo e um pedaço de pão. “Muitas pessoas?”

“Estamos todos com você,” ele me diz. “Além disso, como você disse, você não é uma ladra, então não vai se esconder como uma. Deixe-os ver que esses rumores estão errados.”

Com um aceno de cabeça, olho para Digby. “Você está pronto para isso, Dig?”

“Eu vou com você,” ele diz simplesmente enquanto esvazia seu copo.

“Tudo bem, então. Vamos fazer isso.”

Slade se levanta e estende a mão para mim, que tomo depois de um último gole de vinho.

Enquanto saímos da taverna pela porta dos fundos, agradeço a ele pelo almoço. “A comida aqui é muito melhor do que em Ranhold.”

Lu faz um barulho de nojo atrás de mim. “Eles deveriam ter vergonha de si mesmos, encharcando tudo em calda. O sal é muito melhor do que o açúcar.”

“Ah, então é por isso que você não é doce. Até mesmo o seu paladar o rejeita,” Judd diz enquanto todos nós saímos para o caminho. Lu tenta derrubá-lo, mas ele é ágil o suficiente para pular por cima do pé dela.

Respiro fundo o ar lá fora. O lago fica a poucos metros de distância, separado pelo cais de madeira e grades. Há uma série de pequenos barcos amarrados ao longo das linhas de ancoragem, cada um deles balançando levemente na água.

Slade caminha até os guardas que esperam na carruagem, entregando-lhes os pacotes de comida que Barut preparou para eles. Os homens acenam com a cabeça em agradecimento, e fico impressionada com a diferença das coisas aqui.

Midas nunca teria dado comida a seus guardas. Isso nem teria passado pela cabeça dele. Não importava se eles estavam presos na neve horrível ou esperando por

horas lá dentro. E, no entanto, ele ganhou a reputação de Rei Dourado, enquanto Slade nada mais é do que podridão e ruína.

Depois que Slade me ajuda a subir em Honey, todos nós descemos para o mercado, levando nossos cavalos ao redor da taverna e descendo para a estrada movimentada mais uma vez. Felizmente, é grande o suficiente para o nosso grupo, além dos cavalos imóveis e das carruagens estacionadas para cima e para baixo no caminho. Assim como no Castelo de Brackhill, as ruas são de paralelepípedos, as pedras pretas arranhadas e o resto da rua ladeado por calçadas de tijolos por onde as pessoas entram e saem das vitrines.

Assim como antes, mantenho minha cabeça reta e meu queixo erguido, e não puxo o capuz da minha capa. Aqui fora, sob o sol, meu cabelo e minha pele brilham, então fica muito claro que não estou me escondendo, já que todos olham para mim.

O ar está mais denso agora, a umidade quente fazendo minhas palmas suarem mesmo sem usar luvas. Mas Judd nos leva direto ao mercado nas docas, e a brisa fresca sopra, uma exalação fresca constante soprada de sua superfície brilhante.

Os guardas desmontam primeiro, um deles vindo para guiar meu cavalo até um poste de amarração. Assim que estamos todos de pé, as pessoas no mercado param para se virar e olhar.

Mais suspiros e gritos ressoam enquanto eles cumprimentam o rei e os capitães do exército, quase todos os donos de barracas chamando por eles. Todos os compradores pararam e se viraram também, se separando quando começamos a descer o caminho. O mercado consiste em carrinhos montados ao longo da rua, enquanto outros vendem seus produtos diretamente de seus barcos balançando.

Judd e Lu vão ver uma barraca de armas, enquanto Digby fica atrás de mim. Slade fica um pouco inundado com o público, mas eles mantêm uma distância respeitosa enquanto os guardas vigiam tudo.

Meus olhos saltam de um lugar para outro enquanto observo tudo o que está sendo vendido. Xales e cobertores, botas e fivelas, joias e capas. Muitas das lojas

também atendem aos pescadores, com remos esculpidos sofisticados, redes de pesca aperfeiçoadas e varas tão altas quanto os prédios. É um conglomerado de mercadorias, muitas coisas para rastrear, muitas vozes para ouvir ao mesmo tempo.

Mas eu ouço uma. Uma que parece cortar a multidão, como uma flecha vocal que é encaixada e apontada diretamente para mim, acertando seu alvo com precisão mortal.

“Você vê quem é? A de ouro? Você já ouviu falar dela! Ela é o animal de estimação dourado, a sela favorita do rei Midas. A que roubou seu toque de ouro e o matou porque estava com ciúmes.”

Meu olhar se volta para a esquerda, onde vejo o grupo de homens amontoados contra a parede de uma barraca que vende rabos de peixe empanados. Olhos castanhos colidem com os meus, um rosto de meia-idade olhando para mim sob a aba marrom de seu chapéu.

“Senhora Dourada!”

Afasto os olhos dos homens, encontrando uma mulher acenando para mim, apontando para o carrinho onde ela está vendendo pulseiras. “Tenho pulseiras perfeitas para você, Senhora Dourada!”

Com um sorriso, ando até sua baia, mas as vozes dos homens parecem me seguir.

“Pensei que ela ser ouro eram apenas boatos,” diz outro homem, enquanto ouço a baforada reveladora de um cachimbo.

“Nah, meu primo foi para Highbell uma vez. Disse que a viu por uma janela em uma das execuções públicas. É ela, com certeza.”

“O que você acha que ela está fazendo aqui?”

A sorridente dono da barraca puxa bracelete após bracelete para mim, mas não vejo nenhum deles, muito preocupada com o que os homens estão dizendo.

“Midas morreu, não foi?” o homem contesta. “Parece-me que ela já tem um novo rei. Passou de um para o outro muito rápido.”

“Mulheres fodidas,” o outro diz com um bufo sardônico. “Sempre cravando suas garras na próxima melhor coisa, não é mesmo? Pulando de um homem para outro. Isso é tudo que elas fazem.”

“Sim, eu ouvi que ela cortou sua garganta e depois roubou sua magia. Seu toque de ouro foi desenfreado depois disso, dourou Ranhold inteiro, matou cem pessoas lá dentro, mas ela escapou.”

“É por isso que não confio em selas,” diz outro, sua voz rouca soando a uma sílaba de um ataque de tosse. “Se elas são pagas para foder, elas não vão dar a mínima.”

Várias gargalhadas soam.

Eu quase pulo quando a mão de Slade chega às minhas costas. “Você quer alguma coisa?”

Piscando, eu me concentro nas pulseiras colocadas na minha frente, de repente me sentindo culpada porque a senhora provavelmente estava me mostrando coisas e conversando comigo, e eu não prestei atenção em nada. “Não,” eu digo, balançando a cabeça. “Elas são lindas, mas não preciso de joias.”

“Ninguém realmente precisa de joias, minha senhora,” diz a mulher. “Mas é bom ter algo bonito.” Ela segura uma faixa simples que tem uma joia preta no centro.

Meus dedos trilham sobre o metal prateado macio. “É muito bonito.”

“Nós vamos levar,” Slade diz, passando o dinheiro para a mulher. Todo o rosto dela se ilumina.

“Vê isso?” Eu ouço o homem dizer. “Enfiou as garras em nosso rei, não foi?”

“Ela deve foder como uma deusa e esguichar esperma de ouro.”

Mais risadas zombeteiras. O homem rouco finalmente terminou com uma tosse convulsa.

Meus dedos se fecham ao meu lado, e o ouro começa a ensaboar contra minhas palmas.

Atrás de mim, Digby segue em linha reta uma fração de segundo antes de avançar. Eu me viro e pego seu braço bem a tempo, sentindo o ouro na palma da minha mão subir e encharcar sua manga. “Não,” eu digo a ele com um aceno de cabeça.

“Minha senhora...” ele resmunga.

“Está tudo bem.”

Seu rosto fica vermelho, mas pelo menos o resto de seus hematomas desapareceram. “Não está.”

“O que há de errado?” Slade pergunta, chegando ao meu lado com a pulseira embrulhada, seu olhar saltando entre Digby e eu.

Solto a mão e a enfio no bolso. Embora os olhos de Slade não deixem de notar a leve marca de mão na camisa de Digby.

“Não há nada de errado,” eu digo com um sorriso, embora eu ache que estou trêmula, porque seu olhar se torna mais intenso, e ele olha ao nosso redor, como se procurando por qualquer coisa que possa ter me chateado.

Mas basta olhar por cima do meu ombro e vejo que os homens se espalharam como ratos de um esgoto. O ouro na palma da minha mão endurece como um olhar zangado.

“Na verdade,” eu digo, me virando. “Acho que gostaria de voltar para o castelo agora.”

“Sério?” Slade pergunta.

Concordo com a cabeça, e ele me observa por mais um momento antes de ir falar com os outros. Olho para trás, para Digby, notando que sua expressão está tensa, as sobrancelhas franzidas. Olhos castanhos afastando a decepção como uma sombra estendida.

“Deveria ter me deixado dizer algo para eles.”

Suas palavras resmungadas quase desenterraram um pouco do peso sujo que foi despejado em meu peito.

“Você pode dizer alguma coisa até ficar com o rosto roxo, e não vai adiantar nada. As pessoas raramente mudam de opinião quando são confrontadas. Eles apenas tendem a ouvir as vozes daqueles com quem já concordam.”

“Não está certo. O que estão dizendo sobre você.”

Eu olho em volta, pegando os olhos de mais pessoas, seus olhares obstinados me fazendo coçar como o arranhão de dedos rebeldes.

“Ou talvez esteja exatamente certo,” eu digo baixinho.

Os olhos de Digby se fixam em mim, mas Slade volta antes que ele possa dizer qualquer outra coisa. “Acho que gostaria de sentar na carruagem no caminho de volta, se estiver tudo bem,” eu digo.

Slade para, o olhar mergulhando no meu como se ele quisesse nadar além da superfície e encontrar o que se esconde sob minhas profundezas. “O que há de errado?”

“Nada,” eu digo novamente, tentando empoleirar aquele sorriso falso no meu rosto.

Ele olha por cima do ombro para os outros enquanto montam em seus cavalos. “Vocês todos vão na frente. Nós vamos alcançá-lo.”

Surpresa passa por mim, mas não digo nada. Digby me dá uma olhada antes de seguir Judd e Lu até os cavalos, enquanto Slade me leva em direção à carruagem. Eu vejo os guardas desamarrando Honey, assim como o cavalo de Slade, prendendo suas rédeas em suas próprias montarias.

Enquanto isso, mais olhares me seguem, mais vozes se intrometem.

“Essa é o animal de estimação dourado. Ela matou Midas, você sabe. Apanhou-o com outra amante e esfaqueou-o num ataque de ciúmes.”

"Você acha que é tinta na pele dela, ou você acha que é realmente ouro?"

"Quanto você acha que vale uma mecha do cabelo dela? Deve ser bom andar por aí com riqueza crescendo em seu couro cabeludo."

"Ela não é nada especial. Tire o ouro e o que você tem? Uma sela rejeitada que esqueceu seu lugar."

"O que ela está fazendo aqui? Não era um rei suficiente para ela? Ela tem que ir e tentar prender os olhos dos nossos também?"

"Espero que ele veja através de seus encantos dourados e a apodreça onde ela está."

"Você acha que uma garota de ouro pode apodrecer?"

Fecho meus olhos contra as palavras, esperando que isso feche meus ouvidos também. Mesmo assim, elas batem contra mim, como granizo em uma janela, ameaçando quebrar.

O cocheiro da carruagem abre a porta para nós, e eu entro primeiro, sentando-me no assento de veludo verde. É maior do que a carruagem em que eu tinha que andar enquanto era nada mais do que uma possível cativa no exército do Quarto, e é mais elaborado também. Esculturas de madeira semelhantes estão gravadas nas paredes, formas geométricas chamando a atenção para diamantes concêntricos e círculos que se sobrepõem ao longo do teto e das paredes.

Quando Slade entra atrás de mim, a porta se fecha atrás dele, e a maior parte da luz e até parte do barulho é isolada. A carruagem inteira sacoleja quando o cocheiro entra em seu assento, e ouço o clique agudo de sua chamada quando os cavalos começam a nos puxar para frente.

Slade está sentado no banco em frente a mim, suas pernas largas abertas em ambos os lados das minhas. Parte da luz do dia entra pela janela com cortinas bem ao nosso lado, embora seja filtrada por um tecido verde transparente.

Apesar dos sons do mercado, das vozes excitadas quando as pessoas veem o emblema real na carruagem enquanto passamos, e do bater dos cascos dos cavalos,

a voz calma de Slade é a coisa mais alta em meus ouvidos. “Agora, quero que você me diga o que realmente está errado, e nada de mentiras, Canário. Eu saberei se você fizer isso.”

CAPÍTULO 49



Auren

Seu olhar é penetrante do tipo que eu nunca aprendi a me esquivar. Ele penetra em mim, perfurando minhas paredes e passando pelo sorriso que ainda tenho preso contra minhas bochechas.

As rachaduras se formam primeiro em minhas bochechas, reduzindo meus lábios, incapazes de segurar a mentira.

“Melhor,” Slade diz, no momento em que meu sorriso desaparece. “Agora, me diga o que há de errado.”

“Não é importante.”

“Não seja desdenhosa. Nós não mentimos um para o outro.”

Soltei um bufo. “Tenho certeza de que toda a nossa fundação estava repleta de mentiras.”

“Talvez no começo, antes de sabermos que podíamos confiar um no outro, mas agora superamos isso.”

Ele estende a mão, agarrando minha mão, levantando minha palma antes mesmo que eu perceba que deveria tentar escondê-la. Eu sinto o peso de seu olhar enquanto ele observa as manchas de ouro borradas.

“Seu ouro sai com sua raiva.” Seu polegar roça o metal pegajoso que seca na minha pele, esfregando-o sobre cada linha e sulco.

“Eles estavam falando sobre mim, alguns homens no mercado. Mas acho que eles podem estar certos.”

Seu polegar faz uma pausa, esfrega contra a almofada logo abaixo do meu dedo indicador. “O que eles disseram?”

Meus olhos se levantam para que eu possa olhar para o rosto dele enquanto falo. Para que eu possa avaliar sua reação. “Eles disseram que eu pulei de um rei para outro.”

A linha severa de sua sobrancelha levanta ligeiramente quando ele move seus olhos para mim. Esperando. Assistindo.

“Não foi isso que eu fiz?” Eu desafio, afastando minha mão de seu toque. “Fui de Zakir, para Midas, para você. Deixando os homens cuidarem de mim.” Balanço a cabeça para mim mesma, cambaleando com as perspectivas externas. “Achei que estava fazendo mudanças, dando passos largos para ser independente, mas e se não estiver? E se eu estiver cometendo os mesmos erros de novo?”

Ele dá um salto para trás, a coluna rígida contra a parede esculpida. “Você acha que você e eu somos um erro?”

Levanto as mãos exasperada, porque quanto mais falo, mais frustrada fico. “Não. Mas e se eu estiver pulando de um rei para outro? Acabei de sair de um relacionamento unilateral cheio de abuso. Finalmente estou livre de tudo isso, livre para viver, e nunca tive isso antes. Nunca. Talvez tentar mostrar minha cara hoje tenha sido um erro.”

Meu peito sobe e desce com as ondas do meu reconhecimento, enquanto o dele fica parado e quieto como o ar sem brisa.

“Por vinte anos, fui pega sob a vontade de outro. E se eu quiser apenas... ir embora? Fugir de toda a confusão e ficar numa casinha no meio do mato onde ninguém me encontre? Ou se eu quiser viajar por toda Orea, nunca estabelecendo

raízes, nunca ficando em qualquer lugar por tempo suficiente para ultrapassar minhas boas-vindas? Eu poderia... aprender algo novo. Escalar uma montanha. Praticar música. Eu poderia conseguir um emprego em algum lugar. Construir algo. Ter um animal de estimação. Eu poderia ir paquerar em um pub. Nadar nua no mar. Ir dançar. Fazer um amigo. Beijar um estranho. Talvez seja isso que eu quero."

Meus olhos brilham nessa última parte, e me pego me preparando para a reação dele.

Por um longo tempo, ele fica quieto.

Eu balanço com o movimento da carruagem, ou talvez seja o movimento em mim, me sacudindo de um lado para o outro com emoções vacilantes, enquanto espero que ele responda.

Como ele pode estar tão quieto, eu não tenho ideia. Não quando sou um variado de mudança desenfreada. Não quando as palavras estão saltando em meu crânio com força suficiente para me dar uma chicotada.

"Então?" Eu exijo. "Você não vai dizer nada?" Ouro desliza ao longo do meu pulso, derramando-se da dobra da minha mão. "Acabei de dizer que quero beijar alguém que não seja você. Estou enlouquecendo com o fato de que toda essa independência recém-descoberta pode nem ser real, ao mesmo tempo em que percebo que o público está me chamando de ladra sedutora e saltitante, e você está apenas sentado aí!"

Meu rosto está quente, meu peito apertado.

Ele se senta para a frente, os cotovelos dobrados flanqueando os joelhos, as mãos entrelaçadas subindo na frente do queixo.

"Você quer que eu grite com você? Que eu fique chateado?"

"Não, eu não sei," eu digo, sentindo-me cada vez mais insegura sobre o que diabos estou dizendo. O que estou sentindo.

Pegando-me completamente de surpresa, ele de repente me levanta do meu assento e me coloca em seu colo. Eu estremeço de surpresa, mas seu aperto firme me mantém no lugar.

“O que você está fazendo?” Eu exijo, debatendo-me enquanto olho para a janela da carruagem. Embora a cortina esteja cobrindo o vidro, ainda é um pouco transparente.

“Sua aura está bastante errática agora,” ele diz, seu tom de conversa. Como se fosse completamente natural para mim estar em seu colo. Como se as dezenas de pessoas que ouvimos do lado de fora nem existissem. “Normalmente, é calma, como o brilho ao redor de um sol da manhã logo que se eleva acima do horizonte.” Ele mexe os quadris e minha respiração fica presa na garganta quando o sinto endurecer debaixo de mim. “Mas quando você está com raiva ou sobrecarregada, ela começa a pular e girar como sua própria tempestade reluzente, pronta para atrair e cegar.”

“Então?”

Seus lábios se curvam com a força da minha réplica, seus dedos cavando em minha cintura. De repente, lembro-me de como essa roupa é fina. Apenas como poucas camadas estão entre a minha pele e a dele.

“Você quer ser independente? Você quer viver sua vida da maneira que achar melhor?”

Eu inclino meu queixo para cima. “Sim. Isso é um problema?”

Seus olhos escurecem, como sombras filtradas pelo chão da floresta. “Devo ter me confundido.” Ele levanta a mão para envolver minha garganta, não para machucar ou forçar, mas para segurar. Dobrar.

Minha cabeça está inclinada para a esquerda, meu pescoço curvado em um convite para que seus lábios desçam. “Você quer viajar pelo mundo?” ele murmura contra a minha pele, tornando-a dura, fazendo-a subir para encontrar seu toque. “Então eu serei sua escolta.” Seus lábios pressionam contra mim, fechados no início, apenas a menor sensação de respiração entre as costuras. “Você quer se esconder?

Vou construir para nós qualquer cabana em qualquer floresta remota que você quiser."

Sua boca se abre, uma onda de hálito quente saindo para cobrir meu pescoço. Mas eu sinto aquele calor descendo, cada vez mais baixo, até que é um redemoinho de ardor queimando em meu estômago.

Estendo a mão, passando meus dedos por seu cabelo grosso, entrelaçando os fios pretos em meu aperto. Puxo com força, sacudindo sua própria cabeça, fazendo seu pescoço dobrar também. E ele me recebe com um sorriso que faz aquele fogo aceso começar a faiscar.

"Quem disse que você está convidado?" Eu desafio com provocação recatada.

Ele ri.

Aquela risada baixa e sensual que sempre vai me arruinar. Ela viaja de seu peito, fazendo meu próprio arco para encontrá-lo, só para que eu possa senti-lo. Assim, sua risada pode viajar dele para mim, e posso sentir como se estivesse me aquecendo em algo totalmente diferente da luz do sol. Para o meu interior deleitar-se com este calor sensual.

"Ah, Canário."

Ah, Canário.

Meus dedos dos pés se enrolam. Minha cabeça se vira tanto quanto seu aperto em minha garganta permite.

"Você não tem prestado atenção. De jeito nenhum."

Prendo a respiração com suas palavras e com a maneira como seus dentes descem para apertar a pele sob minha orelha. A mordidela de seus dentes, o deslizar de sua língua quente, faz meus olhos se fecharem, faz minha respiração acelerar também.

Ele morde com mais força do que eu esperava, não o suficiente para romper a pele, mas o suficiente para meus olhos se abrirem novamente, para minha respiração

ser ofegante. Do lado de fora, as rodas da carruagem batem na estrada irregular, nosso peso se desloca com uma ligeira curva. As vozes das pessoas são apenas uma cacofonia de fundo.

Seus dedos apertam, o polegar levantando meu queixo enquanto ele se inclina para trás para olhar para mim, e então ele muda de posição para que sua mão esteja em volta do meu pescoço. “Isso não vai ser um flerte casual. Isso não vai ser temporário,” ele ronrona, recitando suas palavras anteriores de volta para mim. “Eu conheço sua alma.”

Um beijo pressionado na minha bochecha.

“Sua mente.”

Outro pressionou minha testa.

“Seu corpo.”

Seu aperto inclina meu corpo para trás, fazendo-me arquear, fazendo minha cabeça cair contra sua mão enquanto ele pressiona um terceiro beijo em meu peito. Seus lábios se fecham em torno do botão logo abaixo da minha clavícula.

Não sei como ele faz isso, mas sua boca desliza o botão para fora da abertura, fazendo o tecido se abrir um centímetro. A menor quantidade de pele está nua, e ainda assim todo o meu corpo formiga como se ele tivesse acabado de me despir.

“Eu conheço o seu passado.”

Outro botão.

“Seu presente.”

Outra polegada.

Estou ofegante agora, três botões abertos. Apenas o bandeau mais fino enfeitado com delicada renda preta cobre meus seios.

“Seu futuro.”

A mão do meu pescoço desliza pelas minhas costas. Prendendo minha espinha. Arqueando-me ainda mais. A linha sólida dele cavando na minha bunda.

"Foi o que você me prometeu, não foi, Canário?"

Toda a parte superior do meu corpo está equilibrada em sua mão, meus joelhos dobrados, coxas de cada lado de sua cintura. Uma queimadura de sua respiração pressiona diretamente sobre a curva dos meus seios, o gancho de seus dentes arrastando para baixo no tecido da frente. A fricção me dá vontade de pegar fogo.

Quando eu não respondo, muito envolvida com o que ele está fazendo, deleitando-se com essa luxúria de calor, ele me belisca bem ali no meu peito, me fazendo pular. Seu aperto na minha cintura me mantém presa em seu colo, na rigidez de seu pênis. "Não foi?" ele exige.

"*Sim.*"

Ele acalma o local com um beijo, inclinando-se para trás. "Isso mesmo," ele me diz. "Agora levante a mão."

"O que?"

Seu queixo se ergue. "Está vendo aquele laço de madeira ali? É uma aldrava para o cocheiro, mas quero que você a segure."

Eu sigo esse olhar para o teto, para o diadema articulado logo acima da minha cabeça. "Slade..."

"Faça isso."

Sua instrução aperta meu estômago com excitação, e eu engulo em seco. "Mandão."

"Rei," ele fala lentamente.

Estendendo a mão, sinto o laço de madeira e o puxo para baixo, deixando meus dedos se enrolarem em torno dele. Com os braços para cima, de alguma forma me sinto mais exposta, mais vulnerável.

Mais *animada.*

“Feliz?” Eu contra-ataco, mudando de posição, em tom descarado.

Ele não responde. Em vez disso, seus dedos descem para os últimos botões restantes da minha camisa. Passando-os pelas fendas, deixando cada um se desfazer.

“O que você está fazendo?”

Lá fora, as pessoas falam demais para entender. Aqui, ele não diz nada.

De alguma forma, isso é mais alto.

Ambas as mãos se levantam, calejadas e quentes, abrindo o centro da minha camisa como abrindo as páginas de um livro. Ele deixa o tecido descansar ao meu lado, o estômago exposto, os seios arfando dentro do meu bandeau.

Minha pele estala, cada terminação nervosa esperando pelo que ele fará a seguir. Mas não espero que ele desça até os laços da minha calça. Para puxar a corda e deixá-los soltos.

Uma das minhas mãos estala para baixo, indicador e polegar circulando seu pulso rebelde. “O que você está fazendo?”

Ele faz uma pausa, sobrancelha preta enrugada. “Eu disse a você que você poderia largar esse laço?”

Meu coração pula uma batida. “Slade...”

Recebo um tapa na minha bunda de sua outra mão, tão rápido e afiado que me faz estremecer. “Ei!”

“Eu quero suas mãos para cima e segurando isso.”

Eu não sei o que isso diz sobre mim, mas quando Slade olha para mim com essa fome em seus olhos, quando sua voz estrondosa desliza palavras de comando sensual, eu me curvo. Fervo. Queimo.

Minha mão sobe para segurar o laço, meu peito automaticamente arqueando de volta. Curvando-se para ele.

Ele balança a cabeça em satisfação. “Agora, onde estávamos...”

Sua mão desliza até a cintura da minha calça, as pontas dos dedos roçando por dentro e fazendo a pele do meu estômago pular.

“Você quer escalar uma montanha, eu estarei lá para garantir que você não caia,” ele continua, assim que o primeiro centímetro de seus dedos roça minha calcinha.

“Você quer construir algo? Estarei lhe entregando as ferramentas.”

Minha cabeça gira e meus nervos chicoteiam, e quando sua mão se molda contra mim, quando eu sei que ele acabou de encontrar a umidade reunida ali, eu tremo.

“Mmm, você está molhada para mim, Canário.”

Não consigo evitar minha respiração trêmula. “Sim.” Eu mexo meus quadris, um desejo de que ele se mova, para tocar onde eu comecei a latejar.

Ele responde ao meu aceno silencioso. Seus dedos sobem até meu clitóris, esfregando e circulando, fazendo um gemido passar por meus lábios. Meu aperto no laço aumenta, me aterrando, ao mesmo tempo em que me ajuda a levantar meus quadris, buscando seu toque.

“Você quer flertar em um pub?” Slade pergunta, a boca descendo contra meus seios, sobre a faixa fina bem no meu mamilo endurecido. Seus lábios se fecham ao redor, a língua molhando o tecido, assim como seu dedo se move pela borda da minha calcinha e desliza para dentro de mim.

O suspiro que sai da minha garganta é um rasgo ondulado que parece ecoar dentro deste espaço confinado.

“Você pode flertar e brincar o quanto quiser,” ele ronrona, lambendo a língua, movendo-se para o meu outro mamilo, combinando-o com o calor úmido. “Você pode fazer homens e mulheres quererem você, desejarem você, e eu desejarei junto com eles.”

Meu coração está batendo forte no peito, enrugando minhas costelas, dificultando minha respiração. Seu dedo começa a bombear. Ondulando. Polegar lambendo meu clitóris e fazendo-o inchar. Fazendo-me precisar.

“Slade...”

Sua outra mão sobe para segurar meu rosto, exigindo minha boca que eu dou de bom grado. Um beliscão áspero, uma lambida suave, seus lábios macios pressionando contra os meus.

A dança perfeita.

“Você quer um amigo? Serei muito amigável com você pelo resto de nossas vidas.”

Ele olha para mim, o polegar roçando meu lábio inferior enquanto o outro polegar pressiona ainda mais forte contra meu clitóris, aumentando a pressão, fazendo-me contorcer.

“Grande Divino...”

Slade pega meu queixo, vira minha bochecha.

“E você quer beijar um estranho?” ele acrescenta, a carícia de sua respiração é uma chama escura. “Vá em frente.” Seu toque no meu núcleo é pressionado com mais força, um segundo dedo acrescentado. Seu polegar se move mais rápido. Deliciosamente assim.

Não consigo pensar e, no entanto, tudo o que posso fazer é ouvi-lo. Senti-lo. São suas palavras e seu toque e tudo dentro de mim querendo queimar e explodir.

“Se você precisa beijar, foder e brincar para se sentir livre, então é isso que você fará.”

Eu me arqueio ainda mais, corpo implorando, buscando... tudo isso enquanto minha mente gira com suas palavras. Sua boca está contra minha orelha, a mão segurando minha cintura, a outra usando fricção para me fazer pegar fogo.

“Mas lembre-se, Auren. Seu corpo, seu prazer, você me deu. Então eu estarei lá, onde quer que você decida que precisa estar. Em um bar. Em um mar. Em uma cama. Estarei lá com você. Observando você. Juntando-me a você. Você é minha, e eu sou seu, e seja qual for o prazer que você procura, estarei lá para vê-la obtê-lo, e darei a você dez vezes mais depois, porque você é minha, e farei com que você consiga o que precisa.”

Suas palavras. Suas palavras sujas e deliciosas.

São um bálsamo contra as dúvidas turbulentas, revestindo-me de um assentimento provocativo.

“Slade...”

“Goze para mim, Canário.”

E eu faço. Um golpe, tão quente que parece frio, percorre meu corpo, fazendo-me arquear. Eu grito com o raio, com o prazer de seu toque, com o que ele disse.

Ele carrega através de mim com pura eletricidade, até que estou golpeado e trovejando, todo o meu corpo brilhando de prazer cegante que me faz tremer da cabeça aos pés.

Leva vários segundos para eu ver claramente de novo, para meus olhos piscarem além da felicidade que ainda pontilha minha visão. Meu corpo inteiro parece cru, como o chão carbonizado onde um raio acabou de cair, e eu praticamente caio em seus braços.

Mas ele ri.

E eu conheço essa risada.

“Não fique muito confortável. Estamos apenas começando.”

CAPÍTULO 50



Auren

O resíduo do meu prazer desaparece lentamente, então levo um segundo para processar o que ele disse. Há um brilho travesso nos olhos de Slade que faz meu estômago revirar.

Mãos caindo do laço, eu me mexo em seu colo. “O que?”

“Estamos tendo uma conversa muito séria e ainda não terminamos.”

“Sério? Porque tenho certeza de que eu acabei,” eu digo com um sorriso malicioso.

Um sorriso se estende por seu rosto bonito, suas linhas escuras balançando contra a pele de seu pescoço.

“E, além disso, talvez eu queira ir e tentar beijar um daqueles estranhos de quem estávamos falando,” provoco.

Chocando-me como o inferno, ele estende a mão e abre um canto da cortina. “Escolha um.”

Eu instantaneamente bato meu corpo contra seu peito, olhos arregalados enquanto olho pelo canto da janela revelada, para as pessoas que passamos na rua. “Slade,” eu assobio.

“Não se preocupe, eles não podem ver você. Não, a menos que você queira.”

Deve haver algo perverso em mim, porque meu sangue esquenta.

Sua mão enfia o canto inferior da cortina no entalhe na moldura da janela, mantendo-a dobrada para trás em uma lasca de uma polegada. “Vou te foder nessa carruagem, Canário.”

Um arrepio de corpo inteiro toma conta, minhas mãos presas na curva de seus ombros. “Há pessoas lá fora,” eu digo sem fôlego, mesmo agora, virando-me para olhar através da cortina. “Eu nem deveria ter deixado você fazer o que você já fez. E se alguém viu? Ouviu?”

“Sim, e se?”

Não pensei que ele pudesse ser mais escandaloso do que já era, mas Slade não faz nada pela metade. E quando se trata do calor entre nós? Ele sempre aumenta isso, sempre me pega desprevenida com a maneira como ele pode fazer minha mente nadar com luxúria e meu corpo se curvar à fome.

“Estamos na parte mais movimentada da cidade. Essas ruas estão cheias de gente. No entanto, aqui estava você, no meu colo, se contorcendo quando toquei sua boceta molhada.”

Minhas mãos apertam os tons duros de seus músculos. “Slade.”

Ele se esfrega em mim, seu comprimento rígido atingindo meu ponto sensível e me fazendo estremecer. Simplesmente o pensamento dele afundando em mim faz meu pulso acelerar. O pensamento dele fazendo isso enquanto apenas uma parede fina da carruagem nos separa de todos os outros. Mesmo agora, posso ouvir um conjunto de gritos e falas ininteligíveis, de cascos e rangidos, portas se abrindo, dezenas de pés arrastando-se contra os caminhos.

Faz meu coração galopar.

Como se ele pudesse ler minha mente, um lado de sua boca se inclina para cima. “Você quer experimentar as coisas, então vamos experimentá-las. Vamos começar vendo se sua boceta fica mais molhada com uma pitada de exibicionismo.”

Ele se espreme de novo, exala do fundo do meu peito.

“E se você quiser experimentar outra pessoa? Então você diz a palavra e eu te levo ao bordel mais próximo e você pode escolher.”

Seus dedos se enroscam em minha cintura, deslizando-me para frente e para trás sobre seu pênis. Novamente. E de novo. E de novo. Não importa que eu tenha acabado de ter um orgasmo, porque com a maneira como ele puxa meu corpo e me dedilha em uma cadência de luxúria, estou mais uma vez ficando quente, ficando molhada.

Meu rosto inteiro parece que estou pairando sobre uma tigela fumegante, deixando-me com um brilho corado. “Como você pode simplesmente dizer coisas assim?” Eu pergunto, minha voz irregular com os puxões de meus quadris.

“Não há vergonha entre nós. Especialmente não sexualmente.”

Para provar seu ponto, ele de alguma forma me gira até que a curva da minha bunda esteja presa profundamente contra sua virilha. Ele prende suas coxas sob as minhas e as abre, me abrindo bem. A cintura da minha calça desabotoada se abre, muito grande e muito solta para fazer qualquer coisa além de cair em volta dos meus quadris como o envelope de um convite já rasgado.

“Fae são carnais. Sensuais.” Suas mãos descem, deslizando facilmente de volta para onde haviam parado. Todos os quatro dedos deslizam para cima e para baixo sobre o meu monte, pressionando com força, um arrasto firme de fricção lenta. “Seus desejos não devem ser contidos ou controlados. Não me intimido com suas curiosidades, porque elas são naturais, e porque você foi contida por muito tempo. Nunca vou cortar suas asas, Canário.”

Suas palavras sombrias me envolvem, e eu me inclino para trás contra seu peito, deixando minha coluna se mover com sua respiração. Embora meus olhos ainda se voltem para aquela janela, para os corpos se movendo do lado de fora. Todo mundo lá fora torna tudo o que ele está fazendo aqui muito mais tentador.

Slade usa uma mão para virar minha bochecha, para travar nossos olhares juntos. “Quando digo que você é minha, não é propriedade barata. Eu não vejo você

como uma figura para prender no meu braço como um brinquedo para manter longe de todos os outros."

Essa era a única maneira que eu conhecia.

"Então, o que você está dizendo exatamente?" Eu pergunto com uma respiração falhada.

"Quero dizer que você é minha para agradar. Para dar prazer." O motivo em seus olhos combina com o arrasto de sua mão, a curva de sua palma enquanto ele pressiona meu clitóris latejante e me faz ver faíscas de luz atrás de meus olhos. "Você é minha para proteger. Adorar. Ouvir. Ver. Experimentar. Amar."

Um caroço sem caroço queima em minha garganta.

"Você é minha, Auren. Tão inteiramente quanto eu sou seu. Se há algo que você deseja, se há alguma liberdade que você quer experimentar, então você o fará, e eu estarei com você. Assistindo você devorar seus desejos. E então vou devorá-la."

Eu me viro para encará-lo mais, para observar as linhas nítidas de sua mandíbula, a sinceridade em seus olhos. "Você realmente iria a qualquer lugar comigo, faria qualquer coisa? Até mesmo recuar se eu quiser beijar alguém que não seja você?"

"Não cometa erros. Vou observá-la com fome e me deliciar com a cena de sua emoção. Mas depois que você se saciar, eu estarei lá, enfiando meu pau em sua doce boceta, expurgando todos os outros de sua pele enquanto te tomo. Uma e outra vez. Até que você se lembre que sou eu quem você mais deseja. Aquele que sempre vai te dar o que você precisa. Até que você se lembre de que é minha novamente."

Grande Divino.

"Então o que vai ser, Canário?" ele ronrona em meu ouvido. "O que será?"

Palavras inocentes. Com um mal significado.

Meu peito arfa com suspiros, meu corpo um milhão de formigamento por toda parte. Meus pensamentos girando.

O que será?

Eu lentamente me levanto de seu colo, viro. E com o raio de luz entrando por aquela janela espiada, eu me ajoelho. Bem ali nas tábuas apertadas do assoalho entre a extensão de suas coxas abertas.

E eu olho para ele, olho no olho, verdade na verdade, e digo: “Eu escolho você.”

Seus olhos brilham. As mãos se fecham em punhos ao lado do corpo, como se fosse a única maneira de não me agarrar. Porque ele sabe o que estou dizendo. E pela intensidade que surge em sua expressão, ele também sabe que estou falando sério.

Sempre vai ser ele.

Posicionada entre suas pernas, desfaço os laços de sua calça, deslizando os cordões para fora de seus laços. Eu olho para ele, e com seu olhar queimando em mim, eu puxo. Seus quadris levantam apenas o suficiente para que eu os puxe para baixo, apenas o suficiente para eu ver uma polegada de cabelo escuro.

Quando eu olho para ele, ele acena com a cabeça. “Continue, Canário. Deslize seus dedos até meu pau e reivindique o que é seu.”

Uma onda passa por mim quando estendo a mão e puxo a frente de sua calça. Eu mergulho sob a abertura e agarro seu comprimento, puxando-o para fora.

Ele geme. Chega os quadris ligeiramente para cima na mudança de posição mais sexy que já vi.

Ainda olhando para ele, eu seguro seu pau e aperto, bombeando-o lentamente. Uma vez. Duas vezes. Três vezes.

“O fato de você não se sentir ameaçado por nenhuma dessas coisas que eu disse a você, o fato de que você apoiaria qualquer uma das minhas decisões e desejos... Tenho que admitir, é muito excitante,” eu digo a ele.

“Sim?” Slade pergunta, enquanto se abaixa e segura meu queixo. “Mostre-me.”

Uma nova corrente passa por mim rapidamente, me incendiando até o âmago. Quando ele está assim, quando ele me mostra essa luxúria dominante, ela se espalha por mim como um incêndio, e tudo que eu quero fazer é queimar.

E eu quero que ele queime comigo.

Eu abaixo minha cabeça, passo a língua para fora na gota de contas coletada apenas em sua ponta. Minhas papilas gustativas se enrolam em torno do sabor de seu almíscar, minha língua provoca quando eu giro em torno da cabeça. Lambendo-o. Molhando-o. Provocando-o até que salte na minha mão.

“Mmm, você quer jogar?”

Em resposta, e talvez apenas para pegá-lo desprevenido, de repente abro meus lábios e chupo a cabeça de seu pênis. Uma inspiração range por entre os dentes cerrados enquanto mergulho minha cabeça, tentando ir mais baixo, tentando levá-lo o mais fundo que posso.

Mas ele é grosso. Grande. E tão incrivelmente difícil. Minha mandíbula se aclimata, relaxando enquanto eu me movo para cima e para baixo sobre ele, tentando ir um pouco mais fundo a cada vez.

“Que boca perfeitamente indecente você tem,” diz ele, assim que suas mãos descem para enfiar no meu cabelo, mergulhando em minha trança, os dedos cutucando.

“Deixe-me ver,” ele me diz. “Boca aberta. Língua para fora.”

Eu me afasto dele, abrindo os lábios para atender ao seu pedido. Minha língua está plana, esticada o máximo que pode. Sua mão desce sobre a minha na base de seu pênis.

“Sim. Olhe para isso,” ele diz enquanto bate sua coroa contra minha língua estendida. “Língua travessa. Lábios profanamente macios. E você aqui, querendo se ajoelhar entre as minhas pernas com os olhos no meu pau. Você é uma garota perfeitamente perversa.”

Essas emoções com suas palavras estão se acumulando em meu estômago, uma recompensa de luxúria para eu consumir.

Ele solta seu aperto, deixando minha mão agarrá-lo sozinha novamente. “Eu quero que você dê um tapinha na minha coxa se for demais, ok?”

“Não vai ser demais,” eu digo rapidamente.

Ele sorri. “Não me tente. É melhor não forçar seus limites enquanto estivermos em uma carruagem em movimento.”

Engulo em seco enquanto me pergunto quais são exatamente esses limites aos quais ele está se referindo.

Antes que eu possa perguntar a ele, seus dedos enfiam mais fundo em meu cabelo e ele puxa minha cabeça para baixo. Eu vou com facilidade, abrindo os lábios ao redor dele enquanto o observo novamente. Mas desta vez, sua mão está na minha cabeça, me guiando.

Ele vai devagar no começo.

Deixando-me acostumar com sua espessura, contente em me deixar lamber e girar ao redor da parte de baixo dele enquanto eu balanço para cima e para baixo, enquanto minha mão ainda aperta sua base.

Mas quando subo, parando muito no topo, ele me empurra de volta para baixo. “Mais fundo desta vez, Auren.”

Eu relaxo minha mandíbula. Levo-o para baixo. E ele me empurra cada vez mais até que eu começo a engasgar. Ele me mantém ali por um momento, e talvez seja um teste, mas não toco sua coxa. Eu quero fazer isso por ele. Eu posso estar ajoelhada, mas há poder aqui em meus joelhos, com ele em minha boca, com ele sob minhas mãos. Tal poder aqui.

Ele puxa minha cabeça para trás, me deixa engolir um pouco de ar antes de colocar seu pau de volta na minha boca. “Relaxe sua garganta, baby,” ele murmura com voz rouca. “Deixe-me sentir você me engolir.”

Eu supero a inclinação do meu corpo para engasgar ou sufocar, a garganta trabalhando para tentar engolir como alguém morrendo de sede.

E então a carruagem dá uma guinada, empurrando-me para cima, trazendo-me de volta para baixo com força, rápido e áspero, seu pau batendo no fundo da minha garganta.

“Foda-se,” ele sibila. Sua mão livre vem à minha garganta, pressionando o polegar suavemente, com reverência. “Eu posso me sentir dentro de você, bem aqui, porra.”

Engulo de novo, as lágrimas margeando minhas pálpebras e escorrendo pelo meu rosto, minha respiração ofegante forçando meu peito.

Quando ele me guia de volta, e eu suspiro em minhas inalações, respirando nivelando, eu não espero que ele me guie lentamente desta vez. Em vez disso, eu desço sobre ele com fervor, chupando e balançando tão rápido que arranca um rosnado cruel de sua garganta, e seus dedos apertam meu couro cabeludo com uma picada.

E é aí que eu ataco.

Com o punho fechado em torno de sua base, deixei meu ouro pingar.

Sai em calor solvente, metal líquido hedônico que enrolei em seu comprimento, deslizando ao redor dele, cobrindo-o com um brilho escorregadio que faz Slade cambalear no banco. “Porra...”

O ouro escorre e o cobre como óleo, até que ele praticamente me arranca do chão. Eu me inclino sobre ele, observando o olhar selvagem e feroz em seu rosto, seus olhos se fundindo do verde ao preto. “Essa foi uma maneira muito perversa de usar seu toque de ouro,” diz ele enquanto puxa minha calça até que ela fique pendurada em meus tornozelos. Ele estende a mão e agarra minha mão ainda molhada de ouro, e a pressiona firmemente no meu monte, me fazendo ofegar.

Com a umidade acumulada já lá, o líquido acumulado na palma da minha mão me deixa tão escorregadia, tão escorregadia que quase caio de volta no banco.

“É isso,” ele sussurra. “Agora afunde no meu pau. Eu quero você de frente. Quero seus olhos na janela. Eu quero que você veja todas aquelas pessoas do lado de fora enquanto eu te fodo. Reivindico você.”

Um gemido vem dos meus lábios quando me viro. Ele agarra meu corpo trêmulo e me leva para baixo. Dolorosamente lento. A coroa de seu pênis me rompe, me estica, e ele me dá centímetro por centímetro. Afundando-me, cada vez mais baixo, tão devagar que posso sentir cada pedacinho dele.

Ele afasta meus joelhos, abrindo-me bem, e logo antes de eu atingir o talo, ele me bate aquele último centímetro, fazendo meus lábios se abrirem com um ruído de surpresa que ricocheteia nas paredes confinadas.

“Deusa...”

Sua boca sobe contra meu pescoço, pressionando, respirando, lambendo. Uma mão sobe para agarrar meu seio, para mergulhar sob o tecido e torcer meu mamilo, para amassar minha carne quente e pesada.

“Foda-me, Auren. Pule no meu pau.”

Eu apoio minhas mãos em seus joelhos enquanto me levanto para cima e para baixo, trêmula no início, movimentos ligeiramente desajeitados. Mas então ele usa as mãos para segurar minha cintura firme, para ajudar a me guiar para cima e para baixo, e eu ganho um ritmo. Inclino meus quadris para que ele atinja aquele ponto dentro de mim.

O primeiro gemido escapa.

Meus olhos disparam para a janela. Para aquela lasca de luz aparecendo, para os corpos se movendo. Cabeças, pés, lojas, vitrines.

Eles podiam ver alguma coisa. Ouvir alguma coisa. Podiam me ver transando com o rei deles, podiam ouvi-lo gemendo meu nome enquanto eu o reivindico atrás dessas paredes finas como papel. Todos os rumores, todas as acusações de eu tê-lo seduzido por causa de sua magia, agora, parece quase risível.

Porque ele me seduziu tão profundamente.

“Você está olhando, querida?” ele murmura. “Você está olhando para todas aquelas pessoas do lado de fora enquanto você me fode? Enquanto fazemos essa coisa tão imunda aqui onde todos podem ver?” Ele me penetra por baixo, e eu juro, é como um raio de prazer.

Eu gemo. Muito alto. “Slade...”

“Shh, Canário,” ele diz, uma mão subindo para cobrir minha boca. Eu arqueio minhas costas, mordendo seu dedo entre minha mandíbula tensa.

Eu preciso dele. Eu preciso tão intensamente que meu corpo está subindo, meus olhos observando. Minhas pernas se movem mais rápido para cima e para baixo, batendo com mais força, perseguindo o pico que continua subindo e subindo.

“Não faça barulho,” ele ronrona, embora soe como um desafio. Como se ele quisesse que eu gritasse.

E ele deve, porque sua outra mão desce para o meu clitóris dolorido e começa a vibrar sobre ele para acompanhar o ritmo da nossa foda.

Nós somos barulhentos.

Muito alto.

Sua cabeça bate contra a parede atrás dele. Meus gemidos começam a vir de verdade. A pele da minha bunda batendo contra suas coxas, e eu não me importo.

Eu não me importo se eles veem, se eles ouvem.

Na verdade, eu gosto disso. A emoção. A vulgaridade dessa foda selvagem. Como se fosse um segredo perverso prestes a ser revelado.

“Eu posso sentir sua boceta tremendo,” ele sussurra. “Você quer gozar, baby?”

Minha resposta é murmurada contra sua palma fechada. “Sim...”

É uma resposta.

É um apelo.

“Eu quero que seu gozo cubra meu pau. Eu quero que sua boceta me aperte com tanta força que exija que eu goze com você. Eu quero explodir dentro de você até que meu sêmen e seu ouro saiam pingando dessa quente...” - impulso - “Apertada” - impulso - “Boceta.” Impulso.

Eu explodo.

Com seus quadris empurrados tão profundamente dentro de mim que posso senti-lo em meu útero, eu explodo em chamas e êxtase. Meu orgasmo é trêmulo e fraco, um arrepio de corpo inteiro que me faz gritar contra sua mão.

Eu sinto seu impulso agitado dentro de mim, e então ouço o gemido mais erótico quando ele se derrama dentro de mim, cumprindo sua promessa molhada.

Perfeição.

Perfeição pura em sua sedução perversa.

Quando meu orgasmo desaparece, eu caio contra seu peito, e ele me segura em seu colo, o salto de nossas respirações apressadas emparelhando-se.

E eu percebo então, que aqueles homens no mercado? Eles não estavam errados.

Eu pulei de um rei para outro, de um macho para outro.

Mas a diferença?

Desta vez, eu realmente escolhi certo.

CAPÍTULO 51



Auren

Depois que voltarmos para Brackhill, descobrimos que os outros já chegaram, pois, aparentemente, Slade mandou o motorista nos levar pelo caminho mais longo.

Não é a primeira vez que ele faz isso comigo. Ele definitivamente me levou pelo caminho mais longo em nossa jornada para o Quinto Reino.

Lado bom, eu não tive que explicar meu atual estado de desordem. Nenhuma quantidade de pentear com os dedos ou tentar agir naturalmente iria consertar meu cabelo despenteado ou o vermelho polido em minhas bochechas.

Eu me lavei, tomei o banho mais longo e quente que pude, e saí cheirando a jasmim e favos de mel. Depois, Slade me sentou na frente do assento perto da janela e escovou meu cabelo em movimentos suaves e lânguidos.

Isso me fez querer me enrolar e ronronar.

Agora, com uma trança simples nas costas e algumas mechas soltas no rosto, escolho um dos vestidos que compramos enquanto estávamos na cidade. Pode não ser adaptado diretamente ao meu tamanho, mas cabe, e a cor me lembra nuvens de tempestade.

Deslizo-o sobre a minha cabeça, o pescoço quadrado mostrando apenas uma sugestão de decote, o material franzido esticado em volta dos meus seios. Logo abaixo, a saia franzida em camadas cinzas puxadas para baixo dos meus tornozelos, as

mangas apenas um pouco esparsas de dobras transparentes penduradas no topo dos meus ombros. É simples, mas bonito, e muito mais confortável do que qualquer um dos vestidos que usei no Quinto Reino.

Slade vem caminhando para fora do armário, os dedos fechando o botão em seu pulso. Sua camisa de mangas compridas é preta como sempre, mas com grossos fios marrons enfiados nas costuras dos ombros e botões bicone de latão enfeitados na frente. A camisa está enfiada em calças pretas que abraçam sua virilha e coxas muito bem. Com botas e a jaqueta formal que ele veste, ele parece intimidador e sexy, seu cabelo ainda levemente úmido de sua própria lavagem.

Seu olhar desce pela minha figura e volta para cima novamente, e ele se aproxima para deslizar um braço em volta da minha cintura e me puxar para perto. Seus lábios pressionam contra o topo da minha cabeça. “Você está bonita.”

“Você também,” eu digo quando ele se afasta.

Cavando no bolso, ele tira a pulseira delicada que comprou no mercado e a coloca no meu pulso. “Você deveria dourar isso assim que puder,” ele me diz.

“Por que?” Eu pergunto curiosamente, dedo correndo sobre a pedra preciosa escura.

“Você não pode criar ouro novo durante a noite, mas ainda pode chamá-lo. Eu sempre quero que você tenha alguns com você para que você possa se proteger.”

Eu sorrio. “Inteligente.”

Ele enrola uma mecha do meu cabelo em torno de seu dedo e, em seguida, puxa-o suavemente, olhando para o meu rosto. “Você está pronta para este jantar?”

Meus dedos torcem juntos. Na verdade não, mas Slade e eu discutimos longamente como vamos lidar com Manu quando certos tópicos surgirem. Ainda assim, é estressante, especialmente sabendo o que eles querem.

Em vez de expressar essas preocupações, digo: “Fui uma presença constante nos bastidores de muitas conversas políticas.”

“Mas você não será um elemento fixo e não ficará em segundo plano. Você estará ao meu lado.”

Esse fato me intimida e me encoraja.

“O que você acha que Manu vai dizer?”

Slade dá de ombros. “Ele é conselheiro de sua irmã. Tudo o que ele disser esta noite será seu esforço político para fortalecer a posição de Kaila. Será interessante ver em que ângulo eles escolherão jogar.”

“Eles estão me convocando para um Conflux. Eu diria que o ângulo deles é que eles me odeiam.”

“O ódio não tem nada a ver com isso,” responde Slade. “Quando se trata dos jogos que os monarcas deste mundo jogam – inclusive eu – trata-se de estratégia. Não há sentimentos envolvidos, trata-se apenas de poder. Como obtê-lo, como mantê-lo, como obter mais dele. E, acima de tudo, como garantir que os outros não tenham mais poder do que eles.”

“Como o boato de que eu roubei a magia de Midas,” eu reflito.

“De fato.”

“Esses esquemas políticos são exaustivos.”

“Eles podem ser,” diz ele. “Mas ser um rei era a única maneira de garantir a proteção de Deadwell, e assumir o Quinto Reino não era viável na época. Além disso, odeio o frio.”

Eu bufo.

“Vamos?” ele pergunta, estendendo o braço.

Eu pego as novas luvas até o cotovelo do pé da cama e as coloco antes de deslizar minha mão na curva de seu braço.

Juntos, deixamos seus aposentos, minha mão livre roçando o corrimão curvo enquanto começamos nossa descida para o andar de baixo. As solas planas dos meus sapatos deslizam silenciosamente pelo ladrilho enquanto atravessamos a entrada e

seguimos para os fundos do castelo, o espaço se estreitando em um corredor. Lambris de madeira escura se estendem até a metade das paredes, cada um esculpido em um quadrado perfeitamente simétrico e preso com papel de parede folhoso acima dele.

Slade me leva além do pedaço de parede de ferro à minha esquerda, o metal formado em uma árvore retorcida, suas raízes esticadas como se desaparecessem no painel de madeira.

“Senhor.” O guarda de serviço em uma porta acena para Slade quando nos aproximamos.

“O enviado do Terceiro já desceu?”

O guarda balança a cabeça. “Ainda não, Majestade. Ele ainda está em seus aposentos.”

“Bom.”

A porta é rapidamente aberta para nós, e a sala de jantar tem o mesmo lambril, embora o papel de parede aqui seja verde-escuro, emendado por janelas altas e pontiagudas. Meus olhos imediatamente se voltam para o lustre de madeira pendurado no centro da sala. Ela se estende por pelo menos três metros, parecendo que a copa de uma árvore foi cortada e virada de cabeça para baixo. Um toco polido está suspenso no teto, seus galhos empoleirados como o dossel perfeito. Cada centímetro da madeira foi alisado, há muito tempo despojado de suas folhas e casca, deixando a madeira bruta por baixo com seus anéis e nós. Penduradas nos galhos estão pequenas lanternas do tamanho da minha mão, pelo menos quatro dúzias delas penduradas em comprimentos diferentes, lançando luz quente sobre a mesa abaixo.

Sentados à mesa de jantar estão três pessoas cujas vozes diminuem com a nossa chegada, mas então, quando suas cabeças se levantam e eles veem quem entrou, as cadeiras são empurradas, sorrisos se espalhando em seus rostos.

“Você está de volta,” uma voz profunda de barítono cumprimenta.

Slade sorri quando um homem se levanta para nos receber. Ele tem pele morena escura e olhos sépia ricos que são enrugados nas laterais com seu sorriso. Há uma

mecha de fios prateados em seu cabelo curto e ele está usando uma roupa semelhante à de Slade.

“Bom ver você, Warken.”

O homem dá um tapinha no ombro de Slade. “Você também. Começamos a pensar que você finalmente decidiu se esquivar e pendurar sua coroa para sempre.”

“Não me tente,” Slade responde com um sorriso. “Vocês sabem que todos fariam um trabalho muito melhor do que eu.”

“Para a política, sim, mas sua ameaça de podridão é eficaz,” diz uma voz feminina.

A mulher que estava sentada ao lado de Warken se aproxima, os tons quentes de sua tez escura brilhando lindamente à luz da lanterna, seu vestido vermelho rubi apertado sobre seu corpo cheio e balançando a seus pés. As tranças de seu cabelo são cachos de cachos que roçam seus ombros, prata e preto misturados.

“Nós ouvimos que você já decidiu se esgueirar para a cidade antes mesmo de vir dizer olá,” ela diz com uma reprimenda afetuosa, pouco antes de dar um abraço em Slade.

“Queria arrastá-lo um pouco mais,” ele responde.

A terceira pessoa da mesa também se aproxima, mas esta mulher é muito mais jovem, seu rosto é a cara da mulher mais velha, embora perfeitamente suavizado pela juventude, as maçãs do rosto preenchidas com um brilho bronzeado vibrante. Ela é curvilínea e bonita, com o mesmo tipo de calor que a outra mulher.

“Já era hora,” ela brinca quando ela se aproxima, assim como seus olhos castanhos piscam para mim com curiosidade.

Slade se vira para mim. “Pessoal, esta é Auren, como eu disse em minhas cartas. Auren, estes são Warken e Isalee Streah, e a filha deles, Barley. Warken e Isalee são meus Primeiros-ministros. Eles estão sempre no comando do reino enquanto estou fora. Eles agem como os únicos guardiões do Quarto e garantem que tudo seja resolvido na minha ausência... e na minha presença,” acrescenta com um sorriso

malicioso. “Eles são governantes muito melhores do que eu. Posso sentar no trono, mas eles fazem todo o trabalho braçal.”

“Só porque ele odeia,” diz Warken com uma risada. “Não tem jeito para política e procedimentos adequados. É aí que entramos.”

Slade dá de ombros, não negando nem um pouco.

“É muito bom conhecer todos vocês,” digo a eles com um sorriso.

“Grande Divino, você é ainda mais bonita do que ele descreveu,” Isalee, a mulher mais velha, diz enquanto se aproxima. Suas mãos delicadas agarram as minhas enquanto ela sorri para mim.

“Descreveu?” Eu pergunto, sacudindo meus olhos para ele.

“Ele disse que o ouro era sua nova cor favorita,” diz ela com um sorriso. “Eu posso ver o porquê.”

Minhas bochechas esquentam.

“É uma boa mudança de marrom podre para verde mofado,” brinca Barley.

Um bufo escapa de mim, e então Isalee se move para Warken pegar minha mão. “Se você enjoar deste aqui, temos dois filhos,” ele me diz com um brilho malicioso nos olhos.

“Pai,” diz Barley revirando os olhos. “Você não pode continuar tentando casar meus irmãos toda vez que conhece alguém novo.”

Warken suspira. “Eu vou estar morto em um túmulo antes que qualquer um de vocês tenha filhos.”

“Você tem apenas cinquenta anos. Você está bem,” ela retruca. “Além disso, Dis prefere homens na maior parte do tempo e está sempre ocupado na cervejaria.”

Meus olhos se arregalam. “Espere um minuto...” Eu olho entre eles, pensamentos se encaixando enquanto me lembro de algo.

Minha família é dona de uma cervejaria no Quarto. Mas eu saí fácil. Meu irmão mais velho se chama Distill. Azar, isso. Mas nós dois temos um pouco de ciúmes de nossa irmã, Barley. Ela tem o melhor nome do lote.

"Você é parente de Keg!" Eu deixo escapar com entusiasmo. Agora que cliquei, posso ver a semelhança familiar, embora ele tenha se parecido mais com o pai, posso ver nos olhos deles.

"Você conhece nosso filho?" Isalee pergunta, carinho claro em seu tom.

"Quando perguntei sobre o nome dele, ele disse que você era dono de uma cervejaria." Meus olhos se voltam para a irmã de Keg. "Ele disse que você tem o melhor nome de vocês três."

Todos riem, Barley sorrindo com uma pitada de satisfação. "Isso é porque eu faço."

"O pai deles os nomeou," diz Isalee, revirando os olhos, mas enviando um sorriso afetuoso para o marido.

Warken apenas rola sobre os calcanhares, completamente satisfeito consigo mesmo. "Minha família é dona da cervejaria há gerações. Achei que seria adequado."

"Você também possui a maior parte das terras no Quarto. E administra o comércio de especiarias de maior sucesso. Além dos balneários. E os moinhos de água. Poderia ter nos dado o nome de qualquer um deles," diz Barley. "Não que eu esteja reclamando, porque ganhei o melhor nome."

Ele acena para ela. "A cervejaria é a minha favorita." Inclinando-se para mais perto de mim, ele diz: "É muito lucrativo."

"Wark," sua esposa interrompe. "Não é educado falar sobre dinheiro."

Meus lábios se inclinam para cima. "Eu sou ouro. Está tudo bem."

Warken ri. "Ah, eu gosto de você," diz ele, apontando um dedo para mim. "Então, diga-me, como está o nosso Keg? Você sabia que ele deveria entrar na política com o resto da família?"

“Sim, e ele não o fez. Ele era o esperto do grupo,” Barley diz secamente.

Warken aponta o polegar para Slade. “Em vez disso, ele se juntou ao exército deste homem, decidindo que, em vez de fazer jogadas de poder e escrever delegações, ele preferia cozinhar.”

“Bem... a sopa dele era muito boa,” eu brinco. “Melhor cozinheiro do exército, se você me perguntar.”

“Então vocês dois se conheceram corretamente?” Isalee pergunta.

Eu concordo. “Sim. Ele foi muito legal comigo, desde o começo. E ele me alimentou, então ele era um favorito instantâneo.”

“Bem, vamos alimentá-la também,” ela responde calorosamente. “Temos algumas coisas para resolver antes que o jantar comece formalmente.” Seus olhos escuros se voltam para Slade. “E devemos falar antes que o conselheiro do Terceiro chegue.”

Todos nós vamos para a mesa, onde Slade puxa uma cadeira para mim ao lado dele. Warken, Isalee e Barley estão todos sentados à nossa frente, deixando o assento na cabeceira da mesa livre.

“Você não deveria estar sentado ali?” Eu digo a Slade quando ele se senta ao meu lado.

“Eu prefiro sentar ao seu lado,” diz ele com uma piscadela.

“Ele também gosta de jogar jogos mentais,” Warken ri. “Colocar o Manu ali é uma boa forma de fazer algo inesperado e colocá-lo um pouco mais na berlinda.”

A mesa é uma placa grossa de madeira, tão escura que é quase preta, as bordas deixadas cruas, exibindo os veios e os acabamentos irregulares. Já há pequenos pratos dispostos, juntamente com talheres polidos e taças de madeira, e Slade rapidamente me serve um pouco de pão fresco e vinho antes de se servir.

Uma vez que estamos situados e eu já dei minha primeira mordida, Slade olha para eles. “Tudo bem. Coloque tudo para fora.”

Isalee abaixa sua própria taça com um aceno de cabeça. “Desde que você partiu com o exército para viajar para o Quinto, garantimos que o posto avançado em Cliffhelm fosse consertado e os soldados de lá substituídos. Claro, quando o carregamento de suprimentos não chegou, nós nos certificamos de enviar uma carga de backup que deveria chegar lá dentro de uma semana. Então, como você sabe, tivemos novos recrutas para o exército que estão no campo de treinamento em Farncroft.”

“Bom,” diz Slade. “E as minas?”

É Warken quem responde. “Eles atingiram outro bolsão muito produtivo há três semanas. Temos feito questão de trabalhá-lo, refrescando os trabalhadores de lá também, mantendo o moral alto com aumentos salariais enquanto trabalham nas fissuras para extrair o petróleo.”

“E as montanhas do norte?”

“Antes do cronograma nos depósitos minerais, esse veio foi incrivelmente fácil de extrair. Estamos trabalhando rapidamente para nos prepararmos para possíveis conflitos com os outros reinos,” explica Warken, esfregando a mão no queixo, pensativo. “Assim, nossas reservas estão altas. Temos muitos fundos para fazer o que precisa ser feito com armas, novos arsenais e estoques de alimentos.”

“Mas aí está o problema,” acrescenta Barley, olhando para Slade. “Acabamos de receber notícias de outro de nossos portos. Nossas importações diminuíram.”

“De onde?”

“Terceiro Reino.”

Ao meu lado, o corpo de Slade enrijece. “Quantas remessas chegaram?”

Barley troca um olhar com a mãe antes de responder. “Três.”

Ele fisicamente recua. “Três?” Seus olhos deslizam pela mesa. “Como pode ser? Eu sei que você mandou avisar que o carregamento de suprimentos para Cliffhelm parecia ter algum problema quando desapareceu, mas isso...”

“O melhor que podemos dizer,” Warken começa, seu rosto sombrio, “É que este não é mais um incidente isolado. Não é mais sabotagem de embarque. O Terceiro Reino parece ter desacelerado drasticamente nossas importações.”

O punho de Slade se fecha em torno de sua faca de manteiga como se ele estivesse imaginando esfaquear alguém no olho com ela. “Então essa é a jogada deles. Podemos extrair todas as rochas e pedras preciosas do mundo para pagar as importações de que nosso reino precisa, mas não adianta nada se os acordos comerciais em vigor não forem honrados.”

Meu estômago afunda. “Os três navios que chegaram, por que eles não os bloquearam?” Eu pergunto.

“Todos os três fizeram longas viagens,” Isalee me conta. “Um navio quase foi afundado em uma tempestade, escondido na borda de nosso território por algum tempo para reparos. Os outros dois estavam fora há semanas, chegando e voltando ao longo de sua rota comercial. Acreditamos que a única razão pela qual todos os três realmente atracaram em nosso porto foi porque eles não puderam ser contatados para nos isolar.”

“O que havia nos navios?” Slade pergunta.

“Um tinha grãos, outro era carne salgada e outro tinha tecidos.”

A mesa fica quieta por um momento enquanto Slade absorve tudo isso, e a sensação desconfortável na boca do estômago cresce e se inflama.

“Então eles estão cortando o Quarto,” eu digo baixinho.

Warken acena com a cabeça solenemente.

As linhas de poder se agitam sob a pele do pescoço de Slade, enfiando-se na barba de sua mandíbula. “Malditos bastardos.”

“Eles estão jogando o jogo,” diz Isalee. “A Rainha Kaila é astuta e se move rapidamente. Sabíamos que sua viagem para o Quinto era um jogo de poder. Ela teve que se ajustar. Agora, com o que aconteceu com o Rei Midas e o Príncipe Niven, ela está empurrando a narrativa de que o Quarto está abrigando um traidor.”

Engulo em seco. “Eu.”

Ela inclina a cabeça.

“Só para vocês saberem, eu não roubei a magia de Midas e não estou aqui para roubar a de Slade.”

“Oh, você não precisa se preocupar,” Warken me diz. “Slade não confia em muitas pessoas, então, quando confia, sabemos que são confiáveis. Isso inclui você.”

O elogio aquece meu peito, faz parte da ansiedade desaparecer de meus ombros.

“Os outros reinos farão o possível para divulgar essa versão de você ao público, então precisamos fornecer uma diferente,” Isalee me diz. “É por isso que acho que foi bom para você ir à cidade e ser vista.”

“Exatamente,” acrescenta Barley. “Saia e mostre a eles que você não é uma mulher desonesta. Você é a vítima do Rei Midas, não o contrário. Precisamos recuar em sua outra história, dar ao povo a verdade e uma razão para se unir a você.”

“Você acha que isso vai funcionar?” Eu pergunto com cautela.

“Já começamos a distribuí-lo. No mínimo, isso dará às pessoas motivos para parar e pensar, em vez de apenas aceitar o que quer que seja dado a elas,” diz Isalee.

Eu olho para Slade, dando um aceno de cabeça.

“Enquanto isso,” Isalee continua, olhando para Slade, “A Rainha Kaila está colocando grande pressão no Quarto para... encorajar Lady Auren a comparecer ao Conflux.”

“Boa jogada, considerando que compartilhamos uma fronteira,” Slade pondera. “Devo dizer que não esperava que ela cortasse as importações. O terceiro geralmente é muito apegado à riqueza que nossas minas fornecem. Presumo que você já tenha cortado nossas exportações para eles?”

“Claro,” diz Isalee com um aceno de cabeça.

“Mas nossas reservas... estão cheias?”

Barley termina de tomar um gole de seu copo. “Nossas lojas estão muito saudáveis. Estávamos nos preparando para uma guerra com o Quinto ou Sexto Reino. Com alguns ajustes, podemos lidar com o Terceiro e a falta de seus embarques.”

“Tudo bem,” responde Slade. “O exército deve voltar à capital em breve e, quando isso acontecer, podemos oferecer um pagamento para aqueles que se voluntariarem para aumentar nossa própria produção de alimentos.” Seus olhos olham entre eles. “Você possui a maior porção de terra cultivável. Você pode vender suas colheitas ao reino?”

“Já está pronto,” responde Warken. “E se você enviar mais trabalhadores, podemos colher a colheita deste ano mais cedo do que o normal.”

“Bom. Faremos os voluntários irem a todas as fronteiras do Quarto. Podemos não ter muita terra viável para cultivo, mas com certeza podemos pescar, tanto aqui nos rios quanto nos oceanos.”

Os três acenam com a cabeça.

“Está quase na hora de o conselheiro chegar para o jantar,” ressalta Isalee. “E eu, pelo menos, estou muito interessada em ver como o Terceiro Reino planeja influenciar você.”

A expressão de Slade endurece. “Eles podem ir para o inferno. Não vou mandar Auren para a porra de um Conflux.”

Sua resposta rosnada faz minha nuca formigar.

“Claro que não,” ela responde facilmente. “Vamos falar com ele. Estou convencido de que há uma maneira de politizar e negociar para sair disso que não leve à fome ou à guerra. Só precisamos encontrá-la.”

“Espero que sim,” Slade diz sombriamente, as raízes se espalhando pelas costas de suas mãos como teias se formando para prender. “Pelo bem deles.”

CAPÍTULO 52



Auren

Quando a porta grossa é aberta, olho para cima enquanto Manu Ioana entra na sala. Ele dá uma olhada ao redor antes de se virar para um homem que deve ser seu guarda, dispensando-o. Assim que a porta se fecha atrás dele, Manu começa a se aproximar e todos nos levantamos.

Seu longo cabelo preto está preso na nuca, as mangas azuis profundas de sua camisa balançando enquanto ele caminha. O tecido é brilhante e, quando a luz o atinge, parece que os primeiros raios fracos da luz do dia atingem a superfície da água.

A batida de suas botas combina com a do meu coração, porque tanto quanto eu gostava de Manu quando o conheci em Ranhold, agora sua irmã pensa que estou roubando magia e quer que eu enfrente algum tipo de julgamento formal.

“Rei Ravinger,” Manu diz quando ele para na nossa frente.

Slade não diz nada e apenas inclina a cabeça.

Seus olhos castanhos perspicazes varrem para os outros. “Ah, vocês devem ser os Streahs,” ele diz em saudação. “É bom colocar rostos nos nomes assinados na correspondência.”

“Da mesma forma,” Warken fornece.

Slade acena com a mão em direção à cabeceira da mesa. “Por favor sente-se.”

Manu hesita quando percebe que queremos que ele se sente à cabeceira da mesa, mas quando me pega observando seu dilema interior, pisca para mim antes de se sentar na cadeira.

Acho que os trabalhadores do castelo devem ter espiado pelas frestas da porta no fundo da sala, porque assim que todos nos sentamos novamente, os servidores saem, colocando pratos cheios de comida. Carne fumegante salpicada de ervas, uma espécie de purê com molho amanteigado e tubérculos são dispostos com precisão perfeita nos pratos colocados à nossa frente.

"Obrigado," eu digo para a mulher que me atende.

Então, começamos a comer, e os primeiros dez minutos do jantar são uma mentira.

Está cheio de gentilezas e assuntos triviais, enquanto eu patino a comida em volta do meu prato com o garfo e ouço Warken e Isalee abrirem a conversa com Manu com réplicas descontraídas.

Slade, no entanto, está quieto. Atento. Isso torna sua presença muito mais intimidadora, mas tenho a sensação de que essa é a intenção dele.

Estou prestes a dar outra mordida minúscula na carne quando a atenção de Manu se volta para mim. "Lady Auren. Tenho que admitir, ver você agora em comparação com aquele primeiro jantar é uma grande mudança. Para melhor, eu acredito."

Não tenho certeza de como responder, então tudo que digo é: "Sim."

"Não que eu não tenha gostado de você tocar harpa," ele acrescenta com um sorriso.

"Eu saí daquele instrumento, verdade seja dita."

Seus olhos penetrantes brilham. "Tenho certeza que sim, querida, e não a culpo nem um pouco."

Meu coração dá um salto e olho de soslaio para Slade, mas ele ainda está observando Manu, sua atenção inabalável, sua expressão fechada.

“O jantar está delicioso,” diz ele, encharcando um pouco do molho com o pão. “Muito melhor do que aquela cola açucarada que o Quinto Reino parece gostar tanto.”

“Sim,” Slade diz, falando pela primeira vez. “E, no entanto, sua irmã rainha decidiu quebrar nosso acordo comercial e desacelerar nossas importações. Isso não me agrada.”

O silêncio grita com o dente do garfo de Manu raspando em seu prato.

Um segundo se passa. Dois três quatro.

A pausa é voraz, consumindo o espaço entre todos nós, deixando o ar inchado e desconfortável.

Manu larga os utensílios. Então sua disposição amigável. Em um segundo, ele passou de um amigável convidado para um jantar a conselheiro real. Ele está tão diferente daquele primeiro jantar quando o conheci. As piadas descontraídas, a camaradagem quase contagiante. A Rainha Kaila é uma força, alguém com quem você sempre tem que tomar cuidado com suas palavras. Mas me pergunto se todos, inclusive eu, subestimaram o irmão dela, e se é exatamente isso que ele quer.

“Tudo bem, Rei Ravinger, vejo que chegamos à parte séria de nossa discussão. No entanto, eu aprecio você por me deixar terminar a maior parte do meu jantar primeiro.”

“Talvez eu não devesse, considerando que seu reino não está dando ao meu povo a mesma cortesia.”

Merda.

Meus olhos se voltam para Slade, quase congelando na frieza de seu tom. Manu não parece nem um pouco perturbado. No entanto, suponho que ser o conselheiro de uma rainha significa que ele teria que ter muitas conversas difíceis e se treinar para não reagir. Eu gostaria de ter a mesma habilidade perfeita de manter minhas emoções e pensamentos trancados longe da minha expressão.

Manu não morde a isca. Ele junta os dedos à sua frente, olhando para Slade calmamente. “Você não respondeu à correspondência da rainha. Ela está tentando chamar sua atenção.”

“E que correspondência seria essa?” Slade responde suavemente. “Seriam as exigências ou as ameaças? Porque eu posso te dizer agora, eu também não tolero.”

É um desafio.

Um catecismo.

Uma declaração pontiaguda para perfurar o Terceiro Reino.

A sobrancelha de Manu abaixa. “O fato é que, Vossa Majestade, você está abrigando uma traidora e uma assassina.” Ele não olha para mim enquanto diz isso.

“Suas afirmações são de que Lady Auren matou o rei Midas,” responde Slade. “E, no entanto, você não estava na sala quando sua morte o reivindicou.”

O olhar de Manu muda de Slade para mim e vice-versa. “Temos testemunhas que afirmam que ela roubou a magia dele. Ficou claro para todos naquela sala que o ouro não estava sob seu controle.”

Meu pulso bate alto em meus ouvidos.

“Mais uma vez, você viu Lady Auren matá-lo?” Slade pressiona.

“Se eu fiz ou não é irrelevante, porque é todo o objetivo do Conflux. Ela está sendo chamada ao Segundo Reino para ser julgada, onde todas as evidências e relatos de testemunhas serão levados em consideração,” explica Manu.

“E, no entanto,” Isalee interrompe, “Não houve apenas uma morte muito pública e muito violenta de um membro da realeza, houve duas naquela noite. Então, o que está sendo feito sobre a morte do príncipe Niven?”

Manu se vira para olhar para ela. “Lady Auren também será investigada por sua morte.”

Meus olhos se arregalam.

Um rosnado sai do peito de Slade. “Você sabe tão bem quanto eu que ela não teve nada a ver com Niven. Na verdade, a pessoa que realmente deveria ser questionada sobre a morte do príncipe encontrou seu próprio túmulo logo depois.”

“Então você está insinuando que o rei Midas matou o príncipe?” Manu pergunta.

“Claro que estou. Assim como estou sugerindo que ele teve uma participação na morte do Rei Fulke também. No entanto, ele nunca foi suspeito de nenhum dos dois.”

“Sim, é bastante suspeito,” diz Warken.

“É exatamente por isso que você deve trazê-la para o Conflux,” responde Manu. “Você estará lá para se sentar no conselho e responder a qualquer pergunta, e podemos questioná-la adequadamente.”

Warken arqueia uma sobrancelha. “Certamente, você não pretende forçar o Rei Ravinger a comparecer ao Conflux com o objetivo de interrogá-lo também?”

“Sem ardil. Mas o público acredita que Lady Auren seduziu o Rei Ravinger para apodrecer o príncipe.” Manu muda seu olhar para Slade. “Sua explicação detalhada pode ser registrada para que o público possa ser esclarecido.”

Barley solta um escárnio. “Esse público acredita nessas coisas porque a Rainha Kaila apoiou essa narrativa.”

“Minha irmã fez o que devia para manter o Quinto estável após um evento tão horrível.”

“Sim, não há dúvida de que todos vocês trabalharam duro para coroar o novo rei do Quinto,” diz Isalee.

Sua declaração corta com uma borda subjacente.

Manu lhe dá um sorriso brando. “O fato é que temos dois monarcas mortos e o povo está exigindo respostas. Temos que convocar um Conflux.” Seu olhar segue para Slade. “É por isso que estou aqui para chamar formalmente você e Lady Auren para comparecer.”

Slade se inclina para frente, seu poder se enrolando sob sua pele. “Nós recusamos.”

A primeira demonstração de emoção aparece na frustração que aperta os lábios de Manu. “Tenho certeza que você gostaria, Rei Ravinger, mas um rei está morto por causa do que aconteceu naquela noite em Ranhold. Você sabe tão bem quanto eu que a situação exige isso.”

“E, no entanto, como meu primeiro-ministro apontou, não houve julgamento quando o rei Fulke foi morto.”

A expressão de Manu me diz que esta é a última coisa que ele queria que Slade mencionasse. Ele cobre bem, porém, com um toque sardônico de seus lábios. “A morte do rei Fulke, embora ainda trágica, foi completamente diferente. Ele foi traído por seu próprio povo. O homem que o matou já foi condenado à morte por seus crimes.”

“Reivindicado o rei que tinha tudo a ganhar com a morte de Fulke.”

Manu ri. “Veja bem, Ravinger. O rei Midas era um aliado de longa data do rei Fulke.”

Slade olha para ele, completamente indiferente. “Aliados se voltam uns contra os outros o tempo todo. Não é?”

Outra pergunta farpada.

A expressão de Manu carrega um sorriso que de alguma forma consegue ser lixiviado de qualquer coisa agradável.

“Posso ver que não vamos chegar a nenhum tipo de discurso saudável esta noite, Vossa Majestade, então deixe-me dizer isso sem rodeios.” Ele enfia a mão no bolso e tira um pergaminho, entregando-o a ele. Quando Slade não abre, Manu diz: “Está tudo preparado para você lá. Primeiro e Segundo estão de acordo conosco. Lady Auren deve ser julgada.”

“E eu já disse, recusamos.”

“Eu pensaria muito sobre isso, Rei Ravinger,” ele responde, apontando para o pergaminho. “Porque, dependendo da sua resposta, o Primeiro Reino e o Segundo Reino estão prontos para bloquear o comércio que entra em seu reino também. Ambos sabemos que seu próprio reino, espalhado por pântanos e podridão, não pode sustentar a comida de que seu povo precisa. Seu reino não pode sobreviver sem nós. Então, a menos que você concorde em enviá-la, todos os acordos comerciais serão oficialmente interrompidos.”

Eu pensei que o silêncio da sala era guloso antes, mas este é absolutamente insaciável. Ele se empanturra de nós, devorando cada palavra, cada movimento, até que somos parados por seus bocados que consomem.

Warken é o primeiro a rompê-lo. “Eu vejo. E seus reinos estão preparados para viver sem as exportações do Quarto? Da última vez que verifiquei, o Terceiro em particular estava muito interessado em comprar mais direitos sobre nossos suprimentos de petróleo, sem muita madeira para queimar em sua área, eles dependem de nosso petróleo para oitenta por cento de seu óleo de lanterna.”

“Os monarcas decidiram que a justiça é muito mais importante.”

Slade lentamente se levanta. A garganta balançando de Manu é o único indício de apreensão que transparece quando as mãos de Slade se apoiam na mesa. “Diga a sua irmã que ela não é a única que pode matar um reino de fome,” ele praticamente rosna. “Vou apodrecer a terra dela de ponta a ponta, sem deixar nada em seu rastro. Ou talvez eu simplesmente apodreça você, aqui e agora, e realmente envie uma mensagem.”

Eu me encolho com a ameaça, observando suas linhas pulsarem sob a pele de seu pescoço.

Manu empurra sua própria cadeira para trás, seu raspar estridente fazendo meus ouvidos estremecerem. “Eu posso ver que terminamos aqui esta noite,” diz ele friamente. “Vou ficar por uma semana, Rei Ravinger, e então, no sétimo dia, devo ter sua resposta final.” Seu olhar se desvia para os outros. “Eu sugiro que vocês aconselhem seu rei com cuidado, especialmente sobre as ameaças de apodrecer reinos

inteiros. Todos nós sabemos que seu exército é o mais forte em Orea, mas agora também sabemos que seu exército está cansado de viajar para o Quinto e voltar. Pode um exército cansado, mesmo sob a direção de seu perverso Comandante Rip, derrotar quatro outros reinos?"

Ele cantarola baixinho enquanto olha para Slade, passando as mãos para baixo para endireitar a camisa, puxando o azul luminescente para inchar e se acomodar como ondas batendo. "Tudo o que pedimos é um julgamento justo, como é o direito de nossas alianças unidas. Não seja tão rápido em declarar guerra ao resto de Orea, Rei Ravinger, para ser responsável por centenas de milhares de mortes. E lembre-se, você e sua podridão não podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo."

Os olhos de Manu me encontram por uma fração de segundo antes dele se virar e se afastar, a porta se fechando atrás dele como o golpe de um maremoto que ameaça nos engolir inteiros.

Quando Slade conta tudo para Lu, Judd e Digby, ele se depara com uma comoção de raiva contundente e ameaças amaldiçoadas. Exceto para Dig, cuja reação não é de barulho, mas de escavar sua carranca.

"Porra da Rainha Kaila," Lu diz com um aceno de cabeça, a forma da adaga cortada em seu cabelo parecendo mais nítida com a luz quente da lareira.

Estamos em uma nova sala que eu nunca estive antes, está no último andar, apenas algumas portas abaixo dos quartos pessoais de Slade. Não há muito aqui além de uma grande mesa no centro e um pequeno bar à esquerda com garrafas e taças esperando para serem servidas e enchidas. Vários copos espalhados ao redor da mesa, agarrados nas mãos ou abandonados.

"Quanto tempo?" Judd pergunta.

Slade toma um longo gole antes de responder. “Warken e Barley analisaram os números. Se implementarmos o racionamento imediatamente em todo o reino, podemos manter nosso povo alimentado apenas com reservas por... cerca de quatro semanas sem nenhuma importação.”

Apenas um mês?

Meus olhos se deslocam para Slade, seu cotovelo dobrado sobre a mesa, a mão correndo sobre sua mandíbula em pensamento. Estou presa no mal-estar pegajoso, imaginando como os monarcas podem justificar a fome de pessoas inocentes. A aderência gruda em minha memória, remetendo ao tempo em que passei pela cidade de Highbell, nas partes proibidas das favelas. A dificuldade esculpida em cada prédio decadente, os trapos sem peso pendurados nas formas magras das pessoas. Eu só tive aquele único olhar para as dificuldades das pessoas, para como elas ficaram sem.

“Quatro semanas?” Judd assobia. “Bem, isso não é o ideal.”

“Achei que eles ficariam muito presos ao nosso petróleo e pedras preciosas para fazer algo tão ousado,” acrescenta Lu.

Slade drena os últimos restos de sua bebida. “A moral vai cair com o racionamento. O que significa agitação e picos de criminalidade. Vamos precisar de mais patrulhas. Não é uma situação fácil para o exército que está retornando quando eles estão saindo de semanas de viagem através da porra dos Barrens congelados. Ele balança a cabeça. “Podemos sustentar um cerco de outro reino. Nosso exército pode vencer qualquer outro que os encontre na batalha. Mas não podemos vencer todos eles de uma vez. Não com nossos suprimentos de comida cortados. Não com nosso exército já cansado.”

“Eles estão atacando quando estamos mais vulneráveis,” Lu continua. “E cortando nossa comida... É uma punição bastante severa por não concordar em trazer Auren para este julgamento estúpido.”

“Eles têm medo dela,” diz Digby. Quando todos se voltam para ele, ele dá de ombros. “Se eles estão acreditando nesses rumores, então eles vão pensar que ela pode roubar seus poderes também. Eles não querem isso.”

“O que eles realmente não querem é fazer de mim um inimigo,” Slade praticamente rosna. “A fome leva muito mais tempo do que a podridão.”

O suor frio se forma em gotas geladas contra minha pele, a ameaça sombria de suas palavras como uma névoa pesada pela qual não consigo ver, não consigo respirar. Ao meu lado, sinto a tensão de Slade como se fosse uma corda amarrada de seu peito ao meu. A linha tensa vibra com a tensão, amarrando-me com a pressão estendida.

Um reino inteiro. Todo o Quarto só pode passar um mês vivendo de reservas, ou corre o risco de morrer de fome. E isso é apenas o pessoal de Slade. Se ele retaliar contra os outros reinos, não será apenas o Quarto que sofrerá, mas todos.

“Slade…”

“Não,” ele estala para fora. “Nem mesmo sugira isso.”

“Mas talvez eu deva ir. Não quero que seu povo sofra. Ou qualquer pessoa inocente.”

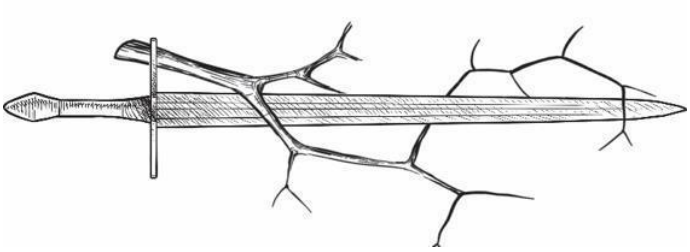
Olhos verdes cheios de raiva piscam para mim. “Você não vai.”

Meu olhar cai com o peso da culpa em meus ombros.

Lu estende a mão e me dá um tapinha nas costas da mão. “Slade está certo, Dourada. Esse é o pior plano. Não podemos ceder a ameaças e chantagens. O quarto é forte, assim como Rip. Eles têm muito medo dele para fazer qualquer coisa por muito tempo. Por enquanto, vamos descobrir isso, e ele vai retaliar apenas o suficiente para fazê-los recuar.”

É com isso que estou preocupada.

CAPÍTULO 53



Osrik

O exército está cansado pra caralho.

Eu os tenho pressionado muito, tentando dar o fora do Quinto. O objetivo era chegar a Cliffhelm. Como o posto avançado fica bem na nossa fronteira, eu estava planejando deixar o exército estocar suprimentos, descansar alguns dias e depois viajar o resto do caminho pelo Quarto Reino em um ritmo mais lento.

Mas isso tudo foi para a merda.

O carregamento nunca apareceu em Cliffhelm, então, em vez de poder me recuperar, fui forçado a enviar os soldados mais rápido do que esperava, porque estávamos com uma séria falta de suprimentos.

Felizmente, o terreno muda muito mais à medida que avançamos no Quarto. O último pedaço de neve está nas cabeças calvas das montanhas mineiras. A poeira sobe em torno de suas bases em um halo, evidência de nosso próprio pessoal trabalhando nas veias e levantando pedras preciosas e óleo.

Antes de podermos entrar na melhor parte do Quarto, onde a paisagem finalmente tem árvores, vida selvagem e merda, tivemos que passar pela camada de podridão. Já não me incomoda tanto, estou tão acostumado com isso. Há podridão ao redor de toda a fronteira do Quarto, então eu passei por plantas em decomposição e afundei em solo desmoronado e doentio muitas, muitas vezes.

Essa podridão também não é apenas uma monstruosidade. Porque chove muito aqui, a terra rachada e devastada fede. Com o tempo mais quente e a podridão perpétua alimentando-se do solo úmido, o ar cheira a carne rançosa e frutas mofadas.

Cheira a casa.

No entanto, é um dia de viagem de merda, e todos amarraram um pedaço grosso de pano em volta do rosto. Mas essa podridão é um bom impedimento para os inimigos. Ninguém quer atravessar esta merda, nem mesmo o nosso próprio exército.

Assim que passamos o último pedaço de terreno mole e mofado, deixei o exército parar para descansar. Felizmente, a brisa está do nosso lado, mantendo o mau cheiro a favor do vento. Mas ninguém tem muito apetite esta noite, para grande aborrecimento de Keg. Bom para nossos suprimentos cada vez menores.

O acampamento está mais silencioso do que o normal. Os tenentes têm tentado manter o ânimo de todos, então a conversa sobre caçar carne fresca amanhã à noite é o maldito curativo para o moral escancarado de que precisamos.

Terminamos com a neve, terminamos com a podridão e voltamos ao nosso próprio reino. Agora só temos que chegar a Brack - o Castelo de Brackhill e a capital - e eles podem finalmente fazer uma pausa e voltar para casa com suas famílias depois de passar esses longos meses fora. Definitivamente um impulso moral.

Estou sentado ao redor de uma das grandes fogueiras com um bando de soldados, ouvindo os flancos direito e esquerdo falando merda um com o outro, nem mesmo reprimindo meu sorriso malicioso.

“Judd e Lu ficariam orgulhosos,” Ryatt diz ao meu lado. “A rivalidade deles está forte.”

“Boa maneira de passar o tempo.”

Ryatt acena com a cabeça, virando a cabeça para o grupo tocando música à nossa esquerda, Keg bem ali no centro deles. Atrás de nós, os cavalos estão pastando, um pequeno aglomerado de árvores oferecendo abrigo às nossas costas.

Enquanto tomo um gole de algum vinho de merda que Himinn me trouxe, minha mente se desvia para Rissa.

Tenho feito muito isso ultimamente.

Ela me beijou, porra. Já faz algumas semanas, mas desde então tenho me sentido como um maldito animal na rotina. Eu senti seu cheiro, provei sua boca, e toda vez que estou perto dela ou mesmo quando não estou, estou pensando em agarrar sua bunda exuberante, prendê-la contra a árvore mais próxima e foder aquele temperamento direto dela.

Mas a cabeça dela ainda não está nisso, então tenho dado espaço a ela.

Seu corpo com certeza é uma merda. Não há como negar a forma como seus olhos dilatam ou a forma como suas bochechas ficam fodidamente fofas e rosadas quando ela está perto de mim. Mas as respostas do corpo não são iguais ao consentimento. Eu quero que seu temperamento feroz se transforme em um diabinho devasso enquanto ela vem ao redor do meu pau, arranhando minhas costas com exigências porque ela quer.

O fato dela ter fugido como se sua bunda estivesse pegando fogo depois que ela me beijou, e o fato dela não ter saído de sua barraca nos dois dias seguintes, me disse que ela não estava realmente pronta.

Eu quis dizer o que eu disse, eu nunca tiraria vantagem de uma mulher. Temos uma atração, sem dúvida, mas meus instintos me dizem que ela está tentando lutar contra isso. Não vou mentir, uma mulher chique como ela definitivamente não está acostumada com um soldado rude como eu. Eu sou muito duro para alguém como ela, mas eu a quero de qualquer maneira.

É muito excitante quando ela fica cara a cara comigo. Todas as mulheres que tive no passado eram submissas e eu gostava disso. Mas o fogo em Rissa aquece meu sangue como nunca antes, me faz imaginar todas as maneiras pelas quais ela aceitaria o que eu dei a ela e retribuiria dez vezes. Discutir seria nossas preliminares.

Mas quando ela não saiu de sua tenda, eu tive minha resposta, então eu a tenho evitado desde então. Não me deixando andar ao lado de sua carruagem durante o dia, tentando não a procurar toda vez que ando pelo acampamento, mantendo distância.

Ainda me certifico de que a frente de sua barraca seja limpa e que sua comida seja entregue, mas não sou eu quem deve fazer isso, mesmo que isso me incomode pra caralho. Como essa mulher mexeu comigo tão rapidamente, eu nunca vou saber.

"Tudo bem, estou me deitando," diz Ryatt enquanto se levanta. "Cansado de usar essa porra de capacete."

"Tudo bem. Significa que não preciso olhar para sua cara feia."

Mesmo que eu não possa ver, posso senti-lo revirar os olhos. "Sim, foda-se."

"Apenas admita que você sentiu minha falta," digo a ele. "Eu sei que é por isso que você voltou. Usando Hojat como desculpa."

Eu rio quando Ryatt me mostra o dedo do meio e então se afasta na direção de sua tenda. Os soldados ao seu redor acenam com a cabeça com deferência e saem do caminho. Sua volta também foi um grande impulso moral. Definitivamente ajudou a tê-lo aqui enquanto cruzávamos o resto da podridão.

Eu sei que devo me deitar logo também, mas tomo outro gole de vinho, ouvindo Keg e os outros dedilharem e soprarem em seus instrumentos. Mas quando estou limpando a bebida da minha barba, de repente sinto um leve aroma de flores.

Pense na raposa e ela aparecerá.

Eu olho para cima quando uma silhueta sombreada bloqueia as chamas na minha frente. A pequena demônio fica lá com roupas emprestadas que nadam sobre ela, quase escondendo sua forma sob minha camisa e casaco grandes demais. Eu poderia ter dado a ela o conjunto sobressalente de outra pessoa, como Himinn, que é muito mais próximo do tamanho dela, mas o pensamento dela vestindo roupas de qualquer outro homem que não sejam as minhas me deixa nervoso.

"Boa noite, Sino Amarelo," eu falo lentamente.

Ela olha para mim, com as mãos nos quadris, e então olha em volta para todos os soldados. Eu atiro um olhar para eles, fazendo-os se espalharem instantaneamente. Com um pequeno bolsão de privacidade agora, Rissa se senta no tronco desocupado em que os outros estavam sentados, dobrando as pernas embaixo dela.

A mulher descarada estende a mão e arranca o copo da minha mão e toma um gole do meu vinho. Uma careta puxa seu rosto que é malditamente adorável, mas estou mais focado na maneira como sua língua rosa desliza para fora e se arrasta em seus lábios. “Você tem me evitado,” diz ela.

Minhas sobrancelhas levantam. “Pensei que você queria que eu evitasse você.”

Ela abre e fecha a boca como se não tivesse certeza de como responder. É apenas por causa de como sou vigilante com ela que descobri seus pequenos tiques. Ela geralmente tem uma cara de pôquer muito boa. A maioria das pessoas provavelmente não notaria a maneira como ela curva o dedo indicador, raspando-o contra a coxa quando está ansiosa. Mas eu sim.

“Você me beijou, então você saiu. Achei que isso significava que você não queria repetir o erro, afinal,” eu digo com um sorriso malicioso enquanto pego o copo de volta dela, certificando-me de beber exatamente do mesmo lugar que ela acabou de beber. A maneira como seus olhos escurecem me permite saber que ela também está totalmente ciente disso.

“Bem, foi um erro,” ela finalmente responde.

“Sim? Bem, tudo depende se você quer ou não cometer esses erros, Sino.”

Ela me encara completamente, o fogo fazendo um lado brilhar em um laranja suave e seu cabelo enrolado parece um pêssego amadurecido pelo sol. “Por que eu iria querer?”

“Você nunca teve seus anos de rebeldia quando era jovem?” Eu pergunto. “Esgueirar-se para ficar bêbada quando você sabia que não deveria? Escolher brigas mesmo sabendo que não venceria quatro contra uma, mas instigar mesmo assim por

que queria socar alguma coisa? Foder com alguém de quem você sabia que iria se arrepender, mas fazer isso de qualquer maneira por que estava com vontade de se coçar? Alguns erros são muito gratificantes."

Rissa bufa e balança a cabeça, mas não nega. "Por que não me surpreende que você tenha escolhido uma briga com quatro homens?"

"Não virei capitão porque fugia das lutas. Ou matando."

"O que você fazia antes de se tornar capitão?"

"Eu era um mercenário no Primeiro Reino."

Seus olhos se arregalam.

"Não faça perguntas a menos que esteja pronta para ouvir quais podem ser as respostas," eu digo a ela. "Matei por dinheiro e era bom nisso. Gostei, mesmo. Isso te incomoda?"

Observo enquanto ela processa o que eu disse, observo como os pensamentos praticamente passam por seus olhos azuis. "Bem, algumas pessoas afirmam que foder selas é um pecado tão grande quanto matar pessoas, então suponho que não tenho espaço para julgar."

"O mundo pode nos julgar o quanto quiser, não significa que temos que dar a mínima."

"Eloquente," ela diz secamente, embora seus lábios se inclinem em um quase sorriso, e a visão é como um soco no estômago. Como ela seria se realmente sorrisse?

Eu não deveria estar pensando em perguntas como essa. E é exatamente por isso que preciso continuar a evitá-la.

"Nunca disse que era poeta."

Levantando-me, deixo o copo no tronco antes de me endireitar. "Aproveite o fogo." Começo a me afastar em direção à minha barraca, mas passos leves correm atrás de mim.

"Por que você está indo?" ela pergunta assim que chega ao meu lado.

“Está ficando tarde. Tenho que levantar antes do amanhecer para começar a desmontar toda essa merda de novo, assim como faço todas as manhãs.”

Eu praticamente posso sentir o quão alto ela está pensando, mas não é até eu chegar à minha barraca e parar para me virar para ela que ela se esforça para falar. “Eu estive a pensar. Sei que logo chegaremos à capital do Quarto, e... bem. Você conhece meus planos de ir embora, mas pensei...”

Eu nunca a vi tão insegura antes, tropeçando em suas palavras e olhando em volta nervosamente.

“Você pensou...” Eu incito.

“Talvez você estivesse certo. Sobre cometer bons erros.”

Eu arqueio uma sobrancelha, mas não digo nada.

Irritação floresce em seu rosto. “Tenho que soletrar? Eu quero foder.”

Suas palavras contundentes me fazem recuar em surpresa, e eu instantaneamente fico duro, meu pau pressionando contra minhas calças de couro.

Eu cruzo meus braços na minha frente. “Você não sabe o que realmente quer.”

Sua irritação se transforma em raiva total. “Com licença? Não pretenda falar como se soubesse o que estou pensando. Estou aqui, não estou? Eu me aproximei de você.”

“Sim, mas você também me beijou, e isso não impediu que você se arrependesse depois. Eu sou totalmente a favor de desfrutar ativamente de alguns grandes erros, mas não estou interessado em arrependimento. Isso é algo completamente diferente, e nós dois sabemos que é exatamente isso que você condenaria.”

Ela não pode nem negar. Eu vejo isso bem ali no rosto dela, e isso me dá uma porra de coragem. Seu silêncio atordoado diz tudo.

“Foi o que pensei,” digo a ela enquanto solto um suspiro. “Volte para sua barraca, Sino Amarelo.”

A mágoa embaraçosa aparece em suas feições, que parecem uma faca perfurando meu estômago, mas eu me mantenho firme.

“Você acha que sabe o que quer, mas não sabe. Ainda não. Então venha me encontrar quando descobrir isso.”

Manchas vermelhas pontilham suas bochechas, e uma risada amarga escapa dela. “Você sabe o que? Tudo bem. Só pensei que poderíamos fazer isso para passar o tempo, tirar o que quer que seja entre nós de nossos sistemas. Mas você está louco se acha que eu voltaria para você agora. Eu sei o meu valor.”

Eu a nivelo com um olhar. “Eu também.”

Seus olhos se arregalam levemente e sua garganta delicada balança. A culpa me destrói porque sei que a envergonhei, sei que provavelmente acabei de colocar o último prego no caixão nessa coisa antes mesmo de abrir, mas também sei que se a deixasse instigar isso agora, venceria não está certo. E eu preciso que seja certo, para nós dois. Porque acho que pode haver algo aqui, e não quero que seja arruinado por deixá-la tentar me tirar de seu sistema. Foda-se isso.

“Você é o pior erro que estou feliz por nunca ter cometido,” ela sussurra.

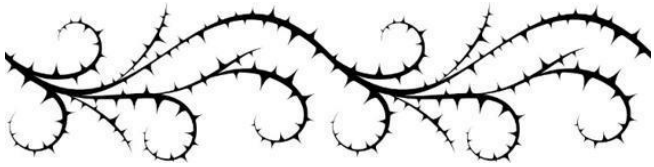
“E você ainda é o melhor erro que mal posso esperar para cometer,” eu retruco com um sorriso malicioso. “Quando você estiver pronta para admitir.”

Soltando um grunhido, ela se vira e sai pisando duro, e assim que ela desaparece de vista, a diversão desaparece do meu rosto.

Porra.

Espero ter tomado a decisão certa. Porque se eu estiver errado, eu apenas a afastei para sempre, e isso significa que sou eu que vou me arrepender.

CAPÍTULO 54



Slade

*Demora dez minutos n*as costas de Argo para chegar à base militar da cidade.

Na base da Banded Mountain, você pode identificar os cantos de alguns dos edifícios se estiver na torre oeste do castelo. É uma coleção quadriculada de quadrados escondidos entre as árvores da floresta, murados e destinados a abrigar alguns milhares de soldados.

Agora, está prestes a abrigar muito mais do que isso.

Enquanto eu voo em direção a ele, vejo fluxos de soldados marchando, esta visão aérea fazendo com que pareçam um rio fluindo de couro preto. Sua progressão é repleta de curvas e reviravoltas enquanto milhares de homens e mulheres caminham pela paisagem, passando pelas maiores pontes e cortando o castelo, com os olhos voltados para a montanha iminente.

Este é o último deles a chegar, então Osrik e Ryatt também estarão aqui. Levou três dias para que todos entrassem, e quando as tropas finais passarem pela entrada da parede, a base estará lotada. Normalmente, quando convoco a maior parte do meu exército para cá, eles ficam na base apenas por um curto período de tempo. Mas com a situação como está agora, não posso liberá-los rapidamente para voltar para suas casas.

Esse fato não será bem recebido.

Eles se foram há meses e estão viajando muito. No entanto, sua chegada será manchada como o derramamento de suco amargo quando descobrirem que a guerra está se aproximando e ainda não podem voltar para casa.

Com o rio do exército fluindo, ordeno que Argo desça mais baixo quando chegarmos à parede da base. Gritos vêm de baixo, aplausos dos soldados que reconhecem Argo do céu.

Eu não mereço os aplausos deles.

As asas de Argo cortam o ar, dobrando-se entre os galhos das árvores enquanto ele desce ainda mais. Com um puxão nas rédeas, ele muda para a direita, dirigindo-se para o prédio com vigas em todos os quatro lados, seu telhado um pináculo de alcatrão de pinheiro, o grão escuro das paredes de madeira se misturando com as árvores ao redor.

Quando Argo começa a circular em seu sinal revelador de aterrissagem, os soldados abaixo saem do caminho, assim que a fera pousa, suas garras afundando na grama.

Ao meu redor, os soldados baixam a cabeça enquanto eu solto o cinto da sela e pulo. Depois de dar um tapinha em Argo em seu traseiro para que ele saiba que ele pode sair para caçar, eu me viro, acenando para a multidão antes de ir para o prédio.

Minhas botas sobem os três degraus esparsos que levam à porta e, assim que entro, quatro cabeças giram em minha direção. Judd e Lu estão sentados à esquerda da mesa, Ryatt e Osrik à direita. A longa barba de Osrik está ainda mais rebelde do que o normal, o cabelo em sua cabeça está praticamente na mesma condição.

“Você parece uma merda, Os,” eu digo em saudação.

Ele grunhe, braços grossos cruzados na frente dele. “Desculpe por não ter me arrumado. Estive ocupado arrastando seu exército pelo continente através da neve gelada.”

Eu sorrio quando me sento ao lado dele. “Eu agradeço. Você teve algum problema?”

“Além dos resmungos esperados de vez em quando, e algumas brigas surgindo? Não.”

“Bom.” Meus olhos se voltam para Ryatt. Seu capacete está sobre a mesa, embora, fora isso, ele ainda esteja com a armadura completa. “E você e Hojat voltaram bem?”

“É claro. Ainda bem, porque o congelamento que percorria os acampamentos não era bonito. Perdemos muitos dedos das mãos e dos pés,” ele diz, seu tom pingando de desagrado.

“Hojat estava preocupado com isso.”

Ryatt me nivela com um olhar. “O que está acontecendo, Slade?” ele pergunta. “Por que não começamos a dispensar todos que não estão no exército permanente? Por que você está mantendo todos aqui?”

Eu olho entre ele e Osrik, e então coloco os dois em dia sobre tudo o que aconteceu, incluindo o jantar que tivemos com Manu três noites atrás. Os lança uma série de maldições várias vezes durante minha explicação, mas Ryatt fica quieto. Eu conheço meu irmão. Quanto mais quieto ele fica, mais furioso ele fica.

“Bem, foda-se,” diz Os quando termino. Ele esfrega a nuca. “Isso não é bom.”

“Eufemismo do ano,” Judd murmura enquanto pega na borda seca da mesa de madeira.

“Sabíamos que eles fariam algo para tentar me forçar, mas eu não esperava isso. A Rainha Kaila e os outros estão indo muito bem.”

Judd arranca uma lasca da borda, usando-a para pegar os grãos da mesa. “O que eu não entendo é por que eles estão se arriscando a irritar o Rei Podridão.”

“Alguém tem que assumir a responsabilidade por dois monarcas mortos em uma noite,” responde Lu. “Eles estão escolhendo Auren como alvo.”

“Eles têm medo dela,” diz Osrik. “Esses malditos rumores. Não é de admirar que os outros governantes tenham suas calcinhas em uma reviravolta. Eles estão preocupados que ela vá roubar mais magia.”

“Os rumores e a propaganda se espalharam mais do que eu imaginava,” admito. “A opinião pública está focada em levar Auren a julgamento. Tudo enquanto Kaila está silenciosamente tentando afundar suas garras no sexto.”

Os olhos de Osrik se aguçam. “O que?”

Eu concordo. “O último relatório que tive foi que ela fez uma viagem para Highbell. Fez algum anúncio sobre como ela e Midas estavam noivos pouco antes de ele ser morto. Fiz uma cerimônia de merda para homenagear a vida de Midas. Ela está tentando conseguir apoio lá.”

Judd balança a cabeça. “Tentando conquistar mais território com a porra da benção do público.”

“Eles gostam dela,” Lu interrompe. “Ela aperfeiçoou seu charme público.”

“O tempo todo eles tentam nos matar de fome,” diz Os. “Um maldito mês de reservas e seremos completamente aniquilados.”

Eu olho entre todos eles, até Ryatt, cujos olhos estão fixos na mesa. “Eu preciso tirar voluntários do exército. Preciso de esforços maciços para trazer nossa própria comida.”

“Todos nós sabemos que o Quarto é composto principalmente de lagos e pântanos. Não são exatamente as melhores fazendas, é por isso que sempre contamos com os outros reinos. E as colheitas podem ser colhidas tão rapidamente?” Judd pergunta.

“Algumas,” Osrik se intromete. “Rabanetes, cebolinhas, espinafres, nabos, esses podemos colher em cerca de um mês.”

Todos o encaram.

Ele encolhe os ombros quando percebe. “O que? Vocês sabem que eu era do Primeiro Reino.”

“Sim, como um mercenário,” responde Judd, com as sobrancelhas levantadas. “Como diabos você sabe sobre agricultura?”

Osrik se mexe na cadeira, o volume de seu corpo fazendo a madeira ranger em protesto. “Contratado para matar um fazendeiro que não pagou seus impostos nenhuma vez. Acabei ficando lá para ajudá-lo a pagar em vez de matar o pobre coitado.”

Lu sorri para ele. “Ah, Os. Você tem um coração tão mole.”

“Foda-se,” ele resmunga. “Meu coração está duro como pedra.”

Os olhos de Judd praticamente se iluminam. “Não, isso não é o seu coração, é o seu...”

“Não vamos lá,” interrompi.

Judd apenas ri.

“Tudo bem, então mandamos soldados para plantar sementes e tal, mas vamos precisar de alguns peões de verdade que saibam o que estão fazendo para supervisionar, e precisamos de um lugar para fazer isso,” diz Os.

“Sim. Vou falar com Barley,” eu respondo. “Ela conhece as terras do Quarto como a palma da mão. Se houver qualquer outra terra viável que ainda não estejamos explorando, ela a encontrará. E eu já fiz com que ela e Warken elaborassem um plano para aumentar nossa pesca e caça.”

“Mas será suficiente?” Lu pergunta.

Encontro seus olhos preocupados, porque a mesma preocupação está nos meus. É nisso que meus Conselheiros e eu trabalhamos noite e dia. “Não sei. Isalee está analisando os números. Mas, por enquanto, bolamos um plano para fazer um acordo clandestino com o Quinto Reino. Eles querem mais óleo de lanterna, então daremos a eles em troca de suprimentos.”

“O rei aceitará isso?”

“Precisamos encantá-lo o suficiente para que ele não possa deixar de aceitar o acordo.” Minha atenção se volta incisivamente para Judd.

Ele passa a mão pelo cabelo. “Ah, merda. Você precisa de mim para ir ao Primeiro Reino e conversar com o Rei Thold, não é?”

“Meus Primeiros-Ministros estão muito ocupados para ir embora, e de todos nós, você é o mais charmoso.”

“Isso não quer dizer muito. Mas tudo bem, vou tentar convencê-lo a desistir de um pouco de comida em troca de óleo e pedras preciosas.”

“Obrigado.”

“Mas e se ele recusar?” Judd pergunta.

Eu esfrego a mão no meu rosto. Eu realmente odeio ser um rei às vezes. “Então tentaremos encontrar outra maneira de garantir que as pessoas não morram de fome.”

Pelo canto do olho, vejo Ryatt erguer a cabeça. Há um movimento lento de seus ombros enquanto seu pescoço se endireita, seus olhos encontram os meus antes dele finalmente quebrar o silêncio. “Você está brincando comigo?”

A única razão pela qual não recuo surpreso é porque estou me preparando para a reação dele desde que entrei.

Quando não digo nada, ele olha para os outros, balançando a cabeça. “Vocês vão apenas sentar aqui e nem mesmo dizer isso?”

“Dizer o quê?” Lu pergunta.

Ryatt joga os braços para fora em frustração. “Oh vamos lá! É obvio! Como todos podem estar bem com o fato de que há uma chance muito boa de todo o reino morrer de fome?” Seu olhar feroz se volta para mim. “Auren precisa ir para o Conflux.”

A fúria tateia sob minha pele. Ele cutuca e espreita, tentando me abrir e escorrer para o chão. Eu encaro meu irmão, sentindo aquela fúria carregar o ar da sala.

“Como você pode dizer isso?” Lu exige. “Todos nós sabemos que o julgamento é uma piada.”

“Sim,” Judd concorda. “Se ela aparecer, não vai ser bom.”

Ryatt balança a cabeça. “Não, eles só querem um show. Eles precisam colocar um espetáculo, dar um tapa no pulso de Auren e mandá-la embora. Eles sabem que não podem forçar demais e correr o risco de irritar Slade, porque ele apodrecerá seus reinos inteiros até o âmago. Tudo o que ela precisa fazer é aparecer, deixá-los fazer sua pequena viagem de poder e voltar. Então não há risco de guerra, nem risco de fome...”

“Ouça-me muito fodidamente bem,” eu rosno, minha voz baixa e mortal. “Eu não vou levar Auren para perto deles, e se você sugerir isso de novo, você e eu teremos um grande problema.”

O olhar que ele me dá é tão penetrante que quase posso senti-lo perfurando minha pele. “Eu acho que você deveria pelo menos considerar isso. Com você lá, eles não podem fazer nada com ela. Você deveria colocar o reino em primeiro lugar. Você deveria proteger seu povo.”

Eu vejo vermelho.

“Do que você acha que estamos falando?” Eu exijo. “É isso que estou tentando...”

“Não,” ele me interrompe. “Você está tentando proteger Auren. Você está disposto a deixar seu povo morrer de fome às custas dela.”

“Ninguém vai morrer de fome,” eu rosno.

Ele solta uma gargalhada. “Você não sabe disso. Todos no Quarto serão afetados. E o exército não merece isso. Eles apenas marcharam em um maldito reino congelado sem motivo. Você os arrastou pelos Barrens duas vezes, e agora que eles estão voltando, você vai fazê-los ficar aqui na base superlotada ou partir para se tornarem trabalhadores rurais? É ridículo, Slade, e você sabe disso.”

Lu olha entre nós. “Ei, acho que todos nós devemos apenas relaxar...”

“Foda-se,” diz Ryatt, saindo de sua cadeira como lava cuspindo, sua explosão fazendo os outros pularem de pé, seus corpos tensos como se estivessem apenas esperando por uma briga para começar entre nós.

Ryatt aponta um dedo em minha direção, ignorando-os completamente. “Suas prioridades já mudaram. Suas lealdades estão no lugar errado. Seja a porra de um rei e cuide do seu maldito povo como você prometeu que faria!”

“Eu sou.” Meu tom é suave na superfície, mas os ângulos agudos e irregulares estão abaixo, impregnados de raiva fervente e farpada. “É por isso que você vai colocar seu capacete. Você vai reunir o exército. E você cumprirá as ordens que eu lhe dei.”

“Foda-se!” ele explode, o pé balançando para trás para bater na cadeira, fazendo-a voar pela sala e bater na parede.

Eu nem me encolho. Os outros assistem ansiosos.

Eu me levanto lentamente.

Desenrolado do meu lugar para que eu possa apoiar minhas mãos contra o tampo da mesa. Então estamos encostados frente a frente, olho no olho furioso.

“Deve ser tão fácil para você, irmão,” eu digo baixinho, a fúria é uma tendência arrastando meu tom enfurecido para frente. “Apenas jogar suas birras. Jogar seus julgamentos. Tão fácil. Você sabe por quê?”

Suas bochechas estão marcadas com ira vermelha, boca silenciosa.

“Porque você nunca teve que tomar decisões difíceis,” digo a ele. “Sempre fui eu que fiz isso. Você pode apenas sentar com suas explosões e sua raiva justificada, e me dizer que merda de trabalho eu estou fazendo em tudo, enquanto você nunca teve que carregar a carga que eu carrego. E é isso que você não entende. Você nunca vai entender.”

Seus olhos brilham, mas sua raiva impaciente nunca vencerá minha raiva duradoura.

“Não vou ser chantageado. Não vou enviar Auren para ser colocada em um palco para o mundo destruí-la para seu próprio ganho político. Não sou um cachorro para ser chamado a seguir, e se você questionar meus motivos para meu reino novamente, não hesitarei em colocá-lo em seu lugar.”

Seu peito arfa. Olhos arregalados, punhos cerrados ao lado do corpo como se ele fosse pular sobre a mesa e dar o primeiro soco.

Eu fodidamente espero que ele faça.

“Então você pode ficar aí e vomitar qualquer besteira que quiser como meu irmão. Mas no final das contas, eu também sou a porra do seu rei, e você fará o que eu mando.”

O silêncio entre nós é uma espada.

Duas pontas, apontando em ambas as direções entre nós. Ele paira no ar, apunhala contra a minha pele, mantendo-nos presos sob pontas afiadas e se preparando para nos perfurar. Nós dois estamos imóveis, esperando para ver qual de nós vai cair primeiro, qual de nós vai sangrar.

Minha relação com meu irmão sempre foi complicada. Desde que ele passou de um menino inocente a um homem coberto por grossas camadas de ressentimento.

E eu sempre tomo.

Eu sempre tomo sua raiva, seus argumentos. Porque na maior parte, eu mereço. Destruí a mente de nossa mãe. Eu a aprisionei em uma caverna da qual ela nunca pode sair. Eu o tornei inexistente, preso sob um capacete para desempenhar um papel como meu sósia.

E meu pai matou o dele.

Mas quando se trata disso, quando se trata dela, eu não vou aceitar.

Porque ele está certo. Minhas prioridades mudaram. E deixarei o mundo corroer e desmoronar para protegê-la. Mas isso não significa que não farei tudo o que puder para proteger meu povo também.

Por vários momentos, ninguém na sala se mexe. Acho que Lu nem está respirando. Estamos todos esperando para ver se ele vai explodir, para finalmente dar aquele soco que está fazendo e mirar no meu rosto.

Mas ele não faz.

Não tenho certeza de quem está mais surpreso.

Em vez disso, ele se vira e sai da sala, deixando a porta bater atrás dele. No momento em que é fechada, meus ombros tensos relaxam imediatamente, as mãos se afastam da mesa.

"Bem," diz Judd, quebrando o silêncio constrangedor. "Isso não foi muito bem."

Lú suspira. "Você sabe como ele é. Ele é protetor com o exército."

"Todos nós somos," responde Os. "E o resto do reino. Não significa que ele tenha que agir como um merdinha sobre isso."

Ela olha para a porta. "Ele vai mudar de ideia."

Os grunhe.

"Então... mais alguém está se sentindo um pouco irado?" Judd pergunta enquanto ele rola sobre os calcanhares com um sorriso. Eu aprecio o gesto, aprecio ele tentando aliviar o clima. "Quando você der sua resposta a Manu, eles provavelmente vão ter alguma retaliação planejada," ele me diz. "Isso significa que vamos foder com os outros reinos?"

"Absolutamente."

Seu sorriso se alarga. "Eu estava esperando que você dissesse isso."

"Enquanto você vai para o Primeiro Reino para fazer este acordo, preciso de alguém para ser meus olhos e ouvidos no Sexto. Quero ver o que a Rainha Kaila está fazendo."

"Eu posso ir," Lu oferece.

Dou a ela um aceno de agradecimento antes de meus olhos seguirem para Osrik. “Você pode trazer alguns de nossos melhores soldados para vigiar as fronteiras?”

“É claro.”

“O primeiro sinal de alguém se aproximando, eu quero saber sobre isso,” eu digo.

“Você vai ficar todo Rei Podridão na bunda deles?” Judd pergunta, esfregando as mãos como se a ideia o emocionasse.

Eu dou um aceno lento. “Se eles me pressionarem, é exatamente isso que farei.”

CAPÍTULO 55



Aurer

Tenho praticado minha magia.

Esta manhã eu estava no quarto, revestindo os pilares, praticando como fazer o ouro subir em padrões rodopiantes e depois afundar de volta na minha pele. Estou ficando cada vez melhor nisso, e há algum orgulho nisso, algo que nunca consegui ter quando se tratava de minha magia. É uma coisa silenciosa, absorvendo meu espírito e reforçando as mudanças que estou tentando fazer, a confiança que estou tentando construir.

Depois de algumas horas, decidi sair para tomar um pouco de ar fresco. Avistei os jardins do telhado e, agora que estou aqui, acho que pode ser meu novo lugar favorito. É protegido por uma alta parede de cinzas no lado leste do castelo, então parece privado, especialmente com a montanha vigiando um pouco além.

Parece haver apenas um guarda que passa em suas rondas a cada trinta minutos. Mesmo assim, sou cuidadosa, e é por isso que gosto deste pequeno local, onde fico quase totalmente obscurecida pelos arbustos. Já que os rumores sobre eu ter roubado o ouro de Midas são tão recentes e desenfreados, a última coisa que quero fazer é fazer um espetáculo de mim mesmo ou dar a alguém motivos para me temer.

Além disso, gosto de treinar na luz do sol.

Há reentrâncias de pedra de vidro na grama, como bolinhas de gude azuis chatas maiores que meu pé e separadas por um degrau. Eles se arrastam desde a porta, passando pela primeira fileira de flores, curvam-se em volta dos arbustos e passam pelas paredes de arbustos até o centro do jardim, onde há uma fonte e um banco de ferro forjado.

Embora a ferragem seja bonita, o banco não é o mais confortável, então eu me sento na grama. De costas para a base da fonte de ônix, trabalho com meu ouro, experimentando diferentes texturas. Eu enrolo como massa, rolo na minha mão e depois liquefaço a esfera flexível.

Slade tem estado ocupado com seus Conselheiros, com sua Ira e com seu exército, então tenho tentado usar todo meu tempo livre para trabalhar em minha magia. Enquanto isso, Digby começou a me ajudar com a parte de treinamento físico, já que Judd está ocupado e está pronto para partir em uma missão para Slade. Digby não faz nada físico, pois ainda está se recuperando, mas me instrui sobre minhas posturas, me ajuda a fazer exercícios de fortalecimento e me ensinou alguns bloqueios.

Eu nem mesmo tive Slade sozinho por mais de alguns minutos de cada vez desde nosso passeio na carruagem. Não consigo realmente compreender nem mesmo uma fração da quantidade de responsabilidades que ele tem como rei, mas posso dizer que ele lida com as coisas de maneira muito diferente de Midas.

A maior diferença para mim pessoalmente, porém, é que ele me conta tudo sobre o que está fazendo. Ele me mantém envolvida. Responde minhas perguntas. Incentiva-as, mesmo. É estranho se acostumar.

Mas amanhã ele deve dar a Manu sua resposta final. O racionamento obrigatório já está em vigor. Mesmo aqui no castelo, onde Digby e eu compartilhamos as refeições sozinhos, há porções menores, ingredientes simples. Mas mesmo com essas porções segmentadas, meu estômago ainda revira de culpa e tento deixar mais para trás para ser salvo.

Todas as noites na semana passada, acordei suando frio, meus pesadelos voltaram. Às vezes, os sonhos são sobre as favelas, da pobreza congelada mantida nas fendas tortas de Highbell.

Outras vezes, são minhas fitas.

O som da espada balançando para baixo. A fatia de agonia me rasgou, membro sedoso por membro sedoso. Eu sonho em cair, sem nenhuma fita para me segurar.

Mas ontem à noite, meu pesadelo mudou. Não era Highbell que eu estava vendo, mas Brackhill. As mesmas ruas que passei com Slade, exceto que as pessoas estavam chorando. Finas como osso. Raivosos de fome. E a Rainha Kaila estava do outro lado da rua, minha voz a envolveu como uma brisa murmurante que só ela podia controlar.

Esse sonho ficou comigo durante todo o café da manhã, revirando meu estômago. Permaneceu comigo durante o treinamento com Digby até que ele cruzou os braços e me disse que terminamos o dia porque eu estava muito distraída.

Agora, ainda está agarrado a mim, puxando meus ombros como um mendigo incessante.

Sinto que preciso fazer algo, mas Slade não quer saber disso. Os poucos momentos que tive com ele são gastos com sua insistência de que tudo vai ficar bem. Que seus planos funcionem e que o racionamento e a produção extra de alimentos sejam efetivos.

Mas e se não for?

Eu pressiono meus dedos sobre a pulseira que ele me deu. Ele agora brilha como ouro maciço, embora eu tenha mantido a pedra preciosa preta no centro e trançado uma corrente de padrão dourado ao redor dela.

Eu inclino minhas costas contra a fonte, ouvindo o suave gotejamento da água. É um conforto calmante, assim como a sensação da grama fresca sob meus pés descalços e o calor em meu couro cabeludo. Se eu pudesse, tiraria a roupa, só para que cada centímetro da minha pele pudesse sentir o beijo do sol.

Mas isso provavelmente seria desaprovado.

Arranco uma pequena flor da grama e a giro entre os dedos. É uma flor roxa, o centro amarelo me lembrando a cor do cabelo de Judd. Puxo um pedacinho de ouro, fazendo-o cobrir o verde, afundando delicadamente nas veias das folhas.

Deixando cair, eu me inclino para trás, deixando meus pés descalços afundarem ainda mais na grama. Sinto minha pressão mágica contra meus arcos e dedos dos pés, querendo sair. Deixei-o acumular lentamente, o calor do ouro competindo com o frescor da grama.

Quando arrasto meus pés para trás para espalhar o ouro, pisco para baixo entre meus pés, parando. Eu me inclino mais perto para dar uma olhada melhor, as sobrancelhas se juntando.

A princípio, acho que estou vendo um reflexo ou uma partícula de sujeira, mas vejo que não é o caso. Isso me lembra de quando um pedaço de pão foi deixado muito tempo sobre o fogo, sua crosta chamuscada pelas chamas. Há apenas uma borda manchada ao redor do meu ouro que é mais escura que o resto, fazendo com que pareça carbonizado.

Franzindo a testa, mergulho a ponta do dedo nele, observando a mancha escura mergulhar, mas depois ela se mistura com o resto, desaparecendo completamente.

Estranho.

Mudando de posição, enfio as pernas embaixo de mim, pairando a palma da mão sobre o ponto da grama dourada, chamando o ouro de volta para mim. Eu esfrego minhas mãos e inclino minha cabeça para o sol com um suspiro satisfeito.

“Lady Auren?”

Meus olhos se abrem e vejo Manu se aproximando. Ele está vestido com um colete azul-petróleo com uma camisa azul mais suave por baixo e uma gravata combinando, seu longo cabelo preto solto sobre os ombros. “É bom ver você em um... ambiente tão informal,” ele diz enquanto olha para os meus pés descalços com um sorriso que ilumina todo o seu rosto e me lembra do Manu que conheci em Ranhold.

Rapidamente pego meus sapatos, colocando-os de volta em meus pés enquanto me levanto. “Eu não esperava ver você aqui,” eu digo.

Ele olha em volta, sua expressão fácil e aberta. “Encontrei este jardim no primeiro dia em que cheguei. É o meu lugar favorito aqui. Passo horas aqui fora, dia e noite,” confessa. “O calor tem sido uma boa pausa do Quinto Reino. Porém, não tão quente quanto em casa, no Terceiro. Devo dizer que sinto falta da praia.”

Isso faz de um nós.

Manu pode estar tranquilo agora, mas estou no limite.

Ele deve ter percebido pelo jeito que estou me segurando, porque solta um pequeno suspiro. “Olha, querida, esse negócio com o Conflux, não é nada pessoal. Gosto de você. Mas os monarcas têm suas próprias leis a seguir, e quando dois morrem em uma noite...”

“Você sabe que eu não tive nada a ver com o Príncipe Niven,” eu digo. “Aquele foi o Midas. Ele queria assumir o Quinto. Ele mesmo me disse isso.”

O rosto de Manu fica contemplativo enquanto ele apanha uma folha de um dos arbustos mais altos e a gira entre o indicador e o polegar. “Então é exatamente isso que você dirá no Conflux, se decidir ir.”

“Slade... Rei Ravinger,” eu rapidamente me corrijo, “nunca vai concordar com isso.”

Ele inclina a cabeça. “Você sabe o que é um Conflux?”

Eu vacilo por um momento, porque Slade não me contou muito sobre isso. “Eu sei que é algum tipo de julgamento que a realeza convoca em ocasiões especiais.”

“Sim, mas se você olhar ao longo da história, não é realmente um julgamento. É um espetáculo.”

Eu pisco em confusão. “Como assim?”

“Um Conflux é o que a realeza chama para outro monarca, membros da família de um membro da realeza ou uma pessoa de alto status. Ao invés de seguir as leis

normais de Orea, aqueles chamados para um Conflux são exceções. Apresentado porque os súditos de Orea precisam ver que mesmo as pessoas envolvidas na monarquia são tratadas e sujeitas a algum tipo de lei. Neste caso, um animal de estimação com toque de ouro que supostamente roubou o poder de seu rei e ajudou a assassinar um príncipe," ele diz incisivamente.

Meu rosto fica quente. "Por que você está me contando isso?"

Ele joga a folha de lado, deixando-a cair no chão. "Porque, como eu disse, eu gosto de você. Acho que o Rei Ravinger pode estar apodrecendo sua cabeça, porque toda Orea não é sua inimiga. Eu não sou seu inimigo. Deixe o Segundo Reino fazer o que eles fazem, que é chamá-la para interrogatório, você explicará sua inocência e eles podem lhe dar um tapa no pulso."

Reviro os olhos. "Okay, certo."

"É verdade," diz ele com um encolher de ombros. "A história do Conflux prova isso. Acho que a punição mais severa foi uma multa de cem mil moedas de ouro nos últimos cem anos."

"Se isso é verdade ou não, não se aplica a mim."

"Pense nisso, ninguém realmente quer ir contra Ravinger. Sabemos o quão poderoso ele é. Mas se deixarmos a morte do Rei Midas permanecer sem questionar? O povo ficará indignado. Eles terão ideias perigosas. Seja para matar outro membro da realeza sem consequências ou para se encarregar de julgar, ambos os quais não queremos. Isso certamente não seria seguro para você."

Sinto a ameaça subjacente de suas palavras como um corte de papel cortando minha pele.

Manu se aproxima, olhos escuros implorando. "Um conselho, querida, nunca deixe as pessoas criarem suas próprias narrativas, porque você raramente vai gostar do que elas dizem. Mas se você assumir o controle disso agora, se der testemunho, todos os monarcas poderão dar o show que todos precisam ver. Podemos superar isso e toda essa conversa de guerra pode ser deixada para trás."

Meus pensamentos confusos torcem em um redemoinho. Não tenho ideia do que dizer ou do que pensar.

Felizmente, sou salva de uma resposta quando um guarda vem avançando. “Minha senhora?” O homem para quando percebe Manu e então olha incerto entre nós.

Eu colo em um sorriso forçado. “Sim?”

“Tem alguém aqui para te ver.”

Eu hesito, surpresa me preenchendo. “Tudo bem.”

“Vou deixar você com isso, Lady Auren,” Manu diz enquanto começa a se afastar. “Apenas... pense no que eu disse.”

O guarda e eu observamos enquanto ele se afasta, e solto um suspiro tenso antes de voltar. “Existe realmente alguém aqui para me ver?” Eu pergunto. “Ou você inventou isso?”

“Disseram-me que há alguém aqui pedindo para vê-la.”

Minhas sobrancelhas se juntam. “Quem?”

“Não tenho certeza, minha senhora. Fui enviado apenas para buscá-la.” Ele olha ao redor nervosamente. “Sinto muito por você estar aqui sozinha com o conselheiro do Terceiro Reino. Vou alertar os outros guardas e garantir que isso não aconteça novamente.”

“Não foi culpa de ninguém,” digo, porque a última coisa que quero é que Slade fique com raiva de seus guardas. “Lidere o caminho.”

Ele acena com a cabeça e eu sigo atrás dele para voltar para dentro do castelo, e eu limpo minhas mãos sobre meu vestido marrom, esperando que não haja grama grudada em mim em qualquer lugar.

Para minha surpresa, ele não me leva a nenhum lugar no andar de cima, mas em direção à porta da frente do castelo.

“Eles não permitiram que quem quer que seja entrasse?” Eu pergunto.

“Não, minha senhora. Não sem a sua permissão.”

Isso me surpreende. O que eles devem pensar? Que eu tenho algum tipo de autoridade aqui? É estranho, até para mim.

Quando chegamos ao saguão de entrada, havia três guardas esperando na porta aberta e, a princípio, não consigo ver quem está atrás deles. No entanto, quando o som de nossos passos ecoa no grande espaço aberto, os guardas se viram e meus olhos se arregalam ao ver as duas figuras paradas ali.

Rissa e Polly.

Eu paro no meio do caminho, a boca ligeiramente aberta em surpresa.

“Bem, você vai ficar aí parada?” Rissa pergunta, delicada sobrancelha loira arqueada. “Ou você vai nos convidar para entrar?”



Eu não tinha certeza de onde levá-las, então me conformei com a sala de estar no segundo andar. Eu nunca estive aqui antes, mas tem muitos lugares para sentar e uma bela vista do rio pela janela.

Polly está me olhando com raiva de seu lugar na espreguiçadeira onde ela se senta ao lado de Rissa. Seu vestido preto está coberto de lama na bainha, como se ela tivesse caminhado pelos rios, direto para a porta de Brackhill. Parece que está pendurado nela também, suas curvas muito menos perceptíveis do que antes. Seu cabelo loiro está sem brilho e emaranhado em uma trança, mas são os círculos sob seus olhos vermelhos que são os mais chocantes. Isso e o estado de seus lábios e cutículas descascados. Como se ela estivesse cutucando a pele ali, tirando-a tira por tira. Polly sempre foi bonita, mas agora ela está decadente e com uma aparência quase doentia.

“O que você está olhando?” ela estala, e eu empurro meus olhos para longe dela.

Eu me viro para Rissa e, embora ela também pareça ter perdido algum peso e pareça cansada da viagem, ela não parece pior pelo desgaste.

“Eu não esperava ver você,” digo a ela.

Rissa olha ao redor da sala, os olhos demorados no papel de parede verde listrado. “Sim, bem, quando saímos de Ranhold, eu tinha toda a intenção de pegar uma carroça e sair da cidade, mas Polly estava passando mal.”

Os olhos de Polly se apertam, sua cabeça girando. “Eu estava bem.”

Rissa pressiona os lábios. “Você não estava bem.”

“Bem, eu não queria ir!” ela rosna. “Você não tinha o direito...”

“Eu tirei você daquele lugar antes que você pudesse se matar no orvalho. Como sua amiga, eu tinha todo o direito.”

Polly se vira, as bochechas levantadas com cor enquanto ela cozinha em sua raiva.

Observo essa troca com uma fascinação ansiosa. Durante anos, essas duas foram finas como ladrões, sempre rindo e conversando, sempre tão lindas de morrer e juntas. É quase como se fossem duas pessoas completamente diferentes.

No entanto, posso me relacionar um pouco. As consequências de deixar o controle de Midas não foram fáceis para nenhuma de nós.

Tenho trechos daquela noite com eles, de Rissa vindo buscar Polly, e meu estômago revira. “Eu esqueci,” eu admito. “Esqueci de dizer para você ir para o exército. Como você sabia?”

“Alguma mulher com adagas raspadas no cabelo,” Rissa me conta. “Ela também nos ajudou a sair do castelo.”

Alívio surge através de mim. Preciso lembrar de agradecer a Lu na próxima vez que a vir.

“Então você ficou com o exército do Quarto?” Eu pergunto. “Eles não lhe deram nenhum problema?”

Rissa aperta as mãos em bolas no colo. “Nada que eu não pudesse lidar. O bruto gigante peludo entrava e grunhia algumas palavras de vez em quando, mas fora ele, tudo bem.”

“Grande peludo... Espera, você está falando sobre Osrik?”

Rissa funga. “Sim.”

Uma risada indisciplinada me escapa. “Por favor, me diga que não foi assim que você o chamou na cara.”

Ela pisca seus olhos azuis cristalinos para mim. “Claro que sim. Ele quer se comportar como um rude pesado, então vou chamá-lo assim.”

Eu cubro minha boca com a mão, tentando suprimir mais diversão. “Eu só posso imaginar como vocês dois se deram bem.”

Por alguma razão, suas próprias bochechas ficam rosadas e ela desvia o olhar. “Sim, bem. Acabamos de chegar e foi uma longa, longa jornada.”

“Claro,” eu digo sobriamente. “Você quer... descansar aqui?”

Rissa diz sim ao mesmo tempo em que Polly se vira e diz não.

Eu olho entre elas.

Um suspiro cansado escapa de Rissa. “Polly...”

“Não,” diz ela, cambaleando para seus pés. “Terminei. Feito, Rissa. Você acabou de me arrastar para fora do Quinto Reino, através dos Barrens, passando por pântanos repugnantes e apodrecidos, até este reino estúpido, e acabou!”

Seu peito arfa, sua voz estridente.

“Eu estava tentando ajudar você...”

“Bem,” Polly ferve, olhos brilhando. “Eu não queria sua ajuda.”

Rissa parece chocada.

“Isso mesmo,” Polly ataca, o dedo descascado apontado para seu rosto. “Isso é o que você não está entendendo, o que você não entendeu durante toda essa viagem abandonada por Deus. Você não me resgatou. Eu era feliz lá.”

“Você estava chapada!”

“Então? Eu gostava. Eu gostava do jeito que isso me fazia sentir. E foi minha escolha.”

A raiva passa pelos olhos de Rissa. “Eu não ia apenas deixar você lá para se drogar até a morte!”

“Eu não ia,” Polly responde. “Não que você acredite em mim. Mas você sabe a diferença entre você e eu? Todas aquelas vezes que você falou sobre comprar seu contrato? Você nunca percebeu que eu não queria isso. Você pensou que todo mundo, inclusive eu, queria sair tanto quanto você, mas você estava errada.”

“O que você está falando?”

“Eu gosto de ser uma sela, Rissa. Você foi a única que começou a odiar. Mas adivinhe. Podemos ser parecidas, mas não pensamos da mesma forma. Porque sou uma sela muito boa e quero continuar fazendo isso. Eu gosto de ser desejada. Eu gosto do poder que o sexo me dá. Ser uma sela real era a melhor posição que eu poderia esperar, e você me arrastou para fora de lá sem o meu consentimento. Então eu terminei.”

O emaranhado de silêncio que treme entre elas faz meus olhos correrem para a esquerda e para a direita. Eu me sinto totalmente deslocada ouvindo isso, então faço o meu melhor para não fazer nenhum barulho.

Depois de um momento, Rissa parece murchar, como se as palavras de Polly tivessem espetado uma agulha em sua espinha, deixando o ar sair de suas costas enrijecidas. “Sinto muito, Polly,” ela sussurra, emoção grossa em sua voz. “Eu não entendi. Eu não ouvi.”

“Você tem razão. Você não fez,” ela estala. “Você sempre acha que eu estou apenas sendo estúpida. Polly imatura. Polly alta, irresponsável e mal-intencionada. E

talvez eu seja essas coisas, mas também sou uma sela muito boa, e não há vergonha nisso."

"Claro que não," Rissa diz implorando. "Eu era uma sela por escolha no começo. Nunca pensei assim."

"Bom. Porque você também era muito boa, e eu gostava que fôssemos um time. Mas não podemos mais ser um. Nosso rei está morto e agora estamos aqui, e ambas queremos coisas diferentes."

Um brilho de umidade cobre os olhos de Rissa, e ela abaixa a cabeça ligeiramente. Nunca vi Rissa tão intimidada. "Você tem razão. Eu sinto muito."

Polly dá um aceno brusco, e então suas costas parecem afrouxar um pouco de sua rigidez também. Ela arrasta o olhar para a janela, os braços cruzados à sua frente enquanto solta um suspiro. "Tudo bem. Pelo menos este lugar não é tão frio," ela reflete.

Rissa parece tomar isso como uma espécie de consolo e lhe dá um sorriso suave. "Sim. Chega de frio."

As duas mulheres trocam um olhar, um pouco da hostilidade se esvaindo.

Claro, então Polly se vira e fixa seus olhos em mim. "Agora, preciso de um banho para tirar as semanas de viagem do meu corpo e de um vestido novo para ficar com a melhor aparência possível. E depois quero umas moedas e um passeio de carruagem até o melhor e mais caro bordel da cidade, porque eles estão prestes a empregar sua melhor sela. A menos, é claro, que Rei Podridão queira uma nova sela real," ela diz com um torcer arrogante de seus lábios.

Eu ignoro essa parte, meus olhos passando rapidamente para Rissa. "Algumas moeda?"

Ela dá de ombros. "Eu disse a Polly que já que você está aqui com Rei Podridão, você nos daria uma ajuda. Sela para sela."

"Ela tentou me drogar," eu digo secamente.

“Por ordem de Midas,” Polly retruca. “E o que eu deveria fazer? Eu não poderia desobedecê-lo. As mulheres têm que fazer o que têm que fazer.”

Deixo escapar um suspiro, mas a simpatia cresce em mim, embora eu não queira. Depois de tudo, não quero continuar me entregando a pessoas como Polly e Mist. Mas ela está certa. As mulheres têm que fazer o que têm que fazer. Só acho que nossa ideia disso são duas coisas muito diferentes. “Eu vou ter algo para você antes de sair.”

Acho que a surpresa passa por seus olhos por um momento, mas ela fecha antes que eu possa ter certeza. “Então,” ela começa, olhando ao redor da sala, arrastando o dedo sobre uma das cadeiras almofadadas de encosto alto. “Você mudou de rei rapidamente.”

Eu olho para ela friamente. “Pelo contrário. Mudei muito lentamente.”

Ela não diz nada sobre isso.

Eu fico de pé, fechando a distância entre nós. “Pelo que vale, Polly, espero que você seja feliz aqui no Quarto Reino.”

Seus olhos se estreitam, como se ela não acreditasse em mim. “É claro que serei feliz,” ela diz defensivamente, como se quisesse provar que estava certa, não importa o custo.

“E você?” Eu pergunto a Rissa. “Você está querendo deixar o reino? Porque devo avisá-la, não tenho certeza de onde em Orea é o melhor lugar para se estar agora.”

“Na verdade, eu estava pensando em... ficar aqui.”

Minhas sobrancelhas saltam para cima. “Ficar?” Eu não esperava isso. Rissa só tem falado sobre ir embora. Viajando. Afastar-se de tudo o que a faz lembrar da sua vida de sela real. Talvez ela queira ficar para cuidar de Polly, mas por algum motivo, acho que é mais do que isso.

“Sim,” ela responde asperamente, terminando a discussão naquela resposta sucinta de uma única palavra enquanto se levanta. “Agora, vou precisar de um banho e de um vestido também, e também de um quarto onde possa dormir. Eu não posso

nem te dizer o quanto estou doente de dormir em uma barraca e ser pega na sombra daquele idiota peludo todas as noites."

É a segunda vez que ela o menciona.

"Algo... aconteceu entre você e Osrik?" Eu pergunto com cuidado.

O brilho de irritação em seus olhos está murchando o suficiente para fazer minhas sobrancelhas levantarem. "Eu com aquele caipira? Claro que não," ela responde com veemência.

Tão quente que há outro rubor queimado em suas bochechas.

Interessante.

"Certo," eu digo lentamente. "Vamos... preparar aqueles banhos."

"Honestamente," Rissa resmunga nas minhas costas enquanto ela e Polly me seguem para fora da sala. "Eu e ele. A pior ideia."

A pior ideia, de fato.

CAPÍTULO 56



Auren

Parece que todos os meus nervos se condensaram na boca do estômago.

Hoje à noite, Slade tem que dar a Manu sua resposta oficial. A noite já pingou do céu e mergulhou na terra, apagando lentamente as últimas horas restantes.

Estou no telhado, meu cabelo solto nas costas, alguns fios fazendo cócegas em meu rosto. O céu está salpicado de nuvens que carregam o cheiro de chuva quente, mas, por enquanto, parece contente em trazer apenas uma brisa fresca.

Meus dedos estão curvados sobre o topo da parede enquanto olho para o acampamento do exército. Não consigo ver muito daqui, já que a montanha e as árvores bloqueiam a maior parte dela, e o próprio castelo esconde o resto. Mas eu posso ouvi-lo.

Posso ouvir o som de milhares de soldados lá embaixo, os mesmos ruídos que ouvi quando viajei ao lado deles. Posso ver algumas fogueiras esparsas por entre as árvores, acesas como pequenos sóis alaranjados queimando em alfinetes ao longo do solo.

A base do exército está tão cheia que prédios rústicos foram erguidos para abrigar mais deles, enquanto o resto do excesso foi alojado nas pousadas da cidade ou aqui mesmo no próprio castelo. Dizer que está cheio é um eufemismo.

A Ira também têm dormido na base todas as noites. Acho que ajuda os soldados vê-los lá embaixo, saber que seus capitães e comandantes não estão apenas subindo para seus quartos luxuosos no castelo. Eu poderia dizer que Slade estava dividido, mas ele está ficando aqui comigo em vez disso.

Um barulho acima me faz erguer o olhar e disparar em direção ao céu. Eu pulo de surpresa quando uma enorme figura sombria circula acima, gritando quando Argo pousa bem ao meu lado.

Eu envio a ele um olhar furioso. “Seu idiota. Você me assustou.”

Ele lambe os beiços, sua longa língua roçando seus dentes afiados como adagas. Alguns deles parecem mais escuros que os outros, talvez sangue de um animal que ele caçou. Quando ele lambe a boca novamente, desta vez mastigando alguma coisa, eu torço meu nariz. “Bruto. Você pode enxaguar antes de vir aqui e despejar suas costeletas em mim?”

Ele inclina a cabeça, os olhos iridescentes brilhando. O tamanho dele sozinho ainda me deixa um pouco nervosa em sua presença, embora eu tenha que admitir, ele cresceu em mim.

Mas ainda me encolho quando ele de repente se aproxima de mim e cutuca meu braço.

Eu vou direto como uma vareta, meu coração pulando um passo. “Você quer alguma coisa?” Eu pergunto nervosamente.

Ouço passos se aproximando e me viro para ver um dos guardas se aproximando. “Perdão, minha senhora, mas estragamos a besta de Sua Majestade. Ele vem aqui para isso.” O homem enfia a mão no bolso e estende um pedaço de comida.

Pegando-o, olho para a minha mão, vendo que a comida não é seca como eu esperava, mas algum tipo de biscoito grande. “Você está me dizendo que os Asa de madeiras gostam de doces?”

O guarda encolhe os ombros com um sorriso tímido. “Não sei sobre todos os Asa de madeiras, mas este certamente gosta.”

Rindo, eu me viro, apenas para encontrar Argo pairando sobre mim, olhando fixamente para o biscoito em minha mão. “Então, é isso que você quer?”

Ele faz um som abafado do fundo da garganta e pisca para mim inocentemente.

Eu zombo. “Mm-hmm, boa tentativa com os olhos de cachorrinho,” digo a ele antes de tornar meu tom mais severo. “Se você arrancar minha mão com uma mordida, vou ficar muito brava.”

Estendendo minha mão, apresento o biscoito na palma da mão achatada e, assim que estendo um centímetro, Argo está vindo para pegar a guloseima. Eu estremeço, os olhos bem fechados, mas ao invés de sentir seus dentes afiados me atacando, ele é surpreendentemente gentil. Tudo o que sinto é o focinho mais suave dos lábios de cavalo antes que a boca e a guloseima desapareçam.

Quando eu abro meus olhos novamente, ele está engolindo alegremente, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo. Desta vez, quando ele lambe os dentes, ele está juntando migalhas.

“Nada como engolir uma maldita caçada com um biscoito, certo?” Pergunto-lhe.

Ele faz um barulho como um falcão rouco, e eu estendo a mão para acariciá-lo.

Ao meu lado, ouço o guarda prender a respiração. “Senhora Auren, eu não...”

Antes que seu aviso termine, meus dedos descem para as penas cor de casca no pescoço de Argo. Eu me preparo para a fera me morder, mas para minha surpresa, ele vira a cabeça para o outro lado, como se estivesse me direcionando onde arranhar. Delicadamente, coço seu pescoço, descobrindo que a pluma é muito mais macia do que eu esperava.

O guarda solta um suspiro de alívio. “Uau. Ele nunca permite que ninguém o acaricie além de Sua Majestade.”

Uma onda de gratificação me preenche quando passo minha mão sobre ele novamente. “Bom menino,” eu sussurro. “Obrigado por não me espancar até a morte.”

Eu o acaricio por mais alguns segundos e, assim que solto minha mão, ele se afasta de mim. Esse é o único aviso que recebo antes que ele desça e salte, uma rajada de ar lançada de volta em nossa direção enquanto suas asas o levam mais alto.

Afasto o cabelo que caiu em meu rosto, sorrindo para mim mesma enquanto observo sua figura sombria desaparecer. Virando-me para o guarda, digo: “Obrigado pelo biscoito.”

Ele inclina a cabeça. “A qualquer hora, minha senhora.”

Enquanto desço as escadas, todos os sentimentos de contentamento do telhado diminuem lentamente, passo a passo. Quando estou de volta no chão dos aposentos de Slade, minha ansiedade está comprimida de volta em meu estômago novamente, solidificada e pesada.

Respiro fundo antes de entrar e fechar a porta. Quando entro no quarto, vejo que a janela está aberta, deixando entrar o ar fresco da noite, agitando as cortinas verdes em ondas lentas.

“Aí está você,” diz Slade. Ele se levanta da cadeira ao lado da lareira apagada, com uma pilha de papéis nas mãos. Ele os joga no assento enquanto se endireita. Meus olhos percorrem sua figura, calça preta enfiada em suas botas, um gibão de couro amarrado na cintura. Ele está barbeado também, a barba preta que estava ficando mais espessa agora voltou a ser apenas uma sombra ao longo de sua mandíbula, e seu cabelo está penteado para trás.

“Você está linda,” diz ele enquanto me aproximo.

Eu seguro a saia do meu vestido, levantando o tecido vermelho rubi. “Você escolheu este aqui.”

Olhos escuros seguem o decote da blusa, o decote cavado se fechando logo abaixo dos meus seios. “A cor combina com você.”

“É bom não usar ouro o tempo todo. É bom não vê-lo em todos os lugares também,” eu admito, olhando ao redor da sala, observando as tábuas escuras do piso, a rica roupa de cama verde. Mesmo algo tão simples quanto ser capaz de ver a verdadeira cor dos grãos de madeira ou linha em uma folha ainda é um tanto anômalo. Depois de tanto tempo constantemente cercada por ele, de cada coisa em Highbell sendo dourada por minha mão, é uma lufada de ar fresco estar fora dessa perspectiva singular.

Uma vida vivida em tons de ouro lança seu próprio tipo de sombra.

As pontas de seus dedos passam pelo bracelete de ouro em meu pulso. “Mas o ouro sempre será minha cor favorita.”

Eu sorrio para ele, mas aquela felicidade se esvai com meus pensamentos perturbados, enquanto meu estômago tenta revirar meus nervos de chumbo. Minha mão mergulha no bolso escondido do meu vestido, e pego minha fita, girando-a em volta do meu polegar por um momento antes de colocá-la na mesa de cabeceira.

Eu me viro para encará-lo. “Podemos falar?”

“É claro.”

Eu me movo em direção à cama, sento nela, apoiando minhas mãos em cada lado de mim para não me mexer, apenas balançando levemente meus pés. “Não sei se dizer não esta noite para Manu é a melhor coisa.”

Um flash de decepção passa por suas feições. “É,” diz ele com decisão. “Eles estão tentando nos intimidar, nos encurralar.”

“Mas o exército está cansado. E a falta de comida...”

“Você parece Ryatt.”

Eu paro. “Então ele concorda?”

Uma risada indiferente brota de seu peito. “Quando se trata de minhas decisões, Ryatt geralmente sempre acredita que eu deveria fazer o contrário.”

Meus dentes prendem meu lábio inferior. “Só estou preocupada.”

O rosto de Slade suaviza, e então ele caminha até mim, parando bem na frente dos meus joelhos. Sua mão sobe para deslizar sob minha mandíbula, para inclinar minha cabeça para cima enquanto ele se inclina para baixo. “Eu não quero que você fique preocupada. O Quarto Reino é forte. Eu sou forte.”

“Eu sei que você é, mas seu povo...”

De repente, ele dobra o joelho e o coloca bem entre minhas pernas no colchão, prendendo o tecido da minha saia enquanto seu peso prende minhas pernas para baixo.

“O que você está fazendo?” Eu pergunto, minha voz saindo em uma onda ofegante.

Ele se inclina e eu me inclino para trás, fazendo-o sorrir. “Eu não quero que você se preocupe. Nós vamos ficar bem.”

“Mas...”

Ainda segurando meu queixo, ele desce e roça seus lábios nos meus, fazendo minhas palavras morrerem em minha língua e escorrerem com minha respiração trêmula.

Não é nem mesmo um beijo completo, não realmente, mas apenas aquele simples toque faz meu corpo reagir, me faz derreter contra ele.

Ele se afasta, o olhar verdejante florescendo com lampejos de calor em suas profundezas verdes. “Você tem um bom coração, Auren,” ele me diz, o polegar acariciando a borda da minha mandíbula. “Eu só quero que você confie em mim nisso. Confie que posso manter você e meu reino seguros.”

“Eu confio em você,” eu respondo honestamente. “Mas você mesmo disse, se eles fizerem isso, se eles te pressionarem, você vai retaliar.”

Em vez de tentar negar, ele coloca o outro joelho na cama também, este do lado de fora da minha coxa direita. Eu pensei que minha saia estava esticada antes, mas agora está ainda mais restrita, prendendo minhas pernas no lugar. Suas mãos se

apoiam no colchão de cada lado dos meus quadris e, embora eu me incline um pouco para trás, ele se inclina comigo.

“Vou retaliar,” diz ele, falando a apenas alguns centímetros do meu rosto. “Eu não evito usar minha magia. Não sinto remorso por vingança. Farei o que for preciso, porque ninguém tem permissão para ameaçar meu reino ou tentar feri-la.”

Engulo em seco, e não deveria estar excitada agora. Não quando estamos falando de algo tão sério, não quando ele está me dizendo que não sente culpa por espalhar sua podridão à custa de vidas e terras.

Mas eu estou.

Há sempre essa atração pulsante entre nós, que reverbera pelo ar que só nós podemos sentir.

“Eu não quero que você tenha que matar por mim.”

O lado de sua boca se contrai, e ele roça sua bochecha contra a minha, a textura áspera de seu rosto barbeado fazendo minha própria bochecha formigar com o calor. “É tarde demais para isso,” ele ronrona sombriamente. “Os instintos fae em mim não descansarão até que as ameaças a você sejam eliminadas, e o rei em mim não ficará sentado enquanto outros ameaçam meu povo. Eu não vou ser capaz de tolerar isso. Ninguém pode ameaçar o que é meu, porque eu não vou me deitar e pegar.”

Ele se inclina mais para frente, me empurrando com o movimento, e agora sou eu deitada. É o meu corpo alfinetado, ouvindo a palavra em um contexto completamente diferente. O calor em seus olhos me diz que é exatamente o que ele pretendia.

Seus músculos do braço se projetam enquanto ele se mantém sobre mim, seus olhos mergulhando no meu peito, fazendo uma piscina de calor líquido em meu núcleo.

“Mas... isso é ruim,” eu digo sem jeito, mesmo quando meus quadris tentam levantar. Tentam e falham, porque ele ainda prendeu minha saia. Isso envia um

arrepio pela minha espinha, estar completamente à sua mercê, sendo mantida sob seu corpo.

Deite-se e pegue.

"Eu e você," diz ele, inclinando-se para a frente, tornando aquela atração mais potente, a atração pulsante mais magnética. "Não há vergonha no que somos."

Que pensamento perigoso.

Ele mordisca meu lábio inferior, lambendo a costura. Quando não abro, ele aperta com mais força, desenhando o menor e mais agudo ponto de dor que de alguma forma faz meu corpo se encher de antecipação. Deixei minha língua escapar, encontrando a gota de sangue ali, mas ele pressiona seus lábios nos meus novamente, roubando o gosto.

"Somos poderosos," ele me diz, uma mão descendo para arrastar da clavícula até a ponta do meu decote, uma trilha para acender, para espalhar esse desejo ardente.

Eu não deveria estar querendo a queimadura. Eu deveria estar afastando-o, falando sobre esta decisão sem a distração de sua sedução. Mas eu não posso. Eu não posso, porque toda vez que ele me toca, ele incita um desejo incontrolável.

Então eu me arqueio, um apelo silencioso para que ele mergulhe a mão sob o tecido, agarre meus seios, me toque por inteira. Eu arqueio, e ele se curva, e isso é tudo.

"Diga." Seus lábios descem para o meu mamilo endurecido, sugando-o através do vestido. Eu gemo com o contato, inclinando a cabeça para trás. Ele se move de um para o outro, lambendo, puxando, provocando.

"Toque-me," eu exijo em vez disso.

Seus dentes se fecham sobre mim, mordendo com força assim como meu lábio. Meu mamilo faísca com uma deliciosa pontada de dor, me fazendo gritar. "Diga."

Meus quadris mais uma vez tentam levantar. Falham. Tento novamente. Estou empurrando contra o tecido constritor, fazendo com que meu corpo pareça preso e apertado por toda parte. Fazendo-me sentir totalmente constrangida - e ainda mais intensamente excitada por causa disso.

Eu quero moer contra ele, para ele pressionar contra o meu núcleo pulsante, para ele me manter aqui, presa debaixo dele, enquanto ele distribui o meu prazer.

“Somos poderosos,” repito, cedendo ao seu pedido, minha respiração embaraçosamente rápida.

“Isso mesmo,” ele me diz, olhos fixos nos meus, me segurando no lugar com seu olhar tanto quanto ele está segurando o resto de mim. “Com ouro e podridão, vamos proteger o que é nosso. Seremos o nosso pior quando precisarmos e seremos o nosso melhor juntos. E no final do dia, vamos destruir nossos inimigos.” Seus quadris batem para baixo, finalmente - finalmente - me dando aquela fricção que eu preciso, e eu gemo, estremecendo toda.

“Por que, Auren?” ele pergunta, um sussurro sedutor saiu de seus lábios.

Sua dura longitude penetra em mim, atingindo meu clitóris, fazendo-me arder.

“Porque...” Eu ofego, os olhos fixos nele enquanto alcanço os laços de suas calças, puxando-os para fora.

Em vez de ter medo de todo o maldito mundo, eu poderia fazer todo o maldito mundo ter medo de mim.

Eu afundo minha mão e agarro seu pênis ao mesmo tempo em que digo: “Por quê. Nós seremos os vilões um do outro.”

Ele sorri. Lento, enfático, licencioso. “Isso é fodidamente certo.”

CAPÍTULO 57



Auren

Há algo libertador e excitante sobre esta confissão perversa um ao outro. Talvez seja a fae em mim. Talvez seja a podridão que está enraizada na minha alma. Mas seja o que for, fala com aquela fera que vive dentro dos limites do meu peito.

Eu aperto o pau de Slade com força, arrancando um gemido de seus lábios perversos. “Faça-me gozar, Slade.”

Seus olhos brilham. Sua boca estala. “Você é minha igual. Minha fêmea. Minha parceira. Mas quando se trata de sua boceta, eu estou no comando.”

Eu arqueio uma sobrancelha imperiosa, mesmo quando meu estômago pula sobre si mesmo. “E se eu quiser tomar conta do seu pau?”

Uma risada sombria e baixa sai dele. “E você vai, Canário?”

Concordo com a cabeça lentamente, arrastando o dedo sobre a veia latejante que corre por toda a extensão dele. Bem quando estou prestes a tocar a coroa, retraio minha mão e, com meu olhar segurando o dele com ousadia, lambo toda a extensão da palma, lambendo-a até que esteja bem molhada. Seus olhos se fecham quando eu o agarro novamente, acariciando. Meu toque itinerante até que eu agarre suas bolas para amassar e rolar.

“*Porra. Inferno.*”

Eu nem mesmo tento suprimir meu sorriso, mas então eu sinto o pré-sêmen vazar de sua ponta e cair na minha barriga. De novo e de novo, mais gotas escorrem, e eu não sei por que, mas ver seu pau realmente vazando porque ele está tão excitado por mim me faz sentir ainda mais poderosa, e de uma forma totalmente diferente do que ele quis dizer. O líquido bruto continua a vazar, encharcando meu vestido, fazendo o tecido grudar na minha pele.

Desta vez, sou eu quem faz um tsks. “Olhe a bagunça que você fez, Rei Podridão,” eu digo, assim que eu pego meu dedo e passo algumas das gotas ainda reunidas em sua ponta. Seus olhos brilham quando eu trago meu dedo à minha boca e chupo. Seu sabor salgado explode em minha língua, e eu encolho minhas bochechas até puxar meu dedo para fora com um estalo.

Ele solta outra maldição. “Você está tentando me matar?”

Meu sorriso retorna, assim como meu aperto em seu pau. “Matar você? Considerando o que eu quero, isso não seria muito útil.”

Ele dá uma risada. “Você está sendo muito útil.”

Solto uma risada, mas é interrompida quando ele se abaixa e me pressiona com a palma da mão.

“Eu posso dar tanto quanto eu recebo. Lembre-se disso, Canário.”

Estremeço, concentração interrompida, a continuação suave de meus golpes em seu pau se tornando esporádicos. Sua palma, no entanto, continua circulando e pressionando contra mim sem perder o ritmo.

Eu não tenho certeza do que é sobre o puxão apertado da minha saia me constrangendo, mas isso torna sua moagem persistente ainda mais intensa. É como se eu estivesse mais consciente de cada pequeno sentimento. O tecido rubi me prendendo. O calor de sua palma. As manchas molhadas que ele deixou em minha barriga e as marcas de resfriamento sobre meus mamilos de sua boca.

Tudo isso cai sobre mim, úmido e quente, como o lento acúmulo de condensação. Isso me cobre, de bochechas coradas a coxas tensas e minha mão ainda

massageando seu pau, outra gota de pré-sêmen se acumulando como uma gota de orvalho.

Eu gostaria de poder me inclinar para frente o suficiente para lambê-lo.

“Não me provoque,” eu digo, quadris tentando sacudir para cima novamente, tentando fazê-lo pressionar mais forte. “Eu quero gozar.”

“Isso é certo?” ele diz, tão lento como sempre.

“Sim,” tento responder, embora soe mais como um gemido. Como ele pode me fazer sentir tão desesperada tão rapidamente é como um feitiço que ele é capaz de lançar. Nunca estive tão delirantemente perdida na luxúria como quando estou com ele. E então, como pura magia, sua mão se move mais rápido, mais forte, me fazendo gemer, me arqueando, me fazendo construir e construir e construir e...

“Não!”

Sua mão se foi de repente, assim como meu orgasmo.

Eu olho para ele, peito subindo e descendo como se eu tivesse acabado de subir cinco lances de escada. “Por que você parou? Eu estava prestes a gozar.”

O homem irritante se levanta do colchão, seu peso se foi, o vestido não está mais preso. Minhas pernas formigam com o alívio, sento-me sobre um cotovelo e instantaneamente deslizo minha mão pela minha frente. Levanto minha saia, conduzo meus dedos para baixo, pronta para circular sobre meu clitóris dolorido...

Meu pulso está algemado por um aperto resoluto, preso sob meu vestido, me parando antes que eu pudesse alcançar meu ponto necessitado. “Solte.”

Ignorando-me, ele empurra as calças para baixo com a outra mão e, em vez disso, traz minha mão de volta para seu pau.

Em vez de acariciá-lo, eu aperto. Duro. Não de uma forma firme e sensual. Não como costumo fazer com ele, mas insensível e irritado, cheio de advertências. Mas o babaca nem se mexe. Não, ele apenas geme. Como se eu o apertar como se quisesse espremer um limão fosse prazeroso.

“Mmm, tão agressiva,” diz ele sombriamente, empurrando os quadris para frente como se pedisse mais. “Tentando me punir?”

“Sim.” Desta vez, tento alcançar suas bolas. Vamos ver se ele gosta dessa parte dele tratada com tanta força.

Mas ele deve estar sintonizado com meus movimentos, porque ele agarra meu pulso novamente e, em um piscar de olhos, estou deitada de costas e meus dois pulsos estão presos acima da minha cabeça.

“Você perdeu o privilégio de suas mãos, minha senhora.”

A excitação explode através de mim, espalhando-se pelo fundo do meu estômago. Talvez nossa natureza fae nos torne mais parecidos do que eu imagino, porque eu pareço gostar quando ele é agressivo também.

Mas eu faço uma careta para ele de qualquer maneira.

“Se você não vai me fazer gozar, eu mesmo farei isso.”

“Não,” diz ele com um aceno de cabeça. “Você não vai. Enquanto eu estiver na sala, sou eu quem vai dar prazer a você. Sou eu quem decide quando você goza.”

Eu levanto minha cabeça ligeiramente. “Então faça,” eu desafio.

Se meu corpo pudesse falar por mim, teria saído como um apelo.

Ele me dá um olhar sombrio, os olhos percorrendo minha aparência desgrenhada. “Mantenha as mãos acima da cabeça. Não as mova.”

Engulo em seco com um aceno de cabeça e, assim que o faço, ele solta meus pulsos.

Ele está sobre mim, dedo arrastando para baixo com seu olhar. “Olhe para isso,” ele murmura, sua outra mão pastando ao redor da mancha molhada no meu estômago. “Você fez do meu pau uma bagunça pingando. Está praticamente salivando para se deliciar com sua boceta.”

Meus quadris levantam em convite.

Ele segura o pau, dando a si mesmo alguns golpes preguiçosos, e o movimento é tão sexy que me deixa em brasa da cintura para baixo.

“Mmm. Talvez eu devesse fazer você assistir. Eu poderia derramar o resto do meu esperma em todo o seu lindo vestido. Ver você se contorcer e ganir enquanto seguro esse pau que você tanto deseja.”

Minha respiração fica presa. “Não,” eu digo, balançando a cabeça.

Mesmo com os castiçais queimando em seus lugares nas paredes, ainda está escuro aqui, e com ele de pé sobre mim, acariciando a si mesmo, isso me faz sentir ainda mais carnal, como se a escuridão fosse o guardião seguro de todas as coisas luxuriosas e perversas.

Ele continua a mover a mão para frente e para trás. “Você nem sabe o que você desbloqueou, deixando meu pau escorrer por todo o seu lindo vestido,” diz ele, com movimentos lentos. Até. Como se ele não estivesse me torturando com essa provocação erótica. “Dá vontade de cravar os dentes no seu pescoço e deixar uma marca na sua pele. Dá vontade de te despir, de boca aberta, língua de fora e gozar no peito, na boceta, no rosto. Me dá vontade de espalhar sobre seus seios, esfregar contra seus lábios carnudos, ver você engolir enquanto eu aliso meu esperma bem sobre sua boceta latejante.”

Meus olhos se arregalaram, meu pulso pulando de excitação. “Grande Divino...”

“Você ficaria tão coberta de mim que eu seria capaz de sentir o cheiro,” ele rosna, como se já estivesse se sentindo possessivo com a ideia, já querendo levá-la a bom termo.

Eu quase quero deixá-lo.

Então, sem aviso, Slade se abaixa e puxa minha saia, me expondo. Ele rasga minha calcinha encharcada na próxima piscada, e então ele está de joelhos, com o rosto enterrado na minha boceta.

Todo o meu corpo estremece enquanto ele lambe minha fenda, sua língua chata e insistente, me lambendo como se eu fosse seu gosto favorito. “Mmm, todo esse creme molhado só para mim.”

Sua voz ressoa contra mim, enviando vibrações que alimentam meu núcleo como se eu fosse uma fera faminta, desesperada para ser satisfeita.

Ele espeta sua língua, fodendo em mim, e eu gemo e me contorço, tentando moer meus quadris para cima para fazê-lo prestar atenção aos meus nervos latejantes, mas ele me imobiliza com minhas saias amontoadas novamente.

“Slade,” eu lamento. “Lamba meu clitóris.”

Ele afasta sua língua para olhar para mim de seu lugar entre minhas pernas, meus sucos cobrindo seu queixo. “Minha porra de garota safada quer que seu clitóris seja lambido?”

“Sim! Me faça gozar!” Estou praticamente soluçando de desejo, me contorcendo e me debatendo descontroladamente de um lado para o outro, tentando me libertar de seu aperto e, ao mesmo tempo, amando o controle restrito.

“Mmm, eu adoro quando você está carente e se contorcendo.”

Seu rosto desce, e um raio de pura eletricidade vem com ele quando sua boca se agarra ao meu clitóris inchado e suga e belisca, sua língua saindo para me lamber com fervor.

Minhas mãos mergulham em sua cabeça, os dedos passando por seu cabelo grosso. Eu puxo e puxo, forçando sua cabeça a ficar bem ali, para que sua língua continue me devorando como se estivesse se banqueteando com meu clitóris, porque eu vou...

Suas mãos arrancam meus pulsos assim como sua boca.

Desta vez, o gemido mais embaraçoso sai de mim. “Não, eu estava tão perto, seu bastardo!”

Suas mãos prendem as minhas contra a cama. “Eu lhe disse para não mexer as mãos,” diz ele com repreensão perversa. “É muito desobediente não seguir as instruções.”

Parece que todo o meu corpo está pulsando agora, tudo concentrado naquele feixe de nervos carentes que ainda não está conseguindo o que eu quero. Ele continua me levando ao pico e depois me deixando pendurado. Eu me sinto como um único movimento de sua língua, e eu poderia ir correndo.

“Você tem que terminar o que começou,” eu imploro. Porque estou muito nervosa. Muito carente. Ele me fez assim, e agora parece que se eu não conseguir a liberação que ele construiu, ficarei desolada e desprovida.

É por isso que ajo como um animal enlouquecido quando ele solta minhas mãos para se levantar, sorrindo para mim enquanto diz: “Não.”

Eu me surpreendo com a rapidez com que me movo.

Em um segundo, estou deitada na cama e, no seguinte, estou de pé e o empurro com tanta força que ele cambaleia para trás. Não sei se é porque realmente usei força suficiente ou se é porque o peguei de surpresa, mas de qualquer forma, seus pés se arrastam vários passos para trás.

Antes que ele possa se firmar, estou sobre ele, um ruído animalesco que sai da minha garganta. “Foda-me. Agora.” Meu rosnado é exigente, minha mão em seu pau. “Se você não me der o que eu quero, vou te dar uma joelhada nas bolas com tanta força que toda aquela porra que você quer pintar no meu corpo ficará sufocada por uma semana.”

A maioria dos homens provavelmente ficaria boquiaberto e recuaria diante dessa ameaça.

Mas Slade?

Ele fica louco pra caralho.

Minha bunda está em suas mãos, meu vestido está franzido na minha frente, e então minhas costas são empurradas contra a parede mais próxima. Mas nem sinto

quando minha cabeça estala contra ela, porque estou rindo, rindo por tê-lo empurrado assim, feito ele perder o controle.

“Eu ia te provocar mais um pouco. Continuar brincando com essa boceta até você gritar. Mas agora você me empurrou longe demais. Você está prestes a ser fodida bem contra esta parede, Lady Auren.”

Eu empurro meus lábios contra os dele, mordendo com força, fazendo-o sibilar quando tiro sangue antes de me afastar e sorrir. “Bom.”

Ele me penetra com força total, com tanta força que acho que o mundo deve se abrir.

Ou talvez seja só eu.

Eu grito seu nome, cravando as unhas no couro de sua camisa, me sentindo tão cheia, tão invadida, cheia de seu pau e amando cada centímetro dele.

“É disso que você precisava, Canário?” ele rosna contra o meu ouvido.

“Deusa, sim.” Porque eu faço. Eu preciso não pensar. Para não se preocupar. Preciso que toda a minha consciência seja reduzida a nada além de algo carnal, feroz e totalmente satisfatório.

Slade só me dá uma tragada lenta, e então ele começa a me foder bem aqui, cada estocada forte e rápida, fazendo a parede ranger e tremer enquanto ele bate em mim de novo e de novo.

E então ele estende uma mão para cima, dedos exigindo entrada em minha boca, dois dedos grossos pressionando meus lábios. “Chupe.”

Apenas isso, e eu gemo. Eu gemo e passo minha língua por todos os dedos dele, sugando-os profundamente em minha boca.

Esses dedos molhados vão para o meu clitóris, esfregando, circulando, beliscando, e eu vou entrar em combustão, vou...

Ele os afasta. Assim quando minha boceta estava prestes a se contrair, quando eu estava prestes a explodir.

Um soluço furioso sai de mim. “Não...”

“Sim,” ele ronrona em resposta, seu pau pulsando em mim, parecendo que está ficando ainda mais duro, ainda mais grosso.

“Eu preciso disso,” eu imploro.

“Você foi muito travessa, não foi? Empurrando-me assim, fazendo exigências.” Sua voz sombria de alguma forma faz minha pele quente explodir com calafrios. “Eu deveria levar você ao limite de novo e de novo. Eu deveria continuar batendo nessa boceta, continuar provocando esse clitóris, fazer você perder a cabeça em sua necessidade. Trazer você para cima de novo e de novo, nunca deixando você escorregar desse pico.”

Já me sinto sem sentido e, se ele continuar me provocando, posso morrer. “Não. Por favor.”

Talvez seja a gula do meu apelo, mas Slade captura minha boca e começa a me beijar como o inferno.

Não há golpe lento de língua. Nenhuma pequena mordida nos dentes. Isso é bagunçado, dominador e sexy pra caralho. Ele é dono da minha boca como é dono do resto do meu corpo - completa e possessivamente, mas com um nível de confiança entre nós que me permite deixar ir completamente a emoção de uma paixão tão selvagem e devolvê-la dez vezes.

Ele só se afasta quando eu viro minha cabeça para recuperar o fôlego, e então ele me arranca da parede, habilmente me batendo para cima e para baixo sobre seu pau como se o meu peso não fizesse diferença para a capacidade de sua força. Se ele já não estava profundo antes, ele está ainda mais profundo agora.

Cada centímetro de mim está empalado, preso no pau implacável que está empurrando para dentro e para fora enquanto ele me levanta e desce. É felicidade. É uma agonia. Os dois estão juntos, fazendo minha visão girar com estrelas crepitantes.

Porque eu preciso.

Eu preciso, eu preciso, eu preciso.

Minhas costas batem na cama com um salto, e ele dobra meus joelhos até meu peito, me fodendo como um homem possuído.

“Eu vou deixar você gozar desta vez,” ele me diz, e eu quase choro de alívio e necessidade, meus seios saltando obscenamente com a intensidade de seus impulsos ásperos. “E quando você fizer isso, você vai jorrar em todo o meu pau e gritar meu nome, e então você vai me agradecer por ter parado você, porque você vai gozar mais forte do que nunca.”

Eu acho que isso é provavelmente um exagero.

Não é.

Sua mão desce até meu clitóris, mas em vez de esfregar, ele bate. Um tapa rápido bem nos nervos latejantes, e aquela pontada de dor me envolve como se fosse jogado em uma banheira cheia de água, atordoando meus sentidos e me envolvendo no choque. E então ele esfrega, empurrando aquela pontada direto para o prazer assim que ele rosna uma palavra comandada.

“Goze.”

O orgasmo rompe através de mim, me despedaçando.

Eu gozo, gozo e gozo, e ele continua esfregando e esfregando e fodendo.

Quando a ruptura aumenta e diminui, ele de alguma forma apenas me joga em outra, como se tivesse passado de me jogar em uma banheira para depois me jogar em um rio, sua corrente perigosamente rápida me varrendo antes que eu pudesse agarrar qualquer coisa ao meu redor.

E quando eu gozo de novo, ainda ondulando com os efeitos posteriores, ele continua.

Ele continua, e não tenho certeza se vou morrer ou desmaiar ou apenas me afogar em prazer.

Mas que maneira de morrer.

“Boa menina,” diz ele, e meu prazer se eleva e gira apenas com essa palavra. “Você é extraordinariamente suja.”

Estou tremendo toda. Acho que posso estar chorando. Estou tão tensa, tão excessivamente sensível, tão ampliada que jogo minha cabeça para frente e para trás, implorando, implorando.

Mas de alguma forma, estou implorando por mais enquanto também imploro para que ele acabe com essa agonia eufórica.

“Você gosta disso, não é, baby?”

Não consigo falar nada além de murmúrios gemidos.

Seus lábios descem para raspar contra minha garganta, a língua lambendo ao longo da linha da minha mandíbula antes de sua boca capturar a minha. “Você é linda pra caralho. Esguichando enquanto eu fodo você.” E eu sinto. Eu posso ouvir o quão grosseiramente molhada estou pelo som de nossas peles batendo juntas, a forma como seu pau está revestido em mim. “Quero que sua doce boceta se envolva em mim, Auren,” ele ronrona. “Sufoque meu pau e me faça gozar com você.”

Meu pedido balbuciante é indecifrável, mas com certeza não posso fazer isso de novo.

“Mais um. Você pode me dar mais um, porque você é a porra da minha mulher perfeita que adora quando eu te fodo com tanta força que você vê estrelas. Você adora quando me provoca, apertando minhas bolas, deixando meu pau tão molhado que chora. Não é, Canário?” Estou fora de mim com uma necessidade enlouquecida, com uma exaustão feliz, com um pico que parece não ter fim. “Então me dê. Mais. Um.”

Meu corpo se curva voluntariamente a sua demanda. Sinto minhas costas arquearem, sinto meu corpo inteiro tremer. E então eu dou a ele mais uma maldita.

O tormento arrebatador me atravessa, e não tenho certeza de como tenho fôlego suficiente para gritar seu nome, mas grito. Minha boceta aperta em torno dele, e ele se enterra tão profundamente dentro de mim, jatos quentes de esperma se acumulando em mim.

E meu corpo simplesmente se dissipa. Mente completamente extasiada. Eu afundo contra o colchão com um suspiro trêmulo, em tal estado de êxtase e contentamento que meus olhos escurecem, as pálpebras se fechando.

Porque aquele mais um me arruinou da melhor maneira possível.

A última coisa de que me lembro é de um pano quente enxugando a sujeira entre minhas coxas, o jeito gentil de afastar meu cabelo do rosto. A mudança sem esforço do meu corpo enquanto me movo na cama, travesseiro abaixo da minha cabeça e cobre o resto de mim, e um beijo carinhoso na minha testa.

Então, eu vou para o outro mundo.

CAPÍTULO 58



Auren

Eu acordo, erguendo meu olhos abertos como se tivessem sido colados. Todo o meu corpo está pesado, como se eu tivesse acabado de tirar a melhor soneca de todas.

E então eu me lembro por quê.

Orgasmos.

Orgasmos, e quão completamente Rei Ravinger me devastou.

Eu vim aqui para falar com ele sobre Manu, para perguntar sobre a gravidade da ameaça ao seu reino. Sobre o Conflux, e se realmente é um tapa no pulso ou se Manu estava soprando fumaça para bloquear o fogo.

Mas em vez de falar, ele me seduziu.

O bastardo.

Olhando para o quarto vazio, eu bato minhas mãos na cama e pulo para fora da cama, caminhando em direção ao armário. Acho que só adormeci por alguns minutos, então preciso descer para jantar com a Manu, mas com certeza não posso usar esse vestido. Não com suas certas...manchas perceptíveis que agora estão secas e enrijecidas na frente.

Eu arranco o lindo tecido rubi, grata por Slade não ter criadas em seu quarto, porque não há absolutamente nenhuma maneira de eu deixar alguém esfregar isso. Farei isso sozinha no banheiro mais tarde.

Eu coloco meus quadris em um par de leggings pretas e, em seguida, puxo uma camisa desta vez. Deveria ter usado calças antes. Então talvez eu não tivesse me deixado seduzir e me distraído tão facilmente.

Estúpida.

É só... aquele macho.

Ele dá o sorriso e a risada e as linhas de poder com sua mandíbula desalinhada e suas palavras sujas, e eu simplesmente derreto. Toda vez.

Também é o pau dele. Ele tem um muito bom.

Olhando ao redor em seu armário, eu chamo o ouro que enrolei em torno dos pilares em seu quarto, e imediatamente flui em minha direção do outro quarto. Assim que está perto, eu o dirijo com meus movimentos, batendo com a mão em seu gibão de couro favorito. Meu ouro imediatamente o envolve, tornando o tecido brilhante e berrante.

A visão me faz sentir instantaneamente melhor.

Então eu faço suas calças favoritas em seguida. Não minhas calças favoritas, aquelas que abraçam seus glúteos da maneira certa e fazem sua bunda parecer muito boa, mas as outras. Então eu dourei suas botas extras. O casaco dele. Até as adagas ele tem penduradas nas paredes. Todas essas coisas que ele não vai poder mais usar, porque com certeza alguém vai ver.

Depois de usar todo o ouro dos pilares, limpo minhas mãos, olhando em volta com satisfação.

São as pequenas coisas.

Pessoalmente, acho que ele merece. Ele basicamente fez sexo comigo até ficar inconsciente para poder dar a Manu sua resposta final no jantar, sem que eu pudesse

discuti-la longamente antes. Há muitas vidas em jogo aqui, não só a minha, e apesar de sua certeza sobre o assunto, vale a pena falar sobre isso.

Quando estou prestes a sair do armário, meus olhos se fixam no casaco de penas. O que eu usei depois que deixei os Red Raids. Aquele que Slade tinha em seu armário em Ranhold. Mas isso não é tudo que ele conseguiu recuperar. De seu bolso, dou uma olhada no livro fae que eu trouxe para ele no Quinto. O livro sobre o qual nunca perguntei a ele, porque, mais uma vez, ele me distraiu com sexo.

Este parece ser um tema.

Eu adiciono isso à lista de coisas que preciso conversar com ele e depois vou para o banheiro. Depois de me lavar e pentear meu cabelo emaranhado, faço uma trança e saio do quarto de Slade. Saindo para o corredor, corro para chegar à sala de jantar a tempo.

Só que, quando chego lá, a sala está vazia. A mesa foi esvaziada. Eu paro no meio da porta, olhando para ela, meu coração começando a bater cada vez mais rápido.

Quando vejo um criado entrar no fundo da sala, chamo. “Com licença?” O jovem faz uma pausa, os olhos se arregalando. “Desculpe, mas quando acabou o jantar? Aquele com o conselheiro do Terceiro Reino?”

“Cerca de uma hora atrás, Lady Auren.”

Merda. Perdi.

Eu perdi, e Slade nem tentou me acordar.

Meus lábios se pressionam em uma linha dura. “Por acaso você sabe para onde foram o Rei Ravinger e o Terceiro Conselheiro?”

“Sua Majestade foi para a base do exército. Sir Ioana, creio eu, deveria partir em breve.” Frustração fermenta em meu estômago.

“Obrigada.”

Ele acena com a cabeça e sai correndo, desaparecendo como se estivesse preocupado que eu pudesse perguntar a ele outra coisa. Ou talvez ele esteja com medo de que eu seja a ladra de magia que vai jogar ouro nele.

Eu encaro o quarto escuro, sem saber o que fazer por um momento. Slade me deixou em êxtase pós-orgástico, provavelmente roncando em sua cama, e depois veio aqui sozinho para mais uma vez dizer que recuso o Conflux. Ele nem me acordou para me contar antes de sair correndo ao luar para visitar a base do exército.

Eu deveria ter dourado mais de suas coisas.

Eu estou chateada. Estou preocupada. Estou com tanto medo de como tudo isso vai acabar, e agora que a resposta foi dada, as consequências vão se acumular rapidamente. Tudo aconteceu tão rápido, escorregando por entre meus dedos antes que eu pudesse realmente segurá-lo.

Girando, começo a me afastar, me perguntando se posso pegar Manu antes que ele saia. Começo a ir na direção do quarto dele, as solas silenciosas dos meus sapatos ecoando pelo corredor. Se eu puder falar com ele novamente, talvez eu possa convencê-lo a dizer a sua irmã para não cortar as importações do Quarto e estimular a necessidade de retaliação de Slade.

No entanto, quando encontro outra criada e pergunto onde ficam os quartos de Manu, ela me diz que ele já foi embora. Que ele e seus guardas foram vistos há poucos minutos saindo da sala.

Meu coração afunda.

Por um momento, considero ir até a base do exército para falar com Slade, mas estou muito confusa para fazer isso agora. Em vez disso, me pego caminhando em direção aos jardins. O guarda lá dentro abre a porta para mim. “Tomando um pouco de ar fresco, Lady Auren?”

“Sim, obrigado.”

Apesar dos meus pensamentos conturbados, o ar exterior ajuda. Assim que saio, respiro o ar fresco me acalmando um pouco. E eu preciso de um pouco de calma,

porque meu estômago está uma bagunça revirada, minhas emoções agitadas. Manu provavelmente está a caminho agora para sua irmã.

O Quarto Reino pode morrer de fome por minha causa.

Não importa que tipo de impressão positiva estamos tentando passar para o público sobre mim, uma vez que eles percebam que eu sou a razão para eles passarem fome, eles vão se voltar contra mim mais do que já fazem.

O guarda me segue para fora, arrastando-se silenciosamente atrás de mim enquanto estou imersa em pensamentos. No entanto, só avanço alguns metros quando noto alguém no banco perto da fileira de rosas. “Rissa?”

Sua cabeça loira levanta, vestido branco praticamente brilhando ao luar. Eu ando até ela quando ela se levanta. “Eu não tenho te visto muito desde que você chegou,” eu digo enquanto me aproximo para ficar na frente dela.

“Isso é porque eu tenho relutância em sair da cama,” diz ela, colocando para trás uma mecha solta de seu cabelo. “Depois de viajar e ficar em uma barraca por tanto tempo, eu precisava me familiarizar com um colchão de penas e não sentir que meus dedos dos pés iam congelar.”

“Lamento que você tenha feito uma jornada tão longa e difícil.”

“Sim, bem. Não podemos todos apaixonar-nos por reis e cavalgar em um Asa de madeira pelos Barrens, podemos?”

Eu solto uma risada silenciosa enquanto olho para o jardim. Além de algumas lanternas acesas ao longo da parede externa de pedra, está escuro, mas pacífico aqui, o luar projetando tanto sombra quanto luz.

“Quer caminhar?” Eu pergunto a ela.

Ela inclina a cabeça em um aceno e começamos a caminhar em direção às cercas vivas, nossos passos lentos enquanto o guarda segue alguns passos respeitáveis atrás de nós para nos dar privacidade.

“Como está Polly? Espero que ela tenha recebido as moedas que mandei para ela.”

“Ela recebeu. E ela foi direto para o bordel depois.”

Eu posso dizer apenas pelo tom de sua voz que isso a incomoda.

“Eu sei que você não quer isso para ela, mas parecia que era isso que ela queria para si mesma,” eu digo gentilmente, respirando o cheiro de jasmim enquanto passamos por sua videira arrastando uma treliça intrincada.

“Eu sei que ela quer,” diz Rissa, olhando rapidamente para mim com o canto do olho. “Eu sei disso agora,” ela corrige. “Eu só... eu vou sentir falta dela.”

Fico surpresa com o raro momento de vulnerabilidade que ela demonstra, e é aí que percebo como ela parece triste. Rissa é sempre dura como aço. Sedutora. Inteligente. Afiada. Mas triste? Nunca.

Eu olho para o guarda, fazendo sinal para ele se segurar enquanto Rissa e eu paramos logo na primeira fileira de sebes. “Eu sei que Polly expressou alguma... raiva de você por tirá-la de Ranhold,” eu começo cuidadosamente. “Mas acho que, no fundo, ela sabe que você salvou a vida dela. Quer ela queira admitir agora ou não, ela provavelmente morreria de orvalho.”

“E é melhor ela nunca mais tentar algo assim de novo,” Rissa estala enquanto ela olha para as folhas do arbusto como se estivessem pessoalmente ofendendo ela. “Porque ela vai se matar da próxima vez, e eu não vou aparecer e salvá-la. Não vou vê-la passar por semanas de abstinência.”

Estremeço, só de imaginar como deve ter sido. Não tenho ideia do que um corpo experimentaria depois de ser cortado do orvalho, mas com base na aparência abatida de Polly e no fato de que ela teve que passar por isso enquanto viajava com o exército por um terreno baldio congelado, a experiência provavelmente não foi boa. Posso imaginar o que Rissa teve que suportar para superar tudo isso.

Melhor ela do que eu.

“Polly vai entender,” eu digo gentilmente, estendendo a mão para pegar a mão de Rissa. Ela se assusta por um segundo, e eu espero que ela se afaste. No entanto, para meu espanto, ela realmente aperta minha mão.

Ela solta quase imediatamente, mas ainda assim.

Quando ela vê o sorriso surgir em meu rosto, ela faz uma careta para mim. “Não.”

“Não o quê?” Eu pergunto, ainda sorrindo.

“Eu sei que você está pensando que somos grandes amigas agora. Foi um aperto de conforto, nada mais.”

“Eu não sei,” eu digo com um encolher de ombros alegre. “Parecia um aperto de amizade.”

Ela bufa e começa a se afastar. “Você não deveria estar com seu rei, fazendo algo romântico?”

“Não estou me sentindo muito romântica no momento,” confesso. “Além disso, ele está de volta à base do exército novamente.”

“Eles gostam de passar o tempo todo lá, não é?” ela responde, parecendo desconcertada. “O capitão imbecil está sempre lá embaixo.”

Eu arqueio uma sobrancelha assim que chegamos à fonte e ao banco onde eu estava praticando meu ouro outro dia. “E isso... te incomoda? Que Osrik fica muito na base?” Eu tento perguntar o mais indiferente possível, mas acho que falho miseravelmente, porque ela enrijece.

“Por que isso me incomodaria?” ela pergunta defensivamente, os braços cruzados na frente dela enquanto ela fica em frente à fonte. “Ele é um grosseirão e um rufião. Uma base do exército é o lugar perfeito para ele.”

“Mm-hmm.”

Ela balança a cabeça em minha direção, estreitando os olhos e abrindo a boca para dar alguma resposta.

No entanto, tudo o que ela estava prestes a dizer é interrompido de repente quando nós duas ouvimos um barulho atrás de nós. Eu me viro bem a tempo de ver meu guarda de repente cair de joelhos. Eu corro, pensando que ele está engasgando ou desmaiado, mas então vejo a segunda figura atrás dele. Aquele que segura a faca.

Com os olhos arregalados, observo o guarda cair de cara no chão com um ruído gorgolejante que revira meu estômago. O medo lateja em minhas veias, e então ouço: "Auren, cuidado..."

Eu me viro ao ouvir o alerta de Rissa e congelo no lugar. Há um homem que não reconheço segurando uma mão sobre a boca de Rissa e a outra apontando uma adaga direto para seu coração. Seus olhos azuis estão arregalados e apavorados, a cor sumiu de seu rosto.

Assim que me aproximo dela, algo bate em minha têmpora. Não o suficiente para me fazer desmaiar, mas o suficiente para enviar um choque de dor e tontura através de mim, me derrubando quando eu tropeço para trás.

Invoco o meu ouro, mas como é noite, só tenho à minha disposição a minha pulseira. Ele derrete contra o meu pulso, escorrendo pela minha mão para se acumular na palma da minha mão. É uma quantia pequena, muito pequena, mas é tudo o que tenho. Se eu conseguir chegar ao homem que acabou de me bater, afiá-lo como uma agulha e apunhalá-lo no olho, então eu poderia...

Um pano com cheiro pútrido é repentinamente colocado sobre meu nariz e boca. Eu cuspo e tusso, inalando algo forte e amargo e consumindo. Ele cobre minha língua, gruda na minha garganta, queima meus olhos, queima em meu peito.

Não, não, não!

O pânico é um grito na minha cabeça, retumbando em meus ouvidos, martelando em minhas veias. Mas com o golpe na cabeça e essa droga vertiginosa presa contra meu rosto, eu imediatamente caio, incapaz de segurar meu peso, incapaz de fazer qualquer coisa.

Eu não posso mover minhas pernas. Não consigo controlar meus braços. Minha mão fechada tenta e não consegue pegar o ouro para ajudar. Ele diminui a velocidade e se acumula contra a palma da minha mão como lama em um pântano, muito grosso e pegajoso para se mover.

Alguém me segura antes que eu caia, e tudo o que posso fazer é manter a cabeça erguida. É tudo que posso fazer para manter meus olhos abertos. É como olhar através de um vórtice, tudo se movendo, tudo violento e borrado. O pano é fino o suficiente para me deixar inspirar e expirar, mas é forçado e sufocante, fazendo meu coração disparar.

Minha mente, no entanto, parece estar desacelerando. Assim como minhas piscadelas. Estou tentando ficar acordada, tentando entender o que está acontecendo. O ouro está pingando da minha mão como tinta secando, tão drogado e paralisado quanto eu, e cai de meus dedos em uma garoa inútil na grama exuberante.

Rissa está lutando, gritos abafados contra o pano, seus olhos aterrorizados fixos nos meus. E eu não tenho nada. Nenhum outro ouro por perto para nos ajudar, minha magia muito contaminada por este veneno para usá-lo, mesmo que houvesse e meu corpo não estivesse incapacitado.

E então duas pessoas caminham para frente. Um deles é um homem desconhecido vestindo uma longa túnica branca. Um manto e um grande colar pendurado com o emblema do Segundo Reino. Meu coração se parte de medo, mas então meus olhos voam para a segunda pessoa saindo das sombras.

Manu.

“Não é nada pessoal, Querida,” ele diz baixinho, vestido de azul tão escuro que é quase preto, seus braços nus, cabelo amarrado para trás apertado. “Mas eu sou leal à minha irmã.”

“E à lei do Divino,” diz o homem de manto.

Manu acena com a cabeça rigidamente. “Vamos lá. Não podemos estar nem perto daqui quando Ravinger voltar.”

Tento gritar contra o pano, mas tudo o que sai é uma respiração ruidosa.

“Que tal esta?” alguém pergunta, o homem segurando Rissa. “Ela é apenas uma sela.”

Está ficando tão difícil manter meus olhos abertos. Tão difícil de manter minha cabeça erguida. Rissa não desvia o olhar de mim, no entanto. Então eu não desvio o olhar dela também.

“Basta nocauteá-la e deixe-a,” diz Manu.

O alívio escorre através de mim, embora a droga tenha afetado isso, tornando-o turvo em seu gorgolejo ecoante.

Mas então o homem de manto balança a cabeça e todo o meu corpo se contrai. “Não. Não podemos nos dar ao luxo de pontas soltas. Mate ela.”

Meu estômago revira. Meus pulmões parecem estar derretendo no meu peito, continuando a puxar o ar poluído, mas minha língua amarga é pesada demais para soltar um grito de protesto de qualquer maneira.

Quando vejo o homem que a segura começar a enfiar a adaga em seu peito, o tempo acelera. Como se estivesse tentando acabar com isso, como se meu corpo e minha mente estivessem muito lentos para o que está acontecendo.

Eu tento gritar, mas tudo que eu consigo é o mais fraco dos gemidos, e minha visão começa a escurecer, minha cabeça latejando.

Observo os olhos de Rissa estremecerem de dor e choque quando ela é esfaqueada.

Veloz. Muito rápido, não consigo parar. Tão rápido que não posso fazer nada.

A lâmina penetra, atravessando seu corpo com a mesma facilidade com que alguém espeta um pedaço de carne. Sua boca se abre em choque, o olhar ainda fixo em mim, e então o choque se transforma em outra coisa.

Algo finito e fatal.

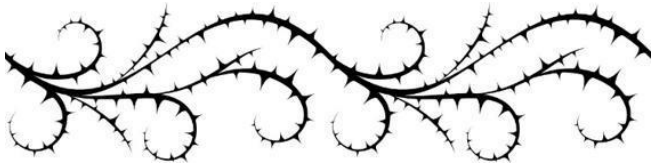
Ela cai, e eu caio com ela.

Seu corpo é jogado na grama do jardim com descuido. Há uma mancha de sangue florescendo entre as flores bem ali em seu vestido branco, a lâmina ainda saindo de seu peito.

E parece que uma lâmina atravessa meu próprio coração, enquanto um grito silencioso atravessa minha cabeça.

Então, tudo escurece.

CAPÍTULO 59



Slade

Em apenas uma semana, toda a base foi saturada com o cheiro de merda e couro. A tubulação subterrânea ficou entupida devido ao uso excessivo, então novas latrinas tiveram que ser cavadas. O racionamento também foi um pesadelo para regular. Ainda há alguns soldados dormindo em tendas, mesmo com a base construindo novos edifícios o mais rápido possível, e há quase duzentos soldados que Hojat e os outros curandeiros do exército estão tratando de ferimentos e doenças de viagem.

A moral não tem sido das melhores. Não com a comida reduzida. Não com os alojamentos apertados e o fato de que ninguém será dispensado para voltar para casa tão cedo.

A Rainha Kaila e os outros monarcas querem ser difíceis. Querem espalhar essa narrativa de Auren ser a vilã. Minha abrigando uma traidora. De fazer de Midas uma espécie de mártir.

É tudo barulho.

Mas eles podem espalhar seus sons o quanto quiserem. A rainha pode ser uma mestra das palavras, mas eu sou especialista em ignorar o clamor. Não sou o tipo de homem que se deixa influenciar por uma comoção sensacionalista destinada a influenciar a população.

A podridão é silenciosa.

Então eles podem ser tão vociferantes quanto quiserem, mas no final do dia, eu os colocarei em silêncio se eu precisar.

Na minha frente, Ryatt termina seus relatórios. As coisas estão tensas entre nós, mas apesar de toda a sua arrogância, ele tem cumprido todas as ordens. Ele parece destruído, olhos vermelhos pela falta de sono, sua carranca mais pronunciada do que o normal. Seu cabelo ainda está suado por usar o capacete do lado de fora enquanto ele recebia atualizações da lista de voluntários que concordaram em deixar Brackhill para ir buscar mais comida.

Então ele pode não concordar com a minha decisão, mas está fazendo o que precisa ser feito. Quando o empurrão chega, ele sempre faz.

Além dele, Osrik é o único outro sentado nesta reunião. Judd e Lu partiram há uma semana. Lu voou para o Sexto Reino para me ajudar a lidar melhor com o que está acontecendo lá, e Judd foi para o Primeiro Reino.

"...E temos mais quarenta subindo para o terreno sugerido por Barley," Ryatt termina.

"Em quanto tempo eles devem chegar?"

"Eu os assinei em uma rotação de asa de madeira. Eles estão pegando dez de cada vez, metade de nosso poleiro, sem contar nossos próprios animais. Assim que eles retornarem, nós os trocaremos, enviando os próximos dez, e assim por diante, dando às asas de madeiras bastante tempo para descansar antes do próximo lote.

"Bom."

"Mas não é o suficiente," adverte Ryatt.

Eu aceno com a cabeça, porque isso é verdade. Ou seria, exceto... "Primeiro Reino aceitou o acordo."

Seus olhos se arregalam. "Eles fizeram?"

"Acabei de receber a resposta de Judd," explico, apalpando a carta em meu bolso. "O Rei do Primeiro concordou em redirecionar seus navios indo para o porto do

Segundo e, em vez disso, seguir para o nosso. Uma vez lá, vamos buscar nossos suprimentos de comida, e ele vai conseguir uma tonelada de óleo por um preço muito bom."

Ryatt solta uma expiração pesada. "Bem, finalmente uma boa notícia, porra."

Balançando a cabeça, eu digo: "Nós precisávamos disso."

"Com certeza ajuda nosso abastecimento de alimentos, mas ainda temos problemas," adverte. "O exército está resmungando mais do que o normal. Temos sorte de sempre treiná-los para enfrentar condições adversas, mas até eles estão tendo o moral abalado com toda essa merda."

"Eu sei."

Ryatt lança um olhar para Osrik em frente a ele antes de voltar para mim. "Eles merecem mais do que isso," diz ele, inclinando-se para frente para que sua placa de metal no peito tilinte contra a mesa. "Eles foram arrastados pela porra do continente para exibição, arrastados de volta e agora precisam se preparar para mais uma guerra que você pode instigar."

"Eu não estou instigando isso."

"Você sabe o que quero dizer," diz ele, acenando para mim. "Eles são leais. Você sabe que eles são. E eles são o exército mais forte, feroz e temido de Orea. Mas eles estão perdendo a fé em sua liderança."

"Eu sei disso também," digo antes de Os e troco um olhar. "É por isso que vou nomeá-lo oficialmente como o novo comandante do exército do Quarto."

Meu irmão cambaleia para trás, choque cruzando seu rosto. "O que?"

Eu concordo. "Está feito. Preenchi a papelada, e Os a entregou aos tenentes. Você pode querer preparar um discurso."

Ryatt parece confuso. "Você não pode estar falando sério."

"Você está pronto," eu digo. "E honestamente, você está pronto há um tempo. É hora de passar as rédeas oficialmente."

“Você realmente vai desistir? Vai confiar em mim para liderá-los? Nós discutimos o tempo todo, porra.”

“Eu confio em você.”

Ele olha para mim com cautela, como se não acreditasse em mim. “Tenho certeza de que haverá coisas com as quais discordo de vez em quando, mas também tenho certeza de que você tem o melhor interesse deste exército no coração, assim como de todo o Quarto Reino,” digo a ele.

Ele não morde a isca do elogio, mas parece um pouco encorajado. “Eu pensei que você gostava de ser comandante muito mais do que você gostava de ser um rei.”

“Eu gosto. Mas este exército não precisa mais de mim.”

“E o Rip? Metade do fator medo do exército é por causa dos notórios rumores sobre você.”

Eu dou de ombros. “Vou me certificar de trazer Rip o bastante para mostrar uma frente unida aos soldados, e vou lutar quando precisar, mas para todos os efeitos, o Comandante Rip está se aposentando para que possamos trazer sangue novo para o próximos dias. No que diz respeito a ser notório... Tenho certeza de que você vai fazer um nome para si mesmo.”

Ele bufa e balança a cabeça, mas não expressa nenhuma outra dúvida. “E Drollard?”

“A frequência com que você visita depende de você. Mas como o verdadeiro comandante, você terá mais responsabilidades, e isso significa que não poderá ir lá com tanta frequência.”

“Tudo bem,” diz ele rapidamente, ansiosamente. E aí está tudo o que preciso saber para confirmar que tomei a decisão certa, que ele está pronto para isso. Ele aponta para Os. “Como é que Os ou um dos outros filhos da puta não está conseguindo esta posição em vez de mim?”

“Você acha que algum de nós quer isso? Porra, não.” Os dá uma risada estrondosa. “É muito melhor continuarmos sendo seus capitães e avisando quando você está cagando na cama.”

“Obrigado,” diz ele secamente.

“Então você aceita? Oficialmente?” Eu verifico.

Ele se levanta e eu fico com ele e, para minha surpresa, ele estende a mão e nos cumprimentamos. Muito diferente da última vez que estivemos sobre esta mesa.

“Obrigada.”

Eu dou um aceno quando ele abaixa a mão e dou um tapinha no ombro dele. “Não estrague tudo.”

Ryatt revira os olhos, mas não tem nada de sua acrimônia normal nele. “Eu vou estar no seu rabo sobre qualquer decisão que você tomar que afete o exército, você sabe,” ele me avisa.

“Oh, eu estou ciente,” eu digo com um sorriso.

Outra razão pela qual sei que estou fazendo a escolha certa. Ryatt precisa disso, precisa de sua própria identidade, seu próprio propósito, e Auren me mostrou isso. É algo que eu deveria ter dado a ele há muito tempo.

Nesse momento, há uma batida na porta, e Os bate para abri-la. Vejo um dos corredores entregar um frasco lacrado, saudando Os enquanto é dispensado.

“O que é isso?” Ryatt pergunta.

Os abre a tampa e despeja o pergaminho antes de passá-lo para mim.

Pegando-o, eu o desenrolo rapidamente, os olhos examinando o conteúdo, e então meu estômago revira. “Porra.”

“O que?” Osrik pergunta, soltando a palavra com uma voz rouca.

“Uma das minas. Ela desmoronou, porra.”

Ele e Ryatt ficam tensos. “Qual delas?”

Eu olho para cima do papel, mal conseguindo me impedir de esmagá-lo em meu punho. “Óleo.”

Os solta uma maldição. “Bem, isso é fodidamente conveniente.”

“Muito conveniente para ser uma coincidência,” Ryatt ferve, olhando para mim. “O que vai acontecer com o negócio do Primeiro Reino?”

“Vai cair se não houver petróleo no porto para atender seus navios,” eu digo através de um rosnado.

“Podemos provar que foi sabotagem?” Os pergunta.

“O capataz está investigando.”

“Isso é ruim,” diz Ryatt, esfregando a mão no rosto. “O que diabos há com ela? A Rainha Kaila nunca te empurrou assim antes.”

Minha podridão pica e se contorce sob minha pele, as raízes espetando sob minha mandíbula e ameaçando cavar mais fundo em meus braços.

“Esta é a chance dela de nos enfraquecer, e ela está aproveitando.”

Enfio a carta no bolso e caminho para a porta. Ryatt coloca seu capacete de volta enquanto ele e Osrik seguem atrás de mim. Assim que saímos, o barulho da base é amplificado, o cheiro de fumaça das fogueiras entupindo meu nariz.

Em vez de carne fresca que deveria estar cozinhando nas chamas, sei que provavelmente estão comendo algum tipo de mingau de viagem. Tenho sorte de os soldados serem tão leais a mim e a seus capitães, ou talvez eu tenha mais brigas e resmungos em minhas mãos. A maneira como eles procederem daqui em diante será um verdadeiro teste de sua fidelidade.

Os soldados que andam ao redor nos dão uma boa distância, mas há mais acenos de cabeça respeitosos do que olhares cautelosos de irritabilidade. Provavelmente porque dei a todos um aumento de salário. No entanto, se as minas do outro lado também desabaram...

Um problema de cada vez.

Assim que chegamos ao galpão onde alguns dos cavalos são mantidos, outro cavalo vem galopando em nossa direção, a terra levantando-se sob seus cascos. O cavaleiro o puxa para uma parada, praticamente pulando de suas costas quando nos vê. Estou instantaneamente em alerta, parando com Os e Ryatt ao meu lado enquanto o homem corre. Eu posso ver imediatamente pelo seu uniforme que ele é um dos guardas do castelo.

"Senhor," diz ele, correndo, com o rosto corado. "Há um problema."

A tensão engrossa a postura dos meus ombros. "O que é isso?"

"Houve uma mulher atacada nos jardins."

Tudo em mim se torna caótico. Uma sacudida de ruído em meus ouvidos, um salto em meu peito, até minha visão parece incendiar.

"Lady Auren?" Um milhão de coisas passam pela minha cabeça, mas o guarda balança a cabeça.

"Não, senhor. Lady Rissa."

A cabeça de Osrik gira para trás. "O que?" ele rosna. "O que diabos você quer dizer com ela foi atacada?"

A maioria das pessoas ficaria um pouco intimidada ao se deparar com toda a fúria de Osrik caindo sobre elas, mas esse homem se mantém firme. "Ela foi esfaqueada, senhor. Os guardas patrulhando encontraram ela e outro guarda lá fora com ferimentos fatais."

Osrik empurra o guarda e pula em seu cavalo antes que eu possa terminar de processar o que o homem disse.

Ryatt e eu corremos para nossas próprias montarias, tentando nos alcançar enquanto corremos de volta para o castelo. Nós três voltamos em tempo recorde, os cavalos estacionados no pátio da frente. Quando jogamos as rédeas para os tratadores, Os já passou pela porta lateral, percorrendo o caminho mais curto em direção aos jardins.

Assim que entramos, há uma óbvia turbulência na energia do castelo. Os servos estão sussurrando em grupos, rapidamente se afastando quando nos veem chegando.

Quando saímos, o jardim está mais iluminado do que o normal, tochas extras fincadas no chão e dezenas de guardas estão enchendo a área.

“Onde ela está?” Osrik rosna para o primeiro guarda que encontra.

“Aqui, Os!” Sua cabeça estala ao ouvir a voz de Warken, e nós três passamos pelas fileiras de arbustos e arbustos, seguindo as flores e grama pisadas até chegarmos ao centro do jardim onde a fonte se agita.

Warken, Isalee e Barley estão aqui, e até mesmo Keg está com eles, parado ao lado da fonte, seus rostos sombrios. Temos que passar por um grupo reunido enquanto eles estão sobre o corpo de um outro guarda.

Eu me ajoelho ao seu lado. Um dos curandeiros do castelo está pairando sobre ele, inspecionando o corte na garganta do jovem. O curandeiro que verifica o ferimento tem sangue nas mãos, e há mais sangue manchado na grama. Eu ouço Ryatt amaldiçoar baixinho.

“Onde está...” A pergunta de Osrik é interrompida quando algumas pessoas se movem, e seus olhos se fixam em uma figura no chão logo atrás da fonte.

Tudo o que posso ver são as bordas de uma saia branca e um pé descalço, um sapato jogado inutilmente a trinta centímetros de distância.

Os corre até ela, caindo de joelhos no chão. “Porra!”

Depois de contornar a fonte, posso ver Hojat inclinado sobre o corpo de Rissa. Há uma mancha de sangue em seu peito, uma adaga de prata ainda cravada lá.

Já vi Osrik perder a cabeça muitas vezes.

Eu o vi rosnar e gritar, punir e matar. Já o vi massacrar sem remorso, insultar sem pestanejar, fazer ameaças com indiferença.

Mas nunca o vi assim.

É como se seus olhos estivessem tentando se ajustar ao ver a lâmina saindo dela, como se ele não pudesse correlacionar o sangue ensopado em seu vestido.

Seus olhos se fixam em seu rosto incolor e olhos fechados, e ele estende a mão para agarrar seus ombros. “Rissa.” Sua voz está tensa. Quebrada. Como se o nome dela tivesse sido arrancado de sua garganta e açoitado pelo vento.

Imóvel, ele a sacode suavemente. “Rissa!”

“Sir Osrik,” Hojat repreende gentilmente, estendendo a mão para puxar sua mão. Vejo as mãos de Osrik apertarem por uma fração de segundo antes de deixar Hojat puxá-lo.

“Não. Porra, não!” Os rosna bem na cara dela, negação e fúria lutando contra isso. “Você vai acordar, sua mulher teimosa. Você não pode estar morta, porra. Está me ouvindo, Sino Amarelo? Você não pode estar morta porque temos erros a cometer.”

Ele engasga, e eu fico em estado de choque quando ele de repente dobra seu corpo enorme sobre o corpo magro dela, inclinando a testa para baixo na dela, apertando os olhos agonizantes fechados.

Ryatt e eu ficamos congelados com sua exibição, enquanto os olhos de Isalee brilham com a umidade, e um fio de lágrima desce pela bochecha de Barley.

Como vou contar a Auren?

“Sir Osrik?” Hojat diz gentilmente. “Lady Rissa não está morta.”

O choque despenca através de mim, e a cabeça de Osrik gira tão rápido que ele quase dá uma cabeçada em nosso curandeiro. A descrença cruza sua expressão quando ele olha para ela.

“A adaga errou por pouco o coração e, como foi deixada dentro dela, ela não sangrou,” explica Hojat. “Mas vou precisar levá-la para a enfermaria do castelo para fazer uma cirurgia imediatamente. Só estou esperando uma tábua de transporte.” Nesse momento, dois ajudantes de curador com suas faixas vermelhas em volta dos bíceps vêm correndo pelo jardim, carregando a prancha.

“Vou carregá-la,” Osrik resmunga enquanto se levanta.

Hojat estremece. “Não tenho certeza se...”

“Eu disse, *eu a carrego.”*

“Os...” Dou um passo à frente, mas Hojat acena para que eu me afaste.

“Está tudo bem, Majestade,” ele diz antes de olhar para Osrik. “Carregue-a com muito cuidado. Movimentos lentos, apoie o pescoço e tente não empurrar o peito. Ela está viva, mas por pouco. Não tenho certeza se ela sobreviverá assim que eu remover a adaga. Você precisa se preparar, apenas no caso.”

Dando um aceno rígido e rangendo os dentes com tanta força que quase quebra a mandíbula, Osrik se inclina e a pega em seus braços. É a coisa mais gentil que já o vi fazer. Como se ele estivesse pegando a vidraça mais fina e um movimento errado pudesse estilhaçá-la.

Com Hojat liderando o caminho, ele carrega Rissa para fora do jardim e para dentro do castelo, desaparecendo de vista.

“O que diabos aconteceu?” Pergunto assim que ele sai. Há uma mancha de sangue e a impressão do corpo de Rissa ainda deixada na grama. Meus olhos captam o brilho de algo mais distante, mas um trabalhador passa por cima antes de colocar um balde ao lado do sangue e começar a lavá-lo. Quando aperto os olhos no escuro, o que quer que eu tenha visto antes desaparece.

Warken observa enquanto os curandeiros levantam o corpo do guarda morto e o carregam para dentro antes que ele responda. “A patrulha que passou pelo jardim me alertou. Quando saímos, encontramos o guarda e a mulher. Mandei chamá-lo imediatamente.”

“A teoria de trabalho é que o guarda a seguiu até aqui. Talvez ele estivesse com ciúmes ou possessivo com ela, então a matou antes de cortar a própria garganta,” diz Isalee.

“Não seria a primeira vez que algo assim aconteceria com uma mulher. Especialmente uma linda,” diz Barley.

“Sim, mas aqui?” Keg diz com um aceno de cabeça. Eu sei que ele tem passado um tempo com sua família desde que voltou com o resto dos soldados, e aposto que ele não esperava ver violência como essa fora do exército.

“Você conhece o guarda pessoalmente?” Eu pergunto aos meus Premiers.

Isalee balança a cabeça. “Apenas o básico. Vamos examinar o arquivo dele, mas, como você sabe, ninguém pode servir com histórico de ataques violentos ou comportamento agressivo.”

“A senhora não está aqui há tanto tempo,” Ryatt aponta. “Como o guarda pode se apaixonar por ela tão rapidamente?”

“Acontece,” diz Keg. “Meu irmão e eu tivemos que derrotar mais do que alguns homens que não aceitaram um não como resposta de Barley.”

Um guarda próximo abre caminho. “Holman não teria feito isso!” ele diz, com o rosto manchado de emoção. Ele é jovem, provavelmente tem uns vinte anos, e a maneira como ele funga e esfrega o nariz na manga me diz que ele conhecia o guarda pessoalmente.

“Como você conheceu Holman?” Isalee pergunta.

“Ele era meu melhor amigo,” diz ele com outra fungada. “Eu estou te dizendo, eu sei como isso parece, mas não foi ele. Ele não teria feito isso. Ele gostou de algumas mulheres aqui, claro, mas nunca disse nada sobre a senhora. Ele teria me contado.”

Concordo com a cabeça, e meus olhos vagam atrás dele para onde Marcoul, meu guarda-chefe, vem andando e puxa o homem para longe.

“O que você acha?” Pergunto a Isalee e Warken em voz baixa. “Você quer ajuda para investigar isso?”

“Não, nós cuidaremos disso,” responde Isalee.

Com um aceno de cabeça, digo: “Preciso contar a Auren. Eu a deixei dormindo mais cedo. Ela vai querer ficar na ala do curandeiro enquanto Hojat trabalha em Rissa.”

Ryatt vem comigo de volta para dentro do castelo, minha testa franzida enquanto subimos as escadas. “Você não acha que o guarda fez isso, acha?” ele pergunta baixinho para que nenhum dos funcionários ouça.

“Não, eu não.”

Não sei por que, mas tenho um mau pressentimento no estômago.

“Eu também não. Algo simplesmente não está certo.” Ficamos em silêncio até chegarmos ao andar de Ryatt. “Vou mergulhar no meu quarto para poder trocar de falso Rip,” diz ele quando nos separamos. “Vou te encontrar na ala do curandeiro.”

Com um aceno de cabeça, eu me viro e subo outro lance de escadas, e então corto o corredor para meus quartos, onde entro. No entanto, quando chego ao quarto, encontro a cama vazia. Com um sentimento agitado de inquietação, pego a fita cortada da mesa de cabeceira e a coloco no bolso. No armário, vejo os restos amarrotados do vestido rubi que ela usava antes. Vejo minhas roupas pretas e marrons agora douradas brilhantes.

E eu sei.

Certo então. Essa sensação de agitação no meu estômago me empurra, me dá náuseas. O brilho das minhas roupas me faz pensar imediatamente naquele brilho que pensei ter visto na grama lá fora nos jardins. Um pensamento que descartei rápido demais.

A porra do meu coração incha como se fosse explodir, surgindo com medo e fúria.

Eu verifico o banheiro. A sala de estar da frente. A sala privada onde fazemos as nossas refeições. A biblioteca. As cozinhas. O telhado. E quando estou lá em cima, com o vento batendo no meu rosto, estou ofegante, latejando e em pânico. Porque ela não está aqui. Ela não está aqui, porra.

“Senhor?”

Eu me viro para encontrar Marcoul atrás de mim junto com vários outros guardas, incluindo Ryatt.

“O que está acontecendo?” meu irmão pergunta enquanto abre caminho.

“Ela se foi.”

A fricção dessas duas palavras abrasa minha boca, provocando um pânico tão intenso que queima minha garganta com ácido.

O que aconteceu no jardim não teve nada a ver com o guarda. Ele não era um assassino, ele era uma vítima, assim como Rissa.

Meus olhos se agitam, a pele ondulando, espinhos tentando subir pelos meus braços e descer pelas minhas costas, minhas gengivas doendo enquanto minhas presas caem.

Eu me viro, e o olhar no meu rosto faz os olhos do meu irmão se arregalarem.

“Eles levaram Auren. Eles a levaram, porra!”

Enfio dois dedos na boca, soltando um assobio estridente tão alto que faz os guardas se encolherem. Mas Argo está caçando a essa hora da noite. Ele pode estar a quilômetros de distância, longe demais para me ouvir. Lady Rissa e o guarda Holman não foram encontrados por pelo menos meia hora, e demorou ainda mais para o guarda me buscar, para eu subir aqui...

“O que você quer que façamos?” Ryatt pergunta, chegando ao meu lado.

“Eu acho que você conseguiu o seu desejo,” eu rosno amargamente. “Eu acho que aquele maldito idiota sequestrou Auren para levá-la para o Conflux.”

Ryatt empalidece.

Girando, começo a correr, porque preciso de um asa de madeira. Eu pego o de Ryatt se for preciso, ele é o segundo mais rápido, e se eu tiver que arrancar a fera do poleiro, então eu...

Um chamado mortal grita pelo ar e, um segundo depois, ouço a aterrissagem com o guincho de garras afiadas contra o telhado. Argo ataca os guardas, fazendo-os pular para trás, antes que seus olhos iridescentes pisquem para mim.

Eu não perco tempo. Estou de costas em um piscar de olhos, e ele está disparando para o céu noturno no seguinte.

“Espere!” A voz de Ryatt é abafada pelo vento enquanto eu seguro as rédeas, inclinando-me para a subida.

Eu não me importo.

Eu não vou esperar.

Porque eles a levaram.

Mas eu não vou tolerar isso. Não me importa quanto tempo leve para alcançá-los. Vou voar dia e noite até chegar ao Segundo Reino, se for preciso.

E quando eu chegar lá, todos vão desejar nunca tê-la levado embora.

CAPÍTULO 60



Auren

Eu descasco meus olhos abertos como descascar uma camada de pele. Minhas pálpebras travam, não querendo se separar até que eu abro com um pouco mais de força, deixando-as ardendo.

Assim que olho em volta, desejo ter deixado meus olhos fechados.

Imediatamente, sei que não estou mais em Brackhill. Não apenas por causa desta sala em que estou, mas porque posso sentir a diferença no ar. O Quarto Reino é quente e abafado, como se o calor dançasse com a umidade dos rios. No entanto, o ar aqui carece de qualquer sinal de umidade. Parece diluído. Estendido por um calor vazio e árido que queimaria qualquer tipo de precipitação de si mesmo.

Lembro-me de fragmentos de consciência, de ser segurada contra alguém enquanto voávamos pelo ar. Lembro-me daquele pano imundo pressionado contra minha boca e nariz, repetidas vezes, entre breves momentos em que caldo e água eram despejados em minha garganta.

Mas agora estou aqui, finalmente saí do abismo da inconsciência, e sei onde estou mesmo sem olhar pela janela gradeada. Esta sala é da cor da areia, a textura das paredes raspada com qualquer ferramenta que o carpinteiro tenha usado para raspar o reboco. Sento-me na cama de solteiro em que estou deitada, meus pés de chinelo batendo no piso de ladrilho cor de ferrugem.

Há uma pequena mesa no canto da sala, com um odre de formato estranho e um pouco de comida. Há quanto tempo eles estão largados aqui, eu não sei. Mas minha boca está com um gosto horrível, então arrisco tomar um gole. Tomo o primeiro gole hesitante, mas quando a água não parece estar misturada com nada que eu possa pegar, bebo toda, percebendo como estou ressecada assim que as gotas atingem minha língua.

Tento juntar um pouco de ouro, mas, apesar do fato de poder ver a luz do dia entrando pela janela, meu corpo se sente esgotado. Como uma árvore mal capaz de arrancar uma única gota de seiva. Ainda sinto os efeitos colaterais da droga percorrendo meu corpo, fazendo-me sentir enjoada e desconectada.

Então, embora eu esteja desconfiada da comida e meu estômago não esteja interessado, eu me forço a engolir o pão achatado e a fruta. Espero que algo em meu estômago ajude a absorver qualquer droga que ainda esteja em meu sistema. Minha cabeça dói, meu estômago parece que alguém enfiou a mão e o virou, e estou coberta por uma camada de areia.

Faz sentido, já que fui sequestrada e arrastada para o deserto do Segundo Reino.

A certeza de onde estou e do que aconteceu me envolve, como uma multidão de repente me apertando por todos os lados. As memórias avançam, enquanto meu medo e fúria recuam.

Manu e alguém do Segundo Reino fizeram isso. Me drogaram, me sequestraram e me largaram neste lugar e...

Minha mão bate na minha boca.

Rissa.

"Grande Divino..." Um soluço seco sai de mim como uma casca arrancada de milho seco. Eles a mataram. Eles a mataram bem na minha frente, como se ela não fosse nada além de um incômodo, uma vida com a qual não deveria se preocupar.

Meus olhos ficam marejados e dói. Como se a adaga tivesse perfurado meu peito. Eles poderiam ter usado a mesma droga para nocauteá-la. Poderiam tê-la poupado. Em vez disso, eles a esfaquearam e a deixaram cair no chão.

Rissa e eu temos um relacionamento complicado, decorrente de anos de ressentimento. Mas... eu a compreendi. Ela usou sua inteligência, aperfeiçoou suas seduções, aprendeu a progredir em um mundo de homens e então ela queria abrir um novo caminho, fazendo o que fosse necessário para se proteger e conseguir o que queria.

Eu respeitei isso. E quando se trata de selas, respeito é a última coisa que a sociedade lhes dá.

As selas preenchem os desejos de homens e mulheres, trabalham para satisfazer os desejos sensuais. Eles realizam e agradam, realizando desejos, ganhando tanto uma sensação de poder quanto sua própria riqueza ao fazê-lo.

E o que acontece? As pessoas odeiam isso. Eles chamam isso de pecado, vício. Eles o derrubaram. Alegam que as selas são deploráveis e sujas, a escória inferior da sociedade, sem importância e de baixo escalão. Exceto que, atrás de portas fechadas, essas mesmas pessoas esperam ter seus desejos satisfeitos. Espere ser satisfeito e prazeroso, trazido à felicidade e aliviado de suas necessidades mais básicas.

E, no entanto, uma sela não vale nem uma vida.

Ela é apenas uma sela.

Como se isso a tornasse menos. Como se ela estivesse tão abaixo deles que sua morte não importava.

Mas isso importa. Isso é importante para mim. Ela importava.

Eu gostaria de ter dito isso a ela. Eu gostaria, naquele jardim, quando ela apertou minha mão em uma rara demonstração de calor, que eu tivesse apertado com mais força. Porque ela era forte e inteligente, e ela merecia aquela nova vida que ela queria. Aquela pela qual ela trabalhou tanto, e agora, ela nunca o terá. Tudo por minha causa. Tudo porque eu a convidei para dar uma volta.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto em pedaços, como se minha tristeza fosse pesada. Parece pesado, como um peso pressionando meu coração, e não sei quanto tempo choro por ela, mas espero não ser a única. Porque Rissa não era apenas uma sela. Ela era uma sela e também muitas outras coisas, e nenhuma dessas coisas significava que ela não merecia viver.

Quando minhas lágrimas param, sinto-me seca. Eu não sei se é apenas a dor ou se ainda há alguns efeitos colaterais de qualquer droga que eles usaram em mim, mas todo o meu corpo se arrasta. Eles devem ter me mantido inconsciente por dias para chegar ao Segundo Reino. O pensamento de que fiquei vulnerável a eles assim me faz estremecer.

Posso não estar neste lugar há mais de uma década, mas me lembro desse calor. Lembro-me da areia que parece estar em cima de mim também, de viajar pelas dunas, de ser endurecida pelo vento granulado e assada pelo sol.

Engraçado como, quando cheguei aqui, minhas fitas tinham apenas começado a brotar das minhas costas.

Tão dolorosas apareceram.

Tão dolorosas sumiram.

Eu as odiei na época, mas agora, eu daria qualquer coisa para tê-las de volta.

Distraidamente, meus dedos vão para minhas costas, para os lugares vazios onde agora resta apenas a pele lisa.

Cada uma delas se foi.

Minhas fitas e eu tivemos tantos paralelos que nunca apreciei antes. Como se toda a minha jornada tivesse sido exibida através da presença delas.

Como o fato de que meu novo começo aqui no Segundo Reino também marcou o novo começo delas crescendo nas minhas costas. Depois disso, eu as mantive escondidas, assim como eu me mantive. Ressentida com elas, como eu me ressenti. Então, quando eu finalmente estava saindo da minha concha, elas também. Só de

pensar na maneira como elas me pegaram, flertaram com Slade, enrolaram em seu tornozelo...

Eu nunca vou ter isso de novo.

Assim como eu estava me tornando independente, elas também estavam.

Mas então, fui cortada até o âmago e, a cada golpe, elas também.

Aquela noite marcou o fim para mim e para minhas fitas. No entanto, foi um final que eu precisava muito. Eu precisava ser forçada a ficar de pé com meus próprios pés, sem nada para me segurar. Eu só gostaria que elas pudessem ter sido poupadas dessa mesma jornada. Mas eu precisava ser derrubada para finalmente me levantar sozinha como uma fênix das cinzas.

Eu gostaria que minhas fitas fizessem o mesmo.

Mas não há fênix, e a única coisa que se assemelha a cinzas está nas Dunas de Cinzas que residem em algum lugar deste reino amaldiçoado por Deus.

Um barulho me tira dos meus pensamentos, e eu solto minha mão e me viro bem a tempo da porta se abrir quando uma mulher entra. Ela tem uma touca branca sobre a cabeça, o tecido grosso, rígido e perfeitamente dobrado em ambos os lados. Ele cobre completamente o cabelo dela, e tudo o que é visível é uma abertura quadrada para o rosto que fica nas bordas das bochechas e no meio da testa.

Seu manto sem figura é praticamente o mesmo, com drapeados vincados semelhantes no pano branco engomado, cobrindo-a do queixo aos pés. Uma cauda leve é recolhida atrás dela, e suas mangas são longas e largas nas pontas, engolindo suas mãos de forma que nem mesmo essa parte dela está aparecendo.

Ela tem um queixo pontudo e pontiagudo e suas sobrancelhas sumiram, como se ela as tivesse raspado, enquanto seus cílios são tão finos e claros que mal são visíveis. Seus olhos prendem minha atenção, no entanto. Ambas as íris marrons estão rachadas nos lados externos, divididas em verde claro. É uma imagem espelhada de seu olho direito para o esquerdo, o verde fazendo seu olhar parecer estranho.

“Bem-vinda ao Castelo de Wallmont,” diz ela, a voz serena e inclinada com um leve sotaque, os lábios torcidos em um sorriso agradável. “O Conflux está prestes a começar. Eu vim para prepará-la.”

“Eu vou passar, obrigado,” eu digo enquanto me inclino contra a parede.

Seu sorriso agradável não vacila, mas ela vira a cabeça para olhar por cima do ombro, e é quando dois homens grandes entram pela porta. Eles usam seu próprio tipo de touca, só que a deles é cinza, o tecido mais curto e fino, no mesmo formato dos capuzes de cota de malha dos soldados. Suas túnicas são de cor creme, não exatamente o branco puro que a mulher está usando, e suas calças cinza são largas, as pontas amarrotadas onde estão enfiadas em botas até o joelho.

Ambos são jovens, um de pele morena e outro branco e cheio de sardas, e ambos olham para mim sem emoção enquanto avançam. Eu me pressiono contra a parede, a raiva revirando meu estômago. Tenho uma fração de segundo para decidir se é mais importante para mim esconder minha magia ou sair daqui.

Eu opto por dar o fora.

Fechando meus dedos em punhos, eu chamo o ouro. Quando eu sinto isso em minhas mãos mais desta vez, meu coração pula. Deixo acumular até começar a escorrer entre as fendas dos meus dedos. É lento, mas é alguma coisa.

A primeira gota que cai no chão faz os olhos do homem sardento se arregalarem. Com um empurrão, eu coloco minhas mãos na minha frente, os dedos abertos, deixando o resto cair. Em um piscar de olhos, uso o ouro para deslizar em direção a eles e envolver seus pés como cobras finas, o líquido pegajoso subindo por suas pernas, esticando e endurecendo em torno de seus membros. Eu arranco mais ouro de minhas palmas, um pequeno riacho fluindo, estendendo a mão para a próxima mulher...

E de repente sou atingido pela dor.

É diferente de tudo que já senti antes. Não atinge como um raio, não queima como fogo. Não me perfura nem parece um membro sendo cortado.

Isso parece ser beliscado. Como se mãos invisíveis tivessem cavado meu umbigo e agarrado meus órgãos. Como se dedos fantasmas tivessem cavado em minhas veias, pegando os tubos e comprimindo-os com tanta força que meu sangue parou.

Meu coração, meu estômago, meus pulmões, meus músculos, minha garganta, esses dedos beliscando apertam minhas entranhas e fazem tudo congelar. Essa dor terrível e opressiva atravessa-me, e caio de quatro, fazendo com que o ouro seja cortado, esmagado entre meus dedos, encharcando minhas calças.

Não consigo respirar, não consigo me mover, pois essas contrações horríveis apertam cada parte de mim cada vez mais forte e...

Ele para de repente. Como se cada ponto de aperto fosse liberado ao mesmo tempo. Estou tremendo, coberta de suor, sufocando com tosses ásperas.

Através dos olhos embaçados, eu olho para cima para ver a mulher deslizando para frente, parando um pouco antes que o ouro líquido possa manchar suas vestes puras.

“Pronto, nada disso agora,” ela diz, seu tom plácido tão fora de contexto nesta situação.

Eu olho para ela com fúria e tento chamar meu ouro novamente, embora as contusões ecoando dentro do meu corpo tornem isso muito mais difícil. Eu mal consigo obter uma nova gota se formando em minhas palmas quando a vejo levantar as mãos, as mangas caindo para trás apenas o suficiente para mostrá-la pressionando o dedo indicador contra o polegar e beliscando.

Assim como antes, aquela dor aguda irrompe dentro de mim.

Desta vez, eu caio no chão instantaneamente, sufocando com a garganta apertada, enquanto tudo dentro de mim aperta em agonia, comprimindo como se fosse fazer meus órgãos explodirem e sangrarem.

“Pare...” Eu resmungo, me contorcendo no chão.

“Chega de tentar usar essa magia, Lady Traidora,” diz ela. “Isso vai acontecer toda vez que você tentar usar o que não é seu.”

Os beliscões cessam e eu me contorço no chão, sentindo como se estivesse coberta por um milhão de hematomas internos. Levo um momento para me recuperar antes mesmo de perceber o que ela disse.

“Do que você me chamou?” Eu ofego.

“Lady Traidora,” diz ela com a mesma voz serena. “A sela dourada que enganou seu caminho para o coração do Rei Dourado e seu poder, antes de roubar ambos e depois sua vida. Você é uma trapaceira e uma mulher caída, e este é o melhor lugar para você.”

Tudo o que posso fazer é ficar boquiaberta com ela.

Ela me observa como se esperasse que eu respondesse. Quando não o faço, ela pergunta: “Bem? Você enganou, roubou e matou, Lady Traidora?”

“Acho que é por isso que fui drogada e sequestrada, certo?” eu retruco. “Para eu ir a julgamento e fazerem essa mesma pergunta?”

Seus olhos fraturados brilham. “De fato.”

Arrasto-me até ficar agachada, meus músculos trêmulos quase cedendo enquanto forço meu corpo a ficar de pé. Respingos de ouro mancham a sala, as poças rasas já começam a secar. Ele deixou manchas por toda a calça e botas dos homens, nenhum do ouro respondendo, tão flácido e torcido quanto eu sinto, enquanto ele jaz no chão em tiras inúteis.

“Venha comigo agora, a menos que você queira tentar usar sua magia roubada novamente?” ela pergunta amigavelmente, seus lábios pálidos me lembrando das areias brancas da costa deste reino. “Oreans que se entregam ao Conflux são proibidos de usar o poder.”

Estremecendo, eu me sento mais reta. “Bem, eu não desisti de mim mesma, então você pode se foder com essa regra, e eu não irei a lugar nenhum.”

Desta vez, quando ela aperta os dedos, parece que meu crânio está sendo achatado. Eu grito, caindo com as mãos na cabeça, meus olhos parecendo que estão

prestes a estourar como uvas. A agonia me percorre até que tenho certeza de que meu crânio vai quebrar e meu cérebro virar mingau.

É só quando sinto sangue escorrendo do meu nariz que a dor acaba.

Encostada na parede, encaro essa mulher com tanto ódio através de meus olhos embaçados que fico surpresa por ela não pegar fogo. Meu corpo parece destruído, como se eu tivesse sido empurrada para um quarto cada vez menor enquanto as paredes se fechavam sobre mim, me esmagando em seu domínio claustrofóbico.

Mas eu sangro ouro. Choro ouro. Então eu uso minhas lágrimas e meu sangue e tento movê-lo, tento reduzi-los a alfinetes para que eu possa esfaqueá-la através de seus dedos horríveis e agulha em sua garganta, mas ela pressiona novamente, me cortando antes que eu possa fazer uma única coisa com isso também.

“Eu posso fazer isso o dia todo, Lady Traidora.”

Eu levanto meus olhos para ela, lágrimas de dor se acumulando em meus cílios. “Então faça,” eu desafio. “Porque eu não me rendo ao Conflux. Então você pode sugar meu ouro e ir para o inferno.”

Pela primeira vez desde que ela entrou aqui, o sorriso espúrio da mulher vacila. Os homens atrás dela movem os pés. Quando ela traz as mãos na frente do peito, eu recuo, pensando que ela está prestes a usar sua terrível magia em mim novamente, mas, em vez disso, ela entrelaça os dedos e abaixa a cabeça. “Grandes deuses divinos, eu imploro a vocês que purguem essas palavras blasfemas de nossos ouvidos e redimam a luz de nossos espíritos.”

Em uníssono, os guardas atrás dela murmuram: “Purgue o mundo das trevas.”

“E ilumine nossos eus mais puros,” ela finaliza.

Um arrepio desce pela minha espinha.

“Então você pode torturar alguém com o poder da dor, mas você acha que é pecado dizer que o mundo é um inferno?” Eu cuspo zombeteiramente.

Ela deixa cair os braços e olha para mim, um brilho duro em seu olho fragmentado. “A vida após a morte não é para você falar. Agora tenho provas visíveis de que você realmente roubou a magia do Rei Dourado.”

“Eu nunca roubei,” eu rosno. “Essa magia sempre foi minha. Ele me usou. Ele era o ladrão, e estou feliz que ele esteja morto.”

Há uma pequena ingestão de ar através de seus lábios. “Podemos adicionar mentirosa ao seu nome também. Ladrões e trapaceiros não têm o direito de fazer referência à vida futura de um espírito, e certamente não têm o direito de mentirosos e assassinos.”

“Mas você tem o direito de me torturar e me manter em cativeiro?” eu retruco.

Ela endireita os ombros, olha para mim com a ponte fina do nariz. “Eu sou Isolte Merewen, Rainha do Segundo Reino e Primeira Matrona do Encontro de Temperance. Os deuses me concederam este poder de dor para que eu possa punir as almas imorais. Não é pecado, minha senhora. É meu dever como patrona da santidade.”

Meus lábios pressionam em uma linha fina. Todos em Orea sabem que o Segundo Reino possui facções religiosas muito estritas. O ramo mais famoso, no entanto, é o Deify. Eles vivem no Saara Espelhado com seu silêncio, línguas cortadas de bocas como tumores de um membro e descartadas, como se sua fala fosse uma infecção abcesso sacrificada aos deuses. A Temperance eu já ouvi falar também, mas mal. Eu certamente não sabia que essa mulher simples era a rainha, liderando todo o reino e essa seita de doutrina puritana.

“Você virá agora para a Limpeza.”

Eu levanto meu queixo. “Eu não vou.”

Eu me preparo para a dor bater, mas desta vez, ela simplesmente acena para os homens. Eu chuto quando eles vêm para mim, mas meus movimentos são lentos, ineficazes. Como um gatinho batendo inutilmente no ar. Com um de cada lado de mim, eles me puxam entre eles e começam a me rebocar para fora da sala, manchas

de ouro sob meus chinelos arrastados enquanto a rainha lidera o caminho, como se ela não fosse ameaçada por mim e não tivesse medo de me mostrar suas costas.

Eu tento fazer o ouro fluir das minhas mãos, mas é uma geleia densa e pesada que gruda na minha pele, incapaz de pingar. Incapaz de mover-se.

A rainha Isolte olha por cima do ombro para mim e diz: “A dor é uma pirâmide, minha senhora. Ele se acumula, constrói suas camadas. Você acha que pode suportar, acha que pode continuar a escalar sua altura, mas você está errada. Posso garantir que você não vai querer que essa dor se acumule tanto a ponto de chegar ao pináculo, porque você não vai sobreviver a esse pico agudo. Isso eu posso prometer.”

Por dentro, eu fervo. Em meio a ossos machucados e órgãos esmagados, minha raiva ferve.

Sou arrastada para fora da pequena sala e para um corredor estreito. Em vez de janelas, há claraboias enfeitando o teto de areia, lançando pilares de luz a cada poucos metros.

Os homens me puxam por uma pequena pilha de degraus largos, e então estamos em uma ampla sala abobadada cheia de arcos, todos abertos para o exterior. Posso ver palmeiras ao nosso redor, suas folhas grossas balançando com uma brisa sombreada que sopra. Uma camada de areia cobre o chão de ladrilhos brancos, mas um sol amarelo brilhante está pintado no centro, seus raios imaculados e cercados por um céu azul-celeste, assim como as velas do navio em que naveguei quando fugi do porto de Derfort.

Passamos por ela, seguindo para um arco à esquerda. Sou levada por pedras queimadas pelo sol, a frente dos meus tornozelos gritando por ser dobrada para trás enquanto eles continuam a me arrastar. Ao denso conjunto de palmeiras juntam-se cactos e oliveiras, e o ar irrompe com o aroma das laranjas quando passamos por citrinos carregados de pesados frutos maduros para a colheita.

Descendo o curto caminho ao ar livre, os homens me levam para outra parte deste edifício extenso. Depois de viajar por mais um corredor estreito, finalmente fui jogada em um quarto escuro, minhas pernas cederam assim que caí.

Apoiando minhas mãos trêmulas embaixo de mim, eu me levanto para uma posição sentada, meus olhos se aguçando para se ajustar à iluminação fraca. A sala tem a forma de um círculo e completamente sem janelas, a única luz que entra é a arcada e o fogo queimando em uma panela no fundo da sala. O azulejo é da cor da ferrugem, as paredes e o teto combinam com ele e, apesar do calor abafado, um arrepio percorre minha espinha, porque esta sala tem uma mesa de madeira com correntes de ferro presas a ela. Parte da parede também está coberta de chicotes pendurados, e há coisas mais sinistras que não consigo ver por que há uma parede de mulheres bloqueando minha visão.

Elas estão todas reunidas como um coro mórbido prestes a começar a cantar. Elas estão vestidas da mesma forma que a rainha, exceto onde suas vestes são de um branco puro, as deles têm faixas cinza costuradas nelas. Algumas têm muitas, as tiras vão até as bainhas, enquanto outras têm apenas uma na cintura. Assim como a Rainha Isolte, seus cabelos também são cobertos por toucas brancas, suas mãos engolidas por mangas afuniladas.

“Vocês podem ir,” a rainha diz aos homens, e eu observo enquanto eles se afastam. Tenho a sensação de que prefiro ficar com eles.

Quando olho para a Rainha Isolte, a expressão em seu rosto me diz que provavelmente estou certa. Voltando-se para as mulheres, ela diz: “Senhoras da Reunião de Temperance, é hora de realizar uma Limpeza.”

CAPÍTULO 61



Auren

Eu aprendi que as tiras em suas vestes representam a quantidade de pecados que as Matronas de Temperance ainda têm para expulsar de suas almas.

Para um grupo piedoso, elas são tagarelas, tagarelando comigo sobre sua ordem justa, sobre como muitas delas pecaram até serem trazidas e mostradas à luz. Elas me dizem como sou abençoada por estar aqui e como é um chamado do Divino, que minha alma mortal está em perigo e somente elas podem me ajudar.

Elas pensam muito bem de si mesmos.

“Estamos felizes em ter você aqui,” diz uma delas. “Realizar a Limpeza é um favor dos deuses, e eles nos consideram dignas da tarefa. É um dom que ajuda também a nossa própria purificação interna.”

Quando elas começam a se aproximar de mim, eu me arrasto nos calcanhares e nas mãos até que minhas costas batem na parede. “Não me toque.”

A mais próxima de mim arregala os olhos azuis. “Oh, minha senhora, não podemos sujar nossa pele dessa maneira,” diz ela, com um olhar de pena de ternura equivocada em seu rosto. “As mangas de nossas vestes nos manterão puras. Nossa pele não vai tocar.”

Eu pisco para ela, e aquela fração de segundo de distração é tudo que eles precisam para me agarrar e me arrastar para o outro lado da sala. Embora elas estejam me maltratando, a mulher estava certa, suas mãos nuas não me tocam.

Não sei se devo me sentir insultada ou não.

Meu corpo ainda parece ter sido esmagado de dentro para fora, mas tento lutar contra elas de qualquer maneira, tento escapar de suas garras. Mas é como um passarinho tentando deter um falcão, e não consigo nada além de ficar tonta com ecos de dor.

Elas me enfiam em uma banheira estreita que é tão fina que não consigo descansar as duas pernas. Em vez disso, tenho que apoiar uma perna sobre a outra e, como também não é longa o suficiente, meus joelhos são forçados a dobrar. A parte de trás da banheira também é estreita, então estou inclinada para o lado, apenas um ombro capaz de descansar contra os veios da madeira áspera.

Não importa o quanto eu gagueje e lute, elas têm muitas mãos para me segurar. A água é morna, e a falta de temperatura me dá arrepios, me faz estremecer quando estou presa em suas profundezas.

Minhas roupas encharcam imediatamente, a ponta da minha trança esfarrapada grudada no meu peito. Como se não fosse ruim o suficiente ser contida na banheira mais desconfortável já feita, as matronas começaram a derramar jarros de água morna sobre minha cabeça. Um trio delas faz isso uma após a outra, enquanto as outras começam a agarrar meus membros vestidos e me esfregar com escovas de cerdas dolorosamente firmes.

Eu grito, tentando me desvencilhar, tentando apelar para suas atitudes justas com os fatos de minha captura, mas não adianta. Estou cercada por véus brancos e insanidade devota.

Lado positivo? Pelo menos elas são tão contra o toque que estão usando essas escovas horríveis nas minhas roupas. Acho que minha pele estaria descascando em tiras cruas de outra forma.

O sabonete que elas usam tem um cheiro fortemente adstringente, queimando meu couro cabeludo e cortando meus poros. E enquanto estou sendo maltratada, eles pregam para mim sobre seus deuses. Aqueles que recompensam a pureza da carne e a obediência da mente. Aqueles que exigem autocontrole e sacrifício.

Elas não dizem nada sobre as deusas. De amor matronal ou fortaleza feminina.

Quando elas me puxam para fora da banheira, sou jogada ao lado da enorme tigela de chamas ardentes, as roupas pingando por toda parte até que recebo um cobertor áspero para absorver um pouco da água.

Alguém penteia meu cabelo, fazendo isso com tanta delicadeza que faz a esfregação áspera da minha pele parecer ainda mais chocante. Eu tento empurrá-la para longe de qualquer maneira, mas uma das outras matronas estala uma raquete nas costas da minha mão, fazendo-me sibilar de dor. “Sente-se, minha senhora, e fique quieta. Aproveite este tempo para se preparar para a oração.”

“Vou aproveitar este tempo para me preparar para inundar esta sala com poder, encharcando você por completo e depois esfregando sua pele até que esteja em carne viva,” eu rosno de volta.

Se elas querem me tornar a vilã, então eu serei uma.

Ela suga a respiração, e eu sinto uma pequena sensação de vitória por tê-la chocado. Depois de ser drogada e sequestrada, torturada e arrastada até aqui, meu senso de controle está diminuindo e me fazendo sentir como um animal encurralado. Eu não quero nada mais do que explorar minha natureza fae, arrancar a fera dentro de mim e derreter o mundo sob um barril de ouro, mas a magia da Rainha Isolte é absolutamente paralisante.

Mas isso não me impede de querer tentar. Só preciso de um pouco mais de tempo para me recuperar. Só preciso esperar meu tempo e fingir que sou impotente. Não preciso de muito ouro. Tudo que eu preciso fazer é acabar com essa puta da rainha. Talvez eu faça meu ouro espremê-la entre um torno metálico. Aposto que ela não seria tão presunçosa então.

Falando de...

“Lady Traidora não fará nada disso,” a Rainha Isolte anuncia quando ela entra em minha linha de visão. Ela está de costas contra um mural de um padre todo de branco presidindo uma dúzia de matronas ajoelhadas a seus pés. As faixas cinzas de pecados em suas vestes correspondem ao número de chicotadas nas costas de um suposto “pecador” quando ele cai contra um poste. Há uma luz brilhando no padre, refletindo no chicote como se ele fosse um presente dos deuses para o mundo e sua punição aplicada fosse algo a ser reverenciado.

Meu estômago revira.

“Ela se submeterá ao resto de sua Limpeza com graça,” continua a rainha. “Essas ameaças não têm mérito nesta sala, pois são ditas pela maldade dentro dela, da qual devemos ajudar a livrá-la.”

As outras matronas murmuram em concordância.

Meus olhos se estreitam nela. “E diga-me, como você se livra de sua maldade, Rainha Isolte?”

Eu sinto mais do que vejo as outras ficarem paradas. A matrona atrás de mim faz uma pausa na escovação.

“Meus pecados já foram absolvidos,” responde a rainha bruscamente. “Nós também passamos pelo ritual de uma Limpeza. Embora suportemos muitos deles, assim como realizamos nossos serviços ao Divino e aos nossos sacerdotes. É por isso que nenhuma tira estraga minhas vestes, é por isso que superei as deficiências de minha alma. Fui escolhida para liderar os Guardiões da Temperance.”

“Mas você realmente não o lidera, não é?” Eu pergunto, levantando meu queixo em direção ao mural. “As mulheres não podem ser padres, não é?” Eu pergunto, saindo em um golpe.

Sua mandíbula aperta, e fico um pouco emocionada em irritá-la. Eu não me importo que ela seja rainha. Eu não me importo que ela tenha a magia de beliscar

meu corpo até a morte. Ela é uma fanática cruel que vive dominando os outros e chamando seus atos de crueldade de sagrados.

"As matronas desempenham um papel fundamental na Temperance," ela responde, e é tão ensaiado que sei que ela já ouviu e falou esse santo slogan centenas de vezes antes.

Eu sorrio. "Claro que sim."

Ela se vira para os outros. "Testemunhem, irmãs. Sua atitude amarga é apenas a maldade se revoltando contra a Purificação."

"Não," eu retruco, enxugando a água do meu rosto. "Minha atitude vem apenas da maneira como você parece pensar que pode me tratar. A prostituta de ouro? Não foi assim que você me chamou?" Eu não dou a ela a chance de responder. "Você não precisa seguir algum ritual inventado e se preocupar com deuses que não dão a mínima para você. Você deveria se preocupar comigo. Porque esta prostituta dourada pode purificá-la muito mais rápido do que qualquer Limpeza. E confie em mim, você vai sair dourada e brilhante."

Ela me nivela com um olhar, e uma leve pressão aparece em meu estômago, me apertando, me fazendo querer vomitar. Mas eu não estremeço. Eu me recuso.

Sua mandíbula estala quando ela morde: "Você sabe o que seria realmente dourado? O teu silêncio." Apesar da dor, um bufo me escapa. Ela me solta um segundo depois. "Isso é tudo normal, Lady Traidora. Você não é a primeira mulher a entrar nesta sala com a corrupção enraizada em seu espírito. O mal nunca quer ser expulso. Cabe a nós forçá-lo."

Eu aceno em direção à parede de chicotes. "É para isso que servem? É assim que você e suas matronas fogem e obrigam os outros? Ao serem espancados? Serem chicoteados, purificados, torturados ou obrigados a viver vidas desconfortáveis sem toque em banheiras horríveis e cobertores desconfortáveis? É a isso que suas vidas foram reduzidas? Sinto muito por todas vocês," eu digo, olhando ao redor da sala.

Porque posso não ser capaz de trazer à tona minha magia, mas posso trazer à tona palavras que podem alimentar a dúvida em suas mentes.

Sua sobrancelha sem pelos se arqueia. “Nós nos mantemos puras. A dor nos faz focar em nossos erros internos, e sangrar é uma maneira de liberar esses erros. Não esperamos que uma mulher tão mundana entenda. Seu toque está manchado, sua alma perversa. Faremos o que pudermos para purificá-la antes de enfrentar seus superiores e seus deuses, mas se você não capitular, talvez os ensinamentos da Temperance a curem.”

“A Temperance te salva,” murmuram as outras matronas.

Eu me inclino para frente, não me importando que meu cabelo puxe dolorosamente contra o aperto da outra mulher. “Não quero que a Temperance me salve.”

Ela inclina a cabeça, aquele sorriso estúpido e sereno de volta em seu rosto. “Então o que, por favor, diga, o que você acha que vai acontecer?”

Eu sorrio. Mais dentes, mais mordida para adicionar à minha resposta. “Eu vou me salvar,” digo a ela antes de meus olhos se moverem pelos rostos de olhos arregalados dos outros. “E mesmo que eu não o faça, o Rei podridão o fará.”

Apesar de seu rosto sem cor, ela de alguma forma empalidece ainda mais, e um silêncio revelador cai sobre a sala.

“Você se esqueceu dele?” Eu pergunto com um sorriso. “Porque quando ele chegar aqui, nem mesmo seus deuses poderão salvá-la.”

Minha explosão me levou a outra pontada de dor que me fez desmaiar por alguns minutos. Eu acordei enquanto o óleo estava sendo derramado em meus pés para “expurgar os vasos em que eu toco o solo sagrado.” Então, roupas são jogadas

em mim. Eu debato lutar contra eles na mudança, mas a rainha obviamente está procurando por qualquer motivo para usar seu poder em mim. Não tenho esperança de me recuperar a menos que eu possa jogar bem.

Então, meio grogue, tiro minhas roupas encharcadas para vesti-las e, assim que minhas roupas velhas caem no chão com um plop, uma das matronas corre para pegá-las e depois as joga no fogo, fazendo ele assobia e solta vapor.

Há um material parecido com gaze para prender meus seios, mas ignoro isso. Também não há uma, mas três camadas de diferentes tipos de roupas íntimas. Eu vou com uma, para grande desgosto delas. Então visto um vestido cinza escuro com capuz que me cobre do pescoço ao tornozelo, as mangas apertadas desagradavelmente nos pulsos, a cor aparentemente significando a mácula do meu espírito.

Encantador.

Eu provavelmente deveria estar com mais medo, mas estou com mais raiva do que qualquer outra coisa. Estou realmente cansada de monarcas me usando para suas próprias narrativas, quando tudo que eu sempre quis foi ser deixada em paz.

Agora que estou vestida, as matronas me cercam e começam a me conduzir para fora da sala. A dor residual em todo o meu corpo me faz arrastar para a frente, curvado e vacilante. Não vou negar o fato de que a rainha me enganou. O poço da minha magia parece ter sido esticado e espremido, colado em um tubo muito estreito. No entanto, eu tenho que fazer algo. Tenho que esperar que eu possa me recuperar o suficiente para que meu toque de ouro funcione. Eu provavelmente não deveria ter respondido tão completamente, mas não pude evitar.

Digo a mim mesma para não abrir a boca novamente. Para esperar meu tempo para que eu possa me recuperar. No entanto, assim que passo pelo arco para o exterior, a magia da rainha volta para mim.

Como se ela de alguma forma soubesse o que eu estava planejando, ela de repente ataca. Seu poder me aperta como um espartilho muito apertado, cortando

minha capacidade de respirar, fazendo meu coração parecer como se estivesse sendo agarrado pela mão cruel de alguém.

Eu engasgo, caindo sobre as Matronas à minha direita, seus corpos de túnica permanecendo retos e firmes, uma pancada de cotovelos e ossos do ombro me acertando de volta em meu pequeno círculo entre elas. É uma maravilha que eu fique de pé, respirando ofegante e curtamente, como se eu fosse hiperventilar. É uma dor pungente o suficiente para fazer meu corpo entrar em pânico, para dificultar o foco, mas também é sutil o suficiente para não me deixar inconsciente.

A dor é uma pirâmide, disse ela. E ela está empilhando mais em cima de mim, tijolo por tijolo, como se ela visse meu sofrimento como um santuário para seu próprio poder.

O calor opressivo não ajuda. Ele pressiona meu cabelo molhado e meu corpo espetado, meus pés descalços queimando contra o ladrilho enquanto caminhamos ao longo do caminho ao ar livre. Não presto atenção para onde estou sendo conduzida. Eu simplesmente sigo a ovelha listrada de branco e cinza, tentando me concentrar na dor.

Embora o calor seja quase opressivo, a luz do sol parece me revigorar. Como se estivesse tocando em algo mais profundo, afundando na minha pele e brilhando naquela fera dentro de mim.

Porque para mim, o sol sempre foi sinônimo de poder.

E neste mundo, se você não tem poder, você não sobrevive.

Fiquei afastada dele por dez anos. Bloqueados, separados em um reino condenado pela neve, onde o céu estava sempre coberto de nuvens opressivas. Antes disso, eu morava em um porto que despejava água da chuva e inundava as ruas. No entanto, aqui... foi aqui que minha mágica surgiu. Aqui é onde meu ouro apareceu pela primeira vez e minhas fitas brotaram. Este é o lugar onde tudo começou. Então, mesmo que meu tempo no Segundo Reino tenha sido traumático, talvez houvesse uma razão pela qual meu poder fae acendeu enquanto eu assava sob o sol.

Apesar da coleira de dor da rainha, canalizo para a luz do sol. Penso apenas nisso, nele me impregnando e me dando força. Então tento reunir ouro suficiente, tento aproveitá-lo e ignoro todo o resto.

Para minha alegria, algumas gotas se acumulam na ponta dos meus dedos e eu rolo as contas grossas entre o polegar e os dedos, encontrando conforto em sua presença, não importa quão pequena seja a quantidade, não importa quão grossa e pegajosa pareça.

Toda a minha concentração está no meu ouro, acumulando gotas dolorosamente lentas. Espero que as matronas estejam me levando de volta para o meu quarto ou para continuar seus rituais horríveis em outro lugar, algo para me dar mais tempo para me recompor e reunir meu poder.

Mas, em vez disso, desviamos mais para fora, descendo o caminho de ladrilhos que é remendado com sombras intermitentes lançadas pelas plantas, enquanto uma cacofonia ininterrupta de cigarras zumbe no ar. O suor começa a se acumular na minha nuca enquanto sou pastoreada, minhas mechas crespas de cabelo molhado grudando na minha pele, minhas mangas apertadas umedecidas nos meus pulsos.

Meus pés estão pegando fogo. A única graça salvadora é que a viscosidade do óleo fez a areia fina grudar neles, dando a única camada protetora que tenho. Em seguida, tento concentrar minha magia nas solas dos pés, incitando o ouro a revestir a parte de baixo. No entanto, não consigo obter uma camada espessa o suficiente para fazer muito, embora espere deixar pegadas manchadas atrás de mim para manchar seu caminho.

A rainha aparentemente fica entediada com meu sofrimento em silêncio, porque ela libera o aperto em meu coração e o muda até que parece que algo se prendeu em minha espinha e cravou suas unhas, as pontas pressionando fortemente em mim.

Desta vez, não tenho escolha a não ser choramingar, as costas ligeiramente arqueadas, os pés vacilantes. Sou empurrada por trás, impelido incessantemente para a frente, enquanto cada passo faz minha espinha morder e formigar.

Sei que a rainha está atrás de mim, observando cada movimento meu, provavelmente obtendo alguma satisfação doentia com o barulho que fiz. Eu transfiro a pequena bola de ouro da minha mão esquerda e adiciono à coleção na minha direita, e embora seja apenas do tamanho de um mirtilo, é alguma coisa.

Mas com toda a minha concentração focada em suportar a dor e manter meu pequeno caroço seguro em minha mão, percebo tardiamente que não estou mais andando sobre ladrilhos de areia. Estou andando em escadas de barro, e o barulho que ouço não é mais só de cigarras.

É gente.

Muitas pessoas.

Eu olho para trás, vendo o castelo de um nível envolto nas dunas de areia macia e misturada com uma abundância de vegetação abraçada ao redor da água cristalina de um oásis.

Mas diante de mim, descendo esta escada íngreme ao ar livre, está uma metrópole em expansão. Longe no horizonte, posso ver apenas uma lasca do mar. Ele atravessa a borda, separando a terra e o céu. Daqui para lá, há blocos de prédios de telhado plano espalhados em uma coleção tão vasta que nem consigo imaginar quantas pessoas devem morar aqui.

Os prédios são da mesma cor da areia que os cerca, mas com manchas de tinta amarela e azul brilhante. As ruas parecem rios de cobre entrelaçados, e há bandeiras com o emblema do sol amarelo, bem como o sigilo oficial do Segundo Reino, dois círculos concêntricos, um dentro do outro, representando o grande Divino sobrepondo toda a vida.

Mas o prédio mais próximo de nós, aquele ao qual este caminho leva, é cercado por um mar de pessoas reunidas sob telas gigantes estendidas entre pilares. Bem na frente há um edifício circular e, do meu ponto de vista aqui em cima, posso ver uma mureta que circunda tudo, sua arquitetura unida lembra claramente o sigilo do reino.

Eu não posso dar um único passo agora sem fazer caretas e suspirar. O óleo e a areia não são páreo para o calor brutal dos ladrilhos queimados pelo sol. Não posso nem me apressar, porque as matronas estão ditando o ritmo, e ou não se importam com meus pés ou tudo faz parte da minha ardente caminhada de vergonha.

No momento em que chego aos degraus inferiores, nem me importo com as pessoas que estão olhando e gritando palavras incompreensíveis. É como se camadas de pele tivessem escaldado meus pés, deixando-os em carne viva e agonizantes, como se eu tivesse caminhado sobre um quilômetro e meio sobre brasas ardentes.

E a dor da rainha continua. Estável. Punindo. Tão constante que não consigo respirar fundo, meu coração parece que não consegue completar uma batida.

Estou suando baldes. Tudo dentro de mim treme e reverbera com uma agonia ecoante que minou todas as minhas forças enquanto sou conduzida por um caminho estreito. Os corpos das matronas se aproximam de mim conforme nos aproximamos do prédio. Posso ver um mar de pessoas reunidas, gritando, com as mãos para o alto, como se fosse algum tipo de evento frenético.

Então sou conduzida pelos degraus carbonizados do edifício abobadado. Quando chego ao topo, as mulheres se abrem como ondas, e vejo que estou em algum tipo de palco ao ar livre. O prédio fica atrás de mim e a praça da cidade coberta de lona na frente, tão cheia de gente que nem consigo ver o fim da multidão. Eles não estão perdendo tempo. Não haverá espera em meu quarto, nenhuma outra Limpeza ritualística.

É isso.

Sou empurrada para dentro de um círculo de pilares finos no palco e, assim que estou, a magia da rainha é subitamente removida. Na pressa de me empurrar para dentro, meu ombro e braço batem contra os postes, e a bola de ouro cai da minha mão. Eu não ouso chamar a atenção para isso.

Não consigo aproveitar a liberação da dor aguda da rainha, porque estou presa. Presa e em exibição, cambaleando de dor e me forçando a não desmaiar.

Tento sacudir os postes que me cercam, mas eles não se movem nem um pouco, e de qualquer maneira estou muito enfraquecida. Eles se estendem por pelo menos três metros e não são mais grossos do que meu pulso, deixando a mesma medida de espaço entre eles. O espaço dentro do recinto é um pequeno círculo, a mesma porta com pilares se fechando nas minhas costas. O único alívio que tenho é o fato de que agora estou na sombra da saliência do prédio, então o piso de ladrilhos do palco está abençoadamente fresco contra meus pés chamuscados.

Mas então eu olho para cima e vejo as sete cadeiras colocadas logo atrás de mim, de frente para a multidão e meu recinto, todas ocupadas com os monarcas de Orea.

Eles devem estar em ordem, do Primeiro ao Sexto Reino.

A cadeira do Quarto está visivelmente vazia.

No final, na cadeira do Primeiro Reino, está o Rei Euden Thold, um homem de pele escura e uma coroa de serpente na cabeça que brilha com pedras verdes e pretas. No momento em que o vejo, lembro-me de seu poder, porque está envolvido nele, domado sob seu controle. Há uma víbora enrolada em seus ombros. Uma cobra enrolada no comprimento de seu braço. Outra cobra com um chocalho no tornozelo e uma cobra verde brilhante enrolada no colo.

Como se ela não se incomodasse nem um pouco com a presença sinuosa deles, a rainha Isolte está sentada ao lado dele, enquanto outro homem, que deve ser seu marido de bigode e rosto manchado, está sentado do outro lado. Rei Neale Merewen.

E à direita dele está a Rainha Kaila.

Meu estômago revira como se eu o tivesse agarrado com os dois punhos e torcido como um trapo. Ao lado dela está a cadeira vazia destinada a Slade, o que faz meu estômago revirar de uma maneira totalmente diferente.

Onde ele está?

Ao lado disso, no lugar do Quinto Reino, está sentado um homem que eu nunca vi antes. Ele parece muito jovem e nervoso para estar no comando de um reino inteiro. Mas suponho que seja esse o ponto. Este é o recém-coroado Rei Hagan Fulke.

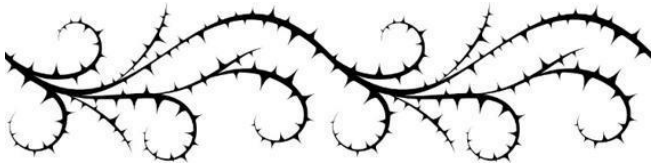
Uma das cobras do rei Thold está no braço do novo rei. Hagan tenta e não consegue conter sua careta, claramente desconfortável com a presença da serpente, embora muito nervoso para fazer qualquer coisa a respeito.

Ele deveria ter, porque em um piscar de olhos, a cobra de repente afunda os dentes em sua mão em um movimento rápido como um raio, fazendo-o recuar. O rei Thold ri e chama a cobra de volta, mas enquanto o rei Hagan deveria ter uma mão perfurada e sangrando, em vez disso, não há nada lá. Ele pode ser um tipo de pessoa tímida, mas aparentemente sua pele é imune a presas.

Ao lado do Rei Hagan, a cadeira está vazia, a última da fila, destinada ao Sexto Reino. Destinada a Midas. No entanto, ele não está aqui, e pelo menos posso obter alguma satisfação com isso.

Mas os fragmentos dessa escassa satisfação se desintegram quando o rei Neale Merewen se levanta, a voz ressoando pela praça, reverberando na parede circular atrás para amplificar seu discurso. “Os monarcas de Orea se juntam aqui para avaliar os acusados e defender a integridade da Lei de Orea.” Ele se vira para mim, os olhos desaprovadores, o cabelo liso preso para trás em mechas finas. “Como Rei do Segundo Reino e defensor do decreto real, agora declaro que o Conflux real começou.”

CAPÍTULO 62



Slade

Estou voando há dias. Tantos que sangraram juntos com cada crepúsculo escuro costurado no céu.

Argo é rápido, mas ele precisa fazer pausas para dormir e caçar, e essa distância normalmente seria quebrada com uma nova asa de madeira na costa ou com bastante descanso entre eles.

Eu não tinha essa vantagem.

Tivemos que lidar com tempestades que despejavam água sobre nós, ventos fortes e um percurso improvisado. No entanto, cruzar o mar de Weywick foi o pior. Fiz questão de cruzar a menor distância sobre a água, fazendo-nos parar bem na ilha mais externa do Terceiro Reino, mas, mesmo assim, quase não conseguimos atravessar.

Quando Argo pousou na costa do Segundo Reino, ele desmaiou. Fiquei com ele no pequeno canal que desaguava no mar, e tive muita sorte por ele ter acordado e ter energia para caçar peixes.

Mas cada momento que não podíamos viajar era uma pressão sentida fisicamente. Cada segundo que eu não me movia significava que não estava alcançando Auren. Eu sabia que Manu provavelmente havia trocado as Asa de madeiras pelo menos duas vezes, enquanto eu pressionava Argo mais do que tinha direito.

Mas não tive escolha.

Corri para sair, o que significava que não tinha suprimentos além das roupas do corpo, a fita no bolso e a espada e a adaga no cinto. Vendi aquela adaga para um pescador em troca de roupas novas e algumas rações para viagem. Foi apenas uma vez que ele viu as linhas de poder rastejando pelas minhas mãos que ele empalideceu e fugiu, embora fosse sábio o suficiente para manter a adaga.

O calor opressivo do deserto do Segundo Reino já me fez suar em minhas roupas de couro, e Argo leva um dia e uma noite inteira para se recuperar. Ele é rápido embora. Mais rápido do que qualquer asa de madeira que eu já vi. Se não fosse pela pausa que ele teve que fazer, não tenho dúvidas de que os teríamos alcançado.

Devíamos tê-los alcançado na noite em que Auren foi levada, mas os bastardos me escaparam. Eles devem ter tido mais vantagem do que eu imaginava. Mesmo que eu estivesse tentando fazer com que Argo os rastreasse, o caminho que ele estava viajando continuava mudando, como se eles estivessem nos iludindo de propósito e tomando rotas estranhas pra caralho, o que provavelmente eram.

Argo não tem muito mais nele. Suas asas estão cansadas. Sua velocidade é quase nada. É ainda pior do que naquela noite em que corremos em direção a Deadwell, porque o calor insuportável está minando o que resta de sua força.

Quanto a mim, com o sol batendo contra mim como punhos furiosos, comida e água mínimas, e apenas pontinhos de descanso aqui e ali, estou correndo de pura raiva.

Raiva e o inconfundível medo carregado de culpa.

Porque eles a levaram. Eles a levaram e eu não estava lá. Eu sei que ela me disse que estava feliz com a forma como as coisas aconteceram em Ranhold, de como ela precisava se salvar. Eu sei que ela é forte. Que ela possa se cuidar, se resgatar.

Mas eu deveria ter estado lá então, e eu deveria estar agora.

Então eu vou chegar até ela.

Sua fita praticamente queima dentro do meu bolso, um lembrete de repreensão pela dor que já aconteceu com ela quando eu não estava lá.

Eu preciso estar lá desta vez.

Estou chegando mais perto. Devo chegar a Wallmont dentro de um dia. Tudo depende deles levá-la lá. Porque se eles a levaram para outro lugar… fugiram de mim mais uma vez…

Não. Não vou pensar nisso.

Estamos talvez a apenas algumas horas de distância da capital agora, e uma nova onda de esperança toma conta de mim.

Quase lá, Auren.

Chute a bunda deles até eu chegar lá, mas quando eu chegar, esses filhos da puta são meus.

A esta distância enquanto corremos sobre as dunas, meu poder se contorce e aumenta, as raízes estalando em minha pele, prontas para afundar nesta terra árida e apodrecê-la completamente. Quando passamos por uma cidade menor perto da costa, sei que estamos nos aproximando, e isso aumenta ainda mais meu entusiasmo.

É quando isso acontece.

Bem na periferia, quando Argo mergulha abaixo das nuvens. Se ele não estivesse tão sobrecarregado, se eu estivesse mais focado, talvez pudéssemos ter evitado.

Mas o raio veio do nada, apenas um assobio que ouço uma fração de segundo antes de perfurar sua asa.

Ele solta o guincho mais ensurdecedor que já ouvi. Seu sangue sopra ao vento, salpicando-me com manchas vermelhas. Argo arremessa para o lado, ainda gritando, ainda tentando bater as asas, para voar, mas sua teimosia e habilidade não são páreo para o parafuso de ferro preso nos músculos e ossos de sua asa.

Nós caímos.

Eu me seguro nas alças da sela, inclinando-me para frente, envolvendo-me sobre ele e dando-lhe todo o movimento para se mover da maneira que ele precisa. Não há como direcionar sua direção, sem tentar incentivá-lo. Tudo o que posso fazer é me apoiar em suas costas enquanto ele despenca. Mesmo com sua dor e nossa queda violenta, ele ainda tenta retardar nossa queda, ainda tenta procurar o melhor lugar possível para cair.

Posso dizer com absoluta certeza que as dunas de areia parecem muito mais macias do que realmente são.

Argo leva o peso da queda, dobrando suas pernas e sua única asa boa no último momento, e dá uma guinada para o lado assim que batemos.

Areia em pó explode ao nosso redor, e Argo solta outro grito estridente que rola em meu crânio, colidindo comigo tanto quanto o impacto.

Eu me solto o mais rápido que posso e deslizo para fora de seu lado bom, as botas afundando na areia enquanto me apresso em torno dele para chegar à sua asa machucada. O raio é grande e pesado, provavelmente disparado assim que fomos vistos atravessando fora da cidade. Caímos longe o suficiente para que haja provavelmente uma boa milha entre nós e a muralha da cidade, mas isso é pior, porque tudo o que quero fazer agora é apodrecer o filho da puta que fez isso.

Eu percebo o dano na asa de Argo, uma percepção sombria tomando conta de mim enquanto eu percebo de todos os ângulos sem tocá-la. A flecha de ferro está cravada no centro de sua asa direita, manchando suas penas malhadas com sangue. A ponta é grossa demais para eu puxar sem causar mais dano e dor.

O único lado positivo é que o metal corrói.

Argo chora, desta vez um barulho mais parecido com um gemido, e me dá coragem de ouvi-lo soar assim. A besta é uma criatura resiliente e resistente, e vê-lo dividido nisso...

“Peguei você,” murmuro para ele, e seus enormes olhos castanhos se fixam em mim, como se houvesse um piscar de entendimento sobre o que estou prestes a fazer.

Tocando-o com o mínimo de contato possível, lentamente espalhei podridão pelo metal. A princípio parece que o ferro não faz nada, mas depois começa a enfraquecer lentamente. A cor fica suja de ferrugem, aparecendo buracos ao longo de seu comprimento. Quando começa a se desfazer em tiras corroídas e o metal parece antigo, estendo a mão e quebro a ponta.

Argo estremece, mordendo os dentes para mim, mas eu me movo rapidamente e arranco a vara, jogando-a atrás de mim. Ele instantaneamente curva sua asa em sua direção e começa a lamber o sangue, o que considero um bom sinal de que ele pode movê-la.

Ele está ofegante, espuma acumulada em sua boca, e quando eu me movo em torno dele para verificar suas pernas, ele me dá um estalo de aviso novamente.

“Calma, besta,” eu digo, embora se eu tivesse acabado de levar um tiro e sofresse o impacto de um choque violento no chão, eu estaria atacando todo mundo também.

Quando pressiono seu peito e me inclino para verificar a condição de suas pernas, meu estômago revira. A pata esquerda está em um ângulo estranho onde está dobrada sob sua forma inclinada, e posso dizer, mesmo sem tocá-la, que está quebrada.

“Merda.”

Pata quebrada e uma asa ferida que não sei a extensão total. Ele está completamente debilitado; não há como ele se mover, muito menos voar.

Eu me levanto, olhando ao redor da terra estéril, mas não há abrigo contra o sol, nenhum lugar para eu mantê-lo escondido ou protegê-lo dos elementos.

Nós dois somos alvos fáceis em um lago fervente.

Quando Argo deita seu rosto ofegante contra o chão escaldante, a areia sopra de suas narinas e floresce na frente de sua boca. Ele faz um barulho abatido e surrado novamente, e isso torce a lâmina de culpa alojada em minha garganta.

Arranco o odre pendurado em minha cintura e começo a pingar o líquido em sua boca. Ele instantaneamente abre a boca e eu despejo água até que esteja quase

vazia. Ele lambe os lábios, olhando para mim com uma piscadela constante antes de deslizar sua língua abrasiva contra a minha mão como se em agradecimento e, em seguida, fechar os olhos.

Sugando o resto da água, sento-me contra o lado bom de Argo, joelhos para cima, olhos apontando na direção de Wallmont.

Os quilômetros que ainda se estendem entre nós daqui até a capital pareciam pequenos minutos atrás. Agora, eles parecem intransponíveis.

Tão perto.

Muito longe.

Argo não pode voar. Não posso andar. Ele vai morrer aqui por minha causa. Terei que caminhar até a cidade que o matou, roubar um cavalo e correr pelo deserto para chegar a Auren, e será tarde demais. Já demorei muito, e agora, sem poder voar…

No momento em que partir para a cidade atrás de mim, darei a Argo uma sentença de morte. Meus dentes se apertam, meus punhos também. A escolha que tenho diante de mim é deixá-lo aqui sozinho para sucumbir lentamente aos ferimentos e aos elementos ou apodrecê-lo onde está, pelo próprio toque em que aprendeu a confiar. Um toque que, agora, chicoteia com linhas incensadas que percorreram o comprimento das minhas mãos com curvas voláteis enquanto se alongam além dos meus dedos. As profundezas podres da minha raiva se infiltram no chão e se espalham como veias furiosas que se estendem em uma caçada para vasculhar a terra em punição antes que eu a puxe de volta.

Eu não ficaria surpreso se o alcance da minha fúria cruzasse todo o caminho até Wallmont. Estou tentado a deixá-lo tentar. Deixe-o engolir a cidade atrás de nós também, fazer com que cada pessoa se estrague e mofe.

Argo tem sido meu fiel animal por anos, e este é o agradecimento que lhe dou. Um túmulo no deserto onde ele está ferido, quente e vulnerável. Minha mão sobe para acariciar as penas macias de seu pescoço, e quando ele solta um ronronar quase silencioso, a emoção aumenta em meu peito.

“Sinto muito,” murmuro.

Para ele. A ela.

Sinto muito.

CAPÍTULO 63



Auren

Em vez de aplausos no anúncio do rei, a praça fica quieta e ansiosa. Como se todos estivessem esperando para ouvir o que vai ser dito a seguir. Bem na frente do palco, sentados em uma plataforma ligeiramente elevada, estão algumas dezenas de pessoas. Elas estão todos vestidos com elegância, roupas de nobres, mas meus olhos imediatamente encontram um rosto em particular na multidão, sentado com seu marido.

Manu.

Ele me dá um olhar rápido antes de desviar o olhar, e talvez eu esteja errada, mas eu juro, eu vejo a menor fatia de culpa brilhar em sua expressão. Ele tentou me dizer que o Conflux não passaria de um tapa no pulso, mas isso certamente não parece um maldito tapa no pulso.

Não é nada pessoal, querida.

Exceto, foi.

Isso é.

Eu começo a me virar, mas minha atenção se volta para um menino sentado bem na minha frente. Ele está vestindo quase o mesmo manto branco que Isolte usa, exceto que sua cabeça está nua, exibindo o cabelo loiro escuro. Ele é jovem, talvez por

volta dos dez anos de idade, e com base nos guardas atrás dele, meu palpite é que ele é o herdeiro do Segundo Reino.

Eu me pergunto quantos Confluxes ele testemunhou.

“Vamos declarar as acusações contra a acusada.”

Meus olhos se voltam para o Rei Merewen.

De pé na frente de sua cadeira, ele olha ao redor da multidão reunida. Os pelos de seu longo bigode grisalho se enrolam ligeiramente, as pontas parecem ter sido mergulhadas em gema de ovo, amareladas pelo tempo.

“A acusada está aqui porque testemunhas afirmaram que viram Lady Auren matar o Rei Midas.”

A multidão não murmura, não faz barulho; em vez disso, eles ficam ainda mais silenciosos. É quase estranho quando sinto sua atenção silenciosa se voltar para mim, centenas de olhos se reunindo ao redor do meu corpo.

Respirando fundo, engulo ar suficiente até ser capaz de pensar além dos últimos ecos de dor que Isolte me prendeu. Não acredito em matar sem pensar. Mas ela? Eu ficaria feliz em dourar a bunda dela, apenas por seu abuso de poder. Porque se ela fez isso comigo, quem sabe com quantas outras pessoas ela fez isso?

É meu dever como patrona da santidade.

Que merda de cavalo. Eu olho para ela através das barras da ga...

Não. Minha mente derruba paredes protetoras. Eu não vou chamá-la assim. Eu não estou em uma gaiola. Estou apenas em um recinto com pilares. É para lá que todos em um Conflux vão. É apenas pedra. Meu ouro poderia derrubá-lo em um piscar de olhos.

A pequena bola de ouro que eu deixei cair rolou, mas, felizmente, uma das hastes de pedra a impediu de sair do alcance. Sem tentar ser óbvia, estendo o pé até tocá-lo com a ponta do dedo mindinho. Uma coisa boa sobre este roupão é que ele esconde a bola de vista. Eu pisaria nela se pudesse, mas as solas dos meus pés estão

doendo demais. Não sei se estou muito enfraquecida pelo abuso de Isolte para fazer qualquer novo ouro, então talvez se eu puder apenas controlar a bola, fazê-la subir pela minha perna e trazê-la de volta para a minha mão...

No entanto, no momento em que começo a pensar em canalizar meu poder, o ouro se acumula abruptamente na ponta dos meus dedos. Sou pega de surpresa por um momento com o líquido imediato que começa a se acumular, e seguro os bastões à minha frente, deixando-o mergulhar na pedra, mantendo o metal líquido escondido sob minhas mãos. Está se acumulando mais rápido do que antes, mesmo com o peso do meu corpo, como se eu nem tivesse que tentar. E algo sobre isso parece... estranho.

Mas eu tenho que trabalhar rapidamente. Antes que a Rainha Isolte possa usar seu poder em mim novamente. Antes que ela possa cortar meus proverbiais joelhos debaixo de mim, paralisando minha magia. Então eu deixo crescer, tentando não ser óbvia, e no começo, quanto mais eu pego, mais fortalecida me sinto.

Até que percebo que não posso parar.

É como se eu tivesse me transformado em uma torneira pingando, pingos incontroláveis pingando da minha pele, acumulando-se cada vez mais. Tento enrolar os dedos e as palmas das mãos, tento me esconder quando as gotas começam a escorrer e escorrer pelos meus braços para não alertar Isolte, mas não para.

Não só não posso pará-lo, mas também não posso comandá-lo. Eu não tenho controle algum. Como uma nuvem de chuva repentinamente decidida a borrifar, tornou-se uma força irreprimível.

Algo está errado.

Eu mantenho meus punhos apertados, não ousando movê-los. Por sorte, o que escorre das minhas mãos para os braços está escondido sob as mangas do meu vestido. Mas parte dele fica preso no tecido e mancha em manchas. Então, mais do que derrama da borda da minha palma. Quando a primeira conta cai no chão, meus olhos seguem sua descida. E é então que meu olhar percebe o símbolo gravado no ladrilho sob meus pés queimados.

O que é isso?

Estou tão distraída com os estranhos padrões circulares gravados no chão que não percebo que o Rei Merewen se aproximou até que a proximidade de sua voz me faz levantar a cabeça. Com rugas em sua pele morena e cabelos grisalhos na cabeça, ele deve ser pelo menos algumas décadas mais velho que sua esposa. Eu reviro meu cérebro, tentando lembrar qual é o poder dele, e então lembro que sua habilidade tem a ver com encontrar fontes de água. Para um reino desértico, é um truque bastante útil.

"A acusada está aqui porque testemunhas afirmaram que Lady Auren é uma ladra de poder," ele declara, apontando para mim.

Todos os outros monarcas estão encarando, olhares cravados no lado do meu rosto como se quisessem perfurar seus olhares através de mim.

"Como você responde a essa acusação?"

Engulo em seco, o suor se acumulando na ponta do meu cabelo, acumulando-se sob meus seios e coçando minhas têmporas. "Minha resposta é que não há ninguém aqui que tenha testemunhado como ele morreu." Mais gotas de ouro de minhas mãos caem no chão. Mas eu não posso fazer nada com isso. Não posso guiá-lo. Não pode fazê-lo se juntar ou solidificar ou sair deste recinto.

O que diabos está acontecendo?

Eu aperto meu agarre, tento dourar o mastro, mas não consigo nem fazer isso. Por causa do meu movimento, os olhos do rei caem para minhas palmas lisas e seus lábios se abrem em surpresa. Isolte também está me observando e, por baixo de suas mangas compridas, me pergunto se ela está prestes a me pressionar e me torcer.

Eu preciso do meu ouro. Está aqui, continua pingando, e começo a tremer de concentração e pânico, tentando fazê-lo se mover, para usar a única vantagem que tenho, mas não consigo.

O olhar do Rei Merewen passa dos meus dedos tensos para o meu rosto tenso, e ele sorri. "Ah, entendo. Permita-me contar um pouco de história, garota," ele diz

baixinho. “Meu bisavô tinha o poder das runas. E aquele em que você está pisando? Isso drena a magia de uma pessoa, como espremer um tubo, mas você não poderá usá-lo enquanto estiver lá. Apenas revela.”

Meus olhos se arregalam.

Com um olhar satisfeito, ele se volta para os outros monarcas e diz: “Então, a acusada aludiu que não havia testemunhas. Rainha Kaila, como a única monarca viva presente que estava em Ranhold naquela noite, qual é a sua resposta a isso?”

Observo enquanto ela se levanta, o vestido sem mangas formando uma poça no chão como uma ondulação de água, a coroa sobre os cabelos grossos e ondulados. “Minha resposta é apresentar as palavras reais ditas naquela noite para o Conflux com o uso da minha magia,” ela diz, e meu sangue gela quando ela se vira e cede ao rei. “Com a aprovação dos monarcas reunidos, é claro.”

Todas as mãos da realeza se levantam ligeiramente, aparentemente dando sua permissão.

O Rei Merewen assente. “Prossiga, Rainha Kaila.”

Mesmo que eu me prepare para ouvi-lo, não é menos chocante quando minhas palavras, minha voz de repente flua de seus lábios como um riacho de vapor. A magia paira no ar enquanto sou puxado de volta para aquela noite, minhas palavras incorpóreas ecoando pela praça, preenchendo os espaços e os ouvidos de todos reunidos.

“Não toque nele.”

Minha voz grita com fúria, fazendo várias pessoas na multidão recuarem e olharem em volta como se estivessem tentando ver quem falou.

“O que você está fazendo, Auren? Afaste-se dele agora mesmo e venha até mim.”

Ouvir a voz de Midas me faz estremecer. Faz meu aperto nos postes ficar mais forte.

Ele está morto. Eu digo a mim mesma. Ele se foi. Mas ouvi-lo novamente, tão real, toda a sua voz engarrafada e derramada para que eu ouça, me dá vontade de cair para a frente e vomitar.

"Venha até mim," sua voz comanda.

Então minha resposta. Enfurecida. "Nunca."

A multidão estava silenciosa e imóvel antes, mas essa exibição desencarnada de vozes apaixonadas carregou o ar.

"Abaixe suas espadas para longe da minha favorita!" A voz de Midas grita. Isso o faz parecer protetor. Como se ele estivesse me protegendo.

"Eu não sou sua favorita." Minha resposta soa acalorada. Esmagado entre ranger de dentes.

"Esvazie a sala!" O grito de Midas ressoa.

Ela propositalmente deixou de fora o que eu disse antes que ele desse a ordem. Quando contei a todos que foi ele quem matou o príncipe Niven, não Slade.

Kaila sopra mais magia. Transmite mais palavras.

Mas desta vez é a minha voz, a voz do Lu, de uma noite totalmente diferente.

"Obrigado por me esgueirar para dentro e para fora. Foi bom passar um tempo com Ravinger."

Eu disse Rip naquela noite. Não Ravinger. O que significa que o poder da Rainha Kaila pode não apenas armazenar palavras, mas também manipulá-las. Cortar e colar outras a seu gosto. Meu estômago torce e coalha, saliva inundando minha boca.

"Tenho certeza. Melhor companhia do que o pau de ouro, hein?" A voz de Lu ecoa.

"Muito melhor."

Agora, a torcida não pode ficar calada. Há um ruído embaralhado pelas massas, reunindo, reunindo, fazendo seus julgamentos.

"Era ele?" A acusação de Midas agora faz com que pareça o perfeito amante desprezado.

"Estamos indo embora."

As pessoas me encaram com punhais, rostos torcidos em escárnio.

Outra exalação e, desta vez, é a própria voz da Rainha Kaila daquela noite. *"Está claro que a lealdade dela está com o Quarto Reino. Deixe-a perder seu favor. É o que ela merece."*

Então a voz de Midas soando suplicante. "Auren, venha aqui agora."

"Nunca."

Outra palavra fora de contexto, usada em benefício de sua narrativa.

"Você quer partir? Ser a prostituta do Rei Podridão?" A voz de Midas cospe.

"Melhor a prostituta para o homem que está atrás de mim do que a favorecida para você," vem minha resposta. "Estamos saindo. Você seria sensato em fazer o mesmo."

A maneira como ela está reencenando isso deixa bem claro que eu quis dizer isso como uma ameaça.

"Você quer ir embora, Auren? Então vá. Deixe a poluição de Ravinger deixar este reino."

O rei pobre e rejeitado, desistindo de sua favorita.

Kaila não revela o que realmente aconteceu a seguir, não deixa claro que tentamos ir embora. Não. Em vez disso, ela faz parecer que Midas era esse rei traído e rejeitado que estava me deixando ir embora.

O que, claro, não é verdade.

A Rainha Kaila faz uma pausa, olha para a multidão. "Lady Auren se recusou a sair. Ela atacou Midas bem na minha frente, e quando ele tentou usar seu ouro para se proteger, não conseguiu." Sua cabeça balança e ela funga sombriamente, reunindo

cada vez mais simpatia dos rostos atentos. “Lady Auren estava com ciúmes por ele ter anunciado seu noivado comigo. Em sua fúria para se vingar dele, ela seduziu Rei Ravinger e então atacou.”

Meus dentes rangem juntos. Coração batendo contra o meu crânio. Não sei o que prevalece, minha raiva, medo ou exaustão.

“Esta próxima parte é violenta,” ela continua. “Aconselho qualquer pessoa com filhos pequenos ou temperamento sensível a cobrir os ouvidos.”

Então ela solta outro suspiro.

Desta vez, não há vozes que ela alimenta, mas gritos. Eles se espalham pela praça, batendo contra as paredes, fazendo as pessoas recuarem e se encolherem e olharem para mim com horror. Os ruídos ecoam em meus ouvidos, minhas memórias se alinhando com cada um. Posso ver os guardas engolidos pelo ouro, derretidos, quebrados, cortados e sufocados.

Eu fiz isso.

Assim como fui responsável pela carnificina em Carnith.

Depois, há a voz de Midas. soando com o timbre de seu apelo. “Auren.”

Eu posso sentir isso, como a multidão se volta contra mim. A pena que sentem pelo rei Midas. Eu já sou a vilã aos olhos deles. Mas se tem uma coisa que aprendi é que ser a vilã nem sempre é ruim.

“Obrigado, Rainha Kaila,” o rei anuncia. “Mas é preciso perguntar, você estava na sala enquanto o rei Midas foi morto? Você testemunhou isso em primeira mão?”

Kaila faz uma pausa antes de responder: “Não, Rei Merewen. Tive que fugir.”

“Fugir? Por que?”

“Porque Lady Auren não apenas enganou e matou o rei,” afirma Kaila. “Ela também possui um poder sombrio que nenhum de nós conhecia.”

“Que poder?”

Seus olhos afiados olham para a frente, como uma artista entregando suas falas perfeitas para o público. “Eu testemunhei Lady Auren roubando o toque de ouro de Midas. E ela o matou com ele, assim como tentou me matar.”

A multidão explode em suspiros e sussurros.

O rei Merewen olha para mim. “Como a acusada responde?”

“Eu não roubei nada,” eu resmungo.

Não confio nesses monarcas. E se eles quiserem me manter aqui e me forçar a dourar as coisas como Midas? Eles têm um objetivo em mente para este Conflux, caso contrário, não teriam ido tão longe para me sequestrar. Se eu me defender, eles só vão usar isso contra mim?

“Não?”

“Não,” eu respondo com os dentes cerrados. “Eu não roubei a magia de Midas.”

No pior momento imaginável, todo o ouro que estava se acumulando sob minhas mãos começa a escorrer pelos postes em fluxos grossos.

A multidão reunida irrompe com exclamações, dedos apontados, olhos arregalados.

“*É verdade!*”

“*Ela tem o poder do Rei Midas!*”

Eu encaro a multidão, tentando gritar de volta. “Não é o poder dele! Nunca foi!” Minha voz é inconsequente. Afogada por um mar que vem me lavar.

“*Ela é uma ladra, uma trapaceira!*

“*Culpada! Culpada!*”

Eu arranco minhas mãos dos pilares finos, mas tudo o que faço é garantir que a gravidade não esteja do meu lado. Agora, o ouro não escorre mais lentamente de minhas mãos. Ele flui para fora da minha pele, fluindo dos meus dedos para uma poça no chão. Encharca a sola dos meus pés queimados, manchando a bainha do

meu vestido, acumulando-se mais alto, mas sendo contido por alguma barreira invisível que não permite que passe pelos postes.

"*Culpada!*"

É como ser cortada nos pulsos e me ver sangrar. Não consigo parar o fluxo, mas posso sentir seu dilúvio se esvaindo de mim, me enfraquecendo ainda mais.

É quando noto fios pretos aparecendo dentro do dourado.

A princípio, é apenas uma única linha que escorre em uma gota pesada e densa e espirra aos meus pés. Então há mais, até que esteja riscando cada riacho, como se alguém tivesse despejado tinta preta e girado ao redor.

O que é aquilo?

O ouro está saindo de mim agora, e eu sei que os monarcas estão falando, sei que a multidão está gritando, mas meus ouvidos estão zunindo, meu coração batendo forte, porque essas linhas escuras... elas parecem...

"Grande Divino."

Minha cabeça se ergue ao ouvir a voz da Rainha Kaila, ao jeito que ela está apontando para mim, o choque em seu rosto tão aparente que eu aposto que quase todo mundo na multidão pode ver. "Ela roubou o poder do Rei Podridão também!"

Ela grita isso.

E a multidão grita com ela.

Mas estou muito chocada para dizer qualquer coisa, porque ela está certa. Esses são os mesmos fios de busca que Slade espalha pelo chão, as mesmas veias que se contorcem sob sua pele.

Em alguma reviravolta doentia do destino, essas linhas de podridão estão se espalhando, cavando, cavando túneis através do meu ouro como raízes se retorcendo para crescer uma infinidade de ervas daninhas purulentas, bem aqui para todos verem. A podridão brotando daquela única partícula que Slade deixou dentro de mim, a semente que pensávamos estar adormecida.

“*Ela roubou o toque de ouro! Agora ela roubou podridão! Ela pode roubar mais!*”

“*Culpada! Culpada! Culpada!*”

Minhas dicas de mundo. Eu tropeço contra os postes, os pés espirrando no metal acumulado. Eu preciso que essa atração em minha magia pare, preciso cortá-la, arrancá-la, mas não posso.

Fiquei drogada por dias, estou desidratada. Quente. Exausta. Meus pés estão carbonizados. Cada lugar onde a Rainha Isolte me torturou parece uma ferida esmagadora. Minha magia está jorrando de mim com uma força mortal e imparável, e estou presa.

Estou presa.

Todo o meu corpo começa a tremer, os olhos queimando descontroladamente, o coração parecendo grande demais para o meu peito, trovejando demais para o meu pulso.

“Monarcas, deem seu voto!”

Cada um deles se junta às vozes da multidão.

Culpada, culpada, culpada.

O rei Merewen se volta para seu povo. “O Conflux real determina que ela é culpada!”

As vozes da multidão se espalharam em mil rachaduras.

“O veredicto é a execução imediata.”

E tudo ao meu redor se despedaça.

Culpada, culpada, culpada.

CAPÍTULO 64



Auren

Há um recuo que acontece em seu cérebro quando algo chocante ocorre. Algo tão violentamente angustiante que seus pensamentos empalidecem e se retraem. Como se sua mente se tornasse uma mãe protetora, protegendo os olhos de seu filho e abafando os ruídos assustadores enquanto ocorre o massacre e ela sabe que eles são os próximos. Subjugar os receptores, entorpecer mentalmente a precipitação é a última coisa que pode fazer para oferecer proteção.

A última coisa que pode fazer para suavizar o golpe iminente.

Então ouço a multidão continuar cantando.

Culpada.

Eu vejo os rostos gritando, o movimento dos monarcas, o derramamento do meu ouro manchado.

No entanto, tudo isso é entorpecido. Suave. Monótono. Lento como se estivesse em um sonho. Como se isso fosse apenas um pesadelo e minha mente estivesse me lembrando de manter a calma.

Só que eu sei que isso não é um sonho. As piores coisas que aconteceram na minha vida sempre foram enquanto eu estava acordada. Isso não é diferente.

Onde você estava?

Fiz essa pergunta a Slade em Deadwell, na escuridão protegida da caverna. Parece que foi há tanto tempo. O que eu disse a ele então sempre valerá para mim. Que eu estava feliz por ter me salvado.

Mas desta vez, pensei que ele estaria aqui.

Achei que ele viria.

Onde está você?

Eu sou forte. Percorri um longo caminho com minha magia e meu controle. Com minhas emoções e pensamentos. Até meu corpo físico ficou mais forte com o treinamento intermitente. No entanto, nada disso vai me ajudar a sair deste recinto.

Preciso de ajuda desta vez.

E eu não tenho.

Não sei onde ele está ou por que não veio, mas o que quer que seja deve ser algo terrível, porque sei, sem dúvida, que ele faria qualquer coisa ao seu alcance para estar aqui. Para me rastrear e me salvar. No entanto, ele não está aqui, então só posso pensar no pior.

Algo aconteceu com ele.

A Rainha Kaila teve uma mão nisso? Eles fizeram algo com Slade? Eles tinham que ter, ou ele já teria vindo. Ele não teria deixado eles me tirarem do Quarto Reino em primeiro lugar.

Essa percepção afunda como uma pedra caindo no oceano. Ele chega ao fundo, deixando o chão sob meus pés para tremer, lodo levantado para turvar minha visão.

“A execução do Conflux deve ser realizada imediatamente.”

Meus olhos balançam para o rei.

“Você foi julgada culpada por seus crimes ao matar o rei Midas e roubar não um poder, mas dois.”

“Eu não roubei nada!” Eu grito. “O toque de ouro é meu.”

Ninguém acredita em mim. Ninguém sequer me ouve. Eu procuro os outros monarcas, mas eles olham para mim como se eu fosse uma sanguessuga que eles precisam queimar, como se eles não me quisessem perto deles para o caso de eu roubar sua magia também. Os espectadores na praça também não têm nenhuma simpatia por mim, suas expressões de puro ódio.

Para eles, não passo de uma sela mentirosa, assassina e ladra que merece esse julgamento.

“Por favor!”

Minhas mãos agarram os postes novamente, molhados com um ouro que não endurece. A poça aos meus pés é muito mais profunda agora, atingindo o meio das minhas canelas. Raízes negras e líquidas se esgueiram em suas profundezas, as pontas pontiagudas se estendendo para todos os lados do recinto como se estivessem tentando cavar para sair, mas não conseguissem.

Eu não posso sair.

Não consigo controlar minha magia.

Minhas costas estão estéreis.

E ele não vem.

Meu soluço silencioso é o que rompe a névoa da minha mente, trazendo-me de volta à plena consciência. Sem a proteção do meu escudo mental, estou presa no caos da minha própria condenação.

Os monarcas estão todos de pé agora, e há guardas cercando meu recinto. Guardas nem percebi a aproximação. Eles não usam armadura, mas seus uniformes são brancos com faixas cinza para segurar os pecados de suas lâminas.

“Armas!” Ordena do rei Merewen.

Cada guarda puxa sua espada. Há seis deles no total - três na minha frente, três atrás, cercando meu pequeno círculo.

Parece uma ironia cruel haver seis.

“Por favor!” Eu grito de novo, mas ninguém se importa em ouvir meu apelo.

Meu coração bate como se estivesse tentando abrir um buraco no meu peito e escapar, mas nenhuma parte de mim está deixando este recinto.

É realmente isso? Depois de tudo. Depois de foder tudo, este é o meu fim? Condenada à morte por causa de Midas?

Outra ironia cruel, que eu deveria ser executada porque eles acham que eu roubei dele o toque de ouro.

“Levantar!”

Os guardas levantam suas espadas. Todas as seis lâminas entalhadas entre os polos, suas pontas afiadas apontadas para mim com intenção letal.

Este recinto é tão pequeno que no momento em que enfiarem estas lâminas, serei esfaqueada por todos os lados. Não há como escapar disso.

Não há escapatória.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, pingos inúteis que mal revelam o terror em pânico que me inundou.

Eu me viro, tentando empurrar a porta gradeada, mas ela não se mexe.

“*Por favor!”*

Depois de tudo que fiz para ser livre, vou morrer presa atrás das grades de qualquer maneira, trancada em uma jaula da qual não posso escapar. É assim que a vida é cruel.

É quase como se eu pudesse sentir Midas rindo por cima do meu ombro.

Eu surjo dentro de mim, tentando puxar minha besta fae, tentando passar pelas runas aos meus pés, para separar os postes que me cercam.

Nada funciona.

Minha besta está enrolada, as penas murchando de exaustão. Meu ouro não pode fazer nada além de escorrer da minha pele. A estrutura que me cerca parece que está se fechando.

Estou presa.

O Rei Merewen encontra meus olhos por cima das cabeças dos guardas. “Lady Auren, agora eu a sentencio à morte.”

As lâminas se fecham.

E meus olhos também.



Sinto as primeiras perfurações das espadas como a ponta de um dedo sendo espetada por uma agulha de costura rebelde. Afiadas. Pequenas. Apenas a ponta mordendo minha pele.

Então eu respiro. Uma única frase capturada na expiração, unida à tristeza do meu coração.

Encontre-me em outra vida.

Encontre-me em todas elas.

E então não há espaço para palavras. Nenhum para pensamento coerente, porque a primeira dessas espadas afunda mais fundo e a dor apaga todo o resto.

Meu corpo suspensório. Minha mente se esvazia.

Mas então... o mundo entra em erupção.

Eu não entendo por um momento. Quando o chão treme. Quando os gritos soam. Não consigo entender que as lâminas pressionadas em meu corpo não são mais firmes ou afiadas. Minha mente entorpecida só registra que algo está errado quando elas se afastam de mim.

Meus olhos se abrem para ver a poeira espessa como neblina se aglomerando no ar. Olhando para baixo, vejo que as espadas não são mais brilhantes e prateadas, mas manchadas com ferrugem da cor de pedras de âmbar e tangerinas, e então de repente elas se desintegram completamente. Eu posso senti-las explodir em pó onde elas afundaram em meu corpo.

E os guardas...

Eu observo o homem na minha frente enquanto seu corpo se transforma. Olhos aterrorizados ficam opacos, afundando nas órbitas. Sua mandíbula está aberta como se seus músculos não pudessem mais segurá-la. Seus lábios descascam, expondo uma fileira de dentes escurecidos. Suas veias infeccionam e estouram, lesões descascando para cima e para baixo em seu pescoço. Ele tenta agarrar o mastro, mas suas mãos murcham até os ossos.

Quando ele cai, seu corpo incha e se contrai, inchando insondavelmente grande, antes que tudo pareça sugado para dentro, encolhendo e murchando até que ele seja apenas uma casca de ossos e poeira.

Eu me viro com o baque e o estrondo que me cerca, vendo que todos os guardas tiveram o mesmo destino.

Minha cabeça se levanta, meus olhos procurando, coração pulando...

E então eu o vejo.

Não tenho certeza se já senti verdadeira euforia até este momento. É visceral, envolvendo-me como o calor de seu corpo, meu coração disparando ao vê-lo e fazendo um soluço sair de minhas profundezas.

Ele veio.

Ele veio para mim.

Uma asa de madeira pousa bem no meio da praça com um rugido feroz, e a multidão grita enquanto foge, embora não vá rápido o suficiente.

No momento em que Slade pula da besta, no exato segundo em que suas botas atingem as pedras, a podridão se espalha em todas as direções. Ele consome a multidão de espectadores, raízes contaminadas crescendo e se espalhando, infestando tudo em seu caminho. As pessoas caem, uma após a outra, corpos deixados para definhar e decair, os guardas que cercam a multidão sucumbem ao mesmo destino.

Eu me agarro ao poste à minha frente, tentando me manter de pé, enquanto gritos estalam no fundo da minha garganta e vazam pelos meus lábios. Nossos olhares se encontram, meu coração se prende a ele.

Posso sentir a fúria saindo dele em ondas intermináveis, e a quantidade de poder pulsando no ar, mas isso não faz meu estômago revirar, não causa náusea.

Ele caminha em minha direção com um passo selvagem, fazendo o chão desmoronar, fazendo a praça se espremer em silêncio enquanto ele apodrece todos em seu caminho e deixa suas botas esmagarem seus corpos decadentes em pó. Até que não haja mais gritos. Chega de correr. Apenas a morte silenciosa está em seu rastro.

Eu serei o vilão para você.

Ele é o epítome da morte e da vingança. A personificação da raiva.

Ele destrói tudo e todos ao seu redor sem olhar ou pensar, e através do caos, através do massacre, eu me deleito com isso.

Talvez seja a podridão dentro de mim. Talvez seja ser Fae.

Mas talvez seja simplesmente o fato de que a pessoa que amo está disposta a destruir o mundo para me proteger. E esse é o seu próprio tipo de poder que nem mesmo este invólucro pode drenar.

Enquanto estivermos juntos, está tudo bem. Porque eu vou lutar por ele, e ele vai matar por mim, e se precisamos ser os vilões, então que seja.

Slade segue em frente com o assassinato em seus olhos, enquanto as raízes de seu poder se contorcem e se enrolam ao longo de seus antebraços e pescoço, refletindo a podridão que se espalha pelo chão. Quando ele está a apenas três metros do palco, seu olhar se divide entre os monarcas e alguns dos nobres e guardas.

Eles estão amontoados no palco, e me pergunto por um momento se a Rainha Isolte está tentando esmagar o poder de Slade com o dela. Se assim for, ela está falhando miseravelmente.

Ela não é páreo para ele.

Ninguém é.

É por isso que estou surpresa que nenhum deles tenha usado esses últimos segundos para tentar fugir. Em vez disso, eles estão gritando com o Rei Merewen, dizendo para ele se apressar. Não entendo, mas então vejo o garotinho, aquele que deve ser o príncipe do Segundo Reino, seu pai segurando seus ombros e posicionando-o na frente deles.

A indignação bate em mim como um punho. Eles estão esperando, bloqueando-se com uma criança inocente, que Slade não os destrua?

O pensamento é desprezível, mas eles devem saber que quando se trata da magia de Slade, ele é preciso. Ele poderia apodrecer todos eles e não deixar um único pedaço tocar o garoto, assim como ele destruiu os guardas que me cercavam.

Mas então o rei Merewen joga algo para seu filho. O menino assente com a cabeça e enfia a mão no bolso do roupão e puxa um carretel de linha. Em um piscar de olhos, ele puxou a linha entre os dedos e então fechou os olhos em concentração, puxando a linha desenrolada em uma linha esticada. A magia ganha vida no ar como se alguém tivesse derramado óleo sobre uma chama.

Slade está a apenas um metro do palco, já subindo os degraus correndo, quando a magia do garoto se encaixa.

Se eu não estivesse segurando os postes, teria caído. O ouro coletado espirra descontroladamente em minhas pernas. No entanto, meus olhos estão fixos à frente, onde todo o palco agora está coberto com o que parece ser um véu de tecido da mesma cor do fio do menino. Também estou contida em uma segunda camada que me separa deles, o véu um pouco mais espesso onde envolve meu invólucro.

A coisa toda incha e ondula como roupas penduradas em um varal e sopradas pela brisa. Estendendo-se sobre nós como uma cúpula, não é muito sólido, o tecido se tornando translúcido conforme se move, brilhando à luz do sol.

Slade bate nele, e o tecido se dobra ao redor dele antes de puxar e empurrá-lo para trás.

“Você não pode passar,” o Rei Merewen grita com uma vitória arrogante, ainda segurando os ombros de seu filho. O menino continua fechando os olhos com força, os dedinhos segurando o fio.

Slade levanta as duas mãos e as empurra contra a barreira. Pés firmes, músculos contraídos, a podridão brota de seu toque com força lívida, e observo como as veias se estendem ao redor do tecido abobadado para espalhar sua infecção.

Em vez de a podridão fazer o escudo ondulante se deteriorar, os capilares corroídos parecem não fazer nada. Slade rosna, empurrando ainda mais poder, tão grosso que parece formigar contra a minha pele.

Mas não faz nada para o escudo de tecido soprado.

A energia é cortada de repente, meu olhar fixo embaçando enquanto Slade começa a ofegar, o suor escorrendo de seu cabelo, raiva esmagando sua mandíbula.

“Rei Ravinger, como eu disse antes, você não pode passar. O véu do meu filho é impenetrável. Mas vamos falar,” diz o rei Merewen, estendendo os braços como se fosse um homem iluminado e benevolente. “Não somos seus inimigos.”

Slade mostra os dentes para ele, dando um olhar que até me gela o sangue. “Qualquer um que machuque Auren é meu inimigo.”

“Mas é só isso, Rei Ravinger. Ela é a inimiga,” diz a Rainha Isolte.

A Rainha Kaila acena com a cabeça e passa por seu irmão. “Exatamente. Acabamos de provar isso aqui no Conflux, e é por isso que era tão imperativo tirá-la de você. Ela é perigosa. Enganar reis e tomar seu poder. Não queríamos ficar parados e deixar que isso acontecesse com você também.”

A fúria faz o ouro que ainda escorre de minhas mãos derreter. Ele cai em gotas fumegantes que sibilam ao cair.

“Suas garras precisavam ser arrancadas de sua mente. Veja por si mesmo,” Rei Merewen diz, gesticulando em minha direção. “Ela roubou o toque de ouro, mas agora, ela também roubou a sua podridão. Você deveria tê-la denunciado antes.”

Os olhos de Slade saltam para mim, caindo no ouro que agora cobre minhas coxas, nas linhas que nadam em suas profundezas. Enquanto isso, o ouro escorre de minhas mãos com um puxão não natural. Meus olhos estão pesados. Meu coração está atrasado.

“Ela não roubou nada,” diz ele em um rosnado. “Solte-a. Agora.”

“Receio que não possamos fazer isso,” diz Merewen. “Você conhece a lei. Uma vez que o acusado foi considerado culpado, o julgamento deve ser realizado.”

A força de seu furor faz Slade praticamente tremer. “Se você a tocar, vou apodrecer cada um de vocês aqui e agora.”

O rei Thold muda de posição, suas cobras sibilando de agitação. “Merewen, talvez devêssemos discutir isso...”

“Não,” ele retruca, as manchas em suas bochechas ficando mais vermelhas. “O julgamento foi feito. Você quer que ela roube seu poder também?” ele exige antes que seus olhos se voltem para o novo Quinto Rei. “E você? Você gostaria que ela o seduzisse e depois roubasse o seu?”

Ambos os homens não dizem nada sobre isso.

“Ela matou um rei. Não podemos ficar parados sem fazer nada,” acrescenta a Rainha Isolte. “Ela é uma mulher maculada que precisa enfrentar seu destino.”

Slade olha para eles, o corpo tão imóvel que é estranho. Como se ele piscasse, ele iria separá-los. “Abandone esta barreira e deixe-a sair. Agora. Ou o que fiz hoje nesta praça não será nada comparado ao que farei a seguir.”

Ele fundamenta a ameaça entre palavras entrecortadas tão baixo que tenho que me esforçar para ouvi-lo.

“Você pode se esconder atrás deste escudo enquanto seu filho puder segurá-lo, mas garanto que esperarei mais. No momento em que cair, vou coalhar sua pele e murchar seus ossos. Vou apodrecê-lo lentamente, de dentro para fora, até que você não seja nada além de um cadáver agonizante deixado para apodrecer ao sol. Então, destruirei até a última pessoa em seus reinos e não descansarei até que toda Orea desapareça da existência.”

Os outros monarcas empalidecem.

A rainha Isolte balança a cabeça em descrença. “Rei Ravinger, estamos tentando ajudar...”

“Largue o escudo agora. Não vou falar de novo.”

“Mas...”

“Largue isso,” diz o rei Merewen, interrompendo sua esposa.

Ela parece chocada. “A decisão do Conflux é sagrada.”

“Cale a boca, mulher,” ele ferve antes de se virar para o filho. “Abaixe a barreira, garoto.”

Mas o menino não abre os olhos. Não faz barulho.

Seu pai o cerca com irritação. “Ouviste-me? Eu disse para largar!” O rei vai sacudi-lo, mas assim que sua mão toca seu ombro, o menino cai no chão e começa a ter convulsões.

“Hamús!” A rainha Isolte corre para o filho, caindo de joelhos ao lado dele. Ela segura suas bochechas, tentando parar seu tremor violento, mas não ajuda. Ela ronda o marido. “Isso é culpa sua por pressioná-lo a usar tanta magia!”

Eu balanço.

Mesmo que não seja nada comparado com as quantidades de ouro que expulsei antes, esse esgotamento do meu poder é muito contínuo, muito forçado.

“Auren?”

Levo várias piscadas antes que Slade possa voltar ao foco. “Eu...”

O que quer que ele veja em minha expressão ou ouça em minhas palavras sufocadas faz o sangue escorrer de seu rosto. Ele vira a cabeça para os outros. “Tire ela daqui!”

“Merewen, faça a barreira cair, ou ele vai nos matar, porra,” o Rei Thold sibila tanto quanto suas cobras.

A Rainha Kaila parece dividida entre querer me ver morrer e querer garantir que ela salve seu próprio pescoço.

Mas o príncipe não acorda, seu corpo continua se debatendo, o fio emaranhado em suas mãos. Seu pai xinga e corre, tenta arrancar o fio, fazendo Isolte gritar. Mas mesmo isso não faz nada.

E eu... eu recuo.

Meus ombros batem nos postes e olho para o ouro que agora está espirrando em volta do meu peito, parte dele atingindo as marcas de punção das espadas. Ao vê-los brota a dor que me cerca por todos os lados, meu sangue se misturando com o resto.

“Slade...” Minha voz não sai mais do que um sussurro, mas ele me ouve.

Ele sempre me ouve, mesmo quando não digo nada.

Expressão cheia de fúria animalesca, Slade arranca a espada de seu cinto, levanta-a e bate-a no tecido. Mesmo que pareça que não deve haver nenhuma esperança contra a espada de Slade, os fios absorvem o golpe, a lâmina afiada completamente impotente, a barreira imune ao corte.

Mas ele ataca de novo e de novo e de novo.

Ele joga sua força bruta nele, tentando bater seu corpo através dele, tentando cortá-lo, tentando derramar tanta podridão sobre a barreira que as veias nocivas abrangem tão completamente que quase bloqueia minha visão dele completamente.

“Espere, Auren! Aguente!”

Mas meus joelhos tremem, as pernas falham. Eu não afundo no ouro, porém, porque as raízes negras e líquidas parecem me pegar, me mantendo à tona.

O pânico surge em seu rosto, e é aí que eu sei que não há esperança.

Ele não pode chegar até mim.

Há pura tortura em seus olhos, e toda a minha alma se quebra.

Meu lábio inferior treme. Meu amor por ele se esvai tanto quanto meu poder, acumulando-se ao meu redor, desejando poder alcançá-lo.

Mas não posso.

EU não posso.

Ele veio atrás de mim, mas não pode chegar até mim.

Lágrimas quentes marcam linhas em minhas bochechas trêmulas. Mas eu tento puxá-los para cima. Tento dar-lhe um sorriso. “Encontre-me em outra vida.”

“Não!” A angústia lançada de sua garganta parece cair bem aos meus pés.

Eu pisco, cabeça apoiada contra as barras, e vejo quando ele de repente levanta as duas mãos. E então sinto o cabelo da minha nuca se arrepiar.

No instante seguinte, a magia vem batendo com tanta força que rouba a respiração do meu peito e a segura em seu punho.

Explosões de magia crua saem de seu corpo e derrama na barreira.

Assim que faz contato, toda a cúpula começa a vibrar. Vários dos monarcas seguram suas cabeças, encolhendo-se, enquanto o príncipe desmaia, o corpo imóvel.

O poder de Slade domina o ar.

Ele direciona tudo para o escudo de dupla camada na minha frente, despejando toda a sua energia no local ao redor do meu recinto. Minha pele está coberta de calafrios, meus ouvidos zumbindo, até mesmo o ouro podre ao meu redor age de forma

irregular. Rajadas de vento não naturais do local onde ele está tentando romper a barreira, e estou presa na tempestade de sua ferocidade carregada.

Seu corpo treme, veias encolhendo e expandindo em um pulso estranho. Eu posso ver os músculos de sua mandíbula trabalhando, ver a determinação feroz em seus olhos enquanto espinhos explodem de seus braços, mesmo enquanto eu fico cada vez mais fraca.

“Apenas espere!”

Estou tentando, eu quero dizer, mas não consigo colocar as palavras para fora.

“Espere...”

Suas palavras são arrancadas de sua garganta ao mesmo tempo em que um rasgo de repente se abre no ar.

Observo o tecido bem na minha frente se rasgar, como se alguém o tivesse agarrado e rasgado em dois. Uma rajada de vento com cheiro doce sopra para trás do meu cabelo enquanto eu pisco com o rasgo de 3,6 metros. Está rasgado pelos postes, dividido até o chão, fazendo com que um pouco do meu ouro comece a escorrer para ele.

O corte escancarado é coagulado com nuvens turvas de preto e branco que se agitam em suas profundezas estreladas e eletrificadas. Parece sem fundo, etéreo, e assim que sinto o cheiro do ar, a fera dentro de mim canta.

Porque carrega a brisa de casa.

Parece que libero uma respiração que está trancada em meu peito há vinte anos. Com aquela longa respiração, minha pele se aquece, meu ouro brilha.

Eu era a pequena sol dos meus pais. E com o mundo aberto, com o fragmento de casa dentro daquele rasgo, eu realmente me sinto como um. Como se eu pudesse simplesmente cair naquele céu aberto, pudesse brilhar para sempre.

E, no entanto, quando olho para longe do rasgo bem na minha frente, além de seu ar espelhado e manchado, vejo o olhar no rosto exausto de Slade.

Eu vejo a realização horrorizada em seus olhos escuros.

O brilho, o calor, a lucidez, tudo embota. Tudo sufoca como um punho na minha garganta.

“Auren...”

No momento em que ele diz meu nome, eu entendo.

Ele engole em seco, balançando a cabeça. “Eu estava tentando romper a barreira para chegar até você, mas...”

Mas ele rasgou Annwyn em vez disso.

“Auren. Você precisa entrar nisso.”

Meus olhos se arregalam, ouro líquido se agitando em ondas ao redor dos meus ombros. Se as runas que me forçam a drenar minha energia não me matarem, vou me afogar em meu ouro.

“Auren.”

Eu olho do rasgo para ele, e estou tão apavorada, mas sei que é o único jeito, porque ele tentou de tudo, e está em casa. Annwyn está em casa e...

Mas então eu percebo.

Então eu realmente vejo.

“O rasgo... você não consegue chegar ao rasgo.”

Seus lábios estão pressionados em uma linha fina, seus olhos cheios de agonia sem palavras.

“Você tem que vir comigo,” eu digo, em pânico, apavorada, desesperada.

Ele balança a cabeça, e minha base balança com isso. “Não posso. Você tem que entrar nisso, baby. Você tem que ir. Não posso chegar até você e você não pode ficar aí. Você está desaparecendo.”

Minha cabeça balança, lágrimas se acumulando em meus olhos. “Não posso. Não posso. Não sem você,” eu imploro. Luto. Lamento.

“Olhe para mim,” ele exige, mesmo quando seu peito arfa. “Você tem que entrar. Você é forte. Portanto, mantenha sua raiva para alimentar sua coragem e salve-se novamente.”

Soluços arrancam minha alma, a angústia me sufoca. “Mas...”

“Eu vou te encontrar. Eu vou te encontrar nessa vida. Eu te prometo isso, porra. Mas você tem que ir.” Duas lágrimas molhadas escorreram por sua bochecha, e a visão fez a angústia se espalhar por minha alma. “Por favor baby.” Seu pedido sangra pelas rachaduras de sua voz. Apunhala direto no meu coração.

“*Slade...*”

Ele me dá um aceno de cabeça. Tenta me dar sua força. Seus olhos escuros e sua aura ainda mais escura penetram em mim, me cercam.

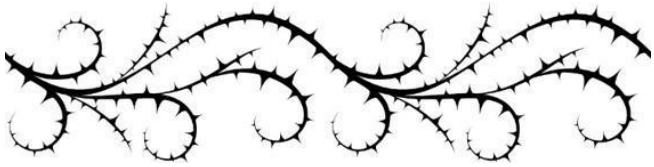
“Eu vou te encontrar, Canário. Eu juro para você. Agora voe.”

Então, com um soluço sufocando minha garganta, fecho os olhos. Levanto meus braços. Respiro fundo, eu gostaria que fosse preenchido com o cheiro dele. Então, mergulho naquele desconhecido familiar e insondável.

Através do rasgo no mundo, com um rasgo em meu coração, eu mergulho fora de Orea, nas profundezas tempestuosas de Annwyn.

Sozinha.

CAPÍTULO 65



Slade

Eu a vejo subir.

Observo seu lançamento no céu agitado e tempestuoso, rasgado direto para Annwyn. Observo-a desaparecer através da fenda que eu rasguei.

Preciso segurar as pontas esfarrapadas e desgastadas o máximo que puder. Dar a ela tanto tempo quanto eu puder. Meus punhos estão apertando com tanta força que não consigo sentir meus dedos, o poder saindo de mim rápido demais para ser sustentado. Mas eu ainda espero, tremendo, drenando, espinhos perfurando minha espinha enquanto presas perfuram o interior de minhas bochechas.

Ainda não.

Sinto os nós dos meus dedos estalarem, sinto minhas pernas apoiadas vacilarem. Ainda assim, mantenho o rasgo aberto, contando cada segundo, porque não sei se a fenda precisa ficar aberta para ela estar segura, para ela alcançar Annwyn. Mas se isso acontecer, então eu preciso esperar.

Então eu faço.

Quando meus joelhos atingem o chão rachado e deteriorado, eu o faço.

Quando minha cabeça se inclina, as mãos tremendo, eu faço.

Quando minha respiração sai em rajadas dolorosas, quando meu queixo estala, quando minhas costas se arqueiam, quando meu coração parece que vai explodir em minhas próprias veias purulentas, eu faço.

Eu o seguro por muito mais tempo do que meu corpo deseja, expiro mais poder do que tenho. Eu aguento até que meu corpo não possa dar mais desse poder exposto e cru. Poder que eu nem deveria ser capaz de usar, e certamente não para abrir buracos no mundo.

Quando dou meu último pedaço de poder, o rasgo se fecha.

O barulho é quase ensurdecedor quando o ar volta ao lugar.

Meu poder racha com seu colapso, como um pedaço de montanha desmoronando. Sua forma irregular e em queda livre cai em um mar que o engole inteiro, sem deixar rastros para trás. É como se o rasgo nunca tivesse existido.

Eu caio no chão.

O mundo gira, meu peito parece oco e não acho que conseguiria reunir um único fragmento de poder, podre ou cru, mesmo que minha vida dependesse disso. Eu me sinto como a morte, como se eu pudesse rolar direto para um túmulo.

Mas fiz uma promessa a ela.

Então, em vez de me permitir sucumbir à escuridão para a qual minha consciência quer me puxar, eu rolo. Empurro-me para cima.

Caio de joelhos novamente. Balançando como uma maldita árvore ao vento, caindo contra a barreira de tecido que ainda está de pé. Gritando silenciosamente comigo mesmo, tento ameaçar minhas pernas para me segurar, embora elas não estejam ouvindo.

No momento em que me preocupo com a possibilidade de desmaiar na inconsciência, duas mãos aparecem, um aperto forte que me faz levantar. Eu giro, quase tropeçando de volta para baixo, mas o apoio me firma, me mantém de pé.

“Relaxe! Sou eu.”

Pisco turvamente para Ryatt quando ele entra em foco.

“Porra. Você parece...” Ryatt se detém, aparentemente incapaz de verbalizar o quão ruim eu pareço. “Você acabou de fazer o que eu acho que você fez?”

“Rasgar outra lágrima no mundo para salvar Auren? Sim.”

“Foda-se,” diz Ryatt. “Eu nunca deveria ter dito o que disse antes, que Auren deveria vir aqui. Eu estava tão errado.”

Se eu não me sentisse como a morte, poderia recuar do choque. “Acho que nunca ouvi você admitir que estava errado.”

“Vamos, eu tenho que tirar você daqui,” diz ele com uma expressão sombria. “Você não está em posição de se defender assim. Quando essa barreira cair, esses filhos da puta podem tentar vir atrás de você.”

Olho por cima do ombro para os monarcas e nobres, para o punhado de guardas.

Eles têm sorte de eu estar fraco demais para usar mais poder, que o escudo estava levantado e não me deixou apodrecê-los em pó. Porque se as coisas fossem diferentes, se eu não estivesse tão destruído agora, eles estariam mortos. Com base em seus rostos, eles sabem disso.

A Rainha Kaila parece nervosa. O rei Merewen está totalmente apavorado. Acho que o novo Rei do Quinto pode ter cagado nas calças.

Isso só me dá uma pontada de satisfação.

Eu olho para todos eles, e eles sabem. Da próxima vez que os vir, vou matá-los.

O garoto ainda está deitado no chão, mas enquanto eu observo, ele engasga e tosse, os primeiros sinais de que está acordando, e assim que o faz, sua barreira começa a ondular, como um cobertor sendo sacudido pelo vento.

“Hora de ir,” insiste Ryatt. Afastando-se, ele joga meu braço sobre seus ombros e quase me arrasta em direção a uma asa de madeira. “Você pode andar sozinho? Iremos mais rápido se você puder viajar em seu próprio assento”.

“Eu posso montar.”

“Tem certeza?” ele pergunta em dúvida.

“Eu disse que posso montar,” eu resmungo.

“Ok, ok, idiota. Vamos lá.”

“Como você está aqui?” Eu pergunto enquanto tropeço para a besta. Eu odeio admitir que eu não teria sido capaz de andar esta curta distância se não fosse por Ryatt me segurando. “De quem é esta asa de madeira? Onde está Argo?”

“Nossos soldados me alcançaram, exatamente como eu disse que fariam quando eu encontrasse você naquele deserto. Argo está voltando para o Quarto enquanto conversamos,” ele me diz. “Provavelmente já em um navio. Ele está em boas mãos, eu prometo. Um deles é um curador de animais.”

Alívio enche meu peito.

Em um movimento vigoroso, Ryatt me empurra para cima da sela do agachamento e começa a me prender rapidamente. “Podemos alcançar os outros, viajar no mesmo navio. Duvido que algum desses filhos da puta tente alguma coisa quando estivermos atrás de nossas fronteiras.”

Mas eu balanço minha cabeça, minha mão estalando para agarrar seu pulso. “Eu não vou para o Quarto.”

Ryatt faz uma pausa, sacudindo-se para olhar para o escudo atrás de nós quando ele começa a se partir e se desfiar. “Do que diabos você está falando?”

“Eu estou indo para Deadwell.”

Ele franze a testa, abre a boca para dizer alguma coisa, mas então percebe. “Você está indo para o rasgo.”

Eu concordo. “Eu tenho que encontrá-la e não vou ter forças para usar mais força bruta. Não posso abrir outro rasgo agora.”

Ryatt balança a cabeça. “Deadwell está muito longe daqui. Teremos que trocar os Asa de madeiras.”

“Você vem comigo?” Eu pergunto, surpreso.

“Eu sou seu irmão. É claro que eu vou com você.”

Eu estudo seu rosto, vejo a determinação e lealdade feroz irradiando através dele. E eu aceno. Porque no final das contas, não importa o quanto as coisas estejam difíceis entre nós, não importa quantas discussões tenhamos, nós somos irmãos. Ele me protege, e eu a ele, e isso é tudo.

“Agora não caia,” ele ordena antes de correr e pular em sua própria asa de madeira, sua própria besta que ele me emprestou para que eu pudesse voar até aqui.

Se ele e seu grupo não tivessem me encontrado no deserto, se eu não tivesse aparecido aqui quando o fiz, Auren estaria morta. Só de pensar em como ela estava perto, meu sangue parece gelo.

Com um leve toque de nossos calcanhares, as feras saltam no ar em conjunto, assim como a barreira cai como uma camisa arrancada de um prendedor de roupa, pega pelo vento e desaparecendo de vista. Os outros monarcas estão observando minha ascensão e se espalhando como formigas, com medo de que eu voe de volta e os pegue.

Eles deveriam estar com medo. Espero que eles saltem a cada sombra. Contraiam-se a cada linha escura que aparece em sua visão periférica. Espero que continuem olhando por cima dos ombros, observando, esperando que eu esteja lá, caçando-os.

O asa de madeira que estou montando solta um rugido, e os monarcas se encolhem, fazendo um sorriso cruel torcer meus lábios. Então estamos nas nuvens e eles estão fora de vista.

E começamos nossa corrida em direção a Deadwell.



A jornada é longa e sinto cada momento intensamente, assim como quando corri do Quarto para chegar a Auren. Felizmente, consegui permanecer na sela, embora certamente não estivesse consciente durante a maior parte do passeio naquele

primeiro dia e noite. Eu estava fraco demais para fazer qualquer coisa, então Ryatt liderou o caminho, fez os planos e nos manteve em movimento.

Eu dormia na hora de pousar, comia quando ele enfiava a comida na minha mão e segurava as rédeas com força, enquanto minhas forças esgotadas voltavam lentamente.

Mas algo estava diferente.

Consegui usar minha magia normal novamente no terceiro dia, fazendo a grama murchar e apodrecer sob meus pés. No entanto, dois dias depois disso, quando minha podridão voltou ao normal, tentei ver se poderia usar força bruta, tentei testar se poderia abrir outro rasgo sem ter que usar o de Deadwell.

Eu não podia.

Não era como se eu pudesse desenterrá-lo, mas apenas um borrifo saiu. Não, eu não poderia recorrer à minha magia bruta. Há um poço no fundo do meu centro onde costumava estar o poço de força bruta, e está vazio.

Como se eu realmente o secasse, deixando apenas terra seca e decadência indomável.

Eu não contei a Ryatt. Não reconheci nada. Em vez disso, disse a mim mesmo que só precisava de mais tempo. Calei a boca do meu medo, alimentando a determinação em meus pensamentos. Acalmei minhas dúvidas enfiando a mão no bolso e sentindo sua fita. Auren precisa de mim, e eu vou chegar até ela, simples assim.

E daí se meu poder bruto é estéril agora? Ele vai voltar. Tem que voltar, porque não quero pensar no que vai acontecer com os aldeões, com minha mãe, se isso não acontecer.

Eu salvei Auren, e é isso que importa. Só preciso chegar a Deadwell para poder segui-la.

Enquanto viajamos, sou devorado por incógnitas. Não sei se ela se machucou quando caiu no rasgo. Não sei onde ela está ou se está segura. Até que eu possa vê-

la com meus próprios olhos e senti-la sob minhas próprias mãos, não poderei descansar.

Então, quando finalmente chegamos a Deadwell e ao coração de Drollard Village, sinto que estou pronto para explodir. Muitos dias se passaram.

Eu preciso encontrá-la. Precisa estar do lado certo das estrelas e no mesmo mundo onde ela existe.

Minhas botas batem na neve enquanto corro pela vila tranquila. Estou tão focado em chegar ao rasgo, em chegar até ela, que nem percebo como as coisas estão silenciosas. Não percebo que não há ninguém na rua, mesmo no meio do dia.

Ryatt grita meu nome enquanto corro para a caverna, mas não diminuo a velocidade enquanto continuo subindo a colina inclinada, botas escorregando na neve enquanto caminho. Chego à caverna, passo pela casa de minha mãe, passos ecoando pelas cavidades iluminadas de azul.

Quase lá.

Quando viro a esquina, quando chego à caverna aberta e deveria sentir alívio, derrapo até parar.

Eu pisco. De novo e de novo. Olho ao redor, esquerda e direita. Porque com certeza, com certeza minha visão está errada. Ou tomei um rumo errado. Ou... mas não. Não, porque conheço esta caverna, conheço este local exato e...

"Slade," Ryatt ofega quando ele me alcança, quase esbarrando em mim, nós dois deixando escapar as palavras ao mesmo tempo.

"Todo mundo está..." ele começa e, "O rasgo está..." eu começo.

"*Se foi.*"

Nossas palavras se juntam com um golpe ecoante que sinto como um soco no estômago.

O rasgo sumiu.

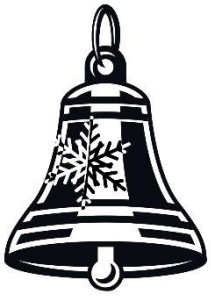
As pessoas se foram.

Auren se foi.

E a porra do meu poder para chegar até ela...

Se foi.

EPÍLOGO



Rainha Malina

“Está na hora.”

Eu lentamente viro minha cabeça da janela que estava olhando para ver os gêmeos parados ali. Não tenho certeza de quanto tempo fiquei sentada aqui, piscando para a névoa rodopiante. Às vezes, acho que quase dou uma olhada no que está além, mas é muito denso para ver através dele. No entanto, agora está escuro como breu, então sei que a noite caiu há muito tempo.

Com um sorriso, eu me levanto, olhando para o vestido branco e azul sobre o meu corpo. Não me lembro de colocar este, mas é grosso e pesado, provavelmente em preparação para o ritual desta noite.

Sigo atrás dos irmãos, e parece que num piscar de olhos já estamos do lado de fora. Como em um sonho, quando você vai de um lugar para outro em um instante, sem nenhum tempo ou esforço.

A noite está tão escura que eu estaria cega aqui se não fosse pela fileira de tochas fincadas no chão gelado. Faz a neve parecer que está pegando fogo, e eu me afasto das chamas, uma gota de suor se acumulando na minha nuca.

Fassa e Friano me levam para trás do castelo e até o fim do mundo.

Com meus pés posicionados na borda, eu olho para a borda. Apenas escuridão e névoa cinza para sempre. Terra e depois nada.

“Por aqui, Majestade.”

Eu me viro e sigo suas vozes até encontrar Pruinn parado ao lado de algum tipo de pilar bem na borda da terra.

Não, não é um pilar, quase parece...

“Você está pronta, minha rainha?” Pruinn pergunta, expressão cheia de alegria, seus olhos prateados me puxando.

Respiro o ar fresco e frio.

“Eu estou.”

A música suave que ficou presa na minha cabeça desde que cheguei aqui parece ficar mais alta. Eu ouço isso em meus ouvidos, sinto isso reverberando em meus ossos. A luz das tochas também parece se intensificar, embora eu não goste do calor. Eu gostaria de poder sentar na neve e deixá-la encharcar meu vestido para me refrescar.

Mas não consigo sentar, porque Fassa e Friano estão pegando minhas mãos, e então Pruinn tem uma pequena lâmina que tira do bolso. A música é tão alta, a luz do fogo tão quente...

A adaga é puxada pelas minhas palmas em uma única linha que se estende de uma mão à outra, cortando as linhas e marcando-as com o vermelho do meu sangue.

“Repita depois de mim, Sua Majestade.”

Então eu faço.

“*Eu sou a Rainha Malina Colier da linhagem real Colier, e de bom grado dou meu sangue para restaurar o que foi perdido e ganhar o que é novo.*”

Não tenho certeza de como é a sensação de mágica.

Nunca senti nada com Midas e, além de me sentir observada, não senti o assassino.

No entanto, sinto-me mágica agora.

Fassa e Friano batem com as palmas das mãos na minha, entrelaçando os dedos, virando minhas mãos para que meu sangue cubra suas peles e depois pingue na neve.

E a magia ruge.

Como se tivéssemos acordado uma besta adormecida do ventre da terra, e ela veio para sair com as garras. Cada gota de sangue que parece pintar o chão puxa algo do centro das minhas entranhas.

O mundo gira.

A magia late como um lobo no céu sem lua.

Então vem o vento e os terremotos.

A terra começa a tremer com tanta força que eu consigo meu desejo anterior e caio no chão. Meus joelhos batem dolorosamente no gelo, os respingos de sangue manchados na neve onde pingou.

Tudo treme tão violentamente, o lobo agora soa como se estivesse rangendo os dentes contra os ossos de sua presa, rangendo e esmagando.

Não tenho ideia de onde estão os gêmeos ou Pruinn. Há muito barulho para chamá-los, e o mundo está balançando como um navio em ondas turbulentas, então meus olhos também não podem procurá-los.

Eu agarro o chão como uma rede de segurança, a malha de neve se dissolvendo entre meus dedos. Sou jogada para o lado, rolando até minhas costas baterem no pilar que notei antes, o único poste de pedra esburacado, mas ainda de pé.

A dor atinge minhas costas e ombros, mas então há uma nova dor. Algo não do golpe, mas em minhas veias. Como se a dor estivesse viajando pelo meu sangue, do tornozelo à têmpora, congelando-a no lugar.

Meu coração fica pegajoso, meu pulso lento.

E o calor das tochas não me incomoda mais, porque felizmente estou com muito frio. Como se gelo agora saísse do meu coração e congelasse minhas veias.

Não tenho certeza de quando o chão para de tremer. Quando essa dor diminuir. Mas eu me levanto, as mãos segurando o pilar para me apoiar, e quando tropeço para ficar de pé, me viro para olhar para a terra.

Mas... O Sétimo Reino não foi restaurado.

A terra nevada não foi recomposta, curando as fendas ou preenchendo as fendas. Pelo que posso ver iluminado pelas centenas de tochas, parece exatamente o mesmo de antes.

“Funcionou.”

Eu giro ao ouvir a voz dos gêmeos para ver os dois e Pruinn de pé ao meu lado. No entanto, em vez de olhar para a terra, eles estão olhando para o abismo sem fim por trás.

Percebo então que o que estou segurando não é um pilar quebrado. É um corrimão. E agora tem outro idêntico, ambos presos entre uma faixa de terra cinza e infinita que se estende como uma ponte. Eu encaro sua extensão até onde minha visão me leva, onde a névoa agora se agarra ao corrimão ao longo do caminho inclinado que se estende através do abismo eterno.

Clareza, afiada e fria, perfura minha mente.

Como se eu estivesse dormindo e, de repente, caísse no meio de um lago gelado e acordei.

Acorde e não cheire as flores, Rainha Fria. Antes que seja tarde.

O reino não foi restaurado à sua antiga glória. A luz das tochas me mostra que está tão desmoronado e arruinado quanto pensei quando cheguei aqui. E não há cheiro de flores em meu nariz ou música em meus ouvidos.

Há sangue e algo que parece tamborilar na ponte.

Como o pulso de uma fera.

Enquanto minhas mãos agarram o corrimão, o gelo congela sob meus dedos, espalhando-se pelo pilar de pedra restaurado. Eu levanto minhas mãos para cima, olhando para os cacos de gelo presos na palma da minha mão.

E esse som continua pulsando do chão.

Eu olho para os gêmeos, o medo congelando meu coração. “O que vocês fizeram?” Eu sussurro.

Os gêmeos se voltam para mim e parecem mais assustadores de alguma forma. Os ângulos de seus rostos eram mais severos, seus olhos não continham bondade. Até Pruinn, cujo olhar sempre me atraiu, parece de alguma forma me deter agora, especialmente quando ele o acompanha com um flash de sorriso revelando caninos afiados presos em suas gengivas.

“Você quer dizer o que nós fizemos?” Eles e suas vozes misturadas soam como uma navalha passando pelo vidro. Mas são os ouvidos deles. Seus ouvidos...

“Com seu sangue e nossa magia, restauramos o que foi quebrado.”

Meus olhos baixaram a ponte. Para aquele tamborilar que percorre seu comprimento em uma batida constante. Porque eu conheço a história desta ponte. Todo orean sabe disso.

Esta é a Ponte da Lemúria.

Minha boca fica seca. O olhar se arrasta de volta para seus rostos afiados, para as pontas de suas orelhas.

“Vocês são Faes.”

O terror me invade e eu tropeço, mas eles apenas me observam com distanciamento. Como se eu fosse um coelho da neve que foi pego na armadilha deles, e eles me distraíram tanto que nem percebi.

“Eu disse a vocês que ela tinha sangue real puro,” Pruinn diz a eles. “Eu podia sentir isso.”

“Muito bem,” elogiam os gêmeos.

“O que você fez?” Eu digo novamente, minha voz tão trêmula quanto o chão estava. “Isso não é o que eu concordei.”

“Mas isso é. Você fez o trato, Majestade. Precisávamos do sangue de um puro real orean para aceitar a restauração da ponte, e você o deu.”

Aquela batida na ponte fica mais alta, mas percebo tarde demais que não é bateria. Parece... passos. Como mil pés marchando na pista. Todo o meu corpo treme com o pulso sinistro.

“O que é aquilo? Quem está vindo?”

Não gosto da maneira como seus sorrisos se tornam cruéis. Mas é a resposta unificada que faz o terror disparar em meu coração. “Os fae estão retornando. E desta vez, Orea será nossa.”

TRÊS RAINHAS

Parte Um



Era uma vez três rainhas,

embora fossem muito diferentes.

Um era uma isca, outra tão pura, a última era uma cura.

Houve uma rainha que nasceu e uma rainha que foi feita.

E uma videira de ouro dourado que cresceu na sombra.

Uma era noite e a segunda era crepúsculo.

Duas muito diferentes, duas mergulhadas em desconfiança.

A terceira foi outra descompassa (este foi de madrugada).

Mas uma coisa elas tinham em comum? Todas as três se foram.

O crepúsculo desapareceu por uma ponte,

A noite foi feita para ser morta.

E através de uma divisão no ar,

Dawn teve que ser derramado.

Assim caiu o destino,

enquanto as deusas se aproximavam.

Da eclosão de estrelas com casca,

seu destino floresceu.

Mas a sorte pode mudar e os resultados podem mudar.

E cada tipo de rainha deve aprender a tocar

- em seu poder (pois nem todo poder é mágico),

ou seus futuros acabariam sendo trágicos.

Era uma vez três rainhas,

embora fossem muito diferentes.

(Eles precisavam aprender a ter certeza.)

Uma era bastante fria, a segunda era corajosa.

Claro, a terceira, ela sempre dava.

Todas elas - cada um - causaram o desejo de outros.

E desejo é perigo

em um mundo de grande ganância.

Então ainda não estava certo

que plantação semearia.

Mas plantar todos elas fizeram,

cada rainha, sua própria raiz.

Nos mundos,

seus frutos regados com sangue.

Pois cada uma cruzou uma ponte de sua própria autoria,

cada uma tinha o mundo, desejado para tomar.

Mas sangue, coração e ouro devem ser inabaláveis,

pois somente elas poderiam determinar o que o Destino despertaria.

Continua...

OBRIGADO POR LER

Muito obrigado pela leitura! Eu realmente espero que você tenha gostado do livro quatro da série, e eu adoraria se você pudesse me deixar uma crítica rápida!

Este livro era muito sobre Slade e seu passado, além de focar nos próximos passos de Auren. Ela viveu quase toda a sua infância e juventude sob controle prejudicial, então tentei ser muito honesta e respeitosa sobre como sua jornada continua e como são os efeitos posteriores de seu trauma para ela.

Depois de todo esse tempo, Auren finalmente consegue descobrir quem ela quer ser e como ela vai se manter sozinha. Estou tão animada para experimentar isso com ela! Espero ter feito justiça e que você tenha adorado ver a progressão dela. Estou tão orgulhosa dela e de Slade, mas eles ainda têm um grande obstáculo pela frente.

Mas estou torcendo por eles.

-RK.